UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN - IAD
MESTRADO EM ARTES, CULTURA E LINGUAGENS

TATIANA SCALI ABRITTA VELOSO

DILMA ROUSSEFF,
A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER POLÍTICA:
A PRIMEIRA PRESIDENTA NAS CAPAS DE *O GLOBO* (2011-2016)

Juiz de Fora

2021

TATIANA SCALI ABRITTA VELOSO

DILMA ROUSSEFF,
A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER POLÍTICA:
A PRIMEIRA PRESIDENTA DO BRASIL NAS CAPAS DE *O GLOBO* (2011-2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós–graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes, Cultura e Linguagens.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Claudia Bonadio.

JUIZ DE FORA

2021

Abritta, Tatiana Scali
Dilma Rousseff, a trajetória de uma mulher política : a primeira presidenta nas capas de O Globo (2011-2016) / Tatiana Scali Abritta Veloso. -- 2021.
412 p. : il.

Orientador: Maria Cláudia Bonadio
Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2021.

1. Dilma Rousseff. 2. Jornal O Globo. 3. Fotojornalismo. 4. Imagem pública. 5. Moda. I. Bonadio, Maria Cláudia, orient. II. Título.

TATIANA SCALI ABRITTA VELOSO

DILMA ROUSSEFF,

A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER POLÍTICA:

A PRIMEIRA PRESIDENTA DO BRASIL NAS CAPAS DE *O GLOBO* (2011-2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes, Cultura e Linguagens.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Claudia Bonadio.

Aprovada em 12, de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Maria Claudia Bonadio
Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Alessandra Souza Melett Brum
Membro interno – Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Jefferson José Queller
Membro externo – Universidade Federal de Ouro Preto

_____

Profa. Dra. Maria do Carmo Teixeira Rainho
Membro externo – Arquivo Nacional

À minha mãe, Janice Scali Abritta (*in memorian*),
sempre com saudades e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

São muitos os afetos que me chegam à memória neste momento de agradecer. Gratidão à minha família incrível, que me deu todo o apoio e suporte para realizar essa pesquisa. Ao meu pai, Fernando Abritta, que com seu incansável interesse debateu comigo os assuntos aqui abordados e com quem compartilhei as descobertas da pesquisa. Por todas as vezes que saí em viagem para congressos e ele pode me dar uma carona até logo ali, num dos aeroportos mais próximos. À minha mãe, Janice Scali Abritta, que esteve presente nos grifos e anotações em seus livros do curso de Ciências Sociais que compõem o referencial bibliográfico dessa dissertação. Você teria adorado debater os temas dessa dissertação, mãe. À minha irmã, Carolina Scali Abritta, pela escuta e debates sobre os conceitos e temas pertinentes à pesquisa, pelos livros emprestados e arquivos em PDF compartilhados. Ao meu irmão, Daniel Scali Abritta, por se solidarizar aos meus desabafos e cansaços, pelos livros importados que conseguiu fazer chegar até as minhas mãos tão rapidamente. Ao Fred, por respeitar esse momento, essa intensa jornada de pesquisa e escrita à qual estive me dedicando por completo. E por todas as vezes que eu afirmei que aqueles eram os últimos livros que eu precisava para a pesquisa, mas não eram, e ele gentilmente fingia que acreditava vendo as estantes não terem mais espaço para alojá-los. E ao Zack, que chegou em março de 2020, me acompanhando nos momentos solitários madrugadas a dentro, os quais pareciam eternos no processo intenso da escrita. Deitando embaixo da minha mesa de trabalho, em cima dos meus pés. Sua presença foi de um conforto inigualável, obrigada, meu lobo.

À minha querida orientadora, Maria Claudia Bonadio, pela generosa orientação e amizade. Sem o seu vasto conhecimento e experiência, eu não teria tecido a trama de tantas áreas do conhecimento nessa dissertação. Foi um privilégio ter sido sua orientanda e é um orgulho tê-la em minha trajetória acadêmica.

Minha sincera gratidão aos professores que aceitaram compor essa banca, Jefferson Queler, da Universidade Federal de Ouro Preto, Alessandra Brum, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Maria do Carmo Rainho, do Arquivo Nacional; por todas as sugestões que contribuíram para que a análise se aprofundasse na tessitura dessa dissertação.

Às amigas que o mestrado me trouxe, Thaís Vasconcelos, Andressa Caires, e Isabela Bianchi, gratidão pelas conversas leves e os desabafos, e principalmente pelas risadas, tão fundamentais nesse percurso. Aos amigos que mesmo distantes se fizeram presentes, acompanhando e vibrando com cada etapa vencida durante o mestrado.

Ao programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, que oportuniza àqueles que se identificam com a pesquisa interdisciplinar o ingresso num programa que expande os horizontes acadêmicos na construção do conhecimento de qualidade. À caríssima professora Paula Guerra, do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, por contribuir com seu conhecimento, afetuosidade e desprendimento apontando bibliografias que tanto contribuíram para esta dissertação. Aos professores do programa que, direta ou indiretamente, estão presentes na construção deste trabalho de mestrado. E às secretárias do programa, Lara Veloso e Flaviana Polisseni, pela paciência e presteza com que me auxiliaram com os trâmites burocráticos do programa.

A realização dessa dissertação de mestrado não seria possível sem o acesso a uma educação superior e um programa de pós-graduação públicos. Por isso, faço questão de agradecer à Universidade Federal de Juiz de Fora, esse douto centro de ensino, por essa oportunidade ímpar. Principalmente neste momento em que o sistema público de ensino vem sofrendo um processo acelerado e severo de desinvestimento. Sem a educação pública, este trabalho não teria acontecido, precisamos defendê-la!

E não menos importante, agradeço a todas as mulheres que me precederam na luta pela emancipação feminina e pela equidade de direitos numa sociedade patriarcal opressora. Rendo, em particular, minha homenagem a todas as mulheres insubmissas que desafiaram os anos de chumbo, que perderam a vida ou pagaram o preço da ignominiosa tortura e do cárcere político para que hoje pudéssemos viver numa democracia, que infelizmente nos dias atuais novamente se encontra ameaçada. Todas, de alguma forma, estão aqui nesta dissertação.

“Se a mulher tem direito a subir ao cadafalso, ela também deve ter o direito de subir à tribuna” (OLYMPE DE GOUGES, 1998, p. 59)

“Em condições de poder, a mulher deixa de ser vista como objeto frágil, e isso é imperdoável. E aí começa a história das mulheres duras. Sou uma mulher dura cercada por homens meigos” (DILMA ROUSSEFF, 2009)

“Você não pode ser personagem de uma epopeia só” (DILMA ROUSSEFF, 2015)

RESUMO

O presente trabalho busca apreender como o jornal *O Globo* construiu e desconstruiu, a partir da narrativa imagética fotojornalística, a imagem pública da presidenta Dilma Rousseff no exercício da presidência da República no período de 2011 a 2016. Para tanto, fez-se necessário compreender como sua trajetória de vida influenciou diretamente na construção de sua imagem pública tanto pela imprensa, quanto pelo marketing político e por grupos organizados opositores à narrativa histórica da Ditadura Civil Militar (1964-1985). Nesse sentido, buscou-se apreender como a representação da mulher politicamente perigosa, a guerrilheira, foi atualizada pelo periódico, grupos opositores, e posteriormente ressignificada pelo marketing político. Para atender aos ditames do marketing político, Dilma Rousseff submeteu-se a procedimentos estéticos para tornar-se adequada à disputa eleitoral. Dessa maneira, investigou-se também como Rousseff suavizou sua imagem e aderiu ao guarda-roupa do poder, adotando ternos femininos que historicamente têm sua origem no vestuário alternativo do século XIX, adotado por sufragistas e feministas. A pesquisa abrange um recorte temporal amplo, pois que a representação imagética feminina é um constructo social e histórico de longa duração em que muitos estereótipos e estigmas são também perenizados em uma rede discursiva imagética. Os dados foram aferidos tanto nas características que a imprensa atribuía a Rousseff, quanto nas fotografias que fotojornalistas produziram que legitimavam essa narrativa. Eles, os dados, compõem uma análise histórico-semiótica das séries fotográficas identificadas e analisadas em que se identifica como o jornal, *O Globo*, narrou, em suas capas, a primeira mulher brasileira eleita a ocupar o cargo de presidenta no espaço secularmente masculino da política nacional.

Palavras-chave: Dilma Rousseff. Jornal *O Globo*. Fotojornalismo. Imagem pública. Moda.

ABSTRACT

The present work seeks to understand how the newspaper O Globo has built and deconstructed, based on photojournalistic imagetic narrative, the public image of President Dilma Rousseff, who was the Brazilian president-in-office from 2011 to 2016. Therefore, it was necessary to understand how her life trajectory directly influenced the construction of her public image by the press, as well as by political marketing and organized groups that were against the historical narrative of the Military Civil Dictatorship (1964-1985). In this sense, we sought to apprehend how the representation of Dilma as a politically dangerous woman and as a guerrilla was updated by the newspaper and divergent groups, also to be later reframed by political marketing. To meet the dictates of political marketing, Dilma Rousseff underwent aesthetic procedures to become suitable for the electoral dispute. In this way, we also investigated how these procedures softened her image, and adhered to the wardrobe of power, accepting women's suits that historically have their origin in the alternative clothing of the 19th century, adopted by suffragettes and feminists. The research covers a broad time frame, since the female imagery representation is a social and historical construct of long duration in which many stereotypes and stigmas are also perpetuated in an image discursive network. The data were verified both in the characteristics that the press attributed to Rousseff, as well as in the photographs that photojournalists produced. Hence, they compose a historical-semiotic analysis of the photographic series that were identified and analyzed in which we identify how the newspaper O Globo narrated, on its covers, the first elected Brazilian woman who occupied the position of president in the secularly masculine space of national politics.

Keywords: Dilma Rousseff. O Globo Newspaper. Photojournalism. Public image. Fashion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 BASTIDORES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO DA VIDA DE UMA MULHER POLÍTICA..... 23

2.1 Ensaios, protagonismos e estreias..... 25

2.2 Da militância política, à clandestinidade e cárcere político..... 29

2.3 A participação na luta pela redemocratização..... 52

2.4 A construção da carreira profissional na burocracia estatal..... 58

2.5 A primeira ministra de Minas e Energia..... 65

2.6 A primeira ministra chefe da Casa Civil..... 68

2.7 A primeira presidenta do Brasil..... 85

3 A NARRATIVA FOTOJORNALÍSTICA EM *O GLOBO*..... 100

3.1 O jornal *O Globo*..... 101

3.2 O fotojornalismo..... 114

3.3 O fotojornalismo e a política..... 126

4 A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA FEMININA, UM CONSTRUCTO SOCIAL E HISTÓRICO..... 130

4.1 Da sufragista à mulher cidadã – representações imagéticas da emancipação feminina e a ameaça ao *status quo* do homem burguês..... 134

4.2 De guerrilheira a presidenta: a representação imagética da mulher politicamente perigosa..... 166

4.3 A representação da mulher politicamente perigosa forjada pela Ditadura Militar..... 170

4.4 A representação da mulher politicamente perigosa atualizada..... 182

4.5 A mudança de visual da ministra Dilma Rousseff. Um pré-requisito para uma mulher ser candidata?..... 191

4.6 Uma candidata com aparência de presidenta..... 197

5 MODA, GÊNERO E POLÌTICA..... 200

5.1 A roupa como símbolo não verbal de resistência e autonomia..... 201

5.2 O guarda-roupas do poder..... 212

5.3 A construção da imagem pública de uma governante: moda, aparência feminina, imprensa e política..... 217

5.4 Uma *outsider* desafiando o *status quo* masculino da política..... 234

6 DILMA ROUSSEFF NAS CAPAS DE *O GLOBO*..... 240

6.1 Dilma Rousseff acompanhada de figuras masculinas..... 241

6.2 Dilma Rousseff acompanhada de figuras femininas..... 267

6.3 6.3 Dilma Rousseff e Lula..... 283

6.4 Dilma Rousseff e a relação com o STF..... 292

6.5 Dilma Rousseff sozinha..... 294

6.6 Dilma Rousseff e a quebra de decoro..... 307

6.7 Dilma Rousseff e a campanha política de 2014..... 314

6.8 Dilma Rousseff e a crise política..... 319

6.9 Dilma Rousseff e o "*impeachment*"..... 328

6.10 Dilma Rousseff se transforma em outra coisa..... 337

6.11 O gestual que se repete nas fotos de Dilma Rousseff..... 343

6.12 Registros de mulheres fotógrafas de Dilma Rousseff..... 344

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 347

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 355

APÊNDICE..... 367

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelas questões da política e de gênero está intrinsecamente ligado à minha trajetória de vida. Historiadora, filha de pais ativistas sociais e políticos engajados às causas da democracia e da justiça social, não foi difícil compreender, acompanhar e problematizar as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que promoveram pequenas e lentas mudanças nas estruturas da sociedade brasileira no primeiro quartel desse milênio. Exemplo disso foi a eleição da primeira presidenta do Brasil.

Ainda durante a elaboração do projeto de mestrado, no ano de 2017, no acervo de teses do Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes -, não foram encontrados trabalhos sobre a narrativa imagética nos grandes jornais sobre a Presidenta Dilma Rousseff. O resultado desta consulta mostrou como o estudo acerca das imagens da presidenta no exercício do poder executivo do país na capa dos grandes jornais ainda era inédito. Nos meios jornalísticos, algumas poucas matérias a respeito do assunto foram encontradas, mas nenhum estudo acadêmico sobre as fotografias de Dilma Rousseff nas capas do jornal *O Globo* foi produzido. As teses e dissertações já realizadas trabalham com análise do discurso, com charges, e com a linha editorial. Também se concentram na questão do *impeachment*, das campanhas eleitorais ou na construção do feminino. A partir dessas observações, a pertinência deste trabalho está em contribuir com os estudos de gênero e com estudos da construção da imagem pública da mulher política no exercício do poder no Brasil. A escolha do objeto busca apreender como a linguagem do fotojornalismo nas capas do periódico escolhido formatou um discurso discriminatório da mulher no poder reafirmando a cultura patriarcal na contemporaneidade.

Por ser impossível ignorar as relações de poder assimétricas de classe, política e de gênero como mulher e historiadora, a eleição de Dilma Rousseff como presidenta do Brasil fez-me acompanhar com grande interesse seus dois mandatos e o tratamento por ela recebido pela imprensa. Isso conduz à pergunta central que norteou essa pesquisa de dissertação de mestrado, qual narrativa imagética a imprensa, no caso o jornal *O Globo*, produziu sobre a presidenta exercendo o poder de comando do país.

Para responder essa questão, esta dissertação de mestrado abarcou o levantamento biográfico de Dilma Rousseff como forma de apresentar sua trajetória política que começou ainda na juventude e sua história de vida e trajetória política até o momento em que foi interrompida num impeachment sem crime de responsabilidade. Este levantamento foi feito em revistas, jornais, livros, sites, redes sociais e documentários - além do livro-reportagem *A*

vida quer é coragem, de Ricardo Amaral (2011), que tem contornos de biografia. Colocou-se como finalidade apresentar quem foi a mulher política Dilma Rousseff que foi apresentada à população brasileira através do que publicizaram sobre ela em jornais, revistas, blogs, redes sociais e campanhas políticas.

A bibliografia utilizada para a dissertação de mestrado contemplou a história das mulheres, história da moda, história cultural da imprensa no Brasil, história política, ciência política, filosofia política e antropologia política. Assim como, estudos culturais acerca da fotografia, fotojornalismo, da cultura visual, gênero, representação feminina pela pintura, charges e fotografia; além de estudos da sociologia interacionista para responder aos objetivos do projeto de pesquisa que foi realizado nessa dissertação de mestrado.

A representação imagética de Dilma Rousseff como presidenta do Brasil esteve presente nas páginas internas e capas do periódico *O Globo* desde janeiro de 2011. Contudo, esta pesquisa não se concentrou apenas na análise das fotografias de capa através do acervo online do jornal, abrangendo o primeiro mandato, 2011 a 2014 e o segundo mandato, de 2015 a 2016. Também foram selecionadas e analisadas imagens de Dilma Rousseff enquanto presa política da Ditadura Militar, ministra de Estado dos governos Lula (2003-2011) e candidata à eleição e reeleição presidencial em revistas e outros jornais além do periódico da família Marinho. Dessa maneira, foi possível aferir quais características foram atribuídas à Dilma Rousseff e em que período - quando esteve à frente dos ministérios de Minas e Energia e da Casa Civil enquanto sua imagem pública estava sendo construída pelos jornais antes de ser eleita presidenta, além das mudanças em seu visual que foram feitas antes das eleições de 2010. O quadro abaixo explicita esse percurso temporal e as características.

Período:	Características atribuídas à Dilma e mudanças em sua imagem pública
2003 a 2016	Guerrilheira, terrorista, durona, gerentona, agressiva, autoritária, centralizadora, incompetente, inabilidade política, desequilibrada, inapta para governar.
2008	Mãe do PAC, poste (pesquisas de intenção de voto), inflexível.
2009	Aparece com novo visual, tratamento contra câncer/peruca, assume os cabelos naturais. Muitas caras.
2010	Despreparada. A sombra de Lula. Aprimora o visual e o guarda-roupas como candidata à presidência da República.

O objetivo principal desta dissertação é a análise das fotografias de capa da presidenta Dilma Rousseff nas capas do jornal *O Globo*. Portanto; foi necessário apresentar de modo sucinto a história do periódico, como ele acompanhou as transformações no jornalismo no decorrer do tempo, e como participou em momentos importantes da história contemporânea política do Brasil, bem como sua relevância até os dias atuais. O jornal *O Globo*, desde a década de 1990, alcançou "71% de sua audiência nos públicos AB" (BARBOSA, 2007, p. 222). No ano de 2004, "26% dos leitores de *O Globo* situam-se na chamada classe A e 5% na classe B, representando 71% do total. O jornal tem 25% do seu público na classe C e 4% nas classes D/E" e a maior parte da audiência do periódico é feminina: "elas representam 55% de audiência" (BARBOSA, 2007, p. 229). Segundo dados do IVC – Instituto Verificador de Comunicação -, que é responsável pela auditoria dos principais jornais e revistas do Brasil e, por consequência, a principal referência nesse segmento, além de auditoria de web sites, o jornal *O Globo* de 2011 até 2016 permaneceu classificado como jornal impresso com a segunda maior circulação do Brasil[1].

Cabe retomar e ressaltar que a influência do periódico do Grupo Globo não está restrita apenas a esse meio de comunicação. Como o sistema de comunicação brasileiro, permite a existência da propriedade cruzada da mídia. O Grupo Globo constitui-se como o maior conglomerado de mídia de país, possuindo canais de televisão aberta, via satélite e a cabo, emissoras regionais afiliadas em todos os estados, rádios FM e AM, jornais, revistas, uma editora e o G1- portal noticioso da internet no Brasil. Dessa maneira, o que foi por ele publicado também foi veiculado nos demais meios de comunicação da família Marinho.

A metodologia da pesquisa, tanto bibliográfica quanto imagética, buscou fundamentar-se na Nova História, que se interessa potencialmente por toda atividade humana como uma construção cultural, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. Como a base, o fundamento filosófico da Nova História é a ideia de que a realidade é cultural ou socialmente composta por um todo que se propõe a uma análise das estruturas sociais e culturais. De acordo com Burke (1992), a História das Mentalidades coletivas busca analisar as ações individuais, a coletividade em movimento, as tendências, entre outros, encontrando nas fontes

---

[1] O Instituto Verificador de Comunicação, "IVC Brasil – A verdade *allmedias,* é uma entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia. Seu objetivo é fornecer ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, incluindo tráfego web, tanto de desktops quanto de smartphones, tablets e aplicativos, bem como circulação, eventos, e inventário e campanhas de mídia out of home. Para isso, conta com plataforma única que interliga números de diversas audiências às agências mais importantes de todo o País. A entidade é composta por representantes de anunciantes, agências de propaganda e editores". Disponível em: https://ivcbrasil.org.br/#/home Acesso: 03 mar 2019.

como história oral, fotografias, utensílios e correspondências uma gama de objetos e elementos que viabilizam ao pesquisador emergir como historiador social.

A obra *Imagens e Imaginário na História*, de Michel Vovelle (1997), que analisa a contribuição essencial da imagem ao estudo das mentalidades coletivas, em que elas podem ser apreendidas como imagem-testemunho, que relata e contribui para construir o acontecimento em toda sua espessura política, social e cultural, contribui para a análise qualitativa das fotografias de Dilma Rousseff. A obra *Testemunha Ocular*, de Peter Burke (2016), também contribuiu na análise qualitativa ao propor o uso das imagens interrogando-as como evidências históricas - assim como Boris Kossoy (2001) em *Fotografia e História*, que analisa o artefato fotográfico como um documento histórico imerso na concepção de mundo de seu autor, por isso não se pode excluir o contexto em que foi produzido.

A análise das fotografias de capa da presidenta em *O Globo* segue ainda a metodologia concebida e proposta pela historiadora e pesquisadora Ana Maria Mauad (2005), o método histórico-semiótico. No trabalho, *Na mira do olhar: um exercício de análise nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século* XX a autora trabalha a relação da fotografia com a cidade e a importância da pesquisa das imagens numa perspectiva transdisciplinar. Nesta proposta metodológica cabe ao pesquisador encontrar padrões que se repetem nas imagens e agrupá-las em séries fotográficas nas quais dialoguem entre si. Além disso, cabe a elaboração de uma ficha fotográfica para cada imagem que deve conter o nome do fotógrafo, a data da fotografia, o nome do periódico onde foi publicado, o enquadramento, angulação e plano utilizado na composição da imagem, e finalmente a descrição da foto.

Essa metodologia também foi utilizada pela historiadora e pesquisadora Maria do Carmo Rainho (2014) na obra *Moda e Revolução nos anos 1960*, a qual metodologicamente trabalha com as "imagens agrupadas em séries para que fiquem para que fiquem evidenciados, enfoques e sujeitos que são recorrentemente alvos da fotografia de imprensa, mas também aquilo que é omitido ou mais raramente mencionado" (RAINHO, 2014, p. 53). Durante a pesquisa e análise das fotografias de capa, foi recorrente um elemento gestual da presidenta Dilma Rousseff, o dedo em riste ou a mão levantada, em 10 fotos constituindo uma série fotográfica pelo padrão identificado. Esse gestual de Rousseff era capturado pelos fotojornalistas em discursos e coletivas de imprensa, e ajudou o jornal a construir e consolidar, através de características que eram atribuídas a ela, um perfil de mulher agressiva, autoritária, inflexível, durona e centralizadora. Essa narrativa imagética foi construída de modo concomitante à desconstrução de sua imagem pública, através desse mesmo gestual, só

que com outras características à presidenta atribuídas: desequilibrada, despreparada, incompetente, inapta para governar.

Pela abordagem metodológica de Ana Maria Mauad (2005), o pesquisador deve compreender que a fotografia

> "envolve uma abordagem em que produtores e consumidores da imagem fotográfica possuem um *locus* social definido. (...) a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente (MAUAD, 2005, p. 139)

O pesquisador, para desenvolver um trabalho crítico das imagens fotográficas, necessita conhecer "a noção de série ou coleção" a fim de superar a limitação da análise de um exemplar único. Segundo Mauad:

> A ideia de série extensa e homogêneas foi tornada complexa pela noção de coleção, que rompe com a homogeneidade, demandando ao pesquisador uma metodologia que considere seu caráter polifônico, resultante do circuito social de produção, circulação e consumo de imagens.
> O princípio de intertextualidade. Como corolário da primeira premissa depreende-se que uma fotografia, para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade da época. Sendo assim, o uso de fotografias como fonte histórica obriga tanto as instituições de guarda quanto os historiadores ao levantamento da cultura histórica que institui os códigos de representação homologadores das imagens fotográficas no processo continuado de produção de sentido social.
> O trabalho transdisciplinar. (...)expresso na aproximação efetiva da História com as diferentes disciplinas das Ciências Sociais. Nesse sentido, a compreensão da fotografia como uma mensagem significativa que se processa através do tempo, dialogando reiteradamente com os elementos da cultura material que a produz, demanda por parte do historiador um aparato teórico-metodológico que a crítica tradicional não habilitava, obrigando-o ao desenvolvimento de novos questionamentos e procedimentos em perfeita coordenação com outros saberes (MAUAD, 2005, p.138 – p. 139).

Dessa forma, no estudo das imagens, como estas não falam por si mesmas, cabe ao pesquisador questioná-las olhando através delas. Numa abordagem histórico-semiótica, o pesquisador deve ater-se aos seguintes passos:

> O primeiro é entender que, numa dada sociedade, coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação, que fornecem significado ao universo cultural dessa mesma sociedade. Os códigos são elaborados na prática social e não podem nunca ser vistos como entidades ahistóricas. O segundo passo é conhecer a fotografia como resultado de um processo de

> construção de sentido. (...)A fotografia comunica-se por meio de mensagens não-verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. O terceiro passo é perceber que a relação acima proposta não é automática, posto que entre o sujeito que olha e a imagem que elabora existe todo um processo de investimento e sentido a ser avaliado (MAUAD, 2005, p. 144).

A partir dos apontamentos roteirizados por Mauad (2005), foi desenvolvida uma ficha de análise para cada fotografia com elementos da forma do conteúdo juntamente com elementos da forma de expressão contemplando as "unidades culturais" (ECO *apud* MAUAD, 2005, p. 146) de cada imagem com a intenção de desmontá-las e analisá-las.

Fotógrafo/Agência	
Jornal	
Data	
Enquadramento, planos, ângulos	
Descrição	

Uma análise quantitativa também foi empregada na pesquisa computando o total de capas por mês e ano, assim como o número de fotografias de cada categoria encontrada. Foram identificados padrões que se repetem para representar a presidenta na capa dos jornais. Do total de 181 imagens, a princípio foram separadas as capas pela categoria gênero: Dilma acompanhada de figuras masculinas: 84 fotografias; Dilma acompanhada de mulheres: 13 fotografias; e Dilma acompanhada de homens e mulheres na mesma foto: 27 imagens. Dentre essas representações imagéticas, foi possível subdividi-las em outras categorias tais como classe, estereótipos femininos, entre outros: Dilma com autoridades masculinas (chefes de Estado, governadores, prefeitos, juízes, senadores, entre outros): 70; com ministros de governo: 23 ; Dilma com o presidente Lula: 16; Dilma com autoridades femininas: 13; Dilma em quebra de decoro: 15; Dilma sozinha: 34; Dilma e sombra: 05; Dilma e cochicho: 04; Dilma na campanha da reeleição: 20; Dilma e a crise política:13; Dilma e o impeachment: 24; e uma pequena quantidade de 08 fotografias de capa que foram classificadas como "Dilma se transforma em outra coisa".

Categorias	Quantidade
Dilma acompanhada de figuras masculinas	84 fotografias
Dilma acompanhada de figuras femininas	13 fotografias
Dilma com ministros	23 fotografias

Dilma com autoridades masculinas	70 fotografias
Dilma com autoridades femininas	13 fotografias
Dilma sozinha	34 fotografias
Dilma com Lula	16 fotografias
Dilma e a relação com o STF	4 fotografias
Dilma e sombras	3 fotografias
Dilma e cochicho	4 fotografias
Dilma se transforma em outra coisa	6 fotografias
Dilma e quebra de decoro	15 fotografias
Dilma e movimentos sociais	3 fotografias
Dilma em comemoração com o PT	6 fotografias
Dilma em eventos sem autoridades	6 fotografias
Dilma na campanha para reeleição	20 fotografias
Dilma se a crise política	13 fotografias
Dilma e o impeachment	24 fotografias

Também foram aferidos dados quanto ao gênero dos fotojornalistas que produziram as imagens que foram selecionadas pelo jornal *O Globo,* e dados quantitativos da produção feminina e masculina. O resultado revela uma disparidade de gênero extremamente relevante: num total de 55 fotógrafos que tiveram suas fotos publicadas na capa do periódico, apenas 3 são mulheres. Esse dado responde uma das perguntas, objetivo específico do projeto de pesquisa, uma vez que temos uma cobertura fotojornalística da primeira mulher eleita e reeleita democraticamente para o cargo da presidência da República, exercendo o poder, mas sendo narrada pelo olhar masculino. Essa informação abre espaço para outra pergunta sem resposta: se a quantidade de fotógrafas mulheres fosse a mesma que a masculina, a narrativa fotojornalística, enquadramento, ângulos, planos escolhidos seriam diferentes, favoreceriam a imagem de Dilma? De concreto, sabe-se que a escolha da foto de capa do jornal é determinada na reunião com o editor chefe do jornal e os fotógrafos não participam dessa decisão. Contudo, ainda é o olhar de um homem atrás da câmera, escolhendo o melhor ângulo para a capa do periódico, não para a autoridade retratada.

Dados como nome dos fotógrafos e a quantidade de fotos que tiveram espaço nas capas foram computados, bem como a qual agência de fotografia ou jornal pertenciam na época. As agências de fotografia hoje também denominadas agências de notícias fornecem

para jornais, sites de notícias e canais de televisão imagens recentes relativas a acontecimentos ao redor do mundo. Essas agências podem ter escritórios nos principais centros urbanos do globo ou até mesmo adquirir fotografias de agências locais. A fundação londrina *Illustrated Journals Photographic Supply Company*, criada em 1894, foi a primeira agência fotográfica, de fato, que inaugurou uma era de expansão do fotojornalismo. Em 1907, a *National Geographic* tornou-se pioneira do uso da cor na fotorreportagem. Essas agências forneciam fotografias aos jornais e revistas. A partir de 1910, a fotografia jornalística faz sua verdadeira aparição nos jornais europeus, sendo utilizadas como meio de informação e não de ilustração (SOUSA, 2000). Durante a pesquisa foram encontradas, em sua maioria, fotografias produzidas por fotógrafos da agência *O Globo* de fotografia, além de algumas imagens de fotojornalistas contratados pelo jornal ou *freelancers*. A agência foi criada em 1976 pelo *Grupo Globo* e possui um elenco de fotógrafos que produz imagens não apenas para o periódico, mas para todos os veículos de comunicação do grupo.

Total de mulheres fotojornalistas	3
Total de homens fotojornalistas	55
Total de agências de fotojornalismo e notícias	12
Total de fotojornalistas colaboradores de O Globo	6
Total de fotografias	181
Total de fotografias sem assinatura de agências	3
Total de fotografias produzidas por fotojornalistas da agência O globo	74
Total de fotografias produzidas pelo fotógrafo oficial da Presidência da República	8
Total de fotografias produzidas por fotojornalistas de outras agências de fotojornalismo e notícias	46

Fotógrafos	Jornal/Agência	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Domingos Peixoto	Agência O Globo	1	-	-	1	-	-	2
Adriano Machado	AFP	1	-	-	-	-	-	1
Jorge William	Agência O globo	1	-	-	-	4	1	6
Gustavo Miranda	Agência O Globo	12	12	2	-	-	-	26
Pedro Kirilos	Agência O Globo	1	-	-	-	-	-	1
Marcos Alves	Jornal O Globo	2	-	2	-	-	-	4
Renato Miranda	TV Globo	1	-	-	-	-	-	1
Michel Filho	Agência O Globo	1	-	-	1	-	-	2
Beto Barata	AE	1	1	-	-	-	-	2
Jason Lee	Reuters	1	-	-	-	-	-	1
André Coelho	Agência O Globo	2	2	-	4	2	3	13
Roberto Stuckert F.	Presidência	3	3	-	-	1	1	8
Marcelo Carnaval	Agência O Globo	1	-	-	1	2	-	4
Ueslei Marcelino	Reuters	1	-	-	-	3	4	8
Givaldo Barbosa	Agência O Globo	1	-	1	-	1	7	10
Pedro Ladeira	AFP	1	1	1	-	1	-	4

Jéssica Rinaldi	Reuters	1	-	-	-	-	-	1
Pedro Monsivais	AP	1	-	-	-	-	-	1
Stan Honda	AFP	1	-	-	-	-	-	1
Ricardo Stuckert	Instituto Lula	1	-	-	-	-	-	1
Lúcio Távola	A Tarde	-	1	-	1	-	-	2
Adalberto Roque	Reuters	-	1	-	-	-	-	1
Lula Marques	Folhapress	-	1	-	-	-	-	1
Odd Andersen	AFP	-	1	-	-	-	-	1
Carlos Magno	Não identificado	-	1	-	-	-	-	1
Kevin Lamarque	Reuters	-	1	-	-	-	-	1
Evaristo Sá	AFP	-	1	-	-	-	-	1
Eliária Andrade	Jornal O Globo	-	1	-	-	-	-	1
Remy Mauviniere	Reuters	-	1	-	-	-	-	1
Paulo Whitaker	Reuters	-	1	-	1	-	-	2
Alexandre Cassiano	Agência O Globo	-	-	1	-	-	-	1
Fotoarena	Fotoarena	-	-	1	-	-	-	1
Beth Santos	Jornal O Globo	-	-	1	-	-	-	1
Hans Von Manteuffel	Agência O Globo	-	-	2	-	-	-	2
Enrique Marcarian	Reuters	-	-	1	-	-	-	1
L. Adolfo	Folhapress	-	-	1	-	-	-	1
Eraldo Peres	AP	-	-	1	-	-	-	1
Ailton de Freitas	Agência O Globo	1	-	2	1	3	-	7
Eric Feferberg	AFP	-	-	1	-	-	-	1
Andrew Burton	AP	-	-	1	-	-	-	1
Divulgação MTST	MTST	-	-	-	1	-	-	1
Yasuyoshi Chiba	AFP	-	-	-	1	-	-	1
Ichiro Guerra	Divulgação	-	-	-	3	-	-	3
Gabriel de Paiva	Agência O Globo	-	-	-	1	-	-	1
Fernando Donasci	Jornal O Globo	-	-	-	1	-	-	1
Fabio Seixo	Jornal O Globo	-	-	-	1	-	-	1
Geraldo Bubniak	AGB	-	-	-	1	-	-	1
Pablo Jacob	Jornal O Globo	-	-	-	1	-	-	1
Ivo Gonzalez	Agência O Globo	-	-	-	1	-	-	1
Reprodução TV		-	-	-	1	-	-	1
Ed Ferreira	Estadão Conteúdo	-	-	-	-	1	-	1
Mandel Ngan	AFP	-	-	-	-	1	-	1
Daniel Marenco	Jornal O Globo	-	-	-	-	1	-	1
Orlando Brito	Fato online	-	-	-	-	1	2	3
Reuters	Reuters	-	-	-	-	1	-	1
Stefan Jerrevang	AFP	-	-	-	-	1	-	1
Martin Bureau	AFP	-	-	-	-	1	-	1
AP	AP	-	-	-	-	-	1	1
Léo Correa	AP	-	-	-	-	-	1	1

Agências	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Agência O Globo	20	13	8	9	12	11	73
Reuters	4	4	3	1	4	4	20
AFP - Agência France Press	2	3	2	1	2	-	10
Folhapress	-	1	1	-	1	-	3
AP - Associated Press	-	-	2	-	1	1	4

Agência Estado/Estadão Conteúdo	1	1	-	-	1	-	3
AGB	-	-	-	1	-	-	1
Fotoarena	-	-	1	-	-	-	1
A Tarde	-	1	-	1	-	-	2
FRAME	1	-	-	-	-	-	1
Fato Online	-	-	-	-	1	-	1
OB News	-	-	-	-	-	2	2

Instituições e movimentos sociais que produziram fotografias que estão nas capas do jornal *O Globo*:	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Assessoria de comunicação da Presidência da República/Roberto Stuckert Filho	3	3	-	-	1	1	8
Instituto Lula/Ricardo Stuckert	1	-	-	-	-	-	1
Divulgação MTST	-	-	-	1	-	-	1

Cabe ressaltar que, no decorrer deste trabalho com as fotografias coletadas no acervo digital do jornal *O Globo,* houve algumas limitações ao trabalhar com a captura das imagens por *printscreen*. Isso porque se perde substancialmente a qualidade das imagens quando estas são ampliadas, assim como não foi possível encontrar fotografias, que são públicas da presidenta Dilma Rousseff durante os anos que esteve no exercício do cargo executivo no *site* do Palácio do Planalto. Tampouco foram encontradas fotografias dos dois mandatos do presidente Lula, que poderiam ter fornecido imagens com Dilma Rousseff quando esta esteve à frente dos ministérios de Minas e Energia e da Casa Civil no mesmo *site*. Ao entrar em contato com a assessoria do fotógrafo oficial da Presidência da República, Ricardo Stuckert, durante os governos Lula, para solicitar uma fotografia de um evento específico para a pesquisa, foi confirmado que estava sendo muito difícil encontrar no site do Palácio do Planalto. Os registros fotográficos que em 2018 ainda estavam disponíveis, mas de modo bastante confuso, em 2019 e 2020 não foram mais encontrados. Isso pode apontar para a possibilidade do apagamento da memória imagética do governo Dilma Rousseff, assim como de Lula.

Outra limitação encontrada no decorrer da pesquisa no acervo digital do jornal *O Globo,* e que seria encontrada em acervo de qualquer periódico, é que nem sempre a fotografia que está na capa do jornal está relacionada à manchete principal ou outra notícia da capa. Dessa forma, as legendas não contemplam todas as autoridades ou personalidades fotografadas, assim como quando a foto está relacionada a algum pequeno texto na capa do jornal - este não contempla a imagem. Muitas vezes a imagem utilizada diz respeito a outro evento, o que dificulta a identificação completa de todos os retratados na imagem analisada, deixando pequenas lacunas.

O segundo capítulo dessa dissertação procura apresentar a trajetória de Dilma Rousseff, tendo como foco sua vida pública. Essa foi uma sugestão da banca de qualificação. Confirmou-se como uma real necessidade apresentar ao leitor quem é a mulher Dilma Rousseff. Em 2019, quando as pessoas assistiram ao documentário *Democracia em Vertigem* (2019), muitos me relataram como ficaram surpresos em ver como é a presidenta, uma pessoa completamente diferente da que foi apresentada pela imprensa, por comentaristas de telejornais, portais de notícias da internet e redes sociais. Puderam perceber que tudo que acreditavam que sabiam sobre Dilma era uma narrativa construída pelos meios de comunicação.

Ao trabalhar com a narrativa de vida, houve a preocupação de apresentar a biografia de Dilma Rousseff não como uma heroína ou enaltecendo sua pessoa nos moldes da filosofia da história, que apresentava a biografia de uma pessoa pública como se os eventos de sua vida fizessem parte das forças de seu destino que culminariam com seu êxito, como problematiza a questão o sociólogo Pierre Bourdieu. Dessa maneira, optou-se por demonstrar que toda pesquisa biográfica é uma narrativa que faz emergir as contradições do biografado e que os eventos estão imersos em contextos que fazem parte constitutiva dos atores sociais. Dessa forma, diversas fontes como *A vida quer é coragem*, de Ricardo Amaral (2011), entrevistas, documentários fílmicos, depoimentos sobre Dilma, fotografias e reportagens dialogam compondo a narrativa biográfica da trajetória da primeira presidenta, sua história de vida privada até seu segundo mandato interrompido num processo de *impeachment* sem crime de responsabilidade.

O terceiro capítulo trata da imprensa, especificamente do jornal *O Globo* e o fotojornalismo. Buscou-se apreender como o periódico em questão foi construído e modernizando-se no decorrer do século XX. Principalmente, como se comportou e participou de momentos decisivos da história contemporânea do Brasil - como no apoio ao Golpe Militar de 1964 e o alinhamento à política neoliberal, estando num campo oposto à política nacional desenvolvimentista do governo Rousseff. Quanto à questão do fotojornalismo, a análise pautou-se pela crítica à construção da fotografia como espelho da realidade (SONTAG, 2007), à de foto-testemunho (KOSSOY, 2014; VOVELLE, 1997) e à da linguagem fotojornalística do instantâneo enquadrando o acontecimento sucedido (SOUSA, 2000). Influenciando nas fotografias de capa selecionadas pelo jornal construindo uma narrativa da presidenta e na desconstrução de sua imagem pública.

O quarto capítulo discute e analisa a construção social e histórica da representação imagética feminina (PERROT, 1998) num tempo de longa duração (BRAUDEL, 1992).

Debate-se nesse capítulo como a luta por autonomia e emancipação feminina no século XIX gerou um movimento de resistência na sociedade patriarcal burguesa que ainda permanece vívido e atuante, o que reflete diretamente na sub-representação feminina nos poderes legislativo e executivo municipal, estadual e federal – mesmo que a população feminina seja maior que 50% que o total da população brasileira. Essa resistência masculina à ocupação dos espaços secularmente construídos e guardados como legitimamente masculinos gerou estereótipos femininos que se perenizaram numa rede discursiva conjugando imagens e palavras que são atualizadas no decorrer do tempo. Nesse sentido, a "imagem da mulher politicamente perigosa" (PINSKY, 2016), na figura de Dilma Rousseff desde a Ditadura Militar, foi atualizada e ressignificada no decorrer de sua atuação como ministra e na campanha eleitoral. Durante a análise da construção de sua imagem pública, é possível ver como essa esteve em disputa entre o governo Lula somado ao marketing político e à imprensa. E como Dilma Rousseff precisou se submeter a intervenções estéticas para suavizar sua imagem pública, tornando-a mais adequada ao eleitorado, à campanha, à elite econômica nacional e ao mercado.

No quinto capítulo continuam sendo abordadas as questões da aparência feminina relacionadas a moda e a emancipação feminina, as quais se conjugam na adoção de novos trajes e costumes adequando-as ao espaço público. Vislumbra-se entender E como a roupa e gênero estão imbrincados numa busca por reconhecimento da legitimidade e respeitabilidade das mulheres na política. Dilma Rousseff, enquanto ministra, candidata e presidenta, adotou o uniforme de mulheres políticas (BEARD, 2018). Esse uniforme, conhecido primeiramente como ternos femininos, deriva do vestuário alternativo (CRANE, 2006) adotado por mulheres que lutavam pela emancipação, pelo sufrágio e equidade de direitos políticos e civis no século XIX. Todas essas questões concernentes ao gênero feminino na política não aparecem apenas como pano de fundo no cenário político, mas são manipuladas pela imprensa ao erigir acontecimentos (ABREU, 2017) - que tem um papel de protagonismo na construção do espetáculo político e, por conseguinte na construção de lideranças políticas (EDELMAN, 1988). Quando são lideranças políticas mulheres, estas são escolhidas para enfrentar tempestades e momentos de crise, *"outsiders"* (SAPIRO, 1993), ou mulheres salvadoras, enérgicas (PERROT, 1998).

O sexto capítulo apresenta as capas do jornal *O Globo* analisadas no decorrer da pesquisa desta dissertação de mestrado. As imagens estão agrupadas em blocos (RAINHO, 2014) em que os elementos em comum repetem-se entre elas, compondo séries fotográficas (MAUAD, 2005). O marcador mais evidente na análise destas séries de fotografias é o

gênero, que evidencia uma enorme lacuna na vida social e política nacional, a ausência de figuras femininas entre autoridades e representantes politicas femininas. Outro fator importante é a atenção para a característica primordial do fotojornalismo como linguagem do instantâneo (SOUSA, 2000) que captura o corpo e o rosto em movimento congelando-o no que poderia ser caracterizado como quebra de decoro da presidenta (HAROCHE, 1998). A série de fotografias do período do *impeachment* enquadra Dilma como se esta estivesse sempre sozinha, isolada geograficamente numa metáfora de isolamento político. Isso leva à série que foi classificada como "Dilma se transforma em outra coisa", em que a presidenta tem sua imagem desmembrada, desfigurada e transformada em outra coisa. São algumas das análises das fotografias de capa do periódico do Grupo Globo.

O presente trabalho busca contribuir para uma compreensão a respeito da primeira presidenta do Brasil eleita democraticamente, sua trajetória de vida e como sua imagem pública foi construída e desconstruída num complexo processo de violência política e de gênero. Processo esse em que diferentes atores e segmentos sociais, disputaram e ainda disputam a narrativa sobre sua figura e seu governo.

2 OS BASTIDORES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO DA VIDA DE UMA MULHER POLÍTICA

Na história recente do Brasil, mais especificamente falando da Nova ou Terceira República, após 25 anos em que se cumpriram mandatos presidenciais masculinos, uma mulher foi eleita democraticamente para Presidenta da República[2]. Retrocedendo no tempo em toda a história republicana nacional para se analisar esse feito, 120 anos (naquele ano de 2010), este se torna ainda mais notável. Um feito histórico.

A mulher que foi eleita Presidenta da República Federativa do Brasil é Dilma Vana Rousseff - em 31 de outubro de 2010 com 55.752.529 votos concorrendo pelo Partido dos Trabalhadores. Em 2008, quando ainda era ministra do governo Lula, e seu nome estava incluído em pesquisas de intenções de voto, "era tratada quase como piada por boa parte dos políticos e analistas, (...) que seria como tentar eleger um poste" (AMARAL, 2011, p. 176)[3].

De fato, naquele momento, Dilma Rousseff não era conhecida pela população brasileira, mas estava muito longe de ser um poste. A então ministra do governo possuía uma relevante biografia política cuja trajetória se iniciava ainda na juventude como estudante secundarista. A história de vida de Dilma está atravessada pela história política do país, ou seria o contrário?

Para conhecer e analisar a história de vida de Dilma foi utilizada a obra *A vida quer é coragem*, do jornalista Ricardo Batista Amaral (2011). Apesar de ser uma pessoa pública, não existe outro trabalho tão aprofundado em sua figura. Entretanto, faz-se necessário compreender o lugar de fala privilegiado de Ricardo Amaral ao empreender a narrativa biográfica de Dilma Rousseff, pois que a obra assumiu contornos de biografia oficial apesar de o autor ter afirmado em entrevista à revista *Exame* que não a conceitua como uma biografia autorizada, e que a concebeu como um livro-reportagem ao inserir na narrativa

---

[2] A Nova República é o período que corresponde ao fim da Ditadura Civil Militar até os dias atuais. Segundo Lilian Schwarcz e Heloisa Starling (2018) os pressupostos da Nova República podem ser compreendidos dessa maneira, "um projeto de transição ambíguo, que incluía uma solução política conservadora e uma alternativa de mudança conciliatória, mas não era nada desprezível: estava orientado para avançar na reconstrução democrática e buscar a estabilização econômica e a estabilidade institucional" (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 487). Para Sérgio Abranches (2019) a Nova República seria estritamente o período "entre o regime militar e a nova carta política, o interregno ainda sob a Constituição autoritária de 1967" (ABRANCHES, 2019, p. 399), a partir da promulgação da Constituição de 1988 tem início a Terceira República ou República Democrática.

[3] Estatística e resultado da eleição. Tribunal Superior Eleitoral. Estatística das Eleições 2010. http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/candidaturas-votacao-e-resultados/estatisticas acesso em: 13 jan 2019.

biográfica a contextualização histórica[4]. Contudo, não foi esclarecido se o texto foi autorizado pela biografada.

Amaral atuou como repórter fazendo a cobertura de política por mais de duas décadas na capital federal. O fato mais significativo: foi assessor da Casa Civil e da campanha de Dilma Rousseff, fato que se traduz na narrativa da obra biográfica ao revelar os meandros da vida privada e pública da primeira mulher eleita presidenta. O autor afirmou também que nunca entrevistou Rousseff, mas teve acesso a fotografias de sua vida privada e com aqueles que participaram de sua vida pessoal e profissional.

No percurso da pesquisa bibliográfica da presente dissertação de mestrado foram encontradas entrevistas concedidas por Dilma Rousseff a veículos de comunicação e, a partir delas, alguns jornalistas buscaram traçar seu perfil. Dessa maneira, o livro *Vultos da República*, organizado pelo jornalista Humberto Wernek (2010), forneceu, através de capítulos escritos por Luiz Maklouf Carvalho (2010), contrapontos ao estudo biográfico oficial da presidenta. A obra foi escolhida por trazer uma narrativa crítica que contradiz em alguns momentos a trajetória de vida de Rousseff narrada por Amaral.

Outra obra utilizada foi da Coleção Folha sobre os 130 anos da República do Brasil, *Dilma Rousseff: a primeira presidente*, lançada em 2019. Tal obra foi escolhida por contemplar também a vida de Dilma, além de trazer o registro de seu primeiro e segundo mandato numa narrativa bastante crítica, seguindo o tom oposicionista que o jornal *Folha de S. Paulo* adotou durante seu governo. O livro foi escrito pelo jornalista Lucas Ferraz que colabora com a *Folha de S. Paulo*, com as revistas *Piauí* e *Época*, entre outros. A coleção em si já apresenta um posicionamento bastante controverso ao colocar como presidentes da república os ditadores do Regime militar (1964-1985). Isso não condiz com a concepção de República em que indivíduos são eleitos para ocupar o cargo da presidência[5].

Foram pesquisados também artigos de jornais e revistas, assim como documentários e fotografias que foram utilizados auxiliando na pesquisa. Faz-se necessário apontar que as três principais obras aqui elencadas e utilizadas, que contemplam a vida de Dilma, foram escritas por homens. A revista feminina *Marie Claire*, que realizou duas entrevistas com Dilma Rousseff, possibilitou incluir sua voz como ministra e como presidenta neste capítulo.

---

[4] Da redação, Jornalista lança biografia da presidente Dilma Rousseff. Exame, 23/01/2012. Disponível em: https://exame.com/casual/jornalista-lanca-biografia-da-presidente-dilma-rousseff/ , acesso em: 11 ago 2020.

[5] "Toda República nasce de um momento constituinte, no qual uma assembleia autorizada pelos cidadãos formaliza, sob a forma de lei impessoal e geral, o contrato político coletivo, com base na interpretação possível desse sonho no seu tempo. Um contrato político que define o desejo comum de conviver segundo os valores republicanos"(ABRANCHES, 2019, p. 406).

É importante ressaltar que a apresentação a seguir da vida de Dilma Rousseff é necessária para que esta seja conhecida para além do que foi formatado pelos veículos da mídia jornalística tradicional, bem como por jornais, revistas e sites na internet que veicularam informações equivocadas ou fraudulentas a seu respeito - que serão abordadas no decorrer do capítulo. Entretanto, cabe também incluir aqui que essa dissertação não tem como objeto a biografia de Dilma Rousseff. Sendo assim, também não se pretende enaltecer sua pessoa nos moldes da filosofia da história, que apresentava a biografia de uma pessoa pública como se os eventos de sua vida fizessem parte das forças de seu destino que culminariam com seu êxito, como tão bem aponta o sociólogo Pierre Bourdieu[6]. Todavia, pretende-se demonstrar que toda pesquisa biográfica faz emergir também as contradições do biografado e que os eventos estão imersos em contextos que fazem parte constitutiva dos atores sociais; e que esta é sempre uma narrativa.

2.1 Ensaios, protagonismos e estreias

Nascida em Belo Horizonte, em 14 em dezembro de 1947, é filha da professora primária Dilma Jane Silva e do imigrante búlgaro, advogado e empreendedor Pedro Rousseff, que se naturalizou brasileiro. Dilma Vana Rousseff, Dilminha para os familiares, era a filha do meio de uma família de classe média que ascendeu à classe média alta: "os Rousseff moravam numa casa espaçosa, cuidada por três empregadas. As refeições eram servidas à francesa, com guarnições e talheres específicos" (CARVALHO, 2010, p.120). Na fotografia da família abaixo, em que aparecem Dilma com seus irmãos Igor e Zana Lívia, com seus pais, é possível aferir pelas roupas e pela qualidade da foto, que os Rousseff pertenciam a uma classe média urbana em ascensão naquele período do governo JK no Brasil. Estudou em escolas de renome da capital mineira, o Instituto Isabela Hendrix e o Colégio *Sion*. A família frequentava o tradicional Minas Tênis Clube, onde Dilma aprendeu a jogar vôlei e tênis, e o Clube Campestre frequentado por imigrantes naturalizados, como o pai. Nas férias de verão, viajavam de avião para a cidade capixaba de Guarapari e se hospedavam no Hotel *Radium*.

---

[6] Em A Ilusão Biográfica, o sociólogo Pierre Bourdieu (1996) problematiza a pesquisa biográfica e o papel do biógrafo seduzido por seu objeto, o biografado. Bourdieu ao escrever esse artigo estava inserido num contexto em que as histórias de vida estavam retornando como fonte de pesquisa para as Ciências Sociais e Humanas. O sociólogo defende que a metodologia para se trabalhar com a análise biográfica deve seguir um método, e refutar a busca por uma verdade ontológica. Deve-se procurar apreender o biografado como um sujeito constituído por sua experiência de vida "no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado" (BOURDIEU, 1996, p.190).

Figura 1: A infante Dilma Rousseff com sua família.

Fonte: Arquivo pessoal Dilma Rousseff – 26/05/2010 – Acesso: 11 jan 2020.
Disponível em: https://eleicoes.uol.com.br/2010/album/dilmaesp_album.jhtm#fotoNav=20

Por incentivo do pai, que havia sido filiado ao Partido Comunista da Bulgária, aos doze anos leu um clássico da literatura de iniciação política, *Germinal*, do escritor francês Émile Zola; em troca recebeu dois livros infanto-juvenis. Em seguida foram apresentadas às obras de Dostoievski e a Comédia Humana, de Honoré de Balzac. "Pedro Rousseff incutiu nos filhos o gosto pela leitura. Deu a eles as obras completas de Monteiro Lobato, livros de Jorge Amado e filósofos gregos. " 'Dilminha sempre estava com algum livro', disse Igor" (CARVALHO, 2010, p. 121). Durante a infância teve com os irmãos aulas de francês e de piano - a prioridade dos pais era com a formação educacional e cultural dos filhos. "Exigente em matéria de notas e estudos, Rousseff se esforçou em dar uma formação de classe média europeia aos filhos. As crianças tinham piano em casa e uma professora particular, madame Vincent, os visitava semanalmente para ensinar francês" (CARVALHO, 2010, p. 120).

Com o pai, Dilma teve conversas sobre a pobreza nas regiões periféricas da cidade e ele explicava-lhe os motivos das classes desfavorecidas apoiarem Getúlio Vargas (AMARAL,

2011). Foi com ele que também aprendeu a gostar de música lírica; acompanhava-o em viagens ao Rio de Janeiro e São Paulo para assistirem aos espetáculos de ópera, pois sua mãe, Dilma Jane, não apreciava viagens. Pedro Rousseff estava sempre presente acompanhando de perto a vida escolar e social dos filhos.

No início da adolescência, Dilma participava de atividades assistencialistas desenvolvidas pelas as moças do Colégio *Sion* em conjunto com os rapazes do Colégio Loyola, que consistia em colaborar em mutirões e ensinar noções de higiene em comunidades carentes. As atividades não envolviam nenhuma discussão a respeito da desigualdade social. Amiga dos tempos do Colégio *Sion*, Sônia Lacerda recordou da observação sagaz de Dilma durante essas atividades do grupo jovem, "isso é muito bom, mas não vai levar a lugar nenhum. Não resolve os problemas reais" (AMARAL, 2011, p. 28). Na adolescência, frequentava o Clube Campestre da capital mineira com amigos, levando uma vida social típica das moças de sua geração e classe social como na fotografia abaixo em que segura um violão em 1960. O clube era frequentado por imigrantes de classe média alta radicados no Brasil, como seu pai Pedro Rousseff.

Figura 2: Dilma Rousseff abraçada a um violão em companhia de amigas no clube Campestre em Belo Horizonte em 1960.

Fonte: Arquivo pessoal Dilma Rousseff - 05/10/201 - Acesso: 15 jan 2020 - Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/imagens-de-dilma-marina-aecio-na-infancia-juventude-1-14140611

Antes de ingressar no Colégio Estadual Central de Belo Horizonte, Dilma tinha uma vida social como a das moças de sua idade. Frequentava os bailes realizados em residências

de seu círculo social ou eventos especiais em que havia orquestra e serviço de buffet. E como uma moça de família de classe média alta, seguia os rígidos costumes da época em que o protagonismo era privilégio masculino - as moças aguardavam o convite para dançar. “Ela era muito solicitada em todas as festas, dançava bastante, e sempre me lembro dela paquerando alguém” (AMARAL, 2011, p. 29). Próximo de completar os 15 anos, a adolescente Dilma Rousseff frequentava os famosos bailes de debutantes, como na fotografia baixo, em que as moças de sua classe eram apresentadas à sociedade mineira. Ao centro, Dilma Rousseff adolescente segurando uma taça num baile de debutantes de uma de suas amigas da época do Colégio Sion. Verdadeiros ritos de passagem.

Figura 3: Dilma Rousseff adolescente no centro da fotografia num baile de debutantes.

Fonte: Acervo pessoal Dilma Rousseff – 26/01/2016 - Acesso: 15 jan 2020 - Disponível em: https://istoe.com.br/81836_OS+TEMPOS+DE+DILMA+NO+SION/

Aos quatorze anos, a jovem Dilma Rousseff enfrentou a perda de seu pai num ataque cardíaco fulminante. “Quando meu pai morreu, eu perdi o meu supersuperego” (AMARAL, 2011, p. 29), afirmou a filha de Pedro Rousseff, segundo o biógrafo Ricardo Amaral. “ ‘A noite em que o pai morreu foi dramática”, recordou o filho Igor. (...). Estávamos todos em casa. O médico foi lá, mas não teve jeito. Morreu em casa e foi velado em casa, de onde saiu

o enterro' " (CARVALHO, 2010, p. 121). Apesar da morte precoce, aos 62 anos, o patriarca da família deixou um patrimônio que proporcionou tranquilidade material à família.

2.2 Da militância política à clandestinidade

Em 1965, Dilma "recusou o destino comum das moças de sua classe, que seria cursar a escola normal e tornar-se professora como sua mãe e tias. (...) Dilma cortou os cabelos bem curtos (...) e decidiu prestar exames para o científico no Colégio Estadual" (AMARAL, 2011, p. 34). Tendo sido aprovada no concurso de admissão do Colégio Estadual Central de Belo Horizonte, ingressou naquela que era referência de escola pública responsável pela instrução e preparo das elites intelectuais e lideranças locais e nacionais: "tal destaque assentava-se nas suas propaladas características: qualidade de ensino e liberdade, quer seja, o exercício do autogoverno do aluno na gestão de sua formação, bem como do professor no exercício de cátedra. " (LISBOA; GOUVEA, 2016, p. 263). Daí decorrem as razões para o movimento estudantil ser tão articulado e engajado no Colégio Central, sendo fundamental na adesão ao movimento estudantil e no engajamento contra a ditadura militar de Dilma Rousseff.

Figura 4: Dilma Rousseff em fotografia de quando era aluna do Colégio Estadual Central de Belo Horizonte em 1966.

Fonte: Arquivo pessoal Dilma Rousseff – 26/01/2016 - Acesso: 20 jan 2020 - Disponível em: https://istoe.com.br/103661_A+DESCOBERTA+DA+POLITICA+NO+COLEGIO+CENTRAL/

Dilma ainda era uma estudante secundarista quando começou a frequentar em 1965 as reuniões clandestinas da ORM – Polop, Organização Revolucionária Marxista-Política Operária - que fora criada por dissidentes do PCB e do antigo Partido Socialista Brasileiro, o PSB[7]. Para ingressar nos quadros da organização política de esquerda, Dilma precisou estudar os princípios fundamentais de filosofia, assim como o estudo do método dialético marxista e o materialismo histórico; também algumas obras de Lenin e em seguida a obra de Louis Althusser, *Para ler O Capital*. Em pouco tempo ela estava nos quadros mais importantes da organização no setor de imprensa produzindo o jornal *O Piquete*, de conteúdo considerado subversivo pelo regime ditatorial (AMARAL, 2011). Segundo relato de Ageu Heringer, Dilma era uma grande articuladora e sempre foi uma liderança discreta: não possuía o hábito de subir em alguma estrutura mais alta no ambiente para fazer discursos, sendo do comitê político da Polop[8].

Entre as informações da biografia oficial da presidenta apresentadas pelo jornalista Ricardo Amaral (2011) e as do perfil traçado por Luiz Maklouf Carvalho (2010), os dados aferidos não são conflitantes, mas há um cuidado ao se aprofundar nos relatos da biografia oficial. Nas entrevistas dadas a Carvalho, militantes da Polop recordam Dilma Rousseff por sua expressiva habilidade para liderar: "Ela sabia se impor numa reunião e integrava com naturalidade aquele coletivo de homens mandões" (CARVALHO, 2010, p. 124), recordou o integrante da Polop Jorge Nahas. Os antigos companheiros se recordam de uma jovem militante que, além das tarefas de preparação de cursos sobre marxismo e do jornal, também foi instruída nos chamados cursos de revolução, em que os militantes aprendiam nas táticas de guerrilha como manusear armas, explosivos, entre outros. O treinamento militar de Dilma só ocorreu em 1969, quando já estava em outro grupo de esquerda numa fazenda no Uruguai: "ela contou que aprendeu a montar e desmontar um fuzil de olhos fechados, mas nunca tentou atirar por causa da miopia acentuada" (AMARAL, 2011, p. 50).

Dilma, que era então favorável à corrente interna da Polop pela convocação de uma nova assembleia constituinte no país, ao ler o livro Revolução na revolução, de Régis Debray, que defendia a ideia de que uma guerrilha deflagraria uma revolução anticolonial capaz de

---

[7] "A Polop, como o nome indicava, propunha a formação ideológica e a organização de vanguarda da classe operária, mas enquanto existiu recrutou seus quadros basicamente na pequena burguesia, que é como os marxistas chamam a classe média" (AMARAL, 2011, p. 31).

[8] A descoberta da política no colégio central. Azevedo, Solange. 01 nov 2010. Disponível em: https://istoe.com.br/103661_A+DESCOBERTA+DA+POLITICA+NO+COLEGIO+CENTRAL/ Acesso: 03 jan 2020.

expropriar a burguesia, aderiu a vertente pró-luta armada[9]. Nesse período, 1967, a Polop enfrentava uma dissenção interna, pois as duas alas divergiam sobre a melhor estratégia para derrotar a ditadura.

A vertente que se posicionou pela luta armada deu origem ao Colina - Comando de libertação Nacional -, do qual Dilma Rousseff foi membro integrante e liderança. A nova organização era constituída por células e seções bem definidos, diferente da ALN[10]. Segundo Ricardo Amaral:

> Na cabeça dos jovens militantes as dúvidas podiam ser simplificadas assim: construir o partido do proletariado ou pegar em armas contra o capitalismo opressor; ser reformista ou ser revolucionário; ser mais um intelectual pequeno-burguês ou ser um homem guerrilheiro? (AMARAL, 2011, p. 47).

Ainda no ano de 1967, Dilma foi aprovada no vestibular para Ciências Econômicas na UFMG. Aos 19 anos, casou-se com o jornalista revolucionário Cláudio Galeno, que participara da sublevação dos marinheiros em 1964: "tendo sido mantido preso no porta-aviões Minas Gerais e depois, por cinco meses, no presídio da ilha das cobras" (CARVALHO, 2010, p. 122). Fora integrante da Polop desde 1962 e também aderiu à ala pró-luta armada compondo os quadros do Colina. O casamento aconteceu numa cerimônia civil simples e num dia de semana, no qual comparecera inclusive às aulas na universidade. Com o vestido verde água da cerimônia e sapatos prateados contraíram o matrimônio. Segundo Amaral (2011):

> viúva, dona Dilma Jane havia assumido o comando da pequena família, mas nem pensava em controlar a filha mais velha. Aquele casamento "só no

[9] Revolução na revolução foi um livro escrito por um jovem intelectual francês, Régis Debray, que em 1965 havia se mudado para Cuba e se tornou amigo de Fidel Castro, um dos líderes da Revolução Cubana. Para divulgar a revolução, Debray apresentava a teoria do foco, cujo expediente consistia em afirmar que a guerrilha haveria de ser o gatilho que deflagraria um processo revolucionário anticolonialista, cuja finalidade seria desapossar a classe burguesa instaurando um regime socialista. "O livro foi publicado em 1967, o mesmo ano em que, acompanhando a aventura guerrilheira de Che Guevara, Debray foi preso na Bolívia. O livro incendiou todo mundo, inclusive Dilma" (CARVALHO, 2010, p. 124).

[10] ALN – Ação Libertadora Nacional, criada pelo líder revolucionário e ex-deputado do Partido Comunista Carlos Mariguella, sua estrutura era oposta à do Colina. O mais importante de todos os grupos que pegaram em armas contra a Ditadura. A ALN defendia o propósito de que a ação faz a vanguarda. Segundo Maria Cláudia Badan Ribeiro no seu livro Mulheres na Luta Armada (2018), no Manual do Guerrilheiro Urbano, escrito por Carlos Mariguella o movimento armado estaria estruturado em pequenos grupos autônomos e militantes solitários integrando uma organização com liberdade tática e de ação. O dever fundamental do guerrilheiro seria distrair, degastar e desmoralizar os militares, (...) destruir o sistema econômico, político e social brasileiro, pois seu objetivo é (...) colaborar para que surja no país uma estrutura social e política inteiramente nova e revolucionária, com o povo no poder" (MARIGUELLA *apud* RIBEIRO, 2018, p. 34).

> civil" contrariava as convenções – mas quem seria capaz de impor a Dilminha uma cerimônia burguesa? A festa, com bolo, champanhe e bombons recheados de frutas, foi um dos últimos momentos de "vida normal" para ela (AMARAL, 2011, p. 43).

Em 1968, Dilma Rousseff, de modo discreto, acompanhava o movimento estudantil e nunca participava de passeatas e nem de assaltos planejados e executados pelo Colina. Não podia expor-se nas ações da organização e nem nas passeatas estudantis pois tinha uma atuação pública junto aos sindicatos em Belo Horizonte (AMARAL, 2011). Porém, permanecia editando o jornal O Piquete em prol da luta operária na capital mineira, como a edição abaixo que mostra uma publicação bastante amadora - dadas as precárias condições de clandestinidade em que era produzido.

Figura 5: Capa do jornal editado por Dilma Rousseff, O Piquete, do ano de 1968.

Fonte: Documentos Revelados – 10/03/2010 – Acesso: 23 jan 2020.
Disponível em: https://www.plural.jor.br/documentosrevelados/geral/edicao-rara-do-jornal-o-piquete-editado-por-dilma-roussef/

No Brasil, o ano de 1968 foi marcado por manifestações de resistência à Ditadura Militar, como as passeatas do movimento estudantil que cooptavam o apoio e a insatisfação da classe média com a recessiva política econômica do regime. No mês de junho do referido ano ocorreu a Passeata dos Cem Mil na cidade do Rio de Janeiro, que mobilizou a classe

artística e desafiou o poder dos generais[11]. Havia também influências externas que chegavam ao país e não derivavam apenas do livro de Debray, como a mobilização estudantil do Maio francês, a ofensiva dos vietnamitas contra o exército norte americano e a luta armada na América Latina[12]. Em Minas Gerais, o movimento grevista dos metalúrgicos coincidiu com as passeatas estudantis que recebiam apoio da classe média, de padres e de artistas. Contra a Ditadura o movimento de massas se insurgia:

> mas não teria fôlego para chegar ao fim do ano nem para romper a lógica da radicalização. O ano de 1968 foi aquele em que o brigadeiro João Paulo Burnier tentou explodir o gasômetro do Rio, botar a culpa na oposição e lançar seus chefes em alto-mar; foi o ano em que a esquerda começou a assaltar bancos, roubar armas e explodir bombas; o ano da Passeata dos Cem Mil e da prisão de 920 estudantes do Congresso da UNE em Ibiúna; o ano em que a tortura foi banalizada, o Congresso Nacional foi fechado e a ditadura baixou o AI-5, transferindo todo o poder às forças armadas (AMARAL, 2011, p. 48)

A partir de 1968, a resistência ao regime ditatorial deu-se no país na vanguarda da luta armada e na vanguarda do movimento de contracultura. Dilma Rousseff teve participação ativa contra a ditadura e, ao vincular-se à luta armada de esquerda, "se tornou membro do Comando de Libertação Nacional (COLINA), e depois, da Vanguarda Armada Palmares (VAR-Palmares) – organizações que defendiam a resistência armada contra o regime militar" (ROSA, 2018, p. 23). No decorrer de 1968, o Colina partiu para a ação com assaltos, inclusive espalhando panfletos no segundo assalto atribuindo a si a execução de uma ação armada no país. O grupo ainda assinou mais duas ações no mesmo ano - a explosão de duas bombas sem provocar vítimas em frente a residências de autoridades. Contudo:

> Se o Colina queria ser pioneiro nas formas de luta e propaganda, os agentes da segurança em Minas eram a vanguarda da repressão no país. O DOPS de Belo Horizonte foi o primeiro a bater em estudantes com cassetetes elétricos

[11] A Passeata dos Cem Mil está inserida no contexto do chamado primeiro ciclo de protestos (1966-1968) contra a Ditadura Civil Militar, e que foi interrompido pelo decreto do AI-5. Ao mesmo tempo em que o crescimento econômico produzia uma suposta indiferença social que seduzia a classe média e a classe trabalhadora, mas que não teve longa duração. http://memoriasdaditadura.org.br/panorama-da-resistencia/

[12] Para Michel Thiollent, no artigo Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante, o período foi pautado por lutas políticas globais "categorias universitárias, ao lado de outras camadas sociais, mobilizaram-se em torno de objetivos políticos, democratização, defesa das liberdades individuais ou coletivas, denúncias contra guerras como a do Vietnã" (THIOLLENT, 1998, p. 65). Eventos históricos como a oposição da juventude estadunidense à guerra do Vietnã, o movimento dos Panteras Negras também nos EUA, a Revolução Cubana, luta armada na África, a Revolução Cultural na China, fomentaram um movimento inicialmente da juventude encorpado pelo movimento de trabalhadores, que iniciou na França e logo encontrou ressonância em outros locais do planeta e foram duramente reprimidos. Como o movimento estudantil no México antes dos Jogos Olímpicos dizimado pelas forças policiais, a Primavera de Praga e no Brasil a luta contra a Ditadura Militar.

> e dissolver passeatas com jatos lançados de carros brucutus. Seus chefes, os delegados Thacyr Menezes Sia e David Hazan, transitavam da alta-roda ao porão de interrogatório sem amarrotar o terno. DOPS era a sigla dos Departamentos (ou Delegacias) de Ordem Política e Social, a polícia política que a Constituição de 1946 transferiu para os governos estaduais. Nos anos 60 e 70 caçavam subversivos, artistas, maconheiros e hippies. (AMARAL, 2011, p. 51)

O ano de 1968, que ficara gravado com suas marchas estudantis compostas também por artistas e trabalhadores, e das grandes greves no país, foi encerrado com o silenciamento compulsório pela promulgação do AI-5[13]. Desde o meio do ano, a pressão dos militares se intensificara e Galeno havia deixado o emprego de jornalista no periódico *Última Hora*. Antes mesmo da decretação do AI-5, ele e Dilma caíram na clandestinidade - ele abrigado na casa de um amigo, ela na casa de sua tia.

Com a prisão de um dos militantes do Colina em 14 de janeiro de 1969, após um assalto a uma agência bancária, o Colina começou a cair. Após 15 dias da prisão do militante, a polícia chegou ao paradeiro de um aparelho (denominação para esconderijos seguros para os integrantes de organizações políticas de esquerda), onde sete integrantes do Colina encontravam-se planejando o resgate do companheiro que havia sido preso.

Ao tomarem conhecimento da prisão dos companheiros, destruíram todos os documentos do Colina que guardavam no apartamento onde moraram quando se casaram e fugiram para casa de uma amiga. Os jornais publicaram uma foto de Galeno e "à noite, a TV mostrou que a polícia também tinha batido na casa de dona Dilma Jane em busca do casal. Foi quando a família soube que Dilminha estava 'metida em política' muito além do que imaginava" (AMARAL, 2011, p. 53).

Dessa forma, só restou ao casal sair do estado de Minas Gerais - Galeno foi primeiro para o Rio de Janeiro onde já estavam outros companheiros do Colina, que estava chegando ao fim. Após o carnaval de 1969, Galeno foi enviado para o Rio Grande do Sul para estruturar as bases da organização, de maneira que "o Colina mantinha contato com uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão" (CARVALHO, 2010, p. 128).

---

[13] O AI-5, Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, foi um conjunto de 17 decretos ou atos institucionais implementados pela ditadura militar do Brasil (1964-1985). E vigorou por uma década. "O documento contava doze artigos e vinha acompanhado de uma Ato Complementar nº38 que fechava o Congresso Nacional por tempo indeterminado. O AI-5 suspendia a concessão de *habeas corpus* e as franquias constitucionais de liberdade de expressão e reunião, permitia demissões sumárias, cassações de mandatos e de direitos de cidadania, e determinava que os julgamentos de crimes políticos fossem realizados por tribunais militares, sem direito a recurso. (...)O AI-5 era uma ferramenta de intimidação pelo medo, não tinha prazo de validade" (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 455).

A tarefa de Dilma era firmar base no Rio auxiliando a direção da organização, estabelecendo contatos e produzindo a documentação política para a união do Colina com a organização de esquerda liderada por Carlos Lamarca[14], a VPR[15]. Dilma também transladava armamentos, munição e dinheiro, além da participação em reuniões. Foi numa dessas reuniões que "conheceu o advogado gaúcho Carlos Franklin Paixão de Araújo, o chefe da dissidência do Partidão, que havia hospedado Galeno em Porto alegre. Tiveram um *coup de foudre* simultâneo e recíproco" (CARVALHO, 2010, p. 128).

Na primeira viagem que fez a Porto Alegre, ao encontrar Galeno, Dilma encerrou o casamento. Nas palavras do primeiro marido "Dilma é transparente, não tem meia conversa. Ela chegou e falou: 'Estou com o Max'. E acabou" (CARVALHO, 2010, p. 129). Galeno também já estava envolvido com outra pessoa; os dois permaneceram amigos e as respectivas famílias que formaram, num futuro não muito distante daquele período, relacionam-se e são amigas. Max era o codinome de Carlos Araújo, e Dilma era Estela. Araújo recordou que se encantou tanto pela inteligência da companheira, quanto pela beleza. Ele pediu a mão de Dilma em casamento ao dirigente máximo da organização, "deu-se uma cerimônia de casamento revolucionária com românticos toques burgueses. (...) Quando não estavam em

---

[14] Carlos Lamarca foi capitão do Exército Brasileiro. "Já integrado à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o capitão Carlos Lamarca abandona o quartel em Quitaúna, São Paulo, levando armamento e munições. Lamarca era um brilhante oficial de carreira, condecorado por sua passagem no Batalhão Suez, representação brasileira nas Forças de Paz da ONU no Oriente Médio. Declarado desertor, passou meses vivendo clandestinamente em esconderijos em São Paulo e no Rio. Se tornou um dos dirigentes da fusão entre VPR e a antiga Colina (Comandos de Libertação Nacional), que deu origem à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), de curta duração. Ansioso por entrar em combate na guerrilha, rompeu com a VAR-Palmares e recriou a VPR. Levou 16 militantes para o treinamento de guerrilha no Vale do Ribeira, região pobre e isolada ao sul de São Paulo. Lá permaneceu até maio de 1970, quando toda a área foi cercada por tropas com milhares de homens do Exército e Polícia Militar. Após a retirada da maior parte do grupo, Lamarca conseguiu romper o cerco e escapar com outros três companheiros. Na saída, mataram um tenente que havia sido feito prisioneiro. Depois, renderam um caminhão do Exército que levava soldados, tomaram suas fardas e armas, furaram as barreiras policiais e libertaram os militares na periferia da capital paulista. O feito desmoralizou o comando da repressão e do Exército no Estado. Lamarca tornou-se então o "subversivo" mais procurado do país. Isolado, doente e faminto, seria assassinado por um coronel do Exército em 1971, no sertão da Bahia". Capitão Carlos Lamarca adere à guerrilha. Memorial da Democracia. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/capitao-carlos-lamarca-adere-a-guerrilha Acesso: 20 abr 2020.

[15] A VPR – Vanguarda Popular Revolucionária, foi a organização liderada pelo Capitão Carlos Lamarca, que havia deserdado do Exército. "A VPR ostentava um cartel de ações espetaculares no ano anterior (1968): o ataque ao palanque do governador Laudo Natel na festa do 1º de Maio; o atentado contra a sede do II Exército, o roubo de toneladas de dinamite numa pedreira do interior e de um pequeno arsenal na loja de armas Casa Diana. O principal quadro operário da VPR, José Ibrahim, líder da greve de Osasco de 1968, esteva preso, mas a deserção do capitão Carlos Lamarca, em 26 de janeiro de 1969, oferecia um novo ícone à organização: um subversivo com patente de oficial e experiência militar na missão multinacional da ONU no Canal de Suez" (AMARAL, 2011, p. 55).

missões país afora, Max e Estela dividiam aparelhos provisórios, pulando de bairro em bairro" (AMARAL, 2011, p. 58).

Ainda no ano de 1969, em Porto Alegre, Dilma passou quinze dias cuidando dos filhos de Marília Guimarães, militante de esquerda que vivia na clandestinidade. A tarefa de Dilma, dirigente da VPR, era servir de apoio ao planejamento e treinamento de Marília Guimarães, Claudio Galeno e mais 4 militantes que se preparavam para deixar o país atravessando a fronteira com o Uruguai para sequestrar um avião em busca de asilo em Cuba, com o apoio de militantes tupamaros[16]. O sequestro do *caravelle*, a aeronave da Companhia Cruzeiro do Sul sequestrada em Montevidéu, tornou-se o caso de sequestro mais longo que aconteceu durante a ditadura, durando, ao todo, quatro dias até chegar em Cuba[17]. No ano de 2017, Marília concedeu entrevista a respeito da experiência vivenciada e também sobre a participação de Dilma Rousseff[18]:

> A Dilma é uma mulher muito especial. Meus filhos, que nunca tinham se separado de mim, passaram 15 dias com ela. E ela era uma mulher muito nova, que teoricamente nem sabia lidar com crianças. Mas ela deu a eles uma estabilidade emocional tão forte, carinho, cuidados, que eles nunca tiveram problemas. As pessoas dizem que ela tem um olhar duro, mas não é verdade. Ela é uma mulher de uma ternura absurda (GUIMARÃES, Marília. 2017)

---

[16] No Uruguai, em 1962, surgiu o Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros (MLN) que a princípio se tratava de uma organização política de esquerda que abraçou a luta armada antes mesmo da instauração da Ditadura no país. América Latina: Uruguai. Memorial da Democracia. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/america-latina/11 Acesso: 10 fev 2020.

[17] Em 1970, professora perseguida pela Ditadura, e mais cinco resistentes, sequestrou avião da cruzeiro do sul e foi para Cuba. Costa, José Luis. 22 ago 2017. Disponível em: https://documentosrevelados.com.br/professora-sequestra-aviao-e-o-obriga-a-ir-pra-cuba-apos-ter-seu-nome-ligado-a-um-mimografo-localizado-em-um-aparelho-da-resistencia-a-ditadura/ Acesso: 15 mar 2020.

[18] A brasileira que sequestrou um avião acompanhada de dois filhos pequenos durante a ditadura. Jansen, Roberta. 08 ago 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40866852 Acesso: 25 mar 2020.

Figura 6: Na página 1 do jornal O Globo, em 03 de janeiro de 1970, as manchetes e fotos do sequestro do caravelle.

CINCO BRASILEIROS SÃO OS SEQÜESTRADORES DO "CARAVELLE"

LOURA DOS ASSALTOS

O FIM DA AVENTURA

O GLOBO

Sete dias de dor e saudade

São Paulo aumentou exportações em 27%

A espiã do terror nos bancos

Vestibular 70

CAMINHÃO EM TETO DE ZINCO

MENINO SALVA 7 IRMÃOS E MORRE

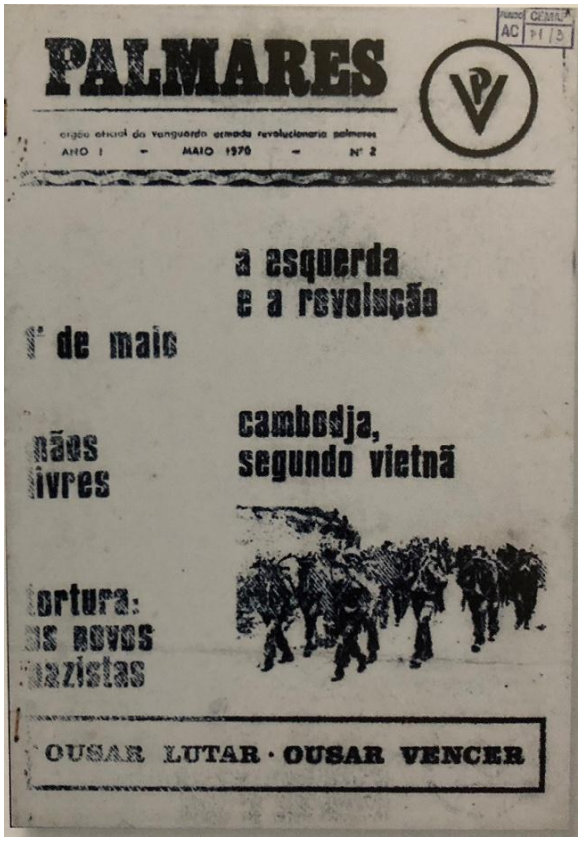
Fonte: Acervo O Globo - 03/01/1970 - Acesso: 17 mar 2020. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=2&ordenacaoData=relevancia&allwords=cinco+brasileiros+s%C3%A3o+sequestradores+do+caravelle&anyword=&noword=&exactword=

A franqueza e a assertividade de Dilma sempre foram ressaltadas nas entrevistas daqueles que resistiram e militaram na mesma organização política de esquerda e que se dispuseram a falar - para assim compor a narrativa do perfil da líder combatente da ditadura militar. "Quatro militantes que conheceram bem Galeno e Dilma acham que havia uma diferença intelectual entre os dois, com vantagem para Dilma. Galeno concordou: ela tinha uma tendência mais acentuada do que eu à atividade intelectual" (CARVALHO, 2010, p. 129). Já Carlos Araújo, o Max, era uma liderança intelectual articulada e experiente na resistência organizada à Ditadura. No início da década de 1960 foi assessor do líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião e com este percorreu a América Latina: "conheceu Fidel Castro e Che Guevara, e foi preso por alguns meses em 1964" (CARVALHO, 2010, p. 130). Como

advogado, permaneceu na ativa organizando trabalhadores em seu escritório que se tornou um dos maiores de Porto Alegre.

Dilma participou das conferências que levaram a fusão da Colina com a VPR, o que originou uma nova organização a VAR-Palmares, ou Vanguarda Revolucionária-Palmares[19]. A nova organização clandestina produziu por um curto período um jornal que tratava das questões políticas contemporâneas furando a censura da ditadura. Os temas contemplavam a luta da esquerda, denúncias de tortura e assassinatos de militantes e adversários do regime ditatorial, política internacional, entre outros temas.

Figura 7: Capa do jornal da VAR- Palmares em sua segunda edição, maio de 1970.



Fonte: Acervo CEDEM/UNESP – Acesso: 13 mar 2020 - Disponível em: https://www.cedem.unesp.br/#!/acervo/

Segundo o jornalista Luiz Maklouf Carvalho (2010), um dos militantes que participou da conferência de Mongaguá no litoral paulista, local da fusão das organizações, "a Dilma era agressiva verbalmente" e ainda afirmou que Lamarca parecia ter achado que Dilma era

[19] A VAR-Palmares em seu estatuto no artigo primeiro afirmava, "A Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares é uma organização político-militar de caráter partidário, marxista-leninista, que se propõe a cumprir todas as tarefas da guerra revolucionária e da construção do Partido da Classe Operária, com o objetivo de tomar o poder e construir o socialismo" (CARVALHO, 2010, p. 131).

“metida a intelectual” (CARVALHO, 2010, p. 131). Essa característica, a agressividade, foi atribuída à Dilma ministra e presidenta, questão que será analisada no decorrer da dissertação. Foi nessa conferência que expuseram um plano de levantamento de fundos para a organização; os assaltos a bancos eram a forma encontrada para que os grupos de esquerda sobrevivessem, apesar dos riscos enormes.

O plano recebeu o nome de Ação Grande e ocorreu em 18 de julho de 1969[20]. Dilma e Carlos Araújo, então Estela e Max, não participaram da ação, mas de toda a preparação, e foi:

> a mais espetacular e a mais rendosa de toda a luta armada: o roubo de 2,5 milhões de dólares do cofre da casa da amante de Ademar de Barros, ex-governador de São Paulo, em Santa Teresa, no Rio. (...) “A ação do cofre foi fundamental para nos dar estabilidade”, disse Araújo. “Fui eu que levei, de Porto Alegre, o metalúrgico Delci, que abriu o cofre com maçarico no aparelho para onde ele foi levado, em Jacarepaguá, no Rio. Eu também ajudei a tirar de lá as malas com o dinheiro.” A dinheirama não evitou a desintegração da VAR-Palmares. (CARVALHO, 2010, p. 131 – 132).

Apesar da declaração da amante de Ademar de Barros afirmando que no cofre só haviam papéis sem valor, os militares e a polícia conheciam a verdade e que toda aquela fortuna estava em poder de militantes de esquerda oponentes da Ditadura:

> “e isso aumentou a cobiça dos caçadores de subversivos. Para os *políticos*, como Dilma, aquele dinheiro seria suficiente para a sobrevivência da VAR-Palmares sem ter que recorrer aos arriscados e violentos assaltos. Para os *militares*, como Lamarca, serviria para comprar terras e armas modernas e deslanchar a guerrilha no interior do país” (AMARAL, 2011, p. 61).

Para alguns membros da VAR-Palmares,, como Dilma havia ainda a tarefa de trocar os dólares pela moeda nacional da época, cruzeiro novo, em uma casa de câmbio no Rio. Após essa troca, um representante do Banco Bradesco ofereceu a um membro da organização a compra dos dólares com um ágio de 20%: “fiquei muito impressionado: os banqueiros chegaram até nós antes da repressão. Era o capital farejando o capital” (AMARAL, 2011, p. 62), declarou Carlos Araújo.

Mesmo com todo aquele dinheiro, a VAR-Palmares cindiu. A base militarista, VPR, seguiu com Lamarca e investiram grande parte na compra de terras para serem sedes de guerrilhas, projeto que nunca foi implementado. Havia centenas de membros da organização que necessitavam de apoio financeiro para sobreviverem na clandestinidade e muito foi gasto

---

[20] A verdadeira história do cofre do Dr. Rui. Villaméa, Luiza. 21 out 1999. Disponível em: https://istoe.com.br/32795_A+VERDADEIRA+HISTORIA+DO+COFRE+DO+DR+RUI/ Acesso: 16 abr 2020.

com isso. Uma quantia de 1 milhão de dólares fora entregue ao embaixador da Argélia que em alguns anos encaminhou parte da quantia a militantes exilados.

Dilma, que era da ala política da VAR-Palmares, que defendia o trabalho de base com as massas populares, seria deslocada para São Paulo. Ela tinha a incumbência de organizar a VAR em terras paulistas e de esconder as armas e munições que ficaram da separação entre as duas facções da organização de modo seguro, as quais se encontravam em aparelhos que poderiam estar comprometidos ou no radar da repressão. Ela e uma companheira mudaram-se para uma pensão na capital paulista, transportaram num balde munição e armas e esconderam tudo embaixo de suas próprias camas. "Era uma dificuldade para nós duas dormirmos ali. (...). Os fuzis automáticos leves, (...) metralhadora, tinha bomba plástica. Contando isso hoje, parece que nem foi comigo" (CARVALHO, 2010, p. 133), afirmou Dilma em entrevista.

Antes da partida de Dilma para São Paulo, Iara Iavelberg, ex-integrante da VAR-Palmares que seguiria com Lamarca na VPR, solicitou um ponto para um encontro com Dilma, sua amiga e confidente[21]. Elas se conheceram num congresso da Polop em 1967 e tinham uma grande amiga em comum na organização, Maria Auxiliadora Lara Barcelos – a Dodora. Dilma certa vez disse com admiração a Iara, por seus modos independentes e audaciosos para aquela época: "você é uma feminista, Iara, a primeira que conheço" (AMARAL, 2011, p. 59). Foi a última vez que as duas se viram.

Iara e Lamarca foram assassinados em 1971 após meses fugindo e buscando esconderijos para sobreviverem e tentarem realizar o sonho de uma guerrilha estruturada em uma coluna móvel. Dodora, que fora presa e torturada no final de 1969, e depois exilada no início de 1971 ao ser trocada juntamente com outros 70 presos políticos pelo embaixador da Suíça, cometeu o suicídio em 1974 na Alemanha pouco antes de terminar a formação em psiquiatria.

---

[21]Iara Iavelberg, psicóloga e professora, era filha de uma abastada e tradicional família judia de São Paulo. Sua biografia foi reduzida como musa da esquerda que se suicidou quando esteve cercada pela repressão. "Ela gostava de lecionar, primeiro no cursinho do grêmio, e – depois de graduada – no próprio Instituto de Psicologia (IP – USP), como professora assistente. Aproximou-se do teatro, tornou-se entusiasta da emancipação feminina, ingressou na militância política. Engajou-se na oposição armada à Ditadura Militar, tendo atuado na Polop, VPR, VAR-Palmares e MR-8. Apaixonou-se pelo líder guerrilheiro Lamarca, numa das mais belas e trágicas histórias de amor da esquerda brasileira. Executada em 1971 na Bahia, pela repressão política, o regime inventou que fora "suicídio". (MONCAU, Gabriela, 2013). Disponível em: https://adusp.org.br/files/revistas/55/mat06.pdf Acesso: 30 maio 2020.

Com a criação da Oban (Operação Bandeirantes) em 17 de julho de 1969, a escalada da repressão e violência avançou sobre os oponentes do regime[22]. Ainda assim, as ações espetaculares das organizações revolucionárias de esquerda, como a Ação Grande da VAR-Palmares em 18 de julho e o sequestro do embaixador norte-americano, Charles Burke Elbrick, pelo comando conjunto da ALN e do MR-8 (sigla adotada pela Dissidência Comunista da Guanabara) em 04 de setembro do mesmo ano, desafiaram a ditadura militar. Esta, por sua vez, soube responder reestruturando as forças de repressão e interligando as polícias sob comando militar.

Aos 07 de outubro de 1969, o ex-chefe do Serviço Nacional de Informações, o general Emílio Garrastazu Médici, apresentou-se ao país como novo presidente da República, escolhido pela junta de ministros das Forças Armadas que substituíram temporariamente o general Costa e Silva acometido de um AVC. Com Médici como novo ditador, "em pouco mais de dois anos, as organizações revolucionárias no Brasil estariam reduzidas a apenas dois grupos: os presos e os mortos" (AMARAL, 2011, p. 66).

O então ministro do Exército, Orlando Geisel, reestruturou os meios de repressão através do DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) ainda durante o mês de outubro[23]. Esse modelo coercitivo centralizado no Exército determinava que a estrutura da Oban (Operação Bandeirantes) seria reproduzida em todo o país oficialmente a partir de 1970. Em novembro de 1969, Carlos Marighella, a liderança mais importante da ALN e subversivo mais procurado do Brasil, foi assassinado numa emboscada pelo delegado do DOPS, Sérgio Fleury.

---

[22]A Oban – Operação Bandeirantes, foi o maior centro de tortura e assassinatos na ditadura. "Foi criada para centralizar as investigações e o desmantelamento das organizações de esquerda – armadas ou não -, sob direção do Centro de Informações do Exército (CIE). O objetivo era dar mais eficiência à repressão, coordenando os diversos aparelhos policiais (militares e civis) e as Forças Armadas. O projeto do general Canavarro Pereira foi financiado por grandes empresários de São Paulo e empresas multinacionais, com apoio da Fiesp. Há registros de contribuição financeira e apoio material por parte dos bancos Bradesco e Mercantil de SP, das automobilísticas Ford e GM e dos grupos Ultra (Ultragás) e Folha, que emprestavam carros de entrega de jornais para camuflagem dos agentes da Oban. Nasce a Oban, braço da tortura em SP. Memorial da Democracia. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/nasce-a-oban-braco-da-tortura-em-sp Acesso: 11 fev 2020.

[23] Durante o regime militar foi criado um órgão de repressão, o DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações – Centro de Informações e Defesa Interna", que era composto pelas Forças Armadas, exército, marinha, aeronáutica e demais forças policiais. Os objetivos eram garantir a segurança e a partir da aquisição de informação a partir do uso da violência contra os inimigos do Estado Ditatorial. Foi um "órgão de repressão política criado por diretrizes internas do Exército assinadas pelo presidente da República Emílio Médici em 1970, com o objetivo de combater as organizações de esquerda. Foi extinto através de portaria reservada do ministro do exército, general Walter Pires, no final do governo do general João Batista Figueiredo". Destacamento de operações e informações – centro de operações e defesa interna (DOI-CODI). JOFFILY, Mariana. FGV/Dicionário Histórico-Biográfico. Disponível em: https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/destacamento-de-operacoes-e-informacoes-centro-de-operacoes-e-defesa-interna-doi-codi Acesso: 15 maio 2020.

Algumas semanas depois o DOI-Codi no Rio prendeu, torturou e assassinou integrantes da VAR-Palmares que haviam participado da Ação Grande, todos amigos próximos de Dilma Rousseff. Assim:

> morrer numa emboscada, no pau de arara ou num tiroteio passou a ser um destino cada vez mais provável para qualquer militante de esquerda. Havia mais de mil presos políticos àquela altura, número muito superior ao dos que ainda se escondiam em organizações como VAR, VPR, ALN, MR-8, PCBR, APML e Ala Vermelha. A vida útil de um militante clandestino era de um ano, no máximo dois, até ser preso ou morto (AMARAL, 2011, p. 66).

Presa em 16 de janeiro de 1970 pelo regime militar, Dilma foi torturada por 22 dias sem entregar nenhuma de suas companheiras ou companheiros de luta e foi solta após cumprir dois anos e dez meses da pena a que fora sentenciada, seis anos (AMARAL, 2011). Nenhum dos três IPMs conseguiram relacionar sua participação em ações armadas como roubos de carros e armas, assaltos a bancos e atentados. Sua condenação se deu com base na lei sobre crimes contra a segurança nacional. Segundo Luiz Maklouf Carvalho:

> num dos inquéritos é dito que Dilma Rousseff "manipula grandes quantias da VAR-Palmares. É antiga militante de esquemas subversivo-terroristas. Outrossim, através de seu interrogatório, verifica-se ser uma das molas mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários postos em prática pelas esquerdas radicais. Trata-se de pessoa de dotação intelectual bastante apreciável". Em outros relatórios do gênero, foi chamada de Joana D'Arc da subversão", "papisa da subversão", "criminosa política" e "figura feminina de expressão tristemente notável" (CARVALHO, 2010, p. 133).

Quando Dilma foi deixada numa cela de mulheres da Oban após sua captura, ao apresentar-se com o codinome de Vanda, escutou em resposta de uma prisioneira grávida da ALN, "xii... você está ferrada. Eles estão loucos te esperando" (AMARAL, 2011, p. 71). Pelos inquéritos e relatórios produzidos pela ditadura é possível aferir o quanto a repressão ambicionava por sua captura e o quanto planejavam extrair informações da "papisa da subversão" (CARVALHO, 2010, p. 133) através da ignóbil tortura praticada nos porões da Oban - assim como a narrativa que o regime ditatorial construía e deixava registrado sobre o perfil daqueles que lutavam por liberdade, democracia e justiça social.

A prisão de Dilma Rousseff ocorreu após um de seus contatos, com quem tinha encontros regulares três vezes por semana, ser capturado. Ele não havia comparecido em dois encontros seguidos, o que indicava que poderia ter caído em poder da repressão. Dilma, ou Vanda, Luíza ou Estela - todos codinomes por ela utilizado na clandestinidade -, jamais

culpabilizou o companheiro por ter sido presa. Em entrevista assumiu a responsabilidade pela própria captura por ter insistido em comparecer uma terceira vez no local em que ocorriam os encontros, e por ainda ter tido um sonho nas vésperas de que seria presa. "Eu fui presa porque fui absolutamente incompetente. (...). Muitas pessoas atribuem aos outros suas responsabilidades. Eu tinha discernimento naquela circunstância para saber (que não devia ter ido)", ela disse no depoimento ao cineasta Silvio Tendler" (AMARAL, 2011, p. 71), ao qual o autor da biografia teve acesso na íntegra.

Em sua obra, Ricardo Amaral (2011) narra as condições em que a prisão ocorreu e como Dilma fez-se de desentendida ao encontrar o companheiro que lhe avisara sussurrando que estavam presos naquele momento - com ela saindo do bar onde tudo se desenrolava para tentar escapar e sendo cercada por agentes e carros da Oban na saída de uma loja na qual havia entrado. Amaral omite o que o jornalista Luiz Maklouf Carvalho (2010) detalha: Dilma carregava uma arma na pequena bolsa que trazia consigo, detalhe revelado pelo contato que faltara aos dois encontros consecutivos. Este acreditava que ela não arriscaria um terceiro encontro. O mesmo planejava entregar outro companheiro, e não Dilma. Por isso, afirmou que quando ela foi abordada pelos agentes da repressão que já estavam desmontando o cerco, se não tivessem encontrado a arma em sua bolsa, talvez ela tivesse sido liberada.

Numa biografia que foi escrita enquanto Dilma se preparava para ser candidata, num país em que parte da população tem um perfil conservador e autoritário, que não passou sua história recente a limpo revendo a Lei da Anistia, talvez fosse, no mínimo, complicado incluir esse detalhe. Principalmente porque o passado de luta contra a ditadura de Dilma era recorrentemente usado para tentar macular sua biografia. Também é possível inferir que o companheiro faça uso desse argumento para dirimir sua culpa na prisão de Dilma. O fato é que não existem fontes publicadas que confirmem ou não a existência de uma arma na bolsa, além da publicada por Luiz Maklouf Carvalho (2010).

Dilma Rousseff foi, por 22 dias, interrogada e torturada por três equipes do DOI-Codi na sede da Oban, na rua Tutóia em São Paulo. O capitão Benoni de Arruda Albernaz e sua equipe foram os primeiros a torturar Dilma. Seu nome está registrado como torturador em processos militares que fundamentaram o livro *Brasil: Nunca Mais*, um projeto que fundamentou e denunciou a prática da tortura para a população brasileira e para o mundo[24].

[24]A obra *Brasil: Nunca Mais*, consiste num relatório em que estão reunidos dados relativos a repressão política, militar e policial no Brasil. O projeto foi coordenado pelo arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns e pelo pastor presbiteriano Jaime Wright, além da contribuição do pastor Charles Roy Harper Jr. e do rabino Henry Sobel. Foram cinco anos analisando mais de 700 processos do Superior Tribunal Militar, que compreendem o período de abril de 1964 a março de 1979. Nesses processos o

Não por acaso a equipe do capitão Albernaz era "a mais temida pelos presos da Tutóia" (AMARAL, 2011, p. 72).

Dilma Rousseff, até o ano de 2011, falara apenas uma única vez sobre a experiência abominável da tortura em detalhes, e foi numa entrevista em 2003 ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho que a procurou dizendo que iria atualizar seu livro, *Mulheres que foram à luta armada* (1998). O livro nunca foi reeditado, mas a entrevista foi publicada em 21 de junho de 2005, no jornal Folha de S. Paulo, quando foi indicada pelo presidente Lula para assumir a chefia da Casa Civil. Dilma narrou em detalhes as torturas pelas quais passou naqueles 22 dias: socos que o capitão Albernaz desferia, palmatória, choques elétricos na cadeira do dragão, pau de arara. Além do frio e da fome, o terror psicológico de não saber quando iriam buscá-la para nova sessão de tortura. Quando:

> "entrei no pátio da Operação Bandeirante começaram a gritar "mata!", "tira a roupa", "terrorista", "filha da puta", "deve ter matado gente". (...)A pior coisa que tem na tortura é esperar, esperar para apanhar. Eu senti ali que a barra era pesada. E foi. Também estou lembrando muito bem do chão do banheiro, do azulejo branco. Porque vai formando crosta de sangue, sujeira, você fica com um cheiro... (CARVALHO a*pud* AMARAL, 2011, p. 72)

As sessões de tortura deixaram sequelas físicas na mandíbula de Dilma Rousseff. "A Dilma levou choque até com fiação de carro. Fora cadeira do dragão, pau de arara e choque pra todo lado. (...) Ela não era nada chorona. Falávamos como se não tivesse tortura. A Dilma é um tenente, é muito forte" (CARVALHO, 2010, p. 136) - revelou uma companheira de cárcere. A fama de durona que acompanhou Dilma nos tempos como ministra do governo Lula e depois como presidenta já vinha de longa data. Interessante notar que na fala da antiga companheira, Dilma não é descrita como uma tenente, mas *um tenente*. As características convencionadas como próprias do masculino, presentes na maneira de ser de Rousseff, foram motivo de críticas enquanto ela esteve no poder. Essas questões serão abordadas mais adiante.

Dilma não entregou ninguém durante as sessões de interrogatório e torturas: "Eu aguentei. Não disse nem onde eu morava. Não disse quem era o Max (Carlos Araújo). (...)Primeiro, eu não queria que meus companheiros estivessem numa situação daquelas. Segundo, eu tinha medo que algum deles morresse" (AMARAL, 2011, p. 74). A única

---

nome do capitão Benoni de Arruda Albernaz é citado por 15 vezes nesses documentos "que registra uma pequena parcela das irregularidades efetivamente ocorridas, mas, por outro lado, o que fosse colhido dessa forma teria a dimensão do indesmentível, definitivo" (ARNS, 1985, p. 9), acerca das denúncias de torturas sofridas por presos políticos ou por familiares que receberam corpos mutilados pela tortura daqueles que foram supliciados nos porões da Ditadura.

informação que Dilma revelou durante o período em que estava sendo torturada foi o endereço de um aparelho desativado em que encontraram foi apenas uma grande quantidade de textos subversivos.

Que Dilma Rousseff era um elemento relevante dentro da organização à que pertencia, era sabido de fato. O que os agentes da ditadura desconheciam era que após a cisão da VAR-Palmares com a VPR de Lamarca, ela havia se tornado dirigente da VAR. Quando a repressão soube quem era ela, as sessões de tortura recrudesceram. Uma hemorragia intensa fez com que a levassem para o Hospital Central do Exército.

Durante aqueles 22 dias em que Dilma Rousseff era torturada, foi noticiado pelo jornal Folha de S. Paulo a seguinte notícia: Operação Bandeirante desbarata grupo Palmares[25]. Na foto de capa é possível verificar as fotografias dos armamentos apreendidos utilizadas para legitimar a ação das forças coercitivas da ditadura contra grupos contrários ao regime ditatorial classificados como grupos terroristas. A matéria narrava a ação da Oban que havia sido iniciada com 6 meses de antecedência. E trazia de alguns integrantes o nome da clandestinidade e o verdadeiro, além da função dentro da organização. A respeito de Dilma, publicaram seu sobrenome de casada com Galeno e nome da clandestinidade nos documentos que estava usando no dia de sua prisão, Luíza.

> Dilma Vana Rousseff Linhares (“Luiza”), oriunda da Colina de Minas Gerais e que ultimamente vinha operando na Guanabara, veio para São Paulo em dezembro de 1969, por determinação do Comando Nacional da VAR-Palmares, para reestruturar esta organização subversivo-terrorista; pertencia ao Comando Regional da VAR-P e era coordenadora do Setor de Massas Populares; é esposa de Cláudio Galeno Linhares (“Lobato”), terrorista que participou do sequestro do último avião da Cruzeiro do Sul desviado para Havana. (AMARAL, 2011, p. 75)

[25]1970: Oban afirma ter desbaratado a VAR-Palmares. Pombo, Cristiano; Martino, Rodolfo. 28 jan 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2020/01/1970-oban-afirma-ter-desbaratado-a-var-palmares.shtml Acesso: 30 mar 2020.

Figura 8: Na capa do jornal Folha de S. Paulo, a segunda manchete Operação Bandeirante desbarata grupo Palmares.

FOLHA DE S. PAULO

Passarinho contra Universidade paga

Operação Bandeirante desbarata grupo Palmares

França embargará os "Mirage" se forem usados contra Israel

Só hipóteses para o acidente que vitimou o jovem mergulhador

O presidente Nixon veta o orçamento para educação e saúde

Governo reduz juros para empresas pequenas

Itamarati confirma interesse brasileiro no petróleo boliviano

Lavoura: otimismo para 70 e atenção ao homem rural

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo – 28/01/1970 - Acesso: 25 mar 2020 - Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3552&keyword=Operacao%2CBandeirante%2Cdesbarata%2CPalmares&anchor=4629097&origem=busca&pd=16ed4261d4f4a9efd895f84a23046927

Após o período de tortura na sede da Oban, na rua Tutóia, Dilma foi transferida para o DOPS, "do inferno ao purgatório" (AMARAL, 2011, p. 76), permanecendo por dois meses e sendo transferida para o Presídio Tiradentes[26]. Para os presos políticos essa percepção como purgatório estava associada a terem sobrevivido ao terror e barbárie da tortura física e psicológica ao qual haviam sido submetidos nos interrogatórios pelos agentes da repressão. Escapando do desparecimento e morte, destino de muitas presas e presos políticos nas sedes do DOI-Codi e DOPS, além de outros centros de detenção.

[26] Programa Lugares da Memória. Presídio Tiradentes. Memorial da Resistência de São Paulo, São Paulo, 2014.
Disponível:http://www.memorialdaresistenciasp.org.br/memorial/upload/memorial/bancodedados/130740251278039152_192_PRESIDIO_TIRADENTES.pdf Acesso: 13 maio 2020.

A vida coletiva entre as presas na cadeia delegava tarefas e ordenava a vida cotidiana. No período do cárcere, Dilma leu autores como Dostoieviski (autor que o pai havia insistido para que conhecesse toda a obra na adolescência), a antropologia de Lévi-Strauss, atualizou suas leituras de Karl Marx e também estudou sobre História da Arte. A tapeçaria, o crochê e leituras de ficção científica eram atividades para vencer o tempo que abundava sem o direito à liberdade. Também ministrava cursos de economia e cobrava a participação das companheiras.

No presídio Tiradentes Dilma pode receber as visitas familiares; a mãe a visitava todos os sábados encarando a viagem de ônibus, de Belo Horizonte à São Paulo. Com a mãe também iam algumas vezes os irmãos, Igor e Zana, ou a tia Arilda. A mãe, Dilma Jane, não chorava nas visitas ou transparecia tristeza. Enquanto isso, Dilma, assim como as outras presas, buscavam numa arara coletiva de roupas mais alegres, se apresentar o melhor possível perante os familiares.

Foi durante a prisão que recebeu a primeira carta de Max/Carlos Araújo. Ele havia sido preso da mesma maneira que ocorreu a prisão de Dilma, indo ao encontro de um companheiro que já estava preso. Sua prisão fora efetuada pela equipe do temido delegado Fleury e chegando no DOPS imediatamente começou a ser espancado e torturado. Para escapar da morte sob tortura e da entrega dos companheiros, Araújo inventou que tinha um ponto de encontro com Lamarca, o que era mentira. Foi levado até o local indicado por ele, onde tentou o suicídio, jogando-se embaixo de uma Kombi. Muito ferido foi levado ao Hospital das Clínicas. Existia uma concorrência entre as forças da repressão, Polícia e DOI-Codi, com a chegada de um oficial do exército no local, foi providenciada a transferência de Araújo para a rua Tutóia, sede do DOPS onde foi torturado por três vezes pelo capitão Benoni Albernaz. Do DOI-Codi, foi transferido para o Presídio Tiradentes.

No final de 1970, Dilma e Carlos foram levados do presídio para a sede do DOI-Codi no Rio de Janeiro em camburões separados, onde desembarcaram encapuzados, por estarem indiciados juntos num Inquérito Policial-Militar da VAR. Além deles, outros presos políticos no Rio foram deslocados até lá para prestarem depoimentos na sede da Primeira Auditoria Militar, uma subdivisão da Marinha localizada na Ilha das Flores. Foi lá que o casal reatou a relação.

Figura 9: Dilma Rousseff na sede da auditoria militar no Rio de Janeiro.

Fonte: Portal EBC. Acervo – 31/08/2016 – Acesso: 30 mar 2020 - Disponível em: http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/08/relembre-trajetoria-politica-de-dilma-rousseff-segunda-presidente-sofrer

Dilma retornou para o Presídio Tiradentes e Carlos foi transferido para uma prisão da Aeronáutica no Rio. Foi lá que Carlos escreveu uma carta e pediu que a mãe de um preso político de Belo Horizonte, num dia de visita, entregasse a correspondência à D. Dilma Jane Rousseff. A sogra então foi visita-lo na prisão e retornou outras vezes até que este foi levado de volta ao Presídio Tiradentes, no segundo semestre de 1971 (AMARAL, 2011).

Apesar de estarem no mesmo presídio, não era permitido que Dilma e Carlos se encontrassem como previsto na legislação. De acordo com a lei, ela ainda estava casada com Galeno Linhares e ele, Carlos, com sua ex-mulher, Vânia Abrantes. Quem apelou pelo casal

foram suas mães, Dilma Jane e Marieta Araújo, que se instalaram próximo ao presídio numa pensão e diariamente se dirigiam ao presídio pedindo que:

> o Estado reconhecesse a união dos dois. A fórmula encontrada pela burocracia foi uma "investigação de concubinato marital", as mães servindo de testemunhas da união, em depoimento tomados a termo. Dois anos depois do matrimônio revolucionário num aparelho clandestino, Dilma e Carlos foram casados pela polícia. (AMARAL, 2011, p. 85)

A presa política prestou depoimento também em 1970 em Juiz de Fora, e também denunciou tanto as torturas a que fora submetida quanto seus torturadores militares. Segundo o jornalista Lucas Ferraz, "o coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ustra não teve nenhuma relação com os episódios, como falsamente divulgado anos depois por Jair Bolsonaro" (FERRAZ, 2019, p. 47) - no dia em que a câmara de deputados aprovou a abertura de *impeachment* contra Dilma. Na fotografia abaixo, publicada em 1970 pelo *Diário Mercantil*, Dilma Rousseff aparece em segundo plano de perfil acompanhada de outros presos políticos, tendo sido uma das condenadas por cometerem atos terroristas contra o regime a fim de tomarem o poder através da luta armada num plano compartilhado entre outras organizações clandestinas de esquerda.

Figura 10: No Diário Mercantil, em 1970, fotografia e matéria sobre a condenação de presos políticos, dentre estes Dilma Rousseff, sentada com o rosto de perfil.

Fonte: Diário Mercantil/Arquivo Histórico Juiz de Fora – 22/06/2012 – Acesso 09 abr 2020 - Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/06/1108621-dilma-contou-ter-sofrido-encenacao-de-fuzilamento.shtml

Dilma Rousseff foi solta após cumprir dois anos e dez meses da pena a que fora sentenciada, seis anos (AMARAL, 2011). Nenhum dos três IPMs conseguiram relacionar sua participação em ações armadas como roubos de carros e armas, assaltos a bancos e atentados. Sua condenação se deu com base na lei sobre crimes contra a segurança nacional.

> Dilma foi condenada a um ano de prisão no IPM de Juiz de Fora, pelo artigo 36, e a um ano e um mês no do Rio. Em São Paulo, o juiz auditor carregou a mão na denúncia – chamou Dilma de "papisa da subversão", "uma das molas mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários postos em prática pelas esquerdas radicais", - e obteve a pena máxima: quatro anos. Em novembro de 1972, o Superior Tribunal Militar (STM) reavaliou os processos, fixou pena em dois anos e um mês e determinou a soltura da ré. Quando desceu da Torre das Donzelas, Dilma tinha completado dois anos e dez meses no cárcere. No saldo, nove meses além de pena imposta pelo tribunal militar (AMARAL, 2011, p. 86).

No dia de sua libertação, Dilma foi recepcionada por sua família e com eles retornou a Minas Gerais para se recuperar. Dilma recordou sobre esse momento, "quando saí da cadeia, eu senti uma coisa muito forte, eu senti uma grande solidão. Quem eu conhecia ou estava na cadeia, ou tinha saído do Brasil ou estava morto" (AMARAL, 2011, p. 88). O cárcere e a tortura deixaram marcas em Dilma; ela desenvolveu uma disfunção da tiroide um ano após sua libertação, primeiro um hipertireoidismo e em seguida um hipotireoidismo: "foi uma somatização. Mas me tratei e fiquei boa" (CARVALHO, 2010, p. 139), declarou Dilma.

Em seu depoimento ao cineasta Silvio Tendler para o documentário Utopia e Barbárie (2009), Dilma faz um balanço de pertencer à geração de 1968 e de sua participação na resistência e luta contra a Ditadura Militar[27]:

> o que que a gente acreditava? A gente acreditava sinceramente que a gente ia mudar o mundo. Que haveria um mundo mais igual, que o Brasil ia ser um país diferente. Eu acho que o que movia a gente era direito de expressão. Porque nós éramos de uma geração que discutia muito, né?!? Que tinha no debate de ideias umas das forças e das coisas que caracterizavam a nossa

[27] Utopia e Barbárie (2009) é um documentário que levou 19 anos para ser concluído. O cineasta Silvio Tendler fez um registro fílmico percorrendo 15 países e tomando depoimentos de personalidades que lutaram contra a barbárie. São ex-presos políticos, militantes de esquerda, intelectuais e ex-combatentes que travaram lutas participando de guerrilhas contra ditaduras, guerras, revoluções e lutas anticolonialistas. Tendler aborda acontecimentos históricos como a Revolução Russa, a Revolução Cubana e Chinesa, a II Guerra Mundial, a bomba de Hiroshima e o Holocausto, a efervescência de maio de 1968 e seus reflexos no Ocidente, as contradições do Sionismo de Israel e a questão da Palestina, a Guerra do Vietnã, os genocídios praticados pelas Ditaduras na América Latina na década de 1970, a queda do Muro de Berlim, e os movimentos de libertação na Argélia e Congo. Entre as pessoas entrevistadas, muitos ex-presos políticos como Dilma Rousseff e Franklin Martins, a escritora Susan Sontag, o filósofo Leandro Konder, o escrito Eduardo Galeano, entre outros. **Utopia e Barbárie.** Sílvio Tendler. Caliban Produções. 2009. YouTube.120 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6-lC2PeB9-o Acesso: 21 abr 2020.

> vida diária. Então ela, a nossa geração, queria isso para o Brasil, mas sobretudo ela queria, eu acho, justiça social (ROUSSEFF, 2009, 37:07).
> A chegada da gente à universidade é uma chegada junto com um imenso descrédito que marca também a nossa geração. Um imenso descrédito na democracia. Porque tinham rasgado a democracia em 1964. Só que a gente não sabia que ainda tinham rasgado pouco (ROUSSEFF, 2009, 38:37).

E ela prossegue narrando sobre o desprendimento daqueles que se viram obrigados a entrar para a clandestinidade por se verem perseguidos pela Ditadura, e a utopia em que acreditavam para darem a própria vida pelos ideais democráticos de uma sociedade igualitária:

> O pessoal da minha geração, que viveu essa pré-barbárie, né, que tava na clandestinidade vivendo momentos difíceis, mas tinha uma grande alegria de viver; até porque a gente não achava nada demais ter só uma roupa, né?!? Ter pouco dinheiro pra comer. Como disse um amigo meu, você dormia em cima de 200 mil dólares, né? Mas passava necessidade, comia um queijo com goiabada e segurava (ROUSSEFF, 2009, 45:13).
> Em termos de aventura nossa, foi muito bom ser da geração de 68, né?!? Porque a gente tinha isso, a gente se sentia ao fazer, a gente se sentia justificado. Eu acho que ninguém pode, geração nenhuma, pode viver sem utopia (ROUSSEFF, 2009, 1:52:50).

2.3 A participação na luta pela redemocratização

No início de 1973 mudou-se para Porto Alegre onde estava preso Carlos Araújo, transferido de São Paulo para a capital gaúcha, e onde residiam seus sogros. Retomou os estudos tendo sido aprovada no vestibular para Economia na UFRGS em 1974 e conseguiu o primeiro emprego como estagiária na FEE – Fundação de Economia e Estatística do governo do Rio Grande do Sul (AMARAL, 2011).

Enquanto Carlos esteve ainda cumprindo pena no presídio da ilha das Pedras Brancas, no rio Guaíba, Dilma o visitava duas vezes por semana - após ter que aguardar por seis meses até que as autoridades gaúchas reconhecessem o casamento deles. Em suas visitas à Ilha do Presídio, ela levava alimentos, cigarros e vários jornais para o marido. “Falávamos sobre nossa vida afetiva, do filho que queríamos ter, sobre como e onde retomar a militância” (CARVALHO, 2010, p. 141), recordou Carlos Araújo. Outros presos políticos da Ilha também recordaram sua presença trazendo informações, sendo muito solidária e agradável, além de levar livros políticos escondidos em romances, recordaram Rui Falcão, atualmente deputado federal por São Paulo (2019-2022) e ex-presidente do PT, e Raul Pont, ex-deputado

e ex-prefeito de Porto Alegre, também do Partido dos Trabalhadores (CARVALHO, 2010, p. 141).

Figura 11: Dilma Rousseff, a primeira mulher da direita para a esquerda, em Porto Alegre, 1974.

Fonte: Portal EBC – 1/0/2016 - Acesso: 23 mar 2020 - Disponível em: http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/08/relembre-trajetoria-politica-de-dilma-rousseff-segunda-presidente-sofrer

Quando Carlos Araújo foi transferido para o Presídio Central de Porto Alegre, no início de 1974, ele organizou um curso supletivo para os presos enviando convites para amigos se voluntariarem. Dilma contribuiu dando aulas de matemática e na criação de uma biblioteca. “Conseguiram formar a primeira turma e até encaminhar alguns condenados para o vestibular” (AMARAL, 2011, p. 91).

Em junho de 1974, Carlos Araújo foi solto. Como seu pai havia falecido 10 dias antes de sua libertação, foram ele e Dilma morar com sua mãe. Nesse período, Dilma estava no cursinho preparatório para o curso de Economia da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como seus direitos políticos foram cassados pela Ditadura, Dilma retomou sua militância política dentro da legalidade através do IEPES – Instituto de Estudos Políticos e Sociais, ligado ao MDB, partido oficial de oposição ao regime. A função de Dilma era organizar palestras e debates convidando personalidades da intelectualidade nacional, como

Chico de Oliveira – intelectual marxista e fundador do PT, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort - cientista político.

Apesar de sua atuação no Instituto, Dilma nunca se filiou ao MDB. Pedro Simon, que na época era o dirigente do MDB no Rio Grande do Sul falou sobre Dilma: "ela era uma jovem bonita e uma mulher firme" (CARVALHO, 2010, p. 143). A Ditadura havia cassado por uma década os direitos políticos de Dilma, e sua atuação como estagiária na FEE, Fundação de Economia e Estatística do governo do RS, era muito discreta, assim como no curso de Economia. Apenas alguns colegas da universidade mais politizados sabiam de sua história, e ela não se envolveu com o movimento estudantil que principiava em sua própria reorganização.

No ano de 1975 a ONU – Organização das Nações Unidas - instituiu o Ano da Mulher[28]. Apesar do país ainda estar sob os anos de chumbo do regime ditatorial, o organismo internacional resguardava uma abertura para que grupos de mulheres através da Associação Nacional de Imprensa ou da Ordem dos Advogados do Brasil pudessem dar continuidade às comemorações. Várias reuniões foram realizadas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, propiciando-se "certa abertura para a imprensa feminina alternativa" (BLAY, 2017, P. 82). Em junho do mesmo ano, Dilma, que nos bastidores auxiliava na produção do jornal da ala jovem do MDB do Rio Grande do Sul – O Panfletão - desde 1974 (AMARAL, 2011), viajou a São Paulo a pedido da companheira de cárcere, Therezinha Zerbini, e:

> retornou a Porto Alegre levando uma cópia do manifesto do Movimento Feminino pela Anistia, que Therezinha acabara de lançar, defendendo a libertação dos presos políticos, o retorno dos milhares de exilados e o fim das cassações. Dilma estava grávida e, com seus antecedentes, não convinha tomar a frente do movimento no Sul. Ela confiou a missão a Lícia Peres, que vinha da Bahia com ficha limpa, e ficou atuando nos bastidores. A seção gaúcha do MFA contribuiu com mais de 12 mil assinaturas que o manifesto recebeu no país. Uma bandeira com a palavra ANISTIA foi lançada sobre o

[28]Sob o lema "Igualdade, Desenvolvimento e Paz" em 1975, a ONU realizou a I Conferências Mundial da Mulher. Cujo tema central era pela eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social. Foi aprovado um plano de ação como norteador das diretrizes de governos e da comunidade internacional no decênio 1976-1985, destacando-se: a igualdade plena de gênero e a eliminação da discriminação por razões de gênero, a plena participação das mulheres no desenvolvimento e maior contribuição das mulheres para a paz mundial. A conferência teve a participação de 133 delegações, sendo 113 lideradas por mulheres. Outro ponto alto da Conferência foi a realização do Fórum de Organizações Não-Governamentais, que contou com a participação de 4.000 ativistas. Criou um espaço estratégico, o qual viria a se consolidar nas demais conferências da Mulher. Propiciou a criação do Fundo de Contribuições Voluntárias das Nações Unidas para a Década da Mulher, o qual viria a ser convertido no Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), em 1985, por decisão da Terceira Conferência Mundial sobre a Mulher. Conferências Mundiais da Mulher. ONU Mulheres Brasil. Disponível: http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/ Acesso: 15 jan 2020.

> caixão do ex-presidente João Goulart, morto no exílio uruguaio em dezembro de 1976. (...). Na missa de 30 dias de morte de Jango, 300 policiais militares invadiram a Catedral de Porto Alegre quando o público começou a murmurar – em seguida a bradar – a palavra proibida. Dilma estava lá naquela noite (AMARAL, 2011, p. 94).

Após o nascimento da filha Paula em 1976, Dilma e Carlos Araújo mantiveram em sua casa uma espécie de espaço de encontro político permanente que se tornou "um pouso seguro e acolhedor para militantes de todo o país e todo o lugar do planeta. Ela serviu de abrigo para os primeiros exilados que retornaram ao país, antes mesmo de a Anistia ser aprovada, em agosto de 1979" (AMARAL, 2011, p. 97). Receberam Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, o antropólogo Darcy Ribeiro dentre muitos outros. A casa também acolhia reuniões com grupos do MDB, da Anistia e do movimento sindical que reflorescia.

Como experiente membro e dirigente de organizações políticas de esquerda, Dilma Rousseff atuava em vários âmbitos da luta pela redemocratização do país em Porto Alegre. E transitava com outras mulheres de esquerda em grupos de estudo, organizações políticas clandestinas de esquerda; em 1977 liderava o setor feminino da Associação de Estudos e Debates do novo PTB (antes desse ser cooptado pela ditadura). Também escreveu artigos anônimos para o jornal de esquerda Em Tempo, entre outros (AMARAL, 2011).

No final de 1977, Dilma foi exonerada do cargo que ocupava na FEE – Fundação de Economia e Estatística do governo do Rio Grande do Sul - na disputa pelo poder entre o ditador Geisel e o general e ministro do exército Silvio Frota. Frota, da linha dura da ditadura, oponente do general presidente Ernesto Geisel, que propunha uma distensão gradual e segura do regime para a democracia, havia apresentado uma lista de nomes de pessoas consideradas subversivas infiltradas que fora publicada no jornal O Estado de São Paulo[29]. Era uma tentativa de desmoralizar o governo de Geisel usando o nome de ex-militantes de esquerda e ex-presos políticos. O nome da estagiária da FEE, Dilma Rousseff, estava em segundo lugar na lista publicizada.

---

[29] Geisel assume ditadura em tempo de crise. Memorial da Democracia. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/geisel-assume-ditadura-em-tempo-de-crise Acesso: 19 mar 2020.

Figura 12: No Jornal O Globo, a manchete anuncia os planos do ditador Geisel, para uma abertura lenta e segura da ditadura.

Presidente Geisel anuncia distensão gradativa e segura

Garantias reiteradas

A história da Copa. Segundo Tinoco e Antonio do Passo.

O GLOBO

Continua em baixa a Bolsa de Nova York

Enquanto não chove

Falcão condena a violência policial

Revolução na Biologia

Cientista consegue alterar código genético de um vírus

Os "kalíes" do trânsito aumentam o consumo de gasolina

Explosão nos EUA destrói 4 edifícios

Fonte: Acervo O Globo – 30/08/1974 – Acesso: 20 mar 2020 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ernesto-geisel-pai-da-distensao-lenta-gradual-segura-da-ditadura-militar-20071730

No final de 1978, o general Ernesto Geisel revogou o AI-5; entretanto, promulgou a Lei de Segurança Nacional que prometia o fim da censura, mas proibia que os trabalhadores de setores considerados de segurança e serviço de primeiras necessidades fizessem greves. O ditador demitiu o general Silvio Frota e garantiu a indicação de seu sucessor João Batista Figueiredo, que ao assumir o comando do país em março de 1979 recebeu de herança de Geisel o colapso do milagre econômico brasileiro[30], uma hiperinflação de 46% - o problema

[30] A Ditadura Militar teve como projeto de desenvolvimento para a economia nacional, "facilitar o investimento estrangeiro, reduzir o papel ativo do Estado e elevar o ritmo de crescimento. (...) e deu prioridade a um programa de estímulo ao investimento estrangeiro e de incentivo às exportações por meio da desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar. Adotou uma dura política de estabilização: controle dos salários, redução da idade legal mínima de trabalho, fim da estabilidade no emprego através da criação do FGTS, repressão de sindicatos, proibição de greves. (…). Enquanto os militares aprofundavam os instrumentos de repressão dentro das fábricas – e para o restante da sociedade -, a economia se aqueceu e a inflação, em vez de subir, passou a cair. Teve início um surto de crescimento que, no seu apogeu, superou qualquer período anterior, e o governo começou a falar de

da Lei da Anistia, além das greves lideradas por Luís Inácio da Silva em São Bernardo do Campo.

Figura 13: Na primeira página da edição matutina do jornal O Globo, a manchete anuncia a Lei de Segurança Nacional que substituiu o AI-5.

Governo dirá quem não pode fazer greve

Terroristas matam palestino em Paris

O GLOBO

Mulher joga sete filhos pela janela

Itaipu: Brasil não volta às negociações

Geisel, 70 anos: desenganos

Magalhães e Euler decidirão quem se candidata

O espírito das reformas

"milagre econômico brasileiro". A performance de crescimento seria indiscutível, porém o milagre tinha explicação terrena. Misturava, com a repressão aos opositores, a censura aos jornais e demais meios de comunicação, de modo a impedir a veiculação de críticas à política econômica, e acrescentava os ingredientes da pauta dessa política: subsídio governamental e diversificação das exportações, desnacionalização da economia com a entrada crescente de empresas estrangeiras no mercado, controle do reajuste de preços e fixação centralizada dos reajustes dos salários. A indústria automobilística triplicou a produção, faltou cimento para atender ao aumento na construção civil, e a Bolsa de Valores parecia fabricar dinheiro fácil – no pregão do Rio de Janeiro, um mês de transação, em 1970, ultrapassou, em dez vezes, todo o movimento do ano de 1968. O "milagre econômico", contudo, teve um preço, e o crescimento da economia se fez acompanhar de um processo de concentração de renda, resultado de uma política salarial restritiva em que os ganhos de produtividade não eram repassados para os trabalhadores. Deu-se também um aumento vertiginoso da dívida externa com o país mais vulnerável às alterações do cenário internacional em decorrência da captação de recursos privados no exterior – com financiamento mais barato e maior prazo – e obtenção de crédito para a indústria em bancos privados internacionais com juros flutuantes e elevados. Os brasileiros só iriam acordar para o tamanho dessa vulnerabilidade após 1973, quando a Opep reduziu a oferta de petróleo, o preço do produto foi multiplicado por quatro, não havia alternativa senão continuar comprando, e o milagre finou. Ao contrário do brasileiro comum, tanto os generais do Executivo quanto os tecnocratas do Ministério do Planejamento sabiam que havia distorções no crescimento da economia e que as consequências viriam. E ninguém se mexeu: o resultado era muito bom e a ditadura se beneficiava dele. Na explicação meio cínica do general Médici, que ocupou a Presidência da República no período do apogeu do ciclo de crescimento, o país estava muito bem; o povo é que ia mal. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 451, 452, 453)

Fonte: Acervo O Globo – 04/08/1978 - Acesso: 27 mar 2020 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019780804

2.4 A construção da carreira profissional na burocracia estatal

Nesse período Dilma Rousseff estava com a filha, Paula, em Campinas, cursando uma pós-graduação em Ciências Econômicas na Unicamp. "Dilma concluiu os créditos do curso, mas nunca apresentou a dissertação final para receber o título de mestre" (AMARAL, 2011, p. 98). Luiz Maklouf Carvalho contradiz o biógrafo oficial de Dilma, Ricardo Amaral, ao afirmar que ela "nunca se matriculou em nenhum curso de mestrado na Unicamp", mas que foi encontrado um registro de "matrícula no curso de doutorado em 1998, abandonado em 2004" (CARVALHO, 2010, p.146).

De acordo com Ricardo Amaral (2011), Dilma iniciou um doutorado na área de Economia Monetária e Fiscal sob a orientação do professor João Manuel Cardoso de Mello, mas em 1999 interrompeu os estudos para assumir novo cargo na burocracia estatal. Nessa nova tentativa de retomar a vida acadêmica na Unicamp, conheceu a professora Maria da Conceição Tavares, com quem estabeleceu um laço de amizade. Dilma afirma que cursou as disciplinas de mestrado no final dos anos 1970, mas não entregou a dissertação para a defesa. Quanto ao doutorado afirmou que apesar da matrícula, não conseguiu concluí-lo porque havia sido nomeada ministra no governo Lula. As declarações de Rousseff na época expunham o equívoco do site da Casa Civil de então, que afirmava que esta possuía o título de mestra e doutora em economia.

Enquanto estava cursando as disciplinas do mestrado, Dilma também fazia parte de um grupo de debates juntamente com outros ex-integrantes da VAR-Palmares. Eram todos ex-presos políticos e nesses encontros procuravam fazer uma autocrítica sobre o período de luta contra a ditadura buscando novas perspectivas políticas de resistência, ao mesmo tempo em que retomavam leituras marxistas.

Em 1979, ao ser promulgada a Lei da Anistia, diversas lideranças políticas e militantes de esquerda que haviam sido exilados pela Ditadura Militar, começaram a retornar para o Brasil com a gradual abertura política. Dentre eles estava Leonel Brizola, antiga liderança do PTB que em 1979 fundou, ainda no exílio, o Partido Democrático Trabalhista, PDT[31]. Dilma

[31] "O PDT – Partido Democrático Trabalhista surgiu em 17 de junho de 1979, fruto do encontro dos trabalhistas no Brasil como os trabalhistas no exílio, liderados por Leonel Brizola. Seu objetivo era reavivar o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, criado por Getúlio Vargas, presidido por João Goulart e proscrito pelo Golpe de 1964. Desse encontro, ao qual esteve presente o líder português Mário

Rousseff e Carlos Araújo haviam visitado Brizola em Portugal em 1979 por duas vezes. E em 1980, o casal filiou-se ao PDT e Carlos Araújo foi eleito e reeleito para mais dois mandatos como deputado estadual do Rio Grande do Sul.

Ainda no ano de 1980, Dilma iniciou seu trabalho de "assessora da bancada do PDT na Assembleia Legislativa gaúcha" (CARVALHO, 2010, p. 147). Como assessora produzia estudos econômicos e sobre questões regionais. Além de análises diárias que produzia onde constavam notícias e fatos. Tais análises norteavam discursos e entrevistas dos parlamentares do partido.

Esse trabalho de condensar informações para a bancada estadual gaúcha atraiu a atenção de Brizola, que na época era govenador do Rio de Janeiro, pois poderia ser adotado para unificar o discurso do PDT. Dessa forma, "a síntese de Dilma passou a ser enviada por fax (uma novidade tecnológica de então) para o gabinete do governador, no Rio, e distribuída para as bancadas do PDT no Congresso Nacional e nos outros estados" (AMARAL, 2011, p.104).

Enquanto era assessora da bancada do PDT, Dilma conheceu um rapaz morador de rua que tomava conta de carros durante o dia no entorno do prédio da Assembleia. Seu nome era Edison Castêncio, tinha 24 anos e era órfão de pai e mãe. Dilma conseguiu que ele fosse contratado como office-boy da bancada do PDT podendo assim abandonar a vida de morador de rua, e o apelidou de Sorriso. "Eu passava fome, tinha dia que eu só comia pão com água. Devo tudo à Dilma", revelou Edison Castêncio em entrevista à revista Isto É, que publicou a história[32].

Na ausência de um fotógrafo profissional que registrasse um evento, Carlos Araújo pediu a Sorriso, que possuía uma câmera descartável, que fizesse as fotos. O resultado foi tão surpreendente que o casal o presenteou com uma câmera profissional. A partir de então, Sorriso tornou-se o fotógrafo oficial da família de Dilma e Carlos, além de boa parte da classe política de Porto Alegre. O fotógrafo esteve na posse de Dilma em 2010, e ela olhou para sua direção, que esteva no meio da multidão, para conceder-lhe uma fotografia sorrindo, enquanto Sorriso chorava de emoção. Segundo Sorriso, "o estilo 'durona de ser' da presidente Dilma remonta aos primórdios de sua trajetória política" - declarou na mesma matéria para a revista *Isto É*.

Soares, representando a Internacional Socialista, saiu a Carta de Lisboa, que definiu as bases do novo partido. O PDT – História: A fundação – 1979. Disponível: https://www.pdt.org.br/index.php/o-pdt/historia/ Acesso: 23 maio 2020.

[32] Marques, Hugo, O sorriso da Presidenta. Isto é, 21/01/2011. Disponível em: https://istoe.com.br/121042_SORRISO+DA+PRESIDENTE/ , acesso em 13 fev 2020.

Figura 14: Pelas lentes de Sorriso, Dilma Rousseff, séria e olhando para o lado, vestida de calça clara e blusa marrom, participa de um evento político com partidos de esquerda em Porto Alegre.

Fonte: Acervo pessoal Sorriso – 21/01/2011 - Acesso: 29 maio 2020 - Disponível: https://istoe.com.br/121042_SORRISO+DA+PRESIDENTE/

Nesse mesmo período de trabalho na Assembleia, Dilma é lembrada por uma de suas amigas do PDT, Maria Regina Barnasque: "ela tinha uma personalidade forte e mostrava uma grande habilidade política, (...) e jurou que, naquele período, Dilma jogava no time de vôlei feminino do PDT" (CARVALHO, 2010, p. 147). Interessante observar como o jornalista Luiz Maklouf Carvalho (2010) revela que esta precisou jurar na entrevista que Dilma jogava vôlei. Como se isso não fosse possível tendo em vista os traços de sua personalidade revelados pelas observações daqueles que estiveram na clandestinidade, e por sua seriedade e disciplina. Muito provavelmente Carvalho nunca tenha ficado sabendo do fotógrafo Sorriso, ou muito além disso. Talvez ele nunca tenha compreendido o ideal romântico dos militantes de esquerda da geração de Dilma Rousseff, de partir para a luta armada para construir uma sociedade socialista, derrotando a ditadura militar e o capitalismo, vencendo enfim a luta de classes. E ainda assim serem pessoas com interesses e aptidões como as outras pessoas sem engajamento político partidário ou ideais utópicos de transformação social.

Em 1985, início do período de redemocratização no Brasil, Dilma participou da campanha política de Alceu Collares pelo PDT para prefeito da capital gaúcha. Rousseff atuou na elaboração do plano de governo e também na articulação com sindicatos, sendo requisitada pelo próprio candidato. Com a vitória de Collares, o primeiro prefeito de Porto

Alegre, veio o convite para assumir a Secretaria da Fazenda. Foi início de sua carreira na burocracia estatal.

No ano de 1981, no PDT, Dilma foi uma das fundadoras da AMP – Ação da Mulher Trabalhista[33]. E trabalhou ativamente para que mais mulheres participassem da vida política partidária preenchendo os quadros do partido e como candidatas. Para isso, viajou pelo interior do estado do Rio Grande do Sul organizando e participando de encontros com mulheres de diversas cidades gaúchas. Alguns desses encontros foram registrados, como na fotografia abaixo, em 1986 na cidade de natal de São Francisco de Paula em que Dilma compõe a mesa com outras mulheres da localidade; tinham todos os lugares ocupados por trabalhadoras que se interessavam pela democracia e pelo ingresso na vida política do país no início da Nova República. Dilma contribuía com a redemocratização semeando pela inserção de mulheres nos quadros políticos partidários profissionais da esquerda nacional. Uma pauta do movimento de mulheres da época e que permanece atual.

Figura 15: Na fotografia de 1986, Dilma Rousseff aparece sentada na extremidade esquerda da mesa composta apenas por mulheres da AMP.

Fonte: Arquivo pessoal Dilma Rousseff – 26/11/2010 - Acesso: 25 maio 2020 - Disponível: https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/politica/noticia/2010/11/visitas-de-dilma-rousseff-a-sao-francisco-de-paula-mobilizam-as-mulheres-na-politica-3122959.html

[33] Dilma lembra sua atuação na AMT do Rio Grande do Sul. Ação Mulher Trabalhista. 10 maio 2010. Disponível em: http://amtpdt-rs.blogspot.com/2010/06/dilma-lembra-sua-atuacao-na-amt-do-rio.html Acesso: 27 jun 2020.

Na década de 1990, Dilma foi nomeada para a presidência FEE – Fundação de Economia e Estatística -, quando Alceu Collares foi eleito governador do Rio Grande do Sul. Ela retornava para presidir o órgão do qual fora exonerada por ser subversiva pela Ditadura. O Tribunal de Contas do Estado numa auditoria no ano de 1992 havia encontrado uma série de irregularidades na FEE. Dilma recorreu da sentença que a responsabilizava pelos erros de outras gestões e foi inocentada. "As providências adotadas pela recorrente (Dilma) revelaram-se eficazes, tanto que se refletiram positivamente no exercício seguinte" (AMARAL, 2011, p. 110), reconhecendo sua inocência.

Figura 16: Dilma Rousseff em 1991, em cerimônia em que foi empossada como presidente da FEE após 14 anos de sua demissão da secretaria por perseguição política da Ditadura.

Fonte: Acervo pessoal Dilma Rousseff – 08/12/2012 - Acesso: 30 maio 2020 - Disponível: https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/12/como-vivem-hoje-os-comunistas-da-lista-do-general-sylvio-frota-3976137.html

Em 1993, Dilma foi indicada pelo governador para a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação. Ao assumir a função, estudou sobre as atribuições da pasta e principalmente sobre energia. E chegou à conclusão que para haver crescimento econômico regional seria necessário conjugar investimentos privados e públicos. Apesar de ter permanecido no cargo por apenas 13 meses, a secretária atrasou privatizações e garantiu que o Rio Grande do Sul participasse da partilha do gás natural boliviano.

Ao fim do governo de Collares, Dilma retornou para a FEE e atuou também como editora da revista da fundação, a "Informe Econômico RS, onde publicou uma série de artigos sobre política fiscal, dívida dos estados, relação entre taxa de juros e inadimplência, concentração e internacionalização do sistema financeiro no Brasil" (AMARAL, 2011).

Nesse mesmo período, segundo matéria do jornal *O Globo,* publicada em 03 de julho de 2012, *Dilma foi vigiada pelo governo até meados dos anos 90;* ou seja, durante os governos de Fernando Collor e Itamar Franco[34]. Rousseff ainda era monitorada pelos órgãos de informação em plena Nova República. Seu nome aparece em documentos da Secretaria de assuntos Estratégicos da Presidência da República, que substituiu o SNI – Serviço Nacional de Inteligência - criado pela Ditadura Militar, que por Medida Provisória fora extinto no governo Collor[35]. Os documentos dão conta da atuação de Dilma no PDT, sua trajetória na luta contra o regime ditatorial e suas funções na burocracia estatal no Rio Grande do Sul.

Após quase uma década transcorrida do fim da Ditadura Militar (1964-1985), o Estado brasileiro ainda monitorava os que haviam lutado contra o regime dos generais. Essas são consequências do acordo entre as elites políticas e econômicas com as Forças Armadas para a redemocratização do país controlada pelos generais, que garantiu que a Emenda Dante de Oliveira (que restabeleceria eleições diretas para presidente) não fosse aprovada. Além do programa de governo de Tancredo Neves, candidato a eleição indireta em 1985, que "anunciou em carta pública que seu governo não faria perguntas às Forças Armadas – nem sequer para investigar os crimes da ditadura. (...) um projeto de transição ambíguo, que incluía uma solução política conservadora e uma alternativa de mudança conciliatória" (SCHWARCZ; STARLING, 2018, P. 486). A Nova República manteve a estrutura autoritária

---

[34] Dilma foi vigiada pelo governo até meados dos anos 90. Éboli, Evandro. 07 jul 2012. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-foi-vigiada-pelo-governo-ate-meados-dos-anos-90-5384921 Acesso: 07 abr 2020.

[35] Serviço Nacional de Informação. Órgão da Presidência da República criado em 13 de junho de 1964 pela Lei nº 4.341 com a finalidade de superintender e coordenar nacionalmente as atividades de informação e de contra-informação, em particular aquelas de interesse para a segurança nacional. Desde meados da década de 1940, as atividades de informação eram garantidas pela 2ª Seção do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), pelos estados-maiores dos ministérios militares e pelas seções de segurança nacional dos ministérios civis. Pelo Decreto nº 97.775, de 6 de setembro de 1946, coube a estas últimas, como órgãos complementares do Conselho de Segurança Nacional, estudar as questões de segurança nacional dentro do âmbito das atribuições de seus respectivos ministérios, e assegurar as relações entre estes e a secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional, o EMFA e os demais ministérios. O mesmo decreto criou ainda o Serviço Federal de Informações e Contra-Informações (SFICI), subordinado ao Conselho de Segurança Nacional. Kornis, Mônica. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-nacional-de-informacao-sni Acesso: 11 maio 2020.

do estado ditatorial, mudou apenas o nome do aparelho de inteligência, que foi rebatizado de ABIN no governo de FHC, além dos aparelhos coercitivos como a Polícia Militar.

No ano de 1994, ela e Carlos Araújo se separaram, mas a separação definitiva ocorreu em 1999. Nesse momento de sua vida ela iria participar do governo estadual petista de Olívio Dutra, mesmo sendo do PDT. Dilma conhecia Brizola desde o fim da década de1970 e fazia parte de um grupo de filiados que se posicionavam mais à esquerda dentro do partido.

Figura 17: Dilma Rousseff e Leonel Brizola num encontro do PDT em março de 1998 num encontro para anunciar que iria ser vice na chapa de Lula nas eleições presidenciais.

Fonte: Acervo pessoal Dilma Rousseff – 29/12/2015 - Acesso: 04 abr 2020 - Disponível: https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1723937-heroi-de-dilma-brizola-vira-heroi-da-patria.shtml

No governo do petista Olívio Dutra, Dilma retornou novamente como secretária da Secretaria de Energia, Minas e Comunicação – SEMC. Rousseff encontrou uma secretaria em franco processo de aniquilamento após o governo anterior ter privatizado a companhia estadual de telefonia. O quadro de servidores era constituído de dois engenheiros e poucos técnicos administrativos. Apesar desse quadro desolador estadual e nacional, pois o país vivia o governo privatista de Fernando Henrique Cardoso, conseguiu convencer o governo federal a investir na Sulgás, através da assinatura de um contrato mútuo entre a Petrobrás e a empresa estadual gaúcha para distribuir o gás da Bolívia.

Segundo Amaral:

> nas reuniões que manteve com a Petrobrás e o BNDES, Dilma, secretária de um governo petista, não levou argumentos ideológicos; levou os contratos de pré-venda de gás natural que tinha feito com grandes grupos industriais: Gerdau Aços Finos Piratini, Agrale, AGCO e as empresas do polo petroquímico de Triunfo. Agiu da mesma forma para negociar a distribuição

> de gás comprado da Argentina por meio da holding TSB. Dilma sabia falar a linguagem dos empresários, (...), e soube fazer deles seus aliados nas negociações com o governo federal (AMARAL, 2011, p. 119).

Ainda na SEMC, Dilma apoiou a pesquisa da secretaria por fontes alternativas de geração de energia, uma de suas obsessões. A pesquisa resultou na descoberta do potencial eólico do Rio Grande do Sul e da implementação do Parque Eólico de Osório. "Ao fim da segunda gestão Dilma Rousseff na SEMC, a oferta de energia elétrica no Rio Grande do Sul tinha crescido 46%" (AMARAL, 2011, p. 121). Em compensação, nacionalmente o setor de abastecimento de energia vivia sua pior crise, que ficou conhecida como apagão durante o segundo governo FHC.

Nesse período em que esteve trabalhando na SEMC, Dilma ainda era filiada ao PDT e pertencia à ala mais à esquerda do partido. Ela e o marido tinham um grupo dentro da agremiação política de Leonel Brizola que a pressionava para abandonar o governo de Dutra. Dilma optou por deixar o PDT e se filiar ao PT em 2001. No final do mesmo ano, Olívio Dutra indicou sua secretária para fazer parte "da equipe que trabalhava no programa de governo do PT" (AMARAL, 2011, p. 123) para as eleições de 2002.

2.5 A primeira ministra de Minas e Energia

Em 2008, o ex-presidente Lula narrou como conheceu Dilma Rousseff,

> eu sabia que ela era secretária do Olívio Dutra, mas não tinha muito contato, até porque ela era do PDT. Quem cuidava do meu grupo de energia era o Pinguelli Rosa. Então, a gente tinha, a cada ano, três, quatro reuniões com vários engenheiros do setor energético. Já próximo de 2002, aparece por lá uma companheira com um computadorzinho na mão. Começamos a discutir e percebi que ela tinha um diferencial dos demais que estavam ali porque ela vinha com a praticidade do exercício da Secretaria de Minas e Energia do Rio Grande do Sul. Aí eu fiquei pensando: acho que já encontrei a minha ministra aqui. Ela se sobressaiu em uma reunião com quinze pessoas. Pela objetividade e pelo alto grau de conhecimento do setor. Foi assim que ela apareceu no meu governo (CARVALHO, 2010, p. 152).

Durante o pleito eleitoral de 2002, próximo ao primeiro turno, a Abdib – Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústria de Base -, solicitou uma reunião com o grupo de energia da campanha de Lula. Rousseff, por ter experiência em gestão e habilidade política para dialogar com investidores, foi escolhida no grupo de energia composto por três homens pertencentes ao ambiente acadêmico. "Dilma e seu *laptop* brilharam. Ela fez uma exposição

objetiva, demonstrou uma visão muito prática dos temas que interessavam aos investidores. Recordou Palocci" (AMARAL, 2011, p. 126).

Com Lula eleito presidente, Dilma foi convidada para integrar a equipe de transição juntamente com toda a equipe de energia da campanha. Em novembro de 2002, o ministro de FHC, Pedro Parente, requisitou uma indicação da equipe de transição para acompanhá-lo num evento com investidores na Alemanha. Dilma foi a escolhida por Lula para a viagem representando o novo governo. De acordo com Pedro Parente, "a presença dela foi muito importante porque os investidores ficaram com uma visão clara de que não haveria ruptura" (CARVALHO, 2010, p. 154).

Em dezembro de 2002, Lula telefonou para Dilma convidando-a para o ministério de Minas e Energia. Olívio Dutra relata que Lula, após o fim do pleito eleitoral de 2002, o consultou sobre Dilma Rousseff:

> o que o Lula viu nela?, perguntei, e Olívio respondeu: "Um certo comedimento, o fato de ela ter uma visão articulada da área, uma discrição, uma modéstia sem falsidade. Ela com o *laptop* dela. Está tudo organizado ali. Tem números, elementos, quadros. Ela é sempre afirmativa. Posso ter pesado pouco na balança naquele momento, mas, da transição para a frente, o mérito é todo de Dilma (CARVALHO, 2010, p. 154).

O governo Lula teve em seu quadro ministerial quatro mulheres, Dilma Rousseff – minas e energia -, Marina Silva - meio ambiente -, Benedita da Silva – assistência social -, Emília Fernandes – secretaria de Direitos da Mulher. Compunham o ministério doze integrantes que haviam participado de organizações marxistas clandestinas durante os anos de chumbo ou após o processo de Anistia em 1979. Alguns conheceram a tortura e o cárcere, outros o exílio e até o banimento, como José Dirceu. Além de 11 dirigentes sindicais, havia também um antigo integrante do governo Jango, deposto no Golpe Militar de 1964, o advogado Waldir Pires. Dilma estava mais uma vez vivendo um momento histórico do país, integrando um governo que rompia, não completamente, mas em muitos aspectos com as velhas tradições oligárquicas nacionais que sempre estiveram no poder. Finalmente chegava ao poder um governo que trazia em sua amalgama uma outra origem sociopolítica.

Durante a realização desta pesquisa a única fotografia encontrada da posse do presidente Lula acompanhado da primeira dama Marisa Letícia, do vice-presidente José Alencar com sua esposa Mariza Gomes e das ministras e ministros foi em uma matéria da revista *Veja*, em que alguns ministros aparecem numerados para identificação dos leitores, apontando para alguns como crimes a luta contra a Ditadura e para outros processos que

respondiam na justiça[36]. Infelizmente, no site do Palácio do Planalto, onde até algum tempo atrás as fotografias dos governos Lula e Dilma estavam disponíveis, desde 2019 não é possível mais encontrá-las. Daí a necessidade de muitas vezes essa pesquisa recorrer a fotografias publicadas pela imprensa.

Figura 18: Fotografia da posse do presidente Lula de faixa presidencial ao lado da primeira dama Marisa Letícia de vermelho, e do vice-presidente José Alencar com a vice primeira dama Mariza Gomes de branco, e de todo o corpo ministerial. Pela primeira vez na história do Brasil, um governo dava posse a quatro mulheres ministras, sendo uma negra.

Fonte: Coluna Augusto Nunes/Veja – 12/08/2016 Acesso: 10 jun 2020 - Disponível: https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/ministros-1.jpg

Dilma Rousseff foi a primeira mulher a assumir o ministério de Minas e Energia. Em seu discurso de posse, comprometeu-se com o desenvolvimento de:

> um novo marco regulatório para o setor, baseado em três parâmetros: modicidade das tarifas, confiabilidade do fornecimento e segurança dos investidores. Disse que o apagão foi a comprovação do fracasso do modelo lançado no país pelo governo que estamos substituindo, que criou entraves ao nosso desenvolvimento. Ao final de um dos mais duros discursos daquele dia de posses nos ministérios, agradeceu "às companheiras que durante os anos 60 e 70 foram combatentes na resistência à ditadura militar,

[36]Os espantosos ministérios de Lula e Dilma Rousseff conseguem assustar até o de Michel Temer. Nunes, Branca. 08 jun 2016. Disponível: https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/os-espantosos-ministerios-de-lula-e-dilma-rousseff-conseguem-assustar-ate-o-de-michel-temer/ Acesso: 10 maio 2020.

> especialmente àquelas que não estão mais entre nós". Aí a ministra durona chorou. (AMARAL, 2011, p. 133).

Enquanto foi ministra de Minas e Energia, Dilma estruturou o ministério que ao assumir o cargo contava com motoristas, apenas um engenheiro e funcionários administrativos; evitou outro apagão com a interligação do sistema elétrico nacional, fez cumprir os contratos do governo de FHC e elaborou um novo modelo híbrido de investimentos para o setor elétrico. Coordenou um programa que foi indispensável para a reeleição de Lula em 2006: o Luz para Todos. O programa foi um sucesso tão grande, dada a realidade precária em que vivia grande parte da população, que o presidente Lula:

> levou todo o ministério em março de 2004, para acender lâmpadas nos casebres rurais de Itinga, uma das cidades mais miseráveis do Vale do Jequitinhonha. "Estes brasileiros viviam nas trevas do século XIX, e agora estão chegando ao século XXI", dizia o presidente enquanto ligava interruptores nos casebres. Numa dessas inaugurações, uma lavradora nordestina contou a Dilma e Lula que passou a primeira noite com energia em casa acendendo e pagando a luz do quarto, porque nunca tinha visto os filhos dormindo. (AMARAL, 2011, p. 136)

2.6 A primeira ministra chefe da Casa Civil

No ano de 2005, ocorreu a crise do *mesalão*[37]. O escândalo denunciado pelo deputado Roberto Jefferson (PTB), de que haveria um esquema de favorecimento de parlamentares por parte do PT a fim de garantirem a aprovação de projetos do governo no congresso. O esquema seria dirigido por José Dirceu, ministro-chefe da Casa Civil, e Delúbio Soares, tesoureiro do partido. A denúncia foi amplamente explorada pelos meios de comunicação e estabeleceu-se uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito. Pressionado, José Dirceu entregou o cargo ao presidente Lula.

Dilma foi a escolhida por Lula, numa decisão pessoal, para substituir José Dirceu. Tanto o biógrafo de Dilma, Ricardo Amaral, quanto o jornalista Luiz Maklouf Carvalho,

---

[37] Em meados de 2005, o governo Lula e o PT atravessaram sua maior crise, com a eclosão do chamado "escândalo do mensalão", a partir da denúncia do então deputado federal e presidente do PTB, Roberto Jefferson, de que haveria um esquema de aliciamento de parlamentares para que votassem a favor de projetos do governo em troca de retribuição financeira. Segundo Jefferson, o presidente Lula não faria parte do esquema, que teria sido coordenado por José Dirceu, deputado federal por São Paulo, ex-presidente do PT e, naquele momento, ministro-chefe da Casa Civil. Dilma Vana Rousseff. Montenegro, Darlan; Hippolito, Regina. FGV/CPDOC – Disponível: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff Acesso: 11 jan 2020.

afirmam o fato. O ex-presidente chegou a sondar o nome de Dilma de modo despretensioso entre assessores mais próximos, como Gilberto Carvalho, chefe de seu gabinete, Marco Aurélio Garcia, assessor de política internacional, o ministro Luiz Dulci e até o próprio José Dirceu. Ao receber a convocação do presidente, Rousseff respondeu que precisava de um tempo para dar a resposta. No mesmo dia da ligação de Lula, "o site de notícias do UOL publicava nota do jornalista Kennedy Alencar: "Dilma deve substituir Dirceu na Casa Civil. Lula tinha providenciado o vazamento extraoficial da informação" (AMARAL, 2011, p. 141), dificultando uma possível recusa ao cargo da ministra de Minas e Energia. Outra vantagem que Lula conseguiu entrever na escolha por Dilma: foi ela "não ser uma petista orgânica" (CARVALHO, 2010, p. 159), não pertencia a nenhuma ala interna do partido e sequer figurava como um nome possível a ser lançado como candidata a eleição presidencial.

Mais uma vez, Dilma se tornou a primeira mulher a inaugurar a participação feminina num setor fundamental no alto escalão do poder executivo federal: chefiar a Casa Civil da presidência da República. A cerimônia em que foi empossada, no dia 21 de junho de 2005, também foi a despedida de José Dirceu, que em seu discurso "chamou a sucessora de "camarada de armas". Ela o chamou de "companheiro de lutas" (AMARAL, 2011, p. 141). A cerimônia foi noticiada na capa do jornal *O Globo,* no dia seguinte com destaque na segunda manchete para o discurso de Dirceu, tendo na fotografia uma confirmação do discurso, de que a mulher que havia combatido a Ditadura Militar como José Dirceu poderia seguir a mesma linha política de condução da Casa Civil do antecessor.

Figura 19: Em primeiro plano, Dilma Rousseff e José Dirceu de costas se cumprimentam em cerimônia que marcou a entrega do cargo do ministro e a posse da primeira mulher a assumir a chefia da Casa Civil para substituí-lo. Os dois se abraçam e Dilma o beija no rosto. O presidente Lula aparece em segundo plano observando a cena.

NESTA EDIÇÃO, CADERNO ESPECIAL REVITALIZAÇÃO DO RIO

O GLOBO 80 anos

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2005 • ANO LXXX • Nº 26.292 • www.oglobo.com.br

Vítima de roubo de carro será indenizada

Estelionatários tinham falso tribunal no PR

Parreira recua e mexe pouco na seleção

Lula minimiza escândalo e joga crise para o Congresso

'Ninguém tem mais autoridade moral e ética do que eu para combater a corrupção'

COMPANHEIROS EM ARMAS

Chamada de 'camarada de armas', Dilma diz que terá função política

Fonte: Acervo O Globo – 22/06/2005 - Acesso: 13 jun 2019 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020050622

A nova ministra chefe da Casa Civil assumiu o posto em meio à maior crise do governo Lula. E o que o presidente realmente necessitava "era de uma retaguarda segura no Planalto para manter os programas sociais funcionando e desatar o grande nó de investimentos em infraestrutura que não saíam do papel. Esta era a missão da ministra Dilma Rousseff" (AMARAL, 2011, p. 144). A tarefa reservada à nova ministra era pragmática: dar efetivamente andamento a todos os projetos estratégicos do governo; além da administração do "Palácio do planalto, as residências oficiais, a frota de carros, restaurantes funcionais, telefones e serviços para o presidente, sua família e cerca de dois mil funcionários" (AMARAL, 2011, p. 144). Dilma Rousseff manteve na subchefia de Articulação e Monitoramento Míriam Belchior, mestra em administração pública, e trouxe, do governo de Olívio Dutra, Tereza Campello, formada em economia, para a Casa Civil.

Em 2006, Dilma participou do comando da campanha para a reeleição do presidente Lula, e a relação de confiabilidade política entre os dois se tornou mais sólida. A ministra já tinha uma reputação de rigorosa; segundo Amaral, “uma fama que o próprio Lula fazia questão de cultivar”; as pessoas que o escutavam não tinham certeza se ele estava “sendo sincero ou apenas preservando a ministra de futuros pedidos” (AMARAL, 2011, p. 166) que poderiam constrangê-la ou comprometê-la.

> Com a reeleição de Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff permaneceu no cargo de ministra chefe da Casa Civil. O segundo mandato de Lula foi marcado pelo lançamento do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, no dia 22 de janeiro de 2007. Lula teve a ideia de reunir os grandes projetos de infraestrutura debaixo de um só guarda-chuva numa conversa com Dilma, na primeira metade de 2006. Sua obsessão era em torno do segundo mandato era superar todas as marcas do primeiro governo e eleger o sucessor; no caso, sucessora (AMARAL, 2011, p. 168).

A ministra chefe da Casa Civil sabia que para alcançar o êxito almejado por Lula seria necessário trabalhar com um modelo híbrido de investimento, combinando investimentos privados e públicos, modernizar a legislação e substituir os velhos e ineficazes expedientes de gestão pública. Significava “destravar investimentos, (...)cortar impostos para os setores certos, criar fundos estáveis de financiamento, eliminar burocracia e aumentar o controle sobre os prazos de execução” (AMARAL, 2011, p. 168).

O PAC foi apresentado no final de dezembro de 2006 por Dilma, a convite de Lula, no Clube do Exército. Havia se passado trinta e quatro anos após ter deixado o cárcere político da ditadura, e Dilma Rousseff “estava diante dos oficiais-generais das três Forças, dizendo como o país poderia crescer e distribuir renda, numa democracia de mais de 100 milhões de eleitores” (AMARAL, 2011, p. 169).

Figura 20: Em primeiro plano desfocado, oficiais militares do exército, marinha e aeronáutica fazem um brinde. No segundo plano, o presidente Lula ao centro de uma mesa decorada com flores tendo ao seu lado a ministra chefe da Casa Civil e o ministro Waldir Pires, em evento no Clube do Exército para apresentar o PAC.

Fonte: Roberto Jaime – 15/12/2006 - Acesso: 02 jul 2020 - Disponível: http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1389323-5601,00-LULA+CRITICA+GEISEL+E+MEDICI+NO+CLUBE+MILITAR.html

O Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, era "a menina dos olhos de Lula" e tinha como objetivo servir "de alavanca para Dilma forjar uma imagem pública de fazedora e boa gerente" (CARVALHO, 2010, p. 161). A reputação de durona e exigente de Dilma existia desde que exercera o cargo de ministra de Minas e Energia, ao desenvolver e negociar o novo marco regulatório da energia para o país, e quando foi nomeada presidente do Conselho de Administração da Petrobrás. O novo marco regulatório impedia brechas para desvios, e atuando na presidência do Conselho implementou parte de promessa de campanha de Lula: incluir em todos os projetos um percentual de conteúdo nacional mínimo.

Em primeiro de janeiro de 2007, Lula tomou posse em seu segundo mandato como presidente da República. E, na fotografia oficial de sua posse, acompanhado de seu vice José Alencar e demais ministros, Dilma Rousseff aparece ao lado do presidente. Lula ampliou para cinco o número de ministras em seu segundo governo: Dilma Rousseff na Casa Civil, Marina Silva no Meio Ambiente, Marta Suplicy no Turismo, Nilcéia Freire em Políticas para as mulheres e Matilde Ribeiro na Igualdade Racial; as duas últimas pastas sendo secretarias com status de ministério.

Figura 21: Na posse do segundo mandato do presidente Lula, Dilma aparece ao lado do mandatário de terninho azul marinho. Na segunda fila Marta Suplicy e Marina Silva. E na terceira fila, Nilcéia Freire. Matilde Ribeiro não aparece na fotografia.

Fonte: Roosewelt Pinheiro/Agência Brasil - 02/04/2007 - Acesso: 19 jun 2020 - Disponível: http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL17238-5601,00-VEJA+A+FOTO+DO+NOVO+MINISTERIO+DE+LULA.html

Durante o segundo mandato de Lula, Dilma não poupou nenhum colega ministro ou assessores de cobranças em execuções e prazos do PAC enquanto comandou a Casa Civil. Dilma "infernizou" (AMARAL, 2011, p. 170) a todos de tal maneira que muitos iam até o presidente Lula reclamar do tratamento recebido. Este jamais tirou-lhe a autoridade mas recomendava que fosse mais moderada com os demais ministros. "Lula também gosta da disposição aguerrida dela em defender os interesses do governo quando a briga é com gente poderosa" (CARVALHO, 2010, p. 162), o que certamente permitia ao então presidente fazer política de modo afável, sem passar por desgastes.

Ter Dilma Rousseff na Casa Civil foi fundamental para o desempenho do governo tanto no primeiro, quanto no segundo mandato do petista. Rousseff declarou que apesar do apoio "o presidente me cobra quando tem que cobrar. (...)A nossa relação é muito objetiva: eu tenho metas para realizar, cumpro o que prometo, dou satisfações. Não recebo nenhuma facilidade nisso" (CARVALHO, 2010, p. 162).

Em outubro de 2007, Dilma estava com o presidente Lula também acompanhado de outros ministros no CPDP – Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Petrobrás - no Rio de

Janeiro, quando assistiram à apresentação em 3D da descoberta do pré-sal. Uma imensa bacia de gás e petróleo localizada numa profundidade de quatro mil metros abaixo do fundo do mar. Em novembro do mesmo ano, coube a Dilma incumbida pelo presidente em viagem ao exterior, anunciar ao país o que em suas palavras seria a "melhor notícia nos últimos quarenta anos" (AMARAL, 2011, p. 173). O Brasil que buscava a autossuficiência na produção poderia tornar-se exportador do chamado ouro negro.

A ministra da Casa Civil passou um ano e meio trabalhando numa nova lei do petróleo a fim de que a Petrobrás pudesse manter:

> o controle das reservas e os lucros da exploração iriam para um novo fundo. A utilização desses recursos seria exclusiva para investimentos em educação, pesquisa, cultura e preservação do meio ambiente – o passaporte para o futuro, como Dilma definiu ao apresentar a nova lei. (AMARAL, 2011, p. 173)

Em 2008, durante um discurso de lançamento de obras de urbanização do Complexo do Alemão na cidade do Rio de Janeiro, o PAC das Favelas, do presidente Lula, Dilma recebeu o título de mãe do PAC, "ela é a companheira que coordena o PAC, que cuida, que acompanha, que vai cobrar(...) se as obras estão andando" (AMARAL, 2011, p. 175). Nesse mesmo dia, o então ministro da Secretaria de Comunicação do governo, Franklin Martins, instigou Dilma dizendo que Lula estava lançando a candidatura da ministra chefe da Casa Civil como sua sucessora naquele dia. Segundo Amaral, Dilma não respondeu a provocação do colega ministro.

Tanto Luiz Maklouf Carvalho (2010) quanto Ricardo Amaral (2011) afirmam que o nome de Dilma já estava frequentando as listas de candidatos para a disputa presidencial e no ambiente político era considerado como uma piada entra analistas e políticos. E que a mais remota possibilidade de esta vir a ser eleita, ainda que com o apoio do presidente Lula, "seria como eleger um poste" (AMARAL, 2011, p. 176).

Enquanto isso, Dilma não dava chances aos repórteres que a interpelavam sobre a possível indicação de seu nome como candidata ao Palácio do Planalto, refutando especulações. Lula fazia sondagens informais sobre seu nome com ministros mais próximos. Segundo Carvalho (2010), Lula teve a certeza de que havia escolhido a pessoa certa como candidata para disputar as eleições no dia em que assistiu à participação da ministra na comissão de Infraestrutura do Senado para falar do PAC, transmitida pela televisão. O senador Agripino Maia, representante de uma das oligarquias do Nordeste, que pertenceu a Arena – partido apoiador da Ditadura Militar - e liderança do DEM, partido conservador de

direita, tentara armar uma armadilha para Dilma. Numa reunião com demais senadores de seu partido formularam uma pergunta capciosa.

Nesse período, o governo enfrentava denúncias na mídia de que o governo havia aprontado um dossiê a fim de confrontar a oposição utilizando dados de gastos pessoais do ex-presidente FHC e sua esposa Ruth Cardoso. Uma planilha havia vazado da Casa Civil e aparecido no gabinete do senador Álvaro Dias, e uma cópia na redação do periódico Veja. Toda a mídia repercutiu como se fosse um dossiê e a Casa Civil cometeu o erro de responder com três versões diferentes. A convocação de Dilma para falar sobre o PAC era a desculpa perfeita para a oposição tentar enquadrar a candidata de Lula como mentirosa.

Agripino havia se baseado numa entrevista de Dilma em que relatava as torturas sofridas no DOI-Codi. Transcrevo abaixo, a partir de arquivo encontrado na internet da sessão do dia do diálogo entre o senador e a ministra que calou fundo toda a oposição ao governo e descortinou um aspecto destemido de Dilma Rousseff desconhecido pela população e a classe política presente[38]. O senador Agripino começou logo citando a entrevista dada por Dilma:

> Que lembranças a senhora guardou dos tempos de cadeia? Vossa excelência respondeu: "A prisão é uma coisa onde nos encontramos com nossos limites. É isso que, às vezes, é muito duro. Nos depoimentos a gente mentia feito doido. Mentia muito, mas muito mesmo." O que é que me preocupa, ministra? O dossiê, na minha opinião e na de muitos brasileiros, é a volta do regime de exceção. É o uso do Estado para encostar pessoas no canto da parede. (MAIA. OS DIVERGENTES, 2016, 0:10)

À medida que ia respondendo, a firmeza e segurança no início da resposta de Dilma Rousseff foram sendo matizadas pelas emoções da memória de quem viveu e sobreviveu à iniquidade da tortura e cárcere político num regime de exceção, perdeu muitos amigos e companheiros de luta, e ainda teve seus direitos políticos cassados. Numa sala cheia de homens, em que mulheres presentes eram minoria, a ministra subiu o tom de voz e assumiu o gestual que foi muito explorado pelo fotojornalismo durante toda a sua vida pública como ministra e presidenta: o dedo em riste e a firmeza extrema nas palavras, questões que serão analisadas no decorrer dessa dissertação. E ela seguiu respondendo com a verdade daqueles que experienciaram períodos que marcaram a história e a memória coletiva de um país:

---

[38] Qual Dilma depõe no Senado, a guerrilheira ou a ruim de discurso? Faria, Tales. 29 ago 2016. Disponível: https://osdivergentes.com.br/tales-faria/qual-dilma-depoe-no-senado-guerrilheira-ou-ruim-de-discurso/ Acesso: 19 abr 2020.

> Tem uma consideração que eu vou fazer antes, porque acho que ela é importante para a democracia do Brasil O processo de ditadura militar no país, que começa em 64 e se aprofunda em 68, e auge seu auge em 70, quando se tortura e se mata indiscriminadamente no Brasil. Ele é completamente diferente do processo de transição democrática. Esse momento que vai se dar nos 80, é diferente do que aconteceu ao longo dos anos 70. O que aconteceu ao longo dos anos 70 não é uma ditadura policialesca simplesmente, é a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstância. Por que? Porque direito à livre expressão estava enterrado. Não se dialoga, não é possível supor que se dialogue com o pau de arara, o choque elétrico, e a morte. Não há esse diálogo. E isso, não é só aqui que não houve. Não houve em nenhum país do mundo, não houve na Argentina, diante da ditadura militar argentina. Não houve na Argélia, na guerra da Argélia. Não há a possibilidade de um diálogo civilizado. E é isso que é importante hoje na democracia brasileira. Qualquer comparação entre a ditadura militar e a democracia brasileira só pode partir de quem não dá valor à democracia brasileira. (ROUSSEFF, OS DIVERGENTES, 2016, 0:42)

A partir desse momento, a emoção estava encarnada na voz, no olhar e na postura da ministra chefe da Casa Civil enquanto a plateia de senadores e seus assessores e representantes da grande imprensa assistiam num misto de constrangimento e admiração. E a ministra prosseguiu numa disputa interna entre a razão e a emoção perante quadros de dor, revolta e luto que a memória evoca:

> Eu tinha 19 anos! Eu fiquei três anos na cadeia. E eu fui barbaramente torturada, senador. E qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais, entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido, senador, porque mentir na tortura não é fácil. Agora, na democracia se fala a verdade. Diante da tortura, quem tem coragem e dignidade fala mentira. (Nesse momento ocorrem muitos aplausos no recinto de senadores da oposição e da base de apoio do governo) E isso, senador, faz parte, integra a minha biografia, de que eu tenho muito orgulho. E eu não estou falando de heróis. Feliz do povo que não tem heróis desse tipo, senador. Porque aguentar a tortura é algo dificílimo. Porque todos nós somos muito frágeis, nós somos humanos, nós temos dor. E a sedução, a tentação de falar o que ocorreu e dizer a verdade é muito grande. A dor é insuportável. O senhor não imagina quanto é insuportável. Então, eu me orgulho de ter mentido, porque eu salvei companheiros da mesma tortura e da morte. Não tenho nenhum compromisso com a Ditadura em termos de dizer a verdade. Eu estava num campo, eles estavam no outro. O que estava em questão era a minha vida e a de meus companheiros. E esse país que transitou por tudo isso que transitou, que construiu a democracia, que permite que hoje eu esteja aqui, que permite que eu fale com os senhores, não tem a menor similaridade. Esse diálogo aqui é o diálogo democrático, a oposição pode me fazer perguntas e eu vou responder. Nós estamos em igualdade de condições humanas e materiais. Nós não estamos num diálogo entre o meu pescoço e a forca, senador. Eu estou num diálogo democrático, civilizado. E por isso, eu acredito e respeito esse momento. Por isso todas as vezes, que eu já vim nessa comissão, eu começo a minha fala dizendo isso. Porque isso é algo que é o resgate desse

> processo que ocorreu no Brasil. Vou repetir mais uma vez, não há verdade, sem espaço para a verdade, é isso que mata. O que mata na ditadura é que não há espaço para a vida, senador. Porque algumas verdades, até as mais banais, podem conduzir a morte, é só errarem a mão no seu interrogatório. E eu acredito, senador, que nós estávamos em momentos diversos de nossas vidas em 70. Eu tinha entre 19 e 21 anos e, de fato, combati a ditadura militar. E disso eu tenho imenso orgulho. (AMARAL, 2011, p.180)

A resposta veemente de Dilma Rousseff ao senador Agripino Maia repercutiu entre toda a classe política e nos telejornais nacionais que transmitiram a resposta da ministra calando, com a verdade, aquele que tentou conspurcar sua biografia. Sua eloquência mostrou de onde vinha tanta valentia. A ministra passava ao largo do poste impossível de ser eleito. Para o presidente Lula, ali estava sua sucessora na presidência. “Estamos orgulhosos de você, Lula disse a Dilma. O senador Demóstenes Torres (DEM – GO) resumiu numa frase a sensação de revés dos oposicionistas: ‘Hoje foi um dia para a oposição esquecer’” (AMARAL, 2011, p.181).

No dia seguinte ao ocorrido, a fotografia de Dilma no momento em que respondia ao senador Agripino estava na parte inferior da capa do jornal O Globo com o dedo levantado e boca aberta. A legenda diz que a ministra passou nove horas daquele dia respondendo todas as perguntas dos membros da comissão. A fotografia, entretanto, corrobora para reforçar uma imagem pública de mulher autoritária que foi construída durante seu exercício como ministra e depois como presidenta. Esse assunto também será analisado posteriormente.

Figura 22: Na parte inferior da capa do jornal O globo, a então ministra chefe da Casa Civil é capturada pela fotografia no momento de intensa emoção em que responde sobre seu passado de luta contra a ditadura militar e recorda o pavor inenarrável da tortura com o dedo em riste e boca bastante aberta perante o microfone.

a Mianmar

• Em meio a uma onda de saques após o ciclone que devastou Mianmar, a França sugeriu ao Conselho de Segurança da ONU que obrigue o país a aceitar a assistência internacional, dificultada pela junta militar. **Página 40**

Analistas: fim da linha para Hillary

• A estrondosa derrota de Hillary Clinton para Barack Obama na Carolina do Norte e uma apertada vitória em Indiana levaram analistas políticos nos EUA a declararem morta sua candidatura à Casa Branca. **Página 39**

Edição Nacional
Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro
R$2,00
Circulam com esta edição: Segundo Caderno, Revista Boa Viagem
104 páginas

Senador lembra tortura e favorece Dilma

Ministra depõe no Senado e é aplaudida ao responder a líder da oposição

Roberto Stuckert Filho

DILMA: a ministra depôs durante nove horas em comissão do Senado

• Um erro de um dos líderes da oposição, o senador Agripino Maia (DEM-RN), que lembrou entrevista em que a ministra Dilma Rousseff dizia ter mentido durante sessões de tortura, quando presa pela ditadura militar, favoreceu o desempenho dela durante depoimento na Comissão de Infra-Estrutura do Senado, onde falou sobre o PAC. A ministra se emocionou, disse que se orgulhava de ter mentido para salvar companheiros, e foi aplaudida. Ela voltou a dizer que não existiu dossiê, e sim um banco de dados. **Páginas 12 e 13, Míriam Leitão, Merval Pereira e Ilimar Franco**

CHICO

Fonte: Roberto Stuckert Filho – 08/05/2008 - Acesso: 15 jun 2019 – Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2000200805

No decorrer do ano de 2008 muitos ministros do governo Lula perguntavam a Dilma se o presidente Lula já havia confirmado que ela seria mesmo a candidata para sucedê-lo na presidência. Segundo Luiz Maklouf Carvalho (2010), que entrevistou mais de setenta pessoas a respeito dessa questão, Lula nunca havia tratado até então disso com a ministra chefe da Casa Civil. Entretanto, Ricardo Amaral (2011) ressalta que o presidente fazia chegar até Dilma através de outros ministros e assessores que sondava seu nome como candidata.

Em 2009, Dilma fez sua a primeira aparição pública do ano após passar por um procedimento estético no rosto, mudar o corte e o tom do cabelo. Os jornais e revistas semanais passaram a especular ainda mais sobre a probabilidade de Rousseff ser a escolhida para a sucessão de Lula ao associar o título de “mãe do PAC” com o novo visual rejuvenescido como uma preparação para a corrida eleitoral.

Figura 23: Na fotografia do jornal o procedimento estético de Dilma Rousseff foi amplamente noticiado pelos periódicos, inclusive com fotografias do antes e depois comparando o rosto rejuvenescido, o corte de cabelos mais comprido e moderno, e a substituição dos óculos por lentes de contato, com o visual anterior da ministra chefe da Casa Civil.

Fonte: Valterci Santos/Gazeta do Povo e Domingo Tadeu/Presidência 12/01/2009 – Acesso: 11/04/2020 – Disponível: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/dilma-aparece-com-novo-visual-bd9tbwwy363smnjw29kxl0572/

O ano de 2009 para Dilma Rousseff foi de desafios ainda maiores que tergiversar ao responder à imprensa sobre seu nome como candidata ao Planalto. Em abril, após fazer exames de rotina passou por procedimento cirúrgico para retirada de um nódulo para biópsia. O fato foi mantido em segredo a pedido da ministra (AMARAL, 2011). O resultado do exame foi positivo para linfoma, mas de um tipo que, se descoberto no início, apresentava a probabilidade bastante alta de cura. Dilma passou por sessões de quimioterapia e radioterapia, comunicou separadamente à família e ao presidente Lula sobre o diagnóstico e tratamento. Em coletiva com os médicos que a acompanhariam falou de modo transparente sobre o câncer e o tratamento. Dilma trabalhou durante quase todo o período de tratamento, apesar dos efeitos colaterais da quimioterapia usando uma peruca. As viagens acompanhando o presidente Lula foram reduzidas enquanto permanecia em Brasília na Casa Civil.

Em agosto de 2009 Dilma estava estabelecendo os últimos ajustes na jurisprudência do Pré-Sal para os leilões que haviam sido suspensos em 2008. A Petrobrás já havia perfurado

mais oitenta poços de petróleo e obtido êxito em mais de 2/3 dos efetuados. A ministra denominava a nova legislação do Pré-Sal de "passaporte para o futuro" (AMARAL, 2011, p. 200), por criar um fundo social destinando os royalties do petróleo para dirimir a miséria e se destinar como investimento na educação e inovação tecnológica, cultura e proteção ambiental.

O resultado do tratamento contra o câncer chegou em setembro do mesmo ano: a ministra estava "livre de qualquer evidência de linfoma" (AMARAL, 2011, p. 205). Em dezembro Dilma já havia abandonado a peruca, assumido o cabelo cacheado natural que crescera após os meses de luta contra o câncer e chefiava a delegação brasileira na COP 15, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas[39]. E foi durante a conferência que Dilma cometeu uma série incorreções ao apresentar seu discurso numa palestra cujo tema era energia limpa no Brasil. A ministra não conseguia ater-se ao discurso e fazia pausas para incluir novas informações e quando retornava a leitura o discurso ficava desconexo. As dificuldades de Dilma relacionadas à retórica e oratória foram marcantes durante os anos de ministério e ainda mais exploradas pelos meios de comunicação durante o exercício da presidência. Também foram utilizadas para desqualificar sua inteligência, capacidade e competência em charges que circulavam em jornais e revistas.

O final de 2009 reservou à Dilma a oportunidade de homenagear, com a premiação Direitos Humanos 2009, na categoria "Direito à Memória e à Verdade", a ex-presa política Inês Etienne Romeu na sede do Itamaraty em Brasília[40]. Etienne e Dilma pertenceram à Polop e à VAR-Palmares, mas na ruptura do grupo, a primeira seguiu com Lamarca na VPR militarista, enquanto a segunda escolheu a VAR-Palmares basista, do trabalho político com as bases populares. Etienne foi presa pelo delegado Sérgio Fleury em 1971, quando se preparava para partir para o exílio. Capturada foi encaminhada para Petrópolis, onde funcionava um centro de tortura do DOI-Codi clandestinamente que ficou conhecido como Casa da Morte. Sobreviveu a todos os tipos de torturas, inclusive sexual. Assistiu ao assassinato de outros

---

[39] COP 15 foi a Conferência da ONU sobre Mudanças no Clima que ocorreu em dezembro de 2009, em Copenhague, capital da Dinamarca. A conferência foi marcada por avanços políticos, mas pouco engajamento diplomático. ABRANCHES, Sérgio. A COP15: apontamentos de campo. **Estud. av.** , São Paulo, v. 24, n. 68, pág. 121-132, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 22 de fevereiro de 2020. https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100011 .

[40] Etienne Romeu foi dirigente da VPR juntamente com Lamarca, única sobrevivente do centro de tortura da Casa da Morte em Petrópolis. Condenada por um tribunal militar à prisão perpétua, foi a última presa política da Ditadura a ser libertada pela lei da Anistia. Inês Etienne Romeu. Memorias da Ditadura. Disponível em: Acesso: http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/ines-etienne-romeu/ 25 abr 2020.

presos políticos e soube do assassinato de outros, inclusive do deputado Rubens Paiva, e os denunciou no período da redemocratização.

Em seu discurso no Congresso Nacional pela promulgação da Constituição de 1988, o deputado Ulysses Guimarães, reconhecendo o testemunho do depoimento de Etienne afirmou: "a sociedade foi Rubens Paiva, não os facínoras que o mataram" (AMARAL, 2011, p. 206). Ao entregar o prêmio à companheira de resistência e luta contra a Ditadura civil militar naquela noite, Dilma declarou:

> Inês é o testemunho da generosidade, da coragem e da dignidade de uma geração. Quem viveu um tempo em que até a palavra democracia era proibida, quando não era muitas vezes perversamente deturpada, compreende com mais sentido a importância de resgatar os fatos e preservar a memória do que ocorreu no país naquele período. Compreende com a razão, com a memória e a emoção. Ela fez um inventário da crueldade e da violência, que muito contribuiu para que a sociedade brasileira resumisse, em duas palavras, o nosso sentimento e a nossa convicção: nunca mais! Nós sobrevivemos, Inês, para presenciar e participar da construção de um novo Brasil. (AMARAL, 2011, p. 206)

Na fotografia da premiação, as duas sobreviventes da Ditadura celebram a vitória contra um passado que interrompeu os sonhos e o futuro de um sem número de brasileiras e brasileiros que foram desaparecidos pela Ditadura Militar. Dilma exibe os cabelos crescidos após os meses de quimioterapia em que vencera um câncer linfático e ampara a amiga de luta ao lado do presidente Lula. Os três cercados pelas demais autoridades, personalidades premiadas e convidados. Ao fundo o ministro da Secretaria de Comunicação, Franklin Martins, assiste a cena com um sorriso contido, ele também havia lutado do mesmo lado que Dilma e Inês e perdido muitos amigos e companheiros para o regime[41].

---

[41]Jornalista e militante de esquerda na luta contra a ditadura, Franklin Martins foi líder estudantil e depois entrou para a organização Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Participou de um dos episódios mais marcantes da resistência à ditadura, o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke-Elbrick, em setembro de 1969, com o objetivo de forçar a libertação de 15 presos políticos. A ação foi realizada junto com a Aliança Libertadora Nacional (ALN), e o episódio é narrado no livro *O que é isso companheiro?* de Fernando Gabeira. Preso entre outubro e dezembro de 1968, quando era presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFRJ, foi libertado dois dias antes de se instaurar o Ato Institucional Nº 5 (AI-5). Passou para a clandestinidade e se engajou na luta armada. No ano seguinte, participou do sequestro do embaixador norte-americano. Depois dessa ação bem-sucedida com a cabeça a prêmio e a polícia nos calcanhares de seus autores, Franklin seguiu para o exílio em Cuba, para fazer treinamento na guerrilha rural, depois para o Chile de Salvador Allende. Em 1973, voltou para o Brasil para viver clandestinamente em São Paulo. Em seguida, exilou-se novamente, desta vez na França. Voltou para o Brasil em 1977, onde mais uma vez viveu escondido, até a anistia de 1979. Biografias da resistência: Franklin Martins. Memórias da Ditadura. Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/franklin-martins / Acesso: 16 maio 2020.

Figura 24: Ao centro da fotografia, Inês Etienne Romeu sorri emocionada amparada por Dilma Rousseff e abraçada ao presidente Lula. Ao lado de Dilma e Lula, personalidades premiadas. Ao fundo autoridades como Tarso Genro, Nelson Jobim, o vice-presidente José de Alencar, Franklin Martins, Alexandre Padilha e Paulo Bernardo. Em primeiro plano, diversos fotógrafos de costas com suas câmeras nas mãos registram a cena.

Fonte: Blog das Letras – 17/02/2011 - Acesso: 23 jun 2020. Disponível: http://letrasdosylvio.blogspot.com/2011/02/ines-etienne-romeu-recebe-premio-de.html

No início do ano de 2010, durante a realização do IV Congresso do Partido dos Trabalhadores, a ministra chefe da Casa Civil do governo Lula foi indicada por unanimidade como candidata à presidência da República. Para encerrar seu discurso, Dilma optou pela homenagem aos afetos que tombaram na luta contra a ditadura,

> Quero recordar aqui três companheiros que se foram na flor da idade. Carlos Alberto Soares de Freitas, Beto, você ia adorar estar aqui conosco. Maria Auxiliadora Lara Barcelos, Dodora, você está aqui no meu coração, mas também está aqui em cada um de nós. Iara Iavelberg, Iara, que falta fazem guerreiras como você. (AMARAL, 2011, p. 69)

Dilma foi capa da revista *Época* na edição 614, de 22 de fevereiro de 2010, cujo título em formato de pergunta da edição era bastante provocativo: *Você acha que sou um poste?*. No meio político, a expressão poste é utilizada para designar um candidato com ausência de carisma. Ainda na mesma edição a então pré-candidata à presidência da República e ministra chefe da Casa Civil concedeu uma longa entrevista à revista expondo sua competência e

experiência para governar o país aos eleitores e leitores do periódico. A pré-candidata não se esquivou de assuntos polêmicos como as drogas e a questão do aborto, e elencou e discutiu os planos de governo. Talvez numa tentativa de demonstrar que para governar bem não bastasse apenas carisma. Naquele momento os meios de comunicação sempre traziam a questão de Dilma ser apadrinhada por Lula, um presidente carismático com um alto índice de aprovação popular.

Figura 25: Na capa da revista *Época*, Dilma Rousseff aparece esboçando um ligeiro sorriso sob o título *"Você me acha um poste?"*, edição 614, publicada em 22/02/2010.

Fonte: Anderson Schneider – 22/02/2010 - Acesso: 27 jun 2020 – Disponível em: https://epoca.globo.com/especiais/EPOCA-1000/noticia/2017/08/imagem-que-fica.html

Ainda em abril de 2009, a revista Marie Claire foi a primeira revista feminina a entrevistar a primeira mulher que seria eleita presidenta do Brasil. Esta edição trouxe uma matéria com a ministra e pré-candidata Dilma Rousseff, cujo título escolhido foi: *A mulher do presidente*[42]. Um título bastante machista, pois a expressão "mulher do" é amplamente

[42] A mulher do presidente. Gullo; Neves. 2009. Disponível em: http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI175873-17735,00-A+MULHER+DO+PRESIDENTE+CONFIRA+A+ENTREVISTA+QUE+DILMA+ROUSSEFF+CONCEDEU+A+M.html Acesso: 09 abr 2020.

utilizada para indicar que aquela mulher é casada com determinada pessoa, além de uma alusão de pertencimento, a de posse. Não bastava ser chamada de poste na mídia e no meio político. A relação de proximidade entre a ministra da Casa Civil com o presidente Lula, segundo Luiz Maklouf Carvalho (2010), de "junho de 2005, até junho de 2009, somando-se despachos entre ela e o presidente, reuniões com outros ministros, audiências com gente de fora, cerimônias, viagens, cafés da manhã, almoços e jantares, estiveram juntos 1093 vezes. (...)uma média de mais de um encontro por dia útil" (CARVALHO, 2010, p. 161). A matéria apresentava a biografia de Dilma, sua trajetória dentro do governo e sua personalidade:

> Dilma é hoje a mulher mais forte do governo. À frente do PAC (Plano de Aceleração ao Crescimento), é a candidata natural do PT à presidência da República. Entramos no gabinete esperando encontrar a Dilma que todo mundo conhece - ou acha que conhece. Dura, séria, um tantinho mal-humorada. Encontramos uma mulher sorridente, que nos cumprimentou com dois beijinhos. Vestida num terninho azul-claro, regata branca, colar de pérolas, relógio, fitinha do Senhor do Bonfim amarrada no pulso (presente de Flora Gil, objeto de um pedido do qual nem lembra mais), Dilma nos deixou à vontade logo nos cinco primeiros minutos de conversa. Sem brincos e sentada em uma mesa redonda de reunião, com vista para a Esplanada dos Ministérios, Dilma puxou uma edição de Marie Claire trazida por sua assessora e apontou uma foto da atriz Larissa Maciel, que fez o papel da cantora Maysa na minissérie global. "Como essa menina está linda nesta foto. Mais bonita do que na minissérie", disse. "Sabe por quê? Porque aqui as feições estão suavizadas. " Assim como as dela mesma, depois da plástica feita no início do ano. Ela age como se ainda estivesse se acostumando ao novo visual - enquanto fala, ajeita os cabelos, puxa para frente, joga um pouco para o lado. Economista de formação, mas política de carreira, Dilma fala alto, bastante e rápido. Bate com as mãos cerradas na mesa quando discursa sobre as medidas econômicas do governo. Usa o mesmo tom grave ao se referir à ditadura militar. Seus subordinados costumam ser tratados com a mesma severidade. Mas na hora da conversa, é bem-humorada. Adora falar sobre a filha. Sagitariana e separada de dois casamentos, a mineira de Belo Horizonte passou boa parte da vida adulta em Porto Alegre. Mistura os sotaques e as expressões das duas cidades. Ora usa "tu", ora "ocê". Ri alto quando o assunto são as caricaturas que a imprensa fez dela depois da plástica, não se esquiva de perguntas sobre sua vida íntima e se empolga na hora de falar das influências intelectuais que fizeram parte da sua geração. (...) Na política, ganhou notoriedade depois de assumir a chefia da Casa Civil, em 2005, no lugar de José Dirceu. Se, por um lado, conseguiu manter uma imagem de respeito em um governo desgastado pela crise do mensalão, por outro protagonizou algumas crises políticas. Foi acusada de favorecer um grupo de empresários na venda da Varig Log (a empresa de transportes de carga da antiga Varig) e de ter mandado produzir um dossiê clandestino com os gastos do governo Fernando Henrique Cardoso. Só a última acusação acabou em inquérito policial e o Supremo Tribunal Federal retirou a ministra da investigação. (GULLO; NEVES. 2009)

Figura 26: Na fotografia para a matéria da revista Marie Claire, edição de abril de 2009, Dilma de terno azul esboça um sorriso ao posar como pré-candidata à presidência da república para o registro fotográfico, com o visual renovado por procedimentos estéticos. Na legenda da matéria: A ministra em seu gabinete. Uma linha de telefone só para falar com o presidente.

Fonte: Anderson Schneider – 16/06/2011 - Acesso: 20 jun 2020 – Disponível: http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI175873-17735-3,00-A+MULHER+DO+PRESIDENTE+CONFIRA+A+ENTREVISTA+QUE+DILMA+ROUSSEFF+CONCEDEU+A+M.html

Cumprindo a determinação da lei eleitoral nacional, em primeiro de abril de 2010 a ministra chefe da Casa Civil deixou o cargo para concorrer nas eleições. Dilma, que havia construído carreira na burocracia estatal e trabalhado em eleições municipais e estaduais nos bastidores, pela primeira vez disputaria um pleito eleitoral e para nada menos que o cargo de mandatária num país com baixa representatividade feminina no legislativo e executivos estaduais e municipais.

Em 12 de junho de 2010, na convenção do PMDB, o nome de Michel Temer foi indicado para ser o vice de Dilma Rousseff. Nessa mesma data a candidata recebeu apoio formal do PDT. A coligação final foi a seguinte, PT, PMDB, PDT, PSB, PCdoB, PR e mais quatro partidos menores, PTN, PRC, PSC e PRB. O principal adversário de Dilma foi o

governador de São Paulo, José Serra do PSDB; seguido da ex-ministra do meio ambiente, Marina Silva pelo PV.

A disputa eleitoral estendeu-se para o segundo turno entre Dilma e Serra, numa campanha marcada por ações judiciais de ambos os lados, e também por acusações pessoais, além da participação e engajamento de eleitores e militantes pelas redes sociais. A campanha de Serra havia assumido um tom conservador e sua esposa Mônica chegou a acusar Dilma de defender o aborto. Enquanto a campanha de Dilma fazia comparações sistemáticas entre os governos Lula e FHC, rememorando junto ao eleitorado a política de privatizações implementada pelos PSDB. No dia 28 de outubro, vésperas do segundo turno, os telejornais divulgaram que o Papa Bento XVI havia enviado uma mensagem aos bispos brasileiros, em que "ele defendia a ação dos chefes católicos nas eleições presidenciais" (AMARAL, 2011, p.298). Pela primeira vez a autoridade máxima da Igreja Apostólica Romana declaradamente intervia num pleito eleitoral que não fosse italiana.

2.7 A primeira presidenta do Brasil

No dia 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff votou na parte da manhã na cidade de Porto Alegre, e à tarde retornou a Brasília para acompanhar a apuração em sua casa com assessores, coordenadores de campanha e políticos com quem tinha uma relação de proximidade. E às 19h30 o então presidente do TSE – Tribunal Superior Eleitoral -, Ricardo Lewandowski, telefonou para a candidata para transmitir o resultado da apuração do pleito. Com 92,53% das urnas apuradas até aquele horário, prenunciavam que o país possuía a primeira mulher eleita democraticamente presidenta da República Federativa do Brasil.

Num hotel da região central de Brasília, onde o vice Michel Temer aguardava, além de convidados e mais de cem jornalistas estrangeiros e brasileiros, Dilma Rousseff discursou no auditório do hotel. Em seu discurso ressaltou a importância de uma mulher ser eleita no Brasil, os desafios de governar de modo inclusivo e suceder o presidente Lula, além da defesa da liberdade de expressão e da democracia[43]:

> Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil. É uma imensa a minha alegria de estar aqui. Recebi hoje de milhões de brasileiras e brasileiros a missão mais importante de minha vida. Este fato, para além de minha

[43] Veja a íntegra do pronunciamento de Dilma Rousseff como presidente eleita. O Globo. 1 out 2010. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/veja-integra-do-pronunciamento-de-dilma-rousseff-como-presidente-eleita-4982545 Acesso: 19 jan 2020.

pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país: pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro, portanto, aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade.

A igualdade de oportunidades para homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. Gostaria muito que os pais e mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas, e lhes dissessem: SIM, a mulher pode!

Minha alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleitor, do exercício mais elevado da cidadania. Por isso, registro aqui outro compromisso com meu país. Valorizar a democracia em toda sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais da alimentação, do emprego e da renda, da moradia digna e da paz social. Zelarei pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Zelarei pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. Zelarei pela observação criteriosa e permanente dos direitos humanos tão claramente consagrados em nossa constituição. Zelarei, enfim, pela nossa Constituição, dever maior da presidência da República. (...)

Não podemos descansar enquanto houver brasileiros com fome, enquanto houver famílias morando nas ruas, enquanto crianças pobres estiverem abandonadas à própria sorte. A erradicação da miséria nos próximos anos é, assim, uma meta que assumo, mas para a qual peço humildemente o apoio de todos que possam ajudar o país no trabalho de superar esse abismo que ainda nos separa de ser uma nação desenvolvida. (...)

Agradeço as lideranças partidárias que me apoiaram e comandaram esta jornada, meus assessores, minhas equipes de trabalho e todos os que dedicaram meses inteiros a esse árduo trabalho. Agradeço a imprensa brasileira e estrangeira que aqui atua e cada um de seus profissionais pela cobertura do processo eleitoral.

Não nego a vocês que, por vezes, algumas das coisas difundidas me deixaram triste. Mas quem, como eu, lutou pela democracia e pelo direito de livre opinião arriscando a vida; quem, como eu e tantos outros que não estão mais entre nós, dedicamos toda nossa juventude ao direito de expressão, nós somos naturalmente amantes da liberdade. Por isso, não carregarei nenhum ressentimento.

Disse e repito que prefiro o barulho da imprensa livre ao silencio das ditaduras. As críticas do jornalismo livre ajudam ao pais e são essenciais aos governos democráticos, apontando erros e trazendo o necessário contraditório.

Agradeço muito especialmente ao presidente Lula. Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele me deu a exata dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu pais e por sua gente. A alegria que sinto pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. (...)

Passada a eleição agora é hora de trabalho. Passado o debate de projetos agora é hora de união. União pela educação, união pelo desenvolvimento, união pelo país. Junto comigo foram eleitos novos governadores, deputados, senadores. Ao parabenizá-los, convido a todos, independente de cor partidária, para uma ação determinada pelo futuro de nosso país.

Sempre com a convicção de que a Nação Brasileira será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ela.

Um abraço a cada um, meus amigos e minhas amigas."

Após o discurso no hotel, a presidenta eleita foi até o Palácio da Alvorada ao encontro do presidente Lula que estava acompanhado de amigos e ministros que assistiam tudo na sala de cinema. Ao vê-la, o presidente a celebrou cumprimentando-a com um "Presidenta!" (AMARAL, 2011, p. 302). O fotógrafo oficial de Lula, Ricardo Stuckert, registrou o encontro dos dois em um momento raro de emoção de Dilma, em que ela chora de emoção.

Imagem 27: No Palácio da Alvorada, Lula e Dilma se abraçam após o resultado do segundo turno das eleições presidenciais de 2010. Dilma Rousseff eleita, chora de emoção e recebe o afeto do presidente.

Fonte: Ricardo Stuckert – 17/12/2010 - Acesso: 16 jun 2020 – Disponível: https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1716-era-lula-2003-2010

A forma de tratamento, presidenta, foi durante o primeiro e o segundo mandato de Dilma um ponto sensível que desencadeou críticas infundadas, motivos para deboche e sobretudo, revelou na resistência a palavra uma resistência à figura de uma mulher na presidência. Segundo o biógrafo de Dilma, Ricardo Amaral, no decorrer da campanha eleitoral "Dilma recebeu pareceres de filólogos indicando que as duas formas eram aceitas no idioma português; (...) João Santana captou em suas pesquisas que a forma feminina causava um certo estranhamento entre as pessoas" (AMARAL, 2011, p. 303). Durante a campanha foi mantida a forma presidente. Entretanto, ao receber do cerimonial do TSE – Tribunal Superior Eleitoral – a pergunta de como gostaria de tratada nos convites para a cerimônia de

diplomação, Dilma escolheu presidenta. Não apenas para a cerimônia, mas para durante todo o exercício de seu mandato. A diplomação pelo TSE da nova presidenta do Brasil e seu vice Michel Temer ocorreu em 18 de dezembro de 2010, e teve a presença de 700 convidados. Compareceram o presidente Lula e a primeira dama D. Marisa Letícia, os presidentes do Senado, Renan Calheiros (PMDB/AL) e da Câmara dos deputados Henrique Alves (PMDB/RN), outras autoridades e vinte convidados da presidenta eleita, dentre estes, sua mãe Dilma Jane e sua filha Paula.

Figura 28: Paula Rousseff, Dilma Rousseff e D. Dilma Jane Rousseff na cerimônia de diplomação da presidenta do Brasil e seu vice no Tribunal Superior Eleitoral, ocorrida em 18 de dezembro de 2010.

Fonte: Lula Marques/Folha Press - 13/09/2011 – Acesso: 13 jul 2020 - Disponível: https://w3.i.uol.com.br/novas-midias/2011/09/13/diplomacao-da-presidente-eleita-dilma-rousseff-centro-ao-lado-de-sua-filha-paula-a-esq-e-sua-mae-dilma-jane-no-tse-em-brasilia-df-1315940401963_615x300.jpg

Em primeiro de janeiro de 2011, Dilma Rousseff tomou posse como a primeira presidenta na história do Brasil. Ao todo, nove mulheres ocuparam cargos em seu governo como ministras ou em secretarias especiais com status de ministério: Ana de Hollanda – cultura -, Tereza Campello – ministério do desenvolvimento social e combate à fome -, Maria do Rosário – direitos humanos -, Luiza Bairros – políticas de promoção da igualdade racial -, Izabella Teixeira – meio ambiente -, Ideli Salvati – pesca e aquicultura -, Miriam Belchior – planejamento, orçamento e gestão -, Iriny Lopes – políticas para mulheres -, e Helena Chagas – comunicação social.

Figura 29: Dilma Rousseff ao centro, na primeira fila com a faixa presidencial ao lado do vice-presidente Michel Temer e demais ministros tomam posse. Além de ser a primeira presidenta a tomar posse na história da república brasileira, esse foi o maior número de mulheres a ocuparem ministérios num governo nacional.

Fonte: Agência Brasil/ABr – 01/01/2011 – Acesso: 21 jul 2020 - Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_membros_do_gabinete_de_Dilma_Rousseff#/media/Ficheiro:Posse_Ministros_Dilma_2010.jpg

No primeiro ano de seu primeiro mandato, Dilma Rousseff foi a primeira mulher a discursar na cerimônia de abertura da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas, seguindo a tradição de um representante do Brasil para iniciar o debate da solenidade. Enquanto esteve na presidência, Rousseff abriu os debates anuais na ONU. Em seu discurso, ela destacou a relevância do momento histórico que vivia e o que representava para a maior parcela da população do mundo, a feminina[44]:

> pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral. É a voz da democracia e da igualdade se ampliando nesta tribuna, que tem o compromisso de ser a mais representativa do mundo.
> É com humildade pessoal, mas com justificado orgulho de mulher, que vivo este momento histórico.
> Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste Planeta, que, como eu, nasceram mulher, e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar que merecem no mundo. Tenho certeza, senhoras e senhores, de que este será o século das mulheres.
> Na língua portuguesa, palavras como vida, alma e esperança pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito

[44] 21-09-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Presidenta Dilma. Biblioteca da Presidência. 21 set 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua Acesso: 17 maio 2020.

> especiais para mim: coragem e sinceridade. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje. (BRASIL..., 2011)

Figura 30: Na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, a presidenta Dilma Rousseff discursa e se torna a primeira mulher a realizar o feito histórico.

Fonte: Divulgação – 28/09/2014 - Acesso: 11 jul 2020 - Disponível: https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/O-Brasil-de-Dilma-Rousseff-vai-a-ONU-a-Politica-Externa-e-o-Futuro/6/31880

Desde o ano de 2010, a revista norte-americana *Forbes* incluía o nome de Dilma Rousseff entre as cem pessoas escolhidas pela publicação como as mais poderosas do mundo. Durante a realização da pesquisa biográfica de Dilma foi possível aferir que, a partir de 2011, ela esteve presente na lista das mulheres mais poderosas do mundo do periódico estadunidense, e na lista mista de mulheres e homens poderosos. No ranking feminino, Dilma em 2011 e 2012 esteve em terceiro lugar, e em 2012 foi capa da Forbes. Na fotografia de capa Dilma aparece com um terno vermelho, a cor do Partido dos Trabalhadores, maquiagem suave e cabelos bem penteados próximo ao visual adotado para as eleições de 2010 exibindo com altivez um olhar confiante e esboçando um sorriso com os lábios fechados. A presidenta ocupou o segundo lugar na lista em 2013, o quarto em 2014 e o sétimo em 2015. No ano de 2016 Rousseff não foi mais incluída na lista das cem mulheres mais poderosas do planeta. Tampouco outra mulher brasileira foi incluída na lista naquele ano. Na lista geral da mesma revista das cem pessoas mais poderosas e influentes Dilma ocupou respectivamente de 2010 até 2015 os seguintes lugares: 16ª, 22ª, 18ª, 20ª, 31ª, 37ª posições.

Figura 31: Na capa da revista estadunidense *Forbes* de 2012, a presidenta Dilma Rousseff colocada no segundo lugar do ranking de mulheres mais poderosas do mundo, aparece de terno vermelho, braços cruzados na frente do tronco numa postura altiva, com um olhar confiante e esboçando um sorriso.

Fonte: Gabriel Rinaldi/Redux – 22/08/2012 – Acesso: 25 jun 2020 - Disponível: https://www.forbes.com/sites/alexisglick/2012/08/22/dilma-rousseff-brazil-entrepreneurs-power-women/#3de24cd337d9

Em seu segundo ano de governo, em março de 2013 uma pesquisa de opinião revelou que o governo de Dilma Rousseff tinha aprovação de 63% da população brasileira[45]. A aprovação pessoal da presidenta era de 79%, superando os presidentes que a antecederam, Lula e FHC. Contudo, no mesmo ano o país testemunhou uma onda de protestos que se iniciaram contra o aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus autorizado pela prefeitura da cidade de São Paulo. As manifestações tomaram tamanha projeção que se espalharam por quase todo o país e abalaram a popularidade do governo e da pessoa da presidenta, ainda que Dilma tenha reagido rapidamente e dirigindo-se aos manifestantes e às lideranças dos movimentos que iniciaram os protestos que eram de ordem municipal, e não federal; apesar de ter proposto uma série de reformas e convocação de um referendo popular para atender às

[45] Dilma é aprovada por 79% e supera Lula e FHC, diz CNI/Ibope. Campanerut, Camila. 19 mar 2013. Disponível: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/03/19/dilma-cni-ibope.htm Acesso: 28 nov 2019.

demandas da população. Numa manobra política, o congresso boicotou as propostas do governo federal prejudicando a figura da presidenta e seu governo. Os protestos sem pauta definida, pois a causa dos vinte centavos havia sido diluída pelo país e manifestantes, ficaram conhecidos como jornadas de junho[46]. Um fenômeno complexo que até os dias atuais permanecem como fonte de pesquisas por terem desdobramentos até o presente.

Em 2014 o pleito eleitoral brasileiro foi marcado por uma forte polarização político partidária e suas respectivas militâncias nas ruas e nas redes sociais. Desde 1994 candidatos petistas, do Partido do Trabalhadores, e tucanos, do Partido da Social Democracia Brasileira, disputavam as eleições presidenciais. Em 1994 e 1998 entre FHC e Lula, com vitórias do tucano. Em 2002 entre Lula e José Serra, e 2006 entre Lula e Geraldo Alckmin com Lula vencedor das duas disputas eleitorais. Em 2010 entre Dilma Rousseff e José Serra e em 2014 entre Dilma e Aécio Neves.

Dilma Rousseff foi reeleita numa disputa que foi ao segundo turno com 51,45% do total de votos válidos, enquanto Aécio recebeu 48,55% dos votos de acordo com dados percentuais do TSE[47]. A petista foi reeleita com 54.501.118 (cinquenta e quatro milhões, quinhentos e um mil e cento e dezoito votos), enquanto Aécio recebeu 51.041.155 (cinquenta e um milhões, quarenta e um mil e cento e cinquenta e cinco votos). A pequena diferença de votos entre a primeira colocada e o segundo lugar deixou claro como a sociedade brasileira estava dividida e polarizada, o que deixava o ambiente político bastante tensionado.

O ministério do segundo mandato de Dilma iniciou com retrocesso na representação feminina: enquanto no primeiro mandato houve nove ministras, o novo ministério apresentou apenas seis. A nova composição ministerial contava com Kátia Abreu da pasta de agricultura, pecuária e abastecimento; Tereza Campello do desenvolvimento social e combate à fome; Nilma Lino Gomes da secretaria de políticas de promoção da igualdade racial; Izabella Teixeira do meio ambiente; Eleonora Menicucci da secretaria de políticas públicas para as mulheres e Ideli Salvati dos direitos humanos. Ainda no primeiro ano do novo governo, houve uma redução de ministérios e secretarias que foram fundidos. Dessa maneira, a nova secretaria mulheres, igualdade racial e direitos humanos ficou a cargo de Nilma Lino Gomes,

---

[46] SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos estud. - CEBRAP** , São Paulo, n. 97, pág. 23-40, novembro de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003 . https://www.scielo.br/scielo.php?

[47] Presidente do TSE anuncia que Dilma Rousseff foi reeleita presidente da República. TSE – Tribunal Superior Eleitoral. 26 out 2014. Disponível em: http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Outubro/presidente-do-tse-anuncia-que-dilma-rousseff-foi-reeleita-presidente-da-republica Acesso: 18 out 2019.

reduzindo para apenas quatro o número de mulheres em ministérios da primeira presidenta brasileira. A reforma ministerial fazia parte de um pacote de medidas de contenção de gastos do governo frente a uma crise econômica que se agravava no país e no mundo.

Figura 32: Na fotografia oficial da posse pela reeleição, Dilma Rousseff aparece com a faixa presidencial, tendo ao seu lado o vice-presidente Michel Temer, ambos na primeira fila ladeados pelos demais ministros.

Fonte: Wilson Dias/Agência Brasil – 01/01/2015 – Acesso: 13 jul 2020 - Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_membros_do_gabinete_de_Dilma_Rousseff#/media/Ficheiro:Dilma_ministros_2015.jpg

A falta de responsabilidade do perdedor ao entrar com recurso no TSE pedindo a recontagem dos votos, colocando em dúvida a lisura do pleito e apuração, adicionou mais instabilidade à política nacional. No dia nove de dezembro de 2014, o resultado definitivo das eleições foi proclamado após a recontagem dos votos pelo plenário do TSE[48]. Em 2017, o jornal Estado de S. Paulo, publicou uma matéria sobre as motivações que levaram Aécio Neves colocar em suspeição o resultado das eleições[49]. Segundo o periódico, o então senador perdedor confessou ao empresário Joesley Batista que havia entrado com a ação para "encher o saco do PT" (ESP, 2017), pois havia sofrido muitas piadas da militância petista por haver saído perdedor das eleições. Essa ação do senador do PSDB, o rompimento do vice Michel Temer com Dilma e seu governo no final de 2015, e os conchavos políticos a partir de então

[48] Plenário do TSE proclama resultado definitivo do segundo turno da eleição presidencial. TSE – Tribunal Superior Eleitoral. 09 dez 2014. Disponível em: http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Dezembro/plenario-do-tse-proclama-resultado-definitivo-do-segundo-turno-da-eleicao-presidencial Acesso: 18 dez 2019.

[49] Ação no TSE era para encher o saco do PT, disse Aécio a Joesley. 20 maio 2017. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/acao-no-tse-era-para-encher-o-saco-do-pt-disse-aecio-a-joesley/ Acesso: 10 jun 2020.

formados, além da renovação do Congresso Nacional com novos representantes conservadores da oposição: manteve-se uma constante instabilidade que paralisou deliberadamente o andamento e aprovações de medidas e projetos do governo para recuperar a economia nacional.

Cabe ainda ressaltar que a operação da Polícia Federal batizada de Lava Jato em conluio com setores da grande mídia produziam um discurso de que os casos de corrupção descobertos eram culpa do governo de Dilma e não o resultado de uma política de Estado de combate ao crime, manipulando assim a opinião pública. O que levou à perda do mandato presidencial de Dilma Rousseff, ao culminar com um processo de impeachment sem crime de responsabilidade. Prova disso é que os direitos políticos de Dilma forma preservados pelo Senado, justamente o contrário do processo de *impeachment* sofrido por Fernando Collor que teve seus direitos políticos cassados, como determina a legislação. No ano de 2017, ficou comprovado após perícias nas contas do governo que Dilma Rousseff não havia cometido crime de responsabilidade que justificasse o processo de impeachment que levou à sua cassação[50].

Em agosto de 2016, a revista feminina *Marie Claire* publicou uma segunda entrevista com Dilma Rousseff. No final de agosto o Senado aprovaria seu afastamento num processo de *impeachment*, mas manteriam seus direitos políticos. Na entrevista Dilma faz um balanço sobre os erros políticos que a conduziram até o afastamento do governo e os obstáculos para adoção e promoção de medidas feministas, além do legado que gostaria de deixar para as mulheres brasileiras.

> MARIE CLAIRE: A senhora foi a primeira presidente mulher do país e ficou no poder por cinco anos e meio. Por que não trouxe para o debate a questão da equiparação salarial e do aborto?
> DILMA ROUSSEFF: Cumprimos a legislação e levamos o SUS a fazer aborto previsto em lei: quando a gravidez coloca em risco a vida da mãe, em caso de estupro e por anencefalia, o que já é dificílimo no Brasil. Não é papel do Estado brasileiro discutir a lei. Quem tem que colocar essa matéria em discussão é o movimento feminino. A grande questão nesse período foi a violência contra a mulher, de estupro e assassinato. Ganhamos a Lei Maria da Penha novamente, que havíamos perdido, fizemos a Lei do Feminicídio – que tornou crime hediondo e inafiançável o assassinato da mulher pelo fato de ser mulher – e as Casas da Mulher Brasileira, que são centros de assistência e acolhimento a vítimas de violência. Além disso, quem recebe o Bolsa Família é a mulher, quem é dono do imóvel no Minha Casa Minha Vida, prioritariamente, é a mulher. É uma segurança e uma riqueza. Agora

[50] Análise: Dilma foi retirada do cargo sem ter cometido crime de responsabilidade. Tardelli, Breno. 31 ago 2017. Disponível em : https://www.justificando.com/2017/08/31/dilma-rousseff-foi-afastada-do-cargo-sem-ter-cometido-crime-de-responsabilidade/ Acesso: 13 jun 2020.

> vocês têm razão, a discussão do trabalho igual para salário igual cabe sim. É algo que tem que ser feito. Nesse sentido, atuamos na PEC das Domésticas. Nós regulamentamos a maior profissão feminina que existe hoje no Brasil e demos a ela o direito de receber contribuição.
> MC: A sua chegada à Presidência e o fato se ter nomeado nove ministras foram considerados avanços para o movimento feminista. A sua saída representa um retrocesso?
> DR: Não. Tenho tido muito cuidado de mostrar que, mesmo quando nos atacam, temos coragem para resistir. O que vivi foi reflexo de uma grande misoginia. Ou eu era muito dura e por isso não me abatia, ou vivia no mundo da lua. A mulher é sempre histérica ou descontrolada. Se você não é nenhuma dessas coisas, é um trator, não uma mulher. Isso é machismo. A mensagem por trás disso tudo é a de que a mulher é frágil. Se fosse um homem, diriam: "Ele é firme". Tenho de mostrar que coragem não nos falta. Acho que minha missão (de vida), além de lutar pela democracia, é deixar claro que a mulher, nas piores condições, não se curva nem se entrega. Não tenho dúvidas de que queria deixar um legado mais positivo. Mas deixo o legado da resistência feminina. Vou resistir até o último momento. Não pensem que me atemorizam. Não estou embaixo da cama nem morrendo de tristeza, como gostariam. Morro é de injustiça.
> MC: Como esse "morrer de injustiça" se manifesta em sua vida?
> DR: Ao contrário do que possa parecer, isso me dá mais ânimo. Até por velhice (risos), estou com 68 anos. Não acredito que a vida, na real, seja um lago tranquilo. Enfrentei dois golpes no Brasil e em ambos tive uma participação efetiva. No primeiro, lutei e fui presa por três anos. Agora, estou resistindo. Também tive um câncer (linfático). Sempre achei que a boa vida é feita de lutas que valem a pena. Claro que todo mundo fantasia: vai chegar uma hora que vai ser mais fácil, mas não é.
> MC: Dá pra dizer que algumas dessas situações que a senhora enumerou são piores que outras?
> DR: (Faz uma pausa e pensa). A ditadura. A tortura e a prisão daquela forma tiram a dignidade. (Os torturadores) te impõem dor para arrebentar sua dignidade. A doença, de certa forma, também faz isso, mas dentro da sua humanidade, não tentando te tirar a dignidade.

As jornalistas então entram na questão do vice-presidente Michel Temer. Em 29 de outubro de 2015 foi exibido na televisão o programa do PMBD – Partido do Movimento democrático Brasileiro -, que trazia a participação do vice-presidente Temer (presidente nacional do PMDB), do presidente do Senado Renan Calheiros e do presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha. O programa *Uma Ponte para o Futuro* era justamente o oposto do programa de governo de Dilma Rousseff que vencera as eleições, apresentando um projeto neoliberal e de cortes nos projetos sociais[51]. Era como se Temer tivesse o poder para governar apesar, de o país ter acabado de reeleger sua presidenta, por ter o apoio dos presidentes do Senado e da Câmara de Deputados, além da oposição. Em 07 de dezembro de 2015, poucos

[51] Uma ponte para o futuro. Fundação Ulysses Guimarães. 29 out 2015. Disponível em: https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf Acesso: 24 jun 2020.

dias após Eduardo Cunha acolher o pedido de impeachment de Dilma, uma carta de Temer endereçada à presidenta chega à imprensa e assim ao conhecimento da população[52]. Nela, reclamava ter sido transformado em um "vice decorativo", perdendo protagonismo político no decorrer do primeiro mandato de Dilma.

> MC: Quando foi que a senhora percebeu que o presidente interino, Michel Temer; deixou de ser seu aliado?
> DR: Quando ele começou a se manifestar, a fazer suas cartas e declarações. Era tudo muito óbvio. Lamento muito que ele tenha usado a estrutura da vice-presidência para percorrer o Brasil inteiro articulando uma conspiração. Fazendo um paralelo com a situação atual: sou presidenta eleita, tenho todo o direito de usar o avião (das Forças Armadas do Brasil). Quem não tinha o direito de usar o avião para ir a todos os estados conspirando era ele.
> MC: Quando Temer escreveu aquela carta descrevendo seus ressentimentos, a senhora o chamou para uma conversa. O que disse?
> DR: Eu não marquei uma reunião. Quem marcou foi ele.
> MC: Como foi a conversa?
> DR: De praxe. Vocês conhecem a conversa de praxe?
> MC: As nossas conversas de praxe são diferentes das da senhora...
> DR: Eu ainda não conhecia a conversa de praxe de vice usurpador e traiçoeiro, mas é aquela conversa mole... "Não foi bem isso", "Aquilo era uma carta pessoal, vazou". Mas não foi vazamento, né? Foi um autovazamento...

[52] Leia a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma. Sadi, Andréia. 07 dez 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html Acesso: 21 fev 2020.

Figura 33: Dilma Rousseff e a chanceler alemã Angela Merkel, posam para os fotógrafos em noite de jantar no Palácio da Alvorada em agosto de 2015. Atrás das duas líderes, o vice-presidente Michel Temer, caminha ao lado das duas políticas. Em outubro de 2015 o partido de Michel Temer lançaria o programa *Ponte para o Futuro* e em dezembro fez chegar à imprensa uma carta, cujo conteúdo sinalizava estar rompendo com a presidenta e com o governo que fazia parte.

Fonte: Pedro Ladeira/Folha Press – 19/08/2015 – Acesso: 14 jul 2020 – Disponível: https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000767256/dilmarecebemerkelemjantarnoalvorada.html

A entrevista prossegue enveredando pelo dia em que os parlamentares aprovaram a abertura do processo de *impeachment:* quais sentimentos foram despertados no momento. Dilma também fala dos erros cometidos na condução de seu governo, e da principal crítica recebida em sua conduta republicana.

> MC: Descreva a noite em que a Câmara dos Deputados aceitou seu processo de *impeachment*. É verdade que pediu que socorressem Lula? E a senhora precisou de consolo?
> DR: As pessoas sentem as coisas de jeitos diferentes e temos de respeitar isso. O presidente Lula tem uma imensa sensibilidade e afetividade. Pedi que não o deixassem sozinho, não que o consolassem. Queria que o acompanhassem quando ele foi lá fora (aponta para o grande terraço do Palácio da Alvorada), estarrecido com o que estava acontecendo. Também fiquei chocada porque dá uma vergonha ver aquele discurso chocante. Eu pensava: "O que vão imaginar de nós?" O povo brasileiro não é aquilo. Por mais erros que tenhamos cometido e defeitos que possuamos, somos muito melhores do que aquelas pessoas que votaram em nome do filho, da honra e do caráter de quem foi preso na semana seguinte. Senti um imenso desconforto ouvindo falarem aquelas barbaridades... mais do que desconforto, senti algo que não estou sabendo qualificar.
> MC: Enjoo?
> DR: Isso, enjoo. Foi muito feio.

> MC: A senhora falou “por mais erros que tenhamos cometido”. Quais foram eles?
> DR: Eu me recuso a fazer uma coisa que a imprensa adora. Não vou dar chicotadas nas minhas costas. Em qualquer processo humano, a gente erra. Cometi um erro fazendo aliança com meu vice e com todos que o cercam. Houve uma ruptura do pacto que governou o Brasil desde 1988. Partidos com programas ideológicos e projetos que ganhavam as eleições faziam um acordo de governabilidade com o centro, que sempre foi democrático. Nos últimos anos, isso mudou. Estou falando da figura de Eduardo Cunha (PMDB) seu grande dirigente. (A entrevista foi concedida antes da renúncia do ex-presidente da Câmara dos Deputados) O golpe foi promovido pelo Cunha e entregue para eles, que não tinham condição de fazer golpe. Onde eu acho que fiz um grande erro na política? Quando comecei a ver o mal-estar que estava se instalando. As votações estavam ficando difíceis, as transações também. Assisti à resistência imensa na Lei dos Portos e na Lei do Marco Civil da Internet. Ali estavam claros todos os processos de negociações sombrias. Sempre que a Lava Jato chegava mais perto dele (Eduardo Cunha), ele atacava. A gente devia ter percebido que não dava para fazer coligação, compor o governo com eles. Não poderíamos ter nos ligado com quem não estava mais respeitando as negociações nos moldes republicanos.
> MC: Seus adversários e aliados dizem que a senhora tem dificuldade de ouvir.
> DR: Ouvir o quê? Sei o que querem que eu ouça: negociações que não são republicanas. Não faço isso.

É curioso observar que a entrevista que havia sido feita em julho e publicada em agosto, antes do afastamento definitivo de Dilma em 31 de agosto de 2016, as repórteres todo o tempo dão como certo o afastamento definitivo da presidenta do poder. Em determinado momento cogitam na possibilidade de a presidenta permanecer no cargo. A entrevista é encerrada quando passam a fazer perguntas sobre a vida pessoal de Dilma.

> MC: Se a senhora voltar para o governo, quais são os planos?
> DR: Desfazer os danos feitos nos programas sociais. Também acredito que é fundamental que o governo eleito escolha pessoas para além da questão partidária (em sua composição) e olhe este período até 2018 como de reafirmação da democracia.
> MC: E se a senhora não voltar, quais são os planos?
> DR: Eu não vou aceitar essa suposição, estou na luta e estarei até o fim. (...)
> MC: É verdade que a senhora dorme de sapatos e guarda dinheiro no colchão?
> DR: Olha querida, dormi de sapato bem uns cinco anos da minha vida, vocês nem eram nascidas, no fim da década de 60. Dormia vestida porque, a qualquer momento, tinha que acordar e ir embora. Os caras sempre podiam estar ali. Mas não durmo mais não. E sempre tem um dinheirinho vivo, uai. Isso daí você adquire (risos).
> MC: A senhora ainda cuida do cabelo com Celso Kamura?
> DR: Kamurete? Nunca vou largar o Kamurete. Minha filha, depois que fiz o tratamento (para curar o câncer), o cabelo cresceu em tufos. Na campanha de 2010, ficaram um tanto desesperados quando começaram a me filmar (risos).

> O Kamura reconstruiu meu cabelo. Não vou todo mês. Mês e meio, mês e meio, ele aparece aqui. Eu tinjo meu cabelo.
> MC: Sozinha?
> DR: Não, peço ajuda a quem estiver por perto para segurar o pente de tinta. (CARUSO; NEVES, 2016, p. 56 – 60).

Figura 34: Na sala de conferências do Palácio da Alvorada, a presidenta Dilma de vestida de preto, aparece sorrindo sentada sobre um baú ao lado de objetos de arte, uma imagem sacra e uma coroa.

Fonte: Bob Wolfenson – 30/07/2016 – Acesso: 29 jul 2020 – Disponível: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2016/07/o-desabafo-de-dilma-rousseff-queria-deixar-um-legado-mais-positivo-para-mulheres.html

Para Lucas Ferraz (2019), Dilma, que era considerada autoritária, não possuía habilidade política para negociar com o legislativo. Sua trajetória política, tanto na direção das organizações políticas de esquerda em resistência à Ditadura Civil Militar, quanto na burocracia estatal, não é considerada pelo autor como credenciais relevantes para Dilma ter chegado ao poder. Como se a práxis política estivesse reduzida à política institucional e partidária operada por políticos profissionais, ainda que sob o comando da presidenta o país tivesse avançado na inclusão social e deixado o mapa da fome[53]. Mesmo com o fato de o

[53] Crescimento da renda dos 20% mais pobres ajudou Brasil a sair do mapa da fome. Bittencourt, Claudia. 28 maio 2015. Disponível em: https://www.unasus.gov.br/noticia/crescimento-da-renda-dos-20-mais-pobres-ajudou-brasil-sair-do-mapa-da-fome-diz-onu Acesso: 17 abr 2020.

Brasil estar ocupando o sexto lugar no ranking das maiores economias do mundo, de avanços sociais e ambientais e ter sido reeleita ao cargo[54]. Ferraz (2019) afirma que:

> Dilma Rousseff não construiu propriamente uma trajetória política, chegando ao topo do poder sem nunca ter disputado uma eleição. A façanha se deve a Lula, seu padrinho político. Chamada por adversários de "poste" do ex-presidente, a criatura aos poucos se desvencilhou do criador. Considerada centralizadora, Dilma pôs em marcha um programa de intervenção governamental na economia que acabaria jogando o país numa das mais profundas recessões da história. No segundo mandato, criticada à esquerda e sobretudo à direita, não resistiu a um controverso processo de *impeachment* (FERRAZ, 2019, p. 7).

Apresentada a biografia da presidenta, os próximos capítulos buscarão analisar como a imprensa, no caso o jornal *O Globo*, em sua formação como um poderoso oligopólio midiático, participou em momentos decisivos da história política contemporânea nacional. Além disso, o capítulo vai apresentar como o fotojornalismo evoluiu a partir da fotografia e como se relaciona com o mundo político, registrando-o para o jornais e agências de fotografia.

[54] Brasil ultrapassa Reino Unido e se torna a 6ª economia do mundo. Portal Terra. 26 dez 2011. Disponível em:https://istoe.com.br/184334_BRASIL+ULTRAPASSA+REINO+UNIDO+E+SE+TORNA+6+ECONOMIA+DO+MUNDO/ Acesso: 17 maio 2020.

3 A IMPRENSA E A NARRATIVA FOTOJORNALÍSTICA

No início do século XX, o Brasil viveu a experiência de eleger democraticamente a primeira mulher, Dilma Rousseff, para ocupar o cargo da presidência da República. Nesse mesmo período, esse feito histórico ocorreu em outros países da América do Sul, em que também foi possível testemunhar a chegada de duas outras mulheres ao cargo máximo de exercício de poder de seus países, a chilena Michelle Bachelet e a argentina Cristina Kirchner. Cada uma delas protagonizou inclusive o feito da reeleição, Bachelet cumpriu mandatos de 2006 a 2010, e de 2014 a 2018; Kirchner de 2007 a 2011, e de 2011 a 2015; e Rousseff de 2010 a 2014, e de 2015 a 2016.

Essa conquista dessas mulheres políticas provocou também efeitos sem precedentes ao sistema político vigente, o que consequentemente produziu um novo paradigma. No caso brasileiro, especificamente, como fazer a cobertura fotojornalística sobre a ascensão e o governo de uma mulher, no caso, Dilma Rousseff na presidência de seu país. E seria necessário adequar à cobertura foto-jornalística inaugurando uma nova forma para se registrar, enquadrar e narrar o exercício do poder por uma mulher? A presidenta receberia o mesmo enquadramento imagético dado pela imprensa escrita aos presidentes homens que até então chegaram ao poder? Como sua imagem pública seria construída através da narrativa das fotografias estampadas nas capas de um dos grandes jornais de circulação nacional, *O Globo*?

No Brasil, passados 25 anos do fim da Ditadura Militar (1964-1985), a eleição de Rousseff fazia crer que tanto a democracia brasileira, quanto suas instituições haviam amadurecido. E suportariam a vontade popular, em mais dois mandatos de uma representante da esquerda e, sobretudo, uma mulher que combatera o regime ditatorial apoiado pelas conservadoras elites nacionais, pela imprensa e pelos setores da classe média.

Este capítulo se propõe a analisar a construção do jornal *O Globo;* como ele se tornou um oligopólio midiático e sua participação em momentos decisivos da história contemporânea brasileira. Não há uma intenção em traçar uma linha do tempo da história do periódico ou da história da imprensa nacional, apesar de apontar as transformações pelas quais ela passou, a fim de contextualizar a consolidação do jornal. Conhecer como atuou em contextos políticos nacionais críticos o herdeiro proprietário do jornal, Roberto Marinho, através de *O Globo* - e seus filhos que perpetuam o legado de seu pai, auxiliando na compreensão da construção da narrativa imagética da presidenta Dilma Rousseff nas capas do periódico.

3.1 O jornal *O Globo*

O potencial da imprensa de influir na opinião pública foi apreendido por lideranças políticas desde o século XVIII. A partir de então, jornais e folhetins surgiram; muitos inclusive atrelados a partidos políticos e a grupos simpatizantes a ideologias e governos. A partir do dezenove, a relevância monetária dos periódicos atraiu investimentos empresariais. Nesse mesmo período foram criadas as primeiras agências de notícias como a *Associated Press* (1848) e a *Reuters* (1851) - empresas especializadas em vender aos jornais as notícias mais recentes.

Ao analisar historicamente o processo de transformação pelo qual passou a imprensa no decorrer do século XIX para o século XX, Raymond Willians (2007) afirma que tanto os jornais respeitáveis ou estabelecidos, quanto os jornais populares e radicais, da cultura urbana da época, sofreram o impacto do desenvolvimento de novas tecnologias advindas da Revolução Industrial[55]. Consequentemente, os efeitos do processo econômico na produção da imprensa escrita não ficaram restritos aos meios de produção e distribuição dos jornais.

A lógica mercadológica incidiu no complexo desenvolvimento sociocultural do século XIX e se projetou para o XX, envolvendo a produção e a recepção do jornalismo impresso. Segundo Helouise Costa (2012):

> na última década do século XIX, após a abolição da escravidão (1888) e a proclamação da República (1890), o Brasil passou por um processo de reorganização em todos os setores da vida social. Esses dois acontecimentos são considerados marcos do ingresso do país no mundo capitalista. Data desse período a reestruturação geral da imprensa no país em bases industriais, o que acarretou transformações no que diz respeito tanto à tecnologia de produção e ao conteúdo dos periódicos quanto à forma de organização do trabalho (COSTA, 2012, p. 9).

A imprensa nacional de fins do século XIX passou de opinativa para o caráter informativo, transformando as normas editoriais ao dar destaque a reportagens policiais e matérias "envoltas em carga de neutralidade" que "procuram construir uma representação ideal de sociedade" adotando expedientes como "isolar artigos pretensamente informativos e classificados como neutros e objetivos, daqueles que são claramente opinativos" (BARBOSA, 2007, p. 48).

---

[55] Para Raymond Williams (2007), o significado de popular na imprensa abrange três aspectos. O primeiro aspecto, imprensa popular: pelo povo, a imprensa política no sec. XIX e o movimento trabalhista no sec. XX; segundo, a imprensa popular no sentido da produção de artigos sobre crimes, escândalos, romances e esportes; e o terceiro associando a concepção de popular "em termos puramente do marketing, um jornal popular como produto de mercado altamente capitalizado, dirigindo a nova massa de leitores diferenciada" (WILLIAMS, 2007, p.24).

Outra grande mudança que ocorreu foi que a imprensa passou de "pouco estruturada como negócio ao jornalismo como empresa" (ROMANCINNI; LAGO, 2007, p. 76). Os periódicos de maior destaque se constituíram "como empresas visando ao lucro, ainda que sobrevivam das benesses do poder público" (BARBOSA, 2007, p. 48). Nelson Werneck Sodré (1977) assegura que "a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista" (SODRÉ, 1977, p.1); os meios de comunicação modificam-se e ajustam-se porque estão atrelados à expansão do capital.

No Brasil do início do século XX, o progresso dos meios de comunicação foi introduzido no país através da importação de tecnologias durante a expansão do capitalismo internacional monopolista. Segundo Daniel Herz (1987), nesse momento há a "ascensão de uma burguesia industrial e comercial que disputava a hegemonia política com as oligarquias rurais ligadas à produção agrário-exportadora. O desenvolvimento do caráter capitalista da economia brasileira se intensificou" (HERZ, 1987, p. 46).

Nesse contexto de "mutações econômicas, políticas e tecnológicas, a imprensa continua dependente dos favores e favorecimentos oficiais para garantir a sua sobrevivência. A independência dos jornais existe apenas como discurso memorável construído pelos próprios jornalistas" (BARBOSA, 2007, p.85). Nesse cenário, início do século XX, periódicos provisórios surgiam e sumiam em época de pleitos eleitorais presidenciais. A narrativa memorialística dos jornalistas que viveram esse período, aferida e analisada por Marialva Barbosa (2007), aponta que para esses profissionais "os jornais classificados como independentes (...) são lembrados como os mais populares" enquanto que "aqueles que eram nitidamente governistas" (BARBOSA, 2007, 86) não possuíam leitores.

Foi nesse ínterim que o jornal, *O Globo*, foi fundado pelo jornalista Irineu Marinho em 29 de julho do ano de 1925. Irineu havia fundado o periódico vespertino *A Noite*, em 1911, considerado como um jornal popular (WYLLIANS, 2007) por veicular e explorar muitas notícias policiais. Desligou-se do jornal em 1925, onde fora por todo esse tempo o secretário e foi seguido por um grupo de repórteres e redatores do jornal[56]. Segundo Marialva Barbosa

[56] A Noite, foi um "jornal carioca diário e vespertino, fundado em 18 de junho de 1911 e extinto em 27 de dezembro de 1957. Em virtude de desentendimentos com a direção da Gazeta de Notícias, da qual era secretário-geral, Irineu Marinho decidiu abandonar seu cargo e, juntamente com mais 13 companheiros, fundar um novo jornal. A Noite, como foi chamado o novo periódico, definiu desde o início uma linha política oposicionista, declarando-se um crítico severo do recém-constituído governo do marechal Hermes da Fonseca (1910-1914). Sua posição era de apoio ao grupo civilista derrotado, que havia encampado a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República. Apontando as falhas do governo e denunciando o autoritarismo do presidente, o jornal combatia sobretudo a política de "salvações" de Hermes da Fonseca, que promovia a substituição forçada dos grupos oligárquicos no poder. Essa postura custou, aliás, a A Noite uma suspensão e a prisão de seus diretores. O contato com

(2007), Irineu Marinho é lembrado por seus contemporâneos como um grande gênio criador, cuja criatividade era diretamente responsável pelo êxito de público, e também por empregar excelentes redatores.

Após algumas semanas decorridas do lançamento da primeira edição de *O Globo*, que alcançou uma tiragem de cerca de 33 mil exemplares, seu fundador faleceu. A partir de então, o jornalista Eurycles de Mattos, que havia trabalhado no *A Noite* com Marinho, dirigiu o periódico até o ano de 1931. A partir de então, o jornal passou a ser comandado por Roberto Marinho, filho de Irineu. Entretanto, o jornal só alcançou relevância a partir da década de 1940.

A imprensa da época noticiou o nascimento de *O Globo* como um periódico moderno, tendo como foco a notícia abdicando da formação de opinião pública, nos moldes de um jornal europeu:

> na definição dos jornalistas ser um jornal moderno é destacar as notícias informativas, relegando a opinião a plano secundário. Valoriza-se o novo estilo jornalístico no qual o noticiário "exato e minucioso" tem um papel central. Observa-se, portanto, a continuação da construção gradativa do ideal de objetividade no jornalismo carioca, que começa antes mesmo da década de 1910. Com um longo trabalho para definir o papel do jornalista e do jornalismo – ser isento, imparcial e açambarcar múltiplos aspectos de uma realidade a quem é outorgado o direito de figurar -, os próprios jornalistas vão construindo um lugar peculiar para a profissão, no qual a ideia de representação fiel da realidade se sobressai. Ao espelhar o mundo, através das notícias, ocupam lugar emblemático e definem o valor da profissão. Outro ideal que aparece com frequência está associado às novidades introduzidas pelo periódico: a noção de moderno. Como um conceito, moderno, nas palavras dos jornalistas, é o jornal que divulga a informação, numa linguagem que procura a isenção. A informação passa a ter lugar de destaque. A valorização dessa pretensa neutralidade – apresentada pela formatação discursiva do periódico e pela delimitação dos espaços destinados à opinião que não mais se confundiria com as colunas de informação – retira da narrativa jornalística a ideia de suspeição. Os jornais não devem opinar e muito menos persuadir. Os conteúdos revelam uma realidade existente *a priori*. O jornal deixa de expressar concepções, para se valer da isenção que vão construindo em torno da ideia de notícia. Assim, a

---

a repressão não mudou, entretanto, a linha do jornal, que, ao longo de quase todo o período em que esteve ligado a Irineu Marinho, se distinguiria como órgão de oposição. (...). Em sua primeira fase, portanto, gozando de grande prestígio nos meios oposicionistas, o jornal aproximou-se das propostas levantadas pelos grupos urbanos e pelas oligarquias dissidentes que em alguns momentos questionavam as regras do jogo político. Em 1925, contudo, grandes transformações alteraram a linha do vespertino. Seu proprietário, Irineu Marinho, achando-se doente e de partida para a Europa, foi obrigado a caucionar a maioria de suas ações em favor de Geraldo Rocha. Este último realizou logo depois uma assembleia, rompendo os vínculos que ainda prendiam o jornal a seu fundador, e elegeu nova diretoria". FERREIRA, Marieta de M. A Noite. FGV/CPDOC -Dicionário Histórico-Biográfico. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf Acesso: 28 jun 2019.

> uniformização de múltiplos aspectos numa retórica que procura despir a linguagem de elementos opinativos constrói, gradativamente, a noção de linguagem jornalística neutra, elevada à condição de ciência, afinada com o mito da isenção, da neutralidade e da prestação de serviços. (BARBOSA, 2007, p. 96)

Contudo, apesar do esforço do periódico para formatar uma imagem de um jornalismo informativo, reservando em sua capa um pequeno espaço para opinião na coluna Ecos, o jornal mantinha outras do mesmo gênero, "O Globo na sociedade, (...) O Globo nos Teatros, e O Globo entre as senhoras" (BARBOSA, 2007, p. 97), o jornal dissimulava pela forma e diagramação, texto em colunas e pela abrangência dos assuntos seu jornalismo opinativo, assinalando que o periódico buscava alcançar um público-alvo diverso.

Para Marialva Barbosa (2007):

> o jornal queria um novo interlocutor: uma massa uniforme que começa a ser adjetivada para ganhar consistência na década seguinte. Para isso estandardiza sua linguagem, destacando na construção da sua autoimagem a retórica da imparcialidade. Com isso, reforça também a imagem de independência. (BARBOSA, 2007, p. 98)

Na edição de estreia de *O Globo*, em 29 de julho de 1925, o jornal declara na coluna Ecos seus princípios de isenção e imparcialidade que serão reafirmados até os dias atuais:

> é um penhor de nossa sinceridade, mas também a garantia da independência com que vamos agir, independência tão ampla quanto a permitam as possibilidades humanas e que nos autoriza desde já a proclamar que este jornal não tem afinidade com governos, não encerra interesses conjugados com os de qualquer empresa, não está ligado a grupos capitalistas ou a plutocratas isolados – não existirá senão como uma força posta incondicionalmente ao serviço dos interesses gerais. ("Ecos" *apud* BARBOSA, *O Globo*, 29 de jul. de 1925, p. 2)

No decorrer de quase oito décadas, Roberto Marinho construiu um império das comunicações, verdadeiro oligopólio midiático, as Organizações Globo (HERZ, 1987), as quais operam em vários segmentos econômicos. Faz-se importante ressaltar como uma empresa jornalística familiar tem sua ascensão e consolidação como um poder simbólico, econômico, político e cultural atuante na história contemporânea e memória do país. Esse empreendimento comunicacional sustentou, durante toda sua trajetória até os dias atuais, um discurso de que produzem informação de modo equânime.

No *site* do jornal *O Globo* estão disponíveis os princípios editoriais do Grupo Globo. Nesse documento, que inicia com uma carta dos acionistas assinada pelos filhos de Roberto

Marinho que comandam o grupo, há um manual de práticas jornalísticas em que é defendido que "jornalismo é uma forma de apreensão da realidade" e "uma atividade que produz conhecimento" rechaçando a ideia de que o periódico produza matérias com um viés ideológico[57].

As controvérsias entre a *práxis* do jornal e seu manual não são infundadas. Uma das características do periódico é justamente seu caráter opinativo. Em dois de abril de 1964, o jornal *O Globo* publicou um editorial de capa saudando o Golpe Militar[58]. O editorial é um texto que demarca a opinião, o qual não tem assinatura; dentre os jornalistas da época é justificado da seguinte maneira: "não expressa o pensamento de um indivíduo, mas o clima de uma época" (SILVA a*pud* AMADO, 2017, p. 88). Neste manual de práticas jornalísticas do Grupo Globo, alguns itens elencados como atributos da informação de qualidade chamam atenção com afirmativas como "o grupo globo é apartidário" e produz "um jornalismo com um grau elevado de isenção".

Foi durante a Ditadura Militar que o Grupo Globo obteve as sinecuras do apoio editorial intitulado, *Ressurge a Democracia*, dado ao Golpe civil militar de 1964 que foi publicado em destaque na capa do jornal *O Globo*. O empresário Roberto Marinho que já havia fundado outro veículo de comunicação no ano de 1944, a Rádio Globo, ampliou seu poderio ao estabelecer seu oligopólio comunicacional, com a benesse de uma concessão para explorar um sinal aberto de televisão no Brasil em 1965. Na imagem abaixo, a capa de *O Globo* do dia 02 de abril de 1964, o editorial declarando apoio ao Golpe Militar.

---

[57] Princípios editoriais do Grupo O Globo. MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. 06 ago 2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/ . Acesso em: 29 abr. 2019.

[58] Memória. Jornalismo. 02 de Abril de 1964: O ciclo militar. Disponível em: http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/ciclo-militar-8903893 . Acesso em: 29 abr. 2019.

Figura 35: Na capa de *O Globo* de 02 de abril de 1964, em destaque o editorial, Ressurge a Democracia, saudando o Golpe Militar.

FUGIU GOULART E A DEMOCRACIA ESTÁ SENDO RESTABELECIDA

EMPOSSADO MAZZILLI NA PRESIDÊNCIA

TEXTO NA 6.ª PÁGINA

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE ROBERTO MARINHO

Ressurge a Democracia!

Coragem e Emoção

CASTELO BRANCO ADVERTIRA OS COMANDOS:

As Fôrças Armadas

Fonte: Acervo O Globo 02/04/1964 - Acesso: 26 maio 2019 - Disponível: http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/ciclo-militar-8903893

Na obra *1964: A Conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*, de René Armand Dreifuss (1981), o autor analisa a partir de farta documentação oficial o período de preparação para o golpe civil-militar de 1964 e os atores sociais envolvidos no processo. Ele aponta, dentre outras coisas, como após o golpe civil-militar de 1964, o IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais -, criado em 1961 por empresários cariocas e paulistas, permaneceu atuante em favor do regime ditatorial que ajudou a chegar e se instalar no poder utilizando inclusive os meios de comunicação da época[59].

[59] Segundo Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2018), na obra, *Brasil: uma biografia*, no IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, os atores sociais que ali atuavam estavam comprometidos na atuação intelectual que incluíam a utilização da mídia impressa, a edição de livros, filmes e ciclos de palestras. Nos bastidores o IPES atuou contra o presidente João Goulart com uma política de duas vertentes. A primeira desestabilizando o governo com propaganda anticomunista, patrocinando manifestações públicas contrarias ao governo e financiando associações e grupos de oposição ou de extrema direita. A segunda concebeu estratégias de planejamento para subsidiar um projeto novo de governo e desenvolvimento aberto ao fluxo de capital internacional e com vocação autoritária. O IPES não foi um mero disseminador de propaganda anticomunista ou um grupo de extrema direita ocupado em estocar armas. Era um núcleo de conspiração golpista com agenda própria; seus membros estavam muito bem informados e muito bem posicionados entre os conspiradores que viriam a derrubar Goulart e durante a ocupação do Estado após março de 1964.

O instituto congregava a elite empresarial nacional, diretores de multinacionais e militares que gravitavam em torno da ESG – Escola Superior de Guerra -, jornalistas, pensadores e um círculo de tecnocratas; ele participou ativamente da campanha contra o governo do presidente João Goulart (SCHWARCZ; STARLING, 2018). O instituto manteve-se mobilizado com a ascensão do regime, inclusive através do jornal da família Marinho que permaneceu alinhado e fiel aos militares. Dessa forma, o IPES, braço ideológico da ditadura:

> lutou para moldar as atitudes e os sentimentos do público em geral. Isso foi feito por intermédio da atividade dos profissionais liberais a eles ligados e envolvidos em questões econômicas, através da mídia. Esses ativistas e colaboradores estavam encarregados das páginas econômicas de *O Globo* (DREIFUSS, 1981, p. 451).

O editorial publicado na capa de *O Globo*, no dia dois de abril de 1964, não foi um ato isolado dentre as empresas jornalísticas da época. Havia todo um conluio unindo entidades de classe empresariais e multinacionais, IPES e IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática -, e a burguesia empresarial brasileira num projeto de poder marcado por um campo ideológico "modernizante-conservador militante" (DREIFUSS, 1981, p. 107). Juremir Machado da Silva (2014), em sua obra, *1964. Golpe midiático-civil-militar*, afirma que:

> [a]imprensa brasileira cumpriu rigorosamente esse papel na preparação e legitimação do golpe de 1964. Usou todo o seu prestígio para convencer parte da população, especialmente as classes médias, a aderir aos propósitos das elites econômicas vinculadas aos interesses do capital internacional. O trabalho intelectual dos jornalistas consistiu numa operação de guerra retórica para desqualificar as "reformas de base" de Jango como sendo antimodernas, retrógradas, inexequíveis, demagógicas, populistas e, a suprema chantagem da época, comunista. Mais tarde, depois do AI-5 e da introdução da censura nas redações, parte da imprensa trabalharia para alterar as narrativas sobre si mesma de maneira a ter um novo e mais bonito papel no regime militar. O jornal *O Estado de S. Paulo* gosta de relembrar os épicos tempos em que publicava receitas de bolo ou poemas de Camões nos espaços de matérias censuradas. Nem a censura, porém, extinguiu o apoio no essencial de jornais como o *Estadão* aos generais ditadores. (SILVA, 2014, p. 11)

Ainda que a Ditadura tivesse o apoio dos proprietários dos grandes jornais partir de 1964 e de jornalistas, foi com a criação do SNI – Serviço Nacional de Informação -, pelo regime, que a censura política estabeleceu-se de maneira "mais comum de controle da informação que é o telefonema para as redações dos jornais proibindo a divulgação de notícias" (BARBOSA, 2007, p. 187). Para o regime ditatorial, a imprensa deveria

desempenhar o papel de informar e "orientar a população" os "tutelados pelo Executivo" (BARBOSA, 2007, p. 189).

A censura cumpriria a função de impedir que notícias que depusessem contra o governo dos generais não fossem publicizadas, a fim de evitar que se organizasse uma oposição ao regime de exceção. Entretanto, a censura prévia era na verdade uma *práxis* clientelista e da cultura do favor entre as partes, proprietários dos periódicos e o governo:

> havia censura da polícia e aquela que era feita através da troca de favores. Os donos dos jornais telefonavam para o governo pedindo favores e assim também o governo se achava no direito de telefonar para pedir que não fossem publicadas certas notícias. É muito importante estabelecer o seguinte: dos jornais diários brasileiros, só quem teve censura prévia foi a Tribuna da Imprensa (...), e o Estado de São Paulo e Jornal da Tarde por 20 meses. Só, mais nada. Não houve censura prévia em nenhum outro jornal diário (FERNANDES *apud* BARBOSA, 2007, p. 190).

Além do tipo de censura acordada entre proprietários de veículos de comunicação e a Ditadura Militar, existe a questão da manipulação da informação para além de regimes de exceção. Esse tópico está diretamente relacionado à questão patronal que regula e permite um nível de independência relativa entre a notícia e a própria posição ideológica: "não só o noticiário sofre pressões opinativas dos editores, repórteres e redatores, como também da direção que controla a opinião" (BAHIA, 2009, p. 35). O noticiário é manipulado não apenas na mídia impressa pelos proprietários desses meios de comunicação de massa, mas também quando essas empresas privadas possuem a concessão pública de canais de rádio e televisão (BORGES, 2009), de maneira que o posicionamento ideológico do empresário interfere e intervém na maneira como a notícia é transmitida de forma favorável ou contrária ao próprio interesse e visão de mundo.

Juarez Bahia (2009) ressalta que a "manipulação de notícias denuncia a existência de alianças entre as empresas e as estruturas locais de poder" e que tais empresas "são instrumentos de trocas de favores entre a direção empresarial e seus amigos poderosos" (BAHIA, 2009, p.35). O autor revela que Roberto Marinho intervinha pessoalmente no noticiário de seus veículos de comunicação através de "seu hábito de ligar para a redação (jornal, rádio e TV) para fazer comentários, sugestões e críticas (...) para consagrar ou demolir pessoas" (BAHIA, 2009, p. 35).

O Grupo Globo constituiu-se através da lógica mercadológica capitalista, combinando investimentos de capital privado nacional e aportes ilegais internacionais de capital privado do grupo editorial estadunidense de extrema direita Times-Life (HERZ, 1987), que foram

fundamentais para a consolidação das organizações da família Marinho. Os altos investimentos desse conglomerado internacional de comunicações que ocorreram durante a Ditadura são considerados ilegais, pois era proibido pela legislação nacional da época. Essa associação e combinação de capital foi responsável por impulsionar as Organizações Globo como braço ideológico da política de Estado do regime militar com seu projeto de integração nacional, que se fortaleceu com a criação da Rede Globo de televisão.

Segundo Heloisa Sousa (1999), a Rede Globo de televisão logrou todo o êxito, protagonismo e poderio de veículo de comunicação de massa nacional através do apoio recebido por décadas da elite política e econômica brasileira. Entretanto, não se pode ignorar a preponderância do apoio recebido pelo grupo *Time-Life*, que:

> procurava uma forma de entrar no mercado e a Globo queria dinheiro e conhecimento prático: estes eram os ingredientes para um guião perfeito, escrito por um barão local e financiado por uma multinacional, sob o olhar dos militares que convenientemente ignoraram a natureza inconstitucional do acordo (SOUSA, 1999, p. 5).

Foi no decorrer da década de 1970 que o jornal *O Globo* alcançou grande sucesso. O periódico seguiu investindo numa política de modernização tanto administrativa e editorial, quanto na aquisição de novas tecnologias, e passou a circular aos domingos. De acordo com Marialva Barbosa (2007):

> num momento em que, por força da conjuntura política, não há mais pluralidade de espaços para o exercício de sectarismos e tomadas de posição – que resultam a maioria das vezes em favorecimentos administrativos e financeiros – cabe ao grupo que melhor serve naquele momento às elites políticas (até porque domina com sucesso outras esferas midiáticas, incluindo o rádio e a televisão), no caso *O Globo*, alcançar sucesso empresarial cada vez mais representativo (BARBOSA, 2007, p. 199).

Durante os anos setenta, uma novidade no periódico dirigido por Roberto Marinho foi implementada: um editorial dedicado à economia. Com a censura sobre os assuntos políticos nos jornais, foi a partir dos editoriais de economia que a oposição à Ditadura se articulou. Segundo Alzira Alves de Abreu (2017):

> as editorias de economia dos jornais rapidamente obtiveram grande espaço e prestígio, e em seu interior foram introduzidas inovações que em seguida se estenderam a toda a redação. Os proprietários dos jornais, diante das pressões da censura e da apreensão dos exemplares pela polícia, resolveram substituir o noticiário político pelo econômico ou por notícias internacionais. (...)O interesse pelo tema econômico-financeiro também se alargou, atingindo setores da classe média, que começaram a aplicar suas economias

> no mercado de capitais. (...)de um lado o noticiário econômico passou a interessar uma grande massa de leitores, mas de outro a linguagem tornou-se hermética, já que as fontes de informação dos jornalistas eram os tecnocratas ou os economistas (ABREU, 2017, p. 171).

No decorrer do processo de distensão do regime ditatorial para o regime liberal-democrático, a Ditadura recorreu à "imprensa como um dos mecanismos de ação política para impor ao grupo mais radical dos militares a aceitação da redemocratização do país, já que a imprensa podia se constituir na cadeia de transmissão para os demais setores a serem atingidos pelo projeto de abertura do regime" (ABREU, 2017, p. 176). Nesse contexto, a imprensa experimentou períodos de liberdade e de repressão.

Assim, os jornais criaram espaço para que representantes da elite empresarial expusessem críticas à condução da economia do país num contexto de retração econômica:

> Ao contrário do período de maior repressão, durante a chamada "abertura" tornou-se comum a divulgação de informações transmitidas por pessoas que ocupavam o centro do poder, como o ministro da Justiça, Armando Falcão, e o chefe do Gabinete Civil do governo Geisel, general Golbery do Couto e Silva, que não podiam ser citados nominalmente como fontes de informação. Foi quando proliferaram as informações "em *off*". (...) Isso introduziu uma grande deformação no jornalismo brasileiro. Os jornalistas passaram a se atribuir grande prestígio, na medida em que tinha acesso a notícias em *off*; da mesma forma, os proprietários dos meios de comunicação valorizavam os jornalistas que eram capazes de trazer informações "quentes" sem obrigação de citar o informante. Essa deformação produzida em determinado contexto político permanece até hoje e tornou-se uma prática adotada tanto por políticos quanto por técnicos do governo, que se protegem só dando informações em *off*. O jornalista não investiga a informação e aceita a "declaração" do político. Ao mesmo tempo, deixou de ser um jornalista investigativo, aquele que vai buscar confrontar e analisar a notícia, e se transformou no jornalista "denuncista". Ao falar do jornalismo que se pratica hoje no Brasil, Henrique Caban diz que "a ditadura praticamente liquidou o repórter investigativo; antes nós fazíamos um jornalismo de investigação e passamos hoje para o denuncismo, nós denunciamos o que ninguém investigou" (entrevista, 15 maio 1998). Para ter credibilidade junto ao público, o jornalista quer mostrar independência, mostrar que não sofre censura e se coloca contra tudo e contra todos, denuncia tudo. (ABREU, 2017, p. 177)

Com a redemocratização do país, os jornais brasileiros como *O Globo* começaram a investir num jornalismo técnico em prejuízo da pauta política e ideológica através da introdução dos manuais de redação nos anos 1980 e 1990. Para Alexandre Bergamo (2014), tais manuais serviriam para direcionar a *práxis* profissional de novos jornalistas nas redações advindos de cursos superiores recém-formados. "A introdução de regras para a escrita por

meio dos manuais de redação tinha como objetivo não apenas servir de guia para os iniciantes, mas principalmente estabelecer medidas efetivas de controle sobre eles". Consequentemente, "introduziu-se um texto cada vez mais reduzido ao meramente factual. É claro que a opinião e a crítica não desapareceram do jornalismo" (BERGAMO, 2014, p. 223); apenas dentre a geração mais velha de jornalistas, alguns conservaram o direito de produzir a reportagem, caracterizada pela opinião e a crítica.

Segundo Barbosa (2007), nesse período a imprensa assume uma nova forma de produzir informação, investindo num jornalismo que se propõe a atender as necessidades dos cidadãos abordando os problemas do cotidiano encontrados pelos leitores. Assim, a pauta econômica alcança relevância e os editoriais econômicos despontam em vários jornais, funcionando quase como um ministério da economia paralelo ao de governos. Nesse contexto, de último quartel do século XX, a imprensa adota a linha ideológica do neoliberalismo alinhada à classe empresarial, veiculando a visão econômica e social das elites nacionais e moldando a opinião pública sobre a condução econômica do país até os dias atuais.

Retomando ainda o manual de atributos da informação de qualidade disponível no *site* do jornal fundado por Irineu Marinho, existem dois outros tópicos controversos no manual: o item "L – O Grupo Globo é independente de governos", e o item "M – O Grupo Globo é independente de grupos econômicos"[60]. Durante o período da redemocratização em 1984, quando a Nova República ensaiava seus primeiros passos, Roberto Marinho exigiu de Tancredo Neves que Antônio Carlos Magalhães, aliado da família Marinho desde a ditadura, fosse o ministro da Comunicação para apoiar sua candidatura à presidência. O jornalista havia inclusive ameaçado romper com o apoio à Aliança Democrática que se formava em torno do nome de Tancredo, uma vez que o candidato das oposições havia confraternizado com um desafeto de Marinho (HERZ, 1987). O fato comprova que o Grupo Globo não é simplesmente "independente de governos", mas constrói consensos em torno de candidaturas e governos.

No final do ano de 1987, o então presidente da República, José Sarney, estava para nomear como novo ministro da Fazenda o economista Maílson da Nóbrega. Numa reunião entre Sarney e Maílson, o então presidente revelou que só poderia confirmar o convite para ocupar o ministério após alguns dias: "Tenho algumas dificuldades... É necessário conversar com líderes políticos e algumas pessoas. E então revelou: Quero antes conversar com o doutor Roberto Marinho" (NÓBREGA, 2010, p. 380). Para que o nome do economista fosse

[60] Princípios editoriais do Grupo O Globo. MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. 06 ago 2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/ . Acesso em: 29 abr. 2019.

aprovado, Maílson precisou passar por uma sabatina com o dono da Rede Globo. Portanto, quando *O Globo* publica, em seu próprio *site* os princípios editoriais do maior conglomerado de mídia nacional, que "o Grupo Globo é independente de grupos econômicos", a contradição fica evidente a priori, pois o trata-se de um poderoso grupo econômico "que abrange mais de quarenta empresas atuando em diversos ramos da economia" (HERZ, 1987, p.6); grupo que atuou política e economicamente no decorrer do século XX, desde a fundação do periódico até os dias atuais, visando os próprios interesses.

Na década de 1980, o empresário Roberto Marinho, concedeu uma entrevista ao jornal estadunidense *The New York Times*. Entre as declarações dadas pelo então presidente das Organizações Globo, esta a seguir é que mais depõem contra todo manual do jornalismo imparcial e isento proclamado como prática dos princípios editoriais do Grupo Globo:

> "Sim, eu uso esse poder", confessou o empresário ao jornal norte-americano, "mas eu sempre faço isso patrioticamente, tentando corrigir as coisas, buscando os melhores caminhos para o país e para os estados. Nós gostaríamos de ter poder suficiente para consertar tudo o que não funciona no Brasil. A isso dedicamos todas as nossas forças". (HERZ, 1987, p. 11).

Ainda na mesma entrevista ao *The New York Times*, o jornalista Alain Riding destacou, entre as declarações de Roberto Marinho, que o empresário não identificava nenhum problema em intervir na vida política do país, e nem ao promover ou ultrajar políticos e assuntos:

> "Usar o poder para perturbar um país, para destruir costumes", é algo ruim analisa o empresário. "Mas usar o poder para impulsionar coisas, como eu faço, é algo bom". O poder da Rede Globo, (...) é usado indiscriminadamente, de acordo com seus mais privados e imediatos interesses (HERZ, 1987, p.12).

Na década de 1990, na capital fluminense, o jornal *O Globo* alcança sua hegemonia no mercado jornalístico. O periódico em sua trajetória sempre buscou acompanhar as inovações tecnológicas, informatizando sua redação a partir da metade dos anos 1980. Isso alterou "a estruturação do conteúdo do jornal. A transmissão eletrônica de textos transformou não apenas o universo da redação, mas o universo do público e de suas leituras" (BARBOSA, 2007, p 223). Tal fato demonstra como um jornal interfere e molda a forma como os leitores recebem e consomem a informação que publicam, além de formar opinião pública sobre o que é publicado.

O Grupo Globo, que teve sua origem como um negócio familiar e segmentado de comunicação com o jornal *O Globo,* no decorrer do século XX se diversificou empreendendo em outras áreas da informação, como rádio e televisão, editora de livros e revistas e produtora de filmes – a Globo Filmes, TV à cabo e internet – O Globo online e o portal de notícias G1 -, entre outros formatos e conteúdos no século XXI. Tais ampliações foram fundamentais para expandir sua capilarização. Entretanto, até se tornar um verdadeiro oligopólio de informação, dependeu de investimentos de capital estrangeiro e nacional, além de ter concentrado a maior fatia das verbas estatais de publicidade nacional por muitas décadas. Essa realização da família Marinho só foi possível, segundo Altamiro Borges (2009), porque no Brasil,

> a ausência de uma legislação proibitiva da propriedade cruzada, o desrespeito à Constituição e às tímidas leis reguladoras, o respaldo da ditadura militar, as relações promíscuas com o Estado, e a própria lógica monopolista do capitalismo, entre outros fatores, explicam a brutal concentração da mídia. Na década de 1990, nove famílias dominavam o setor: Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Band), Bloch (Manchete), Civita (Grupo Abril), Mesquita (Estado de São Paulo), Frias (Folha), Levy (Gazeta) e Nascimento Silva (Jornal do Brasil) (BORGES, 2009, p. 58 – 59).

Na obra de Jakson Alencar (2012), *A ditadura continuada: fatos, factoides e partidarismos da imprensa na eleição de Dilma Rousseff,* o autor, ao refletir sobre a imprensa e sua interação com o poder político, afirma que,

> a imprensa, fundamental espaço público de discussão, desde muito tempo é considerada o quarto poder, por alusão à sua influência sobre a sociedade e por referência aos outros três poderes do Estado democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário); entretanto, na atualidade, devido ao seu desenvolvimento, ao avanço tecnológico e a forma ostensiva como a mídia faz parte da vida das pessoas e das sociedades, ela é considerada não o quarto poder, mas o primeiro poder. Uma imprensa plural, séria e verdadeiramente livre é fundamental para o aprofundamento da democracia. E a verdadeira liberdade de imprensa implica que ela não seja monopólio de determinados setores, nem de determinadas formas de pensamento ou de interpretação da realidade (ALENCAR, 2012, p. 12).

De acordo com Abreu (2017), “o papel da mídia é selecionar ocorrências e levá-las ao conhecimento do público. A mídia hierarquiza e atribui importância, valor e pertinência a um acontecimento que ela torna público. Um acontecimento público seria o resultado de uma construção da mídia” (ABREU, 2017, p. 64). O jornal *O Globo,* ao praticar o jornalismo cidadão (BARBOSA, 2007), ou jornalismo de informação, adotou a construção de acontecimentos em sua *práxis* jornalística promovendo ou inibindo ocorrências de serem

informadas ao público. Por se tratar de um dos veículos de comunicação do oligopólio midiático da família Marinho, o que o jornal publica é repercutido no canal de televisão Rede Globo, na rádio Globo, no *site* do G1. Assim, paulatinamente, vão legitimando a narrativa e moldando o imaginário da sociedade num processo midiatizado, que acompanha o desenrolar de acontecimentos que até certo ponto pode formatar a opinião pública, ensinando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido ou ressignificando para os interesses do Grupo Globo, acionistas e empresas anunciantes.

Ricardo Amaral elenca como a imprensa nacional teve um grande protagonismo na recente vida política brasileira, como o "*impeachment"* de Fernando Collor, a CPI do Orçamento. Antes disso, a crise promovida pela imprensa que levou Getúlio Vargas ao suicídio em 1954, as denúncias vazias contra JK que havia recebido um tríplex como propina no Rio de Janeiro: ambos noticiados como crimes de corrupção nunca provados - fato que se repetiu no processo farsesco de *"impeachment"* sem crime de responsabilidade que interrompeu num golpe o segundo mandato de Dilma Rousseff.

Ao se analisar a história e o manual de práxis jornalística do jornal *O Globo*, e a ativa participação nas disputas políticas, sociais e econômicas na história do país, seja nos bastidores ou através das fotografias de capa do jornal e seus editoriais, repercutido nos demais veículos de informação do oligopólio midiático da família Marinho, percebe-se que o Grupo Globo representa e pratica a ideologia das classes dominantes e cumpre um papel de grande relevância na formação da opinião pública da sociedade brasileira.

3.2 O fotojornalismo

No início do século XX, com uma população urbana ainda muito incipiente, os jornais brasileiros foram integrados como empresas num país que se industrializava lentamente, comercializando informações para uma sociedade urbanizada que já consumia notícias e informes para trabalho, ofertas de produtos e diversão. Todos esses fatores transformaram os periódicos tanto "no plano da produção, quanto o da circulação, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores" (COSTA, 2012, p. 9).

Segundo Helouise Costa (2012), todo o panorama de mudanças não estava restrito aos periódicos, mas abarcava toda a grande imprensa. A autora ressalta que em fins do dezenove, o poeta Olavo Bilac, colaborador de jornais paulistas e cariocas, já abordava em crônicas sobre a vida moderna, o papel da industrialização, a questão do sensacionalismo, a influência da publicidade e o poder dos anunciantes que se impunha na imprensa. Porém, de todos

apontamentos do poeta, os que tratam da utilização de imagens pela imprensa, sejam estas as ilustrações, as charges ou as fotografias, já prediziam o quanto elas se destacariam no século XX.

Para Bilac, a fotografia era insuspeita enquanto as palavras poderiam ser distorcidas:

> o cronista recupera o discurso sobre a fotografia como espelho do real, característico do século XIX, e afirma a superioridade da imagem fotográfica sobre o texto. Ele chega a atribuir certa inteligência à imagem fotográfica ao afirmar que ela supostamente seria capaz de livrar-se das ciladas colocadas pela mentira e pelas limitações do intelecto. Além disso, Bilac justifica a maior atração do público pela imagem em função das novas condições da vida moderna. (COSTA, 2012, p. 10)

A fotografia, que surgiu nos anos de 1830, somente foi incorporada nas páginas dos periódicos após algumas décadas do século XIX por questões de aperfeiçoamento tecnológico para impressão. Ao proporcionar uma apreensão e representação imagética do real fidedigna, a fotografia construiu e legitimou a concepção de ser um espelho da realidade. Concomitante ao aperfeiçoamento da técnica e das câmeras, ocorreu a profissionalização do ofício dos fotógrafos e a atuação dos mesmos na imprensa.

Para Boris Kossoy (2014), a invenção da fotografia e sua capacidade de reprodutibilidade em série proporcionaram ao homem acessibilidade para conhecer existências e realidades que até o século XIX eram apreendidas pela oralidade, pelas ilustrações e pinturas e através da palavra escrita. Por ser passível de apreensão como um testemunho do acontecido, a fotografia alcança um patamar de absoluta fidedignidade:

> a imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos (KOSSOY, 2014, p. 36).

O fotógrafo, autor e ator social para Kossoy (2014) é um “filtro cultural” (KOSSOY, 2014, p. 42); o tema registrado e a seleção dos elementos que compõe a cena em si contribuem de modo direto num registro visual. É sobretudo “a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia” que “acabam transparecendo em suas imagens” (KOSSOY, 2014, p. 43). O autor analisa que todo registro fotográfico é realizado com intencionalidade. “O artefato fotográfico, através da matéria (que lhe dá corpo)

e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui uma fonte histórica" (KOSSOY, 2014, p. 47) e um testemunho ao documentar a concepção de mundo do fotógrafo.

Nas páginas dos jornais e revistas ilustradas do início do século XX, as fotografias alcançaram um protagonismo na imprensa. Para Susan Sontag:

> "a industrialização da fotografia permitiu sua rápida absorção pelos meios racionais – ou seja, burocráticos – de gerir a sociedade. (...). As fotos foram arroladas a serviço de importantes instituições de controle, em especial a família e a polícia, como objetos simbólicos e fontes de informação. (...) A visão "realista" do mundo compatível com a burocracia redefine o conhecimento - como técnica e informação. As fotos são apreciadas porque dão informações. Dizem o que existe; fazem um inventário. (SONTAG, 2007, p. 32)

Sontag (2007) analisa a fotografia atravessada pelo viés das questões culturais, míticas e ideológicas, indagando criticamente sobre seu caráter informativo. Ele situa a fotografia num contexto social da cultura contemporânea em que através das imagens educa-se ética e esteticamente. "O resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens" (SONTAG, 2007, p. 13).

No final do século XIX, os fotógrafos desenvolveram uma nova linguagem: a fotografia documental - também conhecida como um dos artefatos jornalísticos empregado pela imprensa, o fotojornalismo[61]. O fotojornalismo foi considerado, a princípio, como um trabalho fotográfico destinado à reprodução impressa para jornais, revistas, livros, e caracterizado pela obtenção de imagens espontâneas, singulares ou informais de acontecimentos cotidianos de ocorrências sociais agudas ou de episódios excepcionais como batalhas, protestos populares, entre outros eventos:

> uma forma instantânea de prestar contas do mundo, em sua imediata autenticidade, aproximando-se às vezes da pesquisa ou do registro etnográfico. Como o controle que o fotógrafo tem sobre o desenrolar das ações, sobre as circunstâncias ou sobre a luminosidade é mínimo, exige-se dele um alto grau de percepção ao "momento decisivo", como o chamou Henri Cartier-Bresson. Ou seja, o instante (ou uma sequência deles) em que a ação revela emoções vividas (medo, alegria, angústia, violência,

[61] Em *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, o autor Jorge Pedro Sousa (2000), se propõe a analisar as fotografias jornalísticas como artefatos de gênese pessoal, social, cultural, ideológica e tecnológica. Souza afirma que o fotojornalismo herdou a concepção de verdade da fotografia. Entretanto, com a profissionalização dos fotojornalistas ocorreu o surgimento de diversos gêneros foto jornalísticos, como o realista. Dessa forma, ocorre uma mudança de status de verdade para credível nas imagens produzidas pelo fotojornalismo.

> entusiasmo, ternura, humor) e sintetiza o significado social que dela se possa extrair para a compreensão do acontecido (CUNHA, 2003, p. 293).

Assim, o princípio do moderno jornalismo, através da foto documental como processo de criação genuíno do profissional da fotografia, trazia em si o ensejo da transformação social. Segundo Sousa (2000), o fotojornalista tradicionalmente ambiciona revelar o fato no momento em que acontece, "tendendo a basear a sua produção no que poderíamos designar por um discurso do instante, ou uma linguagem do instante" (SOUSA, 2000, p. 6).

O século XX, que foi marcado por profundas transformações, na análise de Eric Hobsbawm (2009), foi classificado como a *Era dos Extremos*, título de sua obra, onde apreende como esse período histórico recente perpassou da "Era das Catástrofes, que se estendeu de 1914 até depois da II Guerra Mundial para uma espécie de Era de Ouro com extraordinário crescimento econômico e transformações sociais" (HOBSBAWM, 2009, p. 15). O historiador ressalta que no Ocidente, nesse ínterim, foi através do fotojornalismo que aconteceu a descoberta da fotografia como meio de comunicação e "à ilusória crença de que a câmera não mente, ou seja, que de algum modo ela representava a verdade real" (HOBSBAWM, 2009, p. 191).

Segundo Oliveira (2015), "mesmo com a descoberta da peculiaridade informativa da fotografia, foi a guerra quem proporcionou um terreno fértil à sua exploração, (...) que transformou a imagem no par ideal das reportagens realizadas" (OLIVEIRA, 2015, p. 16). Foi durante a I Guerra Mundial que equipes de repórteres fotográficos de grandes jornais foram enviadas ao *front* de batalhas. Tais equipes produziam um abundante material graças à peculiaridade de uma guerra das trincheiras e à evolução tecnológica que tornou as câmeras mais leves – já que não necessitavam de um longo período de exposição para a captura imagética. A partir de então, a ideia de que notícias e fotografias eram inseparáveis estava arraigada no imaginário coletivo[62].

É justamente no contexto da Era das Catástrofes (HOBSBAWM, 2009), após 1914, que há um crescimento nos veículos de comunicação de massa. "A circulação de jornais nos EUA cresceu muito mais rápido que a população, dobrando entre 1920 e 1950. A imprensa atraía os alfabetizados, (...) embora fizesse o possível para atrair os semialfabetizados com ilustrações e histórias em quadrinhos" (HOBSBAWM, 2009, p. 193). A fotografia produzida

[62] Na obra Imagens e Imaginário na História, o autor Michel Vovelle analisa a contribuição essencial da imagem ao estudo das mentalidades coletivas em que as mesmas podem ser apreendidas como imagem-testemunho, que relata e contribui para construir o acontecimento em toda sua espessura política, social e cultural (VOVELLE, 1997).

por fotojornalistas teve um papel preponderante nessa aproximação, primeiramente, com as revistas ilustradas e quase concomitantes através dos jornais com as massas.

Nesses momentos da "era dos cataclismas" (HOBSBAWM, 2009, p. 193), o fotojornalismo entra num período de disputas por questões éticas e políticas que advém das Grandes Guerras e suas consequências sócio-políticas, econômicas e culturais:

> "É nesta mesma época que, almejando se desvencilhar do ranço da manipulação de informações e censura de imagens, que são divulgados os primeiros manuais de fotojornalismo. O objetivo era conferir maior credibilidade ao fotógrafo e, consequentemente, ao jornalismo, além de desvencilhá-lo definitivamente dos conceitos artísticos inerentes à pintura" (OLIVEIRA, 2015, p. 18).

Ainda nesse momento, há uma expansão das agências fotográficas na Europa e Estados Unidos da América (SOUSA, 2000). Com a criação da agência Magnum no ano de 1947 por Henri Cartier- Bresson e Robert Capa, surgiram duas concepções distintas de fotojornalismo[63]. A primeira concepção incluía os fotógrafos adaptados às regras de mercado, em que a produção fotojornalística deveria estar atrelada "às demandas do sistema de comunicação de massa independentemente do tipo de recurso que fosse necessário utilizar" (COSTA, 2012, p. 30). O segundo grupo de fotógrafos buscava defender "uma abordagem humanista do fotojornalismo e produzir um tipo de fotografia de cunho autoral comprometido com certas causas ou, no mínimo, menos sensacionalista" (COSTA, 2012, p. 31). Os dois grupos compreendiam e dominavam a linguagem moderna da fotografia e "o uso político do registro fotográfico, passando a conceber a imagem como uma forma peculiar de construção da realidade" (COSTA, 2012, p. 31).

Para Helouise Costa não basta analisar e definir o fotojornalismo apenas como a narrativa de acontecimentos da atualidade representados por fotos e textos:

> cabe considerar o fotojornalismo uma forma de representação social historicamente determinada, portanto em constante transformação. Trata-se de um fenômeno ativo da vida social, como conformador de visões de mundo e orientador de atitudes concretas dos indivíduos. Nesse sentido, cada sociedade terá a sua perspectiva particular do que constitui o terreno do fotojornalismo, das condições materiais de sua prática e das orientações políticas ou mesmo o trabalho de fotógrafos que defendem posicionamentos

[63] Em 1894 foi criada a fundação londrina *Illustrated Journals Photographic Supply Company*, a primeira agência fotográfica de fato, que inaugura uma era de expansão do fotojornalismo. Em 1907, a *National Geographic* tornou-se pioneira do uso da cor na fotorreportagem. Essas agências forneciam fotografias aos jornais e revistas. A partir de 1910 a fotografia jornalística faz sua verdadeira aparição nos jornais europeus. As fotografias foram utilizadas como meio de informação e não de ilustração. (SOUSA, 2000, p. 41 – p. 42).

> éticos divergentes em relação à profissão. O entendimento do fotojornalismo como fenômeno histórico leva a perceber a inutilidade de tentar estabelecer definições e a necessidade de situá-lo no contexto do sistema que lhe confere legitimação social. (COSTA, 2012, p. 31)

No contexto nacional da edição primeira do jornal *O Globo*, de 29 de julho de 1925, já é possível ver a inserção da fotografia na capa do periódico juntamente com a ilustração e a caricatura. Durante a realização dessa pesquisa no acervo do site do jornal da família Marinho, foi possível aferir o crescente uso de fotos nas capas do jornal. Partindo da análise da capa da primeira edição do periódico em julho de 1925 e das duas edições seguintes do mesmo mês, as ilustrações que estavam em maior número foram reduzindo, enquanto as fotos ganharam mais espaço na capa e com melhor qualidade técnica. Pode-se perceber o sentido em que são utilizadas: "as fotos são apreciadas porque dão informações" (SONTAG, 2007, p. 32), catalogando e testemunhando o que existe.

Figura 36: Nas capas das três primeiras edições de O Globo, 29/07/1925, 30/07/1925 e 31/07/192, já é possível perceber como as ilustrações perdem espaço para a fotografia que se estabelece com maior qualidade técnica.

EDIÇÃO DAS 15 HORAS

O GLOBO

A AVENIDA BEIRA MAR EM RISCO DE NOVO ASSALTO

Uma avenida que consome caro

O nosso Beira-mar foi ou não bem construido?

As contas de gas tambem provocam reclamações

A "chance" da borracha!

A agonia de um jardim

APEZAR DE TUDO, O BRASIL PROGRIDE!

Santa Catharina possue a sexta ponte do mundo e a primeira da America do Sul

Fonte: Acervo O Globo. Acesso: 15 maio 2019 - Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=19201925

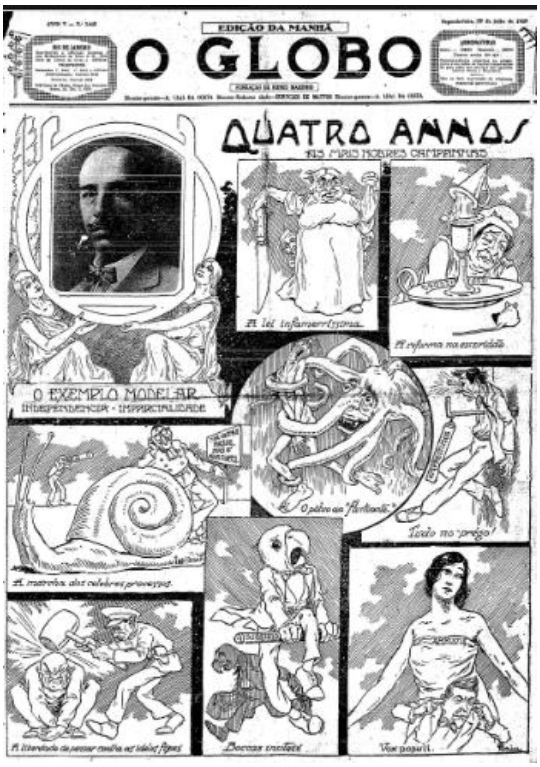
A pesquisa contemplou todas as edições matutinas do acervo digital, de julho de 1925 até dezembro de 1930, e foi encontrado um padrão para o uso da fotografia na capa do jornal[64]. Além das fotografias alcançarem maior relevância, elas tomam toda a capa do periódico e são publicadas num intervalo temporal de sete dias entre cada publicação no decorrer de um mês, sendo publicadas às segundas-feiras. Raras foram as vezes que a capa da edição de segunda-feira não esteve completamente tomada pela narrativa fotográfica.

É possível observar nas capas pesquisadas de *O Globo*, selecionadas nas imagens abaixo, como a "linguagem do instante" (SOUSA, 2000, p.6) está presente substituindo o

[64] Segundo Benedito Juarez Bahia (2009), na obra *História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo – volume 2*, a divisão da veiculação de jornais matutinos e vespertinos corresponde a uma época de monopólio de prestígio e de supremacia técnica da imprensa. Ela é anterior ao cinema e ao rádio, convive com ambos por prolongado tempo, mas não mantém o mesmo impulso editorial depois da televisão. O matutino – jornal que circula às primeiras horas da manhã e que contém as notícias de ontem ou do que vai acontecer – é preparado em todo o tempo que precede a sua distribuição. Caracteriza-se pela densidade, volume e peso, com relatos detalhados e tão completos quanto possível do passado imediato. E depois do rádio até a televisão, a expectativa de diversificação do mercado de notícias é atendida pelas extensões do matutino: o sistema de edições sucessivas ou clichês, e os jornais vespertinos, ligados aos matutinos numa só empresa ou independentes, com organização própria. O vespertino no Brasil atinge um padrão notável até os anos 60. A sua fórmula de sucesso no mercado é o jornal leve, conciso, direto, em linguagem telegráfica. Enquanto a técnica do matutino é a pormenorização, com estilo sóbrio herdado do jornal de opinião. A técnica do vespertino é o resumo, tem o estilo flagrante, é o jornal de hoje, sua prioridade é a notícia, e não propriamente a opinião. (BAHIA, 2009, pg. 89 – 90).

protagonismo da “ilustração/gravura” (SOUSA, 2000, p. 19) que representava “o acontecimento sucedido” (SOUSA, 2000, p. 19) noticiado no jornal. Assim como a temática privilegiada pelo fotojornalismo, “grandes acidentes, manifestações e eventos de repercussão pública” (CUNHA, 2003, p. 293), incluindo eventos esportivos da elite local como a prova de hipismo registrada na capa de 02/08/1926, e os populares torneios de futebol na capa de 19/11/1928 integravam as capas. Assim como crimes e acidentes, há a tragédia retratada na capa de 02/11/1925 em que aparece o acidente em si, as vítimas e até os órfãos dos vitimados. Além de críticas à administração pública da cidade do Rio de Janeiro na capa do dia 07/03/1927 e do país, há destaque para o grande acontecimento para a época da chegada de um dirigível ao Rio de Janeiro em 26/05/1930. A última capa destacada entre as imagens abaixo, do dia 29/07/1929, mostra como a ilustração ainda tinha em ocasiões especiais certo espaço nas capas. Nesta capa especificamente a ilustração integra a fotografia. Entre os anos de 1925 e 1930 foi possível verificar que as capas em que predominavam ilustrações; nelas estão restritas ao período do carnaval.

Figura 37: Capas das edições de O Globo, respectivamente na seguinte ordem, 02/11/1925; 02/08/1926;19/11/1928; 07/03/1927; 26/05/1930 e 29/07/1929. O texto aparece apenas na parte inferior das capas, exceto a que a ilustração predomina, pois há a preponderância da imagem sobre texto. As fotografias estão numa diagramação em que contam o fato ocorrido de modo sequencial, uma das premissas do fotojornalismo.



Fonte: Acervo O Globo – Acesso: 26 jun 2019 - Disponível:
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=1920192511
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019260802;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019281119;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019270307;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=193019300526;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019290729

Outras características encontradas em livros ilustrados migraram para as revistas ilustradas da época no início do século XX, como “as fotografias que vinham circundadas por arabescos, recurso muito em voga nas revistas ilustradas estrangeiras para dar maior destaque a imagens” (COSTA, 2012, p. 11); além disso, os “mosaicos formados por imagens justapostas” (COSTA, 2012, p. 11) também podem ser encontradas nas capas do jornal em questão. Foi possível aferir também que a ilustração, muito presente nas capas do jornal nos meses de julho e agosto de 1925, em setembro do mesmo ano pouco aparece - e nos meses seguintes perde espaço para a fotografia. Nos anos de 1926, 1927, 1928 e 1929, a ilustração ocupava completamente, num ano, apenas uma página de capa preferencialmente no período do carnaval no mês de fevereiro. Em ocasiões especiais, como em 29 de julho de 1929, na edição comemorativa de 4 anos do lançamento do periódico, a ilustração ganhou destaque. Nessa edição da celebração de aniversário de *O Globo*, 29/07/1925, destacada acima na última imagem da sequência de capas, a ilustração ocupa quase toda a capa, envolvendo uma fotografia - no caso, a de seu fundador, Irineu Marinho.

O jornal *O Globo*, na década de 1920, seguia o modelo adotado pelos grandes jornais do Ocidente, utilizando a fotografia em suas capas, associando imagem e texto. Esse modelo adotado pelos periódicos da época que superava a ideia da fotografia como reles ilustração, foi desenvolvido por editores de revistas ilustradas do período num projeto gráfico inovador. Assim, há a preponderância da imagem sobre o texto escrito: “a fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso” (MEYER, 2012, p. 3). Contudo, é importante ressaltar que para “a caracterização de uma matéria como fotorreportagem, não basta a predominância da fotografia, é necessário que elas estejam organizadas sequencialmente, de modo a contar uma história” (MEYER, 2012, p. 3).

Esse projeto gráfico ganhou força a partir da década de 1930, quando os jornais populares europeus perceberam o potencial e apelo da imagem-informação e recorreram às fotos “que deixaram de ser um monopólio das revistas ilustradas” (SOUSA, 2000, p. 71). As agências fotográficas que já existiam forneciam material para as revistas e os jornais da época. Os jornais passaram a dar mais atenção ao fotojornalismo, “o número de fotógrafos aumenta, a demanda de fotos também” (SOUSA, 2000. p. 71).

Entre os anos 1930 e 1940 houve um grande impulso para as agências de fotografia e agências de notícias, que são empresas que fornecem fotografias, notícias e informações para veículos de comunicação como periódicos, revistas, canais de televisão, websites e rádios. Na década de 1940, elas já eram as principais fontes de fotografias para a imprensa, jornais e revistas ilustradas. Nesse período, os clientes das agências exigiam somente uma fotografia

nítida e clara por assunto. A temática variava entre conflitos, crimes, figuras públicas, acidentes, cerimônias e esportes (SOUZA, 2000).

Anteriores à década de 1940, as revistas ilustradas que começaram a circular no país eram "publicações semanais baseadas na fotografia, voltadas para a cobertura de assuntos da atualidade" (COSTA, 2012, p. 11) e seguiam os moldes dos periódicos internacionais "como um álbum de imagens de qualidades artísticas e a defesa de um posicionamento político neutro" (COSTA, 2012, p. 11). Consideradas uma expressão da burguesia nacional como um meio afirmativo e propagador de seus valores de classe, essas revistas da primeira geração, início do século XX até o final da Primeira Guerra Mundial, tinham uma circulação quase restrita à cidade do Rio de Janeiro onde os indicadores de alfabetização da população eram superiores às demais regiões do Brasil (SERPA, 2007).

Em 1928 foi lançada a revista ilustrada *O Cruzeiro*, um dos semanários mais importantes que o Brasil teve: "nos 46 anos que circulou, inclusive no exterior, em países como Portugal, Argentina, Chile e México, a revista foi considerada a maior da América Latina" (SERPA, 2007, p. 4)[65]. A revista apresentava as particularidades das publicações da primeira geração; entretanto, é considerada um modelo de transição em relação às antecessoras. Por apresentar uma linha editorial ampliada consolidou novas técnicas e práticas jornalísticas pioneiras no país como a grande reportagem, o fotojornalismo, uma colaboração perene com pintores nacionais e fotógrafos amadores pois "o público podia participar também dos concursos de fotografia. Além disso, *O Cruzeiro* publicava também fotos de agências estrangeiras (COSTA, 2012).

Outro pioneirismo consolidado pela revista *O Cruzeiro* foi sua circulação em âmbito nacional:

> a revista, que circulou por quase todos os estados da federação e atingiu boa parcela da população, conseguiu alcançar aproximadamente quatro milhões de leitores, número considerável frente à realidade cultural e de leitores do período. Além disso, contou com as facilidades dos meios de comunicação, como os Correios, que então já estavam mais estruturados em todo o país (SERPA, 2007, p. 5).

O contexto nacional da época, em que a sociedade brasileira consolidara os meios tecnológicos comunicacionais, permitiu a criação do impresso cuja linha editorial refletia

[65] A revista ilustrada *O Cruzeiro*, foi fundada em 1928 com o comprometimento editorial de ser a mais moderna publicação nacional da época, às portas da Revolução de 1930. A história da revista está interligada ao desenvolvimento da modernização do corpo social nacional no referido período, que também atravessava o processo de implementação do modelo de comunicação de massa (COSTA, 2012).

todas as características das publicações modernas. O periódico dialogava com publicações estrangeiras como as francesas *VU* (1928) e *Paris Match* (1949), além da norte-americana *Life* (1883) adotando para si as características desses veículos de comunicação. A revista propunha-se a "esclarecer para o país a verdadeira função da revista e a colaborar para a especialização da revista ilustrada como um veículo novo, com características próprias, diferente tanto do livro quanto do jornal" (COSTA, 2012, p. 12). Dessa maneira, a imagem teria um devir educacional de extrema relevância: "ela é um espelho do leal, a realidade, no entanto, nela se reflete de modo seletivo, apenas em seus aspectos edificantes, atraentes e instrutivos" (COSTA, 2012, p. 13).

A fim de atingir todos os objetivos editoriais modernos da revista ilustrada, seria necessário que a qualidade gráfica do periódico utilizasse o sistema de "quatro cores para a impressão das seções mais nobres da revista sobre papel couché" (COSTA, 2012, p. 13). Como essa tecnologia de impressão não estava disponível no Brasil, o periódico foi impresso inicialmente em Buenos Aires. A revista ilustrada *O Cruzeiro* até o ano de 1985 teve circulação semanal no Rio de Janeiro (SERPA, 2007), sua relevância e "contribuição não foi apenas no jornalismo e na fotografia, mas na publicidade através da defesa de uma nova ordem nacional e moderna" (SERPA, 2007, p. 1).

3.3 O fotojornalismo e a política

Numa análise sobre a atuação do fotojornalismo junto à política nacional, devemos considerar as relações econômicas e políticas entre a revista ilustrada *O Cruzeiro* cujos proprietários e editores chefes eram Assis Chateaubriand e Getúlio Vargas. Segundo Helouise Costa (2012):

> desde o seu surgimento, as revistas ilustradas despontaram como agentes privilegiados do jogo de poder. Estivessem contra ou a favor dos governos locais, lançavam mão das mais diversas estratégias para fazer valer seus interesses, quase nunca explicitados aos leitores. Os vínculos de Getúlio Vargas com *O Cruzeiro*, por exemplo, remontam ao pedido de auxílio financeiro feito por Assis Chateaubriand, no final dos anos 1920, para o lançamento da revista de circulação nacional. Vislumbrando os benefícios que poderia obter com a abrangência da nova publicação, Vargas, então ministro da Fazenda, intermediou a cessão dos recursos solicitados em troca de apoio político. Dali por diante, as relações de *O Cruzeiro* com Vargas seriam sempre muito instáveis. As matérias sobre o político gaúcho iam da adesão aos ataques diretos, passando por períodos de apoio tácito, dependendo da conjuntura do momento. Parte das fotorreportagens em que Vargas aparece na revista durante o Estado Novo seguiu uma orientação editorial que se disseminou na imprensa internacional a partir da década de

> 1930, baseada no rompimento das fronteiras entre o público e o privado. A exibição das supostas virtudes privadas dos políticos garantiria sua idoneidade para a ocupação de cargos políticos (COSTA, 2012, p. 106).

As fotorreportagens de *O Cruzeiro* para engrandecer a figura de Getúlio durante a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945) borraram os limites entre o público e o privado, e também cumpriam o papel de fortalecer os laços com os partidários de Vargas. Essa prática da revista permaneceu por conveniência após o descerramento do regime getulista pois "possibilitava alimentar o voyeurismo dos leitores, transformando a política em espetáculo" (COSTA, 2012, p. 125). Além disso, essa *práxis* fotojornalística ampliava o poder de influência da mídia impressa sobre o eleitorado e políticos, que também estabeleciam um diálogo com o eleitorado por essas vias fotojornalísticas.

O fotojornalismo praticado pela linha editorial de *O Cruzeiro* não se propunha a ser um meio difusor de "documentação da política, mas sobretudo como ferramenta para produção de fatos, de viés sensacionalista, capazes de interferir no equilíbrio de forças do jogo do poder" (COSTA, 2012, p. 125). Durante a história da revista, uma das fotorreportagens mais controversas fora produzida pela dupla Jean Manzon, fotógrafo, e David Nasser, jornalista; ela foi publicada com o título 'Barreto Pinto sem máscara' fazendo afirmações de que se tratava de um agente que havia sido infiltrado no novo regime democrático após a ditadura Vargas.

A fotorreportagem expunha o deputado getulista conservador, do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro -, em cenas da vida privada que o ridicularizavam e geraram tanta polêmica que provocaram a cassação do mandato parlamentar por quebra de decoro após três anos decorridos da publicação das fotografias. Helouise Costa (2012) explica que o fotógrafo Jean Manzon no decorrer da sessão fotográfica "argumentou que não seria necessário que o deputado vestisse o traje rigor completo, pois as fotografias iriam retratá-lo apenas da cintura para cima" (COSTA, 2012, p. 126).

Figura 38: O deputado Edmundo Barreto Pinto, do PTB, em 1946 nas fotos que foram publicadas nas páginas de *O Cruzeiro*.

Fonte: Jean Manzon/Mgalhas – 18/06/2018 – Acesso: 10 jun 2019 - Disponível: https://migalhas.uol.com.br/quentes/282002/deputado-tem-mandato-cassado-apos-conceder-entrevista-de-cueca

Apesar da perda do mandato parlamentar, Edmundo Barreto Pinto alcançou uma "notoriedade que nunca tivera. Transformado num personagem extremamente popular, ele passaria a atuar como empresário de teatro de revista" (COSTA, 2012, p. 127). Dessa forma, o deputado permaneceu na vida pública exercendo mais dois mandatos parlamentares pelos quais havia sido eleito através do voto popular. O rompimento com as barreiras entre o público e o privado havia criado as condições da espetacularização da política que tanto agradava a população ávida por novidades disponibilizadas pelos meios de comunicação de massa impressos da época.

O caso emblemático do deputado Barreto Pinto foi também noticiado na capa do jornal *O Globo*, assim como o seu julgamento. Contudo, as fotos de Jean Manzon não foram publicadas nas páginas do periódico na ocasião do julgamento, 1949, que levaram à perda do mandato. Porém, em 2009, o jornal publicou em sua capa a foto que levara a cassação do deputado Barreto Pinto ao lado da foto do então senador Eduardo Suplicy usando uma sunga vermelha por cima do terno.

O senador havia participado da entrevista de um quadro do programa de televisão *Pânico na TV*, da *Rede TV!*, sendo entrevistado pela apresentadora Sabrina Sato que ao tomar conhecimento do projeto do senador "renda mínima" o chamou de verdadeiro super-herói e o

convidou a vestir a sunga vermelha do Super-Homem, herói de histórias em quadrinhos[66]. O senador não viu objeções em vestir uma sunga por cima do terno de trabalho; recordou o caso do deputado Barreto Pinto cassado por quebra de decoro e perguntou aos presentes se sentiam ofendidos por ele trajar momentaneamente a sunga vermelha – os quais negaram qualquer ofensa. Então, performou uma corrida pela galeria do salão Azul do Congresso e acabou sendo fotografado por diversos fotógrafos que se encontravam no local. Entretanto, o senador recorreu aos produtores do programa, que concordaram em não exibir as suas imagens trajando a sunga no programa que seria exibido pela televisão. O programa humorístico Pânico na TV demonstrou compromisso ético não publicizando as fotografias de Suplicy. Diferentemente do jornal *O Globo*, que deu todo o destaque à foto do senador petista em sua capa, comparando-a com a foto de Edmundo Barreto Pinto.

[66] Suplicy usa sunga vermelha e nega quebra de decoro. Góis, Fábio. 15 out 2009. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/suplicy-usa-sunga-vermelha-e-nega-quebra-de-decoro/ Acesso: 19 abr 2019.

Figura 39: Capas de O Globo, 2009 e 1949. Na capa de 2009 a foto do senador Eduardo Suplicy trajando uma sunga vermelha sobre o terno no Salão Azul do Congresso a pedido da apresentadora do programa Pânico na TV, Sabrina Sato que aparece ao fundo da fotografia. Ao lado da foto do senador Suplicy, a icônica foto de Jean Manzon do deputado Barreto Pinto de ceroula e fraque acima da cintura, publicada na Revista ilustrada *O Cruzeiro*, em 1949 que o levou a perda do mandato por quebra de decoro parlamentar. Na capa de 1949, o jornal *O Globo* publica a notícia do mandato cassado ao lado de uma foto do deputado Barreto Pinto, mas não a fatídica fotografia de *O Cruzeiro* de Jean Manzon.

Fonte: Acervo O Globo – 10/04/2014 e 1/05/1949 – Acesso: 27 jul 2019 - Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/apos-se-deixar-fotografar-de-cueca-em-casa-deputado-do-ptb-cassado-em-1949-12156252

Ao comparar os dois momentos distintos, o jornal promove uma coesão sequencial própria do fotojornalismo, que trabalha com a possibilidade de inferência de que o mesmo destino do deputado varguista se estenda para o senador do Partido dos Trabalhadores. Durante a pesquisa a respeito do fato de 1949, foi possível encontrar todas as capas referentes ao caso de Barreto Pinto noticiadas pelo *O Globo* agrupadas juntamente com a capa de 2009, com a do senador Suplicy na página do Acervo online do site do jornal, na sessão de fatos históricos[67].

[67] Após se deixar fotografar de cueca em casa, deputado do PTB é cassado em 1949. Acervo O Globo. Fatos Históricos. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/apos-se-deixar-fotografar-de-cueca-em-casa-deputado-do-ptb-cassado-em-1949-12156252 Acesso: 17 abr 2019.

Por sua potência e capacidade de criação de narrativas visuais, o fotojornalismo, tem um papel de protagonista na história política contemporânea do Brasil. Essa força de criação, enquadramento e desconstrução na elaboração de imagens de governantes masculinos atravessou o século XX e permanece atuante no século XXI. Porém, e quando se trata da primeira mulher Presidenta do país? Como se comportou um dos maiores jornais de circulação nacional, O Globo? Que fotojornalismo foi produzido da representação imagética acerca de uma mulher exercendo o poder na esfera mais alta de comando do país?

O próximo capítulo analisará a construção imagética feminina no tempo de longa duração, chegando até a imagem pública de Dilma Rousseff analisará como a imprensa atribuía características à sua pessoa através das fotografias e palavras, numa combinação que construiu sua imagem pública[68]. A contranarrativa também será analisada através das mudanças no visual de Rousseff e de campanhas políticas que produziram imagens. O que se perceberá como essa narrativa está em disputa entre a imprensa, grupos de oposição como apoiadores da Ditadura civil militar e da campanha e assessoria de comunicação da Presidência da República por meio do fotógrafo Roberto Stuckert Filho que fornecia fotos de eventos oficiais para o jornal *O Globo*.

[68] Para Fernand Braudel (1992), o tempo de longa duração seria o tempo das estruturas e da mentalidade, cujas transformações se processam lentamente.

4 A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA FEMININA, UM CONSTRUCTO SOCIAL E HISTÓRICO

No decorrer da história do Ocidente, foi forjada uma tradição de costumes e convenções de se representar a mulher através da pintura. Concebida por estereótipos, tais imagens estão num campo simbólico, enquanto que as masculinas noutro diametralmente oposto[69]. A representação da figura masculina é a personificação do poder representando uma coletividade por meio da identificação com o representado "a presença de um homem depende da promessa de poder que emana" (BERGER, 1972, p.49).

A figura masculina é a personificação do poder, seja ele sexual, moral, físico, psicológico, econômico e ou social - ou todos esses juntos representando uma coletividade por meio da identificação com o representado, ainda que seja uma "presença fabricada" (BERGER, 1972, p. 50) transmitindo o que não corresponde aos fatos; a intenção é pretender um arbítrio sobre os demais.

Um exemplo dessa personificação do coletivo pode ser identificado na pintura de Jean-Jacques David, Napoleão atravessando os Alpes. Segundo Mirabent (1989), os acontecimentos políticos influenciaram os temas pictóricos desenvolvidos pelo artista. Na obra abaixo em questão, o general francês que coroara a si mesmo imperador da França é representado numa composição inspirada na de imperadores da Roma Antiga em esculturas equestres, fruto da composição em estilo neoclássico no qual o artista se inseria (Gombrich, 1999). Para manter-se o mais fiel possível à realidade, proposta da pintura histórica, David teve acesso à roupa e aos acessórios que o representado usava na batalha de *Marengo*. Assim, o general e imperador é representado como um "herói moderno que não só conduz exércitos, até então vitoriosos como a todo o povo francês" (Mirabent, 1989, p. 57). Napoleão não apenas emana poder: ele é a representação do poder, da coletividade, no caso em questão a França.

[69]Este subcapítulo faz parte do artigo, Um perene modo de ver as mulheres: Elizabeth II nas páginas da *Vanity Fair*. ABRITTA, Tatiana Scali. 3ª Série. Nº 70. **IS Working Papers of the University of Porto.** May 2018. Disponível em: http://isociologia.up.pt/en/working-paper/wp-70-um-perene-modo-de-ver-mulheres-elizabeth-ii-por-annie-leibovitz-nas-p%C3%A1ginas-da Acesso: 13 mar 2019.

Figura 40: Retrato de Napoleão. 1801. Jacques Louis David. Numa composição equestre Napoleão é representado guiando a França em busca da vitória. Trajado com uniforme militar completo, armas, capa ao vento sobre um cavalo que empina as patas dianteiras à beira de um terreno irregular e ainda assim é controlado apenas por umas das mãos do imperador francês que aponta para frente indicando o caminho para as tropas e para a França. Sua figura imponente emana a promessa de poder sobre o povo francês e todos os outros que seriam por ele conquistados.

Fonte: Jacques Luis David, 1801. Acesso: 07 mar 2018 - Disponível: **https://www.khm.at/en/.**

Em grande contraste com a presença fabricada da figura masculina, a mulher é representada como um objeto visual por artistas homens e para satisfazer o olhar masculino. A aparência social da mulher forjada por essas pinturas teve um papel pedagógico em relação às próprias mulheres, ensinando-as que o seu próprio sentido daquilo que se é, é superado pela apreensão de ser apreciada como tal por outra pessoa (BERGER, 1972).

Se a imagem masculina evoca o poder em si mesma, a imagem feminina está posta em um campo oposto. De acordo com Berger (1972), a presença de uma mulher exterioriza a sua conduta para consigo mesma determinando o que se lhe pode ou não pode fazer. Seu aspecto exterior exprime-se na gestualidade, no seu tom de voz, na sua linguagem, no vestuário, na escolha de determinados ambientes, no próprio gosto – enfim, todas as suas preferências contribuem para o seu aspecto exterior. Dessa maneira, “a aparência, para uma mulher, é tão intrínseca à sua pessoa que os homens tendem a considerá-la uma emanação pessoal” (Berger, 1972, p. 50).

Vir ao mundo como mulher é constituir-se num espaço determinado e controlado à vigilância do homem. E é nesse espaço exíguo, tutelado pelo homem, que a aparência social das mulheres evoluiu como resultado de sua aptidão e engenhosidade para viver. Contudo, isso só foi realizável seccionando o ser individual da mulher; assim, a mulher precisa controlar a si própria permanentemente, estando quase sempre acompanhada pela imagem que tem de si. E "desde a mais tenra infância, ela foi educada e persuadida a ver o que faz" (Berger, 1972, p. 50).

Berger (1972) enfatiza que a mulher tem sua identidade composta por um dúbio em si: o que a controla, masculino, e a que é controlada, feminino. A mulher necessita vigiar a si própria em nome da sua aparência. Aparência essa que será o sentido de sua vida: o de ser apreciada e definida como tal por outra pessoa. Não por menos que Simone de Beauvoir (2016) na década de 1950 já afirmava que a mulher é uma construção social e não algo naturalmente dado, meramente biológico. Nesse sentido Bourdieu (2012) afirma que a mulher é uma construção masculina: ela é ou realiza o que é determinado pelo que o homem, compreendendo o que é ser mulher e qual função essa deve realizar em sociedade.

Nesse modelo de mulher estabelecido pelos homens a aparência feminina determinará o que se consentirá ou não em sua presença; seu comportamento revelará como gostaria de ser tratada. Dentro desse sistema normativo de controle social também estarão classificadas as emoções em categorias feminina e masculina. A coragem feminina será tomada como loucura e a atitudes impulsivas como descontrole emocional. Contudo, as mesmas atitudes nos homens serão interpretadas com naturalidade e exercício de poder externado. Berger (1972, p. 51) afirma que "poder-se-ia simplificar tudo isso dizendo: os homens agem, as mulheres aparecem. Os homens olham para as mulheres. As mulheres veem-se a serem vistas. (...) a mulher transforma- se a si própria em objeto visual: uma visão".

Figura 41: O nascimento de Vênus. 1879. William Adolphe Bouguereau. A mulher representada como uma visão (BERGER, 1972), um corpo passivo e idealizado por artistas masculinos para a contemplação de outros homens.

Fonte: William Adolphe Bouguereau, 1879. – Acesso 3 mar 2018 - Disponível: http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/

Na imagem acima, "O nascimento de Vênus", de William A. Bouguereau, é possível apreender como, no imaginário da arte ocidental, o corpo das mulheres foi construído constituindo uma "pedagogia visual do feminino que naturaliza e legitima o corpo da mulher como objeto de contemplação" (LOPONTE, 2008, p.152). Na construção social do modelo de mulher no decorrer do tempo, as relações de poder se mantiveram assimétricas e a objetificação feminina naturalizada pelos padrões convencionados e adotados em cada época.

Para Luciana Loponte (2008), o legado dessa narrativa da história da arte europeia ocidental de nus femininos fomentou a construção de uma pedagogia do feminino, "pedagogia visual que toma como 'verdade universal' uma forma muito particular de olhar. E que, de tão incorporada a nossa própria subjetividade, quase nos impede de ver a multiplicidade de femininos possíveis" (Loponte, 2008, p. 156) que estão apartados dos modelos sociais usuais de afabilidade e subordinação femininos. No imaginário artístico ocidental "essas imagens de mulher construídas ao longo da narrativa dominante da história da arte, uma narrativa que não é linear e nem isenta de contradições, endereçam-se a um olhar masculino, nos conhecemos, a nós mesmas, através de mulheres feitas pelos homens" (Loponte, 2008, p. 156).

4.1 Da sufragista à mulher cidadã – representações imagéticas da emancipação feminina e a ameaça ao *status quo* do homem burguês

No livro *História das mulheres no Ocidente*, volume 5, a historiadora francesa Michelle Perrot (1991, p. 9) enfatiza que, "no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues". Numa narrativa histórica tradicional que se especializou no legado da vida pública e, por conseguinte, da política e do militarismo, ainda durante o século XIX, às mulheres fora relegado apenas a participação na representação da iconografia comemorativa - enquanto que a ausência é ainda mais gritante pela quase inexistência de registros femininos nos documentos de época, ou fontes históricas oficiais. Tratava-se de uma categoria indistinta destinada ao silêncio.

Historicamente as "mulheres não representavam a si próprias. Eram representadas" (DUBY, in: DUBY; PERROT, 1992, p. 14). "Ainda hoje, é um olhar de homem que se lança sobre a mulher e se esforça para reduzi-la" (PERROT, 2016, p. 24); são representações de estereótipos de feminilidade que expressam o imaginário masculino, tanto nas pinturas na arte ocidental quanto nas fotografias[70]. Da mesma maneira "toda história das mulheres foi feita pelos homens" (BEAUVOIR, 2016, p.186). Somente a partir da década de 1970 através da Nova História e das lutas feministas essa narrativa é subvertida e a história das mulheres começa a ser abordada por uma questão de gênero e classe[71].

---

[70] Pascale Molinier e Daniel Welzer-Lang na obra, Dicionário crítico do feminismo, organizada por Helena Hirata (2009), afirmam que "na Sociologia e Antropologia dos sexos, masculinidade e feminilidade designam as características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres. Masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio dela. São as relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado "normal" – e em geral interpretado como "natural" – para mulheres e homens. A virilidade se reveste de um duplo sentido: 1) os atributos sociais associados aos homens e ao masculino: a força, a coragem, a capacidade de combater, o "direito" à violência e aos privilégios associados à dominação daquelas e daqueles que não são – e não podem ser – viris: mulheres, crianças; 2) a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, nas duas acepções do termo, é apreendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante sua socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina. Nos anos 1970, as sociólogas feministas (Mathieu, 1973/1991ª; Guillaumin, 1978) mostraram que, em relação às qualidades físicas, sociais e culturais, os papéis sociais que cada sociedade atribui aos sexos são confundidos com as diferenças ligadas à fisiologia da reprodução; quando se fala dos homens e do masculino, designa-se o conjunto geral da humanidade, o universal, o "normal", e dá-se um lugar específico às mulheres e ao feminino.

[71] O advento da história das mulheres deu-se na Grã-Bretanha e nos EUA nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbrincados – científicos, sociológicos, políticos –concorrerem para a emergência do objeto "mulher", nas ciências humanas em geral e na história em particular. Fatores científicos, como a crise no sistema de pensamento marxista e estruturalista e a aproximação

Entretanto, durante séculos foi negado à mulher o direito inclusive ao próprio corpo que deveria ser silenciado, domesticado e ocultado, como afirma Perrot (2003),

> No espaço público, o corpo da mulher é comparável aos dois corpos do rei; o corpo privado deve permanecer oculto; o público é exibido, apropriado e carregado de significação. Uma mulher em público sempre está deslocada afirmava Aristóteles. Ali ela será apenas uma figura. Mundana, exprime por sua aparência (o modo de se vestir, de se enfeitar) a fortuna do marido, de quem ela é uma espécie de cabide. A elegância da moda é um dever seu (PERROT, 2003, p. 16).

O século XIX demarcou, de modo preciso, a distinção entre vida pública e vida privada e qual gênero deveria ocupar cada espaço. Numa sociedade regida pelo patriarcado, a vida pública obviamente foi destinada ao masculino[72]. Enquanto que a vida privada foi relegada no ambiente doméstico ao feminino. Na França, as mulheres após a Revolução Francesa conseguiram adquirir direitos civis que "transformaram o casamento num contrato civil suscetível de ser rompido pelo divórcio e o reconhecimento da igualdade de todos os herdeiros, sem distinção de sexo" (PERROT, 1998, p. 73), contudo não conquistaram direitos políticos.

A luta por direitos políticos para as mulheres na França ainda se prolongou por mais de um século após a Revolução Francesa. As mulheres enveredaram na luta pelos direitos políticos através da correspondência, depois pela literatura e por fim pela imprensa. As poucas jovens mulheres que romperam com o silenciamento nas fábricas onde trabalhavam no início do século XIX escutavam que falavam como um homem, ou que deveriam ser homens

---

com a antropologia redescobre a família cuja demografia histórica serve de medida a todas as dimensões. Pelo viés da família Philippe Ariès e Georges Duby se dedicaram à história da vida privada, chegando às mulheres. Michel Foucault dedicou-se à história da sexualidade e da loucura e escreveu sobre a "mulher histérica ". A Nova História, como é chamada a terceira geração dos *Annales*, favoreceu a inovação na maneira de se escrever história. Entre os fatores sociológicos destaca-se a presença das mulheres nas universidades; como docentes ingressaram após a segunda Guerra Mundial, e como discentes ingressam na década de 1960. E os fatores políticos com o movimento de liberação das mulheres a partir dos anos 1970. "Assim nasceu o desejo de um outro relato, de uma outra história" (PERROT, 2016, p. 20).

[72] Patriarcado é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido no século XIX com as teorias evolucionistas das sociedades humanas. Christine Delphy na obra, Dicionário crítico do feminismo, organizada por Helena Hirata (2009) afirma que na década de 1970, no Ocidente, com a segunda onda do movimento feminista a palavra recebe nova acepção, designando uma ordenação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, exclusivamente o poder é dos homens. Nesse sentido, o patriarcado é praticamente sinônimo de "dominação masculina" ou de opressão das mulheres. Não mais que outros termos de Ciências Sociais o termo "patriarcado" não tem uma definição estrita e tampouco uma com a qual todos estejam de acordo. Mas pretende descrever um sistema total que impregna e comanda o conjunto das atividades humanas coletivas e individuais que não é casual. (HIRATA *et al*, 2009).

disfarçados de mulher, pois que somente homens saberiam falar daquela maneira. “Agir no espaço público não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privada, criticadas logo que se mostram ou falam mais alto” (PERROT, 2016, p. 146). Com o passar do tempo, passaram a sofrer reprimendas, zombaria e caricaturas na imprensa, “expressão visível e sensível da exclusão das mulheres da cidadania política” (PERROT, 1998, p.70).

A inserção da mulher no âmbito da vida pública perpassa pelo direito ao trabalho, a remuneração, profissões e ofícios que afetam as estruturas econômicas, jurídicas e simbólicas da sociedade patriarcal. São essas questões que também evidenciam as desigualdades sociais entre homens e mulheres. Segundo Michelle Perrot (2016):

> as classes populares necessitam do salário das mulheres, mesmo quando o consideram somente um “trocado”. A burguesia delega o “lazer”, o *otium* aristocrático, a suas mulheres, vitrines do sucesso e do luxo dos maridos. “Viver nobremente é viver sem nada fazer”, dizia-se no Antigo Regime. O que não é mais viável no capitalismo. As mulheres, pelo menos, guardarão ainda esse perfume da corte, esse estilo de vida mundano que cria a distinção. É por isso que seu eventual “trabalho” é recriminado; ele é sentido como um desconforto, a marca da decadência da família, uma vergonha social. As mulheres dessa classe tiveram de se esgueirar no mercado de trabalho, exclusivamente através dos serviços, ocupações adequadas à feminilidade (PERROT, 2016, p. 159).

Foi no século XIX que a mulher trabalhadora auferiu uma relevância excepcional. Elas existiam muito antes do surgimento da sociedade capitalista industrial exercendo uma grande diversidade de funções no âmbito privado ou público, no campo ou nas cidades, e com os quais angariava sustento complementar ao da própria família ou para si próprias quando trabalhavam como governantas morando junto à família empregadora. Entretanto, no dezenove:

> Ela foi observada, descrita e documentada com uma atenção sem precedentes, quando os seus contemporâneos debateram a conveniência, a moralidade e até a legalidade das suas atividades assalariadas. A mulher trabalhadora foi um produto da revolução industrial, não tanto porque a mecanização tenha criado para ela postos de trabalho onde antes não existiam (mesmo de esse foi seguramente o caso em algumas áreas), mas porque no decurso da mesma ela se tornou uma figura perturbadora e visível. A visibilidade da mulher trabalhadora resultou da sua percepção como um problema de criação recente e que exigia uma resolução urgente. Esse problema implicava o próprio sentido da feminilidade e a sua compatibilidade com o trabalho assalariado foi posto e debatido em termos morais e categoriais (SCOTT, 1991, p. 443).

Segundo Scott (1991), no decorrer do século em questão a força de trabalho feminina levou o legislador francês Jules Simon afirmar que "uma mulher que se torna trabalhadora deixa de ser mulher" (SIMON *apud* SCOTT, 1991, p. 444). A questão discursiva da economia política sobre o trabalho feminino como o problema da separação do lar e trabalho, baseada em opiniões de caráter moral, médico, científico e político, concebeu o gênero como um fator da divisão sexual do trabalho. Pois:

> a divisão do trabalho era tida como o modo mais eficiente, racional e produtivo de organização do trabalho, dos negócios e da vida social; a linha divisória entre o útil e o "natural" esbatia-se quando o "gênero" era o objeto de análise. (...) o dilema lar *versus* trabalho emergiu como a análise predominante da mulher trabalhadora; como isso se relacionou com a criação de uma força de trabalho feminina definida como fonte de mão-de-obra barata e adequada a certos tipos de trabalho. Esta divisão do trabalho era então tomada como um fato social objetivo originado na própria natureza. Pela minha parte atribuo a sua existência não a desenvolvimentos históricos inevitáveis, nem à "natureza", mas a processos discursivos. Não quero sugerir que distinções de acordo com o sexo fossem novidade no século XIX: eram, no entanto, articuladas de novas maneiras e como novos efeitos sociais, econômicos e políticos (SCOTT, 1991, p. 446).

Nesse período, ocorreu um grande deslocamento de mão-de-obra feminina do "serviço doméstico (urbano e rural, da casa, artesanal ou agrícola) para os empregos de colarinho branco" (SCOTT, 1991, 452). Em sua grande maioria, eram mulheres trabalhadoras das classes médias que encontravam ocupação no setor de serviços em expansão no período. A educação básica foi um setor que recebeu um grande contingente de mulheres para ensinar meninas e meninos. Apesar da baixa remuneração elas se dispuseram a encarar a carreira em busca da autonomia; entretanto, o casamento ainda era um destino para a sobrevivência e rito de integração social. Enquanto isso, raras eram as mulheres que exerciam uma profissão com formação superior.

Em *A era dos impérios*, Eric Hobsbawm (1988) discorre sobre o contexto histórico em que surge o que ele denomina como a "nova mulher" (HOBSBAWM, 1988, p. 272) e sobre quem eram as mulheres que se encontravam nessa categoria. Nas últimas décadas do dezenove, eram as mulheres ocidentais oriundas das classes médias de países capitalistas desenvolvidos ou em desenvolvimento que se mobilizavam pela emancipação feminina.

Uma gama de fatores socioeconômicos possibilitaram que em parte da Europa e dos Estados Unidos, transformações que se refletiram no estilo de vida da população. Nesse período, as taxas de natalidade caíram indicando expressivas alterações culturais; haviam surgido leis que determinavam uma idade mais avançada para as jovens contraírem o

matrimônio e as famílias camponesas reduziram o número de filhos a fim de evitar a dissolução de suas terras com muitos herdeiros. Ao mesmo tempo haviam diminuído as taxas de mortalidade infantil. Havia um desejo por um padrão de vida mais alto, tanto das classes médias quanto das classes baixas urbanas, e uma família numerosa jamais alcançaria tal padrão. Tudo isso aliado às leis proibitivas para o trabalho infantil que anteriormente havia garantido renda extra no sustento das famílias. Todas essas transformações impactaram diretamente no planejamento familiar da época e na vida das mulheres.

A nova lógica das sociedades capitalistas dizia que uma família reduzida asseguraria mais oportunidades e melhorias no estilo de vida para as novas gerações, um símbolo não apenas de progresso familiar, mas de ascensão econômica e *status*. A realidade da classe média não garantia através da renda do pai de família o sustento da esposa e prole de maneira integral e regular. Essa realidade fazia com que as esposas trabalhassem fora. Apesar da complementariedade de renda entre cônjuges ser uma realidade para a classe trabalhadora desde a pré-industrialização, as mulheres que trabalhavam fora de casa recebiam valores muito abaixo do que os homens. Tal realidade manteve a mulher dependente economicamente do marido. Além do componente cultural que estigmatizava as mulheres que permaneciam solteiras como fracassadas - em sua maioria estas ingressavam no trabalho de governantas para sobreviver com dignidade.

Como mão-de-obra barata e sem qualificação, as mulheres da classe operária se submetiam a trabalhos mal remunerados no setor de têxteis, alimentos, confecções e serviços domésticos, atividades consideradas ocupações tipicamente femininas. Os empregadores especificavam em anúncios de emprego as características inerentes ao sexo feminino e masculino para ocuparem os postos de trabalho:

> tarefas que requeriam dedos delicados e ágeis, paciência e perseverança eram consideradas femininas, enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade. (...) o resultado destas descrições e das decisões de contratar mulheres para certos empregos oferecidos e não para outros foi criar a categoria do “trabalho feminino”. Também os salários eram fixados tendo em mente o sexo dos trabalhadores. De fato, à medida que intensificavam os cálculos de lucros e perdas e a procura de uma vantagem competitiva no mercado, a poupança nos custos de trabalho tornou-se um fator cada vez mais importante para os empregadores (SCOTT, 1991, p. 460).

Já as mulheres empregadas de colarinho branco eram consideradas apropriadas por

> no ensino e na enfermagem considerava-se que as mulheres exprimiam a sua natureza carinhosa; a datilografia era comparada a tocar piano; as tarefas de

> escritório ajustavam-se supostamente à natureza submissa, à sua capacidade para tolerar tarefas repetitivas e ao seu gosto pelo pormenor. Esses traços eram julgados "naturais", assim como o era o "fato" de o custo da mão-de-obra feminina ser necessariamente mais baixo que a masculina. (...)O objetivo da contenção de custos tornou perfeitamente lógico o recrutamento de mulheres, uma vez que todas as partes envolvidas no debate educacional concordavam que as mulheres não possuíam uma pulsão aquisitiva e trabalhariam por salários de subsistência (SCOTT, 1991, p. 462).

A atividade econômica reconhecida como trabalho era um produto masculino; já ocupação era o termo utilizado para a atividade laboral feminina. Pela lógica empregadora capitalista da época, a remuneração salarial que atraía trabalhadores masculinos das classes baixas, atrairia a mulher de classe média. Os empregadores ainda exigiam das mulheres uma educação superior à que os homens apresentavam para os mesmos cargos.

No âmbito burguês, em que imperava o preconceito contra mulheres que trabalhavam:

> produziu-se a masculinização dos negócios. Na época pré-industrial, as mulheres que cuidavam pessoalmente de suas propriedades ou empresas eram reconhecidas, embora incomuns. No século XIX, foram, cada vez mais, consideradas aberrações da natureza, a não ser nos níveis sociais mais baixos, onde a pobreza e o rebaixamento geral das "ordens inferiores" impossibilitava considerar assim tão "desnaturadas" as mulheres que perfaziam o grande número das lojistas, das feirantes, das estalajadeiras e das donas de pensão, das pequenas comerciantes e das prestamistas. Se a economia estava assim masculinizada, também estava a política. À medida que a democratização avançava e o direito do voto – local e nacionalmente – era concedido, após 1870, as mulheres eram sistematicamente excluídas" (HOBSBAWM, 1988, p. 282).

A esfera política no século XIX, marcada pelo surgimento de pleitos eleitorais e partidos políticos, segregou as mulheres como seres de segunda categoria. "A legitimidade republicana afirma-se reforçando ainda mais a exclusão das mulheres, como se fosse preciso afastar qualquer suspeita de frivolidade (...) o chamado sufrágio universal é apenas masculino" (PERROT, 1991, p. 122).

Desprovidas de direitos políticos, as mulheres pertenciam ao segmento social dos cidadãos de segunda classe, apesar de serem trabalhadoras absorvidas pela economia capitalista e gerarem lucro. Contudo, ainda que as mulheres de classe média aproveitassem as oportunidades de trabalho em escritórios e lojas, ou integrassem o magistério em expansão no período que recebia um número cada vez maior de meninas nas escolas; eram cargos de subalternidade que não permitiam a verdadeira emancipação econômica. Essas aberturas no

tecido social de costumes burgueses rígidos que possibilitaram colocações femininas no mercado de trabalho da época, de certa forma:

> beneficiaram as filhas dos operários, ou mesmo dos camponeses, um número maior beneficiou as filhas das classes médias e da antiga e nova classe média baixa, atraídas particularmente para cargos que conferiam certa respeitabilidade social ou podiam ser consideradas (às custas da redução de seus níveis salariais) como trabalhando para cobrir pequenas despesas. Tornou-se obvia a mudança na posição e nas expectativas sociais das mulheres durante as últimas décadas do século XIX, embora os aspectos mais visíveis da emancipação feminina ainda estivessem, em larga medida, confinados às mulheres das classes médias. Entre esses aspectos, não precisamos dar demasiada atenção ao mais espetacular de todos: a campanha ativa e, em países como a Inglaterra, dramática das "sufragistas" ou "sufragettes", em prol do direito feminino ao voto. Como movimento feminino independente, não possuía maior significação, exceto em alguns países (notadamente EUA e Inglaterra) e, e mesmo nestes, não começou a atingir seus objetivos senão após a Primeira Guerra Mundial. Em países como a Inglaterra, onde o sufragismo tornou-se um fenômeno significativo, deu a medida da força política do feminismo organizado, mas ao fazer isso revelou igualmente sua principal limitação, um apelo restrito principalmente a classe média (HOBSBAWM, 1988, p. 284).

Enquanto o setor de serviços oportunizava às mulheres das classes médias uma gama de trabalhos convencionados como femininos, a economia voltada para o consumo de massa transformava-as no objeto principal de interesse do mercado capitalista. Na "esfera autonomizada da mercadoria, a mulher burguesa e mesmo operária seria soberana, decidindo as compras, a difusão do gosto, o sucesso da moda, motor da indústria essencial, o têxtil, reinando sobre o consumo" todo um sistema de signos de comunicação, utilizados pela publicidade foram direcionados em primeiro lugar para ela, "os Grandes Magazines, espaço feminino por excelência, seu reinado" (PERROT, 2017, p. 188).

A emersão da "nova mulher" não modificou seu *status* social relegada a seres de segunda categoria na sociedade burguesa patriarcal capitalista. Sua ascensão econômica permitiu que ingressasse no consumo de massa que já incluía os homens das classes baixas - até então nenhum grande feito emancipatório feminino. E, ao produzir mudanças no acesso aos serviços ofertados às novas consumidoras que reforçavam comportamentos estereotipados femininos através da linguagem publicitária, muitas dessas mulheres absorvidas pelo mercado de trabalho "interessavam-se ativamente pelo feminismo" (HOBSBAWM, 1988, p. 286).

As novas aspirações da nova mulher de classe média são apontadas diretamente para fatores como a expansão da educação formal para meninas oriundas das classes baixas e médias. Apesar de haver muito mais escolas para meninos, estes abandonavam a educação

secundária quando atingiam a faixa dos 16 anos de idade, enquanto as meninas permaneciam na escola até completar o ciclo educacional básico (HOBSBAWM, 1988). O acesso à educação básica para meninas descortinou um novo horizonte possível para jovens mulheres para além da possibilidade do matrimônio. Não que estas rejeitassem o casamento, mas começavam a vislumbrar outras maneiras de se realizar para além da esfera da vida privada.

O primeiro fator relevante que influenciou a nova mulher do século XIX a anelar mudanças na sua condição social foi o ingresso feminino no ensino superior. O segundo fator foi a permissão para que jovens mulheres pudessem ter liberdade para se movimentar, seja através da dança em bailes privados ou em clubes da sociedade, e a liberdade de movimento ao ar livre com o uso da bicicleta - que acarretou na adoção de um vestuário próprio para a prática feminina que exigia autorização da polícia. Além disso, houve a prática desportiva de jogos de tênis que permitia a socialização feminina fora do ambiente privado altamente controlado pelos rígidos costumes burgueses. Cabe também ressaltar a liberdade que as mulheres de classe média obtiveram com a adoção das temporadas de veraneio nas férias incluindo a novidade dos banhos mistos de mar, que "inevitavelmente revelavam mais os corpos do que a respeitabilidade vitoriana teria considerado tolerável" (HOBSBAWM, 1988, p. 289).

O terceiro fator foi a atenção mercadológica dirigida ao público feminino, um grupo heterogêneo possuidor de aspirações e interesses pessoais nunca antes considerados, e que foram transformados em nicho de mercado. Surgiram "páginas femininas dos novos diários de massas, dirigidos à classe média baixa, ou das revistas femininas, para jovens e mulheres recentemente alfabetizadas" (HOBSBAWM, 1988, p. 291) que tiveram a perspicácia de tratar o público feminino não apenas como consumidoras passivas, mas também como realizadoras. Entretanto, a pauta do movimento feminista, das sufragistas da época, não recebia a mesma atenção que a imprensa concedia aos estereótipos de feminilidade consumidos em forma de periódicos ou bens de consumo.

Para o historiador Peter Gay (1988), no decorrer de grande parte do século XIX no ocidente, "as mulheres permaneceram virtualmente na condição de propriedades de seus pais e, depois, de seus maridos. O duplo padrão, definido e defendido pelos homens, vigorou sem oposição alguma" (GAY, 1988, p. 131). Isso quer dizer que, ainda que tivessem ingressado no mercado de trabalho e no mercado consumidor, e que estivessem mais qualificadas que os homens de classes baixas para ocupar os mesmos postos de trabalho, as mulheres permaneciam desprovidas de direitos políticos e jurídicos. Conseguir ser aceita numa universidade era um acontecimento raro para as filhas da alta burguesia.

Dentre os direitos reivindicados pelas feministas, o voto era considerado direito fundamental. Por meio do sufrágio alcançariam e exerceriam pela cidadania sua opinião política e a pressão necessária para modificar as leis patriarcais vigentes na época. Seria o reconhecimento da mulher como sujeito histórico e cidadã em regime igualitário aos homens perante as leis e a sociedade. As feministas se manifestavam pelo direito de ter uma profissão, pela autonomia patrimonial e acesso à educação superior. Porém, foi a luta pelo direito ao voto que mais impactou a sociedade patriarcal burguesa da época. Na segunda metade do século XIX e início do século XX "as ações mais espetaculares foram realizadas nos Estados Unidos e no conjunto de países europeus" (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 15) pelas sufragistas[73].

Gay (1988) debruçou-se sobre a cultura e os costumes burgueses da era vitoriana no século XIX. Ele analisou historicamente, através da perspectiva da psicanalise a condição feminina na sociedade burguesa, seu ensejo legítimo à emancipação e como esse processo era recebido pelos homens como uma ameaça à virilidade do homem burguês. O autor buscou identificar os argumentos que secundaram o discurso masculino, contrários a luta pela autonomia e liberdade feminina que avançava no decorrer do dezenove, e como ele foi legitimado:

> para a maioria dos homens que se regalavam com a dominação, uma mulher que abandonasse sua própria esfera constituía não apenas uma anomalia, uma mulher-macho; mais do que isso, levantava incômodas questões quanto ao papel masculino, um papel que não se definia isoladamente, mas numa constrangedora confrontação com o sexo oposto (GAY, 1988, p. 128).

Segundo Gay (1988), "um dos instrumentos favoritos de autodefesa masculina era o desgastado, embora infatigável clichê sobre a mulher como sexo misterioso" (GAY, 1988, p. 128). As características psicológicas e biológicas da mulher eram utilizadas para diversos debates que reforçavam a concepção no ponto de vista masculino, de dubiedade: "ela era a um só tempo tímida e ameaçadora, desejável e assustadora" (GAY, 1988, p. 129).

---

[73] "As *sufragettes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greve de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalos em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se a frente do cavalo do rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918" (PINTO, 2010) descreve parte das ações públicas promovidas pelas mulheres que lutavam por direitos políticos, jurídicos e sociais na época no último quartel do século XIX e início do século XX. PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , v. 18, n. 36, p. 15-23, June 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 23 may 2020. https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003.

Essa interpretação masculina da mulher como sexo ardiloso, misterioso, permeou as produções artísticas e literárias do referido período sendo assimilada e reproduzida de forma consciente e inconsciente pela sociedade da época. As representações femininas que povoavam o imaginário masculino eram confrontadas com a condição de dubiedade feminina pelos homens da sociedade vitoriana. Isso gerou muitos conflitos nos homens de classe média, assim como para as mulheres socializadas nesse contexto. Pois, toda uma amalgama de costumes rígidos e uma legislação conservadora produziram convenções sociais que regulavam as relações entre homens e mulheres na sociedade burguesa. As manifestações e embates por reformas sociais liderados por mulheres encontravam uma resistência masculina crescente. Dessa forma,

> a autopercepção do homem estava em jogo. Os sentimentos exasperados que essa situação provocou, e as numerosas controvérsias que ela gerou, só podem deixar atônitos aqueles que não conseguem perceber a preponderante parcela de sentimentos ocultos existente na criação de atitudes sociais e ideologias políticas. (GAY, 1988, p. 129)

Na Inglaterra, no século XIX, havia três grupos antifeministas, segundo Gay (1988). O primeiro era integrado por indivíduos reconhecidamente misóginos. Entre esses estavam jornalistas, ilustradores de periódicos, filósofos, poetas e artistas que compunham esse grupo; eles traduziram o medo da mulher emancipada e das *suffragettes*, o sexo misterioso, em representações imagéticas. São mulheres imaginárias. Stéphanie Michaud (1991) afirma que a mulher é para esse grupo "uma imagem: ela atrai e electriza as energias masculinas. Ela determina a degenerescência." (MICHAUD, 1991, p.153).

Surgem as representações da mulher cabeçuda, mulher-homem, masculinizada, fria, descuidada da própria aparência, desprovida de beleza e feminilidade. A literatura e a ópera condenam a mulher insubmissa, e exaltam as que não ameaçam o *status quo* do homem burguês e a estabilidade dos costumes vitorianos. "Nenhum século retratou a mulher como vampira, castradora, e assassina de forma tão desnudada quanto o século XIX" (GAY, 1988, p. 154).

Era uma resposta às demandas femininas e um sintoma de que as manifestações feministas catalisavam a ansiedade masculina que reagiam com um antifeminismo caluniador e censor. As feministas eram entendidas como mulheres raivosas que ameaçavam a supremacia masculina, as quais argumentavam que "os direitos pretendidos pelas mulheres equivaliam a mutilação dos homens" (GAY, 1988, p. 155).

Figura 42 : Caricatura de uma sufragista, uma mulher desprovida de feminilidade e descuidada.
As feições e dentes monstruosos e animalizados estão carregadas da representação está impregnada de misoginia do autor da ilustração no início do século XX no Reino Unido.

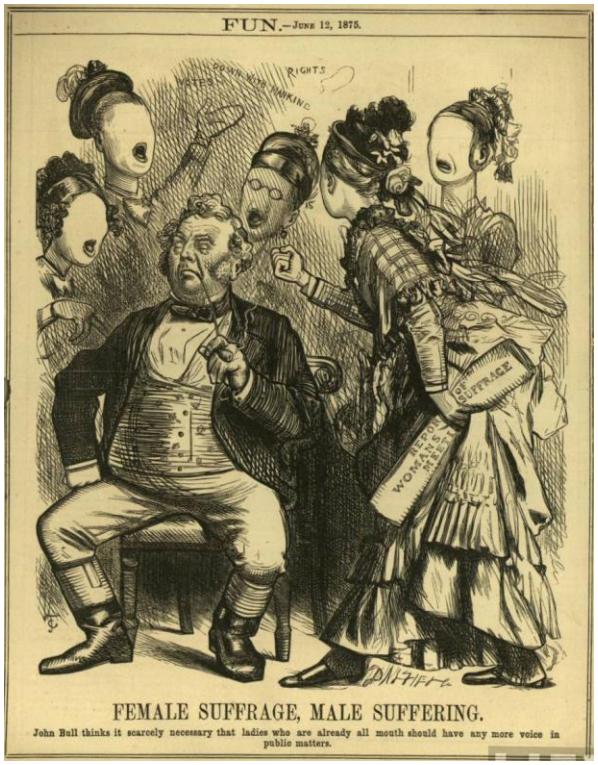
Fonte: History of feminismi – Acesso: 15 jul 2020 - Disponível: https://historyoffeminism.com/anti-suffragette-postcards-posters-cartoons/

A reação dos homens antifeministas ia além das caricaturas consideradas humorísticas na época, e ocupava editoriais que também difamavam e ridicularizavam as feministas afirmando que provavelmente as ativistas pelo direito ao voto tivessem chegado ao movimento sufragista por terem uma aparência tão repugnante que não haviam encontrado um pretendente para o casamento[74]. Por isso, ambicionavam as "calças e os direitos de seus senhores" (GAY, 1988, p. 143). Discursos parlamentares declaravam que a mobilização feminista pelo direito ao voto havia se tornado uma ameaça capaz de destruir os homens.

[74] Na concepção moderna, "a partir do século XVI, a caricatura pode ter dois significados que não se excluem, um desenho carregado, exacerbado, que realça, pela desproporção, traços predominantes; e outro, em que essa forma vem revestida de uma intenção satírica, crítica, burlesca ou negativa, representando as características psicológicas de uma personalidade real ou um personagem típico, isto é, daquele que resume uma categoria social (o político, o malandro, o artista, o grande empresário). Existem três formas possíveis de caricaturas, as verdadeiras, nas quais o artista reproduz a natureza disforme tal como a encontra; as exageradas, nas quais se aumentam propositadamente as deformações, mas de tal modo que o original permaneça reconhecível; e as inteiramente fantásticas, ou ainda grotescas, em que o artista, despreocupado com a verdade e a semelhança, entrega-se a uma imaginação selvagem" (CUNHA, 2003, p. 125).

Na charge abaixo de 1875, pode-se observar a resistência masculina ao movimento feminista pelo voto. Na imagem de época, *"Sufrágio feminino, sofrimento masculino"*, está representado um homem burguês, John Bull, sentado em postura ereta com a mão apoiada na perna e de olhos cerrados, fechado aos apelos femininos. Ele está rodeado por mulheres que argumentam ao mesmo tempo, com ele e entre si pelo direito ao sufrágio feminino; uma delas traz consigo um cartaz ou manifesto. Mulheres que só têm boca e o contorno do rosto, como se perdessem a beleza, feminilidade e a própria identidade. Que são monotemáticas e inconvenientes, falam demais e não enxergam nada mais além do sufrágio, nem reconhecem mais os costumes rígidos das regras sociais vitorianas. E, ao ingressarem no inconveniente movimento sufragista eram desqualificadas primeiramente no quesito aparência e feminilidade.

Figura 43: Charge do movimento masculino antifeminista de 1875.



Fonte: History of feminismi – Acesso: 17 jul 2020 - Disponível: historyoffeminism.com/anti-suffragette-postcards-posters-cartoons/

Toda a resistência masculina era desproporcional frente à organização das feministas pelo voto, rotuladas de "exército monstruoso" (GAY, 1988, p. 144). O que Peter Gay analisa como "histeria" e "pânico" (GAY, 1988, p. 144) do homem burguês sentindo-se ameaçado em sua virilidade e seus privilégios por "mulheres degeneradas" (GAY, 1988, p. 145). Todo esse pavor masculino das feministas foi traduzido num conto intitulado, *A revolta do homem*

(1882), em que o autor Walter Besant (1882) fazia uma previsão dos desdobramentos do movimento feminista caso fossem alcançados: “os papéis tradicionais estariam completamente invertidos – somente as mulheres gozariam de educação superior, do direito ao voto, de cargos públicos, enquanto os homens ficariam reduzidos a uma dependência abjeta e a uma domesticidade humilhante” (GAY, 1988, p. 146). Isto é, o medo masculino era de que as mulheres impusessem aos homens as mesmas condições de subalternidade e dependência que estes sempre impuseram às mulheres. Para os homens do grupo antifeminista misógino, a ameaça era real e iminente, e à medida que o movimento crescia o medo e o ódio às mulheres, que não deixavam de desejar, aumentava assim como a necessidade de controla-las.

Na imagem abaixo, um dos postais com uma charge que circulou no início do século XX numa campanha de difamação contra as sufragistas. No postal, o pavor do homem burguês de classe média: tornar-se um ser de segunda categoria desprovido de direitos políticos, jurídicos e civis, exatamente como viviam as mulheres no século XIX e início do século XX.

Figura 44: *Election Day*! Propaganda antifeminista contra o direito ao sufrágio feminino.

Fonte: Agência Patrícia Galvão – Acesso: 27 jul 2020 - Disponível: https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/mulher-e-midia/o-ridiculo-da-propaganda-machista-contra-sufragistas/

Havia um segundo grupo masculino antifeminista considerado moderado por serem mais habilidosos em escamotear a ansiedade e o medo da castração pelas mulheres. Rejeitavam o direito ao sufrágio reclamado pelas feministas por meio de um discurso afável, supostamente científico, e religioso da divisão binária dos sexos. Tal argumento "aparentemente sensato de que o Criador, fosse ele divino ou natural, havia estabelecido uma divisão de tarefas que seria violada caso as mulheres tivessem acesso à política"; essa premissa repercutiu tanto quanto a alegação dos antifeministas misóginos, também nascida da ansiedade e medo, "de que os direitos pretendidos pelas mulheres equivaliam à mutilação dos homens" (GAY, 1988, p. 155).

Michelle Perrot afirma que, a argumentação a respeito da diferença entre os sexos se tratava de um antigo discurso recuperado no século XIX, baseado em descobertas médicas e da biologia. Um discurso naturalista, "que insiste na existência de "duas espécies" com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos" (PERROT, 2017, p. 186).

O terceiro grupo antifeminista era formado por mulheres mais instruídas, pertencentes à alta burguesia, as quais possuíam desenvoltura para manifestarem-se dentro dos limites dos rígidos costumes vitorianos. Concordavam com os argumentos dos homens antifeministas e defendiam a manutenção da dependência legal feminina. Algumas dessas antifeministas assinaram petições contrárias ao sufrágio feminino (GAY, 1988). Essas antifeministas se reconheciam pelos seus privilégios de classe, e pela educação de costumes conservadores que reproduziam. O que também explica que o número de mulheres feministas, ou sufragistas, oriundas da classe média fosse reduzido:

> as mulheres foram fabricadas continuamente ao longo do século pelos preceitos e ritos religiosos, por uma educação que se quis sempre distinta da instrução, constantemente mantida nos limites do saber útil, das conveniências, do saber-fazer e do saber-mostrar; sendo a educação mais estável porque amarrada às tarefas e aos deveres de esposa, de mãe, de dona de casa, repisados à porfia do coro quase unânime dos clérigos, dos filósofos, dos moralistas e dos homens de Estado; sendo a instrução mais mutável porque função de um nível geral ao qual convém adaptar-se, e de opções políticas variáveis (FRAISE; PERROT, 1991, p. 141).

O ideal de feminilidade da burguesia no período vitoriano estabelecido era que sua vida deveria estar circunscrita ao ambiente doméstico, à vida privada. Enquanto que, a mulher que trabalhava não gozava da mesma respeitabilidade, eram as empregadas domésticas, as

governantas que partilhavam da vida familiar burguesa educando os filhos da nobreza, e as prostitutas.

Qualquer alteração na ordem social burguesa e nos costumes que regulavam as relações entre homens e mulheres encontrava uma crescente oposição masculina. Dessa maneira:

> a luta pelos direitos da mulher passou a ser vista como uma campanha pelo reconhecimento e pela reparação dos danos que lhes haviam sido causados. Tais danos eram muitos e bastante agudos. De fato, o catálogo das ofensas sofridas pelas mulheres no século XIX já se encontra hoje fartamente documentado. Expondo tanto suas incapacidades mais visíveis quanto suas queixas mais sutis, esses documentos apontam as insatisfações causadoras de tensões, e por vezes uma verdadeira guerra entre homens e mulheres. Essa guerra entre os sexos foi amplamente debatida na imprensa popular, na ficção, nos palcos e na pintura da época. E ainda assim seu significado mais amplo em relação à experiência burguesa conserva muito de seu mistério, porquanto os sentimentos se encontram frequentemente soterrados na correspondência íntima e em anotações particulares. (GAY, 1988, p. 130)

Considerando-se a condição de propriedade paterna e depois do matrimônio, de seus maridos, as mulheres francesas e inglesas no século XIX encontravam-se numa verdadeira condição de servidão. Sem nenhum direito à herança paterna ou a custódia dos próprios filhos em caso de divórcio, a "doutrina da supremacia masculina" (GAY, 1988, p.132) que controlava a legislação autorizava o castigo físico do marido sobre a esposa.

O acesso e ingresso de mulheres à educação superior foi uma bandeira mais importante do que o direito ao sufrágio no final do século XIX, segundo Gay (1988). No período, nos EUA, alguns educadores foram precursores ao acordarem que o 'sexo misterioso', as mulheres, eram inteligentes e fisicamente eram suficientemente resistentes para se submeterem ao ensino superior. Entretanto, entre o discurso inclusivo e a prática havia a crença de ordem burguesa de que "a função principal da mulher respeitável permanecia a mesma de antanho – a de dona-de-casa(...) isso não queria dizer que uma esposa e mãe tivesse que ser frívola, ignorante e tola" (GAY, 1988, p. 137).

Na sociedade vitoriana burguesa, as jovens mulheres poderiam ingressar numa instituição superior de ensino e se tornar uma esposa culta, vivendo sua domesticidade à guarda do homem. Ingressar no mercado de trabalho em profissões tradicionalmente masculinas disparava nos homens da época o gatilho da ameaça aos privilégios, da ansiedade, da competição e da autoridade.

Apesar de algumas universidades norte-americanas abrirem espaço para a entrada de jovens mulheres, elas muitas vezes eram proibidas de assistirem aulas de algumas disciplinas e necessitavam de tutores para serem aprovadas nos exames. Nas grandes instituições de ensino europeias as mulheres ainda eram barradas. As poucas mulheres que se formaram nas universidades europeias só o conseguiram pelo apoio familiar e financeiro que receberam, e necessitavam de tutores particulares para compensar a diferença educacional na formação educacional que recebiam em relação aos homens e das aulas que eram proibidas de frequentar.

As jovens que ingressavam na educação superior enfrentavam grande angústia, pois se sentiam compelidas a se mostrarem tão capazes quanto aos colegas homens - de maneira que legitimasse seu lugar e justificasse o acesso à educação superior, tamanhas eram as restrições e preconceitos que encontravam nesse meio. Segundo Gay (1988), toda a resistência que os homens impuseram a entrada das mulheres nas universidades e sobre o verdadeiro lugar delas na sociedade era "o medo da mulher e o medo diante das mudanças" (GAY, 1988, p. 167), que se imiscuíam numa mesma ansiedade.

O movimento sufragista no século XIX travou muitos combates, mas o direito ao voto só foi conquistado pelas mulheres no século seguinte. No início do século XX a campanha antifeminista nos periódicos da época no Europa, Estados Unidos e também no Brasil permaneceu perenizado numa rede discursiva imagética. Nas representações das feministas, as caricaturas produzidas por homens ainda as transformavam numa espécie de exército monstruoso capaz de subjugar o homem. E as colunas nos jornais aliadas às imagens seguiam disputando a opinião pública através da ameaçadora figura da mulher-homem, que recusava o lugar da domesticidade, ameaçava os costumes tradicionais e a virilidade masculina.

Em 1912, a revista semanal ilustrada *Fon-Fon*, dedicada à sátira política, publicou uma caricatura sobre o movimento feminista no Brasil[75]. Nesta caricatura do movimento feminista brasileiro pelo direito ao sufrágio traz a representação das sufragistas como a mulher cabeçuda, raivosa, masculinizada e ameaçadora, um exército monstruoso, armadas de revolveres e bengalas de cassetetes atacando e agredindo homens frágeis, que atônitos tentam fugir apavorados. Tudo isso enquanto uma delas tenta fugir com uma urna, que se assemelha a

[75] A revista ilustrada semanal *"Fon Fon"* foi "fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro em 1 de abril de 1907, e extinta em agosto de 1958. (...) Seus ilustradores eram os renomados Raul Pederneiras, Kalixto e J. Carlos. O nome do semanário – onomatopeia de som da buzina dos automóveis – foi criação do caricaturista e poeta Emílio de Menezes". Fon Fon. DANTAS, Carolina. FGV/CPDOC. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf Acesso: 05 jan 2021.

um pequeno caixão, de onde caem cédulas de votos. O autor da caricatura, Raul Pederneiras, que foi um "ferrenho antifeminista e opositor de qualquer atuação profissional das mulheres" (OLIVEIRA, 2019, p. 10), inclui ainda a representação de mulheres negras dentro do movimento feminista nacional atuando juntamente com mulheres brancas que pelos trajes representam diversas classes sociais. A legenda da caricatura complementa o quadro de ansiedade gerada nos homens pelo movimento emancipatório feminista: "Eis o que seria uma eleição entre nós, quando o feminismo for em nossa pátria, definitiva realidade".

Figura 45: Na revista "*Fon Fon"*, a caricatura "O feminismo no Brazil". Um exército implacável de feministas roubando urnas e promovendo um massacre contra homens frágeis. As mulheres são representadas seguindo o modelo das representações internacionais, mulheres desprovidas de beleza e feminilidade, animalizadas e assustadoras.

,

No Brasil o movimento pelo sufrágio, e demais pautas das feministas, encontrou também muita resistência entre os homens, que revelavam a mesma ansiedade e medo (GAY, 1988) da perda de seus privilégios e do protagonismo e controle político, social e econômico na condução da sociedade nacional. No período da República Velha (1988-1930) tem início no país a formação de uma sociedade urbana e industrial e a ampliação do ideário feminista entre mulheres de classe média e da classe alta. Lúcia Avelar (2001) aponta que as mulheres que se declaravam sufragistas no país pertenciam à classe dominante e a classe média alta: eram "médicas, dentistas, advogadas, escritoras, escultoras, poetisas, pintoras, uma aviadora

famosa, engenheiras civis, cientistas, funcionárias públicas, parentes de políticos da alta elite" (AVELAR, 2001, p. 19).

Por pertencerem à elite brasileira, a demanda das sufragistas era entendida como de um grupo de alta classe. E por isso a agremiação podia se dar ao luxo de ser autônoma e descolada de partidos políticos ou movimentos sociais da época. A pauta do sufrágio era percebida como "frutos da ação de mulheres de classe alta, movimentos que reiteravam a política da época" e não acenava na direção de modificar a estruturas conservadoras sociais e familiares. Porém, nem por isso a imprensa deixou de difamá-las como mulheres desclassificadas e histéricas (AVELAR, 2001). O direito ao sufrágio só foi obtido pelas mulheres brasileiras no ano de 1932 (TELES, 1999).

As caricaturas e ilustrações das feministas foram tornando-se mais sofisticadas na maneira de representar as mulheres e consequentemente em sua propaganda antifeminista. Em 1917, a revista ilustrada porto alegrense *Kodak* publicou uma ilustração cujo título "A arte de conhecer feminismos". Na ilustração são representadas mulheres de diversas faixas etárias e biotipos, as quais são identificadas por seus trajes, acessórios e penteados. Abaixo de cada uma dessas mulheres representadas, legendas para identificar seu papel social. Na fila de cima, uma representação de uma mocinha de trajes pobres e descalça, cuja legenda diz "não é nada", ou seja, sua origem social como despossuída a define. Ao seu lado a sufragista de trajes escuros é observada por um homem bem trajado de cartola, sobretudo e bengala. Na mesma fila aparecem a bacharela, a doutora que parece carregar uma maleta médica seguida por uma musicista que carrega um instrumento musical.

Na segunda fila vê-se a professora, desprovida de atrativos o homem nem a observa, mas lhe dá as costas; ao lado vê-se a parente, representando as solteironas; em seguida a capitalista sendo interpelada por um cavalheiro inclina-se para trás afastando-se da corte que ele faz; e a *sportwoman*, muito bem vestida, que caminha com seu cão tão rápido que deixa o homem para trás. Um grupo de pequenas representações aparece na parte de baixo, onde uma jovem mulher caminha seguida por vários homens que a acompanham e observam atentamente para saber se ela seria ou não feminista. E ainda um grupo de representações femininas, a datilógrafa, a bilheteira de cinema, a massagista, a manicure, a *coiffeure* e até uma curiosa e uma neutra: todas são potenciais feministas. Ou seja, a emancipação feminina com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, na educação superior e até as mulheres burguesas das altas rodas da sociedade desempenhando papéis sociais que não os de domesticidade, seriam perigosas feministas. A última representação traz a única que não seria feminista, a mulher desempenhando o papel de mãe, figura que enfeixa os estereótipos de

feminilidade e aceita seu papel convencionado como natural na vida privada. As outras jamais seriam confiáveis aos olhos masculinos enquanto estivessem ocupando espaços na vida pública e ameaçando o secular *status quo* masculino.

Figura 46: Na edição de novembro de 1017, a revista ilustrada porto-alegrense *Kodak* traz uma ilustração antifeminista intitulada "Arte de conhecer feminismos". Nas caricaturas, as representações imagéticas femininas demonstram como a emancipação feminina em curso já provocava alterações nos costumes e nas relações entre homens e mulheres.

Fonte: Kodak, 17 nov 1907. Disponível: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/46293

Com a obtenção do sufrágio as representações das mulheres feministas em caricaturas satíricas e difamatórias pelo coro antifeminista na imprensa perde seu sentido e cai em desuso; contudo, a representação imagética feminina permaneceu submetida a estereótipos de feminilidade e de objetificação. A conquista do voto não significou mudança na realidade das mulheres que seguiram oprimidas pelo patriarcado, e que atravessaram o novo século lutando por seus direitos.

O século XX testemunhou rupturas e transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, com as duas Guerras Mundiais, o Plano *Marshall*, a política social e econômica do *Welfare State*, a revolução cultural de 1968, entre outros fenômenos (HOBSBAWM, 2009). O século em questão foi além dos massacres e guerras, com o surgimento do Quarto Estado - o proletariado (HOBSBAWM, 2009) - e a emergência da mulher no protagonismo pela luta por direitos políticos e de reconhecimento da igualdade nos direitos civis, pela emancipação econômica, o controle reprodutivo de seus corpos (o controle de natalidade a partir da pílula anticoncepcional e o direito ao aborto) que resultaram em mudanças na história da mulher no que se refere a suas representações e seu papel de gênero.

Todas as classes sociais nas "sociedades desenvolvidas" (HOBSBAWM, 2099, p. 304) puderam sentir a mudança nos costumes ocidentais com a entrada da mulher no mercado de trabalho, sobretudo de mulheres casadas. Tal mudança não era uma novidade, pois desde fins do século XIX as mulheres vinham fazendo essa travessia, assim como no ingresso ao ensino superior que nos anos sessenta recebeu um grande percentual de jovens mulheres - algo muito diferente da experiência feminina na restritiva educação superior no século XIX.

Em razão dessas modificações que levaram a uma ampliação dos direitos e oportunidades do sexo feminino ao lado de um maior controle de suas identidades, este período ficou conhecido como "o século das mulheres". Em introdução à obra História das Mulheres – o século XX, volume 5 (1991), Françoise Thébaud (1991) descreve como o século foi um período em que, apesar da emancipação da mulher, o regime de representação imagética no ocidente seguiu como entrave à identidade feminina devido a pressões para se enquadrar em modelos estabelecidos através da mídia:

> É impossível conceber a história das mulheres sem uma história das representações, decifrando a decodificação das imagens e do discurso que expressa a evolução do imaginário masculino e da norma social. A esse respeito, o século XX, século da psicologia e da imagem, confirma antes de tudo que a cultura ocidental tem desenvolvido poucas maneiras de representar positivamente as mulheres (THÉBAUD, 1991, p. 25).

Foi também apenas no século XX que no plano da representação feminina o ideal foi rompido (BERGER, 1972) no campo das artes, pois as vanguardas artísticas quebraram o padrão de representação figurativo da arte acadêmica tradicional. Contudo, o paradigma da objetificação feminina migrou para meios de grande difusão como a fotografia, o *merchandising*, o jornalismo e a televisão, em sua grande maioria, protagonizados por homens. Sendo os fotógrafos "mediadores culturais" (MAUAD, 2008, p. 207) pela produção

de imagens, a imprensa capitalista difusora dessas narrativas visuais polissêmicas foi responsável por erigir como comunidade imaginada o sentido de nação.

Se a representação da feminista sufragista insubordinada e ameaçadora ficou obsoleta, a publicidade soube utilizar as representações das mulheres a favor da cultura patriarcal capitalista. São sutis dispositivos inseridos em imagens:

> que traduzem-se em instrumentos de opressão e dominação, ditam um ideal de mulher fisicamente perfeita, linda, atrativa, radiante e feliz, transformam-na em objetos sexuais, trata-se de uma violência que promove e reforça o status de subordinação das mulheres frente aos homens, são relações simbólicas carregadas de significados ideológicos reconhecidos em um determinado contexto sociocultural são imagens que condenam e trivializam. As imagens midiáticas contribuem para a formação das identidades de gênero, são representações de papéis pré-definidos, restritos e até mesmo antagônicos: as mulheres, associadas àqueles ideais de fragilidade, sensibilidade, mãe e dona de casa zelosa, características consideradas femininas, foram confinadas no âmbito doméstico, privado e familiar; os homens, em oposição ao feminino, foram sempre representados pela força, autoridade e virilidade, símbolos culturais dominantes que lhes garantiram a função de provedor, obtiveram lugares mais amplos e livres, na esfera do trabalho/público. A predominância da mulher na publicidade não é um acaso, isto se deve ao seu papel doméstico de cumprir com mais esse dever que lhe foi imposto, o de ir às compras, a manutenção do lar. Espera-se de uma boa mulher, esposa e do lar que saiba quais produtos utilizar para se ter uma casa limpa e organizada, que roupas vestir seus filhos e seu marido, por isso elas estão sempre nas propagandas, ratificando as diferenças nas representações de gênero (JARDIM; DÁVILA NETO, 2017, p. 3).

Na linguagem publicitária e na aplicação de suas estratégias, existe uma função dupla determinada para a mulher: de ser ao mesmo tempo uma consumidora e um objeto do consumo. Nas imagens publicitárias, tanto as feministas quanto as contrárias ou indiferentes à luta por direitos e equidade há um processo de identificação - e elas são estimuladas ao consumo. São propagandas que reforçam as convenções sociais de subordinação feminina. As mulheres haviam rompido barreiras antes consideradas intransponíveis ao adentrarem à vida pública no século XIX, mas em termos de equidade pouco haviam avançado no século XX. Os homens permaneciam com seus privilégios preservados. Na propaganda destinada ao público masculino, é vista uma mulher de costas, vestido, avental e sapatos de salto alto debruçada sob a pia com um pé levantado e o outro no chão, como no gestual do cinema em cenas românticas observa de dentro da cozinha, presa às tarefas femininas, a cena do lado de fora, um homem sorrindo levantando nos braços uma menina sorridente, dando a entender que se trata de pai e filha. A mensagem reforça a ideia de que a mulher foi feita para a domesticidade, para a maternidade e subalternidade.

Na legenda da peça publicitária abaixo, lemos: “As mulheres não saem da cozinha! Todos nós sabemos que o lugar de uma mulher é em casa, cozinhando uma refeição deliciosa para um homem. Mas se você ainda está curtindo a vida de solteiro e não tem uma pequena senhorita esperando por você, então vá ao *Hardee's* para algo malfeito e preparado apressadamente”. É um reforço pedagógico visual sobre os papéis feminino – privado, masculino - público na sociedade e as tarefas de cada um.

Figura 47: Publicidade norte-americana da década de 1950.

Fonte: Anúncio publicitário Hardee’s, 1950. Acesso: 02 ago 2020 - Disponível: https://www.wefashiontrends.com/fotografo-troca-mulheres-por-homens-em-propagandas-machistas-e-o-resultado-e-maravilhoso/

No Brasil, a década de 1950, período conhecido como Anos Dourados, os costumes conservadores rígidos a respeito do papel da mulher e do homem eram vigentes e preponderantes nas classes médias e nas classes altas. As mulheres deveriam casar e dedicar-se ao lar. “Ainda em termos ideais, a masculinidade era associada à força, racionalidade e coragem, enquanto eram características femininas o instinto maternal, a fragilidade e a dependência” (PINSKY, 2016). Nesse contexto, a representação feminina presente nas propagandas e fotografias de moda é a da “mulher ornamento” (RAINHO, 2012, p. 7) reforçando todas as:

> performances de gênero calcadas na feminilidade, na docilidade, numa naturalidade que é cuidadosamente construída, envolve práticas de controle

> do corpo, o uso de roupas corretas, a adequação vestimentar. A ritualização da feminilidade se dar a ver por protocolos demarcados: do olhar ao posicionamento dos braços, pernas e pés, da escolha das peças a forma de portá-las (RAINHO, 2012, p. 7).

Figura 48: Peça publicitária dos anos 1950 no Brasil do pó de arroz *Cashmere Bouquet*, muito popular entre as moças durante longo período. Na peça publicitária se lê: Um rosto bonito é sempre a atração de todos os olhares! Para ter uma cútis macia e acetinada um rosto adoravelmente feminino e sedutor... use pó de arroz *cashmere bouquet*. As jovens deveriam se esmerar no cuidado com uma aparência extremamente feminina para agradar o olhar masculino, um dever estético.

Fonte: Campanha publicitária nacional, Cashmere Bouquet, 1950. Acesso: 11 ago 2020 - Disponível: http://duduhamilton.blogspot.com/2011/06/recordando-propagandas-antigas-volume-1.html

Apesar de toda a publicidade da época reforçando o discurso dos papéis sociais binários de gênero e do direito ao voto ter sido conquistado, ainda havia mulheres nos movimentos sociais e partidários fazendo política –por exemplo, as mulheres que compunham os quadros do PCB - Partido Comunista-, que lutavam por emancipação dentro da própria agremiação[76]. Entretanto, as orientações da direção do partido foram muito distantes do que as

[76] Partido político de âmbito nacional fundado em março de 1922 com o nome de Partido Comunista do Brasil, sigla PCB. A alteração do nome para Partido Comunista Brasileiro ocorreu durante a conferência nacional realizada em agosto de 1961, e teve como finalidade facilitar o registro eleitoral do partido e sua legalização. O objetivo do PCB desde a fundação foi promover a revolução proletária no Brasil e conquistar o poder político para realizar a passagem do sistema capitalista para o sistema socialista. É o mais antigo partido político brasileiro, embora tenha atuado a maior parte de sua

mulheres compreendiam por emancipação. Para os homens dirigentes do partido era necessário "primeiro mudar a estrutura de classes e depois, em consequência, mecanicamente viriam as demais mudanças" (BLAY, 2017, p. 72). A questão não solucionada do medo das mulheres e da perda de seus privilégios e primazia na condução da sociedade pelo sexo masculino atravessou o século. Tanto para os homens de direita quanto os de esquerda, sobre as mulheres recaía a opressão declarada, o paternalismo e a tutela.

Na década de 1950, as classes médias e ricas vivenciam costumes rígidos tradicionais ditando o comportamento feminino, num país marcado pela afrontosa desigualdade social. Havia muitas organizações de mulheres no país que foram criadas pela influência do PCB. Estas organizações promoviam um trabalho de massa com a população para que lutassem contra a desigualdade social e a pobreza:

> em 1952 realizou-se a 1ª Assembleia Nacional de Mulheres, com representantes de nove estados, pela defesa dos direitos da mulher (especialmente da mulher trabalhadora) e da infância e pela paz mundial. E nesse mesmo ano realizou-se em Porto Alegre, a 2ª Assembleia Nacional de Mulheres com a presença de representantes de 18 estados. No ano seguinte, 1953, na cidade de São Paulo, houve uma manifestação contra a carestia dirigida pelas mulheres. Em 1956, foi realizada no Rio de Janeiro, de 18 a 20 de maio, a Conferência Nacional de Trabalhadoras. O governo Juscelino Kubitschek – JK – tido como democrático, suspendeu o funcionamento das organizações femininas. (TELES, 1999, p. 50)

No início da década de sessenta, o movimento de mulheres progressistas, composto por diversas organizações, empenhava-se pela reforma do código civil e pelo fim da discriminação à mulher. Entretanto, em 1964, com o início da Ditadura Civil Militar no país, foram encerradas as atividades das associações de mulheres brasileiras, inclusive as das mulheres conservadoras que convocaram que também haviam fundado suas agremiações no início da década. E foi a partir das lideranças das associações de direita que surgiu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade[77]. A partir de um discurso conservador, do medo do

---

existência na ilegalidade. Sobreviveu a todas as alterações político-institucionais por que passou o Brasil desde a década de 1920, assim como às crises internas que em muitos momentos determinaram a saída ou expulsão de vários de seus membros. Entre essas crises destacam-se as que deram origem ao novo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em 1962, às diversas organizações ligadas à luta armada, em 1968, e ao Partido Popular Socialista (PPS), em 1992". Partido Comunista Brasileiro. ABREU, Alzira. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Brasileiro. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb Acesso: 12 jun 2020.

[77] A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi "um "movimento surgido em março de 1964 e que consistiu numa série de manifestações, ou "marchas", organizadas principalmente por setores do

comunismo e contrárias às reformas de base propostas por Jango que atingiriam os privilégios de sua classe social, foram mobilizadas mulheres periféricas que compareceram em massa atendendo os apelos da ala conservadora do catolicismo.

Cabe ressaltar que a recusa das lideranças do Partido Comunista em avançar e consolidar no processo de emancipação feminina dentro da própria agremiação mantendo um regime de tutela sobre as mulheres de seus quadros contribuiu para que as mulheres progressistas não conseguissem auxiliar numa possível resposta popular de massa ao processo golpista em curso. Ainda que as conservadoras de classe média e da alta burguesia estivessem também sob tutela das lideranças masculinas do campo conservador, estes souberam tirar vantagem da situação para legitimar o golpe de 1964 como clamor popular. Apoiaram ainda amplamente todas as marchas que ocorreram sob o ideário burguês conservador de direita. Segundo Teles, "como as mulheres progressistas não estavam organizadas de maneira autônoma e consciente na defesa das conquistas populares e também dos seus próprios direitos, as forças conservadoras e reacionárias não encontraram dificuldades nessa manipulação" (TELES, 1999, p. 54).

Os ditadores que governaram o Brasil a partir do golpe de 1964 reprimiram as lideranças sindicais e os sindicatos, esvaziaram a justiça trabalhista, suprimiram o salário profissional, perseguiram trabalhadores do campo, professores, advogados, jornalistas e estudantes e os movimentos sociais organizados. Enquanto isso, procuraram angariar junto à população apoio e legitimidade ao ensaiarem:

---

clero e por entidades femininas em resposta ao comício realizado no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964, durante o qual o presidente João Goulart anunciou seu programa de reformas de base. Congregou segmentos da classe média, temerosos do "perigo comunista" e favoráveis à deposição do presidente da República. A primeira dessas manifestações ocorreu em São Paulo, a 19 de março, no dia de São José, padroeiro da família. O principal articulador da marcha foi o deputado Antônio Sílvio da Cunha Bueno, apoiado pelo governador Ademar de Barros, que se fez representar no trabalho de convocação por sua mulher, Leonor de Barros. Preparada com o auxílio da Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), da União Cívica Feminina, da Fraterna Amizade Urbana e Rural, entre outras entidades, a marcha paulista recebeu também o apoio da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. A marcha contou com a participação de cerca de trezentas mil pessoas, entre as quais Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, e Carlos Lacerda, governador do estado da Guanabara. Durante o trajeto, que saiu da praça da República e terminou na praça da Sé com a celebração da missa "pela salvação da democracia". Na ocasião, foi distribuído o Manifesto ao povo do Brasil, convocando a população a reagir contra Goulart. A iniciativa da Marcha da Família repetiu-se em outras capitais, mas já após a derrubada de Goulart pelos militares em 31 de março, o que as tornou conhecidas como "marchas da vitória". A marcha do Rio de Janeiro, articulada pela Camde, levou às ruas cerca de um milhão de pessoas no dia 2 de abril de 1964". A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar - A Marcha da Família com Deus pela Liberdade. LAMARÃO, Sérgio. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus Acesso: 14 maio 2020.

> políticas voltadas às condições de vida das camadas populares: programas de alfabetização, de assistência médico-hospitalar e de habitação. Mais uma vez, porém, tais programas reafirmam a assimetria das relações entre homens e mulheres. Antes de tudo, considera-se como público-alvo dessas políticas a família institucionalmente constituída em torno do chefe de família – única autoridade reconhecida e incontestada, único representante das necessidades e das exigências de todos os familiares" (GUIULANI, 2017, p. 642).

Nos anos setenta, as mulheres trabalhadoras do campo e da cidade começam a romper o silêncio imposto pela Ditadura. No campo, a organização feminina encontra na Igreja Católica, através da Pastoral da Terra apoiada na Teologia da Libertação, o apoio necessário para engajamento na luta política de resistência contra a opressão de latifundiários, da carestia e da ditadura. Nas cidades os "clubes de mães e os grupos de mulheres trabalhadoras nascem como uma espécie de instrumento de denúncia da ausência ou da precariedade dos serviços coletivos municipais" (GUILANI, 2017, p. 646). E em 1974 tem início o MFA - Movimento Feminino pela Anistia -, liderado pela advogada Therezinha Zerbini, que havia sido companheira de cárcere de Dilma Rousseff, que se empenhou nos bastidores pela coleta de assinaturas no abaixo-assinado pela anistia[78].

As mulheres não pediram licença para adentrar na arena política e ocupar os espaços públicos das cidades, e desafiavam pacificamente a Ditadura. Nas ruas promovem passeatas, abaixo-assinados e manifestos reivindicando melhores condições de vida, laborais e salariais. Elas ingressaram nos sindicatos, e "corajosamente começaram a falar de seus problemas. O principal deles era começar a trabalhar fora, para ajudar na manutenção da família" (TELES,

---

[78] O MFA - Movimento Feminino Pela Anistia é lançado pela advogada e ex-prisioneira política Therezinha Zerbini numa sessão do Congresso do Ano Internacional da Mulher, realizado pela ONU na Cidade do México. De volta ao Brasil, a ativista articula um manifesto nacional, reunindo mães e familiares de presos políticos e de exilados brasileiros. O MFPA foi a primeira organização a defender abertamente a anistia no país. A criadora do movimento era casada com o general Euryales Zerbini, um dos quatro oficiais-generais que resistiram ao golpe de 1964. O militar foi deposto do comando da unidade do Exército em Caçapava (SP), preso, reformado e cassado. Therezinha havia sido presa em 1970, acusada de apoiar a realização do congresso clandestino da UNE em Ibiúna (SP), em 1968. Passou seis meses no Presídio Tiradentes, onde foi companheira de cela da futura presidenta Dilma Rousseff. O manifesto do MFPA reuniu 16 mil assinaturas em todo o país, especialmente no Rio Grande do Sul. O movimento tinha existência legal e foi muito importante por abrir espaço para a militância democrática de setores da classe média que não tinham vínculos com a esquerda ou com a oposição institucional. O MFPA recebeu o apoio da igreja católica, do MDB e de entidades de classe". Mulheres iniciam luta pela anistia -Movimento Feminino reclama a volta de exilados e a libertação de presos. Memorial da democracia. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/mulheres-abrem-luta-pela-anistia Acesso: 19 maio 2020.

1999, p. 75). Foi irrompendo dos problemas privados dessas mulheres organizadas que surgiu o movimento por creches.

A partir da década de 1970, outra representação feminina auferiu novos delineamentos substituindo a imagem da sufragista, a representação da “mulher cidadã” (PINSKY, 2016, p. 539), que por meio do feminismo e movimentos sociais buscava mais espaço na vida pública. A partir desse período, a participação feminina se expandiu penetrando espaços tradicionalmente masculinos como o militar. Entretanto, o espaço político permanecia hermético para a representatividade feminina; as lutas pela emancipação e direitos iguais combatiam em várias frentes, como pela anistia e democracia, o fim da violência sexual e doméstica e contra a discriminação.

No contexto de ditadura militar na América do Sul, a mulher que recentemente foi eleita presidenta do Brasil, a economista Dilma Rousseff, como militante de esquerda, teve intensa participação política tanto na luta contra a Ditadura Militar quanto pela restituição da democracia no país. A Presidenta faz parte de uma geração de ativistas políticas pertencentes ao movimento feminista e de organizações políticas de esquerda da década de 1970 que foram denominadas de “mulheres politicamente perigosas” (PINSKY, 2016, p. 539) e que nas décadas seguintes se empenharam e engajaram pela redemocratização de seus países e ampliação do espaço político menos desigual, uma demanda que permanece atual no século XXI.

Na imagem abaixo, num comício em Porto Alegre, no ano de 1988, aparecem Leonel Brizola, Carlos Araújo e Dilma Rousseff, membro fundadora da AMT – Ação Mulher Trabalhista do PDT -, no palanque com os demais companheiros do partido. Dilma faz parte da geração de mulheres da representação da mulher cidadã. E foi extremamente atuante na reconstrução da democracia nacional e na ampliação de direitos para mulheres, participando de atos políticos como da fundação do PDT, de comícios do partido e de movimentos sociais. Na fotografia abaixo, Dilma Rousseff participa de um comício em Porto Alegre no palanque com seu ex-marido Carlos Araújo e o presidente do PDT, Leonel Brizola em 11 de novembro de 1988.

Figura 49: Dilma Rousseff, Carlos Araújo e Leonel Brizola em comício em Porto Alegre.

Fonte: Loir Gonçalves/Agência RBS, 11 nov 1988 – Acesso: 12 ago 2020 - Disponível:https://www.thaisagalvao.com.br/2012/06/03/do-ex-da-presidente-a-dilma-foi-o-meu-maior-amor/

Cabe ressaltar que no decorrer do século XX, a sociedade contemporânea foi cada vez mais inundada por imagens capturadas por meios técnicos de produção, apreensão, divulgação e circulação. Essa profusão de representações imagéticas faz crer que a palavra não é mais a forma predominante de se ler, ou apreender o mundo ocidental globalizado, segundo Nicholas Mirzoeff (2004). Neste ínterim, "o turbilhão de imagem, o ver é bem mais do que crer. Não é apenas parte da vida cotidiana, é a vida cotidiana" (FABRIS, 2007, p.31). As representações femininas seguiram atreladas ao discurso do marketing publicitário. Os estereótipos de feminilidade ampliavam os lucros da indústria da beleza e a objetificação feminina estava vinculada à venda de toda ordem de produtos.

O século XX presenciou a organização do movimento feminista no decorrer das décadas, as frentes de lutas eram muitas e apartadas do Quarto Estado, o proletariado[79]. A imagem da mulher cidadã que surgiu a partir da era dos modelos flexíveis após anos 1960, promoveu "uma série de transformações que levaria a enormes mudanças nas imagens da mulher" (PINSKY, 2016, p.513) que seguia padrões de comportamento rígidos abrindo espaço para identidades plurais.

O direito ao corpo e do corpo ao espaço público estava se sedimentando em ritmos distintos na sociedade ocidental. Na América do Sul, a partir dos anos 1964, as mulheres participaram ativamente da luta contra ditaduras militares, inclusive na luta armada como o

[79] Na obra A Era dos Extremos, o breve século XX: 1914 – 1991, o historiador Eric Hobsbawm analisa as transformações pelas quais passaram as classes operárias industriais – o quarto estado, no decorrer do século vinte em decorrência das mudanças nos modos de produção e exploração do trabalho, até chegar "na fronteira cada vez mais difusa entre trabalho "braçal" e trabalho "não braçal" que "borraram e dissolveram os contornos antes claros do proletariado (HOBSBAWM, 2009, p. 304).

caso da economista Dilma Rousseff no Brasil (AMARAL, 2011, p.60), da médica Michelle Bachelet no Chile como militante do Partido Socialista (SUBERCASEAUX; SIERRA, 2005, 62) a partir de 1973, bem como da advogada e militante política Cristina Kirchner (RUSSO, 2011, p. 144). Nos anos 1980, com a redemocratização gradativa na região do cone sul, no campo político, as mulheres se organizaram frente à necessidade de se melhorar as condições de vida. Eram os movimentos de trabalhadoras da cidade e do campo conquistando arduamente direitos que secularmente haviam disso negados às mulheres.

Entretanto, no campo da representatividade imagética, o corpo feminino está perenizado numa rede de discursos "atuante que alia gênero, arte e poder, que produz efeitos em nossas práticas e em nossos modos de ver desfavorecendo sistematicamente as mulheres" (LOPONTE, 2008, p. 155). O advento da fotografia que, na primeira metade do século XIX revolucionou a possibilidade de registro e documentação visual, também incorporou a "pedagogia do feminino" (LOPONTE, 2008). Ela, a fotografia, potencializou-se com a rápida circulação, atingindo a todas as classes sociais por meio de jornais, revistas e posteriormente pela televisão, cinema e a internet nos séculos XX e XXI.

Para Susan Sontag (2004), num mundo regido por imagens fotográficas, "todas as margens ("enquadramento") parecem arbitrárias; tudo pode ser separado, pode ser desconexo, de qualquer coisa: basta enquadrar o tema de um modo diverso" (SONTAG, 2004, p. 32). Assim, o corpo das mulheres foi apropriado pela fotografia publicitária como objeto de consumo e suporte para mercadorias, difundindo estereótipos do ideal de feminilidade e das identidades de gênero.

Conforme destaca Annateresa Fabris (2009), quando o ser humano é o objeto de uma foto, essa imagem está na categoria do político "na medida em que as fotografias são usadas para controlar opiniões ou influenciar ações" (FABRIS, 2009, p. 417) alcançando o imaginário coletivo. Devemos considerar que o ingresso das mulheres na política não é corriqueiro em nenhum lugar, quer se trate dos partidos, do legislativo ou executivo, além de ser uma profissão masculina engendrada e organizada no masculino analisa assim Perrot (1998),

> A política em suas formas de sociabilidade molda também a expectativa do público, eventualmente decepcionado por ser representado por uma mulher, porque tem a sensação de ser desvalorizado ou menos bem representado (PERROT, 1998, p. 130).

Michelle Perrot, na obra *Mulheres Públicas* (1998), em fins do século XX, afirma que não há nada de corriqueiro na entrada de mulheres na política em parte alguma. Pois a política "é uma profissão dos homens, concebida e organizada no masculino. Em seus ritos, em seus ritmos, em seus horários, em suas formas de sociabilidade, em sua apresentação de si, que molda também a expectativa do público" (PERROT, 1998, p. 130) que pode se sentir decepcionado e sub-representado por uma mulher.

O espaço político no Brasil século XX foi uma fronteira difícil de ser transposta, e ainda assim poucas foram as mulheres que chegaram a ocupar um lugar de representatividade política. A explicação para Perrot está no tempo histórico de longa duração, nas três ordens da Idade Média: "o militar, o religioso, o político" que "constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, são os centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo que o símbolo da diferença dos sexos" (PERROT, 1998, p. 117). O medievo não foi favorável às mulheres, principalmente com a sacralização do poder eclesiástico: "A Idade Média é máscula" (PERROT, 2016, p. 151). Durante o Antigo Regime, as mulheres são cambiadas como bens de acordo com o interessa das linhagens em casamentos consagrados pela Igreja. Quando se tornam rainhas, estas excepcionalmente alcançam a regência. A Revolução Francesa concede direitos civis, mas não políticos às mulheres. Apesar de terem participado ativamente da dissolução da monarquia para a construção da República, tiveram o direito à própria voz cassado e nenhum direito político. O acesso ao poder militar às mulheres francesas ocorreu em 1970, "pelo desempenho científico das mulheres (...) não é muito surpreendente que o militar resista menos às mulheres que o político. Mas convém distinguir os escalões hierárquicos" (PERROT, 1998, p. 135). O espaço religioso católico permanece cerrado à inserção feminina.

No Brasil, apenas em 1992 a ordem militar abriu espaço para a inclusão de mulheres na Escola de Administração do Exército no estado da Bahia. Em 2012 apenas uma mulher ascendeu ao nível de oficial-general nas Forças Armadas do Brasil, a contra-almirante da Marinha, Dalva Maria Carvalho Mendes[80]. No âmbito religioso, o país é de maioria declarada católica, religião que permanece hermeticamente fechada ao ingresso de mulheres como sacerdotes[81].

---

[80] Sobre Elas: Só uma mulher chegou ao nível mais alto da carreira militar. BECKER, Clara. 18 mar 2018. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/03/18/sobreelas-mulher-forcas-armadas/ Acesso: 20 ago 2019.

[81] Diversidade religiosa é marca da população brasileira. Governo do Brasil. 24 jan 2018. Disponível em: http://legado.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/01/diversidade-religiosa-e-marca-da-populacao-brasileira Acesso: 20 abr 2019.

Mas, e o espaço político brasileiro a partir da Nova República? O processo de redemocratização propiciou um novo horizonte para as mulheres através do movimento feminista e de organizações de mulheres dentro dos partidos de esquerda como a AMT – Ação Mulher Trabalhista do PDT - fundada por Dilma Rousseff com outras mulheres do partido, dentre outros movimentos de mulheres sem vinculação político partidária e em sindicatos. O que impulsionou a ampliação e diversificação das demandas femininas. Segundo Eva Blay (2017):

> mulheres das mais diversas tendências se uniram e fizeram forte *lobby* pela aprovação da igualdade constitucional entre homens e mulheres, no casamento, na relação com os filhos e aos bens materiais. Forças feministas se uniram num esforço preparatório para a Constituinte finalmente aprovada em 1988. Consagrando-se a maioria das demandas igualitárias com algumas exceções – por exemplo os direitos reprodutivos, o aborto, etc. – graças à força dos segmentos religiosos conservadores (BLAY, 2017, p. 88).

Apesar dos esforços das mulheres para participar ativamente da política nacional após a redemocratização no último quartel do século XX, "a sub-representação social e política das mulheres são faces de uma mesma moeda. As mulheres têm *status social* mais baixo do que os dos homens, em decorrência de seu mais baixo *status ocupacional*. Elas se encontram em ocupações de menor prestígio e rendimento" (AVELAR, 2001, p. 29) na sua grande maioria. A desigualdade na representação política é um reflexo de uma sociedade patriarcal que opera pela opressão, discriminação e baixa estrutura de oportunidades para as mulheres. E essa realidade não está circunscrita apenas ao Brasil.

O documento formulado através da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing (Pequim) em 1995, ressaltava entre outras coisas que, no campo da representação imagética feminina "o que se vê é a propagação de imagens estereotipadas da mulher, sem se atentar para a real situação do crescimento da desigualdade social em todo o mundo que tem afetado particularmente as mulheres" (AVELAR, 2001, p. 43)[82]. Ou seja, em todos os aspectos as mulheres são desfavorecidas na sociedade patriarcal capitalista, em que o machismo é o *modus operandi* que atravessa as relações de poder e gênero, discursos e a práxis social em cada país em seus diferentes graus de opressão e exclusão feminina.

---

[82] Intitulada "Ação pela Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz, a Conferência de Pequim partiu de uma avaliação dos avanços obtidos desde as conferências anteriores (Nairobi, 1985; Copenhague, 1980, e México, 1975) e de uma análise dos obstáculos a superar para que as mulheres possam exercer plenamente seus direitos e alcançarem seu desenvolvimento integral como pessoas. Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher - Pequim, 1995. VIOTTI, Maria Luiza Ribeiro. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf Acesso: 19 ago 2019.

Para Biroli (2017), a "política é *atualizada* como espaço masculino". A história do espaço público e das instituições políticas modernas é a história da acomodação do ideal de universalidade à exclusão e à marginalização das mulheres e de outros grupos subalternizados (BIROLI, 2017, p. 172). Observando o percurso das sufragistas e feministas de fins do século XIX e início do século XX, da "mulher cidadã" (PINSKY, 2016) nas últimas décadas do XX até os primeiros decênios do XXI, é possível constatar que entraves de ordem simbólica, material e institucional que obstaculizam a inserção da mulher na política representativa, não recuaram com o passar do tempo.

As mulheres tiveram que enfrentar os mecanismos de exclusão para ocupar espaços em partidos políticos, movimentos sociais e sindicatos. E com a:

> redemocratização, as fronteiras entre a atuação no âmbito estatal e o ativismo dos movimentos se tornaria mais porosa, devido aos novos dispositivos de participação. A permeabilidade inédita do Estado com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo federal em 2003 abriria um novo capítulo na relação entre os movimentos feministas e o Estado (BIROLI, 2017, p. 191).

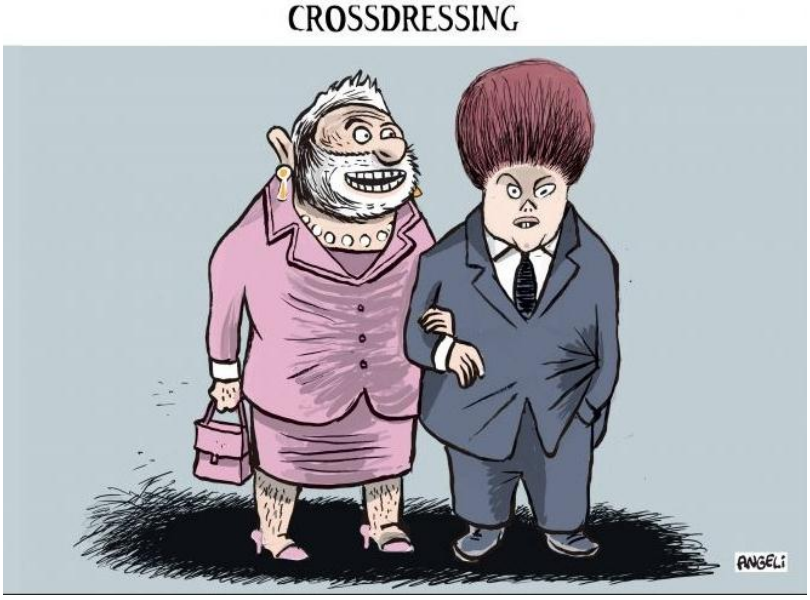
Esse é o espaço encontrado pelas mulheres que ingressam na vida política: um espaço de costumes masculinos e de tradições machistas, em que suas imagens públicas serão construídas pelo fotojornalismo na mídia impressa. Levando em consideração que os fotógrafos são "mediadores culturais" (MAUAD, 2008, p. 207), estes produzem a imagem pública das mulheres no poder, que é adequada a partir da linha editorial dos grandes jornais. Dessa forma, como o periódico *O Globo* trabalha a imagem pública da "mulher politicamente perigosa" (PINSKY, 2016, p. 539), no caso, Dilma Rousseff? Durante sua atuação como ministra do governo Lula, sua imagem foi sendo elaborada e construída pelo fotojornalismo. Tais representações contam com o fator polissêmico das fotografias, que ao estarem na capa de um jornal recebem camadas de sentidos permitindo inferências ao leitor que são guiadas por manchetes e textos, que muitas vezes não estão vinculados às fotos.

Cabe considerar ainda que a chegada de Dilma Rousseff ao primeiro escalão do governo federal no decorrer dos governos Lula desencadeou uma série de representações imagéticas da mulher emancipada e protagonista política através das charges nos jornais. Os chargistas recuperaram o discurso imagético antifeminista de fins do século XIX e início do século XX. Dilma foi representada de maneira muito similar à imagem da mulher cabeçuda, masculinizada, raivosa ou em posição de subalternidade como governanta ou empregada doméstica sendo então personificado na figura da presidenta da República (PARNAÍBA,

2014). Isso simbolizava na época uma ameaça ao poderio masculino e gerava grande ansiedade e medo no homem burguês (GAY, 1988) com sua eleição; mostrou-se perene na resistência à mulher que eleita governaria o país.

Numa das charges do cartunista Angeli, logo após o resultado das eleições em 2010, Dilma é representada masculinizada, com o terno e sapatos masculinos. Enquanto Lula aparece com um traje completo de primeira-dama. A provocação do cartunista alcançava o leitor masculino, com a chegada de uma mulher no poder: como ficariam os papéis masculinos? Pois Dilma Rousseff estaria preparada para exercer o poder, intimidando os homens. Exatamente o tipo de pavor que o homem burguês vitoriano do XIX sentia com a emancipação e participação feminina na vida pública e política.

Figura 50: *Crossdressing*



Fonte: Angeli/FSP – 31/10/2010 - Acesso: 11 nov 2018 - Disponível em: https://eleicoes.uol.com.br/2010/album/101031vencedores_album.jhtm?abrefoto=49

Para Luciana Loponte (2008, p.156), “as imagens dizem muito, nos produzem, nos sonham” reforçando perenes estereótipos femininos que já foram desconstruídos por Beauvoir (2016, p. 11) ao afirmar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. A partir disso a cultura patriarcal se impõe através do senso comum cerceando e castrando as possibilidades da constituição plena de um sujeito. De acordo com Judith Butler (2016), “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2016, p.18); ou seja, desconstruindo, assim, a ideia de um sujeito unitário e apontando pela diversidade de identidades de gênero.

4.2 De guerrilheira a presidenta: a representação imagética da mulher politicamente perigosa

As fotos além de uma interpretação, assim como as pinturas e a escrita, "não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir" (SONTAG, 2004, p.15). A fotografia parece estar imune a todo tipo de desconfiança quando transita pelo imaginário social, tanto que há imagens que se tornaram símbolos de um determinado momento, enfeixando em si um conjunto de valores não apenas visuais, mas também éticos e estéticos (FABRIS, 2007). Dessa forma, é importante desvendar as relações e a história por detrás dessas fotografias (MAUAD, 2008) compreendendo "a criação, a divulgação e a manipulação das imagens é muito importante. Dominá-las confere poder" (PINSKY, 2017, p.541).

Em 05 de abril de 2009, num domingo, o jornal Folha de S. Paulo publicou em sua capa uma ficha do DOPS atribuída à ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff[83]. A ficha trazia em seu conteúdo uma diversidade de ações armadas que ela e as organizações clandestinas de esquerda às quais pertencera haviam praticado. E ilustrava uma reportagem a respeito da atuação da VAR-Palmares em 1969, cujo título propiciava a inferência de que a ministra seria partícipe ou uma das mandantes: Grupo de Dilma planejava sequestrar Delfim[84]. Além dessa matéria, a mesma edição trazia uma longa entrevista com Rousseff, tendo como um dos títulos internos,

> "Ex-guerrilheira é elogiada por militares e vista como 'cérebro' do grupo", classificando a personagem principal da matéria taxativamente como 'guerrilheira'. Também ressaltando o ponto de vista de um ex-agente do regime, o militar da reserva Maurício Lopes Lima, ex-capitão do exército e integrante da OBAN, que buscava, prendia e torturava militantes da resistência. Para o jornal, entre as palavras de um agente da ditadura e as de Dilma, prevaleceram as do militar (ALENCAR, 2012, p. 32).

---

[83] A Folha de S. Paulo é um "jornal paulista diário em circulação com este nome desde o início da década de 1960. Foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados *Folha da Noite, Folha da Tarde* e *Folha da Manhã*. FOLHA DE S. PAULO. COHN, Amélia; HIRANO, Sedi; MONTALVÃO, Sérgio. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo Acesso: 11 jan 2020.

[84]No período referido da reportagem, Delfim Netto havia sido ministro da fazenda no governo Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1973), e da agricultura durante o governo Figueiredo (1979-1967), além de embaixador do Brasil na França (1974-1978) no governo Geisel. DELFIM NETO. MAYER, Jorge Miguel; LEMOS, Renato; CORREIA, Maria Letícia. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-delfim-neto Acesso: 23 jan 2020.

Segundo Ricardo Amaral (2011), a ministra chefe da casa civil entrou em contato com o jornal contestando a matéria e afirmando se tratar de uma ficha falsa. A Folha de S. Paulo cerca de duas semanas após o episódio reconheceu ter se equivocado ao publicar documentos que haviam sido recebidos via e-mail, mas não reconheceu que se tratava de uma fraude. "Autenticidade da ficha de Dilma não é provada" foi o título da retratação (AMARAL, 2011, p. 188) afirmando que não podiam assegurar o conteúdo da ficha, mas também não seria possível rechaçar a mesma - ainda que o material recebido pelo jornal tivesse sido periciado por duas equipes da Unicamp e da Unb e que ambos os laudos atestassem que se tratava de uma fraude ordinária e havia sido produzida a partir de computação gráfica.

Figura 51a: Na capa do jornal Folha de S. Paulo, de 5 de abril de 2009, uma ficha do DOPS atribuída à ministra Dilma Rousseff, a ficha dotava de veracidade a matéria que afirmava que a organização política de esquerda a qual Dilma pertencia durante o regime ditatorial havia planejado sequestrar Delfim Netto.

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

DOMINGO, 5 DE ABRIL DE 2009

EDIÇÃO SÃO PAULO, CONCLUÍDA ÀS 22H00 ★ R$ 4,00

história

Ficha de Dilma Rousseff no Dops

CAPTURADO

Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto

FERNANDA ODILLA

Antonio Spinoza, ex-colega da ministra (Casa Civil), diz que o grupo armado que dirigiram teve como alvo o titular da Fazenda em 1969.

A ação chegou a ter data e local definidos. Um mapa da emboscada consta de processo no STM. Dilma, hoje aliada de Delfim, negou de forma "peremptória". "Ele fantasiou. Não me lembro disso."

Brasil gasta com 'spread' 2,5 vezes o orçamento da Saúde

Estudo calcula que pessoas físicas e jurídicas pagaram R$ 134,5 bi em 2008

Em 2008, os brasileiros gastaram R$ 134,5 bilhões em "spread" bancário —diferença entre a taxa paga pelo banco e a que é aplicada em empréstimos a consumidores. O valor é duas vezes e meia o orçamento do Ministério da Saúde no período.

Segundo estudo feito pela Fecomercio-SP (Federação do Comércio do Estado de SP), as pessoas físicas foram responsáveis por R$ 85,4 bilhões do total, e as empresas, por R$ 49,1 bilhões. O "spread" bancário no Brasil é o mais alto do mundo.

No cálculo do "spread" estão impostos, risco de inadimplência, custos e lucro.

Considerando empréstimo pessoal de R$ 1.000 a ser quitado em um ano, dos R$ 604 que o cliente de banco pagava de juros em 2008, R$ 475 equivaliam ao "spread".

O governo Luiz Inácio Lula da Silva criou um grupo que reúne técnicos do Ministério da Fazenda e do Banco Central para estudar maneiras de reduzir a margem bancária. Para especialistas, a diminuição vai demandar tempo.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo – 05/04/2009 - Disponível: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17863&keyword=PAULO&anchor=5198296&origem=busca&originURL Acesso: 17 fev 2020.

A ficha falsa trazia fotos reais de Dilma do período de sua prisão política, e fazia parte do conteúdo de um site chamado Ternuma – Terrorismo Nunca Mais[85]. O site foi criado por

[85] O Ternuma - Terrorismo Nunca Mais, foi um grupo criado em 1998. Atualmente o site do grupo está desativado, e algumas informações estão disponíveis num blog pessoal. "A entidade, cujo nome traz a referência ao livro *Brasil: Nunca Mais* e ao grupo Tortura Nunca Mais, foi organizada em 1998, segundo seus integrantes, por "um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas. O objetivo, exposto no site do grupo, é "resgatar a verdadeira história da Revolução de 1964 e, mais uma vez, opor-se a todos aqueles que ainda teimam em defender os referenciais comunistas, travestidos

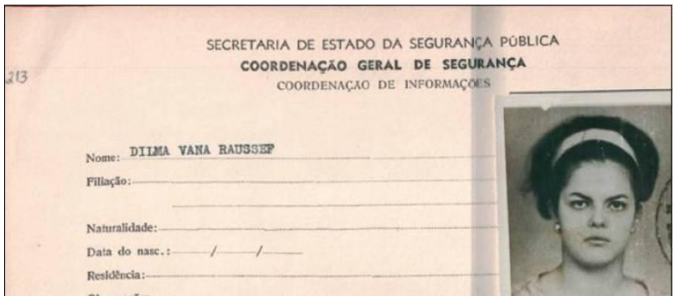
um grupo de militares e civis frequentadores do Clube Militar do Rio de Janeiro. Que é mais um, dentre outros grupos descontentes com a narrativa histórica e jornalística sobre o governo militar após o fim da Ditadura. Tentam reescrever a história e a memória social do período refutando todos os depoimentos, relatórios, livros, documentários e documentos sobre torturas e desaparecimentos de opositores do regime, corrupção e demais índices de fracasso econômico e baixos índices do desenvolvimento em que os militares entregaram o Brasil à sociedade civil. Acusam a mídia, partidos de esquerda e movimentos sociais de denegrirem a imagem das Forças Armadas perante a população brasileira. Eles seriam os verdadeiros representantes da democracia - os opositores é que tentaram impor uma ditadura comunista no país.

Cabe ressaltar a discrepância entre a ficha falsa produzida por defensores da Ditadura Militar do site Ternuma e a ficha original do DOPS, bem como a óbvia intenção de macular o passado de Dilma Rousseff. Enquanto a falsificada traz a fotografia de Dilma após sua prisão e tortura na Oban, a ficha verdadeira apresenta fotografias de Dilma como uma jovem moça de classe média como tantas de sua geração. Essas fotos guardam o trabalho de investigação da repressão sobre a jovem militante obrigada a viver na clandestinidade sob diversas identidades falsas.

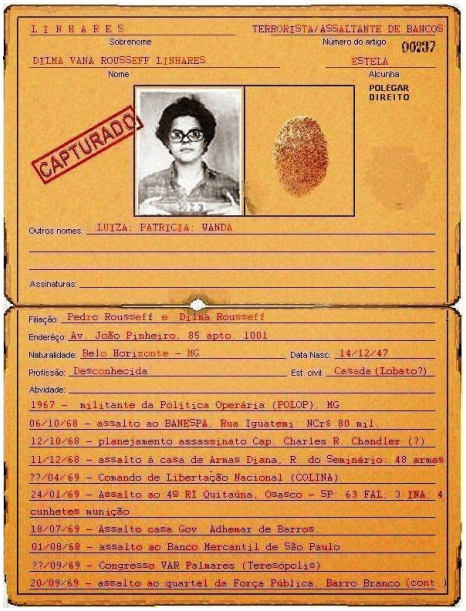
Figura 51b : Na primeira imagem se vê uma foto de Dilma jovem, seu sobrenome está com a grafia errada e o restante dos dados em branco. A ficha faz parte do arquivo da COVEMG - Comissão da Verdade de Minas Gerais. Ao lado, a ficha falsa produzida pelo site Ternuma, publicada na primeira página do jornal Folha de S. Paulo.

---

como se fossem democráticos. Integram o Ternuma por volta de 150 pessoas, militares da reserva e civis que se reúnem em algumas ocasiões no Clube Militar. Apesar de ter sido criado oficialmente em 1998, o nome do grupo surge muito antes de sua fundação. A expressão Terrorismo Nunca Mais nomeia a quinta parte do livro *Rompendo o Silêncio*, do coronel da reserva Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos fundadores do grupo" (SANTOS, Eduardo; ALVES, Vagner. 2009). A trincheira da batalha da memória - a versão dos grupos de civis e militares da reserva. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mesthis/abed/anais/EduardoHelenodeJesusSantos.doc Acesso: 11 fev 2020.


SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
COORDENAÇÃO GERAL DE SEGURANÇA
COORDENAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Nome: DILMA VANA RAUSSEF
Filiação:
Naturalidade:
Data do nasc.: / /
Residência:


LINHARES — TERRORISTA/ASSALTANTE DE BANCOS
Sobrenome — Número do artigo 00237
DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES — ESTELA
Nome — Alcunha
POLEGAR DIREITO
CAPTURADO
Outros nomes: LUIZA; PATRICIA; WANDA
Assinaturas:
Filiação: Pedro Rousseff e Dilma Rousseff
Endereço: Av. João Pinheiro, 85 apto. 1001
Naturalidade: Belo Horizonte - MG — Data Nasc. 14/12/47
Profissão: Desconhecida — Est. civil: Casada (Lobato?)
Atividade:
1967 - militante da Política Operária (POLOP), MG
06/10/68 - assalto ao BANESPA, Rua Iguatemi: NCr$ 80 mil.
12/10/68 - planejamento assassinato Cap. Charles R. Chandler (?)
11/12/68 - assalto à casa de Armas Diana, R. do Seminário: 48 armas
22/04/69 - Comando de Libertação Nacional (COLINA)
24/01/69 - Assalto ao 4º RI Quitaúna, Osasco - SP: 63 FAL; 3 INA; 4 cunhetes munição
18/07/69 - Assalto casa Gov. Adhemar de Barros
01/08/68 - assalto ao Banco Mercantil de São Paulo
??/09/69 - Congresso VAR Palmares (Teresópolis)
20/09/69 - assalto ao quartel da Força Pública, Barro Branco (cont.)

Fontes: Divulgação COVEMG/MG e Blog Transparência Política/ reprodução – 11/03/2011 - Disponível: https://noticias.r7.com/minas-gerais/veja-fotos-das-fichas-de-dilma-e-pimentel-na-ditadura-militar-13122017 e https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de- campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html Acesso: 17 fev 2020.

Com a ficha falsa seria possível legitimar perante a opinião pública uma prisão política e colocar em questão a veracidade do testemunho sobre a tortura de uma inimiga do regime identificada como perigosa terrorista. Segundo Jakson Alencar (2012), a ficha falsa produzida pelo grupo Ternuma, antes de ganhar destaque na capa do jornal Folha de S. Paulo, já circulava em sites e correntes de e-mails apócrifos.

> A publicação da ficha é a parte mais visível do episódio. Há outro aspecto menos visível e mais grave: a tese central de toda a reportagem, segundo a qual a resistência à ditadura é criminosa e não o regime totalitário e violento, implantando de maneira ilegal, implicando o fechamento do Congresso, o descumprimento da Constituição, prisões políticas, torturas, mortes, cerceamento das liberdades políticas e de expressão. Vladimir Safatle afirma que devemos dizer "em alto e bom som: toda ação contra um governo ilegal é uma ação legal. Um Estado ilegal não pode julgar ações contra si por ser ele próprio algo mais próximo de uma associação criminosa" (SAFATLE e TELES *apud* ALENCAR, 2012, p. 95).

A ficha falsa do DOPS de Dilma Rousseff publicada na capa do periódico Folha de S. Paulo, que foi "oposição às candidaturas e ao governo Lula" (ALENCAR, 2012, p. 30), foi amplamente denunciada pelos sites e blogues alternativos de informação que expuseram a meia retratação do jornal. Isso repercutiu em outros veículos midiáticos nacionais, evitando que o episódio alcançasse maiores proporções, ainda que continuasse sendo compartilhada por correio eletrônico, sites e redes sociais, numa tentativa "assumida de criar uma imagem

negativa" de Dilma Rousseff como pré-candidata à presidência da República. O jornal paulista ao utilizar:

> uma fonte no mínimo duvidosa, o enquadramento dado à matéria e a recusa em esclarecer o caso são demonstrativos incontestes de que o jornal assumia um lado na eleição, recorrendo para isso até mesmo a estratégias e formas de atuação heterodoxos, capazes de provocar fortes abalos em sua credibilidade (ALENCAR, 2012, P. 97)

4.3 A representação da mulher politicamente perigosa forjada pela Ditadura Militar

No ano de 2014, a diretora de cinema Anita Leandro lançou o documentário histórico *Retratos de Identificação*, com o apoio da CNV – Comissão Nacional da Verdade[86]. Resultado de uma pesquisa arquivística nos antigos órgãos das polícias políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, do Superior Tribunal Militar e do acervo das famílias Schreier e Lara Barcellos. A partir das imagens dos guerrilheiros, Antônio Roberto Espinosa, Chael Charles Schreier, Maria Auxiliadora Lara Barcellos e Reinaldo Guarany, a narrativa fílmica costura a memória oficial da repressão com a memória pessoal e social coletiva dos sobreviventes[87]. Na produção, eles revivem os anos de chumbo, a tortura, o cárcere, o assassinato de Chael, o exílio, e o suicídio de Dodora[88]. Estes últimos, Dodora e Chael, foram dois dos melhores amigos de Dilma Rousseff.

---

[86] A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV teve por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. "Em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, a presidenta Dilma Rousseff deu posse aos sete integrantes da comissão: Cláudio Fonteles, Gilson Dipp, José Carlos Dias, João Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro e Rosa Maria Cardoso da Cunha. Na ocasião, Dilma ressaltou que eles foram escolhidos pela competência e pela capacidade de entender a dimensão do trabalho que vão executar." A instalação da Comissão Nacional da Verdade. CNV. 16 maio 2012. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv/57-a-instalacao-da-comissao-nacional-da-verdade.html Acesso: 21 mar 2020.

[87]Memória para Jacques Le Goff é a "propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. (...)A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. (...). Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo (SILVA; SILVA, 2005, p. 275).

[88]Antônio Roberto Espinosa "foi comandante da VAR e VAR-Palmares, Chael Charles Schreier e Maria Auxiliadora Lara Barcelos eram também integrantes da organização Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), e foram presos no dia 21 de novembro de 1969. "Dora, ou Dodora, como era chamada, e Chael foram vítimas de torturas severas. Ela passou por choques elétricos e palmatórias nos seios e Chael morreu, por conta dos pontapés levados, 24 horas após os

Assim como parte das fotos apresentadas no documentário de Anita Leandro, a fotografia de Dilma Rousseff, produzida pelos agentes da Ditadura na ficha do DOPS pertence ao gênero *mugshot*, que numa tradução livre do inglês seria retrato falado ou foto de ficha policial. No filme, os registros fotográficos, *mugshots*, atendiam a função de "fichar, documentar e condenar os resistentes políticos" que com o transcorrer do tempo e da memória coletiva da ditadura se materializariam "na prova cabal dos crimes cometidos pelos militares brasileiros" (LESSA FILHO, 2019, p. 103). No caso da foto de Dilma na ficha falsificada do DOPS, ocorreu uma inversão: a fotografia serviu para resgatar a narrativa do regime, de que Dilma era uma perigosa criminosa, uma terrorista - e ter sido capturada e condenada pela Ditadura confirmava através da ficha falsificada que a prisão era legítima.

Figura 52: O *Mugshot* ou fotografia de ficha policial de Dilma Rousseff no DOPS. Dilma aparece de cabelos curtos, óculos de grau de lentes grossas e camisa xadrez, segurando o que seria a placa de identificação. Seu semblante sério e triste, e encara a câmera fotográfica.

---

maus tratos. Depois do sequestro do embaixador suíço no Brasil, Giovanni Bucher, Dora entrou na lista dos 70 presos políticos banidos para o Chile como moeda de troca. Lá, ela deu suas declarações sobre as torturas sofridas no DOPS a um documentário intitulado *Brazil: A Report on Torture* (1971). Após o governo do ditador Augusto Pinochet ter impedido que ela continuasse seus estudos no Chile, Dora migrou para a Bélgica e conseguiu asilo político na Alemanha Oriental, em 1974. Em 1976, precisou ser internada numa clínica psiquiátrica em Spandau devido a problemas de amnésia. Embora tenha recebido alta, atirou-se nos trilhos de um trem na estação de metrô Charlottenburg, em Berlim Ocidental, em 1º de junho de 1976, morrendo instantaneamente". Reinaldo Guarany era integrante da ALN, foi banido no mesmo grupo para o Chile. Com Dodora viveram como casal até seu suicídio em 1976". Maria Auxiliadora Lara Barcelos. Biografias da resistência. Memórias da ditadura. Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/maria-auxiliadora-lara-barcelos/ Acesso: 03 mar 2020.

Fonte: Arquivo DOPS – Acesso: 13 no 2019. - Disponível: http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dilma-rousseff/

De acordo com Maria Claudia Badan Ribeiro (2018), a representação do estereótipo do guerrilheiro pressupõe armas em punho. O que não existe nas fotografias de Dilma Rousseff no contexto da Ditadura Militar e em nenhum outro. Dilma fez parte da direção das organizações clandestinas de esquerda nas quais atuou primeiramente no setor de comunicação, produzindo jornais e mantendo contato com sindicatos. E depois na reestruturação da VAR ao se fundir com a VPR, e ainda no campo da inteligência planejando ações para levantar fundos. Ela também recebeu treinamento paramilitar no exterior e aprendeu a manipular armamentos, mas devido a miopia rigorosa nunca atuou em ações armadas como assaltos a bancos e sequestros.

Há uma peculiaridade nas maneiras encontradas por mulheres brasileiras ao resistir e combater a repressão. Em sua pesquisa, Ribeiro (2018) identificou que durante a Ditadura houve diversas formas de militância política, que apontam "para a existência de uma complexa rede de oposição à ditadura civil-militar tecida por mulheres" (RIBEIRO, 2018, p. 14). Mulheres que no campo oposto ao da vanguarda da guerrilha, urbana e rural, também escaparam do estereótipo do guerrilheiro. Elas atuaram tanto como membros das organizações políticas clandestinas de esquerda, quanto como simpatizantes da causa e:

> desempenharam uma variedade de funções que ganharam pouca ou quase nenhuma ênfase na historiografia. A resistência à ditadura se configurou

> como uma série de atos isolados, não premeditados e que se organizaram a partir de decisões pessoais ou da cumplicidade e solidariedade de familiares, conterrâneos ou de pessoas que estavam contra a violência de Estado. Suas atividades nem sempre foram lidas pela repressão como "subversivas" ou "políticas", e muitas delas não figuraram como suspeitas nos documentos da repressão, nem tiveram prisão preventiva decretada. (RIBEIRO, 2018, p. 16)

Ao produzirem uma ficha falsa de Dilma Rousseff como uma perigosa guerrilheira, que foi publicada na capa de um dos grandes jornais brasileiros, havia a intenção associar a imagem da ministra ao status de criminosa. Exatamente num período que se avizinhava das eleições presidenciais. Além da ficha falsa do DOPS, também circulou na internet desde 2009 uma outra fotografia falsificada. Dessa vez, haviam incluído uma arma ao fundo numa foto de Dilma quando era secretária municipal de Fazenda do governo Alceu Collares, entre 1986 e 1989. Para tornar crível a narrativa de que Dilma havia cometido todos os crimes listados na ficha falsa, buscaram associa-la a estereotipia do guerrilheiro com armas nas mãos, uma legítima terrorista. Entretanto, sites de verificação de notícias desde 2013 denunciam que a fotografia se tratava de uma montagem grosseira.

Figura 53: Colocadas, lado a lado, a fotografia verdadeira de Dilma quando era secretária de Fazenda no governo municipal de Alceu Collares, e ao lado a falsificação bastante desfocada onde se vê a montagem ao fundo com um rifle.

Fonte: Zardo/Agência RBS, 1988. Arte Uol, 2019 – 23/04/2019 - Acesso: 17 jan 2020. Disponível: https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2019/04/23/montagem-falsifica-imagem-e-coloca-fuzil-ao-lado-da-ex-presidente-dilma.htm

As combatentes do regime ditatorial e do capitalismo, "mulheres politicamente perigosas" (PINSKY, 2016, p. 539), como Dilma Rousseff, dentro ou fora das organizações

clandestinas de esquerda se inventaram como sujeitos. Assumiram e reivindicaram o protagonismo de suas vidas e da vida política do país. A ousadia e coragem delas era recebida como uma afronta pelos agentes da repressão. Transgressoras de todos os padrões tradicionais conservadores de gênero que ainda se impunham como modelo às mulheres na época, "a repressão política abateu-se sobre elas sem meios termos"[89] (JOFFILY, 2009, p. 78).

Através dos relatórios sobre práticas de tortura física e psicológica praticadas por agentes da repressão tanto em mulheres quanto em homens, que estão registrados em números nos relatórios do *Brasil: nunca mais,* sabe-se que no total de pessoas avultadas pela violência de Estado, 11,3% corresponde ao sexo feminino. Entretanto, ao adentrarem no campo do combate político, e lutarem lado a lado com os homens, estas procuraram:

> vencer as barreiras encontradas dentro do próprio seio das organizações no sentido de afirmar seu potencial de reflexão e de ação política, essas mulheres foram alvo da repressão, como seus companheiros homens. É nesse sentido que a repressão política das ditaduras militares foi "igualitária" (JOFFILY, 2009, p. 79).

Isso quer dizer que a violência praticada pelos agentes das forças coercitivas do Estado ditatorial brasileiro sobre mulheres e homens não eram muito diferentes. Para Mariana Joffily (2009), através dos informes do *Brasil: nunca mais,* no capítulo sobre a tortura em crianças, mulheres e gestantes, "lê-se: o sistema repressivo não fez distinção entre homens e mulheres. O que variou foi a forma de tortura. (....) Por serem do sexo masculino, os torturadores fizeram da sexualidade feminina objeto especial de suas taras" (BRASIL: NUNCA MAIS *apud* JOFFILY, 1985, p. 46). A tortura sexual também foi aplicada nos presos políticos do sexo masculino. Entretanto, as presas do sexo feminino enfrentaram uma tortura de gênero, ou seja, a potência daquelas "mulheres politicamente perigosas" (PINSKY, 2016, p. 539) que participaram da vanguarda da luta armada ou na retaguarda das organizações subversivas de

---

[89] Nicole-Claude Mathieu na obra, Dicionário crítico do feminismo, organizada por Helena Hirata (2009), afirma que, "de modo geral, opomos o sexo, que é biológico, ao gênero (*gender*), que é social. (...). As sociedades humanas, com uma notável monotonia, sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas) no corpo social como um todo. Elas lhe aplicam uma gramática: um gênero (um tipo) "feminino" é culturalmente imposto à fêmea para que se torne uma mulher social, e um gênero "masculino" ao macho, para que se torne um homem social. O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociossexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais (Tabet, 1985/1998). Outros aspectos do gênero – diferenciação da vestimenta, dos comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, desigualdade de acesso aos recursos materiais (Tabet, 1979/1998) e mentais (Mathieu, 1985b/1991ª) etc. – são marcas ou consequências dessa diferenciação social elementar".

esquerda eram uma verdadeira afronta não apenas ao Estado ditatorial, mas principalmente aos agentes da repressão.

Elas desafiavam todas as convenções e despertaram um o medo e um ódio muito maior que as sufragistas e feministas despertaram nos homens burgueses em fins do século XIX e início do século XX (GAY, 1988). Foram submetidas a torturas num processo de virilização e desumanização, como se fossem combatentes de um exército inimigo feitas prisioneiras de guerra como acontece com os homens. O que nesse "contexto histórico representou um momento de confusão das fronteiras de gênero, como costuma ocorrer em tempos de guerra e situações excepcionais" (JOFFILY, 2009, p. 84).

Na concepção dos militares, "o terrorista não era um cidadão comum, como tal, não merecia que lhes fossem aplicados os dispositivos previstos na Convenção de Genebra para tratamento dos feridos e dos prisioneiros de guerra" (JOFFILY, 2009, 87). Ao categorizar os militantes de esquerda como terroristas, o regime podia eximir-se do cumprimento dos tratados internacionais, inclusive os do sexo feminino. "O reconhecimento da mulher como oponente de fato não era o suficiente para apagar uma hierarquia de gênero que, no final das contas, as ditaduras militares reforçaram veementemente" (JOFFILY, 2009, p. 88).

Dessa forma, identifica-se um caráter inerente de gênero na repressão política. A Ditadura Militar sustentava hierarquicamente um modelo rígido de papéis de gênero que reafirmava a subordinação feminina aos homens. Nessa conjuntura, as consequências da coibição do regime "foram vivenciados de modo distinto por mulheres e homens, uma vez que ocupavam posições diferenciadas no sistema de gênero" (JOFFILY, 2009, p. 85). Assim, a nudez no cárcere e na sessão de tortura diante dos torturadores, significava para as mulheres uma grave humilhação.

Cabe aqui retomar a entrevista que Dilma deu à Folha de S. Paulo, que fora publicada na edição de 05 de abril de 2009 - a mesma edição da ficha falsa. Nessa entrevista, Rousseff falou sobre sua experiência no combate à Ditadura Militar, a atuação nas organizações clandestinas de esquerda, e retomou memória da tortura e o cárcere político. O jornal apoiou, como *O Globo* e demais veículos de imprensa da época, o Golpe Militar contra o governo de João Goulart e permaneceu fiel ao ideário conservador liberal (BARBOSA, 2007). A narrativa da mulher politizada e perigosa era reverberada nos jornais legitimando tal narrativa. Em um determinado momento do depoimento a entrevistadora da Folha de S. Paulo levanta a possibilidade da uma autocrítica e um *mea* culpa por aqueles que haviam combatido o regime de exceção, criminalizando as vítimas de torturas e prisão política como Dilma:

> FOLHA: A senhora faz algum *mea* culpa pela opção pela guerrilha?
> DILMA: Não. Por quê? Isso não é ato de confissão, não é religioso. Eu mudei. Não tenho a mesma cabeça. Seria até caso patológico. As pessoas mudam na vida, todos nós. Eu não mudei de lado não, isso é um orgulho. Eu mudei de métodos, de visão, inclusive por causa daquilo eu entendi muito mais coisas.
> FOLHA: Como o quê?
> DILMA: O valor da democracia, por exemplo. Por causa daquilo, eu entendi os processos absolutamente perversos. A tortura é um ato perverso. Tem um componente da tortura que é o que fizeram com aqueles meninos, os arrependidos, que iam para a televisão. Além da tortura, você tira a honra da pessoa. Acho que fizeram muito isso no Brasil. Por isso que, minha filha, esse seu jornal não pode chamar a ditadura de ditabranda, viu? Não pode não. Você não sabe o que é a quantidade de secreção que sai de um ser humano quando ele apanha e é torturado. Você não imagina. Porque essa quantidade de líquidos que nós temos, que vai do sangue, a urina e as fezes aparecem na sua forma mais humana. Então, não dá para chamar isso de ditabranda não (ROUSSEFF, 2009, p. A8-A10).

Em 2014, estreou também a série documental de Susanna Lira, *Mulheres em Luta* (2004), exibido pelo canal fechado GNT, que apresentou em cinco episódios, ex-militantes de esquerda que combateram a Ditadura Militar[90]. Dentre as ex-presas políticas e sobreviventes da tortura que prestam depoimentos do que vivenciaram, a professora universitária Jesse Jane, ex-militante da ALN, afirma "o que eu acho de um dos problemas que nós vivemos nos centros de tortura, porque a tortura com as mulheres era uma coisa específica"; e a artista plástica Rioco Kayano, ex-militante do PC do B, complementa o raciocínio ao rememorar:

> você percebia que eles, claro, tinham ódio de todo mundo. Com a mulher ficava mais (...) externavam o ódio, dava pra perceber o ódio que eles tinham porque aquela ideia de que mulher está aí para servir o homem, ficar em casa, pra cuidar da cozinha sabe (...). Então, nós éramos demais pra eles, né?!? Imagina, então ainda querer fazer revolução?!? (...) E aí eles faziam tudo pra humilhar a mulher! (KAYANO, 2014, 14:41)

As questões de gênero ficam muito bem marcadas na tortura praticada pelos agentes da repressão. A visão da mulher como subalterna do homem, dedicada ao lar e a família, obediente e dócil para os padrões convencionados adotados pelo patriarcado eram colocados em questão quando aquelas jovens mulheres militantes de esquerda e até freiras eram

---

[90] A série documental Mulheres em Luta, dirigida por Susanna Lira, é uma séria de cinco episódios sobre mulheres brasileiras que pegaram em armas, foram presas e também construíram suas histórias a partir de suas atitudes contrárias ao regime ditatorial. Entre as personagens estão a cineasta Lucia Murat. A advogada Rita Sipahi, a filósofa Estrella Boahdana, a professora Jesse Jane, a artista plástica Rioco Kayano, a professora Fatima Setúbal, a médica Iná Meireles e a jornalista Rose Nogueira. GNT estreia "Mulheres em Luta", da Modo Operante. 23 mar 2014. Disponível em: http://bravi.tv/gnt-estreia-mulheres-em-luta-da-modo-operante/ Acesso: 16 mar 2020.

capturadas e entregues nos centros de tortura. A professora Jessie Jane prossegue em seu depoimento no documentário:

> e a maneira como eles lidavam conosco era a maneira na verdade de nos desconstruir como mulher, como que aqueles homens naquele universo castrense, masculino, machista entendiam e nos desconstruíam como tal. Não era nem um problema ali de sentido ideológico e político, entendeu? Era mesmo da cultura do macho sobre uma mulher ali naquele espaço. E todas as mulheres em maior ou menor grau, digamos, tortura sexuais. (JANE, 2014, 9:35)

Dilma Rousseff é mencionada pela ex-militante da Polop e POC, professora de filosofia, Estrella Bohadana, que perdeu o movimento das pernas após as sessões de tortura no quinto episódio do documentário *Mulheres em Luta*. Estrella recorda:

> eu cheguei na cela já entrando, mais em processo que depois foi culminar em coma. E lá estava uma companheira chamada Dilma. Na época eu não sabia que ela ia ser presidenta. Ela realmente fez um escândalo. Obrigou praticamente os policiais a me internarem. E aí eu fui internada no HCE (BOHADANA, 2014, 21:47)

Para aguardar julgamento, Dilma foi transferida para o Presídio Tiradentes, onde 13 celas coletivas foram destinadas a presos políticos. A ala feminina destinada às presas políticas ficava num dos edifícios do presídio, denominado Torre das Donzelas[91]. Na Torre imperava a solidariedade entre as presas políticas, e Dilma é lembrada por uma companheira uruguaia, Maria Cristina Uslendi, militante do Partido Socialista do Uruguai, que aderiu a luta contra a ditadura para estar ao lado de seu namorado brasileiro e foi torturada em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. “Voltei do inferno inúmeras vezes e sempre que voltava à minha cela encontrava Dilma de braços abertos, me amparando, me ajudando a usar a latrina quando não tinha forças, me dando sopinhas de colher na boca, me cedendo a parte de baixo do beliche” (AMARAL, 2011, p. 78).

---

[91] No presídio Tiradentes, “no edifício mais antigo, duas escadarias, em curvas suaves e opostas, conduziam até as celas das presas políticas. Pela arquitetura, pelo isolamento no patamar superior e pela condição feminina de sua população, tornou-se a Torre das Donzelas (a capacidade de ironizar a própria desgraça ajuda a manter a mente sã na cadeia, ensinam prisioneiros de todos os tempos) (AMARAL, 2011, p. 77). No documentário de Susanna Lira, Torre das Donzelas (2018), as mulheres que participam do filme descobrem através da diretora que a ala feminina do presídio Tiradentes destinada às presas politicas recebeu o nome Torre das Donzelas pelos presos políticos do presídio. Todas ficaram perplexas pela razão do título ter partido de seus companheiros de luta e o rejeitaram, pois aquelas que lá se encontravam, privadas da liberdade não tinham nada de donzelas.

Em 2018 foi lançado o documentário *Torre das Donzelas*, também dirigido por Susanna Lira[92]. O filme documental reúne mulheres, como Dilma Rousseff, que resistiram e combateram a Ditadura Militar, na retaguarda ou na vanguarda armada e foram presas e torturadas pela repressão. Algumas delas haviam sido presas por serem companheiras de adversários do regime, nunca tendo participado de alguma ação política ou armada. Em sua maioria, mulheres que assumiram e reivindicaram o protagonismo de suas vidas e da vida política do país.

Em seu depoimento no documentário de Lira (2018), Dilma falou pela segunda vez sobre a tortura e analisa como as questões de gênero estavam presentes na violência dos agentes do Estado:

> a nudez é muito pior pra mulher do que pro homem, principalmente porque torturador era só homem, eu nunca tive uma torturadora mulher. Eu acho também que o uso de toda aquela terminologia machista, sexualizada, filha da puta, puta, essas coisas né?!? O baixo calão, o uso da condição feminina como uma coisa degradada. A tortura feminina devia ser adaptada aos preconceitos que eles tinham (ROUSSEFF, 2018, 13:05)

E Dilma prossegue rememorando:

> a pior parte da tortura é quando falavam: "_Se você não falar, daqui ah... ah... daqui uns quarenta minutos eu volto, a senhora pensa aí direitinho". Essa espera é aonde que você tem de se controlar, porque é aí que você pode ruir. E só tem um jeito com o medo. Você tem de se enganar. Eu não conheço ninguém que pensou assim, agora eu sou um baita herói e vou ficar sem falar durante as próximas 24 horas. Faz isso não que você se dá mal. Você faz outra coisa, eu agora aguento cinco minutos numa boa. E aí chegou ao final dos cinco minutos você aguenta mais uns três, numa boa, e vai indo, e vai indo (ROUSSEFF, 2018, 16:04).

Dilma recorda que a situação de insegurança total que qualquer opositor à Ditadura sofria ao ser preso. Primeiro por estar na clandestinidade, e segundo porque na OBAN não havia registro algum da prisão, nem fotográfico e nem digital. A OBAN era o local onde a violência das torturas eram ainda maiores pela urgência de arrancar informações dos presos para desmontar as organizações políticas clandestinas. No DOPS os presos eram fichados, colhiam impressões digitais e então havia o sentimento de existir dentro do sistema de

[92] O documentário Torre das Donzelas (2018) "traz relatos inéditos da ex-presidente Dilma Rousseff e de suas ex-companheiras de cela do Presídio Tiradentes, em São Paulo, durante a ditadura militar. Detidas ali entre o fim dos anos 1960 até 1972, quando o presídio foi desativado, as entrevistadas falam sobre as torturas a que foram submetidas, mas também sobre as amizades criadas, descobertas da sexualidade, maternidade, alimentação e a busca pela liberdade". Torre das donzelas. IMS/Instituto Moreira Salles. Disponível em: https://ims.com.br/filme/torre-das-donzelas/ Acesso: 19 set 2020.

repressão e do judiciário militar. “A OBAN era um inferno, eu fiquei, acho que dois meses pra mais na OBAN. Que aí eu saí da OBAN e fui pro DOPS. Você ia pro DOPS e eles falavam que o DOPS era o purgatório, você fazia cartório lá” (ROUSSEFF, 2018, 17:25). Dilma continua o relato, “então eles falavam que era o inferno, o purgatório e o céu, que era o Presídio Tiradentes, ou seja, uma gradação fantástica” (ROUSSEFF, 2018, 17:54).

A ex-presa política Dulce Maria em um de seus depoimentos no documentário Torre das Donzelas (2018) declara, “eles foram muito mais violentos por ser mulher, realmente eles tiveram muito ódio, até dizer uma coisa assim pra mim: “_Você é macho, ‘cê aguenta”!” (MARIA, 2018, 13:43). Esse método de virilização das mulheres pelos torturadores e interrogadores da repressão retirava as camadas de estereótipos de feminilidade normalizando a tortura em mulheres, dessa forma equiparadas, na condição de guerrilheiras, aos presos homens. Assim, era impedida toda:

> a possibilidade de criar uma identificação entre as presas políticas, que não excluía mulheres grávidas. Esse processo permitia que se evitasse a possibilidade de criar uma identificação entre a presa política e a imagem feminina afetivamente próxima da mãe, da irmã, da filha ou da esposa (JOFFILY, 2009, p. 84).

Nos depoimentos das ex-presas políticas, além dos relatos do horror da tortura, e da privação e solidão do cárcere, também revelam o machismo dentro das organizações políticas clandestinas de esquerda. A historiadora Iara Prado analisa, em depoimento no documentário de Lira (2018), o contexto e quais foram as muitas motivações para as mulheres se engajarem na luta contra a Ditadura Militar:

> a atividade política era uma atividade de homens. Naquela faixa etária que a gente se encontrava, enfim, a gente foi a geração *baby boom*, a geração pós 1946, que foi contra o nazismo, que tinha como heroínas as mulheres que queimaram sutiã em praça pública e carregavam as armas dos revolucionários franceses, e dos espanhóis da guerra espanhola, quer dizer, esse era o universo que a gente queria entrar (PRADO, 2018, 45: 23).

O comportamento de muitos dos companheiros de luta expressava os valores e privilégios de sua classe, homens de esquerda que não reconheciam a capacidade, autonomia e coragem delas, assim como os de direita e agentes do regime de exceção:

> a resistência à ditadura militar rompeu as barreiras tradicionais da sociedade na medida em que colocou em contato militantes de várias origens sociais, vindas de vários horizontes econômicos, políticos e culturais. Muitas mulheres possuíam diplomas importantes, haviam realizado cursos

> universitários, eram funcionárias públicas bem colocadas no mercado de trabalho enquanto outras, mal sabiam ler (RIBEIRO, 2018, p. 413).

As militantes vivenciaram a revolução sexual e enfrentaram também na esquerda o machismo, a discriminação e o silenciamento. A economista Leslie Beloque, no documentário Torre das Donzelas (2018), recordou os argumentos comumente usados pelos companheiros de luta: "quando começaram os treinamentos, mulher não vai porque menstrua. Quando começam a instalar as guerrilhas, mulher não vai porque pode ficar grávida. (...) realmente não era simples, era uma coisa de homem" (BELOQUE, 2017, 30:19).

Em seu depoimento para Maria Cláudia Badan Ribeiro (2018), no livro *Mulheres na luta armada,* Leslie Beloque narra o conservadorismo dos agentes do DOPS ao se depararem com uma mulher combatente, no caso ela mesma, no momento de sua prisão:

> Eu morava em uma pensão, quando eles abriram o guarda-roupas e um deles disse: "Nossa você tem roupas boas." O que isso quer dizer? É que: "Nossa como uma vadia... Então você não é uma vadia, mas você é quase igual a mim, você é do mesmo seguimento de classe, classe média, talvez da mesma extração social, como é possível você estar envolvida na militância?" Foi a primeira coisa que me chamou atenção a respeito das condições horríveis ali, mas eu também fiquei espantada na hora, e disse: Por que esse espanto? Mas essa expressão dele: "Nossa você tem roupas boas". Significa: "Então você não é uma vadia." (BELOQUE *apud* BRIBEIRO, 2018, p. 423).

O rompimento com a educação conservadora e tradicional feminina pelas militantes de esquerda que desafiavam o ordenamento social patriarcal e combatiam o regime, intensificava o processo extremamente violento das sessões de tortura. "Nesse terreno desproporcional, onde os conflitos e a militarização também reforçavam os estereótipos sexistas, quando o corpo ganhou a cena como campo de forças em disputa na diferenciação de papéis de gênero" (RIBEIRO, 2018, p. 423). Esse comportamento feminino emancipado e combativo mobilizava o medo e ódio nos homens (GAY, 1988) por confrontar o propósito da Ditadura em garantir a manutenção da família, da moral e bons costumes e a propriedade privada.

No livro *Mulheres que foram à luta armada,* de Luiz Maklouf Carvalho (1998), a ex-presa política Vera Silvia Magalhães narrou suas memórias dos tempos de luta armada e prisão e tortura. Pertencente ao MR-8, e conhecida na imprensa e pela repressão como a "loura dos assaltos", participou do sequestro do embaixador norte-americano, Charles Burke Elbrik[93]. Vera relata que foi torturada por três meses, e recorda com orgulho de uma resposta

[93] O MR-8, Movimento Revolucionário 8 de outubro "nome adotado sucessivamente por dois grupos revolucionários que pretendiam derrubar, através da luta armada, o regime militar instaurado no Brasil

aos torturadores enquanto tomava choques elétricos pendurada no pau-de-arara, “minha profissão é ser guerrilheira!” (MAGALHÃES *apud* CARVALHO, 1998, p. 171).

Vera sobreviveu ao exílio, ao tiro que levou na cabeça e atravessou o couro cabeludo ao ser capturada e às sessões de tortura. Mas as sequelas da violência sofrida perduram em tratamentos de saúde necessários dada a sua condição física. Ela recordou o momento em que ainda baleada, em meio a um cerco policial com um revólver calibre 38 descarregado na mão sendo agredida por chutes e coronhadas pelos policiais: “de repente chegou um policial, me levantou no colo e disse: a minha filha tem a sua idade. Por que você está fazendo isso?” (MAGALHÃES a*pud* CARVALHO, 1998, p. 180). A atitude do policial identificando em Vera a razão de seu afeto, sua filha, era justamente o que os torturadores eram treinados para não ver e associar. Assim como não compreender a dimensão de sujeito político com engajamento nas causas sociais e políticas da jovem militante, Vera, e de todas as outras mulheres que se engajaram na guerrilha urbana e rural.

Além de ter enfrentado a virilização no cárcere político, Vera recorda a discriminação enfrentada para ser aceita na organização e chegar a ocupar um lugar na direção geral: “eu era a única mulher no meio de sete homens. Fiz um puta esforço para chegar lá. A minha militância política foi uma batalha, porque, além de tudo, havia o preconceito machista” (MAGALHÃES a*pud* CARVALHO, 1998, p. 172). E assim analisa a participação feminina na luta armada:

> para nós, mulheres, a militância era uma faca de dois gumes: era uma forma de afirmação social e era também uma vivência de confusão entre a recusa à dominação e o reconhecimento das diferenças. A tentativa de uma troca igual quase sempre dava em uma troca desigual. Chamávamos nossos namorados de companheiros e essa palavra significava tudo que desejávamos. Mesmo que nem nós, mulheres, nem eles, homens, tivéssemos conseguido realizar o companheirismo e muitas frustrações tivessem se acumulado. Tentávamos uma forma de relação afetiva igualitária para já. Éramos jovens e, porque tínhamos tempo, tínhamos urgência. (MAGALHÃES a*pud* CARVALHO, 1998, p. 173)

---

em abril de 1964. O dia 8 de outubro corresponde à data da morte de Ernesto “Che” Guevara, líder da Revolução Cubana assassinado na Bolívia em 1967 quando preparava núcleos guerrilheiros para dar início à revolução socialista nesse país. O primeiro MR-8, formado por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no estado do Rio de Janeiro, atuou no centro-oeste do Paraná e foi praticamente dizimado pela polícia em agosto de 1969. O segundo MR-8, criado nesse ano também por antigos membros do PCB, integrantes da chamada Dissidência da Guanabara, persiste até os dias atuais”. Movimento revolucionário 8 de outubro (mr-8). ABREU, Alzira Alves de; MASCARENHAS, Lícia. FGV/CPDOC – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-revolucionario-8-de-outubro-mr-8 Acesso: 23maio 2020.

Segundo Carvalho (1998), Vera escreveu um livro com a ex-guerrilheira Yeda Salles, no qual fazem uma análise da participação feminina na luta contra a Ditadura Militar:

> olhar para o nosso passado – nosso, das mulheres que foram até o fim nas experiências, questionamentos, lutas que estavam em pauta naqueles anos – significa ver cicatrizes e uma bem pesada bagagem: o sentimento de que sobrevivemos a nós mesmas, às nossas mais caras crenças, ao companheirismo e afeto da relação entre os militantes, aos amigos mortos ou destruídos de outras formas. (MAGALHÃES; SALLES a*pud* CARVALHO, 1998, p. 181)

Dentro e fora, antes, durante e depois das organizações clandestinas políticas de esquerda, as mulheres reinventaram-se como sujeitos da própria história pessoal, e interferiram atuando na vida política do país. No documentário *Torre das Donzelas* (2018), os anos de cárcere no Presídio Tiradentes foram um momento de recomposição para as presas políticas. Temporalidade em que criaram, ainda que em privação da liberdade, uma micro-sociedade, onde foi possível experienciar na própria subjetividade, e no coletivo, uma forma de viver e sobreviver com as próprias regras de convívio e solidariedade. No filme fica claro como os afetos fazem a política e torna potente a luta.

Essas transgressoras, como Dilma Rousseff e demais companheiras de luta, que pegaram em armas ou sustentaram a resistência na retaguarda, e tomaram à força, ainda que por pouco tempo, a liberdade de decidir sobre si e intervir na vida política do país, perseguidas e combatidas com extrema violência pelo regime de exceção, são as:

> mulheres politicamente perigosas, (...) militantes de esquerda que combateram o regime militar e o sistema capitalista. Nos anos 1980, as lutas pela "igualdade na diferença", pela maior penalização da violência sexual (maus tratos, estupro, assédio, incesto), pelo fim das discriminações, contra o aumento do custo de vida e a favor da democracia e meio ambiente trouxeram luz a figura da "mulher politizada", comprometida com as causas do seu tempo (PINSKY, 2016, p. 539)

A imagem de Dilma Rousseff, na ficha falsa do DOPS, condensada apenas no seu *mugshot,* enfeixa em si a representação da transgressão e da ousadia de enfrentar a Ditadura e toda uma cultura conservadora patriarcal, os valores defendidos pelo regime. Isso também potencializou o medo e o ódio dos agentes da repressão que empregaram a barbárie da tortura para aniquilar as organizações políticas de esquerda, a luta armada e a dignidade daquelas que atreveram a interferir nos rumos políticos do país.

4.4 A representação da mulher politicamente perigosa atualizada

A construção da imagem pública de Dilma Rousseff não começou quando tomou posse em seu primeiro mandato em 2011, ou quando seu nome foi lançado como candidata à presidência da República em 2009. Antes de ser eleita presidenta, e mesmo antes de assumir o Ministério de Minas e Energia ou se tornar ministra chefe da Casa Civil, Rousseff já havia percorrido uma trajetória política na burocracia estatal no estado do Rio Grande do Sul e como assessora parlamentar. Entretanto, sua imagem como secretária municipal de fazenda, ou secretária estadual de minas e energia não repercutiram na construção midiática de sua imagem pública.

Esse constructo imagético se deu no decorrer de sua atuação como ministra nos dois mandatos do presidente Lula. E a palavra precedeu a representação imagética nessa elaboração que se deu através da cobertura fotojornalística de Dilma Rousseff. Nesse caso específico, foi através da palavra guerrilheira, mais precisamente ex-guerrilheira. Esta foi a representação que, por meio da palavra, marcou o início da construção de sua imagem pública. A representação que ecoava de seu passado militante contra a Ditadura Militar.

A representação da guerrilheira, ou da mulher politizada e perigosa (PINSKY, 2016) que emergiu nos anos 1970, foi atualizada em Dilma quando ela recebeu o convite para comandar o Ministério de Minas e Energia. A imagem da ex-presa política, guerrilheira ou terrorista para os agentes da Ditadura esteve presente antes mesmo da ficha falsa do DOPS ser publicada na capa da Folha de S. Paulo no ano de 2009. Em 2003, logo quando tomou posse no ministério, o jornal *O Globo* publicou uma matéria com uma entrevista com a ministra. O título da matéria: *O poder de fogo de uma ex-guerrilheira*; as imagens utilizadas na matéria eram de Dilma durante seu discurso de posse, e não da entrevista que havia sido concedida pelo telefone.

Figura 54: Dilma Rousseff ministra de Minas e Energia. Caderno de Economia do jornal O Globo. Fotógrafo: Marco Antônio Teixeira (03/01/2003). Data: 19/01/2003

O poder de fogo de uma ex-guerrilheira

Fonte: Acervo O Globo – 19/01/2003 - Acesso: 15 abr 2019 - Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+ministra+de+minas+e+energia

Nas páginas internas do jornal *O Globo*, no caderno de economia, uma matéria destinada a traçar o perfil da ministra de Minas e Energia obteve a entrevista por telefone e utilizou fotografias de outro momento de Dilma. Na escolha das fotografias para a matéria, Dilma Rousseff aparece como uma ministra austera, a gestora mandona. Ainda estava no início do primeiro governo Lula e a representação imagética já estava ajustada ao discurso da "mulher-política combatente" (BARBARA; GOMES, 2010, p.76) que foi sendo reafirmado no decorrer dos anos.

A partir do gestual capturado pelo fotojornalista na sua característica do instantâneo e nas opções dos ângulos escolhidos, as imagens da ministra em sua linguagem corporal de gesticular livremente e sua expressividade facial marcante enquanto falava foi uma fonte inesgotável para novas fotografias que permitiram essa inferência com a mulher combativa, destemperada, a guerrilheira. O título da matéria contextualiza e complementa as fotografias na página do caderno de economia de 19/01/2003.

O processo de construção de imagem pública foi analisado por Leila Bárbara e Maria Carmem Aires Gomes (2010) no artigo *A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais.* As autoras analisaram como a mulher política que se tornaria a primeira presidenta eleita foi representada através de processos

verbais na mídia - o que falavam sobre a mulher política em questão, e ainda o que Dilma dizia sobre si mesma. E concluíram que:

> aqueles que de Dilma Rousseff falam, nos dados, vão desde jornalistas, cientistas políticos e econômicos, ministros, médicos, eleitores e até amigos. Em muitas matérias, os atores acima referidos são chamados a tecer opiniões ora sobre a ministra Dilma, ora sobre a pré-candidata, ora sobre Dilma militante política. Muitas vezes, essas opiniões se associam não às características sócio - culturais tradicionalmente atribuídas à mulher (doação, sacrifício e afetividade), mas à do homem (competição, luta e racionalização/tecnicismo) e talvez seja esse deslocamento que cause estranhamento àqueles que a representam como uma mulher política austera, reforçando a imagem da mulher-política combatente, "sargentona", mandona, chefe.
> Sensibilidade, ternura, emoção, pureza não surgem como atributos e qualificadores da "natureza" feminina de Dilma Rousseff-ministra, mas sim traços de rispidez, austeridade e agressividade, caracterizando uma imagem de sujeito-político-mulher, com potencialidades masculinas. (BARBARA; GOMES, 2010, p.76).

O discurso midiático analisado pelas autoras, associado ao fotojornalismo, mostra-se afinado na construção da representação imagética de Dilma Rousseff, ao analisar as imagens produzidas da ministra. Apesar do objetivo inicial desse trabalho não tivesse sido analisar as imagens produzidas e publicadas de Dilma enquanto ministra e candidata, não se pode ignorar que já havia uma narrativa construída sobre a imagem da mulher política antes de sua eleição e reeleição à presidência da República. Nos anos de 2009 e 2010, Jakson Alencar (2012) aferiu que no jornal Folha de S. Paulo as características atribuídas, naqueles anos respectivamente, a Dilma Rousseff foram de uma mulher de diversas caras, devido à intervenção estética e ao tratamento contra o câncer, e uma candidata sem preparo para os debates, em diversas matérias publicadas sobre Rousseff. O que induzia os leitores a identificarem na imagem de Dilma uma ministra, candidata e política inconsistente, volúvel e despreparada para governar.

Aqui se faz necessário pontuar e analisar a relação entre a manchete e a mensagem fotográfica. Jorge Pedro Sousa (2000) analisa que "para se abordar o fotojornalismo tem-se que pensar numa combinação de palavras e imagens" (SOUSA, 2000, p. 11), considerando-se que as primeiras devem complementar as segundas contextualizando-as nessa elaboração. O caráter foto jornalístico da fotografia é a notícia: "o texto jornalístico – seja ele textual, ou visual – reconta a realidade através de um formato próprio, organizando os acontecimentos e transformando-os em informação e notícia" (MELLO BRANDÃO TAVARES; FERREIRA VAZ, 2005, p. 129).

Faz-se necessário ressaltar que no próprio jornal, “tanto nas imagens quanto nos textos – jornalistas e fotógrafos nunca estão sozinhos. As fontes e suas falas, os personagens fotográficos e suas ações, deixam clara a existência de um processo narrativo dinâmico e polifônico no qual se inserem os narradores oficiais do jornalismo” (MELLO BRANDÃO TAVARES; FERREIRA VAZ, 2005, p. 129). O jornal tem a função de mediação numa rede comunicativa de sentidos que não podem ser apreendidos por neutralidade ou imparcialidade. Essa questão da imparcialidade no jornalismo praticado pelo grupo O Globo, proprietários do jornal *O Globo*, cujas fotografias de capa de Dilma Rousseff são objeto de investigação dessa pesquisa, já foi problematizada e analisada anteriormente e está amplamente inserida nesse contexto.

Assim, a fotografia impressa no jornal “torna-se uma munição para o jornalista, que busca dar sempre veracidade àquilo sobre o que escreve. A foto funciona no jornal como se fornecesse provas” (MELLO BRANDÃO TAVAREZ; FERREIRA VAZ, 2005, p. 131). Para Susan Sontag, a fotografia estabelece um vínculo de procedência com a verdade, como se “determinada coisa de que ouvimos falar, mas que nos suscita dúvidas, parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia. Uma das variantes da utilidade da câmara fotográfica está em que seu registro denuncia” (SONTAG *apud* MELLO BRANDÃO TAVARES; FERREIRA VAZ, 1981, p. 5).

Os acontecimentos transformam-se em notícias a partir de uma metodologia de produção que envolve “percepção, seleção e transformação de uma matéria prima num produto” (TRAQUINA, 1993, p. 169). Para além de relatos corriqueiros, as notícias produzidas numa empresa privada jornalística, como *O Globo,* são o resultado final de um processo que compreende um jogo de disputas e negociações. O estudioso do campo da linguística e da análise crítica do discurso, Teun A. Van Dijk (2008), em sua obra, Discurso e Poder, ao relatar sobre o próprio trabalho de campo como pesquisador na mídia impressa assim relata:

> na minha própria experiência de campo sobre racismo e a imprensa, nenhum pesquisador conseguiu acesso às reuniões editoriais de um jornal, ao menos nenhum que eu tenha conhecimento. (DIJK, 2008, p. 22).

A fotografia na capa do jornal não foi escolhida de modo aleatório: ela possui uma função, apresenta-se num determinado formato, detém uma intenção. Dialoga com a manchete num mútuo esforço de legitimação e validação. A potência comunicacional e

informativa do fotojornalismo e do jornal extrapola o impresso circula nos portais de notícias da internet e através de outros suportes:

> "a página de jornal exposta na banca, se insere no contexto dos pequenos itens que compõem o desenho visual urbano, cuja referência de diálogo permutativo mais forte são o *outdoor*, o cartaz de parede, a publicidade colada no para-brisas de ônibus e tantos outros expedientes usados para veicular mensagens em espaços públicos (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 132).

Segundo Amaral (2011), com relação à pesquisa encomendada pelo Partido do Trabalhadores em junho de 2009, quase todo o país sabia que Dilma havia sido escolhida por Lula para sucede-lo, e viam Dilma como "a sombra de Lula" (AMARAL, 2011, p. 221). A campanha política teria que dar conta de apresentar Dilma ao eleitorado como a sucessora legítima do presidente mais bem avaliado da história do país. A imprensa e defensores da Ditadura Militar já estavam construindo a imagem pública de Dilma - imagem que esteve em disputa até o seu segundo mandato interrompido num processo de impeachment sem crime de responsabilidade.

A imagem da guerrilheira ressurgiu em 16 de agosto de 2010, véspera do início da propaganda eleitoral gratuita na televisão e no rádio[94]. A revista Época trouxe então, em sua capa, o *mugshot* de Dilma de quando fora fichada nas dependências do DOPS - foto que fora publicizada pelo jornal Folha de S. Paulo, jornal o qual havia publicado a ficha falsa produzida pelo grupo Ternuma. Com o título *O passado de Dilma*, a revista trazia de volta a imagem da guerrilheira justamente num momento em que a campanha de Dilma havia optado por não utilizar seu passado de combatente e ex-presa política da Ditadura Militar.

Figura 55: Na capa da revista Época, na edição 639, de 16/08/2010, figura o *mugshot* do registro do DOPS de Dilma Rousseff ao ser fichada pela Ditadura Militar. O título da edição

[94] Normas e documentações – eleições 2010. Assessorial consultiva do Tribunal Superior Eleitoral. 2010.. Disponível em: https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/normas-e-documentacoes-eleicoes-2010 Acesso: 03 abr 2020

"O passado de Dilma" traz logo abaixo a seguinte informação, Documentos inéditos revelam uma história que ela não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar".

Fonte: Fotografia criminal do DOPS – 16/08/2010 – Acesso: 09 mar 2019 – Disponível: https://epoca.globo.com/especiais/EPOCA-1000/noticia/2017/08/imagem-que-fica.html

A escolha suscita questões bastante pertinentes. A primeira, que em pleno século XXI, no ano de 2010, a imagem da "mulher politicamente perigosa" (PINSKY, 2016, p. 539) seria uma figura ainda ameaçadora? Ameaçadora para quem? Para parte do eleitorado conservador? Pode-se inferir que a intenção da campanha fosse evitar trazer à tona um passado recente da história nacional, a Ditadura Civil Militar, que não fora passado a limpo. Também a possibilidade de se incriminar novamente a candidata perante a opinião pública e o eleitorado por seu passado subversivo. Outra questão seria um recorte de gênero: a imagem da mulher politizada seria ameaçadora para parte do eleitorado masculino? Esses são questionamentos que ficam em aberto, uma vez que não houve nenhuma explicação da campanha de Dilma em 2010.

Uma pista para responder em parte as questões anteriores elencadas está na análise de Jakson Alencar (2012), do jornal Folha de S. Paulo, durante a campanha presidencial de 2010. O autor ressalta que, antes mesmo da largada à corrida eleitoral em agosto, o jornal buscava associar à Dilma a imagem de que esta era despreparada e não possuía experiência para

participar dos debates. No dia 10 de agosto de 2010, o referido jornal publicou uma matéria na primeira página no primeiro caderno com o cineasta Fernando Meirelles, que fazia parte da campanha de Marina Silva à presidência da República:

> um dos trechos mais polêmicos da fala dele foi posto como "olho" (destaque) da matéria, em negrito e letras maiores: "Não sei se existe uma biografia da Dilma [Rousseff], mas como ela tem passado de guerrilha, que 90% da população não sabe, no caso dela não seria oportuno. Ela iria omitir uma parte". A matéria usa como gancho o lançamento de uma biografia de Marina Silva. Em outro trecho, entre aspas, Meireles completa: "Talvez fosse melhor para ela ficar quietinha. Não fazer biografia, não ir aos debates. Quanto menos exposição melhor". A matéria não concede espaço a alguém que faça contraponto, não há "outro lado". Bem como o único "cineasta" que ganhou esse espaço no jornal foi alguém com opinião específica sobre a guerrilha, alinhada com a postura do jornal sobre o tema (...)Não é citada a opinião de nenhum "cineasta" que pense diferente (ALENCAR, 2012, p. 115)

Entretanto, em 2014 a fotografia do tipo "*mugshot"* da ficha criminal de Dilma Rousseff dos arquivos do DOPS foi reapropriada e ressignificada em sua campanha à reeleição. A imagem e a própria ficha falsa forjada pelo grupo Ternuma foi incorporada no vídeo com o *"jingle"* da campanha, "Dilma Coração Valente". O fato foi inclusive noticiado pela imprensa na época.

No fragmento abaixo, retirado do vídeo do *jingle* da campanha à reeleição de Dilma Rousseff, aparece a sobreposição de imagens. Ao fundo a ficha falsa do DOPS publicada na capa do jornal Folha de S. Paulo que fora produzida pelo grupo de ex-militares e civis simpatizantes à Ditadura Militar; em primeiro plano um oficial esconde o rosto em um julgamento pelo qual Dilma Rousseff respondeu durante seu cárcere político. A associação das duas imagens produz uma narrativa contrária à do grupo Ternuma que forjou a ficha falsa. Uma jovem altiva que combateu o regime e um militar de cabeça baixa e rosto escondido pela vergonha dos crimes praticados pela repressão.

Figura 56: Fragmento do vídeo de campanha de Dilma Rousseff em que aparece a ficha falsa criada pelo grupo Ternuma.

Fonte: Youtube/reprodução – 25/08/2014 - Acesso: 21 maio 2020. Disponível: https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de-campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html

A campanha de Dilma incorporou no seu repertório imagético o desenho do artista Sattu Rodrigues que se inspirou na fotografia e fonte primária (KOSSOY, 2014) da ficha do DOPS de Rousseff. A imagem de Rodrigues, fonte secundária (KOSSOY, 2014), transformou-se num "*avatar*" da campanha de Dilma nas redes sociais como a identidade da presidenta no meio digital. Ao utilizar a imagem da idealista Dilma Rousseff na juventude, durante o cárcere político, a campanha ressignificou a ficha falsa que reforçava o discurso da Ditadura de que os inimigos do regime seriam terroristas, guerrilheiros perigosos inimigos da pátria. Da imagem criada por Rodrigues, foram criados dezenas de "*avatares*" que geraram um fenômeno de identificação do eleitorado e da militância com Rousseff e seu passado de luta pela liberdade e democracia. A partir do *avatar* e todas as suas variáveis, a militância e o eleitorado puderam produzir material de campanha, camisetas e bandeiras, além de serem usados nas próprias redes sociais. Homens e mulheres de todas as idades, ao se identificarem com a candidata e sua trajetória pessoal de luta, podiam ter a impressão de proximidade com Dilma. Os ideais da candidata, sua altivez nas fotografias do cárcere político e propostas de campanha, promoviam não apenas identificação, mas pertencimento a uma coletividade com aspirações em comum de todas as gerações e extratos sociais.

O site e as redes sociais da campanha de Dilma Rousseff em 2014 à presidência da República disponibilizaram diversos modelos de avatar para que eleitores e a militância os utilizassem em suas redes e na produção de camisetas e material de campanha. No bloco de imagens abaixo, se vê na primeira fileira a primeira imagem do avatar principal da campanha

que inspirou o *"jingle",* Dilma Coração Valente, e os demais avatares. O segundo avatar tem as cores do Brasil e a estrela símbolo do Partido dos trabalhadores. Na fila do meio, os avatares de Dilma afrodescendente, em seguida Dilma caracterizada de Frida Kahlo, e a Dilma caracterizada com o chapéu de nordestino. Na terceira fileira, Dilma empregada doméstica; e os dois últimos avatares trazem uma nova modificação, a criação de Sattu Rodrigues a partir da fotografia original do DOPS, apresentando uma Dilma Rousseff sorrindo com a bandeira do movimento LGBT e com as cores dos estados componentes da federação. A campanha conseguiu gerar um processo forte de identificação dos eleitores com a candidata e transmitia a mensagem de que qualquer brasileira ou brasileiro poderia ser presidente do Brasil.

Figura 57: Seleção de avatares da campanha de Dilma Rousseff à reeleição em 2014 que circularam nas redes sociais, vídeos e materiais de campanha, "Dilma coração valente".

Fonte: Muda Mais – 22/10/2014 - Acesso: 09 jul 2020. Disponível: https://www.facebook.com/pg/mudamais/photos/?ref=page_internal

4.5 A mudança de visual da ministra Dilma Rousseff. Um pré-requisito para uma mulher ser candidata?

Durante o segundo mandato do presidente Luis Inácio Lula da Silva (2006 – 2010), Dilma já ocupava o cargo de ministra chefe da casa civil desde 2005. O presidente associava ao trabalho de coordenação desempenhado por ela a uma boa parcela do sucesso de seu segundo governo. Tanto que, no início do ano de 2008, foi chamada pelo presidente de "mãe do PAC, no lançamento das obras no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro" (AMARAL, 2011, p.15)[95].

A ministra e o presidente estabeleceram uma relação de confiança mútua e lealdade ao atravessarem crises políticas como o "mensalão" e o cumprimento das metas para a pasta ministerial de Minas e Energia ao coordenar o programa federal Luz para Todos (AMARAL, 2015). De acordo com Lucas Ferraz (2019), nesse período, Dilma havia consolidado uma reputação e "imagem de mulher durona e inflexível que não se dobrava aos caprichos do mundo político" (FERRAZ, 2019, p. 36).

A associação da ministra à palavra mãe, "mãe do PAC" (AMARAL, 2015, p. 15), não parece ter sido fortuita. De acordo com Leila Bárbara e Maria Carmem Aires Gomes (2010), as qualidades estabelecidas como estereótipos de feminilidade como delicadeza, emotividade e sensibilidade não eram associadas à Dilma Rousseff. Tanto que já havia a preocupação do presidente Lula, que na sua "percepção inicial a imagem de Dilma precisava ser suavizada" (BARBARA; GOMES, 2010, p. 87). As autoras ressaltam que,

> simultânea a essa representação tão combativa atribuída à Dilma – ministra, observou-se, em oposição a essa, a emergência de uma nova imagem: o modelo normativo "duro, austero, sério de mulher/tecnicista é ressignificando em um suporte de "mulher frágil/leve e flexível", quando se trata de Dilma – pré-candidata, portanto, não mais Dilma no comando do Ministério da Casa Civil (BARBARA; GOMES, 2010, p. 87).

No início de 2009, a imprensa nacional, de jornais a portais de notícias na internet a revistas especializadas em moda e beleza para o público feminino, noticiou o procedimento estético realizado por Dilma no final de 2008. A ministra chefe da Casa Civil havia realizado um lifting facial rejuvenescedor com o cirurgião plástico Renato Vieira. A matéria da revista

---

[95] PAC – Programa de aceleração do crescimento, implementado em 2007 durante o primeiro mandato do presidente Luis Inácio Lula da Silva. Sobre o PAC. Ministério do Planejamento. 2007. Disponível em: http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac Acesso: 29 jun 2019.

Caras fez questão de noticiar que a publicação estadunidense de moda e política, *Vanity Fair*, também havia dado nota máxima ao resultado do procedimento[96].

Para Leila Barbara e Maria Carmem Aires Gomes (2010):

> A mudança no visual é parte de uma estratégia bem planejada com um único propósito: o de conferir a Dilma Rousseff um perfil menos sisudo e mais simpático e ser a embalagem que faltava para transformar a até então mera técnica competente no principal nome para disputar, como candidata do governo, a eleição presidencial em 2010.
> Trata-se, pois, de um espaço político de poder que está regulando, normalizando e inculcando determinado modelo político de humanização, promovendo um deslocamento de condutas, atitudes e comportamentos para atingir fins eleitoreiros: Dilma-ministra-austera transforma-se em Dilma-pré-candidata-humanizada. (BARBARA; GOMES, 2010, p. 88).

A transformação no visual a qual havia se submetido repercutiu em diversos jornais e revistas nacionais. As matérias, e principalmente as imagens davam detalhes de tudo o que teria sido feito no rosto da ministra chefe da Casa Civil. Além de muitas outras que fizeram questão de mostrar Dilma desde que havia assumido o ministério de Minas e Energia em 2003. Dilma na época era citada como um poste, caso fosse concorrer à eleição presidencial como sucessora do presidente Lula, enquanto haviam outros nomes sendo cotados a sucessão. Ainda assim, a imprensa noticiou a mudança no visual como algo excepcional, como se ela tivesse mil faces e fosse uma verdadeira metamorfose - sendo que políticos homens fazem uso dos mesmos procedimentos estéticos, implantes capilares, correção de problemas de visão para utilizar lentes de contato e aplicações de toxina botulínica e também pintam o cabelo. E nenhum deles recebeu esse tratamento e destaque pela imprensa.

A sequência de imagens a seguir compõe uma pequena amostra do destaque dado ao assunto, comprovando que, quando se trata de um procedimento feito por uma mulher com visibilidade. Esse é enquadrado de uma maneira que o leitor nunca se esqueça de que aquela mulher tentou ludibriar o discernimento coletivo e individual. Enquanto isso, políticos homens recebem, quando muito, uma nota na imprensa por procedimentos estéticos. O procedimento estético de Dilma foi tratado de maneira machista e usado como uma questão política pela imprensa e seus adversários.

---

[96] A rotina de Dilma Rousseff após a cirurgia plástica. CAMARGO, Luiza. 04 out 2013. Disponível em: https://caras.uol.com.br/bem-estar/nova-rotina-beleza-dilma-rousseff-depois-de-cirurgia-plastica-lifting.phtml Acesso: 16 jun 2019.

Figura 58 : Na matéria do jornal *O Tempo*, o antes e depois do procedimento estético de Dilma Rousseff mostrando em detalhes todas as intervenções feitas pelo cirurgião segundo o próprio jornal. E ao lado a ministra em sua primeira aparição pública após os procedimentos.

Fonte: José Cruz/ABR, 14 fev 2008 e Jorge Araújo/Folhapress, 12 jan 2009 – Acesso: 05 maio 2020 – Disponível: https://www.otempo.com.br/super-noticia-old/dilma-rousseff-em-uma-nova-versao-para-2010-1.44988

Figura 59: Metamorfose. No jornal *A Gazeta do Povo*, com o título para a sequência de imagens do antes, ano 2008, e detalhadamente o decorrer dos desafios enfrentados por Dilma após sua mudança de visual, durante o processo de quimioterapia para se tratar de um câncer linfático utilizando uma peruca e ao final do ano com os cabelos naturais recém crescidos em 2009. E separadamente, na mesma matéria, a foto de 2010 de Dilma com o visual ajustado para a campanha.

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR, 2010; Valter Santos/GP, 2008; Jefferson Bernardes/AFP, 2009; Maurício Lima/AFP, 2009; Roberto Jayme/Reuters, 2009 – 29/05/2010 –Disponível: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/a-evolucao-visual-de-dilma-rousseff-0tbmyn9w8f1xk4frvqxwptqa6/ Acesso: 26 mar 2020.

Figura 60: Na matéria do portal de notícias e serviços, *Yahoo*, a comparação do antes e depois na transformação do visual de Dilma Rousseff em três fases. Da juventude, fotografia da ficha criminal do DOPS, até a maturidade na foto de Rousseff ministra de Minas e Energia; e na segunda etapa, de mulher madura de meia idade a provável candidata rejuvenescida por procedimentos estéticos apontados numa das fotos, e a terceira etapa demonstrando onde foram efeituadas intervenções no rosto de Dilma. Um esforço para que o leitor não se deixasse enganar que se tratava da terrorista, guerrilheira, uma mulher politicamente perigosa, Dilma Rousseff.

Fonte: Yahoo notícias. 30 jul 2012 – Acesso: 21 mar 2020 Disponível: https://br.noticias.yahoo.com/dilma-fez-cirurgia-pl%C3%A1stica--aponta-revista-.html

Além do procedimento estético para tornar sua imagem mais suave, outro desafio pessoal surgiu para a ministra. Antes de ser anunciada como pré-candidata à presidência da república em 24 de abril de 2009, Dilma Rousseff teve que lidar com um sério problema de saúde recém descoberto na época, um câncer linfático, e a divulgação da situação para a imprensa (AMARAL, 2015) - após o anúncio à imprensa sobre o estado de saúde da ministra, diagnóstico e tratamento, combinado previamente com o ministro da Secretaria de Comunicação, Franklin Martins. Rousseff concedeu entrevista coletiva junto aos médicos que conduziriam seu tratamento em São Paulo. Toda estratégia havia sido combinada em um encontro com o presidente Lula (AMARAL, 2015).

Figura 61 – Dilma Rousseff ministra chefe da Casa Civil em coletiva de imprensa com médicos no caderno O País de O Globo. E no caderno O País, de O Globo, num editorial de arte do jornal em questão, Dilma aparece em dois momentos diferentes, usando peruca em ambas fotos, mas em posturas mais relaxadas. O estado de saúde da ministra em alguns momentos contribuiu que ela fosse retratada de maneira mais suavizada e humanizada.

Lula se desdobrará para ocupar espaço de Dilma

Ministra continua internada em SP

Tratamento pode ter outros efeitos

Doença causa apreensão no PT

Especialistas apontam grande chance de cura

Saiba mais sobre a doença

Fatores de risco são poucos

Viagem com Lula a Manaus

Fontes: Edilson Dantas/Acervo O Globo. 20 maio 2009 e 26 abr 2009. Acesso: 12 jun 2019. Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+20+de+maio+de+2009 https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+ministra+26+abril+de+2009

Durante todo o tratamento de saúde, a ministra diminuiu o ritmo de trabalho, mas ainda assim seguiu desempenhando suas funções e viajando (AMARAL, 2015). A partir de então, o constructo da representação imagética de Dilma Rousseff nas páginas dos jornais se tornou ambíguo, pois haviam características consideradas como contraditórias para os padrões sociais normativos e estereótipos de feminilidade em contradição com sua nova imagem pessoal. A mulher política ainda era associada à imagem de ministra gestora, militante combativa e competitiva. No entanto, com a transformação estética na aparência pessoal, somada ao tratamento de saúde, da Dilma pré-candidata, a mãe do PAC (AMARAL, 2015), despontava também a representação humanizada. A representação da mulher guerrilheira, que combateu a Ditadura por alguns meses deu lugar a uma figura menos austera e rigorosa, mais humanizada nas fotografias dos jornais.

Em 04 de outubro de 2009, no caderno O País, de *O Globo*, foi publicada uma longa entrevista de duas páginas com a pré-candidata Dilma Rousseff concedida ao jornalista Jorge Bastos Brandão. A matéria se devia à notícia de cura do câncer linfático da ministra e pré-candidata a sucessão à presidência da República de Lula pelo Partido dos Trabalhadores. Apesar da fotografia de Rousseff não ser do dia da entrevista e de o título e subtítulo dizerem uma coisa, a foto diz outra. Enquanto o título humaniza e suaviza a ministra austera, "*A candidata durona que se revela romântica*," e o subtítulo corrobora contextualizando a imagem, "*Ao falar de solidão, música e literatura, ministra mostra o que o discurso da mulher mais poderosa do governo tenta esconder"*, a fotografia reafirma essa dubiedade, o que seria o lado austero da política Dilma.

Na foto, Rousseff de peruca, é capturada pelo fotojornalista enquanto fala: a boca um pouco aberta não expressa um momento de tensão, mas o olhar oblíquo e as sobrancelhas bem delineadas remetem à gestora assertiva e austera; em nada a foto remete a imagem social e culturalmente construída do que seria uma mulher romântica. Como se uma mulher poderosa na política, num espaço masculino do poder, necessitasse escamotear sentimentos, característica exclusivamente feminina. A imagem da pré-candidata na disputa eleitoral estava em construção, suavizando Dilma Rousseff.

Figura 62: Dilma Rousseff ao recém saber-se curada do câncer, ao ser fotografada enquanto fala permite a inferência do leitor de ser vista como uma mulher durona que não diz a verdade. O título da matéria reforça a inferência do que seria contraditório ou uma inverdade.

A candidata durona que se revela romântica

Fonte: Gustavo Miranda/Acervo O Globo. 04 out 2009. Acesso: 23 mar 2020. Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=6&ordenacaoData=relevancia&allwords=Dilma+Rousseff+ministra&anyword=&noword=&exactword=

Observando as fotos da pré-candidata é possível se deparar com a ambivalência dessa narrativa imagética no fotojornalismo nas páginas do jornal O Globo, como na entrevista coletiva do dia 13 de novembro de 2009, na imagem abaixo. Na fotografia as características de gestora austera e autoritária estão associadas ao gestual e postura de Dilma. O ângulo escolhido pelo fotógrafo, com a câmera posicionada um pouco acima, faz parecer que a pré-candidata abre mais que o necessário a própria boca. A combinação da boca aberta, olhos que parecem arregalados, expressão facial tensa e o dedo em riste, captada pelo instantâneo, conduz o leitor na inferência de que Rousseff poderia estar falando mais alto do que deveria ou gritando; de que é mandona e agressiva. Essas suposições eram construídas, ainda que a ministra e pré-candidata estivesse no meio de uma coletiva de imprensa respondendo a questões que geraram transtornos e perdas econômicas para a sociedade brasileira defendendo o governo do qual faz parte. Mesmo que seja uma mulher de peruca que tenha passando por um tratamento quimioterápico, e mesmo que ela tenha realizado um procedimento estético facial. A manchete contextualiza e complementa a fotografia (SOUZA, 2000).

Figura 63: A ministra e pré-candidata Dilma Rousseff em coletiva de imprensa sobre blecaute no sistema elétrico. Caderno de Economia de O Globo.

ÀS ESCURAS: *Chefe da Casa Civil distingue problema de terça do racionamento de 2001, chamando este de 'barbeiragem'*

Dilma admite que país não está livre de apagões

Ministra afirma que o sistema elétrico brasileiro é suscetível a blecautes e evita responder críticas da oposição

'Assunto encerrado'

Lobão quer esquecer caso

Fonte: Gustavo Miranda/Acervo O Globo. 13 nov 2009. Acesso: 15 jul 2019. Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+em+coletiva+13+de+novembro+de+2009

4.6 Uma candidata com aparência de presidenta

No ano de 2010, Dilma Rousseff foi indicada por unanimidade pelos delegados do Partido dos Trabalhadores como candidata na sucessão do presidente Lula ao Planalto. Para chegar ao visual entendido como ideal para concorrer à eleição presidencial pela campanha de marketing político, Rousseff precisou passar por novos ajustes em sua aparência como perder peso e encontrar uma identidade visual que amenizasse a fama e aparência de gestora durona.

Para isso, Dilma foi recomendada a procurar o cabeleireiro e maquiador Celso Kamura, para que este sugerisse, a partir de sua expertise, um referencial que servisse de inspiração para a nova imagem pública da candidata. Rousseff já adotava o visual de executiva, mas não usava maquiagem. Kamura tomou como referência a estilista e empresária bem-sucedida venezuelana, radicada nos Estados Unidos da América, Carolina Herrera. O profissional renomado que cuida do visual de celebridades e personalidades da política nacional encontrou no corte de cabelo de Herrera um modelo para aperfeiçoar e deixar mais sofisticada e leve a nova imagem pública de Dilma. Na imagem abaixo, na revista *Isto É dinheiro,* Celso Kamura maquiando Dilma Rousseff para gravação de programa eleitoral tendo sobreposta a imagem da estilista venezuelana, Carolina Herrera, figura de inspiração para o visual aperfeiçoado para a campanha.

Figura 64: As metamorfoses de uma candidata. Na matéria da Isto É Dinheiro, a preparação de Dilma para disputar as eleições é tratada como metamorfose. Um poste se constituindo através do marketing político numa candidata para disputar a presidência. Contudo, esse processo não teria legitimidade, seria apenas uma jogada de marketing.

Fonte: Divulgação campanha – 25/09/2010 - Acesso: 10 abr 2020 - Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/estilo/20101110/metamorfoses-uma-candidata/4155.shtml

Na imagem abaixo, em uma matéria da revista Isto É, publicada após o resultado do segundo turno das eleições presidenciais, a revista apresentou as mudanças no visual da candidata desde quando havia assumido o cargo de ministra chefe da Casa Civil até o visual concebido por Celso Kamura. Assim como em 2009, em que a imprensa apresentou o antes de depois de Dilma, a revista repetiu as comparações, ainda que elogiasse a presidenta eleita; dizia que a transformação no visual havia sido preponderante para a vitória de Rousseff. Cabe ressaltar como a legenda expõe o efeito das torturas sofridas por Dilma em sua mandíbula e dentes. A intervenção estética odontológica minimizou as sequelas nos dentes que a inibiam de sorrir em público. A legenda diz que Dilma quando iniciou no ministério de Minas e Energia estava aprendendo a sorrir, como se até o seu sorriso fosse efeito do marketing político.

Figura 65: As faces de Dilma. A matéria foi publicada após o resultado das eleições. O título sugere que em razão das intervenções estéticas do rosto e dentes, Dilma seria uma mulher de muitas faces. O que no senso comum é tido como alguém volúvel ou falsidade. A presidenta recém-eleita não era confiável.

Fonte: não identificada na matéria. 10 out 2010. Acesso: 05 abr 2020 - Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/estilo/20101110/metamorfoses-uma-candidata/4155.shtml

No ano de 2009, como já analisado, a imprensa noticiou em jornais, revistas e sites noticiosos os procedimentos estéticos que Dilma havia feito no final de 2008, a luta contra o câncer, o uso da peruca, os cabelos naturais. Em 2010, antes mesmo do início da campanha eleitoral, os mesmos veículos de informação retomaram a mesma postura, comparando, quase que ano a ano, sua imagem pública como ministra, com as etapas na transformação no seu visual como candidata. E a mesma narrativa acompanhava as fotografias com afirmativas como “metamorfose de Dilma”, “as diversas faces de Dilma”. A dubiedade no discurso e imagens publicadas pela imprensa perdurou da seguinte maneira: a mudança de visual agradou / Dilma das muitas caras. Ao mesmo tempo em que apontavam como positivo,

colocavam sob suspeição a mudança, como se Dilma fosse uma construção estética do marketing político a serviço da política partidária, uma dissimulação ou um engodo buscando se eleger. Dessa forma, havia uma estratégia midiática de desgaste constante da imagem pública de Rousseff, ainda que esta estivesse sendo sempre aperfeiçoada e cuidada.

No próximo capítulo, o trabalha buscará analisar como moda e política dialogam e são temas atravessados pelo gênero. Que tipo de roupa seria mais adequada o exercício feminino da política. Como um guarda-roupa específico seria capaz de anular a virilidade e sedução feminina domesticando a presença das mulheres no espaço masculino da política.

5 MODA, GÊNERO E POLÍTICA

A emancipação feminina, analisada no capítulo anterior, que no século XIX deslocou a mulher do espaço privado e restrito à guarda do homem (BOURDIEU, 2017) numa busca por espaço no âmbito público, convencionado secularmente como masculino, promoveu rupturas nos costumes da época. A moral vitoriana não teve, contudo, "eficácia ao tentar impedir o desenvolvimento do feminismo. Ao contrário, contribuiu grandemente para a radicalização das opiniões sobre a igualdade entre homens e mulheres" (SAFFIOTI, 2013, p. 171).

Esse deslocamento do espaço privado, por mulheres oriundas das classes médias e em menor número, pelas de classe alta, por direitos políticos e jurídicos promoveu mudanças nos costumes conservadores no século XIX que se refletiram no vestuário feminino. Segundo Diana Crane (2006):

> sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas -, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de s*tatus.*(CRANE, 2006, p. 21)

O século XIX, denominado como o "século burguês" (GAY, 1988, p. 128), cuja moral puritana e os costumes conservadores asseguravam o s*tatus quo* masculino e as relações de poder assimétricas entre os sexos, foi também o período em que o vestuário feminino e masculino eram bastante diferenciados. "Nada transmite a ideia de diferença entre os sexos de forma mais superficial, mas também mais tenaz do que o vestuário" (HIGONNET, 1991, p. 328).

Foi justamente através da luta por direitos das mulheres que, ao ocuparem os espaços públicos pela inserção econômica ocupando postos de trabalho, vestuário feminino passou por mudanças para se adaptar à vida pública - borrando ainda que timidamente, para os parâmetros do presente, as fronteiras entre a moda feminina e a moda masculina da época (HIGONNET, 1991).

5.1 A roupa como símbolo não verbal de resistência e autonomia

O vestuário no decorrer do tempo em sua atribuição de interlocução simbólica, possuiu e possui substancial relevância como recurso de comunicação a respeito do papel e da posição social dos membros de um grupo e para a sociedade em geral.

Nas sociedades ocidentais da Antiguidade e do medievo, até fins do século XVIII, os indivíduos raramente conseguiam de modo voluntário decidir sobre o que vestir. Pois, de maneira geral, o Estado e as leis suntuárias reforçavam as hierarquias socais e os valores morais determinando o que e como em cada situação os indivíduos poderiam usar, podendo sofrer penalizações por não respeitarem tais regras.

A partir do século XIV muitas mudanças ocorrem no vestuário, como consequência da revitalização da vida urbana iniciada já no século XII (DELUMEAU, 1984), da expansão do comércio, do fortalecimento da burguesia e do progressivo refinamento da aristocracia - em que será "possível observar os primeiros sinais da moda, a qual se manifestará não só a partir da aceleração das mudanças de silhueta" Bonadio (2015, p. 184).

No transcorrer desse período, ocorre nas cortes (ELIAS, 2001), cujo ambiente é o aristocrático, a disseminação da roupa ajustada ao corpo produzida sob medida substituindo as túnicas ajustadas com um cinto, que era utilizado tanto por homens quanto por mulheres. Contudo as túnicas femininas permaneceram longas e as masculinas encurtaram na altura do quadril, expondo as pernas e evidenciando a área genital masculina. "A partir de então, no mundo ocidental, trajes bifurcados serão identificados como masculinos e as saias e vestidos como femininos" (BONADIO, 2015, p. 184).

A peça bifurcada, comumente conhecida como calça comprida, já era utilizada por mulheres da classe trabalhadora ou por algumas da aristocracia quando em estada no campo, segundo Christine Bard na obra *Une historie politique du patalon* (2010). No ano de 1800, por lei ,foi proibido o uso de calça comprida para as mulheres francesas que participaram de modo decisivo durante a Revolução Francesa em 1789.

Ainda segundo Perrot (1998), as mulheres que durante a Revolução manifestavam enorme interesse pelo debate público foram silenciadas pelo poder revolucionário, que as expulsou das tribunas e determinou o fechamento de seus clubes, proibindo-as de falar de política. Também foram responsabilizadas pelos excessos da Revolução, como autoras dos massacres de setembro de 1792, incendiárias da Comuna. Assim foram consideradas "as megeras e as fúrias de todas as insurreições" (PERROT, 1998, P. 9).

Durante a Revolução, na cidade, que é um espaço sexuado, as fronteiras entre os sexos foram se deslocando com a ocupação do espaço público pelas mulheres que subverteram a ordem estabelecida do vestuário usando calças, símbolo da virilidade masculina (PERROT,

1998, p. 37). Para Bard (2010) as calças nasceram da ruptura política revolucionária, a dupla aspiração à liberdade e à igualdade manifesta-se na fantasia dos lemas da sedução em 1789:

> as calças são o marcador de sexo / gênero mais importante da história ocidental nos últimos séculos. É um emblema da masculinidade. Agora, com a Revolução, as calças também foram intimamente associadas aos valores republicanos e no século XIX tornou-se um dos elementos do novo regime de vestuário, que reflete a ordem burguesa e patriarcal estabelecida. Participe da "grande renúncia" dos homens de preto ao festival de cores e formas. Reservada aos homens, proibida às mulheres, a calça permite estabelecer um paralelo perturbador com a esfera política. A conquista do símbolo pelas mulheres só pode expressar o desejo de igualdade dos sexos, embora, a nível individual, não possa ser mais do que uma identificação masculina sem dimensão política ou simplesmente a escolha de uma roupa prática. Tradução livre. (BARD, 2010, p. 20)

As mulheres que permaneceram utilizando a calça comprida, mesmo com a proibição por lei em 1800; eram mulheres públicas, que não se preocupavam com a própria reputação. E que a trajavam para o trabalho no campo e também em minas de carvão. Contudo, a partir da metade do século XIX, Diana Crane (2013) identifica que “na falta de outras formas de poder, as mulheres usavam símbolos não verbais como meio de se expressar” (CRANE, 2013, p. 199), incorporando no próprio vestuário itens do guarda-roupa masculino como chapéus, gravatas, paletós, coletes e camisas isoladamente ou combinados entre si. Desafiando assim as concepções prevalecentes acerca do papel da mulher no século dezenove. Segundo Joanne Entwistle (2002), ainda que a moda seja um elemento fundamentalmente relacionado ao gênero, e que seja utilizada para evidenciar as diferenças entre os sexos, os trajes nunca são estáveis, e justamente por isso estão sujeitos a mudanças sociais e reinvenção.

Gilda de Mello e Souza (1987) afirma que o modelo de feminilidade do século XIX estava atrelado ao valor intrínseco da virtude da boa aparência alicerçado nos estereótipos de beleza e feminilidade convencionados, como se fosse uma característica nata da mulher identificar-se com tais valores. A autora não problematiza tais questões, como a cultura das aparências, o “estilo de vida da mulher do século XIX”, que “era o seu elemento mais poderoso de afirmação” (SOUZA, 1987, p. 107). Também não aborda de modo crítico como uma construção social do patriarcado o que deveria ser uma mulher no século dezenove[97].

Ao analisar a cultura feminina do dezenove, estabelecendo um paralelo entre Europa e Brasil, Gilda de Mello e Souza (1987) afirma que “para o grupo feminino, porém, a moda

[97] A obra, O espírito das roupas (1987) de Gilda de Mello e Souza, apresenta de modo quase ensaístico uma análise acerca da moda atravessada pelas questões de gênero e classe, ainda que não aborde de modo conceitual os temas entrecruzados no panorama do século XIX contextualizado no Brasil.

continua sendo, no século XIX, a grande arma na luta entre os sexos e na afirmação do indivíduo dentro do grupo" (SOUZA, 1987, p. 89). Uma série de transformações sociais advindas da Revolução Industrial e Revolução Francesa propiciaram o advento da classe burguesa, e centros urbanizados relativamente bem servidos pelos meios de comunicação impressos que faziam circular não apenas as notícias, mas a cultura e os costumes da época. Inclusive os figurinos que alcançavam até mesmo o interior difundindo a moda e os modos de sociabilidade.

Segundo Souza (1987), o casamento era a única possibilidade de ascensão social para as mulheres:

> aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha que se conformar à vida cinzenta de solteirona, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos bordados infindáveis, à educação dos sobrinhos. Ou então, em sociedades onde o movimento de emancipação ia mais adiantado como na Inglaterra, a uma vida de humilhação como governante (SOUZA, 1987, p. 90).

Ainda que pudessem trabalhar como governantas, as mulheres solteiras enfrentavam uma condição de invisibilidade social. "Um anátema pesava sobre essa criatura apagada, que podia ser reconhecida pelo vestido simples e discreto, pelo chapeuzinho de palha enterrado com véu marrom ou verde no rosto onde se estampava o desespero" (SOUZA, 1987, p. 91).

Tudo relacionado à vida delas estava confinado a um espaço exíguo de sociabilidade em que, inclusive seus trajes e convívio, tudo era controlado, limitando a possibilidade da realização de um bom casamento que lhes permitissem a ascensão social e econômica. Dessa maneira:

> Não se casando a mulher via seu prestígio na sociedade diminuindo, dedicando-se ao trabalho remunerado descia imediatamente de classe. Fora dos trabalhos de agulha, o ensino particular era a única oportunidade de que dispunha uma mulher de certo nascimento para ganhar a vida (SOUZA, 1987, p.91).

O matrimônio "entre as famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status*" (D'Incao, 2017, p. 229). Entretanto, ainda que ascendendo pelo casamento, às mulheres era vedada a vida pública, exceto a vida social dos salões e espetáculos - elas permaneciam administrando o lar e a vidas dos filhos e marido. "A mulher é, antes de tudo uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é

constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar" (PERROT, 2016, p. 50).

Dessa forma:

> tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio o corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma. E aos poucos, como o artista que não se submete à natureza, impôs à figura real uma forma fictícia, reunindo os traços esparsos numa concordância necessária (SOUZA, 1987, p. 100).

As jovens mulheres de classe média que buscavam emancipação através da inserção no mercado de trabalho da época, e também as que trabalhavam em escritórios, conheciam o valor da moda como fator de diferenciação social entre as classes e gêneros, e promoveram transformações no vestuário feminino do século XIX abdicando dos vestidos que prendiam o movimento do corpo para se adaptarem à realidade da vida pública. Elas usavam, juntamente com um chapéu de palheta masculino, um paletó e uma saia que formavam um conjunto, e também não dispensavam uma gravata, que eram considerados uma manifestação de independência. Outro símbolo de desobediência para o referido período era a combinação do chapéu palheta com gravata-borboleta, juntamente com um casaco masculino como parte constituinte do uniforme das empregadas domésticas que cuidavam exclusivamente das crianças.

A combinação de saia e casaco, originando um conjunto, ficou conhecida como "símbolo da mulher emancipada no século XIX" (CRANE, 2013, p, 209). Por se tratar de um traje simples, este destoava com a sofisticação dos vestidos da moda do século XIX. A peça de roupa que completou o vestuário da mulher emancipada por volta de 1870 foi a "*chemisier,* uma camisa masculina adaptada, com colarinho duro ou virado, muitas vezes ornamentada com uma pequena gravata ou gravata borboleta de cor preta. (...) A *chemisier* tornou-se praticamente um uniforme para as mulheres de classes médias e operária" (CRANE, 2013, p. 212).

No decorrer do século XIX, a mulheres oriundas da classe alta já utilizavam paletós para atividades ao ar livre como equitação e caminhadas no campo. A peça foi sendo, ao longo do tempo, incorporada aos trajes para estadias no litoral e no campo. Na década de 1870, os tecidos tradicionais do vestuário masculino foram usados para produzir os conjuntos femininos, paletós com detalhes da alfaiataria tradicional inglesa - como mangas com botões e

lapelas, que eram usados com a saia e colete combinando, além da camisa e da gravata. Os detalhes eram exatamente os mesmos que compunham os ternos masculinos.

O conjunto ficou conhecido como traje inglês. A moda foi adotada pelas mulheres francesas que o denominavam *tailleur*, confeccionado sob medida e usado pelo público consumidor feminino da classe média tanto para o trabalho em escritórios e lojas, quanto para as que praticavam esportes ou em viagem, assim como as operárias e as que residiam no campo. O traje alternativo foi incorporando novos elementos e peças ao longo do dezenove. Assim como foi sendo incorporado no guarda-roupa de mulheres pertencentes a diversas classes sociais.

Figura 66: Na fotografia de 1883, uma mulher de classe média com traje alternativo completo que era composto por paletó, colete, camisa, gravata, saia simples e chapéu de palha. Na segunda imagem, uma mulher usando um vestido da moda, acompanhada de outras mulheres trajando roupas alternativas, camisas, gravatas e chapeús de palha.

Fonte: CRANE, Diana. A moda e seu papel social, 2007, p. 211 e p. 214.

Quanto à questão da calça comprida, Crane (2013) afirma que sua utilização era um tabu, uma verdadeira polêmica no século XIX, “pois a ideologia da época estipulava identidades de gênero fixas e enormes diferenças - físicas, psicológicas e intelectuais – entre homens e mulheres” (CRANE, 2013, p. 228). Christine Bard (2010) identificou algumas mulheres célebres no século XIX na França que desafiaram a lei e as convenções adotando não apenas a calça comprida, mas o traje masculino completo, como Georges Sand (1804-1876) e Rosa Bonheur (1822-1899), numa tentativa de experienciar a liberdade.

A praticidade da calça comprida, a função de proteção no espaço público e o seu baixo custo possibilitou que fosse usada como roupa de trabalho para mulheres das classes populares e também adaptado para atividades pouco comuns às mulheres de classe social elevada, como as que acompanhavam o cônjuge em escavações arqueológicas, ou mesmo participar de caçadas. Segundo Bard (2010), as calças contribuíram para o empoderamento feminino e para o avanço em sua emancipação.

Uma das maneiras não verbais encontradas para a expressão das mulheres, silenciadas e oprimidas pelo patriarcado vigente nas proibições e no estilo de vestuário dominante, “foi o estilo alternativo de vestuário, que incorporava peças de roupa masculina à vestimenta feminina, e representava, consciente ou inconscientemente, uma forma de resistência” (CRANE, 2013, p. 265). Por meio do recurso de “inversão simbólica” (CRANE, 2013, p. 265), peças típicas do guarda-roupa masculino que provocavam as demarcações entre os gêneros assumiram novos sentidos corroborando a autonomia feminina.

Para além do vestuário alternativo, o século XIX, que foi palco do nascente feminismo, também testemunhou o debate das feministas sobre tentativa de se reformar o vestuário feminino a fim de dotá-lo de praticidade e conforto - que refletiria na qualidade de vida e saúde da mulher aprisionada por espartilhos e trajes pesados. “Ao contrário do que ocorria com o estilo alternativo, que não defendido por nenhum grupo em particular, as reformadoras do vestuário centravam suas propostas na adoção do uso de calças” (CRANE, 2013, p. 228).

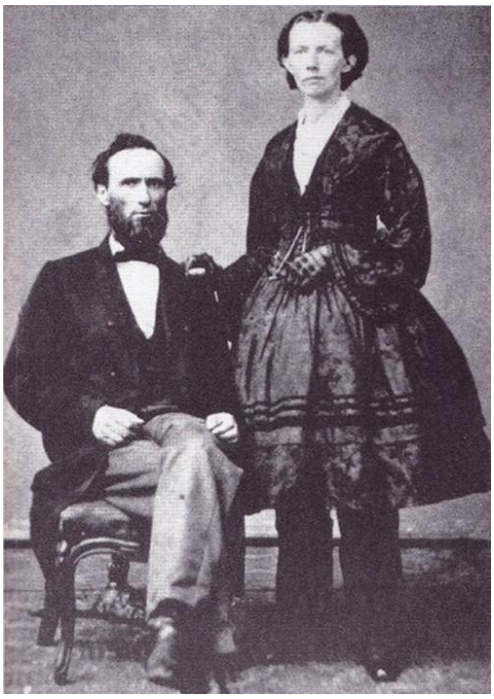
Para Christine Bard (2010), a proposta apresentada pelas feministas pela adoção da calça comprida tornou a peça numa arma política ao contestar o arbítrio masculino:

> Em 1851, as calças adquiriram todo o seu valor por iniciativa das mulheres feministas; pela primeira vez, é usado como uma arma política para desafiar o domínio masculino. A imprensa associa a este episódio o nome de Amelia Bloomer (1818-1894), utilizado para designar as calças largas que usa. No entanto, ela não o inventou e não foi a primeira a defendê-lo. A primeira a usá-lo, segundo Amelia Bloomer, foi Elizabeth Smith Miller, que o fez com a aprovação de seu pai, um membro honorário do Congresso, e de seu marido. A imprensa de Washington menciona sua presença nas ruas da cidade de calça. Quando ela visita sua prima Elizabeth Cady Stanton em Seneca Falls, a ideia de imitá-la se espalha na mídia feminista desta cidade, onde, em 1848, um famoso comício deu origem ao movimento pelos direitos das mulheres. Poucos dias após esta visita, Elizabeth Cady Stanton confeccionou uma calça de cetim preta feita no mesmo estilo. Amelia Bloomer havia tido a oportunidade de discutir esta questão em fevereiro de 1851, em resposta a um artigo do Seneca Country Courier, "Traje feminino", que denunciava os inconvenientes do traje masculino e defendia as calças turcas (pantalonas turcas) cobertas por uma saia um pouco abaixo do joelho. Amelia Bloomer ficara surpresa que um jornal hostil aos direitos das

> mulheres elogiara uma reforma do vestuário cujo princípio ela aprovou. Por isso, ela se sentiu obrigada a colocar suas ideias em prática, muda o traje e anuncia em seu jornal, The Lyli, e sem suspeitar, escreve ela, da empolgação que isso causaria em todo o mundo civilizado e sem imaginar que seu nome estaria associado a esta moda (bloomerism, bloomerites, bloomers, traje Bloomer. Tradução livre. (BARD, 2010, p. 98).

Amélia, uma militante feminista estadunidense que tinha o apoio de seu marido, recebeu centenas de cartas de mulheres que queriam mais informações acerca do traje: a calça turca. Isso demonstrou que desejavam se libertar dos vestidos longos e pesados que usavam. O modelo turco permitia que a mulher se deslocasse com rapidez, e que pudesse ser usado em qualquer local: no trabalho, em casa, nos oficiosos religiosos e em eventos sociais. Em períodos de chuva e frio seria perfeitamente possível usar botas que envolveriam os tornozelos femininos com a barra por dentro do calçado. O traje ficou conhecido como Bloomer - era composto por uma volumosa calça turca com um vestido ou saia por cima.

Figura 67: Na fotografia o registro de um casal estadunidense no século XIX. Ele sentado de pernas cruzadas, ela em pé usando um traje *Bloomer* – calça e vestido, confeccionado em seda e brocado.



Fonte: CRANE, Diana. A moda e seu papel social, 2007, p. 231.

A rejeição ao traje revolucionário para a época foi publicada em diversos jornais nos EUA e no exterior e as mulheres que a usavam eram hostilizadas por multidões masculinas agressivas. Nos periódicos da época os caricaturistas nomearam o traje de ‘pantalonas de harém’. De acordo com Bard (2010), o traje Bloomer:

> é, antes de tudo, uma iniciativa feminista, corajosa porque é criticada até nas fileiras feministas. Não se trata de imitar as calças masculinas e obscurecer as fronteiras feminino / masculino. De acordo com as pioneiras da vestimenta feminista, nada é inerentemente masculino nas calças. É uma peça de roupa que lhes permite satisfazer a sua liberdade física. Além disso, a moda orientalista fornece um modelo muito atraente; as calças turcas são exóticas, modestas e muito envolventes (portanto, modestas). Simboliza a liberação sem abrir mão da sensualidade. É amplo e leve, lembrando as dançarinas dos haréns. (...). Assim, graças a um elemento exógeno à cultura ocidental, um novo código de vestimenta é fabricado. (...) A reforma do vestuário feminista é subversiva. Isso vai longe demais para homens feministas, que tentam dissuadir militantes acusados de ridicularizar a causa. Em Nova York, feministas em trajes livres são cercadas por uma multidão de transeuntes zombeteiros, gesticulando e insultuosos. A polícia tem que intervir para libertá-las. Tradução livre. (BARD, 2010, p. 100)

Amélia Bloomer ainda usou o traje que ficou conhecido pelo seu sobrenome através do papel da imprensa da época por alguns anos. Bard (2010) afirma que as feministas incompreendidas em suas pautas legais e políticas também enfrentaram uma grande resistência dos homens e mulheres antifeministas da época, assim como na imprensa. Dessa forma, nunca foi reconhecido o caráter político do traje *Bloomer*. Os periódicos sentenciavam o traje em função do comportamento das feministas que ocupavam os espaços públicos na luta por direitos esvaziando o potencial político de ousada proposta e implementação da reforma do vestuário feminino no século XIX. O traje *Bloomer* foi "denunciado como uma virilização da roupa que implica no comportamento de mulheres que desejam notoriedade" (BARD, 2010, p. 101).

Dez anos depois, a calça masculina foi adotada por algumas mulheres norte americanas que pressagiaram o terninho feminino do final do século XX (CRANE, 2013). Na França do século XIX, a proibição permaneceu e era necessária autorização especial da polícia para o uso da calça por mulheres. "As mulheres cujo comportamento era considerado uma desobediência à ordem social eram às vezes desenhadas por escritores satíricos e cartunistas usando calças" (CRANE, 2013, p. 200); essas representações depreciativas eram uma reprovação às mulheres da primeira onda feminista que lutavam por direitos políticos, as sufragistas.

Segundo Diana Crane, nos países em que o movimento feminista alcançou notoriedade, como Inglaterra e Estados Unidos:

> de modo geral, as mulheres de classes alta e média deviam se adaptar mais estritamente às normas culturais de expressão de gênero no vestuário e na aparência física que as de classe operária. O papel da calça no vestuário

> feminino, ao longo do século XIX, ilustra as diferentes atitudes com relação ao vestuário entre as mulheres de classe média e as de classe operária. A cultura da era vitoriana associava a calça à autoridade masculina. As reformadoras do vestuário tentaram convencer mulheres de classes média e alta a usá-la, mas no geral não tiveram sucesso, provavelmente porque a visão que se tinha das mulheres que usavam calça era a de que tentavam usurpar a autoridade masculina. Durante o século XIX, até mesmo em espaços públicos "isolados", as mulheres de classe alta vestiam calças apenas cobertas por saias. As de classe operária adotaram a calça mais facilmente. (CRANE, 2013, p. 256)

No bojo da cultura vitoriana do século XIX, que defendia a domesticidade como lugar legítimo do feminino, o vestuário tornou-se ambivalente. Por ser distinto da forma cultural da escrita, este comunicava as tensões sociais, econômicas e culturais em disputa numa sociedade conservadora e puritana, como a vitoriana da época. Ao incorporar peças do vestuário masculino ao feminino, o estilo alternativo de vestuário configurou-se como resistência à moda elitista dominante do período, que marcava a divisão entre as classes sociais e as fronteiras de gênero. Por ser de certa forma acessível às classes média e operária, o estilo alternativo atravessou os limites que dividiam os extratos sociais:

> O estilo alternativo ilustra um processo que precede e acompanha a mudança social, processo esse em que os significados de símbolos aos poucos se adaptam às definições de papéis e estruturas sociais em transformação. Os símbolos não verbais são os menos estáveis; consequentemente, sua manipulação tende a preceder a de símbolos verbais. O comportamento não verbal é um meio poderoso de transmitir status social especialmente por resultar sempre do hábito, em vez de ser fruto de decisões conscientes. (CRANE, 2013, p. 266)

Entre o contingente de mulheres que no século XIX aderiram ao vestuário alternativo, as que ingressaram no nascente movimento feminista segundo Hobsbawm (1988) eram em número ainda mais reduzido. Num recorte no movimento militante e sufragista inglês, a WSPU – união social e política feminina -, o estilo alternativo foi terminantemente recusado por seu poder simbólico. A práxis política das sufragistas consistia em ocupar e se manifestar em espaços públicos através de piquetes, interrompendo assembleias políticas e vandalizando o patrimônio público e privado, afrontando e desafiando o poder masculino em público. As sufragistas reivindicavam o direito de atuar livre e politicamente em todos os lugares. Como:

> a cultura dominante identificava as mulheres com suas roupas e tinha a expectativa de que a feminilidade devesse estar "escrita no corpo", a questão do vestuário era central para a imagem pública das sufragistas. Uma das táticas usadas por seus opositores e pela imprensa era representa-las como mulheres que haviam perdido sua feminilidade – como se podia ver em seu

> estilo masculino de roupas – e que haviam deixado de ser mulheres em razão de seu comportamento não feminino. A oposição tentava desacreditar o movimento ao retratar as sufragistas como malucas masculinizadas, portanto não representativas das "mulheres e mães da Inglaterra". Para se contrapor a essas tentativas de marginalização de suas integrantes e de suas atividades, as líderes da WSPU desenvolveram o que era na realidade um código de vestuário para suas ativistas, que enfatizava roupas femininas e evitava os terninhos, camisas e gravatas. (...). Tanto a rejeição, por parte das sufragistas, de roupas de conotação masculina, quanto o uso que seus oponentes faziam disso para desacreditá-las sugerem que as peças masculinas não haviam perdido seu significado simbólico no processo de adaptação para o vestuário feminino. Elas representavam uma imagem alternativa da mulher que desafiava o ideal dominante de feminilidade (CRANE, 2013, p. 267).

O tema da aparência, uma questão arraigada ao padrão de feminilidade convencionado socialmente ao longo dos tempos para ser adotado pelas mulheres, foi politizado pelas feministas na passagem do século 19 para o século 20 através da proposta da reforma do traje e do traje *Bloomer*. Entretanto:

> a moda para mulheres permanecia tradicionalmente feminina, bastante reconhecível, (...) as mulheres mantiveram o privilégio de usar cores e ornamentos de acordo com sua tendência expressiva; (...). Antes que a calça masculina, pudesse ser possivelmente aceita como parte do vestuário feminino normal, as pernas das mulheres precisavam de tempo para tornar-se uma visão costumeira, em especial para as próprias mulheres. (HOLLANDER, 1996, p. 182)

O estilo alternativo, ou não convencional, perpetuou-se até o início do século XX. As grandes cidades da Europa e das Américas estavam repletas de mulheres que faziam uso do traje alternativo, não apenas por aquelas que trabalhavam em lojas e escritórios, mas também por professoras e as que ingressavam na educação superior e se formavam em profissões liberais. No Brasil, através das fotografias publicadas nas "revistas ilustradas que começavam a circular no Rio de Janeiro do início do século XX, podemos perceber que um guarda-roupa alternativo ao das mulheres burguesas começou a ser usado aqui especialmente pelas professoras primárias" (OLIVEIRA, 2019, p. 41).

Como foi analisado no capítulo anterior, a entrada de mulheres no mercado de trabalho no setor de serviços não proporcionou emancipação econômica, mas abriu espaço para o lugar de consumidoras. Dessa maneira, no início do século vinte a beleza feminina tornara-se uma obrigação com o surgimento dos cosméticos e maquiagem, que garantiriam assim a conquista do matrimônio, o destino daquelas que desejavam deixar a casa paterna e constituir a própria vida. O vestuário permaneceu em sua função social, assegurando o papel da moda no jogo de

sedução feminina "num misto de prazer e tirania, transforma modelando as aparências. (...). Daí a revolta de algumas mulheres contra essa tirania. "São as roupas que nos usam e não o contrário", diz Virgínia Woolf, nada ingênua" (PERROT, 2016, p. 50).

Nas décadas de 1930 e 1940, a apropriação dos trajes masculinos integral tinha outro significado e alcance. Ficava muito restrita a atrizes de cinema como Marlene Dietrich, que optava por adotar o traje do terno masculino completo, com gravata, chapéu, sapatos fechados com direito a um charuto. O uso do traje masculino pela famosa atriz atendia ao objetivo de "projetar seu estilo pessoal, que incluía o uso do monóculo – poderoso símbolo da masculinidade. Dietrich se vestia como um homem "mantendo um comportamento assertivo, temperando com desenvoltura suas características indiscutivelmente femininas" (FOGG, 2013, p. 267) – projetando-se como um contraste ao estereótipo da mulher submissa, no caso cinematográfico, da imagem da loura fatal. "A opinião contemporânea era inequívoca: o terno de calça comprida era o traje dos sexualmente ambíguos" (FOGG, 2013, p.266). As atrizes, Dietrich e Katharine Hepburn passaram a utilizar o terno e outras roupas masculinas como um atributo da individualidade, da autonomia e liberdade femininas (ANGUS; BAUDIS; WOODCOCK, 2015).

A politização do traje feminino só foi retomada nos anos 1960 e 1970 com a segunda onda do movimento feminista. De acordo com Anne Hollander (1996), quando surgiu a minissaia, no final da década de 1960, é que a calça jeans foi amplamente adotada pela juventude com o surgimento da nova cultura juvenil[98]. Dessa maneira, a calça comprida consolidou a moda unissex (BARD, 2010) num momento em que a pílula anticoncepcional permitia o controle feminino sobre seu próprio corpo, de inventos tecnológicos, impactando os costumes de padrões rígidos vigentes da tradicional família nuclear patriarcal, consequências da Revolução Cultural de 1968 (HOBSBAWM, 2009).

A moda unissex marca um novo período de ruptura simbólica, uma nova etapa do vestuário em que, de certa forma, pela "tradição ocidental deixa de ser um dos componentes das práticas em que o dimorfismo sexual do vestuário surge como uma possibilidade, não como uma obrigação estrita" (BARD, 2010, p. 263). Dessa forma, nos anos 1970, o modelo unissex estava baseado na calça comprida. "Essa tendência surge de múltiplas inspirações, que por outro lado não estão todas presentes nas consciências. A contracultura rebelde

[98] Segundo Eric Hobsbawm, uma peculiaridade da nova cultura jovem nas sociedades urbanas foi seu espantoso internacionalismo. O blue jeans e o rock se tornaram marcas da juventude "moderna" em todo país onde eram oficialmente tolerados e em alguns onde não eram, como na URSS a partir da década de 1960. O *blue jeans* usado por universitários dos EUA que não queriam parecer com seus pais migrou para o ambiente de trabalho e para outras gerações (HOBSBAWM, 2009).

desempenha um papel destacado em maio de 68" (BARD, 2010, p. 264). Enquanto o vestuário do proletariado é baseado numa simplicidade rigorosa, a moda hippie difundida pelos meios de comunicação de massa propaga o jeans desbotado, enfeitado e rasgado para jovens de ambos os sexos. Assim como a moda dos cabelos longos aproxima os dois sexos e a masculina é feminizada.

Ainda que a partir da década de 1960 a calça comprida comece a aparecer nas passarelas da alta costura e das coleções de *prêt-à-porter*, foi o estilista Yves Saint-Laurent que "transformou o terno em traje socialmente aceito no vestuário feminino" (COSGRAVE, 2012, p. 231). Entretanto, esse traje só foi conceituado como um "clássico moderno depois que Helmut Newton fotografou a versão de YSL, em 1976.

Saint- Laurent tinha como proposta criar para as mulheres o equivalente ao vestuário masculino numa concepção contrária ao tradicionalismo:

> o costureiro pensa que vestindo calças "a mulher pode desenvolver sua feminilidade máxima". Em 1966 inovou com o smoking, que se tornaria peça-chave em suas coleções até 2002. O smoking, símbolo de poder, tornou-se uma ferramenta de empoderamento de suas clientes. (BARD, 2010, p. 254)

Foi nos anos 80 que, através do "*power dressing*", "as mulheres passaram a adotar elementos do traje e a usar versões aproximadas" (ANGUS; BAUDIS; WOODCOCK, 2015, p. 50) do terno masculino. A moda unissex da calça comprida não abalou ou aboliu as fronteiras entre o vestuário masculino e feminino, principalmente em espaços consagrados secularmente ao domínio dos homens, como a política. As roupas masculinas mantiveram sua significação emblemática ao longo do século XIX e do século XX, até os dias atuais, ainda que essas peças fossem incorporadas ao vestuário feminino.

Um exemplo claro disso está no guarda-roupa usado por mulheres políticas da geração de Dilma Rousseff, como Angela Merkel, Michelle Bachelet, entre outras. A escolha por esse estilo de vestuário pelas mulheres ao adentrarem ao círculo da elite política, de acordo com o traje oficial ostentado por homens como símbolo do poder e virilidade, revela a necessidade destas políticas se adequarem a costumes de um reduto secularmente masculino.

5.2 O guarda-roupas do poder

Quando Dilma Rousseff foi convidada para o cargo de ministra de Minas e Energia, e até o momento em que esteve como chefe da Casa Civil, encontrou no vestuário de mulheres

executivas, o terno feminino, uma identidade visual condizente com a fama de eficiente, gerentona e durona. Do traje alternativo de fins do século XIX e início do século XX, do *tailleur* ao terno feminino, essas últimas são as escolhas que mulheres que estão na vida pública e que estão em posição de cargos de liderança e comando usam - quase como um uniforme de trabalho no setor empresarial privado ou na burocracia estatal; ou mesmo em alguns setores do mercado de trabalho.

No decorrer da pesquisa imagética sobre a construção da imagem pública de Dilma Rousseff, aferiu-se que ela fez uso das calças e terninhos femininos descritos como "uniformes de mulheres políticas" (BEARD, 2018, p. 62) quando ministra e presidenta. O terno masculino é um traje que representa "a autoridade e um emblema do poder oficial, algo que sugere o oposto do trabalho braçal, cria uma identidade essencialmente masculina" (ANGUS, 2015, p. 50). Este se tornou a base do guarda-roupa masculino nos últimos três séculos e perpetuou-se, segundo Anne Hollander (1996) como um uniforme do poder oficial, sugerindo diplomacia, compromisso, civilidade e autocontrole físico. Assim, quando a mulher usa uma aproximação do terno masculino, sua sexualidade é neutralizada, transmitindo respeitabilidade, uma aparência de confiabilidade e discreta virilidade. Para Mirian Goldenberg (2005), as mulheres políticas, quando utilizam a variação do terno feminino, blazer com saia, mantem suas formas femininas, ainda, "escondidas pelo efeito camuflagem dos *tailleurs*" (GOLDENBERG, 2005, p. 118).

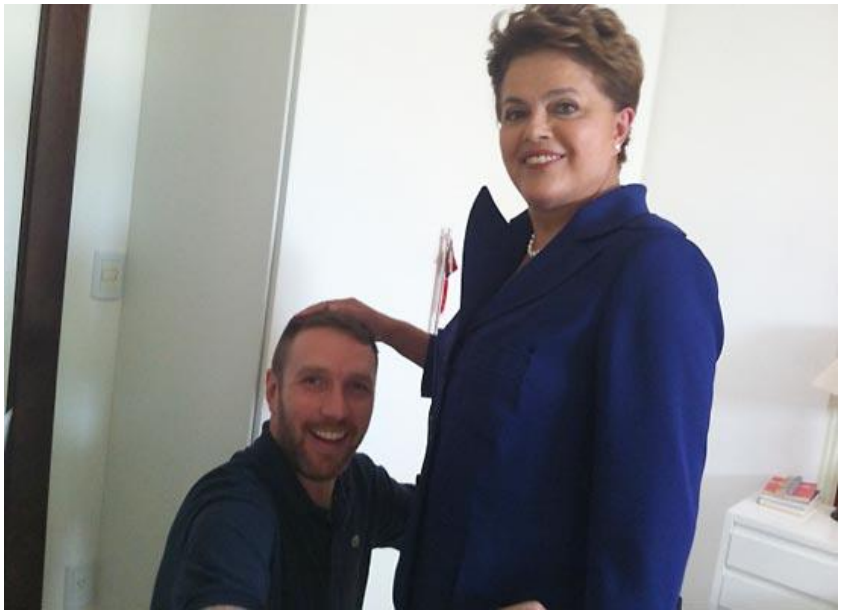
Uma variação do terno feminino usada por Dilma Rousseff e outras mulheres políticas, principalmente que fazem parte da mesma geração, é o uso do *tailleur*, que fica reservado para ocasiões de solenidades como o dia da posse, e adotam as calças compridas e blazers para o cotidiano de trabalho e eventos. Segundo Angus (2015), o *tailleur* era produzido por alfaiates no final do dezenove, e não por costureiras. O *"tailleur"* é o vestuário alternativo surgido na Inglaterra, que recebeu este nome quando foi adotado pelas francesas (CRANE, 2013).

Ao observar as imagens de mulheres políticas usando o terno feminino ou *"tailleur"*, a versão feminina do terno, facilmente se reconhece que "não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser que ela se parece bastante com um homem" (BEARD, 2018, p. 63). A autora em questão salienta que os terninhos normativos e as calças são oportunos e podem sinalizar uma renúncia aos ditames da moda. Contudo, eles podem ser incluídos na estratégia de tornar a mulher mais masculina e apropriada ao poder, como quem busca alcançar respeitabilidade no espaço masculino da política.

Apesar de já fazer uso de ternos femininos enquanto ministra nos dois mandatos do governo Lula, Dilma teve seu guarda-roupa colocado em questão em 2010. A ministra já havia atendido a pedidos no final de 2008, inclusive do próprio presidente, para suavizar sua imagem. Dilma passou por procedimentos estéticos e rejuvenesceu, ajustando-se às exigências do marketing político. Em 2009, as especulações sobre sua candidatura como sucessora de Lula ganharam páginas de jornais e revistas que apontavam como forte indício a mudança em seu visual.

Dilma durante 2009 já havia modificado o guarda-roupa de trabalho: os terninhos estavam com outra modelagem e as tonalidades mais claras. Mas em 2010, durante a corrida presidencial, sua maneira de se vestir não foi considerada apropriada para o palanque político. Foi anunciado pela diretora de imagem de Dilma, a publicitária Lô Politi, que o estilista brasileiro Alexandre Herchcovich seria o *"personal stylist"* da candidata. Na ocasião, Politi divulgou pela rede social Twitter uma fotografia do estilista tirando medidas de Dilma. A imagem circulou inclusive em matérias de revistas que reproduziam o fato. Entretanto, a parceria não durou muito tempo. De acordo com Herchcovich, ele desempenharia o papel de consultor e parte de estilista, e revelou o pedido da candidata por marcas nacionais. "Ele fez um estudo da imagem de Dilma para identificar as cores que a privilegiam. Concluiu que a melhor são cores claras e tons naturais" (QUEIROZ; MARTINS JR., 2011, p. 138). De acordo com o estilista, problemas entre as agendas de Dilma e a dele impediram que a parceria continuasse. Dilma adotou muitas das sugestões do estilista, mas algumas matérias davam conta de que a candidata não havia concordado com todas as mudanças propostas.

Figura 68: Na fotografia divulgada pela diretora de imagem, Lô Politi, aparece em primeiro plano e em pé, Dilma Rousseff com um blazer azul sorrindo, com o corte e tonalidade de cabelo modificada por Celso Kamura. Em segundo plano, abaixado e sorrindo Alexandre Herchcovich, parece estar tirando as medidas da candidata, enquanto esta tem a mão pousada sobre sua cabeça.



Fonte: Reprodução Twitter – 16/01/2014 - Acesso: 19 abr 2020 – Disponível: https://exame.com/brasil/dilma-tera-herchcovitch-como-consultor-mudar-guarda-roupa-590771/

Não foi possível aferir a veracidade das informações sobre o que ocasionou a quebra de contrato entre o estilista e a candidata, anunciado pelos meios de comunicação da época. Porém, não seria de se estranhar que uma mulher com a história de vida e a personalidade de Dilma Rousseff fosse aceitar grandes mudanças em seu guarda-roupa na campanha – caso tais mudanças destoassem muito do que estava disposta a negociar com o marketing político de sua campanha. Rousseff já havia encarado procedimentos estéticos faciais, enfrentado um tratamento contra o câncer, usado uma peruca em trabalho e viagens, mudado seu guarda-roupa de trabalho, feito dieta e mudado corte de cabelos diversas vezes antes de encontrar Celso Kamura, além de adotar o uso de maquiagem para chegar ajustada à campanha eleitoral. Tudo para estar dentro de padrões estéticos recomendados e esperados para disputar uma eleição presidencial. Não se tem notícias de que um homem, até aquela data, tenha encarado esse processo de mudanças, o qual a primeira mulher eleita presidenta da República aceitou passar e assumiu com sua conhecida disciplina e seriedade.

A mudança no guarda-roupa de Dilma foi precedida por muitas críticas internas e na imprensa. A editora de moda do jornal Folha de S. Paulo, Vivian Whitman, em maio de 2010 publicou em sua coluna que o presidente Lula havia solicitado à Dilma que modernizasse seu vestuário. E em seguida ressaltou as sugestões de estilistas e profissionais da moda que

sugeriam que a ministra precisava abandonar as cores escuras, os acessórios, as blusas e camisas com babados, e adotar cores claras e um estilo mais clássico. A personalidade da ministra necessitava ser apagada ou neutralizada para que viesse à tona uma candidata moldada pelo marketing político a pedido dos próprios companheiros de partido. A imagem da mulher guerrilheira precisava ser domesticada. A imagem de seriedade, de gestora competente e eficiente, de durona e agressiva, construída em parte pela reputação de mulher exigente e severa de Dilma, e as características a ela atribuídas pela imprensa, precisava dar lugar a uma mulher suave, que não representasse uma ameaça aos homens, sejam estes políticos ou do próprio eleitorado. Acima de tudo: que dialogasse com a elite nacional; pois até Lula mudou sua imagem e, de acordo com a imprensa nacional, teria sido eleito por isso.

Figura 69: Na coluna Poder, a editora interina de moda Vivian Whiteman, do jornal Folha de S. Paulo, aponta erros nos trajes usados por Dilma. A composição de fotografias de Dilma Rousseff, selecionadas pela jornalista e as legendas destacam os problemas no visual da candidata, que justificavam a mudança em seu visual.

Fonte: Folha de S. Paulo. 05 maio 2010 – Acesso: 20 mar 2020 – Disponível: https://m.folha.uol.com.br/poder/2010/05/730412-orientada-por-lula-dilma-troca-blusas-de-babado-por-terninhos-mais-sobrios.shtml

Seguindo as orientações do *marketing* político, Dilma adotou o *dresscode* chamado de uniformes de mulheres políticas. Em oposição à Dilma, a presidenta da Argentina, no mesmo período, sofreu severas críticas pelo "excesso" ao manter um guarda-roupas bastante feminino, acessórios e cabelos longos. No *Guia de estilo para candidatos ao poder*, os autores no último capítulo comentam: "machismo à parte, o fato é que para as mulheres a cobrança, é sempre maior. Do *sexy* para o vulgar é um pulo. Por isso, não se esqueça: um único deslize é capaz de pôr a perder anos e anos de trabalho duro" (MOLINA; MATHIAS; KOBAYASHI, 2012, p. 161).

No caso de Dilma, não se tratava previamente da imagem de uma mulher que tivesse um visual pautado pela feminilidade, ou mesmo que fosse muito feminina, como acusavam Cristina Kirchner. Dilma era séria demais, um visual apontado como conservador; às vezes pecava pelo excesso de acessórios. Ela adotou todas as diretrizes do marketing político em seu guarda-roupa de candidata e presidenta: terninho/*tailleur*, camisa, calça de alfaiataria, blazer, saia reta, vestidos formais, acessórios discretos, sapatos de salto médio e grossos. Unhas com esmalte neutro, maquiagem e perfumes discretos. Quanto aos cabelos, estes deveriam estar arrumados, sem perder o corte que deve ser prático (MOLINA; MATHIAS; KOBAYASHI, 2012).

Rousseff suavizou sua imagem, manteve os cabelos impecáveis e o guarda-roupa do poder, ternos femininos em dia. Para Anne Hollander (1996):

> o terno masculino não é mais universal para os homens. Entretanto, ele retém sua imagem de obedecer aos padrões, e, portanto, retém prestígio, junto com sua marca especial de sexualidade masculina confiante. Variações feminizantes confeccionadas com suas formas e texturas, inventadas principalmente para o uso da mulher durante os últimos cinquenta anos, junto com elementos novos criados para elas (...) afetaram profundamente a moda masculina ao demonstrar os desenvolvimentos possíveis futuros do terno em um clima cultural modificado. Mas todas estas invenções surgiram e foram à frente sem jamais ter realmente enterrado ou deslocado o terno masculino clássico (HOLLANDER, 1996, p. 146).

Conforme ressalta Crane (2013), o terno, traje masculino, não perdeu seu status e simbolismo que está diretamente atrelado à imagem masculina que emana poder e autoridade (BERGER, 1972). Mas quando uma mulher veste-se com um terno, ela não herda esse arbítrio masculino. O terno apaga a silhueta feminina, seu poder de feminilidade e torna o corpo da mulher menos ameaçador aos homens, que sempre temeram mulheres emancipadas e insubmissas (GAY, 1988). Para Mary Beard (2018) o fato de não termos um referencial para a

aparência de uma mulher poderosa, está relacionado a como fomos ensinados a olhar aquelas que desempenham o poder. Assim "como e porque as definições convencionais de poder (ou sabedoria, perícia e autoridade) que trazemos em mente excluem as mulheres" (BEARD, 2018, p. 60).

5.3 A construção da imagem pública de uma governante: moda, aparência feminina, imprensa e política

A posse da primeira presidenta eleita do Brasil foi noticiada pela imprensa nacional e internacional. E se o guarda-roupa de Dilma durante a campanha foi notícia, o traje de posse não deixaria de ser. Desde que Alexandre Herchcovich havia anunciado que não seria mais o *personal stylist* de Dilma Rousseff, não se teve mais notícias de algum profissional da moda famoso que estaria cuidando das roupas da candidata. Alguns estilistas candidataram-se para criar o traje de posse da presidenta, mas Dilma recusou. Dessa forma, a imprensa ficou sabendo apenas que uma estilista de Porto Alegre estaria responsável pela roupa da cerimônia. Nem a cor ou modelo foram informados à imprensa. O jornalista Alcino Leite Neto, da Folha de S. Paulo, escreveu um artigo criticando a escolha por uma costureira gaúcha em detrimento de renomados estilistas, pois Dilma poderia estar valorizando marcas da moda nacional, provando que nada sabia a respeito de quem havia criado traje da posse.

Dilma apresentou-se para a cerimônia de posse usando um vestido na cor *off-white*, com um casaco com mangas ¾ desenhado por Luisa Stadtlander, uma estilista autodidata de Porto Alegre. A imprensa elogiou a cor e criticou a modelagem do casaco reto, sem marcar a cintura da presidenta, o que não teria favorecido sua silhueta. O cabelo seguindo o estilo de Carolina Herrera também não agradou os jornalistas que criticaram por estar muito armado. Até o acessório, uma gargantilha usada por Dilma, foi reprovado por estar muito justo em torno do pescoço.

Figura 70: Dilma Rousseff no dia da posse no Palácio do Planalto trajando um vestido com blazer em mangas 3/4 e sapatos de salto médio, acessórios em dourado e pérolas. O traje completo em um tom *offwhite*, ou pérola, vestida com a faixa presidencial sorrindo.

Fonte: Agência Brasil. 01 jan 2011. Acesso: 13 abr 2020. Disponível: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2011-01-02/posse-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff

A cor do traje da primeira posse, em 2011, foi bastante elogiada por simbolizar que Dilma governaria para toda a população - o que não teria a mesma mensagem se esta fosse empossada vestindo um traje em vermelho, a cor do Partido dos Trabalhadores. Naquele mesmo período, outras mulheres tomaram posse na América do Sul e Caribe. A médica, Michelle Bachellet, em 2006 tomou posse da presidência do Chile usando um vestido com um casaco acinturado em tom pérola. A advogada argentina, Cristina Kirchner, foi empossada em 2007 como presidenta da Argentina trajando um vestido na cor branca com mangas também ¾. E a advogada Laura Chinchila assumiu a presidência da Costa Rica usando um *tailleur* acinturado branco. Há uma tendência em analisar a escolha por tons como branco e o pérola (*off-white*) como se fosse uma referência pela cor branca adotada para os trajes das sufragistas inglesas no final do século XIX e início do século XX, assim como o Partido Republicano Feminino no Brasil. Contudo, não existem fontes que comprovem essa suspeita.

Figura 71: Nas fotografias de posse abaixo, as três presidentas latino-americanas usam branco ou *off-white* em suas posses. Michelle Bachelet usando a cor pérola em seu traje de posse como presidenta do Chile em 2006. Ao lado, Cristina Kirchner empossada presidenta da Argentina usa vestido branco em 2007. E Laura Chinchila de *tailleur* toma posse do cargo de presidenta na Costa Rica em 2010. Não se pode afirmar qual razão motivou as escolhas dos trajes e nem pela escolha das cores. Especula-se que o branco desvia de bandeiras partidárias e afirma um compromisso de governar para toda a população sem distinção partidária.

Fonte: Bachelet – Ricardo Stuckert 15/01/2006 - Kirchner/Presidência da Argentina 10/12/2007 - Chinchila/Monica Quesada-AP. Acesso: 29 maio 2020. Disponível:
http://memorialdademocracia.com.br/card/bachelet-e-eleita-presidente-do-chile
https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Cristina_Fernandez_de_Kirchner_-_Foto_Oficial_2.jpg
https://kids.britannica.com/students/article/Laura-Chinchilla-Miranda/626193

Em entrevista ao jornal *GZH*, Luisa Stadtlander relatou que a escolha por manter o vestido da posse em sigilo partiu dela, e as mangas ¾ também, assim como a escolha pela cor, o *"off-white"*. A estilista revelou que Dilma era sua cliente a mais de duas décadas. E que em 2010, por ocasião da campanha comunicou que precisaria de roupas novas, e assim as duas pensaram em roupas para diversas ocasiões, desde modelos para ocasiões formais e outros informais para campanha política nas ruas em contato com eleitores. A estilista assumiu a autoria pela sugestão das mangas ¾ em 80% do guarda-roupa de Dilma. Ela se justifica dizendo que em razão da presidenta trabalhar sentada a maior parte dos dias, o modelo ¾ seria mais cômodo, e que também era uma preferência de Rousseff. O fato de Dilma ser uma mulher alta usando mangas ¾ deixaria o visual mais leve.

Stadtlander comentou o episódio em que o renomado estilista Alexandre Herchcovich se desligou da função de *"personal stylist"* de Dilma na entrevista para a coluna *Donna* do jornal *GZH* de Porto Alegre:

> esse episódio foi fantástico! Não tenho nada contra o Herchcovitch, acho ele um estilista muito talentoso. Mas a roupa dele não tem nada a ver com o

> estilo da presidente. A Dilma é uma mulher de 64 anos, cujo papel principal não é fazer ou ditar moda. O papel dela é governar. Ela tem que estar bem vestida, com roupas de qualidade, mas condizentes com sua função. Não é a roupa que tem que aparecer, é ela (DONNA – GZH, 13/02/2011).

A fala da estilista revela que talvez possa desconhecer as relações entre moda e política. O poder simbólico do vestuário e seu sentido político foi intensamente explorado por uma das figuras históricas mais emblemáticas da história ocidental, o rei francês Luís XIV. Seus trajes eram usados como símbolo e expressão de seu poder. O monarca foi responsável pela estetização da política e pelo estabelecimento de uma pedagogia de costumes civilizatórios (ELIAS, 2011) e obediência, passível de compreensão por meio de um Teatro de Estado, no qual encenava um ritual que incentivava a obediência da corte e de seus súditos[99]. Pois "impressões físicas tem um impacto maior que a linguagem, que faz apelo ao intelecto e a razão" (LÜNING *apud* BURKE, 2009, p. 19). Versalhes serviu a Luís como cenário para a ostentação do seu poder e todos os seus trajes, obras de arte, monumentos, medalhas e poesias, faziam parte de um sistema de comunicação para glorificar sua figura soberana e sagrada. Para Balandier (1980), "o poder o "veste" ou fixa sua figura sobre a superfície de sua pele" (BALANDIER, 1980, p. 17). Esse sistema complexo de fabricação da imagem de Luís XIV como soberano serviu de exemplo para muitos monarcas e consagrou a França como o berço do bom gosto e do luxo.

Para sua segunda posse em primeiro de janeiro de 2015, Dilma Rousseff não repetiu a parceria com a estilista Luisa Stadtlander. A escolhida pela presidenta foi a jovem estilista gaúcha, Juliana Pereira, por indicação de sua filha, Paula Rousseff. A estilista naquele período já era a preferida por jovens mulheres e adolescentes pelas criações de vestidos de noiva e trajes de debutantes. Segundo Juliana, a renda do traje foi sugestão de Dilma; já a cor, *nude*, foi opção da estilista para não destoar das cores da faixa presidencial. O processo de produção e de provas do traje se deu em dez encontros, e transcorreu com uma tranquilidade maior do que esperava, de acordo com Pereira. A ideia para o traje da segunda posse foi que este deveria ser "clássico, atemporal, elegante e leve devido ao horário e clima" (GLAMOUR, 2015).

---

[99] Na obra *Sociedade de Corte* (ELIAS, 2001) analisa o significado de se viver numa corte como Versalhes, as *práxis* sociais que essa sociedade valorizava, e como se estruturava o sistema de poder nesse contexto que se tornou modelo para toda a Europa. O autor de debruça sobre os costumes de Versalhes e até mesmo a arquitetura interior como habitação que era reproduzida eventualmente pela burguesia. Para Elias, a corte enquanto representação era o filtro do poder real, onde existia o dever da representação e da obediência.

Figura 72: Dilma Rousseff sobre rampa do Palácio do Planalto acenando com o braço levantado para o público sorrindo. A presidenta traja um vestido com mangas 3/4, de renda no tom nude. Em segundo plano desfocado se vê a vice-primeira dama, Marcela Temer. E ao fundo se vê veículos e o público.

Fonte: Ricardo Stuckert/Instituto Lula. 01 jan 2011. Acesso: 14 maio 2020 - Disponível em: https://fotospublicas.com/cerimonia-de-posse-segundo-mandato-da-presidenta-dilma-rousseff/

Dilma, que era conhecida por seu estilo clássico e conservador segundo a imprensa especializada em moda e estilo de vida, pelos parâmetros que adotara ao escolher a jovem estilista, foi vista como ousada. Especialistas e estilistas dividiram-se quanto à escolha da presidenta: alguns disseram que Rousseff havia acertado pois a renda valorizava a cultura nacional. Muitos criticaram o modelo por não valorizar a silhueta de Dilma, por ser um tecido muito leve e solto, que marcava o corpo e aumentava a região abdominal.

Na cultura brasileira, umcerto modelo de corpo, ostentando peso e forma característicos da juventude, trabalhado em academias e que recebe investimentos financeiros e até mesmo cirúrgicos, é considerado um capital - que pela teoria bourdieusiana, torna-se um

corpo distintivo[100]. Para Mirian Goldenberg (2015), o corpo que não ostenta juventude em padrões estéticos de magreza e beleza esculpida, quando se apresenta em sua forma natural: "o corpo gordo, envelhecido ou fora de forma" (GOLDENBERG, 2015, p. 10) é apreendido como um desmazelo. Goldenberg (2015) ressalta que, no país, o corpo feminino fora dos padrões estereotipados de beleza, sinônimos de distinção social, e envelhecido é relegado à invisibilidade social. Dilma Rousseff na sua segunda solenidade de posse como presidenta da República, em 2015, subiu a rampa do Palácio do Planalto trajando um vestido bastante feminino que evidenciava sua silhueta de sexagenária, mãe e avó, distante dos padrões de beleza perseguido por mulheres de diversas gerações. Seu corpo maduro não poderia ser visto? Deveria ser disfarçado por um outro modelo de roupa com um tecido mais estruturado?

Pela segunda vez na mesma década, uma mulher sexagenária subia a rampa do Planalto, e incomodava a sociedade que o seu corpo desprovido de capital simbólico rompesse com a invisibilidade social imposta às mulheres maduras. Sua aparência, ainda que tivesse passado por procedimentos estéticos no rosto e dentes, foi motivo de críticas e deboche. Nas redes sociais, comparavam o vestido a uma capa de crochê de botijão de gás de cozinha. Isso remete a uma atitude bastante preconceituosa, pois Dilma Rousseff já era uma senhora de 68 anos e as críticas sobre seu corpo revelavam não apenas um preconceito por idade e pelo modelo da roupa, mas também por seu gênero. O terno para o homem é o uniforme masculino consagrado do poder. Um presidente em sua posse não estaria livre de cometer algum deslize no modelo escolhido, na cor e tecido, ou na seleção de uma gravata, mas as opções são muito mais restritas. Dilma quando optou pelo modelo da primeira posse foi criticada por ser muito conservadora na roupa e no penteado. Pedia-se por leveza e feminilidade. Quando esta foi a escolha, nem o tecido nem modelo eram apropriados; ou seja, era o seu corpo que não se encaixava nos padrões convencionados.

---

[100] O sociólogo Pierre Bourdieu desenvolveu teorias acerca das estruturas sociais por meio de conceitos chaves como o de *habitus*, campo e capital, entre outros para analisar tanto a sociedade, quanto as relações sociais. Capital é um "conceito tomado de empréstimo à economia, o "capital" é radicalmente repensado por Bourdieu, desde a década de 1960, na perspectiva de uma "economia geral das práticas" que ele não cessará mais de aprofundar em seus trabalhos. (...). Um "capital" é um "recurso", segundo o modelo de patrimônio, isto é, um estoque de elementos (ou "componentes") que podem ser possuídos por um indivíduo, um casal, um estabelecimento, uma "comunidade", um país, etc. Na escala do indivíduo biológico, o patrimônio genético, os estados físicos e fisiológicos de uma pessoa fazem parte evidentemente desses "recursos". O segundo depende de fatores sociais, levando à ideia de um "capital corporal" ou "físico" individual, vinculado a diversas propriedades fisiológicas. Esse capital corporal não é apenas um dado, na medida em que ele é suscetível de conhecer variações culturais e sociais. Ele determina muito diretamente diversas modalidades de satisfação e bem-estar, sob sua forma física" (LEBARON, 2017, p. 101).

De acordo com Patrycia Centeno (2012), em *Política y Moda*, o primeiro debate político televisionado foi entre Nixon e Kennedy em 1960, e este foi considerado o ponto de inflexão de que a imagem significaria como uma ferramenta de comunicação política; nunca antes o binômio poder e aparência havia sido questionado, o que mudou radicalmente com o passar do tempo. Para a autora, a imagem é uma ferramenta de comunicação política e as escolhas nos vestuários adotados por lideranças políticas na contemporaneidade afetam a opinião pública. Segundo Silvana Bianchini, proprietária da consultoria de imagem *Dresscode* Internacional, a imagem equivale a "93% do primeiro impacto formado pelo eleitor" (Isto É Dinheiro, 2010), confirmando a análise de que na apreensão do público, as impressões da imagem pública de uma figura política alcança um impacto maior que o discurso proferido por uma candidata ou candidato.

Tendo conhecimento dessa questão, o marketing político no século XXI aperfeiçoou a relação da roupa com a imagem pública de figuras políticas. Em toda a América, o marketing político não é visto como um problema, pois a aparência é um tema levado bastante a sério - tanto na política, quanto no meio empresarial e setores do mercado de trabalho (CENTENO, 2012). Durante os anos 1980, se distinguia um candidato de esquerda do de direita pela roupa. Em nome da ideologia da luta de classes, candidatos de esquerda recusavam o uniforme do poder, o terno e gravata – adotado por políticos de direita e centro.

Com o passar do tempo e das disputas eleitorais, os partidos de esquerda começaram a entender a questão da imagem pública junto ao eleitorado, pois para vencer uma eleição não é possível contar apenas com o eleitor ideológico. Para Centeno (2012), "quando falamos da aparência de um político, sua importância não reside no fato de a roupa agradar ou não (algo totalmente subjetivo), mas em que a imagem que se projeta seja credível" (CENTENO, 2012, p. 39). No caso de Dilma Rousseff, nada em sua aparência ecoava de seu passado de luta contra a Ditadura em sua imagem pública. Rousseff havia sido categórica em entrevistas afirmando que a realidade mudou e que ela havia acompanho as transformações no mundo e no país enquanto sua imagem pública vinha sendo construída tanto pela imprensa, quanto pelo governo e por sua campanha política.

Seu novo guarda-roupas era clássico e conservador, transmitia credibilidade e segurança ao eleitorado que não era alinhado a ideologia de esquerda. Apesar da mudança no visual de Dilma, seus princípios éticos e ideológicos não haviam mudado, estando alinhados ao governo Lula, o qual havia se dedicado com empenho para que os grandes projetos de transformação social fossem implementados; eles falavam diretamente com o eleitorado que se identificava ideologicamente com Lula e o Partido dos Trabalhadores. Essa combinação

ajudou a consolidar, sua imagem pública sempre atrelada à imagem de Lula, que tinha no final de 2010 uma aprovação popular histórica de seu governo de 87% da população brasileira[101].

Conforme afirma Balandier (1980), um candidato ao cargo máximo do poder de um país "não pode irromper, surgir do desconhecido, (...) deve ter sido preparado, ter adquirido uma imagem pública, uma "dimensão nacional", uma credibilidade resultante de provas de sua iniciação e de seus sucessos anteriores" (BALANDIER, 1980, p. 17). Dilma era apresentada como a mãe do PAC, inaugurava obras com Lula viajando pelo país com o presidente que lhe transferia capital político. Construíam sua imagem pública como a realizadora dos projetos do governo Lula. Dilma não surgia do nada: estava sendo conhecida pelo povo brasileiro. Enquanto a imprensa também produzia sua própria narrativa construindo a imagem pública da ministra.

Murray Edelman (1988) procura identificar os modelos de construção de narrativas da política na contemporaneidade pelo jornalismo como espetáculo político que formata uma realidade política por meio da imagem do líder político, dos inimigos políticos e dos problemas sociais erigindo uma realidade política imagética. A comunicação de massa produz uma política espetáculo capaz de alterar o imaginário social coletivo ao mediar a visão que o público terá da política, adequando a opinião pública ao seu próprio interesse privado. Logo, a imprensa é uma entidade de classe.

A imagem pública de Dilma e a construção de sua candidatura foi disputada entre o governo que produzia sua narrativa atrelada aos programas governamentais, inaugurações de obras e programas sociais que obtinham resultados positivos e angariavam aprovação perante a população diretamente beneficiada - entre o que a imprensa construía em seus editoriais de economia e características e rótulos que atribuíam à imagem de Dilma Rousseff como membro do governo a partir de um recorte de gênero. Afinal, uma mulher, no campo masculino da política, conduzia com pulso firme a implementação do PAC, havia criado programas como o "Luz para Todos" e estruturado a legislação que direcionava a partilha dos *royalties* do Pré-Sal, o chamado "Passaporte para o Futuro" que alteravam a realidade das pessoas. Porém, Rousseff era rotulada de terrorista, mandona, autoritária, agressiva e centralizadora, entre outros, na tentativa de abalar sua imagem e a do governo Lula perante a opinião da população. "Ao atribuir significados à líderes políticos, os espectadores definem

---

[101] Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. BONIN, Robson. 16 dez 2010. Disponível em:http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html Acesso: 10 nov 2019.

suas próprias posturas políticas. Ao mesmo tempo, a crença na liderança é um catalisador de conformidade e obediência" (EDELMAN, 1988, p. 37).

Para Edelman (1988), um líder político legítimo tem a construção de sua imagem pública diretamente atrelada ao termo inovação. Dessa maneira, toda a *práxis* de uma liderança política deve ser orientada em forma de propostas cujo comprometimento e responsabilidade traduzidos em ações governamentais que busquem encontrar soluções para os problemas que afetam seus eleitores. Tais ações do governo terão a chancela da legitimidade se forem bem-sucedidas. Na campanha política de 2010, o marketing político explorou ao máximo essas questões que a imprensa noticiava de forma adversa. O projeto político, tanto de Lula quanto de Dilma era o nacionalista desenvolvimentista, o oposto do que a imprensa apoiava e setores empresariais da elite econômica, implementados até o final do mandato de Fernando Henrique Cardoso e sua política neoliberal.

No entendimento de Virginia Sapiro (1993), as lideranças políticas são líderes simbólicos e nesse sentido o recorte de gênero na análise da construção de mulheres políticas como mulheres simbólicas é fundamental para a compreensão do que significa uma mulher na esfera política reduto do poder masculino. Dessa forma:

> o gênero é seguramente um dos elementos mais importantes dos seres humanos que oferecem pistas de interpretação. Discussões e pesquisas consideráveis têm ignorado o ponto de que essa é uma das inibições da entrada total das mulheres na política. Em sistemas políticos dominados por homens, nos quais a política e o público esperavam por candidatos homens, a mulher não se enquadra facilmente em posições de liderança política. Seu gênero é um problema de uma forma que para os homens não o são. Gênero, especialmente noções de masculinidade e feminilidade, carregam conotações importantes sobre caráter, capacidade e comportamento que têm um importante significado potencialmente político. A pesquisa ressalta as percepções comuns das mulheres como relativamente cuidadoras e passivas e dos homens como relativamente agressivos, competitivos e ambiciosos (SAPIRO, 1993, 146).

A questão de gênero impacta diretamente em mulheres candidatas políticas. Quando não se conhece uma candidata mulher, seu gênero lança uma sombra sobre o todo. Mas quando o público ganha experiência com sua presença, sua interpretação sobre ela se modifica. Isso sugere que, quando as pessoas sabem apenas o gênero do candidato, elas usam essa informação para preencher lacunas na imagem que fazem do político, como sua competência. Quando informações sobre o partido de candidatos estão disponíveis, essa sugestão ganha procedência sobre o gênero (SAPIRO, 1993, p. 146).

Ao analisar a eleição de Margaret Thatcher como a primeira mulher a assumir o cargo de primeira ministra, Sapiro (1993) aborda o contexto em que esta disputou o cargo num momento de crise em que o Partido Conservador apostava numa *outsider* da política, apesar de Thatcher já ter uma trajetória interna no partido. O projeto político do partido obrigou os líderes masculinos a aceitarem, não sem resistência, o nome de Thatcher como candidata. Especificidades à parte do caso inglês, a aposta do Partido Conservador numa mulher não pode ser vista como algo inédito.

Segundo Michelle Perrot, "num momento de crise, se prefere recorrer a mulheres salvadoras" e "não se escolhe qualquer mulher, escolhem-se as mulheres particularmente enérgicas, aptas para enfrentar as tempestades" (PERROT, 1998, p. 131). A escolha de Dilma Rousseff muito se aproxima da análise de Sapiro (1993) e Perrot (1998): o governo Lula atravessara uma tormenta política com o chamado caso do "mensalão", e os nomes fortes de homens políticos integrantes do governo haviam caído: José Dirceu e Antônio Palocci. Dilma Rousseff apresentava grandes resultados no ministério de Minas e Energia e sua personalidade forte contribuiu para a escolha de seu nome como sucessora de Lula. Com a mudança na aparência da candidata, caberia ao presidente, ao partido e ao marketing político se empenharem em torná-la conhecida nacionalmente, associando sua figura aos avanços e soluções de sucesso encontradas pelo governo que impactavam na realidade da população numa disputa acirrada com a imprensa.

Nas fotos da campanha política de 2010, Dilma aparece com Lula em muitas destas imagens. Geralmente Dilma está em primeiro plano e Lula em segundo plano, permitindo ao eleitorado inferir que a candidata possui legitimidade por ter o apoio de um homem para governar o país. Como na imagem abaixo, em primeiro plano Dilma Rousseff de terninho vermelho com detalhes em preto olhando para frente, e ao lado, deslocado um pouco para trás, como se estivesse apoiando a candidata, o presidente Lula olha para a frente, mas para um plano acima, como se estivesse mirando o futuro do país.

Figura 73: Fotografia de divulgação da campanha presidencial de Dilma Rousseff de 2010. Em primeiro plano Dilma e ao lado e um pouco atrás, o presidente Lula.

Fonte: Divulgação da campanha Para o Brasil seguir mudando 19/10/2010- Acesso: 07 jun 2020. Disponível: https://luizmuller.com/2010/10/19/para-o-brasil-seguir-mudando/

Voltando um pouco no tempo, essa estratégia do presidente Lula aparecer junto à ministra acenando simbólicas transferências do cargo e o projeto político de poder de esquerda está congelado numa das imagens mais emblemáticas da postura de Lula e de seu governo em construir, antes da campanha eleitoral, a imagem pública de Dilma Rousseff como a candidata que daria continuidade ao seu governo. Na ocasião, 02 de setembro de 2008, Lula e Dilma estavam na plataforma P-4, no campo de Jubarte quando foi produzido o primeiro óleo de uma camada de pré-sal.

Imagem 74a: Lula marca as costas da ministra Dilma Rousseff na plataforma FPSO JK (P-34) no campo de Jubarte, durante a produção do primeiro óleo da camada de Pré-Sal.

Fonte: Ricardo Stuckert/PR – 06/12/2016 - Acesso: 12 out 2019 – Disponível: https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-aniversario-da-petrobras-e-as-maos-sujas-de-lula-carimbadas-nas-costas-de-dilma-ou-eu-petrobras-60-anos-endividada-e-rebaixada/

A fotografia remete diretamente a de Getúlio Vargas com a mão suja de petróleo em 1952, e tornou-se símbolo da campanha pela nacionalização da exploração e exploração de petróleo no país que culminou com a criação da Petrobrás. A fotografia deu origem a cartazes da campanha na época. Lula remetia ao passado recente do Brasil, cuja bandeira nacionalista desenvolvimentista também lhe pertencia – defendida por seu governo e partido político. Ao imprimir nas costas do macacão usado por Dilma suas mãos sujas de petróleo, ele reafirmava a política governamental que estava dando certo e sendo bem avaliada pelo povo brasileiro, através de Dilma iria prevalecer. Foi como se estivesse transmitindo à Dilma Rousseff não apenas o legado do que viria a ser denominado de Lulismo (SINGER, 2018), mas também o legado de Vargas[102].

Figura 74b: Getúlio Vargas posa com a mão estendida molhada de petróleo em 1952.

[102] O Lulismo é uma expressão criada por André Singer para analisar o fenômeno político que ocorreu com a eleição de Luis Inácio Lula da Silva ao implementar programas de combate à desigualdade social que permitiu a inclusão das classes baixas, antes refratárias à esquerda e eleitoras da direita, às classes médias, sem, entretanto, politiza-las ou atraí-las ao ideário da luta de classes da esquerda. Enquanto setores da classe média e alta deixaram de votar em Lula e migraram para partidos de centro e direita. Nas palavras de Singer (2009) o Lulismo conformava um novo arranjo ideológico, "a expectativa de um Estado suficientemente forte para diminuir a desigualdade, mas sem ameaçar a ordem estabelecida" (SINGER, 2009, p. 8). SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 85, pág. 83-102, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000300004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 03 de fevereiro de 2020. https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000300004

Fonte: Renato Pinheiro/PR, Acervo O Globo – 1952 - Acesso: 05 jun 2020. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/petrobras-criacao-do-governo-vargas-9678287

Em seu retrato oficial na galeria dos presidentes da República Federativa do Brasil, a primeira mulher eleita e reeleita democraticamente presidenta nada lembra o *mugshot* da ficha criminal do DOPS dos anos de chumbo da Ditadura civil militar. Mas sim a imagem de uma mulher madura, confiante e afável. Entretanto, ela precisou rejuvenescer através de procedimentos estéticos, abandonar os óculos e adotar o guarda-roupa de ternos e *tailleurs* para chegar ao poder e exercê-lo onde o arbítrio sempre fora masculino. Nenhum homem político precisou passar pelos procedimentos, que poderiam ser denominados protocolos femininos para disputar uma eleição e governar. O presidente Lula, como é público e notório, adotou ternos bem cortados do estilista Ricardo Almeida, que vestia grandes empresários e políticos conservadores. Adotou um bom corte de cabelo e manteve a barba sempre aparada, essa transformação na época ficou conhecida como "Lulinha Paz e Amor", para que sua candidatura se tornasse mais palatável para as elites nacionais e o mercado.

Na fotografia oficial de Dilma Rousseff, divulgada para os meios de comunicação pelo Palácio do Planalto em 1/01/2011, a presidenta aparece sorrindo com discreta maquiagem e vestindo um blazer na tonalidade da roupa da cerimônia de posse, o *"off-white"*, com a faixa presidencial cruzando o corpo na transversal, o símbolo concreto da legitimidade do cargo. O único acessório usado por ela é um par de brincos de pérola. Para a produção da foto oficial, o cabelereiro e maquiador Celso Kamura viajou até Brasília para prepará-la. A fotografia foi feita pelo fotógrafo oficial da Presidência da República, Roberto Stuckert Filho, irmão do

também fotógrafo Ricardo Stuckert que acompanhou Lula durante os dois mandatos e se mantém na ativa através do Instituto Lula. Ao fundo, na fotografia os arcos do Palácio do Planalto aparecem desfocados.

Figura 75: Fotografia oficial da presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Vana Rousseff.

Fonte: Roberto Stuckert Filho/ Presidência da República – 14/01/2011 - Acesso: 13 jul 2019 - Disponível: http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/01/palacio-do-planalto-divulga-foto-oficial-da-presidente-dilma-rousseff.html

Nada se compara à transformação de Dilma Rousseff e sua disciplina e dedicação em manter sempre um visual impecável. A presidenta sempre manteve cabelo, maquiagem e roupas arrumados e buscou um comedimento em sua postura e comportamento em público. O que Claudine Haroche (1998) analisa pela perspectiva da antropologia política é como os referenciais dos ritos e seus componentes psicológicos atuam na formação e transformação do poder político. Para Haroche, “o governo de si é um componente essencial do poder, o mais seguro entrave à desordem, um fundamento do governo dos outros, o complemento necessário

da lei. (...) o corpo é um verdadeiro operador político e social, parte essencial constitutiva do poder" (HAROCHE, 1998, p. 36).

A presidenta procurou manter uma mobilidade controlada em público. Pois o que garante legitimidade ao governante está diretamente ligado à contenção, "o governo de si, quer se trate do corpo quer dos sentimentos (...) o bem-estar do próximo, o respeito por ele exige o exercício constante de um controle vigilante de si mesmo" (HAROCHE, 1998, p. 38). O desinteresse por si mesmo deve ser praticado pelo governante ao se manifestar pelo interesse dos outros com "atenção, deferência, respeito e consideração" (HAROCHE, 1998, p. 38). E a presidenta assim se manteve: até mesmo no dia de seu interrogatório no Senado Federal que durou quase 13 horas, em que se consolidou seu afastamento em definitivo do governo.

Tanto que os fotojornalistas, para produzir imagens que borrassem ou abalassem sua imagem pública, recorriam ao que Cartier-Bresson nomeou de "momento decisivo" (SOUSA, 2000), a linguagem do instantâneo que captura gestos, posturas e expressões momentâneas que não condizem com a situação geral do evento em que se insere a fotografia. Essas imagens não são um resumo do momento ou solenidade em que Dilma estava inserida, mas, ao figurarem nas capas do jornal *O Globo*, tornavam-se um acontecimento, pois a fotografia ainda carrega um entendimento como espelho do real (SONTAG, 2007).

As mudanças sugeridas pelo marketing político em sua aparência e guarda-roupas, que estão retratadas na foto oficial de Dilma Rousseff foram observadas e seguidas durante todo o primeiro e segundo mandato da presidenta. De acordo com Patrycia Centeno (2012), as mulheres políticas que se lançam na disputa política pelo poder se deparam com duas opções para construir uma imagem pública: ou adotam o "uniforme de mulheres políticas" (BEARD, 2018), ou reivindicam o vestuário feminino no ambiente político. Dilma Rousseff adotou a primeira opção, e ainda assim sofreu muitas críticas negativas. Para Centeno (2012):

> o único recurso que ajudará uma mulher a não ser criticada negativamente é controlar perfeitamente todas as decisões sobre sua aparência e guarda-roupa para que ela reforce sua gestão pública, mas nunca a eclipse. Em outras palavras, a luta pela consolidação da estética e do vestuário femininos no panorama político mundial nunca arrefece, pelo contrário, obriga-a a transmitir uma imagem profissional e credível (CENTENO, 2012, p. 140).

A autora afirma ainda que o uniforme político foi criado por homens e para os homens. E que por essa razão, a mulher deve desenvolver seu próprio guarda-roupa, mesmo sabendo que qualquer variação no traje estipulado será avaliada como uma ameaça

(CENTENO, 2012). Contudo, a simples presença de mulheres no ambiente político já é percebida pelos homens como uma ameaça desde a luta das sufragistas e feministas do século XIX – visão que atravessou o século XX e permanece neste primeiro quartel do século XXI.

Para as mulheres atuarem na esfera masculina da política, a adoção do guarda-roupa do poder representa uma busca para conquistar aceitação, respeitabilidade e legitimidade entre o eleitorado e entre seus pares homens políticos. Entretanto, nada disso está assegurado ou garantido a elas. Dilma Rousseff atravessou o tempo de seu governo passando por desqualificações de todos os tipos. Seja pela roupa, pela maquiagem e corte de cabelo: a aparência de uma mulher sempre é questionável e criticável. Além da própria retórica e fala da presidenta que era muitas vezes editada e retirada de contexto.

John Berger (1972) ressalta que a sociedade convencionou que a aparência feminina determinará como esta deseja ser tratada. Contudo, quando a imprensa atribui características e sentidos desfavoráveis como no caso de Dilma, sua aparência que foi rigorosamente cuidada passa a ser um mero detalhe que não lhe garante um tratamento digno e respeitoso pela imprensa. Esta última, responsável por construir e desconstruir candidatos e políticos ao produzir as narrativas do espetáculo político moldando a opinião pública, através de fotografias, manchetes ou matérias e editoriais.

Ao analisar o comportamento dos oligopólios midiáticos nacionais entre 2014 e 2016, Raquel Moreno (2017) afirma que a grande mídia havia "restringido suas funções a apenas duas: gerar consumidores para seus anunciantes, e criar uma posição política em relação ao governo do país" (MORENO, 2017, p. 248). A postura dos veículos de comunicação na cobertura da campanha presidencial de 2014 e de todo o ano de 2014 para Dilma Rousseff em relação aos outros candidatos foi muito assimétrica. Considerando "a proporção entre o tempo de cobertura contrária e neutra (...) Dilma tem 53%, ou seja, mais de uma notícia negativa para duas neutras, enquanto Aécio 13%, praticamente 4 vezes menos que a candidata" (MANCHETÔMETRO *apud* MORENO, 2017, p. 250). Ainda assim, a presidenta foi reeleita:

> e quando começou a se caracterizar a articulação do golpe que resultou no seu impeachment, a grande mídia já havia tomado partido, não só filtrando e repercutindo as notícias que mais lhe interessavam, como fazendo um jogo aparentemente combinado, em que uma revista (*Veja, Época, Isto É, Exame* e outras) tomava a dianteira, repercutia no dia seguinte, e nos posteriores, no noticiário televisivo e nos jornais impressos, provocando um efeito cascata. (MORENO, 2017, p. 251)

Em relação ao enquadramento dispensado pela mídia a presidenta Dilma Rousseff,

> a primeira mulher eleita presidente em 500 anos de Brasil, teve um tratamento absolutamente diferenciado do dedicado a qualquer candidato ou político no exercício do cargo, por motivos múltiplos, entre os quais, pelo

> simples fato de ser mulher. É, portanto, importante salientar o caráter machista e misógino com que a presidenta foi tratada pela grande mídia, na caracterização que dela tentou fazer, no tratamento dispensado, no estímulo aos chistes e brincadeiras de mau gosto e na falta de respeito com que tratam as mulheres. A sua roupa, seu penteado, o seu peso, passaram a ser focados nas matérias que dela falavam. A repercussão às críticas e baixarias feitas por um ou outro cidadão (como o adesivo a ser colado no cano de abastecimento do carro) foi grande e continuada (MORENO, 2017, p. 248).

A imagem referida pela autora se trata de um adesivo que estava sendo comercializado num site da internet em 2015, o Mercado Livre, que tem como acionista Verônica Serra, filha do senador José Serra do PSDB, opositor do governo de Dilma Rousseff[103]. Ganhou espaço em denúncias nas redes sociais e gerou uma onda de protestos. O adesivo exibia um absurdo nível de violência sexista ao simular um estupro contra a imagem da presidenta. A imagem revela um alto grau de misoginia, que nunca se teve notícia que algum homem presidente houvesse sofrido em nível semelhante. O estupro é um crime de subjugação da vítima, de sua dignidade. O adesivo desumanizava a presidenta da República em todos os níveis e sentidos.

Figura 76: Reprodução de anúncio do adesivo que simulava o estupro da presidenta Dilma Rousseff no site Mercado Livre, em que era comercializado.

Fonte: Reprodução site Mercado Livre – 26/02/2017 - Acesso: 27 maio 2020 – Disponível:https://vejasp.abril.com.br/blog/cidade/anuncio-de-adesivo-com-montagem-de-dilma-foi-feito-por-uma-mulher/

Sendo a primeira presidenta eleita e reeleita democraticamente, sua imagem pública, seu poder e legitimidade foram ultrajados, violentados e questionados preparando a opinião

[103]Com filha de Serra como acionista, Mercado Livre pode ser acionado por adesivos. GGN. Alves, Cíntia. 03 jul 2015. Disponível em: https://jornalggn.com.br/na-rede/com-filha-de-serra-como-acionista-mercado-livre-pode-ser-responsabilizado-por-adesivos/amp/ Acesso: 19 ago 2020.

pública para o que viria a seguir em 2016. Seguiu-se que seu mandato foi interrompido num processo de golpe parlamentar midiático, em que a presidenta não havia cometido nenhum crime de reponsabilidade, e isso seria fundamental para um processo legítimo de impeachment.

De acordo com John Berger (1972) toda imagem corporifica um modo de ver. E a imagem pública de Dilma, em seu segundo, mandato foi sendo desconstruída através dos meios de comunicação e por integrantes da sociedade civil, esvaziando-a da legitimidade do poder que lhe fora outorgado pelo pleito eleitoral ao atacarem sua honra e dignidade num processo contínuo de difamação em níveis cada vez maiores de violência, como o adesivo para ser colado no automóvel. Esse processo não foi iniciado em 2015: sua imagem pública foi gradativamente associada pela imprensa a características como guerrilheira, autoritária, incompetente, despreparada no decorrer dos anos. Elas ganhavam novas camadas de sentido e potência através das fotografias da presidenta. Dessa forma, era desconstruída uma opinião pública, e uma nova percepção era erigida, construindo uma outra, a de uma pessoa inapta para governar, preparando a opinião pública para o golpe parlamentar midiático de 2016. Para Matos (2019),:

> Dilma foi vítima das mais diversas formas de violência política sexista, tanto por seus colegas políticos, quanto pelos meios de comunicação e por membros da própria sociedade civil. As mídias hegemônicas exploraram de modo indiscutível padrões misóginos e violentos, abertamente estereotipados para se referirem a ela. (...). Vamos identificar alguns mecanismos através dos quais a violência política sexista se expressa. São estratégias e formas de significar, de retratar, de pensar e de agir profundamente misóginas que afetam de forma significativa a trajetória política da primeira mulher brasileira a chegar ao cargo máximo da nação que á a presidência da República. (...)A violência política sexista exercida contra ela produziu, ao menos, dois efeitos principais: colaborou para afastá-la da cena política (...) e facilitou o acesso de novas candidaturas masculinas ao cargo, reforçando o estereótipo do fracasso das mulheres políticas. Tanto um efeito quanto o outro acenam para um mesmo objetivo final: manter a representação política como privilégio masculino, reforçando seu mandato de dominação no campo político. (MATOS, 2019, p. 208).

5.4 Uma *outsider* desafiando o *status quo* masculino na política

A abordagem do interacionismo simbólico, proposta por autores como Goffman (1988) e Becker (2008), constitui-se como um recorte inovador para explicar os mecanismos de dominação social (GUERRA, 2002). Por meio da análise da sociologia interacionista, estes autores trabalharam respectivamente com os conceitos de estigma e desvio para tratar do

fenômeno social concernente à rotulação tanto de indivíduos, quanto de grupo sociais. Becker (2008) busca analisar a gênese do rótulo de desvio, enquanto Goffman (1988) se propõe a apreender como o rótulo de estigma manifesta-se nas interações sociais que deriva da assimetria das relações de poder no bojo social.

O estigma para Goffman (1988) pode ser identificado em três categorias distintas,

> em primeiro lugar há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião. (GOFFMAN, 1988, p. 7)

Os estudiosos do interacionismo simbólico acreditam que, para alguns indivíduos, a rotulagem não é irreversível, o que pode acarretar inclusive que o estigmatizado receba um novo rótulo. Segundo Guerra (2002), o rótulo ou estigma pode variar de acordo com "(...)local de residência, gênero, idade", e "desde que um determinado rótulo é imputado a um indivíduo, todas as suas acções, presentes e passadas, são interpretadas à luz desse mesmo rótulo" (GUERRA, 2002, p. 25). Uma das decorrências de um processo de:

> etiquetagem centra-se naquilo que Goffman designa como «*spurious interaction*» ou interacção falsa. Isto significa que as pessoas que estão em contacto com a pessoa etiquetada agem e conversam com ela tendo sempre presente o rótulo, logo, acabam por ignorar o que a pessoa etiquetada é de facto na realidade. (GUERRA, 2012, p. 26)

O sociólogo Howard Becker (2008) trabalha com o que se denomina desvio. O autor desloca a ideia essencialista de crime para a expressão desvio por sugerir uma relação social. Pois são as relações no bojo social que estabelecem normas que demandam sua execução. Assim, a partir da adoção das regras sociais de um determinado grupo e da introjeção delas, que passam a ser reproduzidas sem estranhamento pelos demais grupos sociais nas interações. Dessa maneira, aqueles que não reproduzem as normas sociais são rotulados como desviantes, ou *outsiders*.

Becker (2008), afirma que através dos processos políticos os rótulos, as regras e os desvios são elaborados; ou seja, quando numa disputa um grupo social consegue estabelecer seu ponto vista como mais legítimo sobre os de outros grupos. O desvio é determinado através de conflitos que envolvem as disputas relacionadas aos propósitos de grupos específicos;

dessa forma, não se pode dizer que o desvio é inerente aos sujeitos que os cometem ou mesmo aos próprios atos categorizados como desviantes:

> se tomarmos como objeto de nossa atenção o comportamento que vem a ser rotulado de desviante, devemos reconhecer que não podemos saber se um dado ato será categorizado como desviante até que a reação dos outros tenha ocorrido. Desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete o ato e aquelas que reagem a ele (BECKER, 2008, p. 27).

Como as sociedades são complexas, elas apresentam em sua composição grupos dominantes e grupos desviantes, além de uma grande diversidade de desvios. As sociedades modernas são:

> altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam partilhar as mesmas regras, e de fato, frequentemente não o fazem. (...). À medida que as regras de vários grupos se entrechocam e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada (BECKER, 2008, p. 27).

Becker ressalta que a capacidade de se criar regras e de impô-las a outras pessoas está relacionada à questão do poder econômico e político. As regras são criadas também pelas gerações mais velhas para regular o comportamento dos mais jovens, pois a juventude não é considerada responsável o bastante para criar as próprias normas. “Da mesma maneira, é verdade, que os homens fazem regras para as mulheres. (...). Os negros vêem-se sujeitos às regras feitas para eles pelos brancos. (...) A classe média traça regras que a classe baixa deve obedecer” (BECKER, 2008, p. 29).

O autor publicou seu estudo na década de 1960 nos Estados Unidos, e expôs as demandas do movimento dos direitos civis dos negros dos anos cinquenta e sessenta, e também do que viria a ser o movimento de liberação de mulheres da segunda onda feminista da década de 1970. Grupos que não aceitavam mais as regras do grupo dominante masculino e caucasiano, por denunciarem e desafiarem essas regras, podem ser analisados como desviantes do *status quo* vigente daquela época infringindo as regras.

Howard Becker (2008) utiliza a categoria carreira atrelada aos estudos sobre trabalho no sentido de ocupações: “o conceito se refere à sequência de movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional, realizados por qualquer indivíduo” (BECKER, 2008, p. 35). Esse modelo pode ser analisado da perspectiva de carreira desviante, ou carreira *outsider*,

quando um indivíduo comete um desvio, uma ação inapropriada transgredindo as regras que conformam a carreira. Ao cometer o desvio, receberá o rótulo através do julgamento do grupo social. Para Becker (2008) a adoção de um padrão desviante pelo indivíduo se dá pela descoberta e identificação com um grupo social assumindo uma identidade desviante, um sentido de pertencimento, identitário.

A partir dos estudos desenvolvidos por Howard Becker (2008) e de Erving Goffman (1988) foi possível identificar dentro das categorias, carreira e estigma, na carreira política de Dilma Rousseff, que pode ser categorizada como desviante ou *outsider*. Rousseff encarna o desafio inaugural de ser a primeira mulher a exercer o mais alto cargo do poder executivo da nação, personificando um estigma e desvio de gênero no âmbito masculino da política secularmente controlado por homens. Uma *outsider* que construiu uma carreira política nos bastidores e burocracia estatal, candidata sem capital político (SAPIRO,1993). Como analisa Perrot (1998):

> a política é uma profissão de homens, concebida e organizada no masculino. Em seus ritos, em seus ritmos, em seus horários, em suas formas de sociabilidade, em sua apresentação de si, que molda também a expectativa do público, eventualmente decepcionado por ser representado por uma mulher (PERROT, 1998, p. 130).

A representação imagética de Dilma enquanto ministra e candidata foi construída e desconstruída tanto pelo fotojornalismo, quanto por meio da imagem pessoal da “mulher politicamente perigosa” (PINSKY, 2016, p. 539). Secundada pelo estigma (GOFFMAN, 1988) de ex-prisioneira e da conduta política radical, enfeixada na fotografia do arquivo do DOPS que foi criminosamente adulterada pelo grupo Ternuma e publicada pelo jornal Folha de S. Paulo. Sua reputação e imagem, como gestora durona e eficiente na condução dos dois ministérios em que atuou e nos programas de governo que coordenou, consolidaram uma imagem pública de mulher na carreira política como austera, autoritária e agressiva. Reforçando a imagem da mulher-combatente, guerrilheira, destemida (BÁRBARA; GOMES, 2010).

Conforme a imprensa atribuía à Rousseff tais características baseadas em opiniões de políticos, colegas de ministério e analistas da mídia. Esta manobrava um jogo discursivo e imagético que usava de rótulos para denegrir sua imagem pública, ao mesmo tempo em que usava poucas características favoráveis para manter a aparência de imparcialidade da produção jornalística. O estigma de ex-presa política e da guerrilheira se enquadram nos elencados “prisão” e “comportamento político radical” (GOFFMAN, 1988, p. 7) para Dilma.

Tais características que foram associadas à sua pessoa pela imprensa reverberaram até o fim de seu segundo mandato interrompido pelo golpe parlamentar de 2016.

Sua postura altiva, quando ainda era ministra do governo Lula, foi caracterizada pelo fotojornalismo no jornal *O Globo* como postura combativa, assertiva, que não solicita, mas ordena; além das menções ao passado quando foi enquadrada como guerrilheira reforçada nas imagens e textos que circularam sobre ela.

As fotografias da ministra-chefe da Casa Civil estão associadas ao processo de construção de Rousseff:

> como a do senhor da guerra, que pode declarar conflitos contra inimigos. O arquétipo de guerreiro tradicionalmente atribuído ao homem resvala para Dilma/mulher/política que enfrenta adversidades, responde por si própria; esta construção esteja vinculada à herança de Dilma/militante/guerrilheira. (BARBARA; GOMES, 2010, p. 80)

Figura 77: Em evento do PAC em Natal, Rio Grande do Norte, a ministra chefe da Casa Civil e pré-candidata à Presidência da República, Dilma Rousseff é capturada pelo instantâneo fotojornalístico enquanto discursava e gesticulava na página do caderno O País, do jornal *O Globo*.

Dilma nega interferência na Receita por Sarney

Em mais um dia com agenda de candidata, em Natal, ministra volta a defender permanência de Marina no PT

Paulo Francisco*

• NATAL. A chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, pré-candidata do PT à Presidência da República, manteve ontem em Natal uma agenda típica de político em período eleitoral, com direito a encontro com prefeitos do PMDB e PSB para prestar contas dos investimentos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no estado. No início da noite, ela visitou canteiro de obras de urbanização na comunidade de Nova Aliança, no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, onde posou para fotos com crianças e moradores, acompanhada da prefeita Micarla de Sousa (PV) e da governadora Wilma de Faria, que são adversárias políticas.

Dilma negou que tenha estado com a então secretária da Receita Federal Lina Vieira para tratar de questões das investigações sobre a família Sarney. Lina disse à "Folha de S.Paulo" que conversou com Dilma, a pedido

ministros dos Transportes, Alfredo Nascimento, das Cidades, Márcio Fortes, dos Portos, Pedro Brito, além de representantes dos ministérios da Integração Nacional e das Minas e Energia. Nascimento elogiou o presidente Lula por não discriminar prefeitos de oposição e pediu a continuidade de seu governo.

Segundo Dilma, o governo Federal está investindo no PAC do estado cerca de R$ 11,8 bilhões e vai aumentar este montante para R$ 15,2 bilhões, o que significa um aumento de quase 29%.

Dilma também foi questionada sobre o apoio do governo Lula ao presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP):

— Deve se apurar tudo que houver de indícios de irregularidades. Agora, ficar condenando as pessoas a priori e querer que essa condenação se dê através de mecanismos que não são aqueles institucionalmente estáveis, não é correto.

Junior Santos/Reuters

DILMA, no evento em Natal, com clima de campanha: ministra visitou obras, tirou fotos com crianças e apresentou balanço das obras do PAC

Fonte: Júnior Santos/Acervo O Globo. 10 ago 2009 – Acesso: 27 out 2019n- Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+candidata+10+de+agosto+de+2009

Dessa forma, pode-se analisar Dilma Rousseff atuando enquanto mulher política como uma *outsider*, um desvio no modo tradicionalmente masculino de fazer política ao caracterizar "uma imagem de sujeito-político-mulher, com potencialidades masculinas" (BÁRBARA; GOMES; 2010, p. 76) e não femininas. As críticas que Rousseff recebeu durante seu governo como centralizadora e inapta para fazer política negociando com o Congresso foi uma narrativa que a imprensa emplacou contra a presidenta. Para o exercício do cargo da presidência da República é um pré-requisito essencial a habilidade política no trato com o legislativo. A presidenta ao ser enquadrada como inapta a caracteriza como uma *"outsider"*

(BECKER, 2008) numa carreira política desviante no cargo executivo ao performatizar um estilo de fazer política distinto do modelo do lulismo (SINGER, 2018) e do modo tradicional masculino que dominou até então o cargo da presidência. Becker (2008) afirma que o rótulo de *"outsider"* consolida-se num processo de disputa entre grupos sociais e políticos. A imagem pública de Dilma foi objeto de disputa intensa pela mídia, uma entidade de classe, para consolidar junto à opinião pública estigmas e rótulos que a enquadrassem como uma *"outsider"*, uma incompetente para governar o país.

Atravessada pelas questões de classe e gênero, a carreira política de Dilma Rousseff seria um duplo desvio que se normatizou nos costumes e tradições patriarcais no exercício da política e na construção social do feminino, questão de classe pela qual Rousseff não descende de nenhuma família tradicional da política brasileira[104]. Ainda que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso não seja oriundo de nenhuma família das oligarquias que sempre dominaram a política brasileira, ele descende de outra tradição política nacional pois é filho de um general. E os militares brasileiros foram responsáveis por depor a monarquia num golpe para fundar a República no século XIX; e no século XX, outros foram eleitos presidentes como Hermes da Fonseca e Eurico Dutra, e em 1964 as Forças Armadas deram um golpe de Estado. Já Dilma está alinhada a uma corrente política e ideológica de esquerda, nacional desenvolvimentista em oposição às oligarquias nacionais, assim como a da imprensa privada conservadora liberal. Rousseff tem um passado de luta contra a Ditadura Militar que lhe rendeu o estigma de guerrilheira, de quem "pegou em armas", uma terrorista.

O conceito de classe ao ser empregado num contexto latino-americano precisa ser problematizado, pois os grupos sociais são complexos. Portanto, apesar de tanto Dilma quanto FHC fazerem parte da classe média, essa classe é segmentada e heterogênea. A palavra classe num sentido social:

> Indica grupos amplos, entre os quais a distribuição desigual de bens econômicos e/ou a divisão preferencial de prerrogativas políticas e/ou diferenciação discriminatória de valores culturais resultam respectivamente da exploração econômica, da opressão política e da dominação cultural. (...). Na tradição do pensamento social, classe é um conceito genérico utilizado

[104] Classe social é definida por Marx como a posição comum de um conjunto de indivíduos no interior das relações sociais de produção. "Para ele, classe era um grupo social com uma função específica no processo produtivo. Por exemplo, os proprietários de terra, os capitalistas, e os trabalhadores constituem classes distintas. Cada um deles ocupa um lugar específico no processo de produção: uns possuem a terra, outros, o capital, e os trabalhadores, a habilidade de trabalho. As diferentes funções dão a cada classe interesses conflitantes, além de ideias e maneiras de agir diferentes. (...)Nesse sentido, a tradição marxista tende a conceituar classe com base no lugar que cada grupo ocupa na economia". SILVA; SILVA, 2005, p. 63.

> no estudo da dinâmica do sistema social, enfatizando mais o aspecto de relação do que de distribuição da estrutura social. (SLOMCZYNSKI; WESOLOWSKI, 1996, P. 92)

Pelos padrões normativos da cultura política dominante, tradicionalmente masculinos, Dilma Rousseff é uma "mulher politicamente perigosa" (PINSKY, 2016, p. 539), que não sucumbiu à tortura e ao cárcere, conhecida por assumir a condução da Casa Civil num momento de instabilidade política do governo Lula com eficiência reconhecida inclusive pela imprensa e adversários políticos. A questão de gênero também ficou abertamente marcada. Dilma era avaliada e criticada pela própria aparência, pelo gestual, retórica e oratória, pela maneira de fazer de política com o Congresso. Um espaço extremamente hostil às mulheres, em que os homens políticos ali presentes sentem-se ameaçados em seu reduto que até bem pouco tempo atrás não tinha concorrentes mulheres disputando cadeiras no legislativo. Uma mulher no comando do país alterava a percepção da população sobre a capacidade de liderança e soluções inovadoras (EDELMAN, 1988).

Cabe ainda dizer que, segundo Howard Becker (2008), uma vez que um indivíduo recebe o rótulo de *outsider*, ou desviante, esse jamais perderá esse rótulo. Dilma Rousseff promoveu mudanças no estilo pessoal durante sua carreira política. Submeteu-se a procedimentos cirúrgicos estéticos para suavizar e renovar a aparência física. Ainda assim, Dilma Rousseff, sofreu um *impeachment* sem crime de responsabilidade, justificado em grande parte pela narrativa fotojornalística e jornalística construída da carreira política de Dilma ministra e sua atuação como presidenta como alguém inadequado e incompetente para gerir o país.

No próximo capítulo serão apresentadas as séries de fotografias de capa, agrupadas em bloco, que foram publicadas no jornal o Globo, procurando compreender como se deu o processo imagético de construção e desconstrução da imagem pública de Dilma Rousseff, e como as fotografias abordaram a primeira mulher eleita presidenta exercendo o poder.

6 NAS CAPAS DO JORNAL *O GLOBO*, A PRIMEIRA PRESIDENTA

A partir do debate teórico percorrido no desenvolvimento dos capítulos até aqui apresentados e da análise da construção de sua imagem pública – intervenção estética e guarda-roupa utilizado por Dilma, é possível encontrar os reflexos desse debate nas fotografias de capa da presidenta no jornal *O Globo*. Essas imagens estão agrupadas a partir de elementos e padrões que se repetem nas fotografias de acordo com o método histórico-semiótico utilizado por Ana Maria Mauad (2005). Esses blocos fotográficos (RAINHO, 2014) possibilitam ver, no conjunto, os temas e os sujeitos que são recorrentes ou que estão ausentes nas fotografias. As imagens são apreendidas como imagens-testemunho (BURKE, 2016); elas, ao serem interrogadas como evidências históricas, contribuem para uma análise em que o acontecimento é apreendido em toda sua espessura política, social e cultural (VOVELLE, 1997). "A imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir dela" (VOVELLE, 1997, p. 31); dessa forma, as fotografias de capa de *O Globo*, não apenas narram o exercício de poder da presidenta, como também constroem e desconstroem sua imagem pública e sua legitimidade para o exercício do cargo no comando do país. As fichas elaboradas para cada fotografia de capa de *O Globo*, no decorrer da pesquisa, estão organizadas no apêndice dessa dissertação.

A análise aqui apresentada parte de duas categorias determinadas por quem em é fotografado ao lado da presidenta, uma longa série em que aparecem homens e um pequeno bloco em que aparecem mulheres. A partir de então, optou-se por analisar as séries de capas na seguinte ordem: Dilma e Lula; Dilma sozinha; Dilma e quebra de decoro; Dilma e a campanha política; Dilma e a crise política; Dilma e o *impeachment* e por fim, Dilma se transforma em outra coisa. Essa escolha não foi aleatória, pois durante a pesquisa nas capas do jornal *O Globo* em seu acervo digital pode-se constatar que houve uma construção da imagem pública de Dilma, e que a partir do segundo mandato, 2015, intensifica-se um processo de desconstrução da imagem da presidenta que culmina no golpe de 2016. Não se trata de uma escolha temporal linear, pois muitas dessas fotografias fazem parte de séries diferentes identificadas na pesquisa.

Por ser a primeira mulher eleita presidenta da República, o elemento mais evidente nas fotografias de capa do periódico *O Globo* é o gênero, mais especificamente a assimetria de gênero na representação feminina nos espaços de poder. As fotografias agrupadas nas páginas seguintes compõem um grande grupo denominado de "Dilma Rousseff e figuras masculinas", as quais evidenciam a ausência de mulheres ocupando espaços de poder como autoridades -

seja no âmbito federal, estadual ou municipal, e no judiciário. Foram contabilizadas 82 fotografias de capa de Dilma Rousseff acompanhada de figuras masculinas, chefes de estado, ministros de governo e do judiciário, políticos, generais, entre outros.

Esse grande grupo de fotografias comprova a ausência de mulheres em altos cargos de poder. No grupo de fotos em que Dilma aparece com figuras femininas, apenas 13 foram encontradas. A análise dessas fotos acontecerá em blocos menores, em que foram identificadas outras características e elementos em comum que se repetem formando novas categorias apresentadas no capítulo de metodologia. Por se tratarem de grupos imagéticos reduzidos, estes permitirão uma análise com as fotografias ampliadas até o ponto em que não fiquem desfocadas. Por se tratar de captura por *printscreen*, uma limitação da pesquisa em acervo digital do jornal *O Globo*, as fotos perdem muito em qualidade quando ampliadas.

6.1 Dilma com figuras masculinas

Nesta série de fotos de capa em que a presidenta está acompanhada apenas de figuras masculinas, fica demonstrado o abismo quase intransponível para que as mulheres consigam chegar ao espaço masculino da política (PERROT, 1998). A ausência delas é impressionante quando as fotografias de capa são agrupadas por gênero: Dilma Rousseff está sempre acompanhada, interagindo ou mesmo cercada por homens. Observando essas capas, as imagens contam de como a presidenta reagia a agia em crises políticas, sociais, econômicas e com o poder judiciário e legislativo - a partir da interpretação de fotojornalistas, quando as imagens são re-enquadradas, ou seja, dotadas de outro significado pelo editor do periódico em questão quando recebem o reforço de um significado diverso através das manchetes.

Seus trajes de uniformes de mulheres políticas (BEARD, 2018), o guarda-roupas do poder, incorporado e utilizado pela maioria de políticas de sua geração, não conseguem promover como natural e legítimo sua presença nesses ambientes do poder institucional, como são propostos como sua finalidade. Enquanto que, quando utiliza um *tailleur* ou um vestido, emana o poder com muito mais legitimidade (BALANDIER, 1982) ao aliar o poder político, atribuído à racionalidade e masculinidade, aos atributos de feminilidade que também transmite poder - um poder sedutor que sempre foi atrelado a comportamento sexual ou a futilidade e superficialidade que decorrem da moda quando veste o corpo feminino. Essas questões transparecem na fotografia de capa em que Dilma aparece caminhando ao lado de Hu Jintao em Pequim, passando em revistas às tropas do exército chinês, trajando um *tailleur* que lhe confere muito mais legitimidade e emana muito mais poder do que se estivesse com

um terno feminino de caças compridas e blazer reto. Ao receber o presidente Obama, na foto do dia 20/0/2011, a presidenta aparece trajando novamente um modelo feminino, que promove o mesmo efeito da visita a Pequim; porém, nesta imagem, Dilma aparece transmitindo leveza pois o tecido e modelagem do traje contribuem para isso, e assim aparentando menos seriedade, como exige a solenidade.

Em duas fotos de capa em que Dilma é fotografada com militares: a imagem em nada recorda a guerrilheira que combateu a ditadura. Na primeira imagem, de 06/04/2011, figura 86, Dilma aparece absorta e isolada na cena enquanto um oficial do exército de costas está próximo do vice-presidente Michel Temer, quase todo encoberto. A fotografia apresenta uma presidenta alheia aos acontecimentos a sua volta, propiciando uma inferência de que ela também não dê conta dos problemas do governo e do país. A segunda imagem, 20/04/2011, figura 89, Dilma está ao lado do general Enzo Peri, e dialogam. Entretanto, a presidenta parece não compreender o que lhe é dito, e não o contrário - já que seu interlocutor é uma autoridade militar. Dilma aponta para um lado enquanto traz uma expressão confusa no rosto, e ele aponta para outra direção. O sentido produzido por essas duas imagens, curiosamente difere muito dos arquivos da Ditadura, em que Dilma era descrita como "papisa da subversão, uma das molas mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários" (AMARAL, 2011, p. 86), uma guerrilheira, terrorista, uma mulher politicamente perigosa.

O jornal também explora bastante a crise com o ministro Antônio Palocci, a primeira imagem de 18/05/2011, figura 90, Palocci aparece numa conversa ao pé do ouvido com o chanceler Antônio Patriota como se fosse um segredo, enquanto Dilma em segundo plano de cabeça baixa parece cochilar ignorando a cena e, talvez muito mais, o governo e os problemas do país. No dia 27/05/2011, na figura 91, Palocci aparece sentado ao lado de Dilma; porém, as cadeiras estão distanciadas. Ao fundo lê-se "um futuro", enquanto o ministro está de braços cruzados e com o corpo virado para o lado oposto da presidenta. Dilma aparece virada para o lado oposto de seu ministro claramente num momento de tosse. A frase que paira acima dos dois sinaliza para o futuro de Palocci e também do governo Dilma, que por sua expressão corporal leva a crer na cena fotografada que a situação entre os dois não vai bem. A foto do dia 08/06/2011, figura 94, registra o momento em que Dilma, que está num plano acima do de Palocci, parece ignorá-lo enquanto este em movimento foi congelado pela foto abaixando a cabeça; ao fundo parte da frase "com o futuro" aponta para sua saída do governo. No dia seguinte, 09/06/2011, figura 95, a fotografia de capa apresenta a cerimônia de posse da senadora Gleisi Hoffman no cargo de Antônio Palocci que deixava o governo. A fotografia mostra o cumprimento entre Hoffman e Palocci, uma expressão preocupada de Temer, que

aplaudia, e uma expressão facial de Dilma que permite a inferência de decepção com o ex-ministro e de ser implacável com os membros de seu governo. Enquanto isso, o texto ao lado da foto, num sentido oposto, narra que a presidenta se emocionou no discurso de despedida ao agradecer ao companheiro e amigo que deixava o governo.

Essa série é composta também por fotos protocolares em que a presidenta aparece cumprimentando autoridades e chefes de governo de outros países. Entretanto, algumas fotografias trazem um cumprimento que destoa das demais: quando a mão da presidenta é beijada por uma autoridade masculina. Uma das capas, de 05/06/2012, figura 115, apresenta a imagem do Rei da Espanha, Juan Carlos, beijando a mão de Dilma Rousseff, tendo acima a seguinte manchete: "Congresso desafia Dilma com 602 emendas a Código Florestal" e logo abaixo utiliza uma foto da rainha Elizabeth II, tendo também sua mão beijada por um homem. Elizabeth II é a monarca mais longeva no poder; o jornal estaria provocando essa inferência ao comparar o poder das duas mulheres e sua resistência às mudanças, ou capacidade de adaptação? De qualquer forma, a obsequiosa maneira de cumprimentar Dilma transporta a inferência do leitor para o imaginário e memória social coletiva ao remeter à reverência obrigatória a autoridades do Antigo Regime e religiosas que não existem mais no país. Quando um homem ainda beija a mão de uma mulher, esse comportamento é muito mais entendido como um galanteio e uma corte, referente a gerações muito mais velhas. Entretanto, outros políticos brasileiros repetiram esse ato como Guilherme Affif Domingos, então vice-governador de São Paulo, em cerimônia de posse como secretário da Micro e Pequena Empresa do governo federal, registrado na fotografia de capa de 10/05/2013, figura 130. O título "Decolando" e o texto abaixo trazendo as críticas do secretário à Dilma Rousseff: "Eleger Dilma é a mesma coisa que entregar um Boeing para quem nunca pilotou um teco-teco" e o fragmento de seu discurso de posse "Eu não sirvo a dois senhores. Sirvo a uma causa com que os dois senhores concordam". Affif foi incapaz de fazer referência à presidenta como senhora, mas curvou-se para beijar sua mão enquanto ela permite a reverência, com uma menção de riso no rosto, como se ironizasse o ato por conhecer suas declarações. A capa e foto são uma crítica aberta a Affif e também a Dilma, enquadrando-a como irônica, quando o fotojornalista captura o desenrolar da cena na qual expressões corporais e faciais estão em movimento antes de serem concluídas.

Algumas dessas fotografias trazem Dilma cercada por homens, num aceno ao leitor de sua inadequação ao exercício do cargo por ser a única ocupando esses espaços secularmente construídos como redutos masculinos, os legítimos proprietários do poder. Quando capturam sua face emocionada ou mesmo chorando, essas imagens ultrapassam a de todos os homens

que a precederam na presidência, e mais uma vez o jornal reforça a incapacidade das mulheres de controlarem suas emoções para exercer o poder. Quando a presidenta aparece muito séria ou com uma expressão em que se deduz severa e o dedo em riste discursando, o periódico reforça as características a ela atribuídas como autoritária e agressiva - o que, no gestual masculino, é referenciado como assertivo, corajoso e firme/sábio em comandar. Geralmente as manchetes reforçam negativamente as fotografias. O jornal *O Globo* desde o primeiro mandato de Dilma Rousseff assume um posicionamento de oposição ao seu governo até o seu afastamento definitivo do cargo em 2016. Essas características são visíveis nesse bloco de imagens. Cabe ressaltar que algumas dessas fotografias serão analisadas adiante, nas seguintes séries: Dilma e Lula, Dilma e a campanha política, Dilma e a crise política, Dilma e o *impeachment*, e Dilma se transforma em outra coisa.

Figura 78: Dilma Rousseff após receber faixa presidencial

oglobo.com.br

O GLOBO

Ao assumir, Dilma promete enfrentar desafios pós-Lula

Primeira mulher no Planalto, petista estende a mão à oposição e diz que fará as reformas

Política externa

Lima despedida com sensação choro

Cabral: agora é a vez da educação

Fonte: Domingos Peixoto/O Globo. 02/01/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 79: Dilma Rousseff e Mahmoud

oglobo.com.br

O GLOBO

Em 2010, superávit foi o pior da Era Lula

'Ação no Alemão é modelo para todo o país', diz novo ministro

Cardozo, da Justiça, defende união para combater o crime organizado

Estilos

Estado promete fim de política na educação

Psicóloga desaparece em casa

No Rio, irmão faz leilão por Ronaldinho

Dilma cortará imposto contra informalidade

Emmies: Planalto conclui sindicância sem punição

Fonte: Jorge William/O Globo. 03/01/11
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110102

https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110103

Figura 80: Dilma Rousseff e Sérgio Cabral

oglobo.com.br

O GLOBO

Estado não tem sistema de alerta contra catástrofes

Radar detectou início da maior tragédia climática do país. Informação não foi usada

Um socorro sem hora para chegar

Comunicado Itaú

Como forma de apoiar nossos clientes de seguros afetados pelas enchentes, disponibilizamos o número 0800 703 93 60 para pronto atendimento, rapidez na solução dos sinistros e pagamento das indenizações.

Itaú

Fonte: Marcos Alves/O Globo 26/01/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 81: Dilma Rousseff, J. Alencar e Lula

oglobo.com.br

O GLOBO

Senadores poderão receber até R$ 50 mil, acima do teto

Beneficiados são 13 deles, que ganham também como ex-governadores

Metade de Bom Jardim foi atingida

Homenagem a um lutador

Grupo vai apurar tortura em prisões

Déficit externo do país debra em um ano

Governo deve ser firme com centrais

O 1º título do ano

Brasil testa a primeira vacina vegetal

Fúria no Egito e no Líbano

Fonte: Pedro Kirilos/O Globo 14/01/11
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110114
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110126

Figura 82: Dilma Rousseff, 31 anos do PT

oglobo.com.br

O GLOBO

TCU acha irregularidade e trava verba do Maracanã

Turismo e Ciência sofrem com cortes

Metrô na Barra passará sobre ponte

A via crucis em grandes aeroportos

Impasse no Egito

PT chega aos 31 anos e decide reabilitar Dirceu

Ex-tesoureiro Delúbio Soares, pivô do mensalão, também quer voltar

Dilma apresenta slogan de Lula

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 04/03/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 83: Dilma R. e Xanana Gusmão

oglobo.com.br

O GLOBO

IR: Mantega já fala em aumentar impostos

Obama admite uso da força na Líbia

Pacificação surte efeito no carnaval

Dilma: 'Pibão foi bom', mas não se repetirá nos próximos anos

Fonte: André Coelho/O Globo 11/02/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110211
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110314

Figura 84: Dilma Rousseff e Barak Obama

Fonte: Beto Barata/Estado 30/03/2011
Acesso: 13 abr 2019
Disponível:https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110320

Figura 85: Dilma Rousseff e Lula

Fonte: Michel Filho/O Globo 20/03/2011
Acesso: 13 abr 2019
Disponível:https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110330

Figura 86: Dilma R. e Michel Temer encoberto

Fonte: Jason Lee/Reuters 13/04/2011
Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110406

Figura 87: Dilma Rousseff e Hu Jintao

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 06/04/2011
Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110413

Figura 88: Dilma R. e lideranças dos BRICS

oglobo.com.br

O GLOBO

'Ajuda' à Petrobras poderá custar 3 bi

Brics querem reformar ONU, FMI e Bird

BRICS Leaders Meeting

Governo afrouxa controles para garantir obras da Copa

Ipea avalia que 9 de 13 aeroportos não conseguirão fazer reformas a tempo

Alimentando invasões

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 20/04/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 89: Dilma R. e general Enzo Peri

O GLOBO

Empresas lavam dinheiro da Rocinha

País tem mais 100 empresas notificadas por biopirataria

Fonte: Reuters 15/04/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110415
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110420

Figura 90: Dilma Rousseff, Palocci e Patriota

O GLOBO

Palocci diz que fez o mesmo que parlamentares e ex-ministros

Petrobras corta US$ 35 bi contra inflação

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 27/05/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 91: Dilma Rousseff e Antônio Palocci

O GLOBO

Ciclovia no Rio tem preço de rodovia

Dilma e Palocci atendem Lula e dão explicações

UM FUTURO

Fonte: André Coelho/O Globo 18/05/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=20100110518
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110527

Figura 92: Dilma Rousseff e Michel Temer

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 31/05/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 93: Dilma de costas e Hugo Chaves

Fonte: Agência Brasil 07/06/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110531
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110607

Figura 94: Dilma R. e Palocci

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 08/06/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 95: Dilma, Temer, Palocci e Gleisi

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 09/06/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110608
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110609

Figura 96: Dilma Rousseff, FHC, Aécio e Serra

O GLOBO

Cabral, um código e 2 comissões de ética

Rio perde a paciência com explosões da Light

Dilma apoia ministro mas dá prazo para sanear Transportes

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 05/07/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 97: Dilma Rousseff, Cabral e Paes

O GLOBO

Flip, uma cobiçada vitrine

PR veta preferido de Dilma, que convida Blairo Maggi

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 08/07/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110705
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110708

Figura 98: Dilma, Mercadante e Mantega

O GLOBO

Mercado reage mal a plano anticalote dos EUA

Governo vai gastar até 25% mais para proteger indústria

Planalto e oposição em guerra sobre CPI

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 03/08/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 99: Dilma e FHC

O GLOBO

Sem Ronaldinho, Fla perde invencibilidade

EUA e Europa pedem a saída de ditador sírio; Brasil diverge

PT não gosta da faxina de Dilma...

Fonte: Marcos Alves/O globo 19/08/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110803
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110819

Figura 100: Dilma Rousseff e Eduardo Paes

O GLOBO

Dilma defende 'CPMF sem desvios' para financiar Saúde

Fonte: Marcelo Carnaval/O globo 02/09/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 101: Dilma, Lula e José Dirceu

O GLOBO

Dilma: para dar aumento ao Judiciário, só tirando do social

PT retoma polêmicas da Era Lula

PIB reafirma perigo da inflação

Fonte: Ueslei Marcelino/Reuters 03/09/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110902
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110903

Figura 102: Dilma Rousseff e Gastão Vieira

O GLOBO

Governo taxa carro importado para segurar invasão asiática

Fonte: Pedro Ladeira/FRAME 16/09/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 103: Dilma Rousseff e Barak Obama

O GLOBO

Inflação dobra, dólar sobe mais e país crescerá menos

Dilma: mídia atua contra corrupção

Fonte: Pedro Monsivais/AP 21/09/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110916
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110921

Figura 104: Dilma Rousseff e Lula

O GLOBO

Delator articula com 7 ONGs novas denúncias no Esporte

Fonte: Roberto Stuckert Filho/Presidência 25/10/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 105: Dilma Rousseff, Mantega e Lula

O GLOBO

Posse no Esporte vira ato de desagravo ao PCdoB

Fonte: Ricardo Stuckert/Instituto Lula 01/11/2011
Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111025
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111101

Figura 106: Dilma Rousseff, Lula, Mercadante e Garcia.

O GLOBO

Dilma decide demitir chefe do Dnocs, mas vai esperar PMDB

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 25/01/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 107: Dilma Rousseff e Mario Negromonte

O GLOBO

Dilma já procura substituto para ministro das Cidades

Fonte: Lúcio Távora/A Tarde 31/01/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120125
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120131

Figura 108: Dilma Rousseff e Raul Castro

Fonte: Adalberto Roque/Reuters 01/02/2012
Acesso: 14 abr 2019

Figura 109: Dilma Rousseff, Crivella e Sarney

Fonte: Givaldo Barbosa/O Globo 03/03/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120201
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120303

Figura 110: Dilma Rousseff, Joseph Blatter e Pelé

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 17/03/2012
Acesso: 14 abr 2019

Título 111: Dilma Rousseff e Barak Obama

Fonte: Kevin Lamarques/Reuters 10/04/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120303
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120410

Figura 112: Dilma Rousseff e Lula

O GLOBO

Lula vai a Dilma e acerta discurso único para CPI

Cristiano Ronaldo em dia de Messi

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 26/04/2012
Acesso: 14 abr 2019

Figura 113: Dilma Rousseff em encontro com prefeitos

O GLOBO

Congresso e tribunais não estão prontos para abrir informações

Abandono ameaça cem prédios

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 16/05/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120426
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120516

Figura 114: Collor, Sarney, Lula, Dilma e FHC

O GLOBO

Dilma: a busca da verdade agora é decisão de Estado

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 17/05/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 115: Dilma Rousseff e o Rei Juan Carlos I

O GLOBO

esportes

Congresso desafia Dilma com 620 emendas a Código Florestal

Fonte: André Coelho/O Globo 05/06/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120517
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201206

Figura 116: Dilma Rousseff e Agnelo Queiroz

O GLOBO

Crise da indústria não afeta emprego

Dia de desfile e protestos

Desalento com desemprego ameaça reeleição de Obama

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 08/09/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 117: Dilma Rousseff entre Lula e Haddad

O GLOBO

O fim da Era Hobsbawm

Supremo conclui que PT comprou apoio político

Dilma critica FH e Serra em comício

Fonte: Eliária Andrade/O Globo 02/10/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120908
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121002

Figura 118: Dilma Rousseff e Eduardo Paes

O GLOBO

Amil agora é americana

Fortalecido, PSB vira o mais cobiçado para 2014

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 09/10/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 119: Dilma Rousseff e Joaquim Barbosa

O GLOBO

Novo presidente do STF critica 'Justiça desigual'

Rio perde posições no ranking do Enem

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 23/11/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121009
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121123

Figura 120: Dilma Rousseff e Lula

O GLOBO

ECOS DO MENSALÃO

Dilma reage a Marcos Valério e defende Lula

Serra despreparada para as chuvas

Fonte: Remy de la Mauviniere/Reuters 12/12/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 121: Dilma Rousseff e Wellington Dias

O GLOBO

WALMOR CHAGAS AOS 82

MENOS IMPOSTOS

Custo de empresas pode ser reduzido em até 70%

China anuncia o seu Pibinho: 7,8%

Conta de luz cairá só 2% na Aneel

Fonte: Alexandre Cassiano/O Globo 19/01/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121212
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130119

Figura 122: Dilma Rousseff e Tarso Genro

O GLOBO

TRAGÉDIA EM SANTA MARIA

Descaso mata 231 jovens no Sul

Fonte: OSTA/ARENA 28/01/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 123: Dilma Rousseff e Lula

O GLOBO

Lula lança Dilma, e Aécio parte para o ataque

Fonte: Marcos Alves/O Globo 21/02/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130128
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130221

Figura 124: Dilma Rousseff e Paes no MAR

Fonte: Beth Santos/O Globo 02/03/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 125: Dilma Rousseff falando

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 15/03/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130302
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130315

Figura 126: Dilma R. e Papa Francisco

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 21/03/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 127: Dilma R. e Eduardo Campos

Fonte: Hans Von Manteuffel/O Globo 26/03/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130321
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130326

Figura 128: Dilma R. e Aécio Neves

O GLOBO

Punição de menor por crime dura menos tempo no Brasil

Os acidentes de ônibus do dia

Fonte: L. Adolfo/Folha Press 04/05/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 129: Dilma R. e Geraldo Alckmin

O GLOBO

Rio passa dia sem luz e sem explicação da Light

Fonte: Marcos Alves/O Globo 07/05/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130504
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130507

Figura 130: Dilma R., Affif e Calheiros

O GLOBO

Casamento gay já é legal na metade dos estados

Indústria quer reajustes de 5% a 20%

Fonte: Ueslei Marcelino/Reuters 10/05/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 131: Dilma Rousseff e Joaquim Barbosa

O GLOBO

Câmara derruba a PEC 37; Dilma recua de Constituinte

Barbosa condena conchavos e defende recall de políticos

Conflito entre bandidos e Bope, após passeata, mata 9 na Maré

Fonte: André Coelho/O Globo 26/06/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130510
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130626

Figura 132: Dilma R. entre Alves e Calheiros

O GLOBO

EUA, França e Reino Unido estão prontos para atacar Síria

Dilma rebate alegação de diplomata

Fonte: Ailton de Freitas/O Globo 28/08/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 133: Dilma Rousseff e Evo Morales

O GLOBO

PIB sobe 1,5% e surpreende com alta em todos os setores

EUA dizem que Síria mateu 1.429 com gás

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 31/08/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130828
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130831

Figura 134: Dilma Rousseff discursando

O GLOBO

Trabalho sofre desfalque, de novo

Dilma aponta motivação comercial em espionagem

Fonte: André Coelho/O Globo 10/09/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 135: Dilma R. e Joaquim Barbosa

O GLOBO

Dilma defende isonomia e agilidade para a Justiça

Fonte: Jorge William/O Globo 18/09/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130910
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130918

Figura 136: Dilma R. cumprimenta J. Barbosa

O GLOBO

País volta a ter maior taxa de juro real do mundo

Grevistas dão apoio incondicional a black blocs

Fonte: Ailton de Freitas/O Globo 10/10/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 137: Sarney, Lula, Dilma, FHC e Collor

O GLOBO

Governo autoriza cinco novos portos privados no país

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 10/12/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131010
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131210

Figura 138: Dilma Rousseff e Jaques Wagner

O GLOBO

Sob pressão, Renan marca para terça início da CPI

Fonte: Lucio Tavora/A Tarde 30/04/2014
Acesso: 13 abr 2019

Figura 139: Dilma entre Lula e Rui Falcão

O GLOBO

Para tentar conter o 'Volta Lula', PT formaliza Dilma

Fonte: Michel Filho/O Globo 03/05/2014
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140430
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140503

Figura 140: Dilma entre Lula e Temer

O GLOBO

Aumentos até para preço superfaturado

ALEMANHA E ARGENTINA PASSAM APERTO

Dilma se lança como a candidata da mudança

Fonte: Givaldo Barbosa/O Globo 22/06/2014
Acesso: 13 abr 2019

Figura 141: Dilma entre Mercadante e Cardoso

O GLOBO

Suspeito de chefiar máfia de ingressos está em Bangu

Fonte: Jorge William/O Globo 15/07/2014
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140622
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140715

Figura 142: Dilma R. e líderes dos BRICS

O GLOBO

Brasil cede, e Índia presidirá banco do Brics

SIMPATIA ALEMÃ DÁ VEZ AO DEBOCHE

Fonte: Yasuyoshi Chiba/AFP 16/07/2014
Acesso: 13 abr 2019

Figura 143: Dilma Rousseff e Garotinho

O GLOBO

Maioria no TCU livra Graça de bloqueio de bens

Marina: comitê de Campos declararia avião

Fonte: Gabriel de Paiva/ O Globo 28/08/2014
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140716
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140828

Figura 144: Dilma, Temer, Cardozo e A. Queiroz

O GLOBO

FLU SÓ EMPATA E BOTAFOGO PERDE

Campanha de Dilma muda após delação de corrupção bilionária

Fonte: André Coelho/O Globo 08/09/2014
Acesso: 13 abr 2019

Figura 145: Dilma, Temer e Requião

O GLOBO

PT e PSDB desafiam TSE e insistem nos ataques

Fonte: Geraldo Bubniak/AGB 18/10/2014
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140908
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141018

Figura 146: Dilma, Pezão e Paes

O GLOBO

Dilma passa Aécio, mas empate técnico continua

46% 43%

Ibope: Pezão tem 46% e Crivella, 36%

Fonte: Ivo Gonzalez/O Globo 21/10/2014
Acesso: 13 abr 2019

Figura 147: Dilma, Lindbergh, Garotinho e Crivela

O GLOBO

Dilma passa Aécio, mas empate técnico continua

46% 43%

Ibope: Pezão tem 46% e Crivella, 36%

Fonte: Pablo Jacob/O Globo 21/10/2014
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141021

Figura 148: Dilma, Paes e Pezão

Fonte: Roberto Stuckert Filho/PR 02/03/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 149: Dilma, Pezão, Benedita e Molon

Fonte: Marcelo Carnaval/O Globo 13/03/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150302
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150313

Figura 150: Dilma Rousseff e figuras masculinas

Fonte: Ed Ferreira/Agência Estado 20/03/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 151: Dilma conversa com Obama e Varela

Fonte: Mandel Ngan/AFP 11/04/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150320
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150411

Figura 152: Dilma Rousseff e Eduardo Cunha

Fonte: Pedro Ladeira/Folha Press 17/04/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 153: Dilma, Pezão, Paes e Nuzman

Fonte: Daniel Marenco/O Globo 24/06/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150417
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150624

Figura 154: Dilma entre figuras masculinas

Fonte: Reuters 03/10/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 155: Dilma Rousseff e Stefan Löfven

Fonte: Stefan Jerrevang/AFP 20/10/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151003
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151020

Figura 156: Dilma e Obama se cumprimentam

O GLOBO

Microcefalia se espalha, e Rio já tem 21 casos

Fonte: Martin Bureau/AFP 01/12/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 157: Dilma Rousseff e Ricardo Berzoíne

O GLOBO

Cunha retalia PT e abre impeachment de Dilma

Fonte: Jorge William/O Globo 03/12/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151201
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151203

Figura 158: Dilma, assessores e seguranças

O GLOBO

Conselho propõe destituir Cunha para conseguir julgá-lo

STF será guardião do impeachment, diz Fachin

Fonte: Ueslei Marcelino/Reuters 10/12/2015
Acesso: 13 abr 2019

Figura 159: Dilma R. e Eduardo Cardozo

O GLOBO

Dilma, Renan e Janot contestam rito de Cunha

Fonte: AP 12/12/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151210
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151212

Figura 160: Dilma Rousseff recebida por governistas

Fonte: Jorge William/O Globo 03/02/2016
Acesso: 13 abr 2019

Figura 161: Dilma Rousseff em solenidade

Fonte: Givaldo Barbosa/O Globo 04/03/2016
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160203
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160304

Figura 162: Dilma Rousseff e ministros

Fonte: André Coelho/O Globo 23/03/2016
Acesso: 13 abr 2019

Figura 163: Dilma, Lewandowski, Cardozo e Aécio

Fonte: Givaldo Barbosa/O Globo 30/08/2016
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160323
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160830

6.2 Dilma com figuras femininas

A série de capas de *O Globo* a seguir apresenta Dilma Rousseff acompanhada de figuras femininas. Esse bloco de fotografias soma apenas 13 fotografias - entre autoridades femininas e outras personalidades retratadas ao lado da presidenta. As imagens evidenciam a assimetria de gênero na questão da representatividade feminina nos espaços de poder, expondo os vazios produzidos pelo sistema político brasileiro e também em todo o mundo. As fotografias de Dilma acompanhada de figuras femininas estão em ordem cronológica, de 2011 até 2016.

São fotos produzidas por fotógrafos homens e apenas por uma mulher fotógrafa; em conjunto narram do ponto de vista masculino: como as mulheres se comportam ao lado de outras mulheres no exercício do poder de seus cargos ou de suas funções profissionais. Promovem uma comparação por seus gestos, expressões corporais e faciais quando estão próximas e seus trajes com os políticos homens. Assim, parecem inadequadas aos cargos, quando se tratam de presidentas e autoridades políticas e destoam de seus pares homens já consolidados secularmente no exercício do poder e uniformizados para o poder. Essas imagens promovem esse tipo de comparação e julgamento sem precisar incluir uma autoridade masculina nas fotos. Dessa forma, cada uma delas será analisada inclusive pelas manchetes e títulos que compõem essas capas do jornal *O Globo,* na categoria Dilma com figuras femininas.

Figura 164: Dilma e Hillary Clinton

oglobo.com.br

O GLOBO

Ao assumir, Dilma promete enfrentar desafios pós-Lula

Primeira mulher no Planalto, petista estende a mão à oposição e diz que fará as reformas

Cabral: agora é a vez da educação

Fonte: Adriano Machado/AFP 02/01/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura165: Dilma, Cristina Kirchner e Hebe Bonafini

oglobo.com.br

O GLOBO

Silvio Santos vende banco e nega dívida de R$ 4 bi

Oposição egípcia já negocia com militares

Número de homicídios no Rio é o menor em 20 anos

Estado teve no ano passado 1.025 mortos a menos que em 2009

Senado reelege Sarney hoje, e Câmara, petista

Mulheres no comando

Fonte: Reuters 01/02/2011
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110102
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110201

Figura 166: Dilma Rousseff e Ana Maria Braga

oglobo.com.br

O GLOBO

Ibama: hoje licença de Belo Monte não sairia

EUA mandam forças à costa da Líbia

Habitação popular perde quase metade das verbas

Programa Minha Casa, Minha Vida é o mais atingido pelo bloqueio

Fonte: Renato Miranda/TV Globo 01/03/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 167: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

oglobo.com.br

O GLOBO

EUA: pacote da Câmara é derrubado no Senado

Reta final para 2014

Crise nos Transportes prejudica PAC e contratos serão revistos

Em outros setores do programa, o ritmo das obras também foi reduzido

Fonte: Aílton de Freitas/O Globo 30/07/2011
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110301
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110730

Figura 168: Dilma Rousseff e Hillary Clinton

oglobo.com.br

O GLOBO

Itália é rebaixada após EUA e Grécia

Bolsa Família pagará por 5 filhos desde a gravidez

Para especialistas, baixo valor do benefício impedirá explosão demográfica

Dólar perto de R$ 1,80 tem alta recorde

Rock in Rio sem bilhete de trescões

Na ONU, Dilma ameaça quebrar patentes

Fonte: Jéssica Rinaldi/Reuters 20/09/2011
Acesso: 13 abr 2019

Figura 169: Dilma Rousseff e Christine Lagarde

oglobo.com.br

O GLOBO

Gás tóxico faz ANP fechar poço da Chevron

Menos impostos para mais consumo

Governo dá incentivo para melhorar desempenho de PIB, que será perto de zero no trimestre

Estado agora quer alugar barcas

Dilma não demite Lupi e cobra explicação da Comissão de Ética

Procurador-geral elogia recomendação e até pedetistas podem exoneração

Espectativa de vida sobe no Brasil: 73,5 anos

Direto das fronteiras do sistema solar

Síria já está em guerra civil, diz ONU

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 02/12/2011
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110920
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111202

Figura 170: Dilma Rousseff e Graça Foster

oglobo.com.br

O GLOBO

Dois candidatos para a Cidade da Música

'Agora é tudo com você, Graciosa'

Força-tarefa vai investigar aliciamento

Comissão de Ética Pública do Planalto investiga Pimentel

Ministro ganhou R$ 2 milhões em consultorias após deixar prefeitura

Gays apanham de taxistas no Galeão

O lado oculto do novo Sambódromo

Oposição na Venezuela quer copiar Lula

Droga e álcool podem ter matado Whitney

Especialistas: pacote não salva Grécia

Fonte: Marcelo Carnaval 14/02/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 171: Dilma Rousseff e Angela Merkel

oglobo.com.br

O GLOBO

Defesa vai reavaliar os arquivos da ditadura

Contra 'tsunami' de Dilma, Merkel ataca protecionismo

Presidente diz a chanceler alemã que deve adotar medidas cambiais

Mais doce caos eólio roberto

Nova BRS ouvida hoje pontos de 187 linhas

Chaute Valéte pede desculpas ao governo

BC quer cobrar R$ 44 bilhões de bancos

PMDB rebelado ameaça o novo Código Florestal

Fonte: Odde Andersen/AFP 06/03/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120214
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120306

Figura 172: Dilma Rousseff e Hillary Clinton

oglobo.com.br

O GLOBO

Ninguém segura...

Peluso critica CNJ e colegas ao sair do STF

Morte por tortura é reconhecida

Onça passeia entre carros e assusta STJ

Reestatização na Argentina vai a tribunal internacional

Para fugir da crise política, Cristina adota discurso anti-imperialista

O moço forte

Padrão global

Vale o que está escrito?

CPI

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 18/04/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 173: Dilma Rousseff e Michelle Bachelet

oglobo.com.br

O GLOBO

Agência rebaixa gigantes bancários

Impeachment relâmpago pode cassar presidente do Paraguai

Missão chefiada por chanceler brasileiro tenta evitar destituição de Lugo hoje

Imposto menor para segurar alta da gasolina

Espanha: chefe do Supremo cai por corrupção

Mulheres em ação

Megaconferência é modelo contestado

Mistério na explosão em exercício militar

Pelas águas do Ártico

Fonte: Evaristo Sá/AFP 22/06/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120418
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120622

Figura 174: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

O GLOBO

País sofre com falta de mão de obra

PODERES EM CHOQUE

Confronto entre STF e Congresso se agrava

Presidentes da Câmara e Senado criticam Judiciário, que reclama de ataque do Legislativo

Executivo avança sobre Judiciário

DILMA QUER VALE NO PAÍS VIZINHO

'Me quero ir'

CÂNCER MATA MAIS NA AMÉRICA LATINA

LITERATURA EM GOTAS DIGITAIS

SESSENTA ANOS DE BIENAIS DE SP

Fonte: Enrique Marcarian/Reuters 26/04/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 175: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

O GLOBO 90

POESIA CONCRETA ONTEM E HOJE

Isle de Freitas: O AÇO SE CURVA E PARECE LEVE

CAMILA, A MULHER DO SÉCULO

OURO INÉDITO NA NATAÇÃO

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Presidente faz alerta contra 'aventuras'

Cunha rompe com Dilma, fica isolado e agrava crise

Acuado pela Lava-Jato, presidente da Câmara age contra o governo

Emprego tem pior mês em 23 anos

Chineses em Belo Monte

Condenado por estupro é morto

Nova interdição no camelódromo

QUE PAÍS É ESTE?

Fonte: Ailton de Freitas/O Globo 18/07/2015
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130426
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150718

Figura 176: Dilma Rousseff e senadoras do PT

O GLOBO

DILMA ESTÁ FORA

E AGORA, TEMER?

Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir compromissos:

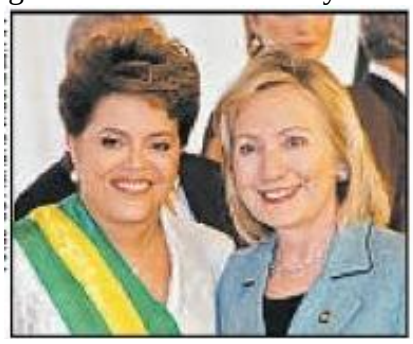
Aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista | Reduzir o desemprego, atrair investimentos e destravar concessões | Enfrentar no Congresso e nas ruas a oposição anunciada por Dilma | Cumprir a promessa de não interferir no caso Eduardo Cunha | Apoiar a Lava-Jato e rechaçar ações que atrapalhem investigações | Administrar a divisão no PMDB e pacificar relação com PSDB e DEM

PIB cai pela 6ª vez, mas dá sinais de retomada

Fonte: Leo Correa/AP 01/09/2016
Acesso: 13 maio 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201609

Dilma aparece em três capas ao lado da secretária de Estado norte americana Hillary Clinton: a primeira em 02/01/2011, na qual está registrada a primeira cerimônia de posse de Rousseff. Dilma e Hillary estão em uma foto menor, ambas sorrindo; logo abaixo a presidenta está acompanhada de Hugo Chaves presidente da Venezuela. A capa do jornal estrategicamente coloca Hillary acima e Chaves abaixo, reproduzindo uma visão colonialista numa visão de maior importância para os Estados Unidos - esboçando uma cobrança ao novo governo e deixando como uma incógnita como a política externa do governo Dilma iria se relacionar com as duas nações oponentes.

Figura 177: Dilma e Hillary Clinton



Fonte: Adriano Machado/AFP – 02/01/2011 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110102

A segunda fotografia de capa em que Dilma e Hillary estão juntas é referente ao dia 20/09/2011, por ocasião da participação de Rousseff em uma reunião de líderes políticos na ONU. Essa é a única foto dessa série produzida por uma mulher fotógrafa, Jéssica Rinaldi da agência Reuters. Na imagem, Hillary aparece sorrindo, com um olhar de admiração aplaudindo a presidenta brasileira que faz um gesto como de agradecimento. Neste mesmo dia, Dilma havia discursado na abertura da assembleia geral da ONU como a primeira mulher a ocupar esse lugar de fala de destaque e relevância global. A manchete de capa traz a afirmação: "Bolsa família pagará por cinco filhos desde a gravidez"; o tema envolvia uma grande polêmica despertando os preconceitos da classe média brasileira. A imprensa desde o lançamento do programa, em 2003, já havia denominado o programa social de "bolsa esmola", e parte da população acreditava que o benefício social era um incentivo para o aumento de uma população pobre e acomodada[105]. Por isso, manteria os beneficiários dependentes do programa, que se tornaria uma maneira de perenizar um verdadeiro curral eleitoral. A manchete principal é negativa, e o título da foto também: "Na ONU, Dilma ameaça quebrar patentes", caracterizando Dilma e seu governo como ameaças à propriedade privada e aos privilégios de classe no país. Dilma dera demonstrações de seu poder com ameaças, segundo a manchete, usando das características que lhe eram atribuídas - como autoritária, agressiva e perigosa desde os tempos de ministra no governo Lula. Enquanto isso, Hillary Clinton aplaude seu feito, corroborando as ideias antifeministas nascidas no século XIX de que as mulheres na política seriam uma verdadeira ameaça aos homens por serem violentas e perigosas (GAY, 1988).

[105] De Bolsa Esmola à Constituição Federal: O Programa Bolsa Família no jornal O Estado de São Paulo (2003-2013). (PIRES; André; DIAS, Tainah)

Figura 178: Dilma Rousseff e Hillary Clinton

Bolsa Família pagará por 5 filhos desde a gravidez

Para especialistas, baixo valor do benefício impediria explosão demográfica

Na ONU, Dilma ameaça quebrar patentes

Fonte: Jéssica Rinaldi/Reuters 20/09/2011 Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110920

Em 18/04/2012, a capa de *O Globo* traz a terceira foto de Rousseff e Clinton juntas. A imagem mostra as duas mulheres políticas numa conversa de olhos nos olhos e proximidade evidenciada pela mão de Dilma no braço de Hillary. A cena insinua uma relação de intimidade entra as duas mulheres políticas, com suas sombras projetadas na parede ao fundo - permitindo que o leitor infira que esse seja o modo das mulheres fazerem política, o que se passaria “nas sombras” da intimidade ou de conversas de mulheres que são associadas à fofoca. Contudo, a fotografia não revela onde estavam as mãos da secretária de Estado estadunidense para talvez comprovar a reciprocidade entre as duas. A legenda da fotografia diz que, no encontro, Hillary cumprimentava Dilma por buscar estabelecer um padrão global para combater a corrupção.

Título 179: Dilma Rousseff e Hillary Clinton

● A secretária de Estado americana, Hillary Clinton, cumprimenta a presidente Dilma, a quem elogiou por ter estabelecido "um padrão global" de combate à corrupção. **Página 9**

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 18/04/2012 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120418

Em todas as fotografias Dilma está trajando o uniforme de mulheres políticas: os ternos femininos ou *tailleurs* - até mesmo quando foi ao programa de televisão da Rede Globo, *Mais Você*. A foto escolhida para a capa em questão capturou um momento em que a presidenta, ao segurar com pouca desenvoltura um utensílio culinário sob o olhar atento da apresentadora, revela que não possui traquejo para cozinhar. A cena revela questões contraditórias: Dilma não precisaria saber cozinhar para governar. Entretanto, é esperado de uma mulher que esta saiba administrar a casa e cuidar da família. Como afirma Sapiro (1993), à mulher sempre está associada a questão do cuidado, que faz parte da socialização feminina desde a mais tenra idade ao observar o comportamento das mulheres a sua volta, tanto na vida privada quanto na vida pública em profissões. Muito provavelmente a participação de Dilma num programa matinal, voltado ao público feminino, permite que se afira uma estratégia de aproximação da figura da presidenta e de seu governo aos segmentos de mulheres donas-de-casa de classe média e parte da classe baixa.

Figura 180: Dilma Rousseff e Ana Maria Braga

Urinar na rua ainda é o pior dos blocos

• A organização do carnaval tem sido elogiada em comparação ao ano passado. Mas as queixas contra quem urina na rua continuam. O teste decisivo será a partir de sexta, com o desfile de 390 blocos. Página 18

A serpentina da tragédia

• A polícia confirmou que a serpentina metálica lançada por um foguete causou o curto-circuito que matou 15 foliões, no pré-carnaval de rua em Bandeira do Sul (MG). Todos morreram eletrocutados. Página 17

REVISTA MEGAZINE

Nos blocos cariocas, uma turma de meninas não dá bola para o machismo e toma a iniciativa da paquera.

MP diz que não há provas contra Turnowski

• O Ministério Público estadual desqualificou o inquérito da PF que indiciou o escrivão da Polícia Civil, Allan Turnowski, por violação de sigilo profissional. O policial responderá por um crime menor. Página 25

SEGUNDO CADERNO

Os cortes de Dilma

Habitação popular perde quase metade das verbas

Programa Minha Casa, Minha Vida é o mais atingido pelo bloqueio

Minha cozinha

Renato Rocha Miranda/TV Globo

• No dia do anúncio dos cortes, Dilma quebrou ovos e mostrou que aprendeu a fazer omelete. Ela gravou o "Mais Você", de Ana Maria Braga. Na campanha, era outro programa de TV, não conseguira concluir a receita. Página 10

• Para cortar R$ 50,087 bilhões no Orçamento deste ano, o governo promete reduzir investimentos, gastos sociais e subsídios do programa de habitação Minha Casa, Minha Vida. Uma das estrelas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o Minha Casa, Minha Vida terá a verba reduzida de R$ 12,7 bi para R$ 7,6 bi — corte de R$ 5,1 bi, o que equivale à construção de 200 mil casas populares este ano. A equipe econômica reduziu em R$ 15,7 bi despesas obrigatórias, sendo R$ 3,5 bi com pessoal e encargos sociais. Concursos para contratação de pessoal estão suspensos. O ministro Guido Mantega afirmou que os cortes são uma estratégia para manter o crescimento, sem risco de inflação. Para especialistas, mais que reduzir despesas, o governo deu um sinal ao mercado. Páginas 3 a 15, Merval Pereira (página 4) e Miriam Leitão (página 28)

Fonte: Renato Miranda/TV Globo 01/03/2011 Acesso: 13 abr 2019. Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201103

A presidenta, mesmo com pouca habilidade culinária, preparou uma omelete no programa. A fotografia da cena provoca o leitor: ela saberia o que está fazendo à frente do governo? Que país ela entregará ao final de seu governo? A falta de traquejo na cozinha estava sendo associada à sua competência para comandar o país. Se fosse mais um homem recém-empossado presidente, ele não faria uma participação num programa matinal e muito menos se esperaria que se saísse bem na tarefa de cozinhar bem uma omelete. A inabilidade para cozinhar não seria usada para questionar sua capacidade para governar. Cabe ressaltar que a participação da presidenta no programa matinal da Rede Globo não foi esclarecida no jornal - se seria ou não um convite do programa.

Com a presidenta da argentina, Cristina Kirchner, Dilma Rousseff aparece em quatro capas do jornal *O Globo*. A primeira, de 01/02/2011, mostra Dilma entre a presidenta Cristina e Hebe Bonafini, uma das fundadoras da associação Mães da Praça de Maio que atuam pela memória de desparecidos políticos e na busca por crianças sequestradas pela ditadura argentina. Na cena capturada pelo fotógrafo, Cristina aponta para algum lugar além no horizonte; Dilma e Hebe Bonafini olham para a direção apontada na sacada da Casa Rosada em Buenos Aires, sob o título *Mulheres no Comando*. Entretanto, tanto a expressão de Rousseff quanto de Bonafini permite a inferência de que Kirchner está apontando para um lugar que não existe, pois não conseguem enxergar. As mulheres no comando saberão para onde conduzem seus respectivos países? - nos pergunta a fotografia.

Figura 181: Kirchner, Rousseff e Bonaffi

Condenados 4 ex-presidentes da Cedae

• A Justiça condenou quatro ex-presidentes da Cedae por contratações irregulares entre 2002 e 2006, nos governos Benedita e Rosinha. Eles terão que pagar multa equivalente ao dobro do que receberam na companhia. Página 17

Manobras do governo somam um terço do superávit fiscal de 2010 Página 20

REVISTA MEGAZINE

Inspirados pelo rei dos geeks, Mark Zuckerberg, dono do Facebook, jovens brasileiros criam empresas "high tech".

SEGUNDO CADERNO

O produtor e agente Vincent Fremont fala do convívio com Andy Warhol, cujos vídeos para TV são tema de mostra.

NA CASA ROSADA, Cristina Kirchner mostra Buenos Aires a Dilma e a Hebe Bonafini, líder das Mães da Praça de Maio

Mulheres no comando

• Em sua primeira viagem internacional, a presidente Dilma Rousseff foi recebida pela outra mulher no comando de um país da América do Sul: a argentina Cristina Kirchner. As duas assinaram 15 acordos bilaterais em áreas como energia nuclear e habitação. Depois, Dilma se emocionou em encontro com as Mães e as Avós da Praça de Maio. Página 10

Senado reelege Sarney hoje, e Câmara, petista

• Câmara e Senado voltam hoje do recesso e devem eleger o deputado Marco Maia (PT-RS) e o senador José Sarney (PMDB-AP), respectivamente, como seus presidentes. A eleição na Câmara acontece em meio a uma guerra entre PMDB e PT por causa da disputa por cargos de segundo escalão. Amanhã, a presidente Dilma Rousseff discursará na abertura do ano legislativo, defendendo regras estáveis nas negociações. Página 3

CHICO

ENTREOUVIDO EM BS. AS.

— Esquisito vestido... Qual o tecido?

Fonte: Reuters 01/02/2011 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110201

Na segunda foto, 30/07/2011, Dilma e Cristina aparecem em pé; as duas presidentas vestem saias e estão muito próximas uma da outra, como se fossem apenas duas amigas íntimas se encontrando e não duas presidentas no Palácio do Planalto representando duas nações de modo formal e protocolar numa solenidade. A escolha pela fotografia de corpo inteiro das duas presidentas torna possível uma inferência de que as duas cochicham em público: duas mulheres de saia e salto alto - Kirchner com um traje mais informal que o de Rousseff com o paletó de *tailleur*. A presidenta argentina sempre fora criticada pelo excesso de feminilidade, pois a moda sempre foi associada à futilidade, um escândalo para o meio político dominado por homens sempre trajando o uniforme do poder, o terno e gravata. As duas mulheres políticas na cena parecem duas mulheres comuns, e não duas autoridades representantes de seus respectivos países.

Figura 182: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

Crise nos Transportes prejudica PAC e contratos serão revistos

Em outros setores do programa, o ritmo das obras também foi reduzido

Apple tem mais caixa que Tesouro

Espanha em crise antecipa as eleições

Agora na Bolívia: governo pode controlar 66% de TVs e rádios

Pilotos do voo 447 falharam, diz relatório

Denúncia derruba o casal Dnit: 22ª queda

Dilma quer demitir Jobim, mas Lula tenta segurá-lo

FH: PSDB deve apoiar a faxina de Dilma

Política industrial: Dilma enfrenta Mantega com soco na mesa

Fonte: Aílton de Freitas/O Globo 30/07/2011 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110730

A foto de capa de 26/04/2013 também mostra Dilma e Cristina muito próximas: a presidenta brasileira gesticula levantando os braços com as mãos abertas posicionados acima de Kirchner que presta atenção na fala de Rousseff. Acima da foto há um título maior antecedido por uma frase “Enquanto isso na Argentina... Executivo avança sobre Judiciário”. O título ao lado da foto “Dilma quer Vale no país vizinho” reforça a impressão que ela esteja impondo o seu querer, por ter sua imagem pública quase sempre associada a características como autoritária, durona e agressiva – como no país vizinho através da figura da presidenta Cristina Kirchner. Os trajes das duas presidentas reforçam a inferência: Dilma com um blazer cinza possivelmente combinando com calça comprida ou uma saia de *tailleur* feminino contrasta com Cristina que usa um modelo bastante feminino e delicado em preto com a transparência da renda e babado, usando uma blusa ou vestido não revelado na fotografia. O uniforme de mulher política de Dilma remete e reforça a autoridade e poder do terno, associados intrinsecamente ao masculino.

Figura 183: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

Homicídios crescem 37% em São Paulo

Capital paulista registrou aumento de homicídios, de 91 em fevereiro para 125 em março. Em São Bernardo (SP), um crime bárbaro: uma dentista morreu queimada após assalto. PÁGINA 11

Terror em Boston

Polícia atirou em suspeito desarmado

Segundo a imprensa americana, Dzhokhar Tsarnaev não tinha armas no barco em que foi alvejado pela polícia. O prefeito de Nova York disse que Dzhokhar e o irmão planejavam um ataque à Times Square. PÁGINA 31

Armas químicas

Para EUA, Síria usou gás sarin PÁGINA 30

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS — WALDO BARBOSA

ENQUANTO ISSO, NA ARGENTINA...

Executivo avança sobre Judiciário

ENRIQUE MARCARIAN/REUTERS

DILMA QUER VALE NO PAÍS VIZINHO

Em meio à redução de investimentos brasileiros na Argentina e a conflitos bilaterais, a presidente Dilma comentou, em Buenos Aires, após encontro com Cristina Kirchner, a decisão da Vale de sair do país vizinho. Dilma afirmou "ter a firme convicção de que a Vale encontrará o melhor caminho para um acordo com a Argentina". PÁGINA 28

Depois de uma tumultuada sessão de 20 horas, a Câmara argentina aprovou os principais pontos de uma reforma que, para a oposição e setores da sociedade civil, consolida a ingerência do Executivo sobre a Justiça. O Conselho da Magistratura será ampliado e terá 12 de seus 19 membros eleitos por voto direto, favorecendo os partidos que estiverem no governo. Em outro item polêmico, os juízes ficam impedidos de instituir liminares que suspendam decisões do Estado por mais de seis meses. PÁGINA 29

'Me quiero ir'

Perguntado sobre a inflação verdadeira, o ministro argentino Hernán Lorenzino pediu socorro: "Me quiero ir." PÁGINA 28

Fonte: Enrique Marcarian/Reuters 26/04/2013 - Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130426

Na quarta fotografia de capa, do dia 18/07/2015, as duas presidentas aparecem de costas com, Cristina Kirchner retirando um casaco longo e encobrindo quase completamente Dilma Rousseff, que pelo movimento congelado causado na foto, dá a entender que estava virando para outra direção, parecendo estar com as pernas trocadas. A manchete da capa *"Cunha rompe com Dilma, fica isolado e agrava crise"* reforça o sentido da imagem de que Dilma precisaria de cobertura, de apoio num momento em que a crise entre legislativo e executivo atingia um ponto sem retorno para o governo Dilma.

Figura 184: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner

Presidente faz alerta contra 'aventuras'

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Cunha rompe com Dilma, fica isolado e agrava crise

Acuado pela Lava-Jato, presidente da Câmara age contra o governo

Emprego tem pior mês em 23 anos

Chineses em Belo Monte

Condenado por estupro é morto

Nova interdição no cameródromo

Acordos de delação premiada aceleraram processos no país

'Não sou pau-mandado', diz acusado de tentar intimidar Youssef

Fonte: Ailton de Freitas/O Globo 18/07/2015 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150718

Essas três últimas fotografias sugerem uma quebra de decoro das duas presidentas capturadas provavelmente em fração de segundo: o momento decisivo que caracteriza o fotojornalismo e a posição e local em que se encontrava o fotógrafo para realizar a foto, como se não soubessem se comportar com comedimento, discrição e postura que exige o cargo de presidenta em público. A postura de Dilma e Cristina, a proximidade, os gestos incontidos, o retirar da peça de roupa em público, que pode ter ocorrido após a solenidade. Entretanto, como o leitor do jornal não tem conhecimento, porque o veículo de informação não revela, e a como fotografia pode ser recortada, editada e desconectada do ocorrido (SONTAG, 2004), as fotografias de Dilma e Cristina estão também na categoria quebra de decoro - por sugerirem um descontrole das emoções e do próprio corpo, que Claudine Haroche (1998) analisa como desgoverno de si e consequentemente dos súditos como no Antigo Regime, e na contemporaneidade, dos cidadãos.

Na fotografia protocolar de Dilma Rousseff com a diretora do FMI, Fundo Monetário Internacional, Christine Lagarde, em 02/12/2011, as duas mulheres aparecem com as mãos estendidas para se cumprimentarem; porém, o cumprimento que parece prestes a se concretizar sugere um ato incompleto - uma ação insatisfatória por parte do governo de Dilma Rousseff. Como sugere a manchete principal da capa: “Dilma não demite Lupi e cobra explicações da comissão de ética”; a presidenta não conclui atos esperados como chefe do executivo, nem com um ministro denunciado e nem teria fechado acordos ou parcerias com a diretora do FMI. A manchete complementa o sentido atribuído pelo jornal à fotografia de capa.

Figura 185 : Dilma Rousseff e Christine Lagarde

IRINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO DE 2011 • ANO LXXXVII • Nº 28.606 ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Gás tóxico faz ANP fechar poço da Chevron

• A Agência Nacional do Petróleo (ANP) autuou a gigante americana Chevron na Bacia de Campos pela terceira vez em menos de um mês. A agência descobriu que a empresa não avisou que havia gás sulfídrico, altamente tóxico, num dos poços em produção no Campo do Frade, o mesmo onde ocorreu vazamento de óleo no mês passado quando a empresa fazia prospecção. Página 35

Menos impostos para mais consumo

Governo dá incentivo para melhorar desempenho do PIB, que será perto de zero no trimestre

Gustavo Miranda

A PRESIDENTE Dilma cumprimenta Christine Lagarde, diretora-gerente do FMI, em Brasília

• O governo baixou um megapacote de R$ 7 bilhões para incentivar compras neste Natal. Entre as medidas, estão a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) na compra de geladeiras, fogões e máquinas de lavar. Foi cortado o IOF em operações de crédito e PIS/Cofins para pães e massas. O anúncio acontece dias antes de o IBGE divulgar o PIB do terceiro trimestre, que será próximo de zero. Caiu também o IOF para atrair investimento estrangeiro em ações.

• A diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, veio ao Brasil mas não conseguiu dinheiro para socorrer países em crise. Páginas 29 a 31, Míriam Leitão e editorial “Atenção redobrada ao ritmo da economia”

PRINCIPAIS MEDIDAS

Redução do IPI/linha branca
Fogões De 4% para zero
Geladeiras De 15% para 5%
Máquinas de lavar De 20% para 10%

Redução do PIS/Cofins para alimentos
Massas De 9,25% para zero
Redução do IOF
Empréstimos pessoais De 3% para 2,5%

E o Rio é BBB

• A agência Fitch concedeu nota “BBB” para a dívida de longo prazo em moeda estrangeira e local do município do Rio. Em 2010, a Moody's já havia dado grau de investimento ao Rio. Página 34

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 02/12/2011 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111202

Na fotografia de capa do dia 06/03/2012, Angela Merkel, chanceler da Alemanha, aparece ao lado de Dilma Rousseff numa fotografia em uma feira de tecnologia. A manchete: Damas de ferro: Contra “tsunami” de Dilma, Merkel ataca protecionismo. A imagem mostra Merkel olhando para o lado e sorrindo com uma expressão que parece ser de confiança, enquanto Rousseff olha para frente. Pelo ângulo da fotografia, parece que a chanceler olha desafiando a presidenta brasileira, que numa pose contida parece estar intimidada com a postura relaxada de Merkel. Mas, observando a foto, Dilma não está olhando para Angela Merkel - enquanto esta última olha para outra pessoa ou lugar, e não para Rousseff. A manchete leva o leitor a inferir que as duas mulheres estavam numa disputa aberta. Dilma havia investido contra Merkel, que respondeu com um ataque e levou a melhor por sua postura na fotografia. A capa constrói uma ideia de que seria afronta a maneira das mulheres: “Damas de ferro” fazerem uma política violenta. Considerando como a imagem pública de Dilma foi construída pela imprensa a partir de seu passado de luta contra a ditadura militar, não seria estranho esse comportamento violento, autoritário de uma ex-guerrilheira. Isso acaba corroborando a concepção de que as mulheres não foram feitas para a política e são inadequadas para o exercício do poder e que em grupo se tornam violentas (GAY, 1988).

Figura 186: Dilma e Merkel

IRINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 2012 • ANO LXXXVII • Nº 28.701 ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Defesa vai reavaliar os arquivos da ditadura

• O Ministério da Defesa determinou ontem que as instituições militares reclassifiquem documentos internos, inclusive relacionados à ditadura, para aumentar os dados disponíveis à sociedade. A medida integra a criação do Serviço de Informação ao Cidadão, que estabelece prazo de 20 dias para atendimento aos pedidos. Página 10

Mais cinco casos serão reabertos

• Por entender que certos crimes são continuados e não são cobertos pela Anistia, a subprocuradora-geral Raquel Dodge vai reabrir cinco casos da ditadura, informa MÍRIAM LEITÃO em sua coluna. Página 22

Novo BRS muda hoje pontos de 187 linhas

• Os ônibus de 187 linhas que passam pela Avenida Presidente Vargas terão seus pontos remanejados hoje, com a implantação

Damas de ferro

Contra ‘tsunami’ de Dilma, Merkel ataca protecionismo

Presidente diz a chanceler alemã que deve adotar medidas cambiais

Odd Andersen/AFP

A CHANCELER Angela Merkel e Dilma separadas por um astronauta holandês, na abertura da CeBIT, a maior feira de tecnologia do mundo

• Mesmo sem fazer referência direta ao Brasil, a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, deu ontem uma resposta às críticas da presidente Dilma Rousseff, que acusou os países ricos de estarem provocando um “tsunami monetário” ao injetar elevadas quantias no sistema financeiro. Num discurso diante de Dilma e de uma plateia de empresários, na abertura da maior feira de tecnologia do mundo, a CeBIT, em Hannover, Angela Merkel disse: “Nós vamos discutir a crise e as preocupações de cada uma. A presidente (Dilma) falou que está preocupada com um tsunami de liquidez. Do nosso lado, nós estamos olhando onde estão as medidas protecionistas unilaterais.” Dilma teria anunciado para a chanceler que o Brasil será obrigado a tomar medidas (para evitar a entrada excessiva de dólares), porque não pode ficar com buraco nas contas. Página 21

Fonte: Odde Andersen/AFP 06/03/2012 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120306

A fotografia de capa em que Dilma Rousseff está com a ex-presidenta do Chile e naquela ocasião, 22/06/2012, diretora da ONU Mulher, Michelle Bachelet, é referente ao fórum “O que as mulheres querem” da Conferência das Nações Unidas, Rio + 20 sobre

desenvolvimento sustentável. Na imagem, cujo título é: *Mulheres em Ação*, Michelle se vira para cumprimentar Dilma que olha para baixo. O fotógrafo captura as duas políticas em movimento e captura uma expressão facial de Dilma parece ser de desagrado, enquanto Michelle séria se encaminha para o cumprimento. O título chama atenção para o movimento, "Mulheres em ação", e existe uma percepção de que estavam contrariadas abrindo espaço para que o leitor faça a inferência de que poderiam as duas autoridades estar em desacordo entre si ou com o evento.

De fato, na ocasião, um grupo de feministas compareceu à conferência com cartazes em protesto ao documento final da Conferência, que havia retirado a expressão *direitos reprodutivos* e incluído *saúde reprodutiva*. A presidenta brasileira e anfitriã da Conferência Rio + 20 teve que retomar a palavra para explicar que o documento final era a expressão de um encontro multilateral, em que países com culturas diferentes se exprimiam na construção de um consenso. A fotografia de Dilma e Michelle retoma o discurso de que mulheres no poder não produzem uma política com resultados satisfatórios. O título ao lado da foto reforça essa inferência sobre a fotografia " Megaconferência é modelo contestado".

Figura 187:Dilma e Bachelet

Figura 188: Dilma e Bechelet ampliada

Fonte: Evaristo Sá/AFP 22/06/2012 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120622

Logo abaixo da fotografia de Dilma, o jornal traz uma foto de outro evento relacionado a conferência em que aparece Marcela Temer, vice primeira dama recebendo primeiras-damas num desfile de joias na sede do Itamaraty no Rio de Janeiro. Essa segunda foto de capa expõem o cargo vago de primeira-dama quando Dilma foi eleita, que não foi ocupado pelo primeiro marido pois a presidenta já estava separada de Carlos Araújo. A capa

trabalha com os aspectos do público e do privado na vida das mulheres e qual espaço seria mais adequado ao feminino, ou a mulher seria mais adequada a qual espaço. No alto, duas mulheres constrangidas com expressão e postura tensionadas, trajando uniformes de mulheres políticas e que destacaram em seus discursos as conquistas femininas; abaixo primeiras damas despreocupadas fruindo um desfile de joias.

Ao escolher colocar a foto da vice-primeira dama, o jornal *O Globo* mobiliza uma questão bastante relevante na cultura brasileira: a relevância de se ter um marido para as mulheres no país- o que foi denominado como "capital marital", que na fase madura da vida das brasileiras "o marido também é um capital, talvez até mais importante do que o corpo nessa faixa etária" (GOLDENBERG, 2015, p. 15). Dilma Rousseff aparece desprestigiada em diversos sentidos na capa: a manchete, seu estado civil, seu corpo maduro e o semblante contrafeito ao lado de Michelle Bachelet fazem um contraponto de desvantagens à fotografia da vice-primeira dama na companhia de outras mulheres casadas privilegiadas sendo prestigiadas num evento social com uma exibição de joias, preservadas das graves questões relativas ao campo da política e de problemas sociais e econômicos. Isso tudo como se a vida privada fosse um privilégio feminino - ao menos para determinada classe social a qual pertencem estas mulheres, como se a vida pública e o poder fossem fontes inesgotáveis de problemas e frustrações ao exercício feminino.

A capa de *O Globo* do dia 14/02/2012 traz uma fotografia na qual, em primeiro plano, aparece de perfil a presidenta Dilma e, no segundo plano, Graça Foster de frente na cerimônia em que foi empossada na presidência da Petrobrás. O fotojornalista captura a expressão de contentamento apesar dos sorrisos contidos de Rousseff e Foster, ambas conscientes da importância e conquista para as mulheres ao ocuparem seus respectivos cargos de comando. Entretanto, o título "Agora é com você, Graciosa" acima da manchete "Comissão de ética pública do planalto investiga Pimentel" provoca no leitor uma impressão de dubiedade. Pimentel ocupava o cargo de ministro do governo e estava sendo investigado, ainda que pelo órgão público da própria presidência da República; isso leva à inferência de que Dilma seria permissiva ou conivente; seu riso contido e de Foster tenta dissimular a vitória dessa conquista - uma mulher presidenta empossando a primeira mulher a dirigir a maior empresa estatal de capital aberto do Brasil. A foto fala de conquistas paradigmáticas femininas: duas mulheres maduras fora dos padrões de beleza e idade convencionados (GOLDENBERG, 2015), que ascenderam a cargos máximos de poder, mas que são eclipsadas pela manchete e o título ao lado, "Agora é com você, Graciosa", retirada do discurso de Dilma. Isso pode ser entendido como uma reafirmação de confiança em Foster, um aviso quanto a erros na

condução da empresa, tanto quanto da caminhada muitas vezes solitária de mulheres que disputam o espaço público e o poder com os homens. Uma ascensão vista com ameaça desde o século XIX por homens da alta, média e pequena burguesia à sua virilidade e privilégios de classe e gênero (GAY, 1988).

Figura 189: Dilma Rousseff e Graça Foster

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2012 • ANO LXXXVII • Nº 28.680 ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Dois candidatos para a Cidade da Música

• A prefeitura lançará em março a concessão da Cidade da Música à iniciativa privada. O complexo, que deve abrir no 2º semestre, depois de dez anos em obras, tem 2 interessados: o Polo Rio Cine e Vídeo e o Instituto Tomie Ohtake. Página 12

Força-tarefa vai investigar aliciamento

• O governo montará força-tarefa para investigar a rede de tráfico que alicia adolescentes no Norte e no Nordeste para transformá-los em transexuais em São Paulo. A polícia paulista também apura o caso e as ameaças a repórter. Página 5

Caso Eloá: motoboy ameaçou matar todos, diz testemunha Página 4

Marcelo Carnaval

GRAÇA FOSTER e Dilma Rousseff: a filha de dona Terezinha tomou posse na maior empresa do país

'Agora é tudo com você, Graciosa'

Apresentada por Dilma, nova presidente da Petrobras diz que não haverá alta de gasolina

• Numa posse concorrida com 11 ministros, oito governadores e vários empresários, além da presidente Dilma Rousseff, a engenheira Graça Foster assumiu ontem o comando da Petrobras. Em entrevista, ela deixou claro que não tem previsão para aumentar os combustíveis e elevar os investimentos, que serão mantidos. A combinação de aumento de custos com os preços da gasolina amarrados fizeram o lucro da estatal despencar 52% no fim do ano passado. Em seu discurso, Graça fez questão de dizer que era "a filha de dona Terezinha" e que estava orgulhosa de estar recebendo o crachá número um da empresa. De Dilma, sua amiga, recebeu os desejos de sucesso à frente da companhia: "Agora é tudo com você, Graciosa", disse a presidente. Página 21

Comissão de Ética Pública do Planalto investiga Pimentel

Fonte: Marcelo Carnaval 14/02/2012 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120214

A última foto desse bloco de fotografias de capa em que Dilma Rousseff aparece ao lado da senadora Fátima Bezerra - onde aparece também parcialmente a senadora Gleisi Hoffman - faz parte de outra série de fotografias de capa: Dilma e o impeachment. Entretanto, esta será analisada aqui por compor o bloco de fotos *Dilma com figuras femininas*, em que o jornal constrói uma narrativa sobre como as mulheres se comportam no poder e exercem o poder estando na companhia de outras mulheres. As manchetes e os títulos relacionados às imagens dão conta da inadequação feminina para ocupar um cargo executivo, e falam de uma prática política em que as governantes se atacam, como na capa em que estão juntas Rousseff e Merkel. Além disso, quando fazem referência apenas à Dilma, as manchetes trazem as características que lhe foram atribuídas desde quando assumira o ministério de Minas e Energia em 2003, durona, autoritária e agressiva.

A fotografia abaixo é a última capa em que a presidenta Dilma Rousseff aparece no jornal *O Globo*. A foto de Dilma, do dia 01/09/2016, um dia após a aprovação do *impeachment* sem crime de responsabilidade, mostra a presidenta de vermelho, a cor de seu partido político devidamente penteada e maquiada como no seu primeiro dia de governo em

01/01/2011, e com uma expressão bastante cansada e abatida reforçada pela fotografia que congelou sua expressão facial em movimento. Dilma fazia um pronunciamento para suas redes sociais e aberto à imprensa, junto de políticas e políticos do PT, ex-ministras e ex-ministros de seu governo destituído por um golpe de Estado parlamentar. Acompanhada de aliados buscava não se mostrar sozinha e derrotada. A presidenta ao deixar o Palácio do Planalto não desceu a rampa; em pronunciamento afirmou que faria uma oposição ferrenha a Michel Temer - ressaltou o jornal na legenda da foto e em uma das pequenas manchetes no meio da capa.

A fotografia maior, no alto, traz Temer na mesa do Congresso Nacional ladeado por aliados apoiadores do golpe: Ronaldo Caiado, Rodrigo Maia, Renan Calheiros, que impediu que fossem retirados os direitos políticos de Dilma com o *impeachment*. Esse último fato não condiz com a legislação, pois a perda de um mandato presidencial só ocorre mediante a comprovação de crime, o que Rousseff não praticou. Por último, o presidente do STF, Ricardo Lewandowski que legitimou o rito do *impeachment* sem crime de responsabilidade. Tanto em primeiro quanto em segundo plano só aparecem homens brancos, enviando uma mensagem direta à sociedade brasileira: homens políticos brancos retomaram o poder de uma mulher inábil politicamente para governar o país. O título acima reforça a foto, “Dilma está fora”. A foto menor de Dilma abatida na parte de baixo da capa confirma sua inferioridade e incapacidade. A política não é lugar para mulheres.

Figura 190: Dilma Rousseff e senadoras do PT

DILMA ESTÁ FORA

E AGORA, TEMER?

Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir compromissos:

Aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista	Reduzir o desemprego, atrair investimentos e destravar concessões	Enfrentar no Congresso e nas ruas a oposição anunciada por Dilma	Cumprir a promessa de não interferir no caso Eduardo Cunha	Apoiar a Lava-Jato e rechaçar ações que atrapalhem investigações	Administrar a divisão no PMDB e pacificar relação com PSDB e DEM

Fonte: Léo Correa/AFP - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201609

6.3 Dilma e Lula

As fotografias de capa em que Dilma Rousseff e Luis Inácio Lula da Silva aparecem juntos dizem da proximidade entre os dois. Quando Lula começou a sondar o nome de Dilma para sucedê-lo, Dilma era considerada um poste, ou seja, alguém impossível de ser eleito. Quando ela surgiu com o visual rejuvenescido por intervenções estéticas, Dilma passou a ser tratada em charges e caricaturas como a criatura e Lula como seu criador.

A primeira fotografia de capa é a da cerimônia de posse de Dilma Rousseff em 02/01/2011, figura 191. Nesta capa, a presidenta aparece em três fotos; a que será analisada aqui é que retrata Dilma ao lado do ex-presidente Lula. A imagem escolhida pelo jornal *O Globo* é a que o fotojornalista capturou uma expressão facial em movimento da presidenta e do ex-presidente, em que ela parece estar cansada. O que não incompreensível pelos fatores como clima em janeiro no país, pleno verão e a duração de toda a solenidade de posse. Na cena capturada, enquanto o presidente Lula ergue seu braço em sinal de vitória, os dois parecem mal vestidos; a faixa presidencial prendendo o caimento do vestido e o botão do terno tornando protuberante o abdômen do ex-presidente.

O gesto de comemoração em si não é contraditório, mas a linguagem corporal dos dois permite uma outra inferência ao leitor: a cena parece uma vitória pessoal de Lula, em primeiro lugar, por ter sido uma escolha pessoal dele o nome de Dilma para sucedê-lo e, em segundo lugar, uma vitória de um projeto político nacional-desenvolvimentista de esquerda do maior partido de esquerda da América Latina, o PT. Entretanto, a expressão de Dilma, sem um sorriso de vitória, com seu braço relaxado ao lado do corpo e Lula também sério, não parece uma imagem de vitória feliz. Considerando a questão do momento decisivo como uma das bases do fotojornalismo somado a escolha do editor do jornal, pode-se inferir que a cerimônia confirma o que tanto *O Globo*, quanto os demais veículos de informação apontavam: que Dilma não possuía experiência política, que era apenas um poste eleito por Lula.

Ao observarmos a capa completa, logo abaixo da foto com Rousseff, há uma outra foto de Lula emocionado, chorando, abraçando populares em sua despedida da presidência. Esta segunda foto dota de significado a primeira com Dilma; são fotos que revelam a tristeza do ex-presidente extremamente comovido após ter cumprido dois mandatos presidenciais. Ao ter braço levantado, talvez iniciando um sorriso, e tendo o olhar voltado para baixo, Dilma parece sem vida própria, uma *outsider* (SAPIRO, 1993) deslocada de seu lugar, os bastidores do poder. A primeira foto diz de uma presidenta-criatura-poste de Lula, que passou por intervenções estéticas para disputar o pleito eleitoral, e não da primeira mulher eleita na

história do Brasil. Lula aparece nas duas maiores fotos, deixava o governo com a maior aprovação já registrada a um governante brasileiro. Seu legado, seu carisma, sua aprovação popular alcançada muito pelo trabalho da ex-ministra chefe da Casa Civil ao gerenciar os programas de combate à desigualdade social e o PAC eram muito maiores que Dilma, segundo *O Globo*. A própria manchete reforça as fotografias: Dilma enfrentaria todas as comparações com Lula, tanto na maneira de fazer política e governar, quanto na implementação de políticas para superar índices e problemas do governo de seu antecessor. A capa de O Globo do dia 02/01/2011 não celebrava uma vitória e conquista das mulheres brasileiras, mas do ex-presidente Lula, como se apenas ele tivesse vencido as eleições e não Dilma Rousseff.

Figura 191: Dilma Rousseff e Lula

Fonte: Domingos Peixoto/O Globo – 02/01/2011 Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110102

A série imagética abaixo evidencia a relação de proximidade entre Dilma e Lula, mas não como algo positivo pelo ponto de vista do jornal. Lula aparece em relação a Dilma como um mentor, uma forte influência de sua maneira de fazer política nas decisões da presidenta. A relação entre os dois é de confiança, proximidade e afeto. Em algumas fotos os dois aparecem sorrindo, mas as manchetes são negativas falando de denúncias e que Lula havia ido acertar o discurso do governo numa CPI, como as de 25/10/2011 e 26/04/2012, figuras 197 e 205. Em 12/12/2012, figura 203, Dilma aparece de costas abraçando Lula e a manchete diz

que a presidenta sai em defesa do ex-presidente defendendo-o de acusações. Em 03/09/2011, em um congresso do Partido dos Trabalhadores, Dilma aparece em primeiro plano ao lado de Lula, ele parece coçar os olhos e ela parece bastante irritada com os braços cruzados e mão apoiando o rosto com o olhar distante e pensativo, numa posição defensiva. Em segundo plano, entre os dois, aparece José Dirceu com uma expressão divertida e debochada sorrindo enquanto morde a língua exposta. Acima da foto a manchete: "PT retoma polêmica da Era Lula"; logo abaixo: "Dilma defende combate à corrupção em congresso do partido, e ex-presidente não toca no assunto". Algumas inferências são possíveis nessa imagem: a primeira de que a única preocupada com o combate à corrupção era a própria Dilma. Lula fazia vista grossa enquanto José Dirceu se divertia despreocupado. A segunda inferência seria pela postura de Dilma deduzir-se que essa se arrependia de ter aceitado a aventura de ser candidata e assumir o cargo por um partido que não tinha os mesmos valores e aspirações que ela, ou que nem todos levavam a serio o combate à corrupção. Ela estaria sozinha na empreitada sem o apoio de seu mentor Lula. Valeria a pena a carreira pública política para uma mulher?

Em 25/01/2012, figura 199, com Lula se recuperando do tratamento contra o câncer, Dilma aparece nessa única foto liderando o grupo, tendo logo atrás de si o ex-presidente. Na fotografia de 21/02/2013, figura 201, com o lançamento de Dilma por Lula e pelo partido à reeleição, ela aparece ao lado de Lula que aponta para a lateral e Dilma acompanha a direção, e o jornal escolhe uma foto de Aécio Neves, seu opositor político, para figurar ao lado, em outra foto. A inferência é óbvia: Dilma deveria prestar atenção em Aécio e os leitores do jornal também; o jornal antecipava a campanha política. Em 03/05/2014, figura 203, ano de campanha presidencial, Dilma aparece entre Lula e Ruy Falcão, presidente do PT numa mesa em um evento do partido. Dilma com os braços estendidos na mesa, Lula segurando um deles, olhando e falando para Falcão; a presidenta parece olhar para lugar algum. Num primeiro momento a imagem nos faz deduzir que Dilma estava sendo pressionada pelos dois ou que estaria prestes a desistir de concorrer à reeleição. Contudo, a manchete dá conta de outro problema dentro do partido, já que algumas alas pediam pela candidatura de Lula, enquanto o ex-presidente afirmava em público que Dilma seria a candidata. André Singer (2018), na obra "O Lulismo em crise", afirma que Dilma lançou a si própria candidata à reeleição num movimento de distanciamento de seu mentor, Lula. É interessante acompanhar as duas narrativas, a de Singer pelo viés de esquerda e a outra, da imprensa, no caso *O Globo* como veículo de oposição. Enquanto os opositores, como o jornal, denunciam a tutela de Lula sobre Dilma, a esquerda pede por seu alinhamento ao lulismo (SINGER, 2009) e ao ex-presidente, confirmando que a presidenta seria mesmo uma criatura de Lula. Isso permite que seja

analisada a escolha de Dilma por Lula para sucedê-lo como a mulher salvadora (PERROT, 1998), uma *outsider* (SAPIRO, 1993) com personalidade enérgica para resolver o problema da sucessão presidencial em 2010; além de tudo, para manter o partido e a ideologia nacional desenvolvimentista no poder e seguir promovendo políticas públicas para melhorar a infraestrutura e a economia enquanto se mitigava a desigualdade social expandindo a classe média. Entretanto, Dilma não poderia colocar em risco o lulismo (SINGER, 2009) fazendo política ao seu próprio estilo. Estilo este em que a presidenta acionava seus ministros e secretários para receber deputados e senadores para atender pedidos e negociar com o Congresso enquanto ela trabalhava em projetos em busca de soluções para o país, agindo na contramão da prática política de proximidade de Lula com o legislativo.

Para Singer (2018), este foi um dos erros fatais cometidos por Dilma Rousseff que, somado a outros de seu governo, propiciou o ambiente político perfeito para um impeachment. Entretanto, Gilberto Carvalho, que fora ministro chefe da Secretaria-Geral da República nos dois governos Lula, no documentário *"O Processo"* (2018), analisa que a queda do governo estaria vinculada aos acertos e não aos erros do governo Dilma[106]. A fala de Gilberto de Carvalho no longa-metragem faz parte de um momento de autocrítica sobre os anos de governo do Partido do Trabalhadores, do qual é membro fundador, no estado do Paraná. Lá ele participou do governo federal de 2003 até 2014; portanto, sua fala possui a legitimidade de quem vivenciou os meandros da política em seus bastidores[107].

A última fotografia de capa em *O Globo* em que Dilma e Lula aparecem juntos é a do dia 22/06/2014, figura 204. Na convenção do PT, o ex-presidente e a presidenta conversam quase ao pé do ouvido como se recebesse orientações pessoais de Lula, tendo ao lado o vice-presidente Michel Temer; em segundo plano Tarso Genro, Agnelo Queiroz e mais atrás Jaques Wagner, além de outros políticos. Nem durante a campanha eleitoral para a reeleição ou no segundo mandato de Dilma, o ex-presidente apareceria em fotos com Dilma Rousseff nas capas do periódico da família Marinho.

---

[106] O Processo é um documentário fílmico lançado em 2018, em que são apresentadas as etapas do *impeachment* como uma farsa protocolar construída pela oposição para retirar do poder Dilma Rousseff num golpe de Estado parlamentar. Para Fillipo Pitanga, O Processo se trata de "uma obra cultural resultante da participação de quem o realizou e de quem o assiste, torna-se ele próprio testemunha ocular e prova da nulidade do processo em si a que retrata. Um filme-evidência, que talvez chegue tarde para voltar atrás o relógio dos efeitos processuais, mas não para o tempo de uma Nação." O Processo: Filme com F maiúsculo. Pitanga, Fillipo. 23 abr 2018. Disponível em: **http://www.justificando.com/2018/04/23/o-processo-filme-com-f-maiusculo/** Acesso: 07 out 2020.

[107] Gilberto Carvalho tem formação em filosofia, é um político ligado aos movimentos sociais e a Pastoral Operária. Foi assessor e conselheiro do presidente Lula, e ocupou o cargo de chefe de gabinete de 2003 até 2011 e de Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República de 2011 até 2015. http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carvalho-gilberto

Figura 192: Dilma e Lula

Domingos Peixoto / O Globo – 02/01/11
Acesso: 13 abr 2019

Marcos Alves / O Globo – 26/01/11
Acesso: 14 abr 2019

Figura 193: Dilma e Lula

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110102
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110126

Figura194: Dilma e Lula

André Coelho / O Globo – 11/02/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 195: Dilma e Lula

Beto Barata / AE – 30/03/11
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110211
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110330

Figura 196: Dilma e Lula

Ueslei Marcelino / Reuters – 03/09/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 197: Dilma e Lula

Roberto Stuckert Filho / Presidência – 25/10/11
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110903
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111025

Figura 198: Dilma e Lula

Ricardo Stuckert / Instituto Lula – 01/11/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 199: Dilma e Lula

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 25/01/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201111
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120125

Figura 200: Dilma e Lula

O GLOBO

ECOS DO MENSALÃO

Dilma reage a Marcos Valério e defende Lula

Serra despreparada para as chuvas

Remy de la Mauviniere/Reuters – 12/12/12
Acesso: 13 abr 2019

Figura 201: Dilma e Lula

O GLOBO

Lula lança Dilma, e Aécio parte para o ataque

Marcos Alves / O Globo – 21/02/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121212
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130221

Figura 202: Dilma e Lula

O GLOBO

Governo autoriza cinco novos portos privados no país

Roberto Stuckert Filho/PR – 10/12/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 203: Dilma e Lula

O GLOBO

Para tentar conter o 'Volta Lula', PT formaliza Dilma

Violência sobe e PM antecipa plano

Michel Filho / O Globo – 03/05/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131210
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140503

Figura 204: Dilma e Lula

Figura 205: Dilma e Lula

Givaldo Barbosa / O Globo – 22/06/14
Acesso: 13 abr 2019

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 26/04/2012
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140622
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120426

6.4 Dilma e a relação com o STF

As fotografias de Dilma Rousseff com o ministro do STF, Joaquim Barbosa permitem que se faça uma dedução de que a relação entre as duas autoridades estava tensionada. Muito provavelmente porque Barbosa havia sido o relator do chamado mensalão em que membros do PT haviam sido condenados, e a presidenta iria indicar outro nome para ocupar o lugar de Barbosa no supremo tribunal federal - durante o julgamento do processo da ação penal 470, que levou a condenação e prisão de lideranças estratégicas do Partido dos Trabalhadores, em que foi empregada a teoria jurídica do Domínio do Fato[108].

[108] Segundo o advogado criminalista e professor de direito penal da PUC/RGS Andrei Zenkner Schimdt, “a teoria do domínio do fato foi a forma encontrada pela academia para tratar o mandante que não faz parte da execução de uma forma diferente da exposta pelo Direito Penal clássico. “Mas isso não quer dizer que se exclui a necessidade de prova. A teoria diz de forma bem clara que é preciso encontrar alguma prova concreta de que houve o mando, como uma assinatura, uma troca de e-mails, uma conversa telefônica grampeada etc. Hoje em dia os meios de prova estão muito diversificados”. No entendimento de Zenkner, o que o Supremo fez durante o mensalão foi se apropriar da teoria e distorcê-la para dizer que “o simples fato de alguém estar lá e ter um posto de comando e poder de decisão é suficiente para a condenação”. A teoria foi usada pelo STF, no caso da AP 470, para o advogado, como uma forma de acabar com o processo penal para se chegar a um resultado pretendido.

As fotografias de capa dos dias, 23/11/2012, 11/07/2013, 18/09/2013, 10/10/2013, respectivamente as figuras 206, 207, 208 e 209, buscam retratar uma relação entre o executivo e judiciário, nas figuras de Rousseff e Barbosa, em disputa política no e pelo poder. A primeira, de 2012, quando Dilma aparece soltando a capa do ministro que estava presa, a imagem permite a inferência de que a presidenta tentava segurar ou puxar a capa do ministro Barbosa. A segunda, de 11/07/2013 mostram Dilma e Joaquim conversando; a distância entre os dois e a cadeira mais alta onde o ministro está sentado, capturados pelo fotojornalista, busca enquadrar a relação dos dois como distantes e a manchete "Câmara derruba a PEC 37; Dilma recua de Constituinte" permite que se infira que a presidenta recuava da possível pressão e influência que poderia estar tentando exercer sobre o judiciário, principalmente porque nesse período o governo sofria pressão das manifestações que foram denominadas "jornadas de junho".

A terceira foto de capa é do dia 18/09/2013; Dilma Rousseff e Joaquim Barbosa conversam aparentando tranquilidade na cerimônia de posse do Procurador Geral da República, Rodrigo Janot, os quais, em segundo plano, se encontram atrás de cadeiras que ocupam o primeiro plano da imagem. Mas é o terceiro plano que dota de um outro significado a fotografia ao utilizar um jogo de sombras em que um braço estendido parece tocar no peito da sombra de Joaquim Barbosa, como se essa fosse a verdadeira intenção de Dilma. A última fotografia, de 10/10/2013, traz a presidenta de costas cumprimentando o presidente do STF, Joaquim Barbosa com um beijo no rosto, enquanto ele de frente para a câmera retribui o cumprimento com um beijo de boca cerrada. A legenda da foto diz que Dilma estava afável e o título do pequeno texto ressalta sua fala, de que estava na fase dos grandes beijos e não falaram de política. Porém, na fotografia em si, o grande beijo era unilateral, em que o ministro faz um esforço para retribuí-lo. Enquanto isso, ambas as manchetes de capa são negativas: "País volta a ter a maior taxa de juro real do mundo" e a inferior "Grevistas dão apoio incondicional a *black blocs*". Essas fotografias buscam construir uma narrativa da relação de Dilma como o judiciário em seu primeiro mandato presidencial.

"Essa é a forma grotesca com que ela foi aplicada pelo mensalão. " https://www.conjur.com.br/2013-abr-28/stf-aplicou-teoria-dominio-fato-forma-grotesca-advogado

Figura 206: Dilma e Joaquim Barbosa

O GLOBO

COMEÇA A ERA JOAQUIM

Novo presidente do STF critica 'Justiça desigual'

Rio perde posições no ranking do Enem

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 23/11/2012
Acesso: 13 abr 2019

Figura 207: Dilma e Joaquim Barbosa

O GLOBO

O BRASIL NAS RUAS

Câmara derruba a PEC 37; Dilma recua de Constituinte

Barbosa condena conchavos e defende recall de políticos

Conflito entre bandidos e Bope, após passeata, mata 9 na Maré

Fonte: André Coelho/O Globo 26/06/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121123
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130626

Figura 208: Dilma e Joaquim Barbosa

O GLOBO

FRENTE DE BATALHAS

Dilma defende isonomia e agilidade para a Justiça

Presidente cobra apuração e cancela visita a Obama

À margem

Fonte: Jorge William/O Globo 18/09/2013
Acesso: 13 abr 2019

Figura 209: Dilma e Joaquim Barbosa

O GLOBO

País volta a ter maior taxa de juro real do mundo

Grevistas dão apoio incondicional a black blocs

Fonte: Ailton de Freitas/O Globo 10/10/2013
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130918
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131010

6.5 Dilma Sozinha

A série abaixo de fotografias em que Dilma Rousseff aparece sozinha é composta por imagens que fazem parte de outros grupos fotográficos. Portanto, nem todas serão analisadas nessa série, mas em outras categorias apresentadas adiante neste capítulo. As fotografias de capa estão apresentadas como nas outras categorias, pela ordem cronológica. Aqui, pode-se observar como a imagem de Dilma presidenta reforça a ideia de que uma mulher no poder não sabe o que faz, ou seja, está deslocada de seu lugar (BECKER, 2008) uma *outsider* (SAPIRO, 1993), que não é o do poder. Fotos que registram momentos de emoção ou de crises no governo da chefe de Estado também contribuem para que sejam interpretados como descontrole emocional e psicológico. As características a ela atribuídas como autoritarismo e agressividade, associadas aos estigmas (GOFFMAN, 1988) da luta contra a ditadura, a terrorista e guerrilheira, também são identificadas.

Na fotografia de capa de 15/09/2011, figura 210, Dilma está na entrada da cabine de uma embarcação, um barco escola, sorrindo. A manchete atribui um outro significado à foto: "Dilma perde 5º ministro e pede ficha limpa ao PMDB"; a presidenta "perdeu" no mar um novo ministro enquanto está na porta da cabine do barco. A inferência parece infantil, mas é uma analogia. O barco como governo; Dilma tem um sorriso protocolar na proa da embarcação, pois a manchete afirma que a mandatária havia pedido um candidato ao cargo com ficha limpa ao PMDB, partido de seu vice, Michel Temer. A capa trabalha com a ideia de que Rousseff não consegue comandar seus ministros, e que eles não são idôneos. Além disso, trabalha com a provocação: seria o governo petista de Dilma idôneo?

Na capa do dia 14/04/2012, figura 211, Dilma foi fotografada com óculos 3D em um evento do programa de apoio à competitividade da indústria. A legenda da foto diz que Dilma está de olho na crise política e nos juros bancários. O interessante é que o fotojornalista capturou Dilma numa posição que a luz que incide sobre seu rosto mantém uma lente escura, a da direita e a da esquerda, que recebe luminosidade deixa transparecer o olho da presidenta. Esse jogo de luz e sombra sobre os óculos de Rousseff permite que se faça a inferência de que a visão política que prevalece e direciona as decisões da Dilma é a de esquerda. A crítica nesse caso do jornal é dupla: primeiro sobre o controle das taxas de juros que desagradam o mercado, e a segunda crítica se dá pela orientação ideológica e política de esquerda, nacionalista e desenvolvimentista. Seria como se a presidenta não conseguisse ter uma visão

abrangente do todo político, econômico e social por não considerar e adotar os preceitos da direita liberal, que orientam o posicionamento do Grupo Globo e do mercado.

A questões relativas à inaptidão para o exercício do cargo aparecem nas capas dos dias 31/08/2012, figura 212, em que Dilma quebra o protocolo e lê em público um bilhete; o título ao lado diz, "A última a saber", reforçando a característica de inapta, incompetente para governar. E no dia 24/01/2012, figura 213, o título do evento "a realidade" na fotografia de capa em que Dilma aparece passando a mão no rosto num gesto que caracteriza quebra de decoro (HAROCHE, 1998), numa reunião sobre o ProUni, recebe um sentido inapropriado pela manchete do dia que denuncia irregularidades no âmbito estadual e não federal. O leitor, ao se deparar com a fotografia que traz em si um título: "a realidade" e o gestual de Dilma, pode inferir que a realidade do país ser governado por essa mulher que não sabe se portar e está envolvida em mais denúncias, a manchete acima, é muito desfavorável. O título de uma matéria, logo abaixo da foto sobre o pedido de Yoani Sánchez "Blogueira cubana oficializa apelo ao Brasil e põe Dilma em saia-justa" também dota de significado a foto de Dilma, como um desconforto causado pela situação do apelo da jornalista que tecia críticas à Fidel Castro, liderança política admirada e respeitada pela presidenta.

As capas dos dias 17/05/2012, 11/12/2014 e 23/12/2014, figuras 214, 226 e 227, em que Dilma aparece visivelmente emocionada ou com as mãos cobrindo o rosto trabalham a questão do descontrole emocional associado ao gênero feminino, como se fosse uma característica inata e negativa. Dilma Rousseff não controla suas próprias emoções (HAROCHE, 1998); como controlaria seu governo, o país e a população se não consegue dar o exemplo de equilíbrio e retidão, fundamentais à chefia do executivo?

No dia 28/12/2012, figura 216, a capa do jornal *O Globo* trabalha com duas fotografias. A de cima, Dilma aparece com as sobrancelhas levantadas e olhando para baixo enquanto um homem enche sua taça com água num evento do Palácio do Planalto em que a presidenta tomava café com jornalistas para esclarecer os problemas no sistema elétrico nacional que havia afetado 12 estados com falta de energia. A fotografia logo abaixo traz passageiros no embarque no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro em que aparece em primeiro plano, uma senhora despenteada e muito suada no Galeão, que havia sido afetado por um apagão. As fotografias dialogam para construir uma narrativa. Dilma, que segundo o jornal havia declarado que achava "ridículo" falar em racionamento ao ter a expressão facial capturada pelo fotojornalista parece olhar para a situação dos passageiros passando por um apagão em pleno verão carioca e não se importar com a população. E ainda achava ridícula aquela repercussão toda pelo apagão, o caos que afetava o país. O jornal ora constrói uma

imagem de uma presidenta desequilibrada emocionalmente, ora constrói a imagem de uma líder insensível com a situação e seus efeitos sociais.

O periódico no dia 11/07/2013, figura 221, mais uma vez trabalha com duas fotos para reforçar a narrativa de que Dilma Rousseff é uma mulher autoritária, agressiva e durona. A primeira fotografia na parte de cima traz Dilma de perfil com o dedo em riste discursando. A segunda foto, logo abaixo, apresenta a imagem de diversos prefeitos vestidos de ternos quase da mesma cor, o uniforme do poder (HOLLANDER, 1996); nessa foto, um prefeito, em pé, vaia a presidenta, insatisfeito por não terem recebido de Dilma o aumento do repasse do fundo de participação dos municípios. A imagem de baixo dota de significado a cima, legitimando o discurso de que a mulher que preside o país é inflexível e seu autoritarismo é visível, ordenando que aquele que protesta se cale.

Além dessa inferência, a fotografia dos prefeitos apresenta um dado que dialoga com a teoria de Peter Gay (1988), sobre como os homens se sentiam ameaçados em sua virilidade, privilégios e poder pelas mulheres emancipadas. Ao observar as expressões dos prefeitos em pé em primeiro plano e o comportamento dos que estão no fundo da foto, que o fotojornalista capturou, é possível ver como a figura da presidenta deixa desconfortável aquele exército de homens engravatados. Eles parecem não acreditar no que veem. E a última e terceira questão que essa mesma imagem escancara é a ausência de mulheres no executivo municipal. Aparece apenas uma única mulher ao fundo na foto. Nem a imagem, tampouco a matéria trazem informações de quantos prefeitos e prefeitas compareceram ao evento. Segundo dados do TSE – Tribunal Superior Eleitoral -, em 2012 as mulheres eleitas para prefeitas representavam apenas 11,84% de candidatos eleitos para o executivo municipal[109].

[109]Semana da Mulher: participação feminina na política brasileira cresce ao longo do tempo. 07 mar 2013. Disponível em: https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Marco/semana-da-mulher-participacao-feminina-na-politica-brasileira-cresce-ao-longo-do-tempo Acesso em: 01 out 2020.

Figura 210: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma perde 5º ministro e pede ficha-limpa a PMDB

Figura 211: Dilma Rousseff

O GLOBO

No Rio, BB e Caixa não estão preparados para reduzir juro

CPI terá Collor e Renan

Givaldo Barbosa / O Globo - 15/09/11
Acesso: 13 abr 2019

Gustavo Miranda / O Globo - 14/04/12
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110915
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120414

Figura 212: Dilma Rousseff

O GLOBO

Empréstimos ao PT eram fictícios, diz relator

Figura 213: Dilma Rousseff

O GLOBO

Órgão contra seca privilegia estado do seu diretor-geral

A REALIDADE

Um dia para esquecer

Beto Barata / Agência Estado - 31/08/2012
Acesso: 13 abr 2019

Gustavo Miranda / O Globo - 24/01/12
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120831
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120124

Figura 214: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma: a busca da verdade agora é decisão de Estado

Pedro Ladeira / O Globo – 17/05/12
Acesso: 13 abr 2019

Figura 215: Dilma Rousseff

O GLOBO

Ficha Limpa ainda pode barrar 3 mil candidatos

Gustavo Miranda / O Globo – 06/10/12
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120517
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121006

Figura 216: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma descarta risco de racionamento: 'É ridículo'

Gustavo Miranda / O Globo – 28/12/12
Acesso: 13 abr 2019

Figura 217: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma desafia críticos e antecipa desconto na luz

Brasileiro nunca pagou tanto imposto

Gustavo Miranda / O Globo – 24/01/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121228
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130124

Figura 218: Dilma Rousseff

O GLOBO

STF libera Congresso para decidir já sobre royalties

Papa: 'O Senhor parecia dormir'

Pedro Ladeira / AFP – 28/02/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 219: Dilma Rousseff

O GLOBO

Prefeitura agora promete endurecer com ônibus

Pedro Ladeira / AFP – 28/02/13
Reprodução de pronunciamento à nação pela televisão / O Globo - 02/05/13 - Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130228
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130502

Figura 220: Dilma Rousseff

O GLOBO

Portos: Dilma faz 10 vetos e volta a irritar aliados

Barroso diz que julgará mensalão

Jorge William / O Globo – 06/06/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 221: Dilma Rousseff

O GLOBO

Senado recua e proíbe parente como suplente

André Coelho / O Globo – 11/07/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130606
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130711

Figura 222: Dilma Rousseff

O GLOBO

STF adia decisão sobre recurso

Obama encontra Dilma e tenta explicar espionagem

Atos previstos em 172 cidades

Um vale para quase tudo

Eric Feferberg / AFP – 06/09/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 223: Dilma Rousseff

O GLOBO

Trabalho sofre desfalque, de novo

Dilma aponta motivação comercial em espionagem

André Coelho / O Globo – 10/09/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130906
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130910

Figura 224: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma defende regulação internacional da internet

Acordos entre Irã e EUA

Exposição completa

Andrew Burton / AP – 25/09/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 225: Dilma Rousseff

O GLOBO

Famílias vão à Justiça por vaga em creches públicas

Chuva mata mais 8 no Espírito Santo

Roberto Stuckert Filho / PR – 25/12/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130925
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131225

Figura 226: Dilma Rousseff

O GLOBO

Comissão responsabiliza 377, e Dilma defende Lei da Anistia

Vargas é cassado por ligação com doleiro

Jorge William / O Globo - 11/12/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 227: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma pedirá aprovação do MP para novos ministros

André Coelho / O Globo – 23/12/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141211
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141223

Figura 228: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma dá reajuste menor para tabela do IR e mínimo

2015 sob as bênçãos de Francisco

Indeterminado / O Globo – 31/12/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 229: Dilma Rousseff

O GLOBO

Dilma recicla promessas e vê 'inimigos externos' da Petrobras

Pezão anuncia corte de até 25% das despesas do estado

Jorge William / O Globo – 02/01/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141231
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150102

Figura 230: Dilma Rousseff

O GLOBO

ESCÂNDALOS NA PETROBRAS

Cabral e Pezão acusados de caixa 2

Dilma diz que é preciso razão para impeachment

Jorge William / O Globo – 10/03/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 231: Dilma Rousseff

O GLOBO

Lava-Jato avança sobre o setor elétrico

Agência pode rebaixar nota de risco do país

Indeterminado / O Globo – 29/07/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150310
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150729

Figura 232: Dilma Rousseff

O GLOBO

A NOVA REGRA DO JOGO

CRISE POLÍTICA

Isolada, Dilma sofre pressão para reduzir espaço do PT

Presidente do Bradesco defende 'serenidade'

Ailton de Freitas / O Globo – 08/08/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 233: Dilma Rousseff

O GLOBO

China pode agravar crise no Brasil

Dilma admite erros na economia e agora anuncia corte de ministérios

Givaldo Barbosa / O Globo – 25/08/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150808
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150825

Figura 234: Dilma Rousseff

O GLOBO

STF autoriza PF a ouvir Lula na Lava-Jato

Dilma muda Ministério para ganhar fôlego

Reuters – 03/10/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 235: Dilma Rousseff

O GLOBO

PMDB propõe alternativa à política econômica de Dilma

André Coelho / O Globo – 30/10/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151003
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151030

Figura 236: Dilma Rousseff

O GLOBO

Para o Planalto, parte do PMDB atua contra Dilma

Presidente é notificada do processo e fala em golpe

Ueslei Marcelino / O Globo – 05/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 237: Dilma Rousseff

O GLOBO

2015
Um ano que insiste em não terminar

Indeterminado / O Globo – 20/12/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151205
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151220

Figura 238: Dilma Rousseff

Givaldo Barbosa / O Globo – 02/04/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 239: Dilma Rousseff

Givaldo Barbosa / O Globo – 06/04/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160402
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160406

Figura 240: Dilma Rousseff

Ueslei Marcelino / Reuters – 15/04/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 241: Dilma Rousseff

Givaldo Barbosa / O Globo – 19/04/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160415
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160419

Na capa do dia 02/01/2015, figura 229, da cerimônia de posse do segundo mandato de Dilma Rousseff, a fotografia traz a presidenta sozinha. Entretanto, ela não estava sozinha de fato; havia subido a rampa com o vice-presidente Temer, sendo seguidos por Paula Rousseff e Marcela Temer. Dilma havia recebido a faixa do cerimonial e o fotojornalista captura o momento em ela está terminando de colocar a faixa em si mesma. O que não deve ter sido simples, pois seu vestido de renda não deve ter permitido que a faixa deslizasse sobre a roupa, dificultando o que parece uma tarefa simples. Tal fato permite que o leitor faça a inferência da inaptidão desta em continuar exercendo o cargo.

Ao lado da foto, o jornal apresenta a fala da colunista Míriam Leitão: "presidente continua no país cenográfico da campanha", e do colunista Merval Pereira "no discurso de posse, petista fugiu da realidade". Além do jornal e demais veículos de comunicação do Grupo Globo jamais terem chamado Dilma de presidenta, numa atitude machista, seus colunistas sugeriam que Dilma estava fora da realidade, ou seja, estava louca. O jornal dava mostras da postura mais combativa que assumiria contra o governo e na desconstrução da imagem de Rousseff.

A foto também traz Rousseff de perfil, o que evidencia sua silhueta sob o vestido de tecido leve e suscitou críticas a respeito da escolha do modelo e tecido que não disfarçavam as formas de um corpo maduro de uma senhora de 68 anos. Numa sociedade que valoriza a juventude e o corpo sarado, o corpo como capital (GOLDENBERG, 2015), a silhueta de Dilma dava visibilidade ao corpo envelhecido, invisibilizado socialmente. Isso remete ao episódio em que a atriz Betty Faria foi à praia de biquíni e foi duramente criticada e censurada por expor seu corpo de mulher madura em um biquíni[110]. A presidenta teve seu traje de posse comparado à capa de croché de botijão de gás de cozinha, assim como seu corpo. Se uma mulher no poder já suscita tantos preconceitos e resistência, haverá mais resistência com relação a uma mulher madura, fora dos padrões de beleza feminino convencionados, sem capital marital (GOLDENBERG, 2015), com um passado de luta contra a Ditadura Militar e representante da ideologia de esquerda. Dilma foi criticada por sua retórica e oratória, por sua aparência, suas roupas, sua forma de fazer política e governar, independendo de seu esmero por manter a aparência segundo os ditames do marketing político. E as críticas chegavam tanto da direita quanto da esquerda - não nos mesmos quesitos, mas não davam trégua. A

[110]"Querem que eu vá à praia de burca" diz Betty Faria após ser chamada de velha por usar biquíni. Do Uol, 04 jul 2013. Disponível em: https://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/07/04/querem-que-eu-va-a-praia-de-burca-diz-betty-faria-apos-ser-chamada-de-velha-por-usar-biquini.htm Acesso em: 03 out 2020.

direita com os veículos de comunicação e redes sociais, a esquerda com sua militância e através de aliados, o chamado fogo amigo.

Outra questão relevante nessa imagem da solenidade de posse do segundo mandato é a questão do isolamento da presidenta. Não aparecem aliados políticos, o povo figura ao fundo, distante e insinuando que eram poucas pessoas presentes. Além disso, Lula, a maior liderança política popular de esquerda do mundo, estaria mais nas fotos de capa do jornal com Dilma no seu segundo mandato, reforçando a narrativa de que a própria esquerda havia abandonado a presidenta pelas medidas de ajuste econômico praticadas.

A narrativa de desconstrução de Dilma Rousseff pelo jornal O Globo e demais veículos da mídia hegemônica do país, jornais, revistas semanais, portais de notícias, canais de televisão, blogs oposicionistas, rádios e redes sociais fortaleceram o discurso da oposição que perdera as eleições. Mas a vitória de Dilma não fora acachapante, revelando que o país estava dividido. Enquanto o jornal da família Marinho apresentava sua narrativa que era ecoada por seus outros meios de comunicação, outros grupos faziam o mesmo, legitimando críticas ao governo e à figura da presidenta.

Figura 242: Dilma Rousseff

fiscal e reforma política

Depois da eleição mais disputada da História e num cenário adverso tanto na economia como na política, a presidente reeleita Dilma Rousseff usou o discurso de posse para defender seu governo. Em longo pronunciamento no Congresso, a petista falou em mudanças, mas limitou-se a repetir promessas de campanha. Ela pregou o ajuste fiscal para retomar o crescimento e disse que a educação será a "prioridade das prioridades", lançando o que chamou de novo lema de seu governo. "Brasil, pátria educadora", já usado por ela no discurso do 1º de maio de 2013. A presidente afirmou ainda que seu governo vai defender a Petrobras de "predadores internos" e "inimigos externos", sem admitir responsabilidade do governo e de aliados no escândalo. No Planalto, ela deu posse a 39 ministros. Titular do Esporte, George Hilton (PRB) foi vaiado. Cerca de 40 mil pessoas, segundo a PM, acompanharam as solenidades em Brasília. PÁGINAS 3 a 8

No Planalto. Eronice Guerra e Graça Foster, personagens de duas crises

MERVAL PEREIRA
No discurso de posse, petista fugiu da realidade.
PÁGINA 4

MÍRIAM LEITÃO
Presidente continua no país cenográfico da campanha.
PÁGINA 22

Entreouvido na reposse

CHICO

— Em você eu posso confiar: acha que engordei?

De Dilma para Dilma. A presidente sorri a faixa que ela mesma colocou, depois de subir a rampa do Planalto. Ao fundo, bandeira do PT na cor azul

Fonte: Jorge William / O Globo – 02/01/15 Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150102

6.6 Dilma e a quebra de decoro

As fotografias que compõem essa série decorrem da experiência que se espera e exige de um fotojornalista: um alto grau de percepção do "momento decisivo", como denominou o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson. "Ou seja, o instante (ou uma sequência deles) em que a ação revela emoções vividas (medo, alegria, angústia, violência, entusiasmo, ternura, humor) e sintetiza o significado social que dela se possa extrair para a compreensão do acontecido" (CUNHA, 2003, p. 293). Não se pode ignorar que na atualidade os fotojornalistas estão equipados com excelentes câmeras digitais que lhes permitem disparar diversas fotos ao perceberem a aproximação do instante decisivo. Pela experiência, esses profissionais estudam os melhores ângulos para fotos que atendam a determinados assuntos e escolhas do editor do jornal sobre políticos e personalidades públicas.

No caso de Dilma Rousseff, a primeira presidenta eleita na história do Brasil, diversas dessas fotos se encaixam na categoria que foi denominada por quebra de decoro, mas que não condiz estritamente com o conceito utilizado pela Constituição[111]. Quebra de decoro aqui é entendido e considerado como um comportamento e gestual, às vezes momentâneo, inadequado para solenidades em que a representante do poder máximo da nação o comete; ele é capturado pelas lentes dos fotojornalistas. Para Claudine Haroche (1998), um líder político necessita governar a si próprio, ou seja, conter as próprias emoções e gestos, pois "o corpo é um verdadeiro operador político e social", assim, "o governo de si" é "indissociável do

[111] Pelo artigo 55, inciso II, da C.F., perderá o mandato o Deputado ou Senador cujo procedimento for declarado incompatível com o decoro parlamentar. O conceito de decoro, no entanto, é indeterminado, e como as palavras da Constituição devem ser entendidas em seu sentido vulgar - salvo quando a palavra só tiver sentido técnico ou quando este for inequívoco em face do contexto - temos como ponto de partida, de recorrer aos dicionários. Segundo o Houaiss, decoro significa recato no comportamento, decência, acatamento das normas morais, dignidade, honradez, pundonor, seriedade nas maneiras, compostura, postura requerida para exercer qualquer cargo ou função pública. Conforme o Aurélio, decoro significa correção moral, compostura, decência, dignidade, nobreza, honradez, brio, pundonor. O dicionário da Academia das Ciências de Lisboa define decoro como respeito pelas boas maneiras, pelas conveniências sociais, compostura no modo de estar, de se comportar. Conforme Maria Helena Diniz (Dicionário Jurídico), decoro, na linguagem jurídica em geral quer dizer: a) honradez, dignidade ou moral; b) decência; c) respeito a si mesmo e aos outros. A linguagem jurídica, no caso, não difere muito do sentido comum. Portanto, a Constituição incorporou o sentido ao seu significado normativo. Quando se trata de decoro parlamentar, a palavra está diretamente ligada ao tipo de comportamento, vale dizer, seriedade nas maneiras, respeito pelas boas maneiras. O exceder-se nas palavras proferidas pode caracterizar portanto a falta de decoro. É certo que o artigo 53 da C.F. afirma que os Deputados e Senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos. Mas esta imunidade não é absoluta e sofre uma limitação explicitada no § 1º do artigo 55 que diz ser "incompatível com o decoro parlamentar, além dos casos definidos no regimento interno. LACOMBE, Américo. **O Decoro Parlamentar.** Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/18382/o-decoro-parlamentar Acesso: 19 abr 2021.

governo dos outros" (HAROCHE, 1998, p. 36). Dessa forma, a conduta dos governados é influenciada à medida em que o governante racionaliza suas emoções e sua conduta.

Como o fotojornalismo opera pelos instantes decisivos no comportamento, gestual e emoções dos retratados que estão em movimento, esses momentos em que se boceja, leva o dedo à boca, estende braço e mão com o dedo em riste ou se expressa emoções como desagrado, coçar o rosto, cochichar, ler algo desagradável em público e deixar transparecer pranto ou risos em solenidades, a autoridade receber cuidados em público, retirar uma peça de roupa ou aparecer com a peça amarrotada, descosturada ou danificada, podem ser enquadrados como quebra de decoro, ou de respeito com o público. Inclusive quando os registros imagéticos das cenas são desconectados do contexto em que ocorreram. Portanto, as fotografias abaixo podem ser lidas e interpretadas como quebra de decoro de Dilma Rousseff, principalmente quando recebem o reforço das manchetes negativas e demais títulos e legendas escolhidas pelo editor do periódico *O Globo* ou de qualquer outro veículo de comunicação. Nas imagens a seguir, Dilma figura entre alheia, irritada, inadequada pelo riso que parece excessivo e se desconhece o motivo, inconveniente, autoritária, emocional em excesso e descontrolada.

Figura 243: Quebra de Decoro

Gustavo Miranda / O Globo – 06/04/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 244: Quebra de Decoro

Gustavo Miranda / O Globo – 27/05/11
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110406
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110527

Figura 245: Quebra de Decoro

O GLOBO

Dilma: para dar aumento ao Judiciário, só tirando do social

PT retoma polêmicas da Era Lula

PIB reafirma perigo da inflação

Ueslei Marcelino / Reuters – 03/09/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 246: Quebra de Decoro

O GLOBO

Delator articula com 7 ONGs novas denúncias no Esporte

A cerejinha dos PIBs

Roberto Stuckert Filho / PR – 25/10/11
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110903
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111025

Figura 247: Quebra de Decoro

O GLOBO

Decreto preserva Leblon ainda mais

Dilma: caso de Pimentel não tem nada a ver com governo

Gustavo Miranda / O Globo – 17/12/11
Acesso: 13 abr 2019

Figura 248: Quebra de Decoro

O GLOBO

Órgão contra seca privilegia estado do seu diretor-geral

A REALIDADE

Um dia para esquecer

Gustavo Miranda / O Globo – 24/01/12
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020111217
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120124

Figura 249: Quebra de Decoro

O GLOBO

Em Cuba, Dilma cita apenas EUA sobre direitos humanos

Funcionário de prédio ouvia estalos

Adalberto Roque / Reuters – 01/02/12Acesso: 13 abr 2019

Figura 250: Quebra de Decoro

O GLOBO

Lula vai a Dilma e acerta discurso único para CPI

CPI

Cristiano Ronaldo em dia de Messi

Gustavo Miranda / O Globo – 26/04/12 Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120201
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120426

Figura 251: Quebra de Decoro

O GLOBO

Congresso e tribunais não estão prontos para abrir informações

Abandono ameaça cem prédios

Gustavo Miranda / O Globo – 16/05/12 Acesso: 13 abr 2019

Figura 252: Quebra de Decoro

O GLOBO

Dilma: a busca da verdade agora é decisão de Estado

Pedro Ladeira / O Globo – 17/05/12 Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120516
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120517

Figura 253: Quebra de Decoro

O GLOBO

Crise da indústria não afeta emprego

Dia de desfile e protestos

Desalento com desemprego ameaça reeleição de Obama

Gustavo Miranda / O Globo – 08/09/12
Acesso: 13 abr 2019

Figura 254: Quebra de Decoro

O GLOBO

STF libera Congresso para decidir já sobre royalties

Papa: 'O Senhor parecia dormir'

Pedro Ladeira / AFP – 28/02/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020120908
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130228

Figura 255: Quebra de Decoro

O GLOBO

Um jesuíta muito franciscano

Cesta básica sobe, ao contrário do prometido

Governo força 'maquiagem' no IDH

Gustavo Miranda / O Globo – 15/03/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 256: Quebra de Decoro

O GLOBO

Confronto entre STF e Congresso se agrava

Executivo avança sobre Judiciário

Enrique Marcarian/Reuters – 26/04/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130315
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130426

Figura 257: Quebra de Decoro

O GLOBO

Portos: Dilma faz 10 vetos e volta a irritar aliados

Barroso diz que julgará mensalão

Jorge William / O Globo – 06/06/13
Acesso: 13 abr 2019

Figura 258: Quebra de Decoro

O GLOBO

Senado recua e proíbe parente como suplente

André Coelho / O Globo – 11/07/13
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130606
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130711

Figura 259: Quebra de Decoro

O GLOBO

Sob pressão, Renan marca para terça início da CPI

Lucio Tavora/A Tarde – 30/04/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 260: Quebra de Decoro

O GLOBO

Suspeito de chefiar máfia de ingressos está em Bangu

Jorge William / O Globo – 15/07/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140430
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140715

Figura 261: Quebra de Decoro

O GLOBO

Comissão responsabiliza 377, e Dilma defende Lei da Anistia

Vargas é cassado por ligação com doleiro

Jorge William / O Globo – 11/12/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 262: Quebra de Decoro

O GLOBO

Mercado vê inflação fora da meta

Dilma pedirá aprovação do MP para novos ministros

André Coelho / O Globo – 23/12/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141211
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141223

6.7 Dilma e a campanha política de 2014

As fotografias da campanha eleitoral de 2014 mostram um posicionamento bastante interessante do jornal *O Globo*. Por conta do acidente aéreo que vitimou o candidato Eduardo Campos, sua vice Marina Silva dispara em intenções de votos, empata com o principal adversário de Dilma Rousseff, o tucano Aécio Neves. Na capa do dia 27/08/2014, a fotografia apresenta as duas candidatas se cumprimentando e Aécio aparece deslocado ou isolado. No dia 02/09/2014, a manchete anuncia “Dilma e Marina monopolizam o debate”, ainda que as fotos dos três candidatos sejam individuais, a expressão das duas candidatas é bastante diferente da de Aécio que parece deixado de lado durante a realização do debate eleitoral. Até o fim do primeiro turno, Dilma e Marina aparecem em mais capas que Aécio, as duas mulheres dominam a cena política na corrida presidencial e o jornal não tinha como ignorar esse fato. Como o periódico aqui em questão posicionou-se contrário ao governo Dilma, a capa do dia 28/08/2014 traz a fotografia da candidata almoçando acompanhada de Anthony Garotinho. O fotojornalista posicionado num plano acima da cena captura o momento em que Dilma leva o garfo à boca aberta. Na mesma capa, Marina Silva aparece serena em entrevista

ao Jornal Nacional da *TV Globo*. O jornal não disfarça que, entre Dilma e Marina, preferiria a segunda.

A partir do resultado do segundo turno, as fotografias de capa trazem Dilma fazendo campanha de rua ao lado de aliados políticos, enquanto Aécio aparece em comícios fotografados em planos fechados. Quando Dilma aparece sozinha nas fotos, Aécio está sempre acompanhado por algum religioso, se passando por candidato do campo conservador da TFP – tradição, família e propriedade. No dia 24/10/2014, Dilma aparece sozinha, acompanhada de sua própria sombra enquanto Aécio está ao lado do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, reforçando os campos políticos de cada candidato. Dilma, sem aliados ou padrinho político, e Aécio, posando como cidadão de bem acompanhado do arcebispo: o jornal permite a inferência.

Figura 263: Campanha Política

O GLOBO

PSB e Marina buscam vice, PT e PSDB preveem 2º turno

Dilma se recusa a comentar atitude petista com mensaleiros

Divulgação Ichiro Guerra – 19/08/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 264: Campanha Política

O GLOBO

Com vice do PSB gaúcho, Marina entra na campanha

Reprodução TV – 20/08/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140819
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140820

Figura 265: Campanha Política

O GLOBO

Marina se distancia de Aécio e venceria Dilma no 2º turno

'Fantasmas' aparecem como compradores de avião do PSB

Fernando Donasci / O Globo – 27/08/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 266: Campanha Política

O GLOBO

Maioria no TCU livra Graça de bloqueio de bens

Marina: comitê de Campos declararia avião

Gabriel de Paiva / O Globo – 28/08/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140827
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140828

Figura 267: Campanha Política

O GLOBO

Datafolha: Marina empata com Dilma e vence no 2º turno

PIB cai 0,6% no 2º trimestre e Brasil enfrenta recessão

Ichiro Guerra / 30/08/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 268: Campanha Política

O GLOBO

Venda de carros cai 17% apesar de estímulo a crédito

Dilma e Marina monopolizam debate

Fernando Donasci / O Globo – 02/09/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140830
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140902

Figura 269: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Planalto retém resultado de avaliação da educação

Sem Referência – 03/09/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 270: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

'Em todos os partidos tem gente corrupta', diz Dilma

Petrobras: duas empreiteiras se propõem a falar ao MP

André Coelho / O Globo – 13/09/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140903
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140913

Figura 271: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

No último dia, Aécio passa Marina e pode ir ao 2º turno

No Rio, Pezão lidera; Garotinho e Crivella disputam 2º lugar

Fabio Seixo / O Globo – 05/10/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 272: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Aécio enfrentará Dilma; Marina sinaliza apoio ao tucano

Rio terá Pezão e Crivella; Garotinho fica de fora

Em 13 estados, governadores já foram eleitos; quatro são do PMDB

Jorge William / O Globo – 06/10/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141005
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141006

Figura 273: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Marina impõe condições para declarar apoio a Aécio

André Coelho / O Globo – 07/10/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 274: Campanha Política

O GLOBO

FLA FAZ 3 A 0 NO LÍDER CRUZEIRO

ELEIÇÕES 2014

Marina apoia Aécio, e Dilma só vê 'uma pessoa, um voto'

Ichiro Guerra – 13/10/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141007
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141013

Figura 275: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

MP e magistrados apoiam juiz do caso Petrobras

Ichiro Guerra – 14/10/14
Acesso: 13 abr 2019

Figura 276: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Aécio reage a ataques e Dilma passa mal no fim

Pezão amplia vantagem sobre Crivella

Paulo Whitaker / Reuters – 17/10/14
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141014
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141017

Figura 277: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

PT e PSDB desafiam TSE e insistem nos ataques

Geraldo Bubniak / AGB – 18/10/14Acesso: 13 abr 2019

Figura 278: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Dilma passa Aécio, mas empate técnico continua

46% 43%

Ibope: Pezão tem 46% e Crivella, 36%

Ivo Gonzalez / O Globo – Pablo Jacob / O Globo – 21/10/14 Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141018
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141021

Figura 279: Campanha Política

O GLOBO

ELEIÇÕES 2014

Dilma descola de Aécio

'Veja': doleiro de escândalo diz que Dilma e Lula sabiam

Domingos Peixoto / O Globo – 24/10/14 Acesso: 13 abr 2019

Figura 280: Campanha Política

O GLOBO

Aécio volta a subir e encosta em Dilma

Datafolha dá empate técnico; Ibope, diferença de 6 pontos

Um país dividido ao meio

Pezão abre de 10 a 12 pontos sobre Crivella

Indeterminado – 26/10/14 Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141024
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020141026

6.8 Dilma e a crise política

O ano de 2015 foi marcado por uma crise política que se aprofundou até que o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha do PMDB, acolheu um pedido de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff. Pode-se considerar que a crise teve início com a recusa do deputado Aécio Neves em reconhecer a vitória legítima de Dilma Rousseff nas eleições que disputaram e pediu recontagem de votos por pura provocação pessoal e ressentimento pela derrota. Além disso, a situação contou com o comportamento do vice-presidente, Michel Temer, que acabou vazando carta repleta de ressentimentos contra Dilma. Em 2015, a operação Lava-Jato produzia mais instabilidade no sistema político ao manter uma parceria com os meios de comunicação que exploravam vazamentos de informações sobre políticos, empresas e empresários investigados por corrupção. Mesmo sem provas, destruíam reputações e manipulavam a indignação da população, especialmente da classe média, sempre suscetível às pautas da moral e dos costumes.

A situação piorou quando Eduardo Cunha, que havia financiado diversas candidaturas de deputados recém-eleitos, garantiu seu próprio capital político no Congresso para exercer pressão no executivo, ampliar as chances de se eleger presidente do Congresso e impor uma agenda neoliberal do PMDB, completamente avessa ao programa de governo de Dilma. No senado, políticos do PSDB anunciaram na tribuna que trancariam a pauta de votações de projetos do governo para que o mesmo sangrasse até o fim. Esse era o clima belicoso no legislativo federal quando Dilma iniciou seu segundo mandato, com uma oposição organizada para impedir que a presidenta governasse.

Concomitantemente a esse cenário, o país enfrentava uma crise econômica agravada pela baixa na bolsa de valores das commodities nacionais. Havia a midiática operação da polícia federal em conjunto com o ministério público federal e a procuradoria geral da república cujo objetivo era o combate à corrupção e já havia destruído reputações políticas, empreiteiras e empresários do setor da engenharia nacional. A operação já havia provocado baixas em aliados e políticos do próprio Partido dos Trabalhadores. Em 2014 a operação mirava políticos do PMDB como Eduardo Cunha. Ao ser denunciado, ele esperava que os deputados do PT, membros da Comissão de Ética da Câmara dos Deputados não aceitassem o pedido aberto pelo afastamento do seu mandato e da presidência da Câmara. Ao não obter o resultado esperado, Cunha, em retaliação, acolheu o pedido de impeachment contra Dilma Rousseff proposto por dois advogados ligados ao PSDB de Aécio Neves, baseado em pedaladas fiscais.

A oposição mobilizou setores da classe média brasileira nas redes sociais em manifestações apelando para o discurso moralizador de combate a corrupção e que tiveram apoio das elites econômicas brasileiras. Além da ampla divulgação e cobertura midiática em canais de televisão, jornais, revistas semanais e portais de notícias. As manifestações engrossadas por representantes da classe média que apoiavam a derrubada de um governo que havia fortalecido e ampliado a classe; pediam por um governo liberal de direita parece um contrassenso. Entretanto, os autores Ricardo López e Barbara Weinstein (2012) afirmam que a classe média pode ser compreendida como um conceito social do trabalho, uma experiência material, um projeto político e uma prática cultural transnacional. Por sua formação colonial e transnacional, a classe média brasileira herdou o ideário liberal e também incorporou do modelo estadunidense capitalista do século XX.

Estabelecida numa base ideológica em que prevalecem práticas coloniais, hierarquização heterossexual – homens superiores às mulheres, distinção de classe do proletariado, superioridade racial branca sobre minorias raciais e possui capital cultural -, a classe média colonial teve sua identidade moldada por ambiguidades e contradições (LÓPEZ; WEINSTEIN, 2012). Por isso acredita-se distinta da classe trabalhadora, reivindica privilégios de classe como a classe alta a qual deseja pertencer através de uma conquista meritocrática que o liberalismo econômico propiciaria, e não um Estado de bem-estar social, modelo adotado pelos governos Dilma Rousseff e Lula. O que auxilia a compreender a adesão de amplos setores de classe média ao *impeachment.*

Durante o decorrer do processo de *impeachment*, a perícia contratada pelo Senado Federal para apurar as denúncias constatou que Dilma não havia cometido crime[112]. Entretanto, o impeachment foi aprovado numa votação escandalosa na Câmara dos Deputados, que chocou o país e o mundo; em seguida no Senado Federal, que manteve os direitos políticos de Dilma Rousseff.

---

[112] De acordo com a perícia realizada, “o Ministério Público Federal concluiu que a "pedalada" fiscal envolvendo o Plano Safra, um dos motivos que baseiam o pedido de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff no Senado, não é operação de crédito, nem crime. (...)O procurador da República Ivan Cláudio Marx, responsável pelo caso aberto no MP do Distrito Federal, pediu arquivamento do inquérito nesta quinta-feira 14, depois de ter pedido, na última sexta-feira, arquivamento de um caso semelhante relacionado ao BNDES. (...). Em declaração ao jornal O Estado de S. Paulo sobre a ação relacionada ao BNDES, Ivan Marx lamentou que o Ministério Público não tenha sido ouvido no processo de impeachment. "Quem tem atribuição de dizer se determinada prática é crime ou improbidade é o MPF. É o único ator que não foi chamado a depor na comissão”. MPF confirma mais uma vez: Dilma é inocente. Da redação, 14 jun 2016. Disponível em: https://www.brasil247.com/brasil/mpf-confirma-mais-uma-vez-dilma-e-inocente Acesso em: 09 abr 2019.

Após a consolidação do processo de impeachment sem crime de responsabilidade praticado por Dilma Rousseff, Michel Temer concedeu uma entrevista em 2017 em que afirmou por duas vezes que havia ocorrido um golpe[113]. E em 2021, Temer em outra entrevista afirmou que Dilma Rousseff só foi afastada do cargo por pressão popular e que ela é de uma "honestidade ímpar"[114]. A declaração de Temer foi noticiada no mesmo período em que Eduardo Cunha, o qual acolhera o pedido de *impeachment* e comandou a votação no dia 17 de abril de 2016, anunciava o lançamento de seu livro, escrito em prisão domiciliar sobre o processo de afastamento de Dilma Rousseff. Cunha afirma que Michel Temer foi o ator principal na condução do ambiente político favorável e conchavos para que Dilma sofresse um golpe de Estado[115] - como se não fosse sua a responsabilidade de a presidenta ser impedida para que Temer interrompesse a operação Lava-Jato, protegendo-o da investigação e prisão. Entretanto, após o Golpe de Estado parlamentar de 2016, Eduardo Cunha foi afastado pelo STF, preso e condenado.

As fotografias de capa da crise política revelam a pressão política e midiática extrema a qual Dilma Rousseff foi submetida. Nas imagens abaixo, a presidenta aparece muitas vezes sozinha ou isolada em meio a muitas pessoas ou em um lugar, numa analogia a um suposto isolamento político de si mesma. As fotos estão em ordem cronológica do início de 2015 até o início de 2016. Algumas dessas imagens aparecem na série sobre o *impeachment* e na série Dilma se transforma em outra coisa.

Dilma aparece olhando e ou apontando para cima em três fotos como se pedisse socorro ou buscasse uma resposta, uma solução para a crise política provocada por adversários políticos que a impediam deliberadamente de governar e solucionar problemas sociais e econômicos do país. A oposição não prejudicava somente a presidenta, e simplesmente não se importava se a crise se aprofundava para a população. Desejavam que tudo piorasse para legitimar o golpe que preparavam, enquanto os meios de comunicação, quando não davam notícias por um viés negativo, transformavam até boas notícias em algo

---

[113] Temer admite que impeachment de Dilma foi golpe no Roda Viva. Da redação, 16 set 2019. Disponível em: https://revistaforum.com.br/politica/temer-admite-que-impeachment-de-dilma-foi-golpe-no-roda-viva/ Acesso em: 15 dez 2019.

[114] Temer diz que Dilma tinha 'honestidade ímpar' e caiu por pressão das ruas. Do UOL. 29 jan 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/29/temer-diz-que-dilma-tinha-honestidade-impar-e-caiu-por-pressao-das-ruas.htm Acesso: 29 jan 2021.

[115] Exclusivo: Em capítulo inédito de livro, Eduardo Cunha responsabiliza Temer, Maia e Baleia Rossi por impeachment de Dilma. Bergamo, Mônica. 25 jan 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/01/exclusivo-em-capitulo-inedito-de-livro-eduardo-cunha-responsabiliza-temer-maia-e-baleia-rossi-por-impeachment-de-dilma.shtml Acesso: 26 jan 2021.

duvidoso ou sem importância naturalizando a necessidade do afastamento da presidenta. Tal cenário lembra em muitos aspectos o posicionamento dos jornais em 1964 contra Jango e o apoio ao Golpe Militar de 1964.

Em 10/03/2015, figura 281, Dilma fala, aponta e olha para cima. E em 20/03/2015, figura 283, Dilma em uma solenidade também eleva o olhar para o alto. Em 17/03/2015, figura 282, Dilma caminha sozinha para dar uma entrevista coletiva: o ângulo aberto da foto aumenta a sensação do leitor de que a presidenta está sozinha no poder, portanto vulnerável. As capas de 08/08/2015, 28/08/2015, 18/09/2015, 03/10/2015, 30/10/2015 e 11/11/2015, que correspondem às figuras 287, 289, 290, 291, 292 e 293, também trabalham com a representação do isolamento político e a solidão do poder.

Figura 281: Crise Política

O GLOBO

Cabral e Pezão acusados de caixa 2

Dilma diz que é preciso razão para impeachment

Jorge William / O Globo – 10/03/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 282: Crise Política

O GLOBO

Tesoureiro do PT denunciado por corrupção e quadrilha

Protestos fazem Dilma admitir erro na economia

Lista do HSBC tem auditores da Receita

Ailton de Freitas / O Globo – 17/03/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150310
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150317

Figura 283: Crise Política

O GLOBO

Dólar vai a R$ 3,30, e pão subirá

Personalidades de 2014
OS DESTAQUES DO ANO

BRASIL

Pressionada, Dilma fará mudanças no Ministério

Existe uma hora de falar e uma de calar', diz ex-diretor em CPI

Doleiros de escândalos na lista do HSBC

Paulo Betti
LEMBRANÇAS NO PALCO

Ed Ferreira / Estadão Conteúdo – 20/03/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 284: Crise Política

O GLOBO

Caixa sobe para da casa próprio pela 2ª vez no ano

Uso político agrava rombo de fundos de pensão

Após TCU, oposição reage

Lava-Jato: Cardozo tenta contornar crise entre PT e MP

Entre rugas e beijos

Um novo papel
NUNO RAMOS E O SEXO

Pedro Ladeira / Folha Press – 17/04/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150320
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150417

Figura 285: Crise Política

O GLOBO

Cunha rompe com Dilma, fica isolado e agrava crise

Ailton de Freitas / O Globo – 18/07/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 286: Crise Política

O GLOBO

Lava-Jato avança sobre o setor elétrico

Agência pode rebaixar nota de risco do país

Não identificado, capa comemorativa – 29/07/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150718
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150729

Figura 287: Crise Política

O GLOBO

CRISE POLÍTICA

Isolada, Dilma sofre pressão para reduzir espaço do PT

Presidente do Bradesco defende 'serenidade'

Ailton de Freitas / O Globo – 08/08/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 288: Crise Política

O GLOBO

China pode agravar crise no Brasil

Dilma admite erros na economia e agora anuncia corte de ministérios

Givaldo Barbosa / O Globo – 25/08/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150808
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150825

Figura 289: Crise Política

O GLOBO

Congresso e empresários repudiam volta da CPMF

Orlando Brito / Fato Online – 28/08/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 290: Crise Política

O GLOBO

STF proíbe doações de empresas para campanhas

Dilma defende 'veredito das urnas'

Ueslei Marcelino / Reuters – 18/09/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150828
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150918

Figura 291: Crise Política

O GLOBO

STF autoriza PF a ouvir Lula na Lava-Jato

CRISE POLÍTICA

Dilma muda Ministério para ganhar fôlego

Reuters – 03/10/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 292: Crise Política

O GLOBO

CONTAS PÚBLICAS

PMDB propõe alternativa à política econômica de Dilma

André Coelho / O Globo – 30/10/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151003
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151030

Figura 293: Crise Política

O GLOBO

PROTESTO SOBRE ESTRADAS

Governo endurece contra bloqueio de estradas

PSDB agora decide romper com Cunha

Eliminatórias DÚVIDAS E MISTÉRIO

Marcelo Carnaval / O Globo – 11/11/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 294: Crise Política

O GLOBO

CRISE E VINGANÇA

Cunha retalia PT e abre impeachment de Dilma

Jorge William / O Globo – 03/12/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151111
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151203

Figura 295: Crise Política

O GLOBO

A GUERRA DO IMPEACHMENT

Para o Planalto, parte do PMDB atua contra Dilma

Presidente é notificada do processo e fala em golpe

Ueslei Marcelino / O Globo – 05/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 296: Crise Política

O GLOBO

Conselho propõe destituir Cunha para conseguir julgá-lo

STF será guardião do impeachment, diz Fachin

Ueslei Marcelino / Reuters – 10/12/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151205
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151210

Figura 297: Crise Política

O GLOBO

A GUERRA DO IMPEACHMENT

Dilma, Renan e Janot contestam rito de Cunha

AP – 12/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 298: Crise Política

O GLOBO

CRISE POLÍTICA E ECONÔMICA

Dilma pede ajuda ao Congresso contra recessão

Teto para gastos de estados e municípios

Jorge William / O Globo – 03/02/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151212
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160203

Figura 299: Crise Política

O GLOBO

Delcídio deixa prisão e voltará ao Senado

Governo agora prevê déficit de R$ 60 bi

André Coelho / O Globo – 20/02/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 300: Crise Política

O GLOBO

Delação de Delcídio põe Dilma no centro da Lava-Jato

Por unanimidade, Cunha vira réu no Supremo

-3,8% -4% -9,7% -14%

Brasil a caminho de outra década perdida

Givaldo Barbosa / O Globo – 04/03/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160220
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160304

Figura 301: Crise Política

O GLOBO

Dilma nega renúncia e diz que teria orgulho de Lula no governo

UFRJ investiga reincidência de zika

Ueslei Marcelino / Reuters – 12/03/16 Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160312

6.9 Dilma e o *impeachment*

Essa série de fotografias de capa tem início com o ato de Eduardo Cunha, presidente do Congresso, ao aceitar e abrir um pedido de *impeachment* contra Dilma Rousseff, o que já foi abordado neste capítulo. As fotos apresentam uma Dilma Rousseff abatida, descontrolada emocionalmente, isolada e desequilibrada, assim como completamente inapropriada ao poder, inepta politicamente, abandonada, isolada e sozinha, o que os analistas políticos da imprensa denominam de solidão do poder.

Ao todo são sete fotografias de capa em que Dilma aparece com uma expressão entre abatida, perplexa e exausta: 03/12/2015, 12/12/2105, 04/03/2016, 12/03/2016, 23/03/2016, 19/04/2016, 13/05/2016, respectivamente as figuras 302, 305, 309, 310, 312, 317 e 321. Essas imagens são intercaladas com outras três fotos de capa em que Dilma aparece com o gestual e expressão facial que remete ao autoritarismo, inflexibilidade e agressividade, como o dedo em riste, sobrancelhas muito levantadas e boca aberta, além da expressividade em seu olhar como se fosse uma pessoa muito dura. As fotos de capa dos dias 15/04/2016, 05/05/2016 e 29/08/2016, figuras 316, 318 e 322, trabalham com a questão do isolamento político da presidenta, Dilma, que remetem ao abandono, solidão e esvaziamento de seu poder. A capa do dia 07/05/2016, figura 319, em que Dilma aparece de costas e de perfil, acompanhada por assessores, captura uma imagem que leva o leitor a inferir que a presidenta estava transtornada, descompensada e era amparada pelos que a acompanhavam.

A capa do dia 10/12/2015, figura 304, oito dias após Cunha ter acatado o pedido de *impeachment*, a fotografia utilizada pelo jornal remete a uma imagem que circula por livros didáticos de História e também já fez parte de polêmicas em redes sociais pelo que remete da escravidão e do patriarcado - a pintura de Jean-Baptiste Debret, "*um funcionário a passeio com sua família*" (1834-1839), em que um funcionário da corte no Brasil sai a via pública com sua família em fila, seguido por suas filhas, esposa e escravos, capturando a sociedade hierarquizada, de relações sociais verticais e patriarcal. Na imagem, tanto as mulheres, na figura das filhas e esposas, quanto escravas e escravos são bens do patriarca. Já a fotografia de capa do periódico em questão faz uma analogia às avessas, pois é a presidenta Dilma Rousseff que puxa o cortejo, sendo seguida de perto por um homem que carrega um guarda-chuvas aberto para protegê-la, sendo seguidos por outros homens que inclusive carregam seus pertences. A foto não é um encômio ao matriarcado ou ao empoderamento feminino na figura de Dilma, apesar de provocar os homens e mulheres oposicionistas, ressentidos com sua eleição e reeleição. Passados apenas dez dias do acolhimento do pedido de *impeachment*, o

jornal da família Marinho já anunciava como certo seu afastamento da presidência, naturalizando no imaginário social o golpe de Estado que estava sendo preparado.

A representação do isolamento e abandono ainda aparece em duas capas, 06/04/2016 e 11/05/2016, figuras 315 e 320. Na primeira, Dilma aparece sozinha na janela de um avião da Força Aérea Brasileira e na segunda; ela aparece de perfil no canto inferior da foto com um microfone no meio e um fundo vazio. As duas fotografias evocam sua saída do poder, como se ela já tivesse perdido a batalha contra o pedido de seu afastamento e estivesse desistindo.

Há ainda uma foto de capa em que aparece cercada, 03/02/2016, figura 307, ainda que fosse por aliados do seu próprio partido. A fotografia traz apenas Dilma e uma deputada na imagem, evidenciando mais uma vez que figuras femininas são minoria acentuada nos espaços de poder. Na abertura do ano legislativo, Dilma Rousseff vai até o Congresso fazer política do corpo-a-corpo, práxis que relegara para seus ministros no seu primeiro mandato e início do segundo; em seu discurso, segundo o jornal, pede ajuda ao Congresso na aprovação de medidas para combater a crise econômica, pois a oposição vinha trancando as pautas de votações e impedindo que projetos do governo fossem votados e aprovados. Dilma não conseguia governar, já que, pelo sistema político brasileiro, a Presidência governa com o Congresso nacional. Ao propor ao congresso medidas de austeridade, a colunista Miriam Leitão faz um meio elogio a Dilma que acenava com a política liberal de direita defendida pelo veículo de comunicação. Contudo, o pedido de afastamento já havia sido aceito, e Dilma chegou ao Congresso já bastante desgastada politicamente - e com uma grande perda de capital político pois o PMDB de seu vice-presidente, comandado por Eduardo Cunha no Congresso, além de demais partidos do chamado “centrão”, todos adeptos do fisiologismo político, estavam no campo da oposição ao governo de Dilma Rousseff.

Na capa do 30/08/2016, figura 323, duas fotografias narram a votação do *impeachment* sem crime de responsabilidade, assumido posteriormente como Golpe de Estado parlamentar por Michel Temer e Eduardo Cunha. A fotografia de cima apresenta Dilma discursando; apesar de estar trajando um terno feminino sóbrio, apresentar um penteado e maquiagem impecáveis, transparece a exaustão da resistência e da luta contra o Golpe de Estado, contra a pressão da crise política e de todos os ataques sofridos pelos meios de comunicação, pelas redes sociais e por parte da sociedade que se manifestou publicamente. A imagem mostra uma mesa diretora do senado ocupada por homens e um plenário misto, apesar do senado ter maioria de senadores homens. A manchete principal já adianta que o partido da presidenta antevia sua derrota: “Até PT avalia que discurso de Dilma não deve evitar sua saída”; o pequeno título acima declara: “O último ato do *impeachment*”, naturalizando a narrativa do

Golpe como inevitável impeachment. A fotografia abaixo, traz o presidente do STF, Ricardo Lewandowski, o advogado de defesa de Dilma e ex-Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e o senador Aécio Neves do PSDB (sorrindo numa atmosfera que parece não incluir Dilma Rousseff), e a presidenta (que olha a cena com um sorriso que parece estar se formando no rosto). O encontro das quatro autoridades ocorrera num dos intervalos da sessão e o registro da cena reforça a ideia de um afastamento tão inevitável - até a presidenta parece entender e aceitar. Apesar da capa trazer a informação de que em seu discurso, Dilma insistira na versão de um Golpe de Estado. Tratar o Golpe como algo inevitável é naturalizar a violência do processo ilegítimo de afastamento contra a figura da presidenta e contra a democracia brasileira.

Figura 302: Impeachment

O GLOBO

CRISE E VINGANÇA

Cunha retalia PT e abre impeachment de Dilma

Presidente reage e, na TV, ataca adversário citando denúncias contra ele

Chacina na Califórnia mata 14

OMS: alerta mundial sobre Zika

Jorge William / O Globo – 03/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 303: Impeachment

O GLOBO

SUPERINÃO

MODA NOVA NO RIO

A CORRIDA DO IMPEACHMENT

Para o Planalto, parte do PMDB atua contra Dilma

Presidente é notificada do processo e fala em golpe

Ueslei Marcelino / O Globo – 05/12/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151203
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151205

Figura 304: Impeachment

O GLOBO

Conselho propõe destituir Cunha para conseguir julgá-lo

STF será guardião do impeachment, diz Fachin

Ueslei Marcelino / Reuters – 10/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 305: Impeachment

O GLOBO

Dilma, Renan e Janot contestam rito de Cunha

AP – 12/12/15
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151210
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151212

Figura 306: Impeachment

O GLOBO

2015
Um ano que insiste em não terminar

Indeterminado - 20/12/15
Acesso: 13 abr 2019

Figura 307: Impeachment

O GLOBO

Dilma pede ajuda ao Congresso contra recessão

Teto para gastos de estados e municípios

Jorge William / O Globo – 03/02/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151220
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160203

Figura 308: Impeachment

O GLOBO

Delcídio deixa prisão e voltará ao Senado

Governo agora prevê déficit de R$ 60 bi

André Coelho / O Globo – 20/02/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 309: Impeachment

O GLOBO

Delação de Delcídio põe Dilma no centro da Lava-Jato

Por unanimidade, Cunha vira réu no Supremo

-3,8% -4% -9,7% -14%

Brasil a caminho de outra década perdida

Givaldo Barbosa / O Globo – 04/03/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160220
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160304

Figura 310: Impeachment

O GLOBO

Dilma nega renúncia e diz que teria orgulho de Lula no governo

UFRJ investiga reincidência de zika

Ueslei Marcelino / Reuters – 12/03/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 311: Impeachment

O GLOBO

Janot vai pedir investigação de Lula, Temer, Mercadante e Aécio

Temor de guinada na economia faz dólar subir

Givaldo Barbosa / O Globo – 16/03/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160312
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160316

Figura 312: Impeachment

O GLOBO

Atentados desafiam a Europa

Marcelo Odebrecht decide fazer delação

André Coelho / O Globo – 23/03/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 313: Impeachment

O GLOBO

Sobram crimes, diz autora de pedido de impeachment

Dilma volta a falar em golpismo

Givaldo Barbosa / o Globo – 31/03/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160323
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160331

Figura 314: Impeachment

O GLOBO

Moro liga Lava-Jato a mensalão e Celso Daniel

Taxistas protestam, mas Rio é que sofre

Givaldo Barbosa / O Globo – 02/04/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 315: Impeachment

O GLOBO

Resultado na comissão do impeachment ainda é incerto

Givaldo Barbosa / o Globo – 06/04/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160402
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160406

Figura 316: Impeachment

O GLOBO

Câmara tem 342 votos declarados pró-impeachment

Servidores do estado pressionam pelo pagamento a aposentados

Ueslei Marcelino / Reuters – 15/04/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 317: Impeachment

O GLOBO

Senado e STF farão roteiro conjunto para impeachment

Procurador: Lava-Jato seguirá em qualquer governo

Givaldo Barbosa / O Globo – 19/04/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160415
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160419

Figura 318: Impeachment

O GLOBO

Supremo julga hoje se tira Cunha da linha sucessória

André Coelho / O Globo – 05/05/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 319: Impeachment

O GLOBO

Impeachment avança, e Dilma usa tom de despedida

Ueslei Marcelino / O Globo – 07/05/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160505
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160507

Figura 320: Impeachment

O GLOBO

Senado vota o futuro do Brasil

Decisão interromperá 13 anos de PT no poder

Dilma recorre ao STF e diz que seguirá lutando

Ex-líder do governo, Delcídio é cassado

Rio propõe moratória de 2 anos nos juros da dívida

Orlando Brito / O Globo – 11/05/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 321: Impeachment

O GLOBO

Temer promete 'governo de salvação' e Estado menor

No primeiro discurso, presidente interino diz que protegerá a Lava-Jato

Orlando Brito / OBNews – 13/05/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160511
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160513

Figura 322: Impeachment

O GLOBO

'Nossa missão é o ajuste fiscal'

Dilma estuda senadores para confronto final

VICE-LIDERANÇA

TUNGA

Ueslei Marcelino / Reuters – 29/08/16
Acesso: 13 abr 2019

Figura 323: Impeachment

O GLOBO

Até PT avalia que discurso de Dilma não deve evitar sua saída

Petista tentou mudar votos, mas não apresentou novos argumentos

Roberto Stuckert Filho / Reuters – 30/08/16
Givaldo Barbosa / O Globo – 30/08/16
Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160829
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160830

Figura 324: Impeachment

O GLOBO

DILMA ESTÁ FORA

E AGORA, TEMER?

Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir compromissos

PIB cai pela 6ª vez, mas dá sinais de retomada

Leo Correa / AP – 01/09/16 Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160901

6. 10 Dilma se transforma em outra coisa

A categoria de fotografias de capa do jornal *O Globo* ”Dilma se transforma em outra coisa” não foi encontrada na análise de imagens pelos elementos que se repetem (MAUAD, 2005). A série abaixo é categorizada pelo que as imagens produzem em termo de representação sobre a presidenta Dilma Rousseff. O bloco de imagens (RAINHO, 2014) foi organizado em ordem cronológica para que se observe como a imagem da presidenta ao longo dos anos foi, num crescente, sendo construída e desconstruída. Observa-se como as características a ela atribuídas desde os tempos de ministra do governo Lula são levadas ao extremo num processo de violência política nunca visto com homens que ocuparam o cargo, até aniquilar sua legitimidade e humanidade.

As duas primeiras fotografias de capa possuem um personagem em comum, Antonio Palocci, ministro chefe da Casa Civil do primeiro mandato de Dilma Rousseff. O ministro era denunciado por ser sócio de uma empresa de consultoria e por ocupar um cargo de ministro isso se configuraria em tráfico de influência, abrindo uma crise para o governo Dilma. A fotografia do dia 18/05/2011, figura 325, traz no primeiro plano Palocci cochichando com o ministro das Relações Exteriores Antônio Patriota. A manchete “Palocci diz que fez o mesmo que parlamentares e ex-ministros” reforça a inferência de que o ministro não fazia o mesmo

que os outros que prestavam consultoria, ao cochichar com outro ministro. Fazia isso sem o conhecimento da presidenta que aparece na imagem completamente alheia à cena e ao que acontece ao seu redor. Ampliando a fotografia é possível ver que a mesma foi extremamente desfocada para que Dilma aparentasse estar de olhos fechados ou dormindo. Ou seja, Dilma estaria fazendo vista grossa para as atitudes suspeitas de seu ministro. Dilma se transforma em outra coisa, numa figura alienada e omissa, que não condiz com o papel de presidenta de República. Uma inapta para lidar com a situação e com a crise que se iniciava denunciada pelo jornal.

A segunda capa, do dia 03/06/2011, figura 326, traz uma fotografia de um evento do governo sobre erradicação da pobreza e miséria em que membros do governo participavam. Na fotografia vemos o ministro Antonio Palocci com uma expressão desconfortável e contrafeita olhando para o lado onde se projeta a sombra da presidenta com o dedo em riste, um gestual bastante explorado pelos fotojornalistas associado à sua personalidade durona, agressiva e autoritária. Ao capturar o momento decisivo na cena (SOUSA, 2000) a fotografia constrói a narrativa de que Dilma apontava para Palocci que, segundo a manchete, prometia explicações. Contudo, Dilma está e não está presente na cena, se transforma na sua própria sombra e age na sombra. A manchete também afirma que este já está sem apoio, confirmando a fotografia em que Dilma está ausente. Nada está esclarecido, nem mesmo a posição da presidenta e do governo que não assume um posicionamento sobre a situação do ministro Palocci, cobra *O Globo*. Isso acaba contribuindo para a inferência de que a presidenta é inábil para resolver o problema que se apresenta ao país pela imprensa, que informa e narra a situação atrelada diretamente ao que seria uma incompetência política de Dilma - discurso que perpassava tanto a oposição, quanto muitos membros da situação.

A terceira capa desse bloco de imagens, do dia 02/09/2011, figura 327, traz a presidenta Dilma Rousseff ao lado do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes na abertura da BIENAL do livro. O fotojornalista consegue capturar o momento em que Dilma está na frente de um painel ilustrado com a logomarca da edição da feira, cuja figura ao fundo sugere uma coroa quando a presidenta foi fotografada. O registro parece uma brincadeira, contudo, não há nada fortuito na capa de um jornal, tudo atende a propósitos específicos pensados pelo editor e sua equipe. A manchete do dia “Dilma defende ‘CPMF sem desvios’ para financiar Saúde” questiona o poder da presidenta para conseguir aprovar um imposto impossível de ser sonegado e rejeitado pelo Congresso e pela sociedade. Por isso a fotografia a transforma em outra coisa, em uma “rainha”, cujo alcance de sua influência e capital político seriam testados na prática na articulação com o legislativo na interlocução com o Congresso. A capa

anunciava que a “majestade” Dilma não possuía coroa, ou seja, poder para tanto, e inclui abaixo da foto o título: “PT contraria presidente”. Nem seu partido estaria a apoiando no projeto. A fotografia zomba de Dilma, questiona e esvazia sua imagem pública de poder, pré-anunciando sua derrota através da derrota do projeto de imposto.

Figura 325: Dilma, Palocci e Patriota

O GLOBO

Sem Código, devastação avança na Amazônia

Palocci diz que fez o mesmo que parlamentares e ex-ministros

Para chefe da Casa Civil, consultorias são expediente comum e legítimo

PM reage mal à liberação de Cabral

No futuro, um mundo com 6 bilhões de sexos

Tablets podem ficar até 36% mais baratos

Fonte: André Coelho/O Globo 18/05/2011 Acesso: 13 abr 2019

Figura 326: Dilma e Palocci

O GLOBO

Policiais exploravam caça-níqueis apreendidos

Já sem apoio do PT, Palocci promete explicação pública

Dirigentes do partido pedem saída do ministro e articulam substituição

Belo Monte: técnicos deram alerta ao Ibama

‘NYT’ tem pela 1ª vez mulher no comando

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 03/06/2011 Acesso: 14 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110518
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110603

Figura 327: Dilma e Eduardo Paes

O GLOBO

Servidor do Galeão pode ser investigado

Dilma defende ‘CPMF sem desvios’ para financiar Saúde

‘Quem falar que resolve isso sem dinheiro é demagogo’

Policial civil da cúpula era agente duplo

Debatedores encaram o pós 11/9 como uma guerra sem vencedor

Países disputam contratos na nova Líbia

Sob pressão, Planalto já revê cortes do Judiciário

PT contraria presidente

Política econômica ganha nova orientação

Na véspera do PIB, IBGE troca comando

Fonte: Marcelo Carnaval/O Globo 02/09/2011 Acesso: 13 abr 2019

Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110902

A quarta fotografia de capa dessa série é do dia 06/10/2012, figuras 328 e 329, quando Dilma Rousseff aparece sozinha numa exposição de obras do pintor italiano Caravaggio no Palácio do Planalto admirando a pintura “Medusa Murtola”. A cena era uma oportunidade, ou momento decisivo (SOUSA, 2000), perfeito para o fotojornalista. Ao olhar para a pintura, o escudo ganha o sentido de um espelho, e Dilma transforma-se em outra coisa: na Medusa decapitada. Mary Beard (2018) afirma que Dilma Rousseff não foi a única ou a primeira mulher política a sofrer essa comparação. “O rosto de Angela Merkel foi inúmeras vezes superposto à imagem de Caravaggio” (BEARD, 2018, p. 80), assim como Theresa May, primeira ministra do Reino Unido e a ex-Secretária de Estado Hillary Clinton, quando se candidatou à presidência dos EUA. Como se percebe, “transformar”, ou desconstruir Dilma Rousseff em Medusa, não perpassa por uma questão política ideológica de a presidenta ser contrária ao jornal *O Globo*. Trata-se fundamentalmente de uma questão de gênero: Merkel e May são de partidos políticos conservadores de direita e Hillary Clinton é uma liberal de direita, e receberam o mesmo tratamento imagético violento.

Beard (2018) ressalta que a decapitação da Medusa permanece até os dias atuais como um “símbolo cultural da oposição ao poder feminino” (BEARD, 2018, p. 80). Para Peter Gay (1988), no decorrer da história, as representações do medo da mulher assumiram diversos formatos, como o da Medusa, que sempre esteve associada pelo simbolismo da decapitação à castração pelos “perigos que ela representa para a virilidade do homem” (GAY, 1988, p.150), pois os “direitos pretendidos pelas mulheres equivaliam à mutilação dos homens” (GAY, 1988, p. 155). Mulheres poderosas sempre foram vistas como perigosas desde o século XIX pelo homem burguês vitoriano (GAY, 1988), e essa mentalidade patriarcal ainda vigora na classe alta e nas classes médias (LÓPEZ; WEINSTEIN, 2012). Logo, Dilma Rousseff foi transformada na própria Medusa pelo fotojornalista e estampou a capa do jornal *O Globo*. Sua eleição representava em todos os sentidos uma ameaça aos homens políticos que sempre ocuparam e controlaram o acesso de mulheres ao espaço político.

Figura 328: Dilma em exposição de arte Figura 329: Dilma em exposição de arte ampliada

O GLOBO

ELEIÇÕES 2012

Ficha Limpa ainda pode barrar 3 mil candidatos

TSE só julgou 9,5% dos recursos recebidos; para especialistas, é preciso mais agilidade

Lula: 'Nunca foi tão difícil'

A dor que cala

ESPELHO MEU

ESPELHO MEU

Dilma diante da "Medusa Murtola", de Caravaggio, na mostra do artista no Palácio do Planalto. A presidente lamentou que sua obra preferida de Caravaggio, "Cupido adormecido", não faça parte do acervo levado a Brasília. PÁGINA 15

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo 06/10/2012 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121006

A capa do dia 05/12/2015, figuras 330 e 331, três dias após o aceite do pedido de *impeachment* por Eduardo Cunha, traz a presidenta Dilma Rousseff discursando em uma cerimônia em Brasília. Dilma aparece em primeiro plano, de perfil e com a boca aberta. Suas rugas e marcas de expressão estão bastante visíveis e se tem uma impressão de que a presidenta está alterada. Essa inferência para o leitor fica mais evidente com a imagem em segundo plano de Dilma duplicada e desfocada, como se estivesse sendo projetada num telão ao fundo. Entretanto, a imagem está tão fora de foco que não parece ser mesmo uma projeção numa tela, tamanha sua distorção. A fotografia desconstrói sua imagem, com a contribuição da manchete: “Para o Planalto, parte do PMDB atua contra Dilma” - que sugere um estado de paranoia da presidenta. Dessa maneira, Dilma transforma-se em outra coisa.

Figura 330: Dilma discursa

Figura 331: Dilma discursa ampliada

Fonte: Ueslei Marcelino/Reuters 05/12/2015 - Acesso: 14 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151205

A última capa dessa série fotográfica é do dia 20/02/2016, figuras 332 e 333, quando Dilma Rousseff recebe, no Palácio da Alvorada, o patriarca Kirill, da Igreja Ortodoxa Russa - informa a legenda de letras pequenas abaixo da foto. Essa foto alcança um alto nível de violência política de gênero, pois o corpo feminino da presidenta parece desconfigurado ou metamorfoseado. Por meio da fotografia Dilma finalmente se transforma por completo em outra coisa. O ângulo escolhido pelo fotógrafo e a sobreposição da silhueta do líder religioso com sua peculiar indumentária, à silhueta de Dilma Rousseff constrói uma outra figura. A expressão facial no rosto da presidenta caminhando ao ar livre no verão sendo encoberta pelo *koukoulion*, o cocar da indumentária tradicional do patriarca da Igreja Ortodoxa, dado que o topo do *koukoulion* se parece com a cúpula de uma igreja católica romana com uma cruz no alto, simbolizando o mundo cristianizado e o mal suplantado. É possível inferir que Dilma, 'demonizada', ou seja, a que se transformou em outra coisa, seria o mal dominado. As duas manchetes negativas da capa reforçam a inferência que os problemas econômicos do país e o retorno do senador Delcídio (expulso do PT ao Senado podendo implicá-la e seu governo em denúncias) é que afetavam e transtornavam a presidenta. Isso pioraria a crise política que teria desfecho com a consolidação do golpe parlamentar de 2016, afastando-a definitivamente do governo.

O grau de violência política da fotografia de capa de *O Globo* só seria superado meses depois, no mesmo ano de 2016, por uma imagem da presidenta comemorando um gol da seleção brasileira, que foi manipulada digitalmente de forma que Dilma foi representada como

uma histérica e desequilibrada em uma capa de revista semanal e circulou também pelas redes sociais. Também pela violência extrema da fotomontagem de um adesivo para tanque de combustível simulando o estupro da presidenta da República do Brasil, que foi colocado à venda no site Mercado Livre.

Figura 332: Dilma e o patriarca Kirill

Figura 333: Dilma e o patriarca Kirill ampliada

Fonte: André Coelho/O Globo 20/02/2016 - Acesso: 13 abr 2019
Disponível: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160220

6.11 O Gestual que se repete nas fotos de Dilma Rousseff

Na série a seguir, é composta por fotos de capa de Dilma Rousseff em *O Globo*, em que fica evidenciado o hábito de gesticular enquanto discursa, concede entrevistas ou simplesmente mantém uma conversação com outra pessoa. Esse gestual da presidenta, do dedo em riste, foi capturado por vários fotojornalistas e colaborou para perenizar a construção da narrativa de que Dilma seria agressiva, durona, autoritária, inflexível e incompetente. Também para desconstruir sua imagem pública e legitimidade nos momentos de crise política, como uma pessoa emocionalmente desequilibrada e inábil para fazer política e governar.

Figura 334: Série fotográfica identificada a partir do gestual repetido de Dilma

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo - 20/04/2011; Pedro Ladeira / AFP – 28/02/13; André Coelho / O Globo – 11/07/13; André Coelho / O Globo – 10/09/13; Roberto Stuckert Filho / PR – 25/12/13; Jorge William / O Globo – 10/03/15; Givaldo Barbosa / O Globo – 25/08/15; Indeterminado - 20/12/15; Givaldo Barbosa / O Globo – 02/04/16; Givaldo Barbosa / O Globo – 19/04/16; Acesso: abr 2019 – Disponível:
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110420;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130228;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130711;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130910;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020131225;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150310;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150825;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160203;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160402;
https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160419.

6. 12 Registros de mulheres fotógrafas

Ao desenvolver essa pesquisa de mestrado, foi possível aferir que a desigualdade de gênero ainda hoje é uma realidade na política, mercado de trabalho, em toda a sociedade no Brasil. Apenas três mulheres fotojornalistas produziram imagens sobre Dilma Rousseff que foram publicadas nas capas de O *Globo*. As fotógrafas em questão são: a fotojornalista norte-americana Jéssica Rinaldi da agência internacional *Reuters*, e as jornalistas e fotojornalistas, Eliária Andrade e Beth Santos, que na época trabalhavam para o jornal *O Globo*.

Jéssica Rinaldi fotografou Dilma Rousseff sendo aplaudida pela Secretária de Estado dos EUA; assim como Hillary Clinton em uma reunião de lideranças políticas na ONU em 2011. A fotografia captura a cena em que a presidenta da República recebe reconhecimento e agradece respeitosamente, enquanto a manchete principal e outros títulos buscam atribuir outro sentido à cena. A cena é de uma dignidade que pouco se viu em outras fotos de capa do jornal.

Figura 335: Dilma Rousseff e Hillary Clinton

Fonte: Jessica Rinaldi/Reuters – 20/09/2011 – Acesso: 20 abr 2019 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020110920

A fotojornalista brasileira Eliária Andrade fotografou Dilma Rousseff dividindo o palanque com Fernando Haddad e o ex-presidente Lula em 02/10/2012. Na cena capturada pela fotojornalista, Dilma aparece entre os dois políticos tendo os braços erguidos pelos companheiros de partido. A imagem remete à fotografia de capa de *O Globo* de 02/01/2011, da primeira posse da presidenta, em que Lula levanta seu braço como se a eleição de Dilma tivesse sido uma vitória pessoal do ex-presidente. Indiscutivelmente, Lula transferiu muitos votos, mas a candidata Dilma nunca foi um poste, como diziam os analistas políticos da grande mídia e institutos de pesquisa. A fotografia de Eliária permite que o leitor faça a inferência de que Dilma continua sendo um troféu para os políticos do partido, não se percebe a personalidade e carisma político de Dilma, pois não é ela quem levanta o braço de Lula e de Haddad. O palanque, repleto de homens em sua grande maioria, expõe a desigualdade de gênero no campo político e evidencia um estado de exceção política, uma mulher *outsider* (SAPIRO, 1993) presidindo o maior país da América do Sul.

Figura 336: Dilma Rousseff entre Lula e Haddad

Fonte: Eliária Andrade/O Globo 02/10/2012 – Acesso: 20 abr 2019 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201210

A terceira e última fotografia de capa de autoria de uma mulher é de, Beth Santos, jornalista que trabalhava para o jornal *O Globo.* Na foto, Dilma Rousseff aparece trajando um terno feminino com detalhes estampados na inauguração do MAR – Museu de Arte do Rio. Ao seu lado o prefeito da capital fluminense, Eduardo Paes, observa as obras de arte, enquanto um guia do museu os acompanha. A presidenta tem uma expressão facial concentrada nas explicações que recebe das obras expostas. Dilma sempre foi apreciadora de artes plásticas e sua maior frustração foi não ter conseguido aprender a pintar, segundo Ricardo Amaral (2011). A fotojornalista retrata uma presidenta mais uma vez acompanhada por figuras masculinas, e seu traje não destoa do meio repleto de homens, está "integrada", usando o uniforme de mulheres políticas (BEARD, 2018).

Figura 337: Dilma Rousseff na inauguração do MAR

Fonte: Beth Santos/O Globo - 02/03/2013 – Acesso: 20 abr 2019 - Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130302

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a eleição da primeira mulher presidenta do Brasil, e sua atuação no exercício do poder foi narrado pelo fotojornalismo do jornal *O Globo*? Teriam sido inaugurados novos paradigmas de representação imagética feminina? Esses paradigmas seriam identificáveis na narrativa das fotografias de Dilma Vana Rousseff nas capas do periódico em questão? Para responder questões tão amplas, que nortearam e foram surgindo no decorrer da pesquisa dessa dissertação de mestrado, buscou-se um referencial teórico diverso para sustentar a pesquisa, a metodologia, a análise dos dados e das fotografias.

Todas as questões até aqui apontadas e analisadas, na trajetória de vida e na construção da imagem pública de Dilma Rousseff, enquanto ministra, pré-candidata, candidata e presidenta da República estão imbrincadas na questão da representação social e imagética feminina. Questão que é atravessada pelos vieses de gênero, contexto histórico, questões econômicas e de classe, estereótipos de feminilidade, acessibilidade à vida pública, ao espaço masculino da política que restringe o acesso das mulheres ao poder com equidade, legitimidade e representatividade.

Investigar, e então apresentar a biografia e trajetória de vida de Dilma Rousseff, foi fundamental para apresentar a mulher que ficou conhecida pelo que dela falavam, seja em campanhas eleitorais ou pela parcialidade dos meios de comunicação, redes sociais e *sites* que divulgavam informações apócrifas a seu respeito. A partir de então, foi possível analisar a origem das características que a imprensa atribuía à Rousseff, que tinham referência em seu passado de luta e resistência contra a Ditadura Civil Militar (1964-1985).

A primeira característica atribuída à Dilma é a da guerrilheira ou terrorista. Por meio da pesquisa, foi possível verificar que o jornal *O Globo*, em 2003, logo após Rousseff assumir o cargo de ministra de Minas e Energia, capturou o estigma de ex-guerrilheira, oriundo de seu passado desconhecido pelo público para qualificá-la como tal. A representação da guerrilheira, ou da mulher politicamente perigosa fora atualizada pelo periódico, tendo em vista que essa denominação estigmatizante havia sido empregada pela Ditadura às mulheres insubmissas, presas políticas torturadas e assassinadas pelo regime.

A palavra precedeu a imagem, ou seja, a fotografia de Dilma Rousseff no *mugshot* de sua ficha criminal produzida pelos órgãos de repressão, só seria publicizada pelo grupo Ternuma, numa ficha falsificada que circulou em e-mails e até na capa do jornal Folha de S. Paulo, em 05 de abril de 2009. O grupo composto por militares da reserva e civis tentava reescrever a história recente do país, falseando o passado e os crimes cometidos contra os que

divergiam do regime e lutavam por justiça social, pela liberdade e pela democracia, como a então jovem Dilma Rousseff - uma das sobreviventes do processo de virilização e desumanização da tortura e do cárcere político. Apenas na campanha de 2014, à reeleição, a imagem da mulher politicamente perigosa, a guerrilheira, foi ressignificada através do desenho do artista Sattu Rodrigues, que transformou o *mugshot* de Dilma em um *avatar* de campanha - gerando identificação entre o eleitorado com Rousseff e seu passado de luta contra a Ditadura. Um estigma não é irreversível, podendo ser substituído por outro rótulo social.

Verificou-se que à Dilma foram atribuídas também características como agressiva, durona, gerentona, autoritária, centralizadora, inflexível, construindo sua imagem pública. Características que se fossem atribuídas aos homens, teriam uma conotação positiva como assertividade e liderança natural, por se tratarem de estereótipos de gênero. As demais características relacionadas à presidenta, como incompetente, inapta para governar, inábil politicamente, despreparada até chegar ao nível da mulher desequilibrada ou histérica, acentuaram-se a partir de sua reeleição num crescente de violência política de gênero a fim de desconstruir a imagem pública da presidenta e sua legitimidade para governar e permanecer no cargo.

Como a fotografia alcançou o status de espelho do real, um testemunho que atesta a existência de uma realidade, esta, ao tomar a forma do fotojornalismo, adquire um duplo sentido, informa e narra. E assume a premissa de preponderância sobre o texto da capa do jornal. Por conseguinte, as fotografias de capa de *O Globo*, produzidas em sua maioria por fotojornalistas homens, considerados como filtros culturais legitimam e naturalizam as características associadas à presidenta, pela maneira como enquadram sua figura, ao capturar o momento decisivo do gestual e postura em movimento de Dilma. A narrativa imagética ainda é reforçada pelas manchetes e títulos negativos relativos a outros fatos, nem sempre relacionados às fotos da própria presidenta.

Na análise da construção de sua imagem pública, foi possível constatar como ela esteve em disputa entre o governo Lula somado ao marketing político, e a imprensa. Enquanto os primeiros se empenharam em produzir uma imagem para Dilma de uma liderança política com perfil inovador (EDELMAN, 1988) que daria continuidade à política nacional desenvolvimentista do lulismo (SINGER, 2018), a imprensa, no caso o jornal *O Globo*, manteve a narrativa de desqualificação à Dilma.

Ainda através do debate teórico sobre a construção da imagem pública de Rousseff, Virginia Sapiro (1993) e Michele Perrot (1998) ressaltam que quando uma mulher política,

uma *outsider*, é escolhida como candidata, isso se deve a um momento de crise. E que especificamente nesses momentos, os homens recorrem a mulheres salvadoras, de personalidade enérgica para enfrentar tempestades políticas. E Dilma foi escolhida por Lula para sucedê-lo num momento de crise para o Partido dos Trabalhadores, em que os prováveis sucessores haviam sido derrubados pela crise do mensalão. Rousseff era muito mais que um quadro técnico ou um poste, como anunciava a imprensa: era uma mulher política com uma trajetória na burocracia estatal e na resistência política e da luta armada contra a Ditadura. Entretanto, enquanto uma mulher, era uma *outsider* - para o próprio partido político, para Lula, para a imprensa e os adversários políticos da oposição.

A preparação de Dilma para disputar as eleições presidenciais de 2010 apontava para que a personalidade da ministra fosse apagada ou neutralizada, para que viesse à tona uma candidata moldada pelo marketing, a pedido dos próprios companheiros de partido. A imagem da mulher guerrilheira precisava ser domesticada. A imagem de seriedade, de gestora competente e eficiente, de durona e agressiva, construída em parte pela reputação de mulher exigente e severa de Dilma e pelas características a ela atribuídas pela imprensa, precisava dar lugar a uma mulher suave, que não representasse uma ameaça aos homens, sejam estes políticos ou do próprio eleitorado. Sobretudo, que dialogasse com a elite nacional - pois até Lula mudou sua imagem e, de acordo com a imprensa nacional, teria sido eleito por isso.

Os jornais, portais de notícias na internet, revistas especializadas em moda e beleza para o público feminino no Brasil e no exterior noticiaram exaustivamente o procedimento estético realizado por Dilma mostrando o antes e depois em detalhes. A ministra chefe da Casa Civil havia realizado um lifting facial rejuvenescedor, tratamento odontológico para corrigir as sequelas das sessões de tortura da Ditadura e adotado lentes de contato. As matérias caracterizavam as mudanças em seu visual como uma metamorfose, ou como muitas caras, enquanto políticos homens também passam por procedimentos semelhantes, as mulheres são julgadas como fúteis ou falsas por tentar dissimular a própria idade e envelhecimento.

Pelas mãos do cabelereiro e maquiador Celso Kamura o novo visual de Dilma foi inspirado na estilista Carolina Herrera, tomando forma para disputar as eleições. Ela, que já era adepta dos ternos femininos que reforçavam sua aparência e fama de gestora durona, refinou o guarda-roupas, adotou o uso de maquiagem e o cuidado com o penteado. Seguindo as orientações do *marketing* político, adotou o guarda-roupas do poder, chamado de uniformes de mulheres políticas. Reservando para ocasiões de solenidades como o dia da posse o uso do *tailleur*, adotando calças compridas e blazers para o cotidiano de trabalho e

eventos. Pois as roupas possuem um sentido político, e o terno, como um uniforme do poder oficial, sugere diplomacia, compromisso, civilidade e autocontrole físico. Assim, quando a mulher usa uma aproximação do terno masculino sua sexualidade é neutralizada, transmitindo respeitabilidade, uma aparência de confiabilidade e discreta virilidade. Ao observarmos os trajes usados por Dilma, facilmente é reconhecível que não há uma referência para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser a que ela se parece com um homem e se torna apropriada ao poder.

Entretanto, o terno, traje masculino, ao ser adotado por mulheres políticas, não perdeu seu status e simbolismo que está diretamente atrelado à imagem masculina que emana poder e autoridade. Porém, quando uma mulher se veste com um terno, ela não herda esse arbítrio masculino. O terno apaga, domestica a silhueta feminina, seu poder de feminilidade e torna o corpo da mulher menos ameaçador aos homens, que sempre temeram mulheres emancipadas e insubmissas (GAY, 1988). Para Mary Beard (2018) o fato de não termos um referencial para a aparência de uma mulher poderosa está relacionado a como fomos ensinados a olhar aquelas que desempenham o poder. Assim como as definições convencionais de poder (ou sabedoria, perícia e autoridade) que trazemos em mente excluem as mulheres. A adoção do guarda-roupas do poder não lhe garantirá respeitabilidade e legitimidade para exercer o poder. Pois Dilma sempre foi julgada como inadequada ao cargo, e não exerceria de modo adequado o poder, por ser, segundo os jornais, adversários políticos e companheiros do partido, agressiva, autoritária, centralizadora e durona.

Com o visual repaginado, Dilma Rousseff, a ex-guerrilheira, foi eleita e reeleita presidenta da República. As capas de *O Globo* em que ela aparece somam 181; e pelo método histórico semiótico, foram identificadas diversas séries fotográficas. Imagens que agrupadas em blocos, testemunham a narrativa imagética que o periódico construiu sobre os anos de seu governo e como Rousseff governou. A maior parte dessas fotos de capa trazem Dilma acompanhada de figuras masculinas, o que reforça o discurso de que a mulher não foi feita para a política e nem para exercer o poder. Por mais que Dilma adotasse o *dresscode* do poder, ela destoa por estar sempre acompanhada de homens, sem outras mulheres ao seu lado. Essas imagens evidenciam a assimetria de gênero na questão da representatividade feminina no espaço masculino da política.

Apenas 13 fotografias de capa de Dilma Rousseff acompanhada por figuras femininas foram encontradas na pesquisa no primeiro e segundo mandato da presidenta no acervo digital do jornal *O Globo*. O jornal produz uma narrativa bastante negativa de Dilma e de outras lideranças femininas. O enquadramento do fotojornalismo, reforçado pelas manchetes e

títulos apresenta uma suposta competitividade e agressividade no modo de fazer política pelas mulheres. Além do momento decisivo ser bastante utilizado, como se espera da proposta fotojornalística de capturar o inesperado, Dilma e outras autoridades femininas aparecem em comportamentos inapropriados como se cochichassem, não tivessem compostura em público.

A série sobre Dilma supostamente protagonizando quebras de decoro capturadas pelos fotojornalistas também compõem as séries da crise política e do *"impeachment"*. São imagens que narram sobre uma mulher que preside o país, mas que é autoritária, agressiva, mandona, inapta e incompetente para governar até chegar nas fotografias em que Rousseff aparece como psicologicamente desequilibrada. A partir da reeleição de Rousseff, o periódico apresenta a crise política do governo com o legislativo buscando sempre mostrar Dilma como se estivesse isolada, sem apoio inclusive do ex-presidente Lula que a partir de 2015, não apareceu mais ao lado da presidenta nas capas do jornal.

A narrativa imagética do periódico se realiza num crescente de violência política de gênero contra a presidenta, à medida que o Golpe de Estado caminha para se consolidar. O bloco de fotos "Dilma se transforma em outra coisa", permite que se observe como com o passar do tempo, a legitimidade de Dilma não é questionada e desconstruída apenas com inferências acerca de características a ela atribuídas. As fotografias vão transformando seu corpo feminino em outra coisa, até que este é completamente desfigurado. Nem o ex-presidente, Fernando Collor de Melo, que na década de 1990 foi deposto num *"impeachment"* que cassou seus direitos políticos, enfrentou esse processo de violência política e desconstrução de sua legitimidade, sanidade e de seu corpo.

Quanto aos novos paradigmas imagéticos criados pelo periódico sobre uma mulher exercendo o poder, constata-se que o encontrado foi uma renovação ou atualização de velhas formas de enquadrar a mulher emancipada seja no discurso da palavra escrita, seja no discurso imagético nas charges e nas fotografias. Ressurge na figura de Dilma, a mulher agressiva, violenta, desprovida de feminilidade, que ameaça o *status quo* masculino do poder. O que levanta questões quanto a real possibilidade da consolidação de um *impeachment* sem crime de responsabilidade, e a narrativa do mesmo, se quem estivesse ocupando o cargo da presidência da República fosse um homem. A narrativa do Golpe de Estado parlamentar de 2016 contra Dilma Rousseff, naturalizado e legitimado pelo *O Globo*, e diversos outros meios de comunicação, assim como em 1964, ainda é sustentado como *impeachment* sem crime de responsabilidade. Mesmo que os diversos atores políticos que participaram do processo na época, para retirar Dilma do poder, venham confessando a trama ardilosa e os conchavos articulados.

Ao se considerar o papel preponderante dos veículos de comunicação como partícipes protagonistas da formatação e disseminação de visões de mundo, é possível compreender o protagonismo do jornal *O Globo,* na construção do acontecimento, da narrativa visual, do imaginário coletivo e da memória social do país. Principalmente por este ser integrante do oligopólio de informação do Grupo Globo, em que um meio de comunicação valida o outro, ao repercutir de modo semelhante o mesmo fato, legitimando as notícias publicadas nos diversos veículos de comunicação do grupo, buscando assegurar uma suposta imparcialidade para o público. As imagens de Dilma, produzidas pelo fotojornalismo foram fundamentais para que o jornal, que se constitui como uma entidade da classe empresarial, construísse uma imagem pública desfavorável à presidenta e favorável ao alinhamento ideológico e de classe do Grupo O Globo, opositor ao governo de Rousseff.

O presente trabalho buscou contribuir para uma compreensão a respeito da primeira presidenta do Brasil eleita democraticamente, sua trajetória de vida e como sua imagem pública foi construída e desconstruída num complexo processo de violência política e de gênero. Processo esse em que diferentes atores e segmentos sociais disputaram e ainda disputam a narrativa sobre sua figura, seu governo e principalmente a respeito do Golpe de Estado que a retirou do poder, ainda hoje intitulado pelo jornal *O Globo*, como *impeachment.* Mesmo que publiquem em suas páginas, *impeachment* sem crime de responsabilidade. Uma fórmula repetida pedagogicamente de nomear e rememorar o que pode suceder, quando uma mulher ousa ocupar o cargo máximo da política nacional, que voltou a ser ocupado e controlado por homens oriundos das velhas oligarquias.

A presente dissertação encontra relevância primeiramente por ser um estudo acerca da História das Mulheres (PERROT, 2016), uma categoria que apenas nos 1970 recebeu atenção aos estudos históricos. Em segundo lugar por analisar a representação imagética construída sobre uma mulher exercendo o poder. E em terceiro lugar, por se tratar da trajetória de uma mulher política, que lutou contra um regime totalitário, sobreviveu à ignominiosa tortura e ao cárcere político; e ainda assim, jamais desistiu da luta pela democracia, liberdade e justiça social. Foi eleita em 2010, presidenta da República Federativa do Brasil, quando este país ocupava o ranking de sexta maior economia mundial. E resistiu a um golpe de Estado suportando diversos tipos de pressões para que renunciasse ao cargo pelo qual fora reeleita.

Este trabalho também dialoga com a agenda da ONU Mulheres para o Brasil, que reconhece a contribuição ímpar das mulheres em processos políticos e na construção da paz. E por isso, afirma que estas mulheres devem ser estudadas e analisadas, afim de que as lacunas sobre as questões de gênero nas pesquisas acadêmicas sejam mitigadas. Pois o mundo

dominado e controlado por homens ainda obstaculiza a participação feminina na esfera da política. E quando estas conseguem inserção nesses espaços, invisibilizam a participação feminina nas tomadas de decisão ou em soluções inovadoras.

No ano de 2010, Dilma Rousseff participou de um seminário de política para mulheres em Brasília. Em seu discurso, a então pré-candidata declarou, “Em condições de poder, a mulher deixa de ser vista como objeto frágil, e isso é imperdoável. E aí começa a história das mulheres duras. É verdade. Sou uma mulher dura cercada por homens meigos” (ROUSSEFF, 2010). A primeira mulher eleita presidenta na história do país enfrentou críticas sobre sua aparência, sua oratória, sua maneira de fazer política e governar. Não havia nada que anunciasse ou fizesse que não fosse criticado e problematizado. Entretanto, todas as críticas recaíam sobre sua pessoa, mais do que sobre seu governo.

Reconhecida como uma pessoa de honestidade ímpar, a presidenta foi alvo de campanhas de difamação de todos os tipos. E as fotografias de capa de *O Globo* corroboram não apenas com o processo ambivalente de construção e desconstrução de sua imagem pública, mas também testemunham o medo e o ódio masculino de mulheres que ascendem ao poder. Elas o exercem com legitimidade e competência, e intentam em transformar a realidade com políticas públicas direcionadas às mulheres e ao combate à desigualdade social. O patriarcado, na figura de parte da classe política conservadora, setores das elites econômicas e da mídia fizeram de Dilma uma espécie de lição e aviso para as mulheres que ousarem mais uma vez querer ocupar cargos de poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. **Desafios da notícia: o jornalismo brasileiro ontem e hoje.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

ABRANCHES, Sérgio. **Terceira República no Brasil (1988): República Democrática.** In: Dicionário da República. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, Jacson Ferreira de. **A ditadura continuada: fatos, factoides e partidarismo da imprensa na eleição de Dilma Rousseff.** São Paulo: Paulus, 2012.

ALMEIDA, Maria Hermínia T. de; WEISS, Luiz. **Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime militar.** In: História da vida privada no Brasil;4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AMARAL, Ricardo. **A vida quer é coragem.** Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

ANGUS, Emily; BAUDIS, Macushla; WOODCOCK, Philippa. **Dicionário de moda.** São Paulo: Publifolha, 2015.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais.** Belo Horizonte: Editora Vozes, 1985.

AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira.** São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora UNESP, 2001.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena.** Editora Universidade de Brasília, 1982.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo.** Volume 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARD, Christine. **Une historie politique du patalon.** Paris: Seuil, 2010.

BEARD, Mary. **Mulheres e Poder: um manifesto.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, John. **Modos de ver.** Lisboa: Edições 70, 1972.

BIROLI, Flavia. **Feminismo e atuação política.** In: Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 171 – 204.

BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 2014.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). **50 Anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos.** São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

BONADIO, Maria Claudia. **O corpo vestido.** In: Flávia Marquetti; Pedro Paulo Funari (Org.). Sobre a pele: imagens e metamorfoses do corpo. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2015, v. 1, p. 179 – 206.

BORGES, Altamiro. **A ditadura da mídia.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

_____, _____. **A ilusão biográfica.** In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marilda M. (orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FVG, 1996.

_____, _____. **Questões de Sociologia.** Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BRASIL. Presidenta (2011-2016: Dilma Vana Rousseff). **Discurso por ocasião da abertura do debate geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas.** Nova Iorque, EUA, 21 set. 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua Acesso em: fevereiro, 2020.

BRAUDEL, Fernand. **A longa duração.** In: *Escritos sobre a História*. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro.** In: BURKE, Peter (Org.) A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo, 1992, p. 07 – 38.

_____, ____. **Testemunha Ocular: história e imagem.** Campinas: Edusc, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada.** São Paulo: Globo, 1998.

_____, ____ _____. **As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff.** In: Vários autores: Vultos da República: os melhores perfis políticos da Revista Piauí. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, ____ _____. **Mares nunca dantes navegados: Dilma Rousseff da prisão ao poder.** In: Vários autores: Vultos da República: os melhores perfis políticos da Revista Piauí. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CENTENO, Patrycia Vispo. **Política y moda – la imagen del poder.** Barcelona: Ediciones Península, 2017.

COSGRAVE, Bronwyn. **História da indumentária e da moda.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio. **As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre *O Cruzeiro*.** São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2012.

CRANE, Diana. **Vestuário feminino como resistência não verbal: fronteiras simbólicas, vestuário alternativo e espaço público.** In: A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 197 - 268.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a linguagem da cultura.** São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003.

DELPHY, Christine. **Patriarcado (teorias do).** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DELUMEAU, Jean. A civilização do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1984, v. 2.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

D'INCAO, Maria Augusta. **Mulher e família burguesa.** In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe.** Petrópolis: Vozes, 1981.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente:** o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

_____, _____; _____, _____. **Imagens da Mulher.** Porto: Edições Afrontamento, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____, _____. **O processo civilizador.** Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

EDELMAN, Murray J. **Constructing the political spectacle.** Chicago: The University of Chicago Press, 1988).

ENTWISTLE, Joanne. **El cuerpo y la moda, una visión sociológica.** Barcelona: Paidós Ibérica Contextos, 2002.

FERRAZ, Lucas. **Dilma Rousseff: a primeira presidente da República.** São Paulo: Folha de S. Paulo, 2019.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual.** São Paulo: Editora Senac, 2003.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda.** Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. **Movimentos Feministas.** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente:** o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIULANI, Paola Cappellin. **Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira.** In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

GOMBRICH, Ernst. **A História da Arte.** Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GUERRA, Paula. **Cenários de Insegurança: contributos do interacionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio**. Dissertação – Universidade do Porto, FLUP - Faculdade de Letras, 2002. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53668 Acesso: set 2019.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto.** Campinas: Papirus, 1998.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo.** Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.

HIGONNET, Anne. **Mulheres e Imagens - representações.** In: **História das mulheres no Ocidente:** o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

_____, ____. **A Era dos Impérios: 1875 – 1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HUNT, Lynn. **Revolução Francesa e vida privada.** In: História da Vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KAZ, Leonel; LODDI, Nigge (orgs.). **Século XX: A mulher conquista o Brasil.** Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2006/2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LAMOUREUX, Diane. **Público/Privado.** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LEBARON, Fréderic. **Capital.** In: Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LÓPEZ, A. Ricardo; WEINSTEIN, Barbara (editors). **The Making of the Middle Class.** Durham and London: Duke University Press, 2012.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino.** In: História da Vida Privada no Brasil, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAUAD, Ana Maria. **Foto-ícones, a história por detrás das imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas.** In: Imagens na História. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 197 - 212.

MATHIEU, Nicole Claude. **Sexo e gênero.** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MICHAUD, Stéphane. **Idolatrias: representações artísticas e literárias.** In: História das mulheres no Ocidente: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

MIRABENT, Isabel Coll. **Saber ver a arte neoclássica.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MIRZOEFF, Nicholas. ***An Introduction to Visual Culture***. In: The age of photography (1839 – 1962). London e New York, 2004, p. 65 – 90.

MOLINA, Luci; MATHIAS, Milla; KOBAYASHI. **Guia de estilo para candidatos ao poder: e para quem já chegou lá.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. **Feminilidade, masculinidade, virilidade.** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MORENO, Raquel. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado.** São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017).

OLIVEIRA, Cristiane Roberta. **Fotojornalismo contemporâneo: análise da cobertura fotográfica da Mídia Ninja sobre os protestos de junho de 2013.** Monografia – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação, 2015. Disponível em: https://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/Monografia-Fotojornalismo.pdf Acesso: 07 maio 2019.

PAIVA, Raquel. **Política: palavra feminina.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PARNAIBA, Cristiane dos Santos. **Demochargia: Dilma Rousseff e seu primeiro ano de mandato pelas charges jornalísticas.** 2014. 173 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquietura, Artes e Comunicação, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123829>. Acesso: 20 ago 2017.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____, _____. **Mulheres Públicas.** São Paulo: UNESP, 1998.

_____, _____. **As mulheres, o poder, a história.** In: Os Excluídos da História. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____, _____. **Os silêncios do corpo da mulher.** In: O Corpo Feminino em Debate. São Paulo: UNESP, 2003, p. 13 - 28.

_____, _____. **Os Operários, a moradia e a cidade no século XIX.** In: História da Vida Privada IV – Excluídos da História, Operários, Mulheres e Prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 101 – 125.

PINSKY, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis.** In: Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2016.

QUELER, Jeferson J. **Ternos amarrotados, colarinhos abertos e slacks indianos: os significados políticos das roupas de Jânio Quadros (1947-1961).** In: Histórias do vestir masculino. Maringá: Eduem 2017.

RAINHO, Maria do Carmo. **Moda e revolução nos anos 1960.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. **Mulheres na luta armada: protagonismo feminino na ALN.** São Paulo: Alameda, 2018.

RIOT-SARCEY, Michèle. **Poder (es).** In: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII).** São Paulo: Senac, 2007.

_____, _____. **História das coisas banais: nascimento do consumo (séculos XVII – XIX).** Rio de Janeiro: Rocco, 2000).

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do Jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

ROSA, Larissa. **É presidenta, não presidente: a misoginia como elemento edificante do processo de impeachment contra Dilma Rousseff.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

RUSSO, Sandra. **La presidenta, historia de una vida.** Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCOTT, Joan. **A mulher trabalhadora.** In: História das Mulheres no Ocidente: o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2005.

SINGER, André. **O Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011/2016).** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. In: Na Caverna de Platão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Chapecó: Grifos, 2000.

SUBERCASEAUX, Elizabeth; SIERRA, Malú. **Michelle.** Santiago de Chile: Catalonia, 2005.

TELES, Maria Amélia de A. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

THÉBAUD, Françoise. **Introdução.** In: História das mulheres no Ocidente: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto.** Rio de Janeiro: Record, 2018.

TOBAR, Marcela Rios (org.). **Mujer y Política.** Santiago de Chile: Catalonia, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias".** Lisboa: Veja, 1993.

VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra: um retrato da França ocupada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história.** São Paulo: Ática, 1997.

WAIZBORT, Leopoldo. **Estilo de Vida.** In: As Aventuras de Georg Simmel. São Paulo: USP, Editora 34, p. 169 – 190, 2000.

WEBER, Caroline. **Rainha da Moda: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

WESOLOWSKI, Wlodzi; SLOMCZYNSKI, Kazimierz M. **Classe.** In: Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de Sonhos – moda e modernidade.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

Artigos periódicos acadêmicos:

ABRITTA, Tatiana Scali. **Um perene modo de ver as mulheres: Elizabeth II por Annie Leibovitz nas páginas da *Vanity Fair.*** In: IS Working Papers. 3ª Série, Nº 70. p.1 -22, Porto, julho de 2018. Disponível em: http://isociologia.up.pt/en/working-paper/wp-70-um-perene-modo-de-ver-mulheres-elizabeth-ii-por-annie-leibovitz-nas-p%C3%A1ginas-da Acesso em: 13 set 2018.

BARBARA, Leila; GOMES, Maria Carmem. **A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando processos verbais.** Letras. [S.I.], n. 40, p. 67-92, dez. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12026 Acesso em: 11 abr 2019

DEBOM, Paulo. **A moda como objeto do pensamento.** Veredas da História, [online], v. 9, n. 1, 2016, p. 23 – 47, ISSN 1982-428 Disponível em: https://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/205 Acesso em: 15 maio 2019

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a imagem fotográfica**. In: Domínios da Imagem. Londrina: Vol. 0l, nº 1, 2007, p. 31 – 41. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19252 Acesso em: 16 ago 2017

_____, _____. **O Corpo como território político.** In: Revista Eletrônica Baleia na Rede. Vol. 01, nº 6, Ano VI, 2009, p. 416 – 429. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/2c_CorpoPolitico_imagens.pdf Acesso em: 11 ago 2017

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicol. clin.** , Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pág. 65-80, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 de agosto de 2020. https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200006

JARDIM, Gabriel; D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. **Mulheres postadas: representações do feminismo em cartões postais publicitários (1900-1950/2000-2008).** In: Anais IX Fazendo Gênero, agosto de 2010, p. 1 – 10. Disponível em:

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277903057_ARQUIVO_MULHERESPOSTADAS.pdf Acesso: 13 ago 2017.

JOFFILY, Mariana. **A diferença na igualdade: gênero e repressão política nas ditaduras militares do Brasil e da Argentina.** Espaço Plural, ano X, n. 21, 2º Semestre 2009, p. 78-88. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/3554 Acesso em: 13 jun 2020

LISBOA, Aleluia Heringer; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Colégio Estadual Central: Autogoverno e produção social da excelência no ensino secundário (Belo Horizonte, 1956-1964). Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 32, n. 1, p. 261-286, Mar. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100261&lng=en&nrm=iso>. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698142393. Acesso: 27 jan 2020.

LESSA FILHO, Ricardo. **Retratos de identificação: a imagem arquivo como morada da memória.** Significação, São Paulo, v. 46, n. 52, p. 101-125, jul-dez.2019. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/148487-Texto%20do%20artigo-356217-2-10-20190704.pdf Acesso em: 05 set 2020

LOPONTE, Luciana Gruppelli. "**Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência.** " *Currículo sem fronteiras* 8.2, 2008, p. 148 - 164. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/loponte.pdf Acesso em: 07 maio 2017

MATOS, Marlise. **A violência política sexista no Brasil: o caso da presidenta Dilma Rousseff.** 2019, p. 181 – 229. Disponível em: **https://www.academia.edu/41801752/MATOS_Marlise_2019_A_Viol%C3%AAncia_Pol%C3%ADtica_Sexista_no_Brasil_Rousseff** Acesso em: 23 set 2020

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, 13 (1), 2005, p. 133 – 174. Acesso em: 19 abr 2017

MELLO BRANDÃO TAVARES, Frederico de; FERREIRA VAZ, Paulo Bernardo. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas e apreensão.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, nº 27, agosto, 2005, p. 125 – 138. Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550183014.pdf Acesso em: 25 jul 2019

MEYER, Marlise. **Natureza e identidade nacional nas páginas da revista O Cruzeiro na década de 50.** In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH. 18., 2012, Mariana, MG. Anais do XVIII Encontro 24 a 27/07/2012. Disponível em: http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340650252_ARQUIVO_NaturezaeidentidadadeAMPUHMG.pdf Acesso em: 02 jun 2019

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Família e feminismo.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, (37): p. 44 – 51, 1981. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1594/1583 Acesso em: 06 ago 2020

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 18, n. 36, pág. 15-23, junho de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de maio de 2020. https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003 .

SANTOS, Eduardo. **A trincheira da batalha da memória – a versão dos grupos de civis e militares da reserva.** In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos de Defesa/ABED. Universidade Estadual de Londrina. Acesso: 07 de março de 2020. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mesthis/abed/anais/EduardoHelenodeJesusSantos.doc

SAPIRO, Virginia. **The political uses of symbolic women: an essay in honor of Murray Edelman. Political Communication, 10: 2, 141-154, DOI: 10.1080 / 10584609.1993.9962972** Acesso em: 03 set 2020

SERPA, Leoni. **A contribuição de *O Cruzeiro* para com o jornalismo brasileiro.** In: V Intercom - Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo. 2007. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-ív20brasileiro%20-1928-1945.pdf Acesso em: 09 maio 2019

SIMMEL, Georg. **A Moda.** IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo V. 1 N. 1 abr./ago. 2008. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/07_IARA_Simmel_versao-final.pdf Acesso em: 11 set 2018

_____, _____. **As grandes cidades e a vida do espírito.** MANA 11(2): p. 577 – 591, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf Acesso em: 10 out 2018

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. Novos estud. - CEBRAP** , São Paulo, n. 97, pág. 23-40, novembro de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de junho de 2020. https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003 .

SINGER, André. **Raízes sociais e ideológicas do lulismo**. **Novos estud. - CEBRAP** , São Paulo, n. 85, pág. 83-102, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000300004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 03 de fevereiro de 2020. https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000300004

SOUSA, Heloisa. **Time-Life/Globo/SIC: Um Caso de Representação do Modelo Americano de Televisão.** Comunicação apresentada no I Congresso das Ciências da Comunicação da Associação de Ciências da Comunicação, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 22 -24 de março de 1999. http://hdl.handle.net/1822/2691 Acesso em: 10 ago 2019

THIOLLENT, Michel. **Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante.** In: Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 10(2): p. 63 -100, outubro de 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf Acesso em: 10 fev 2020

Documentários:

Democracia em Vertigem. Petra Costa. Joanna Natasegara, Shane Boris, Tiago Pavan produtores. 2019. Netflix. Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/80190535 Acesso: 20 dez 2019.

Mulheres em Luta. Susanna Lira. Modo Operante Produções. 2014. GNT. Disponível em: https://canaisglobo.globo.com/assistir/gnt/mulheres-em-luta/v/3236300/ Acesso: 17 dez 2019.

O Processo. Maria Ramos. Nofoco Produtora. 2018. NOW online Disponível em: https://www.nowonline.com.br/filme/o-processo/181672 Acesso: 15 dez 2019.

Retratos de Identificação. Anita Leandro. 2014. Youtube. 73 min. Disponível em: https://youtu.be/7tmN6VMaP8o Acesso: 13 jun 2020.

Torre das Donzelas. Susanna Lira. Modo Operante Produções, Canal GNT/Canal Brasil. 2018. GNT. Disponível em: https://canaisglobo.globo.com/assistir/gnt/gntdoc/v/8195285 Acesso: 27 jun 2020.

Utopia e Barbárie. Sílvio Tendler. Caliban Produções. 2009. YouTube.120 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6-lC2PeB9-o Acesso: 21 abr 2020.

APÊNDICE

Fotógrafo	Domingos Peixoto
Jornal	O Globo
Data	02/01/2011
Enquadramento	Enquadramento vertical, centralizado, plano médio.
Descrição	Foto principal, no centro da capa do jornal o ex-presidente Lula levanta o braço da presidenta Dilma Rousseff após a passagem da faixa presidencial. Os dois dividem a imagem e o ângulo da composição fotográfica.

Fotógrafo	Adriano Machado – AFP
Jornal	O Globo
Data	02 de janeiro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	Abaixo, no canto direito da capa, foto de Dilma Rousseff com a faixa presidencial ao lado da secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton. E logo abaixo, Dilma Rousseff com a faixa presidencial ao lado de Hugo Chávez.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	03 de janeiro de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	No centro da capa, na parte inferior, foto de Dilma Rousseff sorrindo e cumprimentando com aperto de mãos Mahmoud Abbas, presidente palestino.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	07 de janeiro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, plano geral (?).
Descrição	No centro da capa, foto de Dilma Rousseff no centro da foto, sentada comandando reunião ministerial entre dois laptops, ladeada por ministros que aparecem sentados e de perfil tendo à frente também laptops.

Fotógrafo	Pedro Kirilos
Jornal	O Globo
Data	14 de janeiro de 2011

Enquadramento	Enquadramento vertical, à esquerda, plano americano.
Descrição	Abaixo, no canto esquerdo da capa, foto de Dilma Rousseff trajando colete de equipes de resgate em primeiro plano, à esquerda, ao lado do governador Sérgio Cabral, em segundo plano, também trajando colete. Enquanto Dilma olha para cima, o governador fita o chão.

Fotógrafo	Marcos Alves
Jornal	O Globo
Data	26 de janeiro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	A fotografia traz a presidenta Dilma Rousseff no lado esquerdo da composição, sentada de frente com as mãos entre os joelhos, e o rosto de perfil observa com um sorriso a cena em que o ex-presidente Lula, de pé, auxilia José Alencar sentado numa cadeira de rodas.

Fotógrafo	Reuters
Jornal	O Globo
Data	01 de fevereiro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, angulação de baixo para cima.
Descrição	Na sacada da Casa Rosada, a presidenta Dilma Rousseff, entre a presidenta da Argentina, Cristina Kirchner, e a líder das Mães de maio, Hebe Bonafi, fitam o horizonte enquanto Cristina aponta para algum lugar de Buenos Aires.

Fotógrafo	Sem identificação
Jornal	O Globo
Data	06 de fevereiro de 2011
Enquadramento	Cabeça em perfil à esquerda
Descrição	A cabeça cortada e de perfil da presidenta Dilma Rousseff aparece num quadro com características do seu estilo de governar.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	11 de fevereiro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, plano geral.
Descrição	Foto na parte inferior da capa, Dilma Rousseff ao centro da composição, atrás da mesa sopra a vela do bolo de comemoração do aniversário de 31 anos do Partido dos Trabalhadores. Ladeada por Lula e D. Marisa Letícia e por José Eduardo Dutra e Marco Maia. No segundo plano estão Alexandre Padilha, Antônio Palocci, Roberto Amaral, José Dirceu e Ricardo Berzoini, dentre outras personalidades políticas.

Fotógrafo	Renato Rocha Miranda/TV Globo
Jornal	O Globo
Data	01 de março de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Dilma Rousseff fotografada participando do quadro de culinária do programa da TV Globo, Mais Você, ao lado da apresentadora Ana Maria Braga. A presidenta tem o olhar voltado para baixo, sua ação no momento da foto é mexer o prato que prepara sob o olhar sério da apresentadora.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	04 de março de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação de cima para baixo.
Descrição	Dilma Rousseff levemente se inclina para cumprimentar o premier Xanana Gusmão, do Timor Leste com aperto de mãos. Os dois líderes foram fotografados de cima para baixo em cima de um tapete.

Fotógrafo	Michael Filho
Jornal	O Globo
Data	20 de março de 2011
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano americano, angulação de cima para baixo.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff recebe no Palácio do Planalto o presidente dos EUA, Barak Obama. A foto captura o momento em que os dois chefes de Estado terminam de subir a rampa após passarem em revista à tropa trajada em traje de gala. Dilma de vestido vermelho e uma echarpe estampada em tons de cinza e vermelho, posicionada sobre os braços que estão cruzados na frente do abdome, sorri enquanto olha para o lado. Barak Obama traja um terno cinza escuro, camisa clara e gravata vermelha, com um largo sorriso olha e acena para a frente. Os dragões da independência aparecem em segundo plano no exterior do palácio.

Fotógrafo	Beto Barata/AE
Jornal	O Globo
Data	30 de março de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, primeiro plano.
Descrição	Na fotografia o ex-presidente Lula e a presidenta Dilma Rousseff com semblante de dor pela notícia da morte do ex vice-presidente José Alencar. A presidente em primeiro plano, cabeça levemente inclinada para o lado, olhar indefinido, parece escapar uma lágrima. O ex-presidente Lula, em segundo plano, rosto tomado por forte emoção coberto de lágrimas.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	06 de abril de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação de cima para baixo.
Descrição	À direita, a presidenta aparece separada do vice-presidente Michel Temer encoberto por um general de costas na composição fotográfica, ambos à esquerda. No gestual capturado pelo fotógrafo, Dilma Rousseff leva a mão à boca e parece esboçar um sorriso enquanto o olhar não está fixo em nada.

Fotógrafo	Jason Lee/Reuters
Jornal	O Globo
Data	13 de abril de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	À direita, o presidente chinês Hu Jintao e ao centro a presidenta Dilma Rousseff aparecem, com expressão séria e compenetrada caminhando em revista às tropas chinesas. Em ângulo oblíquo parte da tropa aparece tanto em primeiro quanto em segundo plano em trajes de gala. Dilma traja um vestido estampado em vermelho e preto, e um blazer curto acinturado, fechado por três botões. O presidente chinês traja terno escuro, camisa clara e gravata listrada.

Fotógrafo	Reuters
Jornal	O Globo
Data	15 de abril de 2011
	Enquadramento horizontal, descentralizado, angulação oblíqua de baixo para cima.
Descrição	Em reunião do BRICS, da direita para a esquerda, o premier da Índia, Singh, o presidente da Rússia, Medvedev, o presidente da China, Hu Jintao, a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff e o presidente da África do Sul, Zuma. Todos os chefes de Estado aparecem com traje fechado, exceto Dilma Rousseff.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	20 de abril de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Em primeiro plano, o general Enzo Peri de perfil, conversa com a presidenta Dilma Rousseff em cerimônia oficial em comemoração ao dia do exército, ambos usam faixa sobre o tronco pertinente à celebração. O general de boca aberta, olha para um lado, com o braço semi-estendido atravessando na horizontal quase toda a composição, dedo em riste apontando para o alto e para a frente. Em segundo plano, a presidenta Dilma Rousseff, de boca fechada e contraída e testa confrangida, olha para direção oposta ao olhar do general, e seu braço, mão e dedo apontam também para a direção contrária apontada pelo oficial das forças armadas.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	18 de maio de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	No primeiro plano da imagem, o ministro Antônio Palocci conversa ao pé do ouvido com o chanceler Antônio Patriota. Em segundo plano, desfocada, Dilma Rousseff sentada com a cabeça levemente inclinada para baixo alheia à conversa em primeiro plano.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	27 de maio de 2011
Enquadramento	Enquadramento vertical, descentralizado.
Descrição	À direita, o ministro Antônio Palocci, sentado de frente, descruzando os braços, conversa com aqueles que à sua direita não estão incluídos na fotografia. Ao lado do ministro, a presidenta também está sentada de frente, mas com o tronco e rosto inclinados para a esquerda, enquanto leva a mão ao próprio rosto num gesto de tosse. Acima dos dois retratados a palavra "futuro".

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	31 de maio de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	À direita, a presidenta Dilma Rousseff de perfil e óculos escuros aparece cumprimentando o vice-presidente Michel Temer com os dois braços estendidos tocando-o nos braços. À esquerda, o vice-presidente Michel Temer, também de perfil parece dizer alguma coisa e estende um braço apenas para cumprimentá-la.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	03 de junho de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	À direita, a presidenta Dilma Rousseff aparece representada na fotografia através da própria sombra projetada na parede, em pé, discursando e com braço e dedo em riste em direção ao ministro Antônio Palocci, de cenho fechado, sentado com a cabeça quase de perfil olhando para o que parece ser a direção onde se encontra a presidenta.

Fotógrafo	Agência Brasil
Jornal	O Globo
Data	07 de junho de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	O presidente venezuelano Hugo Chávez, no centro da foto, cumprimenta o Antônio Palocci apertando os ombros do ministro.

	A cena acontece sob o olhar atento de diversos ministros, inclusive da presidenta Dilma Rousseff, que aparece apenas sua cabeça de costas. Um fotógrafo atrás de Chávez registra por outro ângulo a cena.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	08 de junho de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	À direita, a presidenta com o rosto de perfil e tronco inclinado para o lado olhando para além de Antônio Palocci, num plano acima do ministro. O ministro de cabeça inclinada para baixo, também de perfil fita o chão. A sombra do ministro projetada na parede reforça sua posição inclinada. No segundo plano as palavras "diálogo com o futuro" completam a cena fotografada.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	09 de junho de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	À direita, o ex-ministro Antônio Palocci se despede do cargo e cumprimenta a nova ministra a assumir o comando da Casa Civil, a senadora Gleisi Hoffman. Gleisi Hoffman, de perfil e com um sorriso agradece retribuindo o cumprimento de Palocci. Atrás de Palocci o vice-presidente Michel Temer aplaude a posse da nova ministra enquanto fita o chão. Ao lado de Temer, a presidenta Dilma Rousseff parece abotoar o blazer tendo no rosto uma expressão contrafeita (com a situação, com Palocci ou com Temer?).

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	05 de julho de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação oblíqua.
Descrição	No velório do ex-presidente Itamar Franco, da esquerda para a direita, a presidenta Dilma Rousseff, seguida pelo ex-presidente FHC, o senador Aécio Neves e o ex-senador José Serra que conversam. Dilma Rousseff com as mãos unidas na frente do corpo e cabeça inclinada escuta o ex-presidente FHC.

Fotógrafo	Roberto Stuckert/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	08 de julho de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	No interior do bondinho do teleférico do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, o prefeito da cidade em pé, Eduardo Paes sorri, enquanto o governador do estado, Sérgio Cabral observa o fotógrafo, e a presidenta Dilma Rousseff sorri olhando para Paes.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	30 de julho de 2011
Enquadramento	Enquadramento vertical, centralizado.
Descrição	À direita, a presidenta Dilma Rousseff e a presidenta da Argentina Cristina Kirchner estão no centro da cena retratada. Dilma recebe a chefe de Estado argentina no Palácio do Planalto. As duas presidentas trajam duas peças em tons de cinza. A proximidade física entre as duas é capturada pelo fotógrafo.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	03 de agosto de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	No centro e em primeiro plano, a presidenta aparece discursando sobre a nova política industrial do governo no Palácio do Planalto. Em segundo plano, atrás da presidenta aparecem sentados os ministros Aloizio Mercadante e Guido Mantega aplaudindo.

Fotógrafo	Marcos Alves
Jornal	O Globo
Data	19 de agosto de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Durante lançamento do programa Brasil Sem Miséria, o ex-presidente FHC sentado ao lado da presidenta Dilma Rousseff, que lhe dirige a palavra com a mão na frente da boca.

Fotógrafo	Marcelo Carnaval
Jornal	O Globo
Data	02 de setembro de 2011
Enquadramento	Enquadramento vertical, descentralizado, plano médio.
Descrição	Na abertura da XV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, a presidenta Dilma Rousseff sorri ao lado do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, de perfil segurando um livro à esquerda na composição fotográfica. O ângulo escolhido pelo fotógrafo localiza a presidenta em frente a logomarca da Bienal e simula uma coroa em sua cabeça.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	03 de setembro de 2011
Enquadramento	Enquadramento horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Na segunda fase do IV Congresso Nacional do PT, a fotografia traz em primeiro plano e desfocados, a presidenta Dilma com mão no queixo e uma expressão que parece estar circunspecta enquanto o ex-presidente Lula, aparece com uma expressão sugerindo estar alheio ao momento. Em segundo plano e o ex-ministro José Dirceu ladeado por outras personalidades do partido, faz uma careta.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	15 de setembro de 2011
Enquadramento	Vertical, descentralizado, angulação de baixo para cima.
Descrição	Numa visita a um barco-escola, a presidenta Dilma Rousseff aparece de pé e sorrindo na porta aberta da embarcação em solo.

Fotógrafo	Pedro Ladeira/Agência Frame
Jornal	O Globo
Data	16 de setembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	No centro da fotografia, a presidenta Dilma Rousseff, de perfil se aproxima do novo ministro do turismo, Gastão Vieira, que também está de perfil. Rodeada ou cercada de homens naquele momento, entre eles o senador José Sarney que aplaude a cena.

Fotógrafo	Jessica Rinaldi/Reuters
Jornal	O Globo
Data	20 de setembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Com a seguinte legenda: Entre elas, a fotografia diz respeito ao dia do primeiro discurso de Dilma Rousseff na ONU. À direita, a secretária de estado dos EUA, Hillary Clinton sorri e aplaude a presidenta Dilma Rousseff. (A cena retratada, assim como as demais quando Dilma está com outras mulheres não parece a cena de um evento oficial. Diferentemente do que acontece quando Dilma é fotografada com homens, exceto com o presidente Lula).

Fotógrafo	Pedro Martinez Monsivais /AP
Jornal	O Globo
Data	21 de setembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto, angulação de cima para baixo.
Descrição	Em encontro na ONU, Dilma Rousseff aparece em primeiro plano esboçando um sorriso e olhando para baixo, localizado ao lado da presidenta e um pouco atrás, Barak Obama parece olhar para a presidenta. A angulação escolhida pelo fotógrafo faz parecer que o presidente estadunidense estava atrás de Dilma e seu olhar e meio sorriso indefinidos seriam para a chefe de Estado brasileira.

Fotógrafo	Stan Honda/AFP
Jornal	O Globo
Data	22 de setembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo e oblíqua.
Descrição	À esquerda, a presidenta aparece discursando na abertura da Assembleia Geral da ONU. Em segundo plano os representantes dos países membros assistem ao discurso que foi interrompido por seis vezes por aplausos.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho / Presidência
Jornal	O Globo
Data	25 de outubro de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de baixo para cima.
Descrição	Na inauguração da ponte rio Negro no Amazonas, aparece à direita sentado, o ex-presidente Lula sorrindo com um cocar azul na cabeça. E à esquerda também sentada, a presidenta Dilma Rousseff aparece com um cocar azul na cabeça olhando para o ex-presidente e sorrindo.

Fotógrafo	Ricardo Stuckert / Instituto Lula
Jornal	O Globo
Data	01 de novembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	Em visita ao ex-presidente Lula à direita, deitado no leito do hospital, a fotografia captura o momento em que este estende a mão em cumprimento à presidenta Dilma Rousseff, em pé à esquerda olhando e sorrindo para o convalescente. Ao centro da cena, o ministro da fazenda Guido Mantega que tem ao ombro a mão de Dilma, olha para a presidenta.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	19 de novembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto, angulação de cima para baixo.
Descrição	No centro da fotografia, a presidenta Dilma Rousseff, ladeada à direita por uma de suas companheiras de cela no cárcere político durante a Ditadura Militar, Maria Aparecida Costa. A imagem foi capturada no dia em que a presidenta sancionou a Lei de Acesso à Informação Pública que permitiu a criação da Comissão da Verdade, e que contou com a presença de comandantes militares.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	02 de dezembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, à esquerda de perfil e sorrindo, cumprimenta a diretora-chefe do FMI, Christine Lagarde, à direita, também de perfil e sorrindo.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	17 de dezembro de 2011
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto, angulação de cima para baixo.
Descrição	À direita, a presidenta Dilma Rousseff, durante confraternização de Natal com funcionários do Palácio do Planalto aparece ao lado de um papai Noel. Dilma de perfil e olhando para baixo, ao ser

	retratada por esse ângulo parece estar prestes a tocar na barba do personagem natalino.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	24/01/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sentada leva a mão ao rosto em reunião sobre o ProUni, que também foi despedida do ministro Fernando Haddad. Na composição da fotografia em segundo plano a palavra realidade paira sobre Dilma.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	25/01/2012
Enquadramento	Vertical, descentralizado, angulação de baixo para sempre.
Descrição	Ainda sobre o evento da despedida de Fernando Haddad do MEC, a presidenta Dilma Rousseff desce à frente à rampa do Palácio do Planalto, seguida pelo ex-presidente Lula, que também é seguido por Marco Aurélio Garcia e Aloísio Mercadante.

Fotógrafo	Lúcio Távora/A Tarde
Jornal	O Globo
Data	31/01/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff cumprimenta o ministro das cidades Mário Negromonte.

Fotógrafo	Adalberto Roque/Reuters
Jornal	O Globo
Data	01/02/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em visita a Cuba, Dilma Rousseff leva a mão ao rosto escondendo a boca conversa com Raul Castro, que lhe toca o braço.

Fotógrafo	Lula Marques/Folha press
Jornal	O Globo
Data	11/02/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado,
Descrição	Em comemoração aos 32 anos do Partido dos Trabalhadores, com a presença da presidenta Dilma Rousseff à esquerda na fotografia, e ao fundo no telão a imagem do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab.

Fotógrafo	Marcelo Carnaval
Jornal	O Globo
Data	14/02/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto
Descrição	Na cerimônia de posse da nova presidenta da Petrobrás, Graça

	Foster aparece em segundo plano aparece de frente, enquanto a presidenta Dilma Rousseff está de perfil. As duas no momento da fotografia parecem insinuar um sorriso.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	03/03/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado.
Descrição	À direita, a presidenta Dilma Rousseff de pé assinando a posse do novo ministro Marcelo Crivela, sentado ao lado do senador José Sarney, ambos aplaudem.
Fotógrafo	Odd Andersen/AFP
Jornal	O Globo
Data	06/03/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	À esquerda, a presidenta Dilma Rousseff, de perfil e esboçando um sorriso olha para frente. À direita, a primeira ministra alemã Angela Merckel, com o corpo de frente e rosto de perfil olha para trás. Entre as duas políticas, um astronauta holandês e um monitor. A cena foi fotografada na maior feira de tecnologia do mundo, a CeBIT.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	17/03/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	À direita, Dilma Rousseff cumprimenta o presidente da FIFA Joseph Blatter, no centro da cena, assistidos por Pelé que sorri.

Fotógrafo	Carlos Magno
Jornal	O Globo
Data	22/03/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff de chapéu, numa roda de samba da velha guarda da Portela batuca acompanhando a música.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	23/03/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado.
Descrição	Dilma Rousseff sentada entre os ministros Guido Mantega, à direita, e Fernando Pimentel, à esquerda, em reunião com empresários.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	28/03/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff sendo recebida em Nova Délhi,

	Índia, com colar de flores e bindi na testa, para reunião dos BRICS.

Fotógrafo	Kevin Lamarques/Reuters
Jornal	O Globo
Data	10/04/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	Em reunião na Casa Branca, Dilma Rousseff sentada, rosto de perfil, estende a mão para cumprimentar Barack Obama, também sentado e rosto de perfil, que retribui o gesto.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	14/03/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, primeiro plano.
Descrição	À esquerda, a presidenta Dilma Rousseff aparece com um óculos 3D em que uma das lentes está escurecida pela sombra, num evento do Programa de Apoio à Competitividade da Indústria.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	18/04/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em primeiro plano, no centro da composição, a presidenta Dilma Rousseff e a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, à direita, conversam. Em segundo plano a cena duplicada através da sombra da silhueta das representadas.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	26/04/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto, angulação em diagonal.
Descrição	Em primeiro plano, à direita, o ex-presidente Lula de perfil com óculos escuros esboça um sorriso. Ao lado do ex-presidente a presidenta Dilma Rousseff segura com uma das mãos os óculos no rosto e abre a boca num sorriso de surpresa. Em segundo plano, o rosto do vice-presidente Michel Temer que também esboça um sorriso. A cena foi capturada no dia do lançamento do filme sobre a vida do ex-presidente Lula.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	16/05/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Em encontro com prefeitos, a presidenta Dilma Rousseff em primeiro plano com o rosto de lado, leva a mão à boca. Em segundo plano, um homem aparece logo atrás da presidenta.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	17/05/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	Da esquerda para a direita, Fernando Collor de Mello, José Sarney, Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Fernando Henrique Cardoso, para o anúncio da instalação da Comissão da Verdade.

Fotógrafo	Pedro Ladeira
Jornal	O Globo
Data	17/05/012
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio curto.
Descrição	Durante discurso a presidenta Dilma chora e leva mão ao nariz.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	05/06/2012
Enquadramento	Horizontal, plano médio.
Descrição	À esquerda, o Rei Juan Carlos I da Espanha cumprimenta a presidenta Dilma Rousseff, à direita na composição.

Fotógrafo	Paulo Whitaker/Reuters
Jornal	O Globo
Data	21/06/2012
Enquadramento	Horizontal, plano geral, angulação de baixo para cima.
Descrição	Ao centro da fotografia, a presidenta Dilma Rousseff e demais chefes de Estado e de governo no encontro da Rio + 20.

Fotógrafo	Evaristo Sá/AFP
Jornal	O Globo
Data	22/06/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, à esquerda, é cumprimentada pela presidenta do Chile, Michelle Bachelet, durante encontro da inédita Cúpula de Mulheres Chefes de Estado na Rio + 20.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	01/08/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado
Descrição	Em primeiro plano desfocado, de costas, a presidenta Dilma Rousseff aguarda na entrada do Palácio do Planalto o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, acompanhado por seu vice-presidente Nicolás Maduro e mais uma componente da comitiva, subirem a rampa do Palácio.

Fotógrafo	Beto Barata/Agência Estado
Jornal	O Globo

Data	31/08/2012
Enquadramento	Vertical, centralizado, primeiríssimo plano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de óculos e bastante concentrada lê um bilhete trocado com as ministras Izabella Teixeira e Ideli Salvati.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	08/09/2012
Enquadramento	Vertical, descentralizado, plano médio
Descrição	No palanque para o desfile de 07 de setembro, a presidenta Dilma Rousseff, com a faixa presidencial leva as duas mãos ao rosto, tendo ao seu lado o governador do DF, Agnelo Queiroz. Em segundo plano uma mulher no palanque aparece de boca aberta entre outras autoridades.

Fotógrafo	Eliária Andrade
Jornal	O Globo
Data	02/10/2012
Enquadramento	Vertical, centralizado, angulação de baixo para cima.
Descrição	Dilma Rousseff entre o ex-presidente Lula e o ex-ministro e candidato a prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, que levantam os braços da presidenta.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	06/10/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação em diagonal e de baixo para cima, plano médio curto.
Descrição	No Palácio do Planalto, durante a exposição da obra de Caravaggio, a presidenta Dilma Rousseff, de costas e perfil aprecia a pintura “Medusa Murtola”.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	09/10/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	À esquerda, a presidenta Dilma de perfil em primeiro plano e desfocada, gesticula enquanto conversa com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, à direita e de frente em segundo plano também de braços abertos gesticulando.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	23/11/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de baixo para cima.
Descrição	À esquerda, a presidenta Dilma Rousseff arruma a capa do ministro Joaquim Barbosa, que de perfil se encaminha para o discurso de posse como presidente do STF. À direita, o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia, aplaude.

Fotógrafo	Remy de la Mauviniere/Reuters
Jornal	O Globo
Data	12/12/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de costas, abraça o ex-presidente Lula, durante a realização do Fórum pelo Progresso Social em Paris.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	14/12/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em visita a Moscou, a presidenta Dilma Rousseff, à esquerda, recebe de acordo com a tradição russa um pedaço de pão das mãos de uma jovem. Ao centro da composição o chefe do Itamaraty, Antônio Patriota observa a cena.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	28/12/2012
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Em café da manhã com jornalistas, a presidenta Dilma Rousseff aparece de vermelho, sentada olhando para o lado com as sobrancelhas levantadas e boca fechada, enquanto um homem de terno em segundo plano serve com uma jarra de vidro sua taça com água.

Fotógrafo	Alexandre Cassiano
Jornal	O Globo
Data	19/01/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	Em viagem pelo estado do Piauí, Dilma Rousseff aparece sorrindo e vestida de vaqueira, com uma das mãos segurando o chapéu na cabeça, é aplaudida pelo senador Wellington Dias, enquanto outro homem aponta com o dedo um bordado na roupa da presidenta.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	24/01/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, primeiro plano
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em close, durante a cerimônia de entrega de credenciais a novos embaixadores do Itamaraty.

Fotógrafo	OSTA/Foto Arena
Jornal	O Globo
Data	28/01/2013

Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Durante velório coletivo das vítimas do incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria /RS, a presidenta Dilma Rousseff chora ao encontrar os familiares das vítimas. Em segundo plano, o governador do RS, Tarso Genro, e ao fundo pessoas anônimas.

Fotógrafo	Marcos Alves
Jornal	O Globo
Data	21/02/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	No evento em comemoração de dez anos do Partido dos Trabalhadores no Palácio do Planalto, o ex-presidente Lula, sentado ao lado de Dilma Rousseff, conversa e aponta o braço em uma direção específica. A presidenta inclina a cabeça e acompanha a direção apontada com o olhar.

Fotógrafo	Pedro Ladeira/AFP
Jornal	O Globo
Data	28/02/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, primeiro plano.
Descrição	A presidentes Dilma Rousseff em reunião do Conselho de Desenvolvimento, é retratada com o semblante sério e olhar concentrado, leva à boca o dedo indicador com a mão fechada.
Fotógrafo	Beth Santos
Jornal	O Globo
Data	02/03/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação diagonal.
Descrição	Na cerimônia de inauguração do MAR, Museu de Arte do Rio, a presidenta Dilma Rousseff caminha ao lado do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, enquanto acompanham o que parece ser uma visita guiada por um curador.

Fotógrafo	Gustavo Miranda
Jornal	O Globo
Data	15/03/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Em uma solenidade do Programa Inova, a presidenta Dilma Rousseff, em segundo plano, leva a mão à lateral da boca para falar com alguém. Em primeiro plano, desfocado duas fileiras de homens de costas.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	21/03/2013
Enquadramento	Horizontal centralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff sorrindo em conversa com o Papa Francisco, que também sorri no Vaticano.

Fotógrafo	Hans Von Manteuffel
Jornal	O Globo

Data	26/03/2013
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano americano, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff no palanque com o governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, ambos de perfil e em primeiro plano, se postam com bastante proximidade para dialogarem entre si e com outras pessoas que aparecem em segundo plano .

Fotógrafo	Enrique Marcarian/Reuters
Jornal	O Globo
Data	26/04/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	À esquerda, a presidenta Dilma Rousseff de perfil gesticula com os dois braços no ar enquanto conversa com a presidenta da Argentina, Cristina Kirchner, também de perfil e com os braços um pouco elevados colados ao tronco.

Fotógrafo	Reprodução de pronunciamento à nação pela televisão
Jornal	O Globo
Data	02/05/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, primeiro plano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff faz pronunciamento à nação pelo feriado de primeiro de maio, Dia do Trabalhador.
Fotógrafo	L. Adolfo/Folha Press
Jornal	O Globo
Data	04/05/2012
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff cumprimenta com um abraço o senador Aécio Neves, durante um encontro na Expozebu, em MG.

Fotógrafo	Marcos Alves
Jornal	O Globo
Data	07/05/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, olhando para o lado esquerdo, sentada ao lado do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, com um esboço de sorriso, pernas cruzadas, braços estendidos sobre as pernas e dedos das mãos entrelaçados sobre os joelhos.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	10/05/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Na posse do secretário da Micro e Pequena Empresa, Guilherme Affif Domingos, de perfil se inclina para beijar a mão da presidenta Dilma Rousseff, de perfil esboçando um sorriso. Em segundo plano, desfocado, o senador Renan Calheiros olhando para o outro lado aplaude.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	06/06/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sentada com a mão na testa e rosto contraído lê um bilhete de seu ministro Edson Lobão, durante reunião no Palácio do Planalto do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	25/06/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano geral.
Descrição	No centro e ao fundo da fotografia, a presidenta Dilma Rousseff, ladeada pelo vice-presidente Michel Temer e pela ministra Gleisi Hoffmann, recebe ministros e governadores.
Fotógrafo	Eraldo Peres/AP
Jornal	O Globo
Data	25/06/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação diagonal.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sentada à direita, recebe a comitiva do MPL, enquanto o ministro Gilberto Carvalho se preparava para sentar em seu lugar no encontro.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	26/06/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff com o rosto de perfil, sentada e com as duas mãos unidas, conversa com o presidente do STF, Joaquim Barbosa também sentado, de perfil e com os braços cruzados.

Fotógrafo	Givaldo Miranda
Jornal	O Globo
Data	29/06/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação diagonal.
Descrição	Ao fundo da composição fotográfica, a presidenta Dilma Rousseff sentada, tem ao seu lado esquerdo o Ministro da Educação, Aloísio Mercadante, recebe no Palácio do Planalto lideranças de movimentos estudantis organizados e partidários de esquerda.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	11/07/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de perfil e mão e dedo indicador erguido em discurso no encontro com prefeitos.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo

Data	28/08/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, durante o movimento de se sentar na mesa diretora do Congresso Nacional, entre o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Alves, à esquerda, e o presidente do Senado à direita, Renan Calheiros.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho / Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	31/08/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, olha para o presidente da Bolívia, Evo Morales, que conversa. Ambos seguram aberta uma caixa com um presente. O encontro ocorreu numa reunião no Suriname.

Fotógrafo	Eric Feferberg/AFP
Jornal	O Globo
Data	06/09/2013
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano geral, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, caminhando com o casaco pendurado no braço e sorrindo para a fotografia, chega para o jantar do G-20 em São Petersburgo, Rússia.
Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	10/09/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio, angulação diagonal.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, discursa com semblante sério e dedo em riste, durante a solenidade de sanção da lei que destina os royalties do petróleo para a educação e saúde. Em segundo plano, à esquerda, um segurança observa por trás da porta a presidenta.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	18/09/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano, angulação diagonal
Descrição	Durante a cerimônia de posse do procurador-geral da República, logo atrás das cadeiras vazias em primeiro plano, a presidenta Dilma Rousseff, em pé, braços cruzados ao longo do corpo e com o rosto de parece olhar na direção do presidente do STF, Joaquim Barbosa, que lhe dirige a palavra tendo uma das mãos apoiada no encosto da cadeira à sua frente. Em terceiro plano, uma outra cena se desenvolve através de silhuetas reproduzidas na parede ao fundo por meio de sombras, em que a que está atrás da presidenta estende o braço que parece tocar na silhueta ao lado, como se fosse a sombra da presidenta atacando o ministro.

Fotógrafo	Andrew Burton/AP
Jornal	O Globo
Data	25/09/2013
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	Em discurso na abertura da Assembleia da ONU, a presidenta

	Dilma Rousseff, muito séria, olhar firme e de cabeça erguida sustentando muita altivez.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	10/10/2013
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	Em evento no Congresso Nacional, em primeiro plano, a presidenta Dilma Rousseff, de costas, cumprimenta o presidente do STF, Joaquim Barbosa, de frente e de óculos escuros e boca cerrada. Em segundo plano a cena é observada por uma outra pessoa.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	23/10/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sorrindo de perfil estende o braço e a mão para receber os cumprimentos de médicos durante a solenidade para a sanção do programa federal Mais Médicos.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	15/11/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação de cima para baixo
Descrição	Em solenidade na base aérea de Brasília, a presidenta Dilma Rousseff homenageou com honras militares os restos mortais do ex-presidente João Goulart. Na fotografia, a presidenta deposita as mãos sobre o esquife, tendo ao seu lado a ex-primeira dama Maria Tereza Goulart. Em plano recuado, autoridades prestam homenagem de pé assistindo a cena.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	10/12/2013
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, no centro da composição, ladeada pela direita pelos ex-presidentes Lula e Sarney, e pela esquerda por FHC e Collor, são fotografados em frente ao avião presidencial. A comitiva se dirige ao funeral de Nelson Mandela, onde a presidenta discursará.

Fotógrafo	Hans Von Manteuffel
Jornal	O Globo
Data	18/12/2013
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	Em visita a Pernambuco, a presidenta Dilma Rousseff acena e sorri ao lado do governador do estado Eduardo Campos, que lhe dirige a palavra, ambos vestidos com o uniforme da Petrobrás.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	25/12/2013
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, com colete da defesa civil, com semblante preocupado falando e apontando pela janela ao sobrevoar de helicóptero da FAB as cidades atingidas por temporais.

Fotógrafo	Lucio Tavora/A Tarde
Jornal	O Globo
Data	30/04/2014
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em evento no estado da Bahia, com um semblante cansado e papéis nas mãos, recebe ajuda do governador Jacques Wagner que usa um lenço em seu rosto. Em segundo plano, autoridades observam a cena.

Fotógrafo	Michel Filho
Jornal	O Globo
Data	03/05/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sentada com os braços estendidos sobre a mesa, olhando para frente enquanto conversa com o ex-presidente Lula e o presidente do Partido dos Trabalhadores, Rui Falcão, sentados ao seu lado em encontro do partido em São Paulo.

Fotógrafo	Divulgação MTST
Jornal	O Globo
Data	09/05/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizada, plano americano.
Descrição	Em São Paulo, a presidenta Dilma Rousseff, sorridente conversa com Guilherme Boullos, liderança do MTST e demais integrantes do movimento social. Ao fundo, o prefeito da capital paulista, Fernando Haddad, observa a cena com um sorriso.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	22/06/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizada, plano médio.
Descrição	Durante a convenção do Partido dos Trabalhadores, em primeiro plano o vice-presidente Michel Temer, a presidenta Dilma Rousseff, que de perfil conversa com o ex-presidente Lula também de perfil. Em segundo plano o governador do RS, Tarso Genro e sentado ao seu lado o governador do DF, Agnelo Queiroz, entre outros políticos.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	15/07/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em coletiva de imprensa, a presidenta Dilma Rousseff, sorrindo, com os braços cruzados sobre o tronco e mão ao lado do rosto, olha para o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, que em pose semelhante também sorri. À direita, o ministro da Casa Civil, Aloísio Mercadante, também sorri.

Fotógrafo	Yasuyoshi Chiba/AFP
Jornal	O Globo
Data	16/07/2014
Enquadramento	Horizontal, plano americano, angulação diagonal.
Descrição	Em Fortaleza, durante a reunião dos BRICS, a presidenta Dilma Rousseff, de perfil, entre os líderes da Índia e Rússia, à esquerda, e entre China e África do Sul.

Fotógrafo	Divulgação Ichiro Guerra
Jornal	O Globo
Data	19/08/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação diagonal.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff durante a série Presidenciáveis do Jornal Nacional, sentada na cabeceira da mesa rosto de perfil, responde a perguntas com as mãos e braços cruzados sobre a mesa. Na extremidade oposta da foto, os jornalistas, William Bonner e Patrícia Poeta, ambos de perfil fazem as perguntas.

Fotógrafo	Reprodução TV
Jornal	O Globo
Data	20/08/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio, angulação diagonal.
Descrição	Durante programa eleitoral a presidenta Dilma Rousseff aparece cozinhando, despejando macarrão no prato.

Fotógrafo	Fernando Donasci
Jornal	O Globo
Data	27/08/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff e a candidata Marina Silva sorriem e se cumprimentam tocando o braço uma da outra. Ao lado, o candidato Aécio Neves observa de perto a cena.

Fotógrafo	Gabriel de Paiva
Jornal	O Globo
Data	28/08/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio angulação de cima para baixo.
Descrição	Em campanha, a presidenta Dilma Rousseff em almoço com deputado federal, Anthony Garotinho, leva o garfo à boca,

	enquanto o deputado lhe dirige a palavra e coloca a mão em seu ombro.

Fotógrafo	Ichiro Guerra
Jornal	O Globo
Data	30/08/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Em campanha, a presidenta Dilma Rousseff, aparece de perfil sorrindo e interagindo com artistas locais, segurando e tocando com baquetas um tambor em visita ao Pelourinho em Salvador. Ao redor da presidenta outros integrantes acompanham sorrindo. Um fotógrafo registra a cena.

Fotógrafo	Fernando Donasci
Jornal	O Globo
Data	02/09/2014
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, durante a participação em debate eleitoral aparece com uma das mãos apoiadas num púlpito com microfone esboçando um sorriso.

Fotógrafo	Sem referência
Jornal	O Globo
Data	03/09/2014
Enquadramento	
Descrição	Busto recortado de uma outra fotografia da presidenta Dilma R.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	08/09/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano
Descrição	Em Brasília, no palanque de autoridades, a presidenta Dilma aparece com a faixa presidencial, olhando para o lado e com a mão na cabeça arrumando o cabelo. À esquerda o governo do DF, Agnelo Queiroz e o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo e entre outras autoridades masculinas. À direita, o vice-presidente Michel Temer, que olha para o lado oposto de Dilma.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	13/09/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, respondendo a perguntas e gesticulando durante a sabatina, Presidenciáveis, do jornal O Globo.

Fotógrafo	Fábio Seixo
Jornal	O Globo
Data	05/10/2014

Enquadramento	Vertical, centralizado, plano curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de perfil sorrindo contra a luz.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	06/10/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em discurso pela passagem para o segundo turno das eleições presidenciais, a presidenta Dilma Rousseff sorri e gesticula atrás do púlpito com microfone, as duas mãos fazem o sinal de positivo.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	07/10/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em campanha presidencial para o segundo turno concede entrevista na qual aparece falando e gesticulando com a mão próxima ao rosto.

Fotógrafo	Ichiro Guerra
Jornal	O Globo
Data	13/10/2014
Enquadramento	Vertical, descentralizado, plano médio.
Descrição	Em campanha por São Paulo, a presidenta Dilma Rousseff aparece sorrindo, abraçando e sendo abraçada por crianças, enquanto é cercada por populares.
Fotógrafo	Ichiro Guerra
Jornal	O Globo
Data	14/10/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano, angulação de cima para baixo.
Descrição	Em ato de campanha em Brasília, a presidenta Dilma de cima do palco, sorri, se inclina estendendo o braço para receber cumprimentos de integrantes de movimentos sociais e militantes do Partido dos Trabalhadores.

Fotógrafo	Paulo Whitaker/Reuters
Jornal	O Globo
Data	17/10/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Durante debate do segundo turno a presidenta Dilma Rousseff, sentada em primeiro plano, estreita os olhos para ler a tela de um celular enquanto recebe orientação de seus assessores. O assessor em segundo plano aponta para a tela enquanto fala com a presidenta. Já a assessora em terceiro plano, inclinada sobre a bancada, segura papéis e observa a cena.

Fotógrafo	Geraldo Bubniak/AGB
Jornal	O Globo
Data	18/10/2014

Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	Em Curitiba durante uma carreata, a presidenta Dilma Rousseff sorri e acena na carroceria de um veículo estando ladeada pelo vice-presidente, Michel Temer, e pelo senador, Roberto Requião, que sorriem. Em segundo plano na carroceria um cinegrafista bastante encoberto por Temer, e uma outra autoridade logo atrás de Dilma que também sorri. Em torno do veículo uma multidão acompanha e a linha do horizonte ao fundo da cena é tomada por bandeiras de campanha da presidenta.

Fotógrafo	Ivo Gonzalez
Jornal	O Globo
Data	21/10/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	Em campanha pela cidade Rio de Janeiro na zona oeste, a presidenta Dilma Rousseff aparece na carroceria de um veículo durante carreata sorrindo e fazendo o símbolo do coração com uma das mãos, que é completado com uma das mãos do candidato ao governo do estado do RJ, Luiz Fernando Pezão, à esquerda da presidenta. O prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes aparece à direita de Dilma Rousseff sorrindo ao acompanhar a cena. Em segundo plano um cinegrafista na carroceria do veículo. E ao fundo, desfocadas, aparecem figuras masculinas.

Fotógrafo	Pablo Jacob
Jornal	O Globo
Data	21/10/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	Ainda no mesmo dia, em compromissos de campanha do segundo turno pela reeleição, a presidenta Dilma Rousseff participou de outra carreata por Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Na carroceria de um veículo, a presidente está discursando com um microfone na mão estando ladeada pela direita pelo senador Lindbergh Farias que cumprimenta populares, e pela esquerda pelo candidato ao governo do estado do RJ, Marcelo observando o público. Em segundo plano na carroceria, o deputado federal Anthony Garotinho, aparece com olhar indefinido.

Fotógrafo	Domingos Peixoto
Jornal	O Globo
Data	24/10/2014
Enquadramento	Vertical, descentralizado.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, durante campanha à reeleição, caminha para entrevista em um hotel da cidade do Rio de Janeiro.

Fotógrafo	Indeterminado
Jornal	O Globo
Data	26/10/2014
Enquadramento	Fotografia de perfil
Descrição	Imagem da presidenta recortada de uma fotografia em que, Dilma Rousseff aparece de perfil falando.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	27/10/2014
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio, angulação de baixo para cima
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, após resultado de sua reeleição, em momento de seu discurso posicionada atrás de um púlpito com microfone, coberto com a bandeira nacional, leva as duas mãos à boca no gesto de enviar ou retribuir beijos ao público. Em segundo plano, autoridades masculinas.

Fotógrafo	Marcelo Carnaval
Jornal	O Globo
Data	28/10/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, durante pronunciamento à nação, aparece na tela de uma TV pendurada na entrada de um bar. Em primeiro plano, apenas um transeunte assiste ao pronunciamento. Enquanto em segundo plano, dentro do estabelecimento, clientes permanecem alheios.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	22/11/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano geral.
Descrição	Na saída da capela do Palácio da Alvorada, a presidenta Dilma caminha ao lado da esposa do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que caminha logo atrás acompanhado de um de seus familiares. Um pequeno grupo de cinco familiares do ministro os acompanham na saída do pequeno templo.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	11/12/2014
Enquadramento	Horizontal, centralizado, primeiro plano.
Descrição	Em cerimônia de divulgação do relatório com o resultado dos trabalhos da Comissão da Verdade, a presidenta Dilma Rousseff tenta conter a emoção, olhos marejados, boca cerrada num semblante de intensa comoção.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	23/12/2014
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Durante café da manhã com jornalistas que fazem a cobertura do Palácio do Planalto, a presidenta aparece com o tronco inclinado e com as mãos na cabeça. Na legenda da fotografia a fala da presidenta: “Acho absurdo o volume de dinheiro (desviado por) alguns funcionários”.

Fotógrafo	Indeterminado
Jornal	O Globo
Data	31/12/2014
Enquadramento	Fotografia de perfil
Descrição	Imagem retirada da presidenta Dilma Rousseff retirada de alguma entrevista.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	02/01/2015
Enquadramento	Vertical, descentralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, no alto da rampa do Palácio do Planalto, gira o tronco para o lado observando a posição da faixa presidencial que havia colocado em si mesma. Em segundo plano a frente do Palácio repleta de populares para acompanhar a posse da reeleição.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	28/01/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano geral.
Descrição	Na granja do Torto a presidenta Dilma Rousseff aparece sentada e sorrindo, ladeada pelo corpo ministerial de seu novo governo.

Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho / Presidência da República
Jornal	O Globo
Data	02/03/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, olhando para cima e esboçando um sorriso, está acompanhada pelo governador do RJ, Pezão, à direita e pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, à esquerda, na carroceria de um veículo, inauguraram a obra do Túnel Rio 450.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	10/03/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	Em entrevista no Palácio do Planalto a presidenta Dilma Rousseff aparece falando na frente de um microfone enquanto olha para cima e aponta o dedo polegar para cima. Em segundo plano seguranças, e em terceiro plano desfocado outras pessoas não identificadas.

Fotógrafo	Marcelo Carnaval
Jornal	O Globo
Data	13/03/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano.
Descrição	Em evento no Rio de Janeiro, a presidenta Dilma Rousseff aparece sentada, de mãos cruzadas sobre as pernas olhando para

	frente e semblante sério. Ao seu lado o governador do RJ, Pezão, aparece sentado levando uma das mãos ao rosto. Em segundo plano aparecem também sentados a deputada Benedita da Silva, o deputado Alessandro Molon, e outra autoridade.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	17/03/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação de cima para baixo.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff caminha para o púlpito onde concederá entrevista coletiva a jornalistas. Em primeiro plano de perfil e de costas cinegrafistas fotógrafos e equipamentos. Em segundo plano, jornalistas, e ao fundo alguns assessores.

Fotógrafo	Ed Ferreira/Estadão Conteúdo
Jornal	O Globo
Data	20/03/2015
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio.
Descrição	Em cerimônia de inauguração de obra do PAC em Goiânia, a presidenta Dilma Rousseff aparece de boca aberta olhando para cima com os braços estendidos ao lado do tronco. Em segundo plano figuras masculinas.

Fotógrafo	Mandel Ngan/AFP
Jornal	O Globo
Data	11/04/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado plano médio curto.
Descrição	Durante a realização da Cúpula das Américas, após reunião com CEO's, a presidenta Dilma Rousseff sorrindo conversa com o presidente dos EUA, Barak Obama, e com o presidente do Panamá, Juan Carlos Varela, todos de perfil.

Fotógrafo	Pedro Ladeira/Folha Press
Jornal	O Globo
Data	17/04/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, primeiro plano
Descrição	Em solenidade pelo Dia do Exército em Brasília, a presidenta Dilma Rousseff, com a expressão contrafeita cumprimenta o deputado Eduardo Cunha, presidenta da Câmara dos deputados, também com o semblante contrafeito.

Fotógrafo	Pedro Ladeira/Folha Press
Jornal	O Globo
Data	20/05/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação diagonal.
Descrição	O premier chinês, Li Keqiang, olha para frente sorrindo e acena tendo ao seu lado a esposa, Cheng Hong. A presidenta Dilma Rousseff, esboça um sorriso e um pouco a frente olha para o lado e acena na mesma direção. Em segundo plano uma mulher e um

	segurança.

Fotógrafo	Daniel Marenco
Jornal	O Globo
Data	24/06/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	Em solenidade para o lançamento do mascote Ginga, da equipe brasileira para as Olímpiadas, a presidenta Dilma Rousseff aparece de óculos escuros, boca semiaberta aplaudindo sozinha, enquanto o presidente do COB, Carlos Nuzman, de perfil olha para o lado da presidenta. Enquanto isso o prefeito do Rio, Eduardo Paes, sorri e cobre o rosto com as mãos e dedos entreabertos, e o governador do estado do RJ, Luiz F. Pezão, ao lado de Paes, sorri e olha para trás.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	18/05/2015
Enquadramento	Vertical, centralizado.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, é encoberta pelo casaco da presidenta da Argentina, Cristina Kirchner, que o retirava naquele momento.

Fotógrafo	Indeterminado.
Jornal	O Globo
Data	29/07/2015
Enquadramento	Vertical, centralizado, primeiro plano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff aparece com a mão na boca aberta, olhando para o lado. Capa comemorativa dos 90 anos do jornal O Globo, em estilo *vintage*.

Fotógrafo	Ailton de Freitas
Jornal	O Globo
Data	08/08/2015
Enquadramento	Vertical, descentralizado, plano geral, desfocado.
Descrição	A presidenta Dilma caminha à noite sozinha em direção ao Palácio da Alvorada.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	25/08/2015
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em entrevista com a cabeça levemente inclinada para o lado e para baixo, olha para frente com os olhos voltados um pouco para cima enquanto gesticula com uma das mãos e dedo indicador apontados também para frente.

Fotógrafo	Orlando Brito/O Brito News/Fato Online
Jornal	O Globo

Data	28/08/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano americano
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, com os braços estendidos ao longo do tronco, com o rosto de perfil e séria, recebe instruções do chefe do cerimonial do Planalto, Fernando Igreja, de perfil, durante recepção aos participantes dos Jogos Parapan-Americanos que de uniforme verde e amarelo estão ao redor da cena principal da fotografia. Logo atrás da presidenta uma fila de seguranças.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	18/09/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado.
Descrição	Em cerimônia de posse do segundo mandato de Rodrigo Janot, da PGR, a presidenta Dilma Rousseff com o rosto muito sério, sentada num plano mais alto, com as pernas cruzadas e dedo no queixo, ao fundo da foto, parcialmente encoberta por uma estrutura com o brasão da República. Ao seu lado direito, o presidente do STF, Ricardo Lewandowski aparece também sentado e quase todo encoberto por uma autoridade e costas, sentada junto aos demais convidados para a cerimônia.

Fotógrafo	Reuters
Jornal	O Globo
Data	03/10/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em pé, um braço cruzado sobre o tronco e o outro levando a mão até o queixo, rosto sério e olhar indefinido em dia de coletiva para anunciar reforma ministerial e administrativa. Em primeiro plano e desfocada, uma plateia masculina de costas. Atrás da presidenta, figuras masculinas observam o movimento.

Fotógrafo	Stefan Jerrevang/AFP
Jornal	O Globo
Data	20/10/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação diagonal.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff entrando num caça Gripen sendo observada pelo primeiro-ministro Sueco, Stefan Löfven, enquanto uma autoridade sueca, postada atrás do caça, acompanha a presidenta.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	30/10/2015
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, com olhar sério e para baixo, em pé tem o corpo encoberto pelo tecido colocado sobre o púlpito onde discursa na inauguração de uma unidade do programa habitacional, Minha Casa, Minha Vida.

Fotógrafo	Marcelo Carnaval
Jornal	O Globo
Data	11/11/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	Em visita às obras do metrô na cidade do Rio de Janeiro, a presidenta Dilma Rousseff, de colete e capacete, olha para cima, enquanto o governador do estado, Pezão, de perfil e também de capacete e colete, segura uma garrafa de água mineral. As demais pessoas na fotografia também usam capacete e colete.

Fotógrafo	AFP / Pool / Martin Bureau
Jornal	O Globo
Data	01/12/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado*, plano americano.
Descrição	Na Conferência do Clima em Paris, o presidente dos EUA, Barak Obama, de constas, cumprimenta a presidenta Dilma Rousseff, que responde ao cumprimento sorrindo. Ao redor demais chefes de estado se cumprimentam ou assistem a cena.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	03/12/2015
Enquadramento	Horizontal descentralizado, plano médio curto.
Descrição	Em pronunciamento, a presidenta Dilma Rousseff, em primeiro plano, séria e com o braço caído sobre a lateral do tronco. Em segundo plano uma figura masculina é encoberta pela presidenta. O ministro Ricardo Berzoíne, aparece desfocado em terceiro plano.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino
Jornal	O Globo
Data	05/12/2015
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio.
Descrição	Em discurso, a presidenta Dilma Rousseff aparece de perfil, boca aberta e testa contraída. Em segundo plano uma imagem da presidenta de frente numa projeção desfocada.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino Reuters
Jornal	O Globo
Data	10/12/2015
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano geral.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de perfil, caminha pelo jardim do Palácio da alvorada falando ao celular, um segurança a acompanha carregando um guarda-chuva. Logo atrás, assessores e outro segurança seguem a presidenta.

Fotógrafo	AP
Jornal	O Globo
Data	12/12/2015
Enquadramento	Vertical, descentralizado plano médio curto

Descrição	Em evento em Brasília, a presidenta Dilma Rousseff aparece em primeiro plano, séria, boca cerrada, olhando para frente. Em segundo plano, desfocado, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo com o dedo abaixo do nariz.
Fotógrafo	Indeterminado
Jornal	O Globo
Data	20/12/2015
Enquadramento	
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff aparece de perfil e dedo em riste, sua imagem foi retirada de outra fotografia.

Fotógrafo	Jorge William
Jornal	O Globo
Data	03/02/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sorrindo é recepcionada e cercada pela base governista no Congresso Nacional, no dia da abertura dos trabalhos legislativos.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	20/02/2016
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, ao receber o patriarca Krill da igreja ortodoxa russa é encoberta pelo mesmo e sua indumentária religiosa. Apenas parte do rosto da presidenta aparece de perfil (criando uma imagem fantasmagórica)*.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	04/03/2016
Enquadramento	Vertical, descentralizado, plano médio.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, séria olhando para frente, fechando a boca. Em segundo plano ministros de abraçam na cerimônia de posse de novos integrantes do ministério.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino Reuters
Jornal	O Globo
Data	12/10/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, primeiro plano, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em entrevista, sobrancelhas arqueadas para cima, olhando para frente e boca cerrada arqueada para baixo.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	16/03/2016
Enquadramento	Foto recortada, apenas o busto angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma discursando, boca aberta, olhando para frente

	e dedo apontado para si mesma.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	23/03/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação diagonal de cima para baixo.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, séria, sentada com as pernas cruzadas e mãos cruzadas sobre os joelhos, olha para o lado. À direita, o ministro José Cardozo, de braços cruzados e com a mão sobre a boca. À esquerda da presidenta, o ministro Aragão de cabeça baixa e braços cruzados sobre o colo tendo ao seu lado, o ministro Jacques Wagner, de cabeça inclinada para baixo e mão cobrindo o rosto.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	31/03/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação de cima para baixo.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, estende a mão e cumprimenta integrante de movimento social durante o lançamento da terceira fase do programa habitacional, Minha Casa, Minha Vida. Ao lado da presidenta, o ministro Gilberto Kassab, com papéis nas mãos observa o público. Os demais integrantes do movimento social filmam e fotografam a presidenta.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	02/04/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizada, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, durante discurso contra o processo de impeachment no Palácio do Planalto, rosto de perfil, boca aberta, mão e dedo indicador voltados para cima.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	06/04/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano médio, angulação de baixo para cima.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, sentada na cabine do piloto, olha para frente e tem a boca aberta, durante cerimônia de entrega de novos aviões da Força Aérea.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	15/04/2016
Enquadramento	Vertical, centralizado, plano geral.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, caminhando dentro do Palácio da Alvorada.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	19/04/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto, angulação de cima para baixo.
Descrição	Após a aprovação da abertura do processo de impeachment pela Câmara dos Deputados, a presidenta Dilma Rousseff faz sua primeira aparição pública e concede a primeira entrevista. Visivelmente abatida, a presidenta tem os olhos marejados de lágrimas, olha para o lado e gesticula com uma das mãos abertas e voltadas para frente enquanto fala atrás dos microfones no púlpito no Palácio do Planalto.

Fotógrafo	André Coelho
Jornal	O Globo
Data	05/05/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano americano.
Descrição	Em cerimônia no Palácio do Planalto, a presidenta Dilma Rousseff aparece sentada, cabeça levemente inclinada para o lado e para baixo, olhos voltados para o chão e boca fechada, de pernas cruzadas um dos braços paira sobre o braço da cadeira onde a mão se posta caída, enquanto o outro braço descansa sobre uma das pernas.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino
Jornal	O Globo
Data	07/05/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, de perfil e boca levemente aberta, ombros caídos e costas curvadas, caminha contra a luz com assessores no Palácio do Planalto, em cerimônia de entrega de casas do programa habitacional, Minha Casa, Minha Vida.

Fotógrafo	Orlando Brito
Jornal	O Globo
Data	11/05/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, angulação de cima para baixo.
Descrição	Em evento com aliados no Palácio do Planalto, a presidenta Dilma Rousseff aparece de perfil, séria, ombros caídos e costas curvadas caminhando perto de um microfone.

Fotógrafo	Orlando Brito/OBNews
Jornal	O Globo
Data	13/05/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff, em primeiro plano, faz seu discurso de afastamento no Palácio do Planalto, olhando para baixo, sobrancelhas arqueadas para cima, boca aberta, rosto abatido. Em segundo plano o deputado federal do PT, José Geraldo; Eleonora

	Menicucci, ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, bastante encoberta pela presidenta; a ministra Kátia Abreu da Agricultura. Em terceiro plano, o ministro chefe da Secretaria de Governo, Ricardo Berzoini, entre outros servidores. Ao fundo, o governador do estado do Piauí, Wellington Dias.

Fotógrafo	Ueslei Marcelino/Reuters
Jornal	O Globo
Data	29/08/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral.
Descrição	A presidenta Dilma Rousseff aparece dentro do Palácio da Alvorada, quase como uma silhueta, que diante de uma vidraça reflete a si mesma.
Fotógrafo	Roberto Stuckert Filho/Reuters
Jornal	O Globo
Data	30/08/2016
Enquadramento	Horizontal, descentralizado, plano geral, angulação de baixo para cima.
Descrição	Em discurso no Senado, tendo o plenário lotado, a presidenta Dilma aparece de perfil, mãos apoiadas sobre o púlpito, olhando para frente com um semblante abatido.

Fotógrafo	Givaldo Barbosa
Jornal	O Globo
Data	30/08/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto, angulação de cima para baixo.
Descrição	No plenário do Senado, o presidente do STF, Ricardo Lewandowisk, o advogado da presidenta, José Eduardo Cardozo, o senador Aécio Neves, sorriem, enquanto a presidenta Dilma Rousseff parece dizer alguma coisa e esboçar um sorriso.

Fotógrafo	Leo Correa/AP
Jornal	O Globo
Data	01/09/2016
Enquadramento	Horizontal, centralizado, plano médio curto.
Descrição	Em seu último discurso, a presidenta Dilma Rousseff aparece em primeiro plano séria, falando e olhando para o lado. Em segundo plano, aparece parcialmente encoberta pela presidenta, a senadora Fátima Bezerra, tendo ao seu lado e logo atrás outras autoridades e ministros encobertos, mas preenchendo todo o espaço nas laterais e ao fundo.